



Olympia (Imagem: Leni Reifenstahl)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO**

Programa de Pós-Graduação em Urbanismo - PROURB
Doutorado em Urbanismo
Área de Estruturação, Morfologia e Projeto do Espaço Urbano

OS GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS E A REQUALIFICAÇÃO URBANA

James S. Miyamoto

Orientador: Prof. Dr. Pablo Cesar Benetti

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Urbanismo.

Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Maio 2006

OS GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS E A REQUALIFICAÇÃO URBANA

James S. Miyamoto

MIYAMOTO, James
Os Grandes Eventos Esportivos e A
Requalificação Urbana – Volume I / James Shoiti
Miyamoto. Rio de Janeiro: UFRJ / PROURB, 2006.
xvi, 313p, il.; 21cm.

Orientador: Dr. Pablo César Benetti
Tese (doutorado) – UFRJ/ PROURB, 2006.

1.Formação da imagem. 2.legado físico-espacial
urbano. 3.Mega-evento esportivo. 4.Jogos
Olímpicos. 5.Qualidade da forma urbana. I. Benetti,
Pablo César, orient. II. Título

Folha de Aprovação:

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Urbanismo.

Aprovada pela banca examinadora:

Prof. Dr. Pablo César Benetti, orientador

Prof. Dr. Ana Lucia Nogueira de Paiva Britto

Prof. Dr. Gustavo Rocha-Peixoto

Prof. Dr. José Simões de Belmont Pessoa

Prof. Dr. Roberto Segre

Rio de Janeiro, 08 de maio de 2006.

Agradecimentos

Por alguma ironia, talvez a parte mais importante de uma tese costuma ser escrita em seu fim: os agradecimentos à tantos amigos e colegas, indispensáveis e fundamentais, que nortearam rumos e contribuíram para que nem sempre aprazível tarefa fosse concluída.

Assim, a minha absoluta gratidão:

À mãe, pai e irmã, sempre presentes no apoio, na atenção e no incentivo.

Ao amigo e orientador Pablo, figura competente, generosa, incansável e paciente, a quem desculpo me por talvez não ter elaborado um trabalho à altura de seu comprometimento e esforço.

À estimulante e incentivadora orientação dos professores do PROURB, em particular: Ana Lúcia, Denise, Lucia, Rachel e Segre, e aos seus dedicados funcionários: Carlos, Edson, D. Francisca, Keila e Neilton.

Aos colegas da FAU, especialmente aos do DARF, e ainda mais particularmente, aos amigos professores de Estudo da Forma Arquitetônica/Concepção da Forma Arquitetônica: Ana, Ana Paula, Beatriz, Cristina, Dely, Flávia, Giselle, J. Barki, Letícia, Luiz, Maria Lucia, Maurício, Pedro e Zé Kós.

Aos queridos e fraternos funcionários do DARF: Haimo, D. Maria e Norma.

À primeira turma do Doutorado (2002) pelo aprendizado e convívio profícuo e à do Mestrado (também do ano 2002) pela “adoção”.

Aos funcionários do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Cláudia, Daniel, Leda, Marcelo e, especialmente, à valorosa Tércila, que tanto dedicaram tempo e esforço.

Aos meus diletos amigos (e sócia) Maria Lucia e Barki, destacados e renovados agradecimentos pela providencial ajuda.

Com o perdão antecipado de algum indesculpável esquecimento, aos outros não menos importantes partícipes desta cansativa empreitada: Ângela Fonti, Beatriz S. Oliveira, Cadu N. Ferreira, Carlos Porto, Clarice Barbosa, Cristina Micaelo, Fernanda N. Lopes, Hélia Nacif, Helena Rego, Ivonésio Ramos, Karoline Bottino, José Manoel e Júlia Mariño, Kenity Notsu, Letícia Zambrano, Luiz Cláudio Franco, Marcelo C. Neri, Maria Christina M. de Castro, “Nina” Coutinho, Paulo Bastos, Pedro da Cunha e Menezes,

Priscila Marinho, Rafael Monteiro, Regina Maciel, Renata Bertol, Ricardo Esteves, Roberto Ainbinder, Roberto Anderson, Rodrigo Louro, Rodrigo Paraizo, Sérgio Bello, Sérgio Magalhães, Sílvio Dias, Sofia Pecly Monteiro, Victor Castro, Wanda Vilhena Freire e Wladimir de Souza.

À disponibilidade e interesse dos membros da banca: Prof. Ana Lúcia Nogueira Britto, Prof. Gustavo Rocha-Peixoto, Prof. José Simões Pessoa, Prof. Marcelo Neri, Prof. Rachel Coutinho e Prof. Roberto Segre.

Finalmente, àquela que a partir dos momentos finais do trabalho foi e será sempre inspiração, companheira e desejo, Dely Bentes.

Resumo

O foco principal desta pesquisa sintetiza-se pela formulação da seguinte questão:

“De que forma um grande evento esportivo pode estimular a requalificação do ambiente urbano no âmbito das iniciativas físico-espaciais urbanas?”

O presente trabalho desenvolve estudo sobre a estruturação de megaeventos esportivos e investiga seus papéis de possíveis agentes catalisadores da (re)qualificação da forma urbana.

Apresenta a evolução do programa arquitetônico-urbanístico do maior evento do mundo, os Jogos Olímpicos, em seus diferentes contextos, complexidades e alcances correlacionados às suas reversões em legados físico-espaciais urbanos.

Ao levantar questões relativas à multidisciplinaridade de influências e interesses da sociedade contemporânea, particularmente sob a perspectiva original de um contexto urbano com acentuados desequilíbrios sócio-econômicos refletidos em sua configuração espacial anômica, pesquisa em três eventos principais as diferentes escalas de intervenção físico-espacial urbana previstas, suas pertinências e seus objetivos:

- a) A aspiração da cidade do Rio de Janeiro a cidade-sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos 2004;
- b) A candidatura a cidade-sede dos Jogos Pan-Americanos 2007 (a serem realizados na cidade do Rio de Janeiro, RJ);
- c) A aspiração da cidade do Rio de Janeiro a cidade-sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos 2012.

Por fim, apresenta uma reflexão sobre uma possível alternativa às diretrizes para a localização e estruturação físico-espacial de um megaevento esportivo, exemplificada através da cidade do Rio de Janeiro, sob o ponto de vista da herança de benefícios relacionada à requalificação do ambiente urbano.

Résumé

Le point principal de cette recherche est synthétisé par la question suivante:

“Comment est-ce que un grand événement sportif peut stimuler la requalification de l’ambiance urbaine dans la sphère des initiatives physiques et spatiales urbaines?”

Le présent travail développe l’étude concernant la structuration de méga-événements sportifs et recherche leur fonctions de possibles agents catalyseurs de la (re)qualification de la forme urbaine.

Il présente l’évolution du programme architectonique urbain du plus grand événement du monde, les Jeux Olympiques, dans tous les différents contextes, complexités et visions relatifs à leurs réversions en légats physiques spatiaux urbains.

Lorsque nous étudions les questions concernant la multidisciplinarité d’influences et intérêts de la société contemporaine, spécialement sous la perspective originale d’un contexte urbain avec des déséquilibres sociaux économiques accentués reflétés dans sa configuration spatiale anormale, on recherche dans trois événements principaux les différents grades d’intervention physique spatiale urbaine prévus, leurs pertinences et leurs objets:

a) L’aspiration de la ville de Rio de Janeiro à Cité Sièges des Jeux Olympiques et Paralympiques 2004;

b) La candidature à Cité Sièges des Jeux Panaméricains 2007 (qui seront réalisés dans la ville de Rio de Janeiro, RJ);

c) L’aspiration de la ville de Rio de Janeiro à Cité Sièges des Jeux Olympiques et Paralympiques 2012.

À la fin, présente une réflexion sur une possible alternative aux directrices pour la localisation et structuration physique et spatiale d’un mégaévénement sportif, exemplifiée à travers la ville de Rio de Janeiro, sous le point de vue de l’héritage de bénéfices concernant à la requalification de l’ambiance urbaine.

Abstract

The focus of this research refers to the following question:

“How a sport mega-event may stimulate physical and spatial initiatives in terms of urban environment renewal and qualification?”

This thesis develops a study about the configuration of sport mega-events, and analyses their possibilities as catalyst agents for urban transformation.

It also introduces the urban and architectonic evolution of Olympic Games — greatest world sport event — in its various contexts and outcomes, considering its urban implication and its physical-spatial legacy.

By bringing up questions considering the multiplicity of influences and interests in contemporary society — particularly under the unique perspective of an urban context with prominent social and economical disparity that is reflected on its anomic spatial configuration — the study explores the pertinence and objectives of three main events, taking into account different extents of projected urban intervention:

- a) Rio de Janeiro’s aim to home the 2004 Olympic and Paralympics Games;
- b) Rio’s candidature to home of the 2007 Pan American Games (to, in effect, take place at Rio de Janeiro);
- c) Rio’s aim to home of the 2012 Olympic and Paralympics Games.

Finally, it conveys some recommendations on possible alternatives for principles and directives for the implementation and physical-spatial ordering of a major sports event — considering, as an example, the city of Rio de Janeiro — in view of expected benefits that could be inherited from an urban transformation.

Resumen

El punto principal de esta investigación se sintetiza al formularse la siguiente pregunta:

“¿De qué manera un gran evento deportivo puede estimular la recalificación del ambiente urbano en el ámbito de las iniciativas físico-espaciales urbanas?”

El presente trabajo desarrolla un estudio sobre la estructuración de mega-eventos deportivos e investiga sus roles de posibles agentes catalizadores de la recalificación de la forma urbana.

Presenta la evolución del programa arquitectónico-urbanístico del más grande evento del mundo, los Juegos Olímpicos, en sus diferentes contextos, complejidades y alcances correlacionados a sus reversiones en legados físico-espaciales urbanos.

Al suscitar cuestiones relativas a la multiplicidad de disciplinas de influencias e intereses de la sociedad contemporánea, particularmente bajo la perspectiva original de un contexto urbano con acentuados desequilibrios socio-económicos reflejados en su configuración espacial anómica, investiga en tres eventos principales las diferentes escalas de intervención físico-espacial urbana previstas, sus pertinencias y sus objetivos:

- a) La aspiración de la ciudad de Río de Janeiro para ser Ciudad-Sede de los Juegos Olímpicos y Paraolímpicos 2004;
- b) La candidatura a Ciudad-Sede de los Juegos Pan Americanos 2007 (a ser realizados en la ciudad de Río de Janeiro, RJ);
- c) La aspiración de la ciudad de Río de Janeiro para ser Ciudad-Sede de los Juegos Olímpicos y Paraolímpicos 2012.

Por fin, presenta una reflexión sobre una posible alternativa a las directrices para la localización y estructuración físico-espacial de un mega-evento deportivo, ejemplificada a través de la ciudad de Río de Janeiro, bajo el punto de vista de la herencia de beneficios relacionada a la recalificación del ambiente urbano.

ÍNDICE

Volume I

Agradecimentos	iv
Resumo	vi
Resume	viii
Abstract	x
Resumen	xii
1. Introdução	001
2. Estruturação de desenvolvimento da pesquisa	010
2.1. Hipótese de Pesquisa	010
2.2. Premissas de pesquisa	010
2.3. Objetivos da pesquisa	011
2.4. Etapas de pesquisa	011
2.5. Metodologia para aplicação prática: Cidade do Rio de Janeiro	026
2.6. Considerações finais sobre a estruturação de desenvolvimento da pesquisa	027
3. CAPÍTULO I – OS JOGOS OLÍMPICOS COMO FENÔMENO URBANÍSTICO: O grande evento esportivo e a requalificação do ambiente urbano	031
3.1. A imagem urbana e as estratégias de atratividade	032
3.2. Algumas características típicas de grandes cidades latino-americanas	038
3.3. Agenda 21 do movimento olímpico	045
3.4. Elementos conceituais e morfológicos e a qualidade da forma urbana: Como se conforma um legado olímpico	053

3.5. Os Jogos Olímpicos, os antecedentes e o impacto urbano	082
3.5.A. Os antecedentes dos grandes eventos esportivos e os Jogos Olímpicos	083
3.5.B. Os Jogos Olímpicos e o impacto urbano	098
3.6. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna – As fases e as edições	117
3.6.A. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna – 1ª. fase	117
3.6.B. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna – 2ª. fase	136
3.6.C. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna – 3ª. fase	192
3.7. Uma experiência recente: Barcelona e os Jogos Olímpicos 1992	270
4. CAPÍTULO II – COROLÁRIO DE APLICAÇÃO PRÁTICA: Cidade do Rio de Janeiro	299
4.1. Justificativa para aplicação prática: Rio de Janeiro: Uma reflexão em busca de auto-estima ¹	299
4.2. Rio de Janeiro: Pretensões e possibilidades	308
4.2.A. A aspiração a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2004	308
4.2.B. A candidatura a cidade-sede dos Jogos Pan-Americanos 2007	317
4.2.C. A aspiração a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2012	330
4.3. Rio de Janeiro: Uma reflexão crítica das pretensões e possibilidades	343
5. Conclusão geral - Da análise histórica à aplicação prática	359
Referências bibliográficas	369
Referência internet	392
Crédito das Imagens	395

¹ Nota: Baseado em Lessa, Carlos. O Rio de todos os Brasis [Uma reflexão em busca de auto-estima]. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Volume II - ANEXO

1. CAPÍTULO I - A organização de um grande evento

ANEXO

I.1. Análise dos documentos das cidades-aspirantes
a tornarem-se cidades-candidatas a sede dos
XXXo Jogos Olímpicos e dos XIVº Jogos Paraolímpicos 2012

ANEXO

Palavras-chaves: formação da imagem; legado físico-espacial urbano; megaevento esportivo; qualidade da forma urbana.

1. Introdução

Preliminarmente, este estudo assume como uma oportunidade a ocorrência de um grande evento esportivo como fator catalisador de iniciativas e analisa suas pertinências físico-espaciais no âmbito da requalificação do ambiente e da imagem urbana de uma típica grande cidade de um país em desenvolvimento.

Por se tratar do maior evento (esportivo) do mundo, os Jogos Olímpicos são abordados com particularidade. Nele residem de uma forma bastante nítida os problemas e as soluções relacionados ao tema. Seus mais de 100 anos de experiência moderna criaram demandas e estimularam respostas, mas também os tornaram polêmicos. Ao longo do tempo, seus programas arquitetônico-urbanísticos confundiram-se naturalmente com a história contemporânea e, mais recentemente, o gradual crescimento das facilidades de deslocamento e transmissão de dados e informação conferiu às Olimpíadas uma brutal visibilidade (exterior).

Há uma escala grandiosa que torna longínqua a primeira Olimpíada da era moderna, em Atenas, em 1896, com seus 241 atletas e parca infra-estrutura correspondente. Desde então, paralelamente, o planeta passou por um processo de urbanização que alcança níveis outrora impensáveis que por certo trouxe benefícios inegáveis, mas também aflorou problemas e carências: ambientais, de infra-estrutura urbana, de mobilidade, de saneamento, sociais etc.

Em relação aos Jogos Olímpicos, em sua 1ª. Fase, até as primeiras décadas do século XX, há uma certa ingenuidade e as mais preliminares iniciativas de arquitetura e desenho urbano são quase “singelas”, manifestas destacadamente na incipiente, mas pioneira, vila olímpica de Paris, em 1924, e relativamente amadurecida, em 1928, na versão de Los Angeles. Herdeiras dos tempos de crescente industrialização, estas duas edições de “vila” assemelham-se na forma e no

conteúdo a vilas operárias, autônomas, repetitivas e, em geral, desprendidas da malha urbana tradicional e existente. Na edição norte-americana também é construída uma rudimentar expressão de um centro olímpico protagonizado por um estádio, em um modelo que se tornaria freqüente desde então.



Poucos anos mais tarde, o vigor do desenho urbano do centro olímpico dos Jogos de 1936, em Berlim, praticamente o “eternizou”. Vale destacar que a qualidade de seu conjunto ainda hoje o credencia a abrigar o ápice de outro grande evento, em seu estádio olímpico¹: a partida final da Copa do Mundo de Futebol, em julho de 2006. Pode-se afirmar que esta edição, marcada pelo envolvimento pessoal de Hitler, representaria o início da 2ª. fase de estruturação dos Jogos, principalmente sob o ponto de vista dos atributos relacionados à morfologia urbana.

Passados os primeiros anos pós-Guerra, em Melbourne (1956), por exemplo, evidenciam-se as primeiras instalações de relativo porte que dão apoio às vilas olímpicas. Mais tarde, em Tokyo, 1964, e na Cidade do México, 1968, há a manifestação de um rodoviarismo exacerbado evidenciado pela construção de elevados, estradas e estacionamentos que surgem por demanda particular dos Jogos Olímpicos.

A edição realizada em Munique, em 1972, representa de certa forma a 3ª e atual fase dos Jogos Olímpicos, em função do aprimoramento da idéia de parque urbano, com a valorização do conceito de qualidade ambiental. Especificamente, estes Jogos apresentam ainda um refinamento materializado pelas coberturas de Frei Otto, verdadeiras obras-primas que se estendem e se mimetizam ao (e através do) parque.

¹ **Nota:** O estádio olímpico de Berlim foi reformado e recebeu uma nova cobertura que permitirá que praticamente os 74.200 espectadores possam estar em área coberta, ao contrário dos apenas originais 27.000 assentos cobertos. O custo da obra, realizada entre os anos de 2000 e 2004, foi de € 242 milhões (www.fifaworldcup.yahoo.com , acesso: dezembro/2005) (imagem: www.worldstadiums.com , acesso: janeiro/2006).

Nestes Jogos, a qualidade plástica arquitetônica das instalações esportivas (*venues*) denota uma atenção que somente seria rivalizada pelas Olimpíadas mais recentes. A multidisciplinaridade (nos usos) alcança uma dimensão que extrapola os contornos exclusivamente esportivos (ainda que mantenha-se, evidentemente, com utilizações congêneres e afins). A qualidade arquitetônica e urbanística, enfim, o caracteriza como o evento divisor de (destas) fases.

A objetividade norte-americana notabilizada através do aproveitamento e adaptação da infra-estrutura das universidades nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1984, pode servir como uma forma particular de lição quanto à idéia de legado olímpico. O entrosamento das demandas olímpicas e das necessidades das instituições educacionais gerou pragmatismo financeiro e a herança de novas edificações erguidas nos campi universitários.

Na edição seguinte, Seul, 1988, transformaria em parque urbano uma área abandonada e degradada e desenvolveria ali uma série de iniciativas arquitetônicas (esportivas e não esportivas) que, pela idéia de concentração e recuperação urbana, é original. Mais tarde, estes conceitos seriam utilizados com grandiosidade na edição de Sidney, em 2000.

Os Jogos Olímpicos de Barcelona parecem ser os mais conhecidos e admirados entre todas as edições do evento. Neste caso, a divisão em *clusters* (concentrações) identificados com vocações urbanas diferenciadas e a qualidade projetual tornaram-na um caso exemplar de legado urbano. Trata-se provavelmente da mais adequada coalescência das solicitações dos Jogos e dos interesses da cidade vistas até hoje.

O programa de despoluição proporcionado pelos Jogos Olímpicos de Sidney (2000) introduziu novos padrões ao que se considera "Olimpíadas Verdes". Uma versão contemporânea

de uma organização preocupada em estar (e parecer) “politicamente correta”, ancorada no (não menos atual) tema ecológico.

Todos estes sucintos exemplos são testemunhos da oportunidade de oferecer um legado às cidades e suas populações, em função do megaevento esportivo. Com maior ou menor eficiência, são transformações que intentaram impactar na qualidade da forma urbana - objeções à parte.

O estudo das muitas edições passadas traz, portanto, uma base referencial das possibilidades a que se submetem cada uma das cidades-sedes, no que se refere ao estímulo às iniciativas físico-espaciais urbanas em seus aspectos conceituais e morfológicos. Parece, entretanto, fundamental pontuar algumas especificidades contextuais que auxiliem na compreensão das pertinências (embates, necessidades, objeções etc.) relacionadas à organização de um grande evento (esportivo).

Atualmente, o cuidado com as qualidades físico-ambientais dá mostras de que caminha de forma “menos exageradamente” assertiva e autoritária, ainda que as tentações das concessões desmedidas proporcionadas por esta “era informacional globalizada” sejam onipresentes. Evidentemente, mesmo no contexto brasileiro, existe espaço para um equilíbrio entre o que Castels e Borja chamam de “a constituição de um nó urbano de gestão de serviços avançados organizados”, as técnicas e formalismos atrativos (atualmente em evidência nos meios urbanos internacionais) e as atenções projetuais pontuais.

Ao reconhecer os novos “processos de mundialização econômica”, propõe-se uma resposta polissêmica que compreenda um quadro mais articulado dos conceitos de “local” e “global” nas formulações que assumam as imbricações entre os campos disciplinares do planejamento e do projeto urbano, com atenção às particularidades de cada cidade, pois já que

“todas as cidades são diferentes, é necessário que cada uma encontre o seu próprio caminho para alcançar a sustentabilidade” (Carta de Aalborg, 1994).

Há ainda que se discutir a questão urbana em seus aspectos de organização e planejamento, sob uma ótica e uma agenda local de inserção em um mundo real, com “a condição de que a ação urbana e urbanística esteja a serviço de políticas concretas, elaboradas a partir de um conhecimento rigoroso e documentado da realidade e não seja a aplicação tecnicista de modelos exógenos de tipo universal” (Balbo, 2003) e que possa considerar a inercial desatenção no trato da baixa qualidade da forma urbana, cujas raízes de conformação físico-espacial encontram-se fortemente relacionadas à pobreza e a desigualdade social no âmbito das grandes cidades dos países em desenvolvimento, como uma realidade (a ser enfrentada).

É importante reafirmar-se, contudo, que não existe estratégia única de abordagem destes problemas. Possivelmente, existem linhas alternativas a contextos urbanos diversos que, obviamente, suscitam (ou demandam) políticas de administração e gestão urbana também distintas, mas que podem reunir uma base conceitual comum para a minoração de problemas conjunturais endêmicos.

A apropriação da ocorrência de um grande evento esportivo como um fator de estímulo à requalificação do ambiente urbano é apenas um viés que lida com uma parcela delimitada da cidade e de sua infra-estrutura urbana. A intenção de contextualizar o grande evento esportivo a uma cidade-sede com as características típicas de uma grande cidade de um país em desenvolvimento, onde os desequilíbrios sócio-econômicos se refletem na configuração físico-espacial, é complexa, em função principalmente da multidimensionalidade da questão da pobreza.

A CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe), vinculada às Nações Unidas (UN), por exemplo, ao considerar que a maior parte da população carente da América

Latina e Caribe vive em cidades, indica uma política para reduzir a pobreza [que deve] considerar principalmente uma integração de parâmetros e variáveis que definem a funcionalidade e a qualidade de vida urbana. As áreas de intervenção que a CEPAL propõe como prioritárias para lograr esta integração são cinco: a) Acesso ao solo urbano; b) Serviços Públicos; c) Habitação; d) Espaço Público e e) Trabalho, e podem se coadunar com os interesses particulares da presente pesquisa.

O exercício da cidadania desta forma torna-se assertivo na medida em que se interpõe no vínculo entre a atitude gestora e o ser vivenciador e reivindicatório. A cidade, entendida como espaço de convívio, deve ser o cenário (provavelmente eterno) do paradoxo da dinâmica dos direitos².

A partir de outra perspectiva de argumento que correlaciona as estratégias locais e o fato catalisador (“estímulo”), Del Rio sintetizou em artigo denominado “Em busca do tempo perdido. O renascimento dos centros urbanos” algumas idéias que serão recorrentes, particularmente através de outros autores, ao longo do presente trabalho. Em meio à citação de exemplos pontuais

² **Nota:** Há uma consciência relativa à dinâmica social contemporânea, despertada pelas Revoluções Americana (1776) e Francesa (1789), que se referencia à Declaração Universal dos Direitos Humanos, e classificada em três gerações temáticas conhecidas como “formas de direitos fundamentais” a) A primeira geração: os Direitos Individuais Clássicos que se concernem à vida, à igualdade, à liberdade, à segurança e à prosperidade; b) A segunda geração: os Direitos Sociais que se relacionam com a melhoria da qualidade de vida e trabalho da população; c) A terceira geração: Direitos de Fraternidade que apontam instrumentos reguladores relativos ao desenvolvimento, à paz, ao meio ambiente, sobre o patrimônio comum da humanidade e o direito de comunicação (Sobre este assunto, vide: 1) Pinho, Rodrigo César Rebello. Teoria geral da Constituição e Direitos Fundamentais. São Paulo: Editora Saraiva, 2002, Capítulo VIII; 2) Silva, José Afonso da. Curso de Direito Constitucional Positivo. São Paulo: Editora Malheiros, 1998, Capítulo II; 3) Nogueira, Alberto. A reconstrução dos Direitos Humanos da tributação. Rio de Janeiro: Editora Renovar, 1997, p. 173).

“Paulo Benevides acrescenta ainda uma quarta geração de direitos fundamentais. Observa que, ao lado do processo de globalização econômica, com o conseqüente afrouxamento da soberania do Estado Nacional, decorrente da ideologia neoliberal em voga nos tempos atuais em todo o mundo, existe uma tendência de globalização dos direitos fundamentais, a única que realmente interessaria aos povos da periferia. (...) Aponta os seguintes direitos de quarta geração: direito à democracia, à informação e ao pluralismo” (Pinho, Rodrigo César Rebello. Teoria geral da Constituição e Direitos Fundamentais. São Paulo: Editora Saraiva, 2002, p. 68).

presentes em Baltimore, Bilbao, Boston, Curitiba, Rio de Janeiro, Salvador etc., por exemplo, que ancoraram processos revitalizadores urbanos em equipamentos públicos e privados, áreas de lazer, museus, marinas, aquários, lojas, mercados, hotéis, habitação etc., destaca que “embora, evidentemente, esses catalisadores não possam garantir o sucesso da revitalização como um todo, eles têm se mostrado essenciais para dar partida e, muitas vezes, sustenta[r] todo o processo”.

Relata ainda o autor que “o estudo das experiências bem sucedidas aponta para cinco aspectos fundamentais dos projetos: a) complexos processos de planejamento, monitoramento, gestão e marketing; b) mix estudado de diversos usos do solo, com a presença de “âncoras” sólidas; c) respeito à memória coletiva e ao contexto preexistente (físico-espacial e sócio-cultural); d) atenção ao poder das imagens e da qualidade projetual; e) implantação através de processos colaborativos entre os grupos envolvidos (governo, comunidade e empresários)”.

Como foco particular de análise da presente pesquisa, deve-se considerar que as iniciativas aqui abordadas, notadamente de caráter físico-espacial, são baseadas principalmente em práticas projetuais arquitetônicas e de desenho urbano ou ainda em contribuições na área da mobilidade urbana (principalmente evidenciados nos mobiliários urbanos, elementos arquitetônico-urbanísticos ou traçados viários). Assim, além de beneficiar primacialmente a população nativa, estima-se que o ambiente qualificado e sua imagem positiva possam, por indução, contribuir também para a atratividade de turistas de lazer e negócios.

Mais ainda, a especificidade de abordagem, em seu caráter original, deve-se à análise e à compreensão da possibilidade de aproximação de duas vertentes principais: a) do fato catalisador – o megaevento esportivo - atualmente somente “testado” em cidades dos países desenvolvidos com b) um contexto de uma típica cidade de um país em desenvolvimento. Em instância final,

resultará desta questão uma reflexão sobre os possíveis benefícios (estimulados pelo fato catalisador) da ocorrência de um megaevento esportivo em uma típica cidade de um país em desenvolvimento, no âmbito particular das contribuições físico-espaciais relacionadas ao campo temático da requalificação da forma urbana.

Esta abordagem dos possíveis benefícios estimulados pela realização de um megaevento esportivo instiga à análise de contextos específicos, aqui notadamente referenciados às típicas concentrações urbanas latino-americanas em suas afinidades mais evidentes. Talvez porque possa se sublinhar que, em realidade, a realização de um evento esportivo das dimensões dos Jogos Olímpicos em uma grande cidade de um país subdesenvolvido é quase uma incógnita, pois além de constituir-se como uma ocorrência única, na Cidade do México, em 1968, já são decorridos quase 40 anos desde sua realização, em um contexto de complexidades e demandas bastante menor que o atual.

O estudo da documentação de postulação da cidade do Rio de Janeiro a cidade-sede dos Jogos Olímpicos relativos às edições de 2004 e 2012 e as ações implementadas (até o término desta pesquisa) em relação à organização dos Jogos Pan-Americanos, a serem realizados na mesma cidade no ano de 2007, trazem um certo panorama dos objetivos particulares almejados pela pesquisa: o estudo da realização de um megaevento esportivo em grandes cidades típicas de países em desenvolvimento, nas quais as configurações físico-espaciais urbanas encontram-se em desequilíbrio quanto à qualidade da forma urbana, e seu legado físico-espacial urbano.

Os Jogos Pan-Americanos, uma espécie de Jogos Olímpicos continentais, tradicionalmente realizados a cada 4 anos desde 1951 (em Buenos Aires), sob coordenação da Organização Desportiva Pan-Americana (Odepa), possuem escala extremamente mais modesta que os Jogos Olímpicos, pois estima-se que cerca de 5.500 atletas provenientes de 42 países

devam participar do evento – ao contrário dos 12.000 atletas originários de 201 países no caso (previsto) de Peking (2008). Suas formas organizacionais, entretanto, podem servir de prova para vôos mais ambiciosos e refletir a maturidade na implementação de ações urbanas que tragam benefícios a cidade-sede.

A busca por um modelo mais particularmente adequado a atender necessidades cotidianas da cidade-sede em referência aos estímulos e demandas relacionados a um grande evento esportivo deve ser a tônica de sua formulação, postulação e implementação. A cidade e seus partícipes devem beneficiar-se da herança dos vários efeitos catalisadores possivelmente advindos através da realização de um evento.

O legado físico-espacial urbano catalisado ou estimulado por um megaevento esportivo em uma típica cidade de um país em desenvolvimento é especificamente o tema desta pesquisa.

2. Estruturação de desenvolvimento da pesquisa

2.1 Hipótese de pesquisa

A realização de um megaevento esportivo em uma típica grande cidade de um país em desenvolvimento pode catalisar melhorias na qualidade de sua forma urbana.

2.2. Premissas de pesquisa

As premissas do presente trabalho ancoram-se fundamentalmente nos seguintes pontos:

1) Nas cidades-sedes do maior megaevento esportivo do mundo, notadamente praticamente todas localizadas em países desenvolvidos, a organização e a estruturação do referido evento estimulam a qualificação positiva do espaço público urbano e, além dos pressupostos básicos de benefícios (relativos à infra-estrutura e desenho urbano) aos partícipes locais, criam imageabilidade atrativa.

2) A confluência de desejos, por força de um fato catalisador localizado temporalmente pode auxiliar: a) na minoração dos problemas relacionados à baixa qualidade da forma urbana; b) no interesse na ampliação de divisas.

2.3. Objetivos da pesquisa

O objetivo da presente pesquisa é analisar como a estruturação e a implementação de um megaevento esportivo pode influenciar a qualidade da forma urbana. Busca-se ainda entender as características específicas do legado urbano (originado pela ocorrência do grande evento esportivo) no contexto da maior parte das grandes cidades dos países em desenvolvimento, em que se tomam como referências as recentes postulações da cidade do Rio de Janeiro a cidade-sede de megaeventos esportivos.

Em caráter geral e definitivo, intenciona-se responder ao seguinte postulado:

De que forma um megaevento esportivo pode estimular a requalificação do ambiente urbano no âmbito das iniciativas físico-espaciais urbanas?

2.4. Etapas da pesquisa

Este trabalho, subdividido em dois capítulos-partes, conforma um quadro que ilustra as possibilidades advindas pela organização de um megaevento esportivo em contextos variados, sob o ponto de vista de suas vocações: potencialidades e problemas específicos.

Os Jogos Olímpicos, por sua grandiosidade e por sintetizar as principais características na relação do megaevento esportivo com o ambiente urbano, será objeto de uma investigação mais apurada.

Como será observado, ao longo da história e em localidades diferentes, as alternativas de organização e observância às prioridades das cidades-sedes (de megaeventos esportivos) são infinitamente amplas. Com maior ou menor êxito, a utilização deste instrumento (o evento) pode estimular uma nova qualidade da forma urbana e também uma veiculação mais positiva de sua

imagem. Ambas identificadas provisoriamente com as demandas intrínsecas ao evento e permanentemente com as necessidades da cidade e de sua população.

No Capítulo I, **Os Jogos Olímpicos como fenômeno urbanístico**, na seção **O grande evento esportivo e a requalificação do ambiente urbano**, torna-se importante reconhecer um quadro genérico dos instrumentos de análise dos elementos conceituais e morfológicos que compõem a imagem da cidade. Este capítulo teórico desempenha a função de preâmbulo que torna possível o contato com os autores referenciais que permeiam o trabalho, a fim de que o domínio das partes possa contribuir para a compreensão dos contornos referentes à qualidade final da forma urbana advinda pela organização de um grande evento esportivo.

A relevância desta primeira parte revelar-se-á ao longo da pesquisa, já que as atenções finais concentram-se na identificação dos possíveis legados físico-espaciais urbanos (de natureza construída ou ainda culturalmente constituídos) a partir da análise de diversos exemplos oferecidos.

Este conjunto de elementos morfológicos e conceituais é precipuamente baseado nas obras de Alexander, Borja, Carr, Lynch e Rossi, na correlação de seus estudos referentes às espacialidades, significâncias, objetivos, características e performances, e os interesses de seus (possíveis) usuários e usuários.

Em seguida, a seção **Os Jogos Olímpicos, os antecedentes e o impacto urbano** é dividida em duas partes.

a) Primeiramente, em **Os antecedentes dos grandes eventos esportivos**, como será visto, além da descrição histórica concisa do surgimento do fenômeno do turismo urbano, é tema de discussão o papel dos Jogos Olímpicos na condição de motivadores (ou catalisadores) urbanos.

Atualmente, o Comitê Olímpico Internacional (COI) reconhece neste fato um importante elemento de contribuição urbana - legado urbano - parte inexorável de todo o processo de implementação de um evento desta natureza. Na realidade, há uma variedade de referências a esta herança que se manifesta mais assertiva e nitidamente na forma dos Jogos Olímpicos, por suas dimensões particulares e superlativas, mas absolutamente extensíveis a eventos congêneres:

“Legado é uma expressão que se refere a uma ampla variedade de edições, políticas e práticas pós-Jogos. Toda cidade olímpica tem alguma forma de legado: edifícios, monumentos, arte pública, exposições, museus, depósitos, arquivos, selos, souvenirs, lembranças, placas e nomes de ruas. O legado abrange resultados práticos como “os restos dos Jogos” e os destinos dos locais olímpicos. O legado inclui também o resíduo “sentimental” dos Jogos Olímpicos, a depressão pós-Jogos e até mesmo o lamento pelo término dos Jogos”³.

Especificamente neste trabalho, pretende-se apresentar o legado que se evidencia na materialidade urbana com benefícios à sua espacialidade. Cashman norteia a discussão sobre o tema ao referenciar-se, por exemplo, aos Jogos Olímpicos através de algumas indagações:

“Após a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos uma cidade depara-se com uma série de questões relativas ao legado (...). Como pode melhor compensar os custos dos Jogos e efetivar um legado econômico? Qual o legado central da cidade? O que deve

³ Cashman, Richard. “What is “Olympic Legacy?” in Moragas, Miquel de (ed.). *The Legacy of The Olympic Games 1984-2000*. Lausanne: International Olympic Committee, 2002, p. 34.

permanecer? O que deve ser descartado ou vendido? Quem se beneficiará do legado e quem arcará por ele? (...)⁴

Essex (et alii), ao analisar a questão do legado relativo aos Jogos Olímpicos de Verão e Inverno, embora alerte para a tentação das cidades-sedes em “investir extravagantemente em infra-estrutura desnecessária que pode tornar-se escoadouros de recursos locais ao término dos Jogos (Olímpicos)”⁵, enfatiza que a infra-estrutura construída para um evento destas proporções extrapola os limites das *venues* (instalações) esportivas:

“Investimento considerável em infra-estrutura com maior permanência como transporte, acomodações hoteleiras, locais culturais, paisagismo e outros serviços urbanos é atualmente demandada para assegurar uma efetiva operação dos Jogos em todos os aspectos e para assegurar que a melhor imagem possível da cidade está sendo apresentada à audiência internacional”⁶.

Dansero (et alii), em estudo específico sobre os Jogos Olímpicos de Inverno de Torino, Itália, a realizar-se em 2006, analisa as estratégias de estruturação dos Jogos e os possíveis benefícios a serem gerados. Desta forma, afirma:

“Estamos traçando um conceito de herança olímpica baseada não apenas em objetos que permanecem no território mas provavelmente em um conjunto de “boas práticas”. Após

⁴ Cashman, Richard. Op. cit., 2002, p. 34.

⁵ Essex, Stephen e Chalkley, Brian. “The Infrastructural Legacy of the Summer and Winter Olympic Games: A Comparative Analysis” in Moragas, Miquel de (ed.). Op. cit., 2002, p. 94.

⁶ Essex, Stephen e Chalkley, Brian. Op. cit., 2003, p. 94.

serem utilizados pelos Jogos eles tornar-se-ão parte da herança local e permanecerão disponíveis no tempo, sem a necessidade de novos investimentos para mantê-los “vivos”.

b) A seguir, ainda nesta mesma seção, aborda-se especificamente a seguinte questão: **Os Jogos Olímpicos e o impacto urbano.**

Para isso foi realizada ampla investigação, através dos muitos relatórios oficiais disponibilizados, diversas publicações e acessos virtuais a *sites* especializados, que fornecessem subsídios suficientes para compreensão das heranças resultantes e estimuladas pela realização dos Jogos Olímpicos em cada uma das cidades-sedes ao longo da era moderna.

O crescimento do número de participantes, o acirramento das complexidades e a busca por novas respostas às demandas dos Jogos ficam evidenciados ao longo desta seção.

Além disso, foi realizada concisa pesquisa em relação a Pequim e a Londres, cidades que sediarão os Jogos Olímpicos em 2008 e 2012 respectivamente, a partir de seus documentos de candidatura e das (ainda poucas) informações acessíveis que parecem prenunciar uma fase nova de arrojadas instalações esportivas (e congêneres).

O primeiro capítulo termina com a seção **Uma experiência recente: Barcelona e os Jogos Olímpicos 1992.** O estudo específico desta edição acrescenta à pesquisa o conhecimento de transformações evidenciadas na estrutura físico-espacial de uma cidade que sediou exemplarmente os Jogos Olímpicos. Houve ocorrências morfológicas singulares e importantes, que merecem ser destacadas devido à contribuição à qualidade da forma urbana, e que serão objeto de atenção nesta seção:

QUADRAS URBANAS: Definição de Escala Gráfica

LEBLON - Rio de Janeiro



ENSANCHE - Barcelona



ASA SUL - Brasília

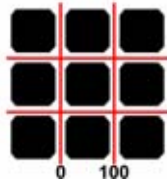


ESCALA GRÁFICA
Quadras Ensanche
Barcelona



“Todos concordam que o verdadeiro sucesso dos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) – e os Jogos Paraolímpicos – foi a transformação ocorrida na cidade, com um desenvolvimento que normalmente levaria décadas se realizando em apenas seis anos”⁷.

Como será visto, a trama reticular das quadras propostas por Ildefons Cerda (1815-1876) para Barcelona torna-se neste trabalho a referência principal (escala) de todas as intervenções físico-espaciais relacionadas aos Jogos Olímpicos.



O prolongamento destes “módulos” em direção ao mar, no contexto dos Jogos Olímpicos de 1992, tornou-se um marco projetual e simbólico de (re)costura do tecido urbano que objetivava uma unidade compositiva e a reconquista de parte da frente marítima. Por sua qualidade e notória recorrência na história do urbanismo contemporâneo, estas quadras serão resgatadas e utilizadas como unidades referenciais fixas de escala gráfica que propiciarão a visualização e a compreensão das extensões das diversas intervenções analisadas. Deve-se reassaltar, contudo, que as (relativamente pequenas) variações dimensionais foram arbitrariamente sumarizadas para uma média de quadra de 100 m x 100 m.

Alguns outros exemplos urbanísticos (não necessariamente esportivos), que ilustrem noções dimensionais de propostas, também foram selecionados e submetidos a uma mesma “impressão gráfica”, quase como uma “marca digital de Cerda”.

A pesquisa relacionada a esta seção, realizada a partir da análise das intervenções ocorridas contemporaneamente aos Jogos Olímpicos de Barcelona (por sua causa exclusiva ou não), destina-se a compreender as abrangências físicas, motivacionais, espaciais, simbólicas etc. das transformações da cidade.

⁷ Pahissa, Miquel Botella. Organization of the Games in The Keys to Success – The Social, Sporting, Economic and Communications Impact of Barcelona’92, Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 1995, p. 18).

No Capítulo II, **Corolário de aplicação prática: Cidade do Rio de Janeiro**, há uma estruturação sob o tema **Justificativa para aplicação prática: Rio de Janeiro: Uma reflexão em busca de auto-estima**⁸. Desta forma, objetivar-se-á a compreensão das possíveis conseqüências que podem resultar a partir da realização de um grande evento esportivo na cidade do Rio de Janeiro, em função de suas demandas correlacionadas diretamente aos (possíveis) legados físico-urbanos, face aos desequilíbrios presentes na qualidade da forma urbana.

No contexto dos países considerados semiperiféricos, como no caso do Brasil, a crescente perda das condições de cidadania, com o agravamento dos problemas sócio-econômicos, reflete-se em sua configuração física e sugere que novas estratégias de abordagem da questão urbana possam ser consideradas.

No Rio de Janeiro, especificamente, ocorre uma tendência notável de auto-imagem conflitante, com repercussões na estrutura formal e espacial da cidade e, portanto, em sua qualidade ambiental: a tendência à “auto-segregação difundida por toda a cidade”. Esse fato, por si, constitui um curioso paradoxo. Em sua publicação *O Desafio Metropolitano*, Souza aborda habilmente esta questão:

“O Brasil sintetiza, especialmente em suas metrópoles, tanto os problemas sócio-ambientais mais típicos do “subdesenvolvimento” (pobreza urbana de larga magnitude, segregação residencial crassa, insalubridade dos assentamentos humanos pobres, presença marcante de doenças ligadas à pobreza e à falta de higiene e saneamento) quanto

⁸ **Nota:** Uma homenagem à importante e bela obra de Carlos Lessa: “O Rio de Janeiro de Todos os Brasis – Uma Reflexão em Busca de Auto-Estima”.

aqueles indicativos do desenvolvimento econômico capitalista (como a poluição do ar ligada à industrialização e ao aumento da frota de veículos automotores)”⁹.

Em um cenário de tantos desequilíbrios, conviver com a apropriação do espaço envolve aspectos amplos e complexos. Contudo, antes de mais nada, deve-se assegurar, principalmente, a preservação da qualidade dos espaços públicos e a democratização dos benefícios urbanos. Aliás, quanto mais identificado for o cidadão com o espaço público, maior é a possibilidade de seu envolvimento e manutenção de uma ordem (pública) que gere um efeito cíclico de autopreservação.

Atualmente, na cidade do Rio de Janeiro, acirra-se de forma cada vez mais visível o sentido de crescimento urbano desordenado. A configuração formal da cidade reflete o próprio perfil social brasileiro que mescla pequenas “ilhas de prosperidade” – (fragmentos de) bairros, condomínios de classe média alta ou alta etc. - e enormes bolsões de indigência social – favelas, bairros “esquecidos” etc. A história da evolução urbana do Rio de Janeiro mostra-se lógica em relação aos fatos que conduziram a cidade ao seu atual perfil formal.

Após a década de 70, acentuam-se duas tendências principais na cidade:

1) No ambiente dito “formal”, a falta de uma ação projetual de longo prazo reflete-se na estrutura físico-espacial da cidade. De forma geral, há uma falta de tradição no tratamento dos

⁹ Souza, Marcelo Lopes de. O Desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras S.A.. 2000, p. 125.

Nota: Em outra passagem da mesma fonte bibliográfica, o autor comenta: “Diversos fatores têm contribuído, desde meados dos anos 70, para a formação e consolidação de fenômenos de auto-segregação (...). Dentre esses fatores podem ser destacados: 1) uma paisagem urbana crescentemente marcada pela pobreza e pela informalidade, inclusive nas áreas centrais e nos bairros residenciais privilegiados mais tradicionais; 2) a deterioração das condições gerais de habitabilidade e qualidade ambiental dos bairros residenciais privilegiados tradicionais, devido a congestionamentos, poluição do ar etc.; 3) busca por uma maior “exclusividade” social [das elites urbanas]; 4) eventualmente, a procura de novos espaços residenciais que apresentassem amenidades naturais; e 5) o aumento objetivo da criminalidade violenta e de problemas associados a estratégias de sobrevivência ilegais, e também da “sensação de insegurança” vinculada, com maior ou menor dose de realismo, à criminalidade objetiva” (Souza, Marcelo Lopes de. Op. cit., 2000, p. 197).

elementos da morfologia urbana. Os espaços tendem a conformarem-se em conseqüência das sobras (resíduos) ou improvisações, sem que se produza uma unidade plástica coerente.

2) No ambiente dito “informal”, há uma crescente degradação dos contornos físico-espaciais, a favelização por toda a cidade etc. O empobrecimento da população e a ineficiência na oferta de infra-estrutura urbana (habitação, saneamento, transporte etc.) criam situações em que se torna quase impossível viver com dignidade.

Ambos os fatos repercutem fortemente na configuração espacial da cidade.

Este resumido quadro traduz-se pela inexistência, em níveis adequados, de ações concretas que resultem na minoração dos problemas, aqui particularmente focados nas questões relativas à qualidade da forma urbana.

A cidade do Rio de Janeiro apresenta uma exuberante condição geomorfológica natural que a torna seguramente uma das mais emblemáticas imagens urbanas de todo o mundo. Entende-se que o fator catalisador de um grande evento possa estimular uma atitude de maior proatividade na implementação de ações que valorizem este cenário e recuperem áreas degradadas ou subutilizadas.

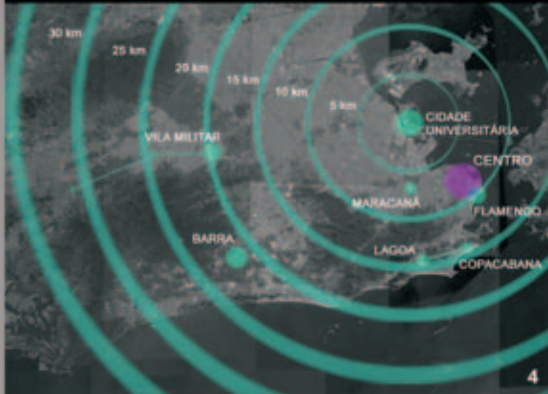
Por sua vez, a segunda subseção deste mesmo capítulo – **Rio de Janeiro: Pretensões e possibilidades** – também foi subdividida em três partes que procuram identificar um conjunto projetual específico, estimulado a partir de determinados eventos significativos referenciais que, por hipótese, poderiam catalisar a ocorrência de benefícios permanentes para a cidade e sua população: o legado, particularmente o legado físico-espacial urbano. Levantam-se, assim, questões acerca de (tão somente) possibilidades de caminhos alternativos para fatos pós-eventos (de eventos reconhecidamente não-realizados). Portanto, estudos que não pretendem constituir-se como “estudos de casos”.

RIO DE JANEIRO - Eventos Esportivos

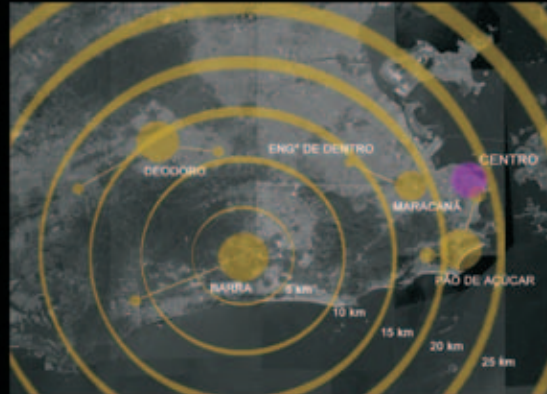
2004

2007

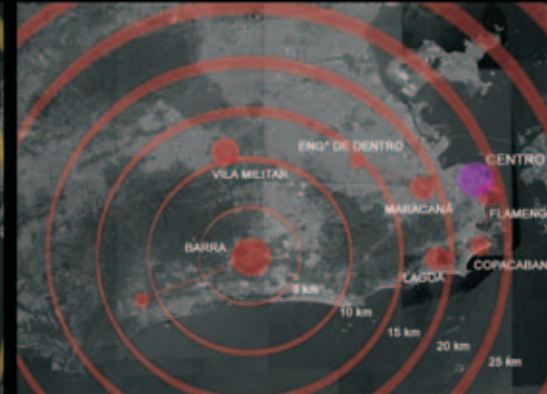
2012



Cidade Aspirante - Jogos Olímpicos



Cidade Sede - Jogos Pan-Americanos



Cidade Aspirante - Jogos Olímpicos

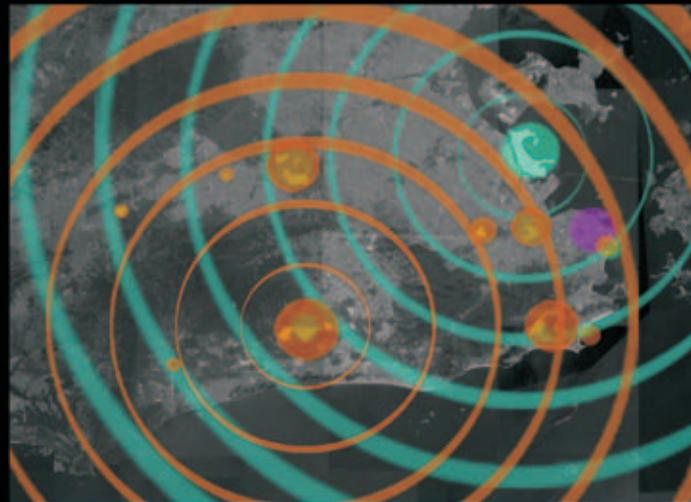


Diagrama de Interseção:
Centralidades e Abrangências

Como instrumento de análise, nestas três subseções, serão estudadas as possíveis contribuições previstas e relatadas nos respectivos documentos e publicações relativas à cidade do Rio de Janeiro no que concerne a:

- 1) Aspiração a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2004;
- 2) Candidatura (vencedora) de cidade-sede dos Jogos Pan-Americanos 2007;
- 3) Aspiração a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2012.

Desta forma, será possível visualizar alguns pontos positivos e até negativos que desaconselharam sua indicação à fase posterior.

A identificação destes fatores de entrave pode delinear fragilidades que se relacionam à qualidade do espaço público urbano da cidade do Rio de Janeiro que, uma vez solucionados, poderão coligar em conseqüências positivas para seus partícipes nativos e um possível público atrativo. Ademais, objetiva-se a análise particular dos projetos arquitetônicos e urbanísticos previstos por ocasião dos Jogos Pan-Americanos (2007) a se realizarem no Rio de Janeiro que possam contribuir para o incremento da qualidade da forma urbana da cidade.

Em realidade, algumas intenções iniciais formuladas e compromissadas pelas autoridades públicas e privadas no entusiasmo das aspirações a cidade-candidata parecem solapadas pela: escassez de recursos, despreensão da dimensão arquitetônica e urbanística e descarte prematuro da aspiração a cidade-sede dos Jogos Olímpicos (nas duas tentativas recentes). Todos os esforços, contudo, estão centrados no estudo do material desenvolvido e disponibilizado relativo aos três eventos analisados, e, menos a pesquisa, mais perde a cidade diante de uma oportunidade de traçar diretrizes que possam trazer benefícios à cidade a partir de uma possível intenção de organização de um evento no futuro.

Ao término deste capítulo, estabelecem-se alguns indícios parciais de conclusão, na seção **Rio de Janeiro: Uma reflexão crítica das pretensões e possibilidades**, em que são levantados

alguns questionamentos relativos às formas de organização dos grandes eventos esportivos postulados pela cidade do Rio de Janeiro, confrontados às suas especificidades.

Os problemas e potencialidades da cidade são relativizados aos interesses particulares da organização esportiva e interesses gerais de legado urbano pretendidos. A partir dos muitos exemplos analisados ao longo da história olímpica, propõe-se uma forma paralela de intervenção através de “clusters integrados” em áreas subutilizadas da cidade, como alternativa à indesejável tendência ao espraiamento urbano rumo às periferias. Desta forma, além de se lidar com a questão da revitalização de áreas centrais urbanas, há um efetivo aproveitamento da infraestrutura instalada não-utilizada (ou subutilizada).

Por fim, no capítulo **Conclusão geral**, é realizado um fechamento dos diversos temas que permearam a pesquisa. Pode-se adiantar que o entrosamento entre as exigências explicitadas pelas intenções e implementações das candidaturas, aliadas às prioridades reais relativas à infraestrutura da cidade postulante, devem nortear as decisões de requalificação.

Em quaisquer circunstâncias, dentre as quais o Rio de Janeiro não é evidentemente uma exceção, o crescimento urbano deve basear-se na cidadania e dignidade humana, e não tão descontrolada e excessivamente no caráter improvisado e/ou clandestino dos assentamentos informais típicos da realidade urbana brasileira.

A cada dia, em uma condição paradoxal, grupamentos humanos se aglomeram e se segregam. Pois, se por um lado, quantitativamente, atividades, culturas, lugares e pessoas se juntam, socialmente se excluem, com a geração de degradação humana, prejuízo e dor, marcas indelévels que se refletem no cotidiano humano, no *apartheid* social não-oficial e, enfim, na configuração da maior parte das grandes cidades dos países em desenvolvimento (inclusive as da realidade brasileira).

Reconhece-se que há uma série de questionamentos de variadas fontes em relação às formas e intenções de uma política promocional de lugar - *place marketing* – ou de cidade – *city marketing*¹⁰. Entretanto, uma importante marca (“*brand*”) urbana como, por exemplo, o Rio de Janeiro¹¹, reconhecida internacionalmente, - a despeito de sua imagem por vezes desgastada – pode conter instrumento estratégico, cuja aplicação enseje êxito econômico significativo, maior qualidade de vida aos cidadãos, geração de negócios, revitalização de áreas degradadas, geração de emprego, equilíbrio da ocupação urbana, dentre outros benefícios diretos e indiretos.

O modelo contemporâneo de intervenção urbana, questionador do padrão físico nivelador e standardizante de uma certa tendência do período modernista, enseja a oportunidade da ancoragem de iniciativas integradas que tragam impulso de renovação e revitalização urbana, através de ações estratégicas catalisadoras e motivadoras contextualizadas no tempo e no espaço existente.

No contexto de um megaevento em uma cidade de um país com realidade de forte desequilíbrio sócio-econômico, deve-se assegurar prioridade àquelas ações capazes de prover condições de estruturação, justiça e vitalidade urbana de forma socialmente equalizada, onde as estratégias de interesse atrativo – negócio e lazer – não se encerrem como objetivos estanques ou se sobrepujem aos escopos de maior integração social.

¹⁰ “Os princípios de eficácia técnica e econômica a que estão sujeitos os sistemas técnicos de comunicação, a radical abstração e banalização dos conteúdos lingüísticos que as condições políticas e técnico-econômicas impõem a estes sistemas, sua subordinação a interesses econômicos e jogos de poder, evidenciam o caráter unilateral que marca a pretensão realista e universalista da produção do espetáculo social” (Subirats, Eduardo. *Vanguarda, mídia, metrópoles*. São Paulo: Studio Nobel, 1993, p.47).

¹¹ Na época de desenvolvimento desta pesquisa, havia um controvertido debate acerca da conveniência e viabilidade da efetivação do Museu Guggenheim na região portuária do Rio de Janeiro. Segundo as principais autoridades executivas municipais das duas últimas gestões (1997-2000 e 2001-2004), iniciativa de tamanha envergadura e visibilidade poderá representar um importante diferencial – *flagship* - diante de um quadro de acirrada competitividade urbana no contexto mundial, gerando divisas significativas para a cidade. Contudo, do ponto de vista de significativa parcela da opinião pública, o ponto central das críticas pertinentes a esta temática reside na prioridade excessivamente elitista e desdenhosa em relação aos centros de cultura local e nacional e controversas negociações em torno do franqueamento da marca. (**Nota:** *flagship*: 1 capitânia, nau almirante. 2 *coll* o mais importante, o carro-chefe – Michaelis: Moderno Dicionário inglês-português, português-inglês. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 2000).

Se a qualidade do espaço público pode contribuir para a criação de uma imagem urbana, deve haver alguma (ou determinada) racionalidade na avaliação das prioridades urbanas diante da realidade de escassez de recursos públicos. As iniciativas urbanas devem, portanto, servir com eficiência aos objetivos de sua ocorrência, mas garantir que, em seqüência, os encargos pós-evento sejam compatíveis e o legado potencializado para usufruto da população local¹².

Por fim, pode-se afirmar que a intenção da pesquisa é analisar as pertinências e alcances das muitas propostas apresentadas, principalmente sob o ponto de vista do reforço de centralidades, a partir de suas influências na conformação do espaço público, assim resumida:

“A herança olímpica assim começa a tomar uma significância menos tangível, imaterial mas não menos importante. Ela será formada por idéias, por novos cuidados (especialmente no âmbito do meio ambiente), por aqueles programas que a sociedade local toma para entrar em um viés inovativo do grande evento (programas que não são necessariamente econômicos, ou de [mera] exploração do evento, mas também cultural, atento a uma identidade coesa até agora frágil)”¹³.

¹² “A criação de uma imagem da cidade pode ser um ponto de contestação política (...). A questão da equidade, sempre relevante em desenvolvimento econômico, está por trás desta contestação. Alocar uma grande soma de fundos públicos para desenvolver um centro de convenções, estádio olímpico, ou parque-temático ao invés de usá-la em escolas públicas, segurança pública, ou projetos nas circunvizinhas pode levantar questionamentos a respeito da legitimidade do processo de tomada de decisão ” (, Matthew J., Andranovich, Gregory e Heying Charles H.. Olympic Dreams – The Impact of Mega-Events On Local Politics, Boulder (Colorado, EUA): Lynne Rienner Publishers, Inc., 2001, p. 43).

¹³ Egidio, Dansero (et alii). “Spatial and Environmental Transformations Towards Torino 2006: Planning The Legacy Of The Future” in Moragas, Miquel de (ed.). Op. cit., 2002, p. 91.

2.5. Metodologia para aplicação prática: Cidade do Rio de Janeiro

Como premissa original, parte-se da organização de um megaevento esportivo sob a ótica particular de uma grande cidade típica de um país em desenvolvimento. A notável diferença entre, por exemplo, as condições de desenvolvimento urbano de típicas cidades (que sediaram eventos de dimensões superlativas) de países da América do Norte e Europa e de países da América Latina e África (que almejam sediá-los) deve também determinar objetivos de política urbana bastante diversos.

Objetivamente, sublinha-se que a África e América do Sul nunca abrigaram eventos como os do porte dos Jogos Olímpicos. Deve-se recordar também que, decorridas quase quatro décadas desde sua realização, em 1968, a Cidade do México é quase uma “intrusa” no grupo de elite dos países das cidades-sedes, por ser a única localizada na América Latina¹⁴.

O desenvolvimento desta pesquisa visa propiciar, inclusive, através da análise das propostas e sugestões projetuais ensejadas pela candidatura a sede dos Jogos Pan-Americanos (2007) e pelas postulações a cidade-sede dos Jogos Olímpicos (2004 e 2012), no âmbito do legado físico urbano - arquitetura, desenho urbano e mobilidade urbana, - a indução de releituras pontuais críticas relativas à configuração formal da cidade e suas conseqüências.

Assim, dentre os recentes envolvimento e interesses (viabilizados ou não) da cidade do Rio de Janeiro em sediar uma série de eventos esportivos importantes, destacam-se principalmente:

¹⁴ **Nota:** Assim como a Austrália, com duas oportunidades de sediar os Jogos Olímpicos: Melbourne (1956) e Sidney (2000), é o único país a romper o limite geográfico da linha do equador, e “coincidentemente” também o único a ser “notoriamente considerado como país desenvolvido localizado no hemisfério sul”.

1) **Jogos Olímpicos – Rio 2004** – tentativa frustrada, com a escolha de Atenas, Grécia, para sede dos Jogos. Na realidade, a cidade não foi considerada cidade-candidata, não tendo passado da fase de cidade-aspirante (como será melhor explicitado adiante);

2) **Jogos Olímpicos – Rio 2012** – a cidade do Rio de Janeiro, após a fase de cidade-postulante, foi escolhida como representante da candidatura brasileira, após confronto direto com a cidade de São Paulo. Novamente, a cidade não passou da fase de cidade-aspirante. Em julho de 2005, a cidade-candidata Londres foi escolhida como cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2012;

3) **Jogos Pan-Americanos – Rio 2007** – a escolha da cidade do Rio de Janeiro já foi definida (fato que ensejou a produção de alguns documentos a serem analisados em capítulo específico).

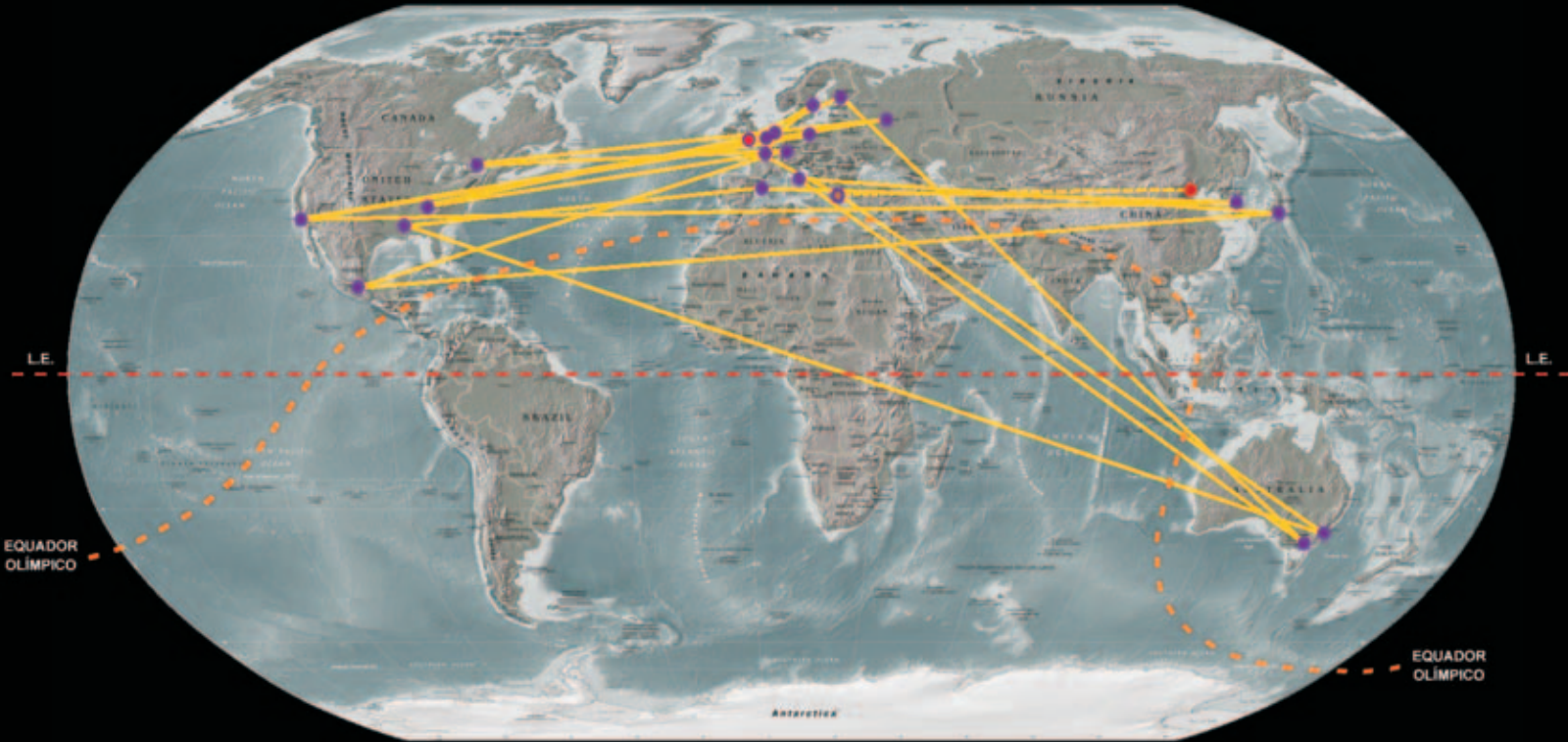
2.6. Considerações finais sobre a estruturação e o desenvolvimento da pesquisa

Estas, portanto, são as etapas seqüenciais de estruturação da presente pesquisa. Seus objetivos devem atender à proposta de identificação e compreensão das disciplinas pertinentes à qualidade do espaço urbano que possam ter suas implementações catalisadas por um grande evento esportivo.

Em caráter conclusivo, deve-se considerar que as formas de manifestação da sociedade civil, em meio ao exercício democrático, devem assegurar - e mesmo demandar - diversidade cultural, econômica, política, social etc. que repercuta na gestão e organização das cidades contemporâneas:

“O espaço público é um lugar de conflitos, de problematização da vida social, mas sobretudo é o terreno onde esses problemas são assinalados e significados. Por um lado,

LOCALIZAÇÃO DAS CIDADES-SEDES DOS JOGOS OLÍMPICOS



ele é uma arena onde há debates e diálogo; por outro, é um lugar das inscrições e do reconhecimento do interesse público sobre determinadas dinâmicas e transformações da vida social. Todas as cidades dispõem de lugares públicos excepcionais que correspondem à imagem da cidade e de sua sociabilidade. Por meio desses lugares de encontro e comunicação, produz-se uma espécie de resumo físico da diversidade sócio-espacial daquela população”¹⁵.

Canclini, ao descrever políticas para a cidadania, em que considera as diversidades dos diferentes segmentos sociais – no que se refere às localizações, estratos econômicos, graus de escolaridade, faixa etária etc. - em cidades de grande porte, conclui que “talvez o ponto de partida para as políticas urbanas seja não pensar a heterogeneidade como problema, mas sim como base para a pluralidade democrática”¹⁶.

Há dessa forma uma relação diversificada com bens, meios, produtos e territórios, onde, a despeito do multifacetado leque de influências de caráter global, existe a identidade em relação às interações cotidianas, ao espaço particular, à cultura local e à segmentação de interesses¹⁷ que se refletem na abordagem de tratamento do ambiente urbano.

¹⁵ Gomes, Paulo César da Costa. *Op. cit.*, p. 164.

¹⁶ Canclini, Néstor García. *Op. cit.*, 1999, p. 137 (Nota: .Ainda de acordo com Canclini, “as identidades modernas eram territoriais e quase sempre monolíngüísticas” (...), “por outro lado, as identidades pós-modernas são transterritoriais e multilingüísticas” (Canclini, Néstor García. *Op. cit.*, 1999, p. 59)).

¹⁷ “Ele (cidadão) se sente enraizado em sua cultura local (e não tanto na nacional de que lhe falam o Estado e os partidos), mas essa cultura da cidade é ponto de interseção de múltiplas tradições nacionais – as dos migrantes reunidos em qualquer metrópole – que por sua vez são reorganizadas pelo fluxo transnacional de bens e mensagens” (Canclini, Néstor García. *Op. cit.*, 1999, p. 60).

A partir destes macro-temas, pode-se convergir para uma indagação principal com o objetivo de se formular uma linha provocativa e reflexiva para a condução do processo de desenvolvimento da pesquisa:

De que forma um megaevento esportivo pode estimular a requalificação do ambiente urbano no âmbito das iniciativas físico-espaciais urbanas, no contexto particular de uma típica grande cidade de um país em desenvolvimento?

3. CAPÍTULO I – OS JOGOS OLÍMPICOS COMO FENÔMENO URBANÍSTICO: O grande evento esportivo e a requalificação do ambiente urbano

Sinopse

Neste capítulo, serão abordados alguns importantes pontos relativos à estruturação teórica do presente trabalho, com a definição dos principais autores e instrumentos a serem utilizados para a análise físico-espacial dos impactos relativos a um grande evento esportivo.

Parte-se do princípio de que o grande evento esportivo pode ser um viés estratégico de estímulo à requalificação do ambiente urbano, com conseqüências positivas na imagem da cidade. Ressalta-se, contudo, que nesta pesquisa objetiva-se considerar as ações alicerçadas em questões fundamentais relacionadas à sua infra-estrutura, com expectativa de longo prazo, que lidem com a minoração dos problemas inerentes à baixa qualidade da forma urbana.

Além disso, esta investigação sugere um enfoque particular baseado na hipótese de realização de um grande evento esportivo em grandes cidades típicas de países em desenvolvimento, com peculiaridades importantes em suas configurações físico-espaciais. Desta forma, serão fornecidas referências baseadas, sobretudo, em estudos desenvolvidos por Borja que se reportam a alguns atributos relativos à qualidade da forma urbana que concernem àquelas cidades.

Apresenta-se nesta seção a pouco conhecida “Agenda 21 do Movimento Olímpico”, desenvolvida em Seul, em junho de 1999, e baseada em documento homônimo formulado pelas Nações Unidas durante a Conferência sobre Meio-Ambiente e Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992. Resumidamente, este documento foi concebido, sob a coordenação

de um grupo de trabalho envolvendo o Programa de Meio-Ambiente das Nações Unidas¹⁸ e o Comitê Olímpico Internacional, para traçar as diretrizes fundamentais da integração entre atividades esportivas, meio-ambiente e desenvolvimento sustentável.

Em seguida, abordam-se elementos que se vinculam à qualidade da forma urbana, em escala prioritariamente pontual, através da apresentação de aspectos conceituais e morfológicos desenvolvidos por autores especializados no tema, e que servirão como instrumento de estudo do impacto de grandes eventos esportivos no ambiente urbano.

Este material poderá também subsidiar a construção da conclusão relativa à proposta de implementação de um grande evento esportivo em uma grande cidade típica de um país em desenvolvimento que tem como caso-exemplo a cidade do Rio de Janeiro.

3.1. A imagem urbana e as estratégias de atratividade

Em caráter preliminar, antes de se avançar especificamente no estudo dos elementos que se vinculam à estruturação de grandes eventos esportivos, vistos como agentes catalisadores da qualificação positiva da forma urbana, é importante uma breve análise do contexto mundial contemporâneo a despeito de se lidar com questões subliminares que “somente” permeiam o foco central da pesquisa. No cerne deste contexto, é possível entender que novas variáveis forjaram igualmente novas atitudes em relação ao ambiente urbano, inclusive com novos padrões de veiculação de imagem.

Sobre este ponto específico, independentemente da denominação que se utilize, algumas posturas promocionais, comumente etiquetadas sob a expressão *city marketing*, ganharam força a

¹⁸ *United Nations Environment Programme (UNEP).*

partir de certas variáveis que de alguma forma se correlacionam com a cidade e suas relações operacionais e econômicas¹⁹.

Fundamentalmente, alguns fatores conjunturais contribuíram para o despertar de uma consciência urbana mais ativa e participativa, com a necessidade de uma atitude urbana mais objetiva.

O fenômeno da globalização, estimulado por novos padrões tecnológicos de informação e comunicação, resultou em um cenário mais competitivo e evidenciou a necessidade da cidade em buscar recursos que possibilitem o cumprimento de uma agenda de compromissos mais crítica e exigente e, portanto, com viés incisivamente propositor:

“O mais importante instrumento de gerenciamento para o controle dos usos funcionais do lugar – *land-use* – são providos por um encorajamento mais positivo dos desejáveis do que a prevenção dos indesejáveis”²⁰.

Ou seja, ao invés de cumprir o exclusivo papel de gerenciadora ou mediadora, a gestão pública deve ter uma disposição proativa, focada em escopos, dentre os quais, aqueles que possam resultar na qualificação positiva do espaço urbano, com conseqüências na formação da imagem, na estruturação atrativa e na geração de recursos financeiros e, paralelamente, na minoração dos problemas vigentes:

“O melhor produto que a cidade pode oferecer é ela mesma e sua qualidade urbana”²¹.

¹⁹ Ashworth, Gregory & Voogd, Henk. *Op. cit.*, 1990, p. 2.

²⁰ Ashworth, Gregory & Voogd, Henk. *Op. cit.*, 1990, p. 14.

²¹ Borja, Jordi. *Ciudad y Planificación – La Urbanística para las Ciudades de América Latina* in Balbo, Marcello (et alii) (org.). *La Ciudad Inclusiva*. Santiago: Cepal (Comisión Económica para América Latina y el Caribe), 2003, p. 95.

No contexto das iniciativas promocionais de diferenciação atrativa das cidades, novas técnicas e estratégias de abordagem do ambiente urbano incorporaram iniciativas que podem ser sintetizadas, sem rigidez plena, em cinco vertentes principais (Borja, 2003²²; Kotler, 1997²³; Lacaze, 1997²⁴; Hall, 2001²⁵):

1) Arquitetura e Desenho Urbano; 2) Infra-estrutura; 3) Serviços Básicos; 4) Meio-Ambiente e Ecologia; 5) Atrações.

Em uma instância convergente e final, verificam-se que estas tais formas de lidar com o ambiente da cidade buscam na realidade uma espécie de “reimageabilidade” urbana. Em se

²² “As cidades devem responder a cinco tipos de diretrizes: nova base econômica, infra-estrutura urbana, qualidade de vida, integração social e governabilidade. Somente gerando uma capacidade de respostas a estes pontos, poderão ser competitivas em relação ao exterior e inserir-se nos espaços econômicos globais e, ainda, garantir a sua população o mínimo necessário de bem-estar para que a convivência democrática possa se consolidar” (Borja, Jordi e Castells, Manuel. *Op. cit.*, p. 144).

²³ “Gradativamente, as cidades recaem em quatro grandes estratégias para atração de visitantes e residentes, construção de uma base industrial e aumento das exportações. Estas estratégias são: imagem; atrações; infra-estrutura e população” (Kotler, Philip at al.. *Attracting Investment, Industry, and Tourism to Cities, States, and Nations*. New York: The Free Press, 1997, p. 33).

²⁴ **Nota:** Lacaze, por sua vez, descreve o que denomina “os métodos do urbanismo de comunicação”. Segundo ele, “Trata-se (...), essencialmente, de intervir no domínio das imagens e das dinâmicas comerciais para tirar o melhor proveito possível das possibilidades de sinergia com as indústrias de alta tecnologia” e classifica algumas formas de ação:

1. A comunicação da cidade: “(...) Um dos meios consiste em utilizar todos os acontecimentos locais para tentar aproveitá-los da melhor maneira possível. Isso explica o vigor da concorrência para atrair os acontecimentos de notoriedade mundial como os Jogos Olímpicos.”;

2. Os tratamentos espetaculares do espaço urbano: “Apelando para arquitetos muito famosos para projetar bairros novos ou requalificar os conjuntos existentes. Trata-se de projetar a modernidade e o dinamismo da cidade traduzindo-os diretamente por formas arquitetônicas espetaculares que chamem a atenção do grande público e dos que decidem a economia.” (Lacaze, Jean-Paul. *Op. cit.*, 1993, p. 90).

²⁵ “Os processos de imagem urbana são caracterizados por alguns ou todos [os itens] seguintes:

- O desenvolvimento de uma massa crítica de facilidades e atrações para o visitante, incluindo novos edifícios/prestígio/centros ancoradores - *flagship centres* (i.e. shopping centers, estádios, complexos esportivos e arenas fechadas - *indoor*, centros de convenções, desenvolvimento de cassinos);
- Sediar um evento de prestígio (i.e. Jogos Olímpicos, (...) etc.) e/ou sediar campeonatos esportivos importantes;
- Desenvolvimento de estratégias e políticas turísticas urbanas frequentemente associadas com um novo ou renovação da organização e o desenvolvimento do *city marketing* (...);
- Desenvolvimento de serviços e projetos de lazer ou cultural para embasar os esforços de marketing e turismo (i.e. a criação ou renovação de museus ou galerias de arte o ato de sediar festivais de arte, usualmente como parte de uma estratégia de turismo cultural para uma região ou cidade)”.(Hall, Michael C.. *Op. cit.*, 2001, p. 167-168).

tratando, principalmente, de grandes cidades de países em desenvolvimento com problemas típicos na qualidade de suas formas urbanas, esta nova imagem deve estar ancorada em bases consistentes que lidem com as questões estruturais mais vicerias de longo prazo para a cidade:

“A revitalização de um lugar requer mais do que apenas o desenvolvimento de um produto ou imagem. A recriação do sentido de lugar - *sense of place* - é um processo que envolve a formulação de estratégias de desenho urbano baseadas nos modelos conceituais de cidade que são, por sua vez, baseados nas noções de vida cívica e domínio público e na idéia de planejamento como debate e argumentação”²⁶.

Desta forma, como pode ser visto ao longo desta pesquisa, muitos exemplos de edições de Jogos Olímpicos, por exemplo, dão idéia das possíveis dimensões e alcances relacionados ao grande evento como estímulo ao ambiente urbano, a partir de distintas formas estratégicas. Ao se assumir o grande evento esportivo como catalisador da requalificação do ambiente urbano, pode-se adotar ações nos campos disciplinares acima apresentados com a possibilidade de múltiplas combinações.

A princípio, a participação da administração pública, seja no papel de agente: indutor, moderador, norteador, patrocinador ou condutor do processo, em propostas de relativa envergadura, torna-se fundamental, sobretudo devido à necessidade de comprometimento na manutenção de uma política específica (em uma relação de “tempo-espaço” duradoura e estável, pela própria dinâmica social das cidades)²⁷.

²⁶ Hall, Michael C.. *Op. cit.*, 2001, p. 180.

²⁷ Segundo R. Comans: “Para Roberto Guimarães, o discurso sobre a sustentabilidade encerra, entre seus diversos paradoxos, aquele relacionado ao papel do Estado. Embora a noção tenha sido gerada num momento em que os centros de poder mundial, aí incluídas as agências multilaterais como a ONU, o Banco Mundial e o BID, declaram a falência do Estado como motor do desenvolvimento, o

Na realidade, cada instância de gestão (pública ou privada) desempenha um papel específico, pois, se por um lado, argumenta-se que “a perda da capacidade reguladora do Estado-nação, aliada à crise fiscal e de legitimidade das instituições representativas tradicionais assim como à descentralização administrativa, teria propiciado um fortalecimento político e econômico dos governos locais, convertendo-os nos interlocutores privilegiados dos investidores externos em busca por vantagens competitivas na localização ou expansão de suas empresas e/ou atividades”²⁸, por outro, determinados segmentos intelectuais reconhecem que “as margens de manobra dos Estados nacionais estão longe de ser tão reduzidas quanto um discurso superficial e derrotista sobre a mundialização o pretende, confundindo a crise da representação política com uma crise estrutural que decorreria inelutavelmente das novas configurações nacionais se apagarem. Pois, na situação atual de nossas instituições, os Estados nacionais permanecem com freqüência os únicos vetores eficazes da criação de recursos vitais para a economia (grandes infra-estruturas, educação) implicando financiamentos pesados e duráveis”²⁹.

Além disso, poderia se imaginar – como de fato se imaginou - que a relação do cidadão com o meio físico seria profundamente alterada nos últimos anos. Inovações tecnológicas engendrariam uma forma diversa de produtividade, ocupação do solo e padronização dos meios de trabalho com repercussões fatalistas sobre a configuração das cidades.

colapso da regulação e do planejamento governamental, e propõem sua substituição pelo mercado, a implementação de um modelo de desenvolvimento que se espera sustentável requer necessariamente um mercado regulado e um horizonte de longo prazo para decisões públicas” (Compans, Rose. “Cidades sustentáveis, cidades globais. Antagonismo ou complementaridade?” in A duração das cidades, sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, p. 116).

²⁸ Compans, Rose. Op. cit., 2001, p. 117.

²⁹ Veltz, Pierre. “Tempos da economia, tempos da cidade: As dinâmicas” in A duração das cidades, sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, p. 144.

“A globalização, a informacionalização e a difusão urbana [pareciam] convergir em direção ao desaparecimento da cidade como forma específica de relação entre território e sociedade”³⁰.

No entanto, ao contrário, cada vez mais, o mundo torna-se um meio urbano, com todos os seus defeitos e virtudes:

“Muitos estudos demonstram (...) que as metrópoles continuam a oferecer as maiores vantagens de aglomeração para os circuitos dinâmicos da economia. Elas concentram o poder econômico e político, as capacidades de inovação e as forças de trabalho necessárias para dirigir e coordenar os fluxos produtivos do país. Ainda assim, as cidades são oferecidas pelos governos locais como mera plataforma de vantagens fiscais para os capitais voláteis, ao invés de territórios de ancoragem duradoura dos circuitos econômicos em ambiente de cooperação federada”³¹.

³⁰ Borja, Jordi e Castells, Manuel. Local y Global – La Gestión de las Ciudades en la Era de La Información. Madrid: Taurus, 1997, p. 12.

³¹ Cidades, Ministério das. Cadernos MCidades desenvolvimento urbano: Política nacional de desenvolvimento urbano, 2004, p. 18 (www.cidades.gov.br , acesso: janeiro/2006).

3.2. Algumas características típicas de grandes cidades latino-americanas

A partir de um determinado enfoque do contexto mundial contemporâneo, mais específico dos países latino-americanos, deve-se entender que a consolidação da democracia possibilitou o questionamento da estrutura de suas sociedades e de seus ambientes:

“A intensidade e a visibilidade dos problemas urbanos (congestionamento, insegurança, contaminação do ar e da água, déficit habitacional e serviços básicos) focalizaram esta sensação (sic) de crise [dos países latino-americanos]. Ao mesmo tempo, as dinâmicas econômicas (revitalização), sociais (participação) e políticas (democratização) criaram as condições para a geração de respostas. Estas respostas não nos faltaram: aprovação de projetos de reforma política e financeira em cidades emblemáticas da América Latina [e o] (...) início de planos estratégicos de desenvolvimento econômico, social e urbano baseados em uma ampla participação cívica, descentralização dos governos locais, colocação em marcha de grandes projetos urbanos de iniciativa pública e/ou privada e cooperação de ambos os setores”³².

Neste momento, deve-se atentar para o fato de que a intenção desta pesquisa é pontuar determinadas características físico-espaciais (sobretudo negativas) identificadas, em geral, em grandes cidades de países em desenvolvimento que possam beneficiar-se da realização do grande evento esportivo como estímulo à requalificação do ambiente urbano.

³² Borja, Jordi e Castells, Manuel. Local y Global – La Gestión de las Ciudades en la Era de La Información, Madrid: Taurus, 1997, p. 143.

Para efeito da compreensão dos aspectos relativos aos contornos formais e espaciais urbanos particularmente presentes na maior parte das grandes cidades latino-americanas, realizar-se-á um exame baseado em algumas questões levantadas também por Borja³³ sobre o tema.

Borja organizou algumas impressões de grande relevância sobre os processos de urbanização daquelas cidades com reflexos em suas ocupações geográficas e, principalmente, na relação com os aspectos relativos à qualidade ambiental, um dos temas centrais desta pesquisa.

Sua intenção não era a de necessariamente apontar caminhos, mas apresentar um quadro genérico de grandes cidades típicas latino-americanas, com atributos semelhantes em suas formas urbanas.

Há, por isso, referência obrigatória às “imagens” e formas perceptivas urbanas que serão identificadas a seguir:

- Os “guetos” para as camadas mais ricas, com infra-estrutura independente e “autista”. Contrapõe-se a este fato, a maciça e desenfreada favelização das cidades (com infra-estrutura institucional “independente”, mas, de fato, dependente e impactora) e suas conseqüências na imagem da cidade;

- A degradação ambiental, por falta de infra-estrutura de saneamento; a proliferação dos serviços de natureza pública não regulados (água, gás, transporte clandestino, segurança particular etc.); a ocupação irregular do solo e a vulnerabilidade às catástrofes (incêndios, inundações, queda de barreiras etc.); a constituição de guetos que reproduzem o círculo da marginalidade;

- A degradação das áreas centrais ou de bairros da cidade formal que não se renovaram em sua trama ou atividades e nos quais se produz a dialética da deterioração social, funcional e

³³ Borja, Jordi. Op. cit., 2003, p. 83-84.

do patrimônio físico (incluindo o arquitetônico e urbanístico), perda dos elementos simbólicos (ou identificados com a cidade) e a insegurança;

- A proliferação das atividades informais (ou clandestinas) como ambulantes, guardadores etc. que se disseminam pelas cidades e chocam-se com as atividades cotidianas e formais;

- A menor eficiência de políticas redistributivas e revitalizadoras (por exemplo, mediante a geração de novas centralidades, criação de espaços públicos de qualidade nos bairros de menor valorização) devido ao baixo nível de demanda solvente e a menor integração cívica da população;

- A dificuldade de reconversão de áreas ou a implementação de soluções que reproduzem a marginalidade a partir de uma formalidade teórica (conjuntos habitacionais públicos de baixa qualidade e apartados física e culturalmente da cidade formal).

Todo este complexo quadro deve ser tratado através de uma série de ações, evidentemente vinculadas a variáveis multidisciplinares que, em primeira e premente instância, passa necessariamente pela equalização da condição sócio-econômica da população dos países em desenvolvimento, através de uma melhor distribuição de renda, aumento de poder aquisitivo e acesso democratizado aos valores que determinam a condição de cidadania. Contudo, os aspectos causais de ordem sócio-econômica, embora de fundamental importância por razões sistêmicas, escapam aos objetivos desta pesquisa, particularmente focada nas ações e gestões relacionadas especificamente às condicionantes físico-espaciais relativas à requalificação da forma urbana que reverberem na formação de sua imagem e na qualidade de vida de seus “usadores e usuários”³⁴:

³⁴ **Nota:** “Esse termo foi “inventado” em um seminário de pós-graduação coordenado pelo professor José de Souza Martins como necessidade de entender uma idéia de Henri Lefebvre e para o qual acreditávamos não existir uma palavra em português capaz de traduzí-la em seu sentido mais amplo. “Lefebvre propõe *usager* e “*usager*”. Assumimos como “*usager*” o usador. (...) Não existe palavra bem definida e possuindo uma forte conotação para a designar. A prática espacial os marginaliza até na linguagem (...). De

“Várias pesquisas mostram que as metrópoles com vantagens na competição pela atração dos fluxos econômicos são as de menor índice de polarização social e não as de menores custos salariais. Ou seja, as cidades competitivas são as que se recusam a desmontar os seus sistemas de proteção social. Aquelas que buscam oferecer a desregulamentação como vantagem tiveram seu crescimento limitado pela própria queda na qualidade de vida”³⁵.

Assim, serão adotadas duas vertentes de abordagem da questão da requalificação urbana.

A primeira, em uma escala mais regional, procura atender a uma demanda de maior equilíbrio. Uma espécie de “medida compensatória” ao sobreprover recursos aos segmentos mais desassistidos da população. Desta forma, há um deliberado (e necessário) desequilíbrio na atenção social em relação ao padrão de alocação dos recursos, determinado pelas necessidades reais de cada segmento da cidade (Harvey, 1980³⁶).

modo que para o usuário estão os modos de consumo, como o que se forja a identidade do consumidor, enquanto para o usador estão as relações de qualidade que implicam fluxos de sentidos ligados à realização de energias vitais: o espaço do corpo, os alimentos, o sono...”(Odette Carvalho de Lima Seabra. *A Insurreição do Uso*, in Martins, J. S. (org.) *O Retorno da Dialética*. São Paulo: Hucitec, p. 78) (Carlos, Ana Fani Alessandri. *Espaço-Tempo na Metrópole. A Fragmentação da Vida Cotidiana*. São Paulo: Editora Contexto, 2001, p. 40).

³⁵ Cidades, Ministério das. *Cadernos MCidades desenvolvimento urbano: Política nacional de desenvolvimento urbano*, 2004, p. 19 (www.cidades.gov.br, acesso: janeiro/2006).

³⁶ **Nota:** “Necessidade: (...) Não são constantes porque elas são categorias da consciência humana e desde que a sociedade se transforma, a consciência da necessidade transforma-se também. (...) As necessidades podem ser definidas a respeito de um número de diferentes categorias de atividade – permanecendo estas completamente constantes no tempo: Alimento; Habitação; Cuidados Médicos; Educação; Serviço Social e Ambiental; Bens de Consumo; Oportunidades de Lazer; Amenidades de Vizinhaça; Facilidades de Transporte.

Contribuição ao bem comum: A noção de contribuição ao bem comum sugere que [a] tecnologia existente deveria ser usada para aumentar [o] conhecimento das transferências de renda inter-regionais, ligações inter-regionais, efeitos de expansão espacial etc., em tal medida que tivessem conseqüências atuais ou potenciais para a distribuição de renda na sociedade. (...) [Pode-se] procurar aperfeiçoar as alocações existentes dado o padrão existente de multiplicadores inter-relacionais ou [pode-se] considerar uma abordagem mais radical e buscar reestruturar o padrão de multiplicadores inter-regionais pela reorganização do próprio sistema espacial.

A segunda questão relativa à requalificação urbana atém-se a uma escala mais localizada e identifica as formas específicas que se reportam pragmaticamente aos projetos urbanos (na análise e na ação).

Baseado ainda em trabalho desenvolvido por Borja, serão investigadas “oportunidades” urbanas plausíveis de condução e compreensão dos problemas das cidades latino-americanas.

O embate destes dois extremos da questão da gestão urbana pode pontuar positivamente na organização de um grande evento esportivo (“oportunidade”) e a baixa qualidade da forma urbana na maior parte das grandes cidades dos países em desenvolvimento (“problema”).

Borja identifica “tipos” de concentrações presentes e que demandam ações reguladoras ou de maior proatividade na gestão e administração urbana³⁷:

- 1) Centros tradicionais ou “Cidade Velha”. Segundo o autor, estes lugares “da diferença” são os principais fatores urbanos de integração cidadã e uma oportunidade em meio à globalização, no auge do turismo e dos congressos. Constituem-se em desafios, face aos tecidos possivelmente densos e deteriorados, com algumas áreas especializadas no setor terciário congestionadoras. Borja destaca a necessidade de manterem-se funções residenciais que assegurem animação e segurança urbana.
- 2) Tecidos urbanos e novas centralidades. Neste caso, o “novo desenvolvimento urbano” deve considerar e fazer-se em grande parte na cidade (já) construída. Como nas cidades europeias, a questão é como recuperar “impactos fragmentadores de infra-

Mérito: [Harvey traduz] o conceito de “mérito” em um conceito geográfico, como se relacionando com o grau de dificuldade ambiental. Tais dificuldades podem surgir de circunstâncias no meio físico. (...) Se há necessidade de uma facilidade (...) então recursos extras deveriam ser alocados para contrabalançar [por exemplo, um determinado acidente]. Em termos da ordenação simples que [Harvey impôs] ao critério de justiça social isso significa que se uma facilidade é procurada, se ela contribui ao bem comum de algum modo, então e somente então justificar-se-ia uma alocação extra de recursos para sua satisfação” (Harvey, David. A Justiça social e a cidade. São Paulo: Editora Hucitec, 1980, p.90).

³⁷ Borja, Jordi. Op. cit., 2003, p. 89-92.

estruturas viárias”, tratar interstícios desocupados e desestimular o crescimento em direção às periferias carentes de infra-estrutura urbana. Neste caso, Borja traça uma subdivisão da classificação da seguinte forma:

- Requalificação de bairros consolidados mediante a política dos espaços públicos, melhoria dos serviços urbanos e promoção de iniciativas culturais;
- Programas públicos ou privados (ou ainda mistos) de reabilitação residencial ou de renovação que podem implicar em mudança de residentes ou de usos (novas atividades comerciais e turísticas). Neste caso, o próprio autor destaca a importância da gestão pública em função dos aspectos conflitivos inerentes à estratégia com mudança ou deslocamento de população e atividades.
- Novas centralidades. Os bairros tradicionais, próximos ao Centro mas degradados, que foram subúrbios no passado, carecem de acessibilidade, monumentalidade, visibilidade e equipamentos e serviços que os dotem de funções centrais. As indicações do autor são de que um planejamento para consolidar novas centralidades pode tanto revitalizar bairros como melhorar as “funções do conjunto da cidade, freando as dinâmicas dualizadoras (concentração-marginalização)”; para isso, seria necessária a forte participação da gestão e administração pública para: a) melhorar a acessibilidade por meio de transporte público e novos centros de transferência intermodal; b) “realizar algumas operações imobiliárias (...) que sirvam para o engajamento, através da imagem e da credibilidade, dos agentes privados” e c) definir parâmetros normativos que facilitem a mudança de usos ou intensidades de ocupação em pontos de centralidade,

mas que garantam suas inserções no tecido urbano existente, com o objetivo de evitar que estas novas centralidades tornem-se “enclaves especializados”.

- 3) Recuperação de áreas ocupadas por infra-estruturas obsoletas. Estas são, de acordo com Borja, algumas das melhores oportunidades de promover projetos integrados que recuperem e dêem novos usos a áreas portuárias e ferroviárias, quartéis, edifícios públicos, edifícios ou áreas industriais, depósitos e galpões etc.

As dificuldades, neste caso, são de haver instrumentos de gestão e recursos financeiros para condução destes programas.

- 4) Projetos de transporte, eixos de desenvolvimento urbano, espaços públicos e novas centralidades. Aqui também se faz necessária a instrumentalização de mecanismos que possibilitem a cooperação pública e privada. Em geral, é recomendável que se utilizem meios de transporte de caráter coletivo, não poluentes, para que não ocorra uma maior sobrecarga do tráfego - na América Latina fortemente concentrado no privilégio ao transporte veicular privado, - além de democratização de acesso ao transporte, facilidade e agilidade de deslocamento, desconcentração da estrutura urbana etc.

- 5) Atuação sobre a cidade informal. Borja destaca que as atuações sobre a cidade informal não devem afastar-se da lógica de fazer cidades, seu reconhecimento e a melhoria de suas condições de vida são primordiais para qualquer ação que se queira nas cidades.

Estes espaços requerem medidas enérgicas, pois são espaços onde a ausência praticamente completa do poder público cria uma sociedade paralela, onde a qualidade das formas urbanas fica bastante comprometida.

(Jáuregui, em relação a esta questão, enfatiza a importância do “desenho urbano nestas circunstâncias que têm por finalidade instaurar a dimensão do espaço público como âmbito de qualidade”³⁸).

3.3. Agenda 21 do Movimento Olímpico

Traçado este quadro contextual (mundial e regional) e identificadas as características gerais, sempre do ponto de vista da oportunidade do grande evento esportivo, torna-se importante reconhecer alguns elementos conceituais e morfológicos que compõem a imagem da cidade na esfera local (pontual).

Primeiramente, já com enfoque direcionado ao grande evento esportivo e seu impacto na estrutura urbana, convém destacar alguns pontos previstos na pouco conhecida “Agenda 21 do Movimento Olímpico”, baseada em documento homônimo formulado pelas Nações Unidas durante a Conferência sobre Meio-Ambiente e Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992.

Em síntese, este material desenvolvido em Seul, em junho de 1999, e igualmente endossado no Rio de Janeiro, em outubro de 1999, durante a IIIª Conferência Mundial sobre Esporte e Meio-Ambiente do Comitê Olímpico Internacional, foi concebido sob a coordenação de um grupo de trabalho envolvendo o Programa de Meio-Ambiente das Nações Unidas³⁹ e o Comitê Olímpico Internacional, para traçar as diretrizes fundamentais da integração entre atividades esportivas, meio-ambiente e desenvolvimento sustentável.

³⁸ Jáuregui, Jorge Mario. *Op. cit.*, www.jauregui.arq.br, 2004.

³⁹ *United Nations Environment Programme (UNEP)*.

O programa de ação do Movimento Olímpico para o desenvolvimento sustentável parte de três linhas básicas:

1) Melhoria das condições sócio-econômicas, através de:

1.1) Difusão da proposta de olimpismo, com a colocação do esporte a serviço do desenvolvimento humano através do incentivo a uma sociedade pacífica com a preservação da dignidade humana, como descrita dos Princípios Fundamentais da Carta Olímpica;

1.2) Cooperação internacional para o desenvolvimento sustentável, através de uma política de colaboração com instituições internacionais responsáveis pela implementação deste conceito (de desenvolvimento sustentável), particularmente com o Programa de Meio-Ambiente das Nações Unidas;

1.3) Combate à exclusão, em conformidade com a Carta Olímpica, o COI assegura que não há espaço para organizações e indivíduos que, por regulamentos, ação ou omissão, encorajem a exclusão de indivíduos ou grupos.

As Federações Internacionais devem dar prioridade ao incentivo de atividades esportivas em círculos sociais não-privilegiados.

1.4) Mudança de hábitos de consumo:

Os modelos de desenvolvimento não-sustentável estão impondo consideráveis responsabilidades ao meio-ambiente, enquanto os grupos marginalizados não conseguem satisfazer suas necessidades básicas por alimento, cuidado médico, residência e educação.

Segundo o documento da "Agenda 21 dos Movimentos Olímpicos", a família olímpica está comprometida em tomar posição ativa em promover – através de regulamentações, educação e exemplo – o uso de equipamentos produzidos através de materiais não-poluentes ou reciclados de forma a economizar materiais primários e energia;

1.5) Proteção à saúde, através do movimento esportivo. O movimento olímpico intensificará o combate ao *doping* e a saúde será parte integrante da educação esportiva. O que inclui os aspectos de nutrição, higiene, combate a doenças contagiosas e infecciosas, proteção dos grupos vulneráveis e a saúde de populações urbanas.

1.6) Habitat humano e assentamentos:

Para remediar esta situação, a Agenda 21 atribui grande importância à promoção de um modelo viável para os assentamentos humanos. “O movimento esportivo deve participar na promoção e intenciona fazê-lo através de exemplos de integração entre os conceitos de facilidades esportivas e o ato de sediar grandes eventos”⁴⁰.

“As facilidades esportivas serão construídas ou convertidas para assegurar a integração harmoniosa com o contexto local, seja natural ou artificial, e de acordo com considerações no planejamento do uso do solo. A infra-estrutura deverá permitir o uso de materiais de construção duráveis e seguros, o uso econômico de água e energia e um eficiente gerenciamento de dejetos (poluentes). O uso de recursos recicláveis e suprimento de energia será uma prioridade. Qualquer edificação ou trabalho de conversão deverá considerar os princípios de proteção ambiental e idealmente ser sujeito a um prévio estudo de impacto ambiental”⁴¹.

O documento estabelece uma importante afirmação, ao considerar que “nestes eventos, a criação de acomodações residenciais para os atletas e outros membros do movimento esportivo

⁴⁰ International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Olympic Movement’s Agenda 21 – Sport for Sustainable Development, www.olympic.org, 1999, p. 30.

⁴¹ International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Op. cit., 1999, p. 30.

deve ser desenhada de forma a prover um auxílio à estratégias residenciais locais, sem esquecer os membros mais pobres da sociedade⁴².

1.7) Integração do conceito de desenvolvimento sustentável nas políticas esportivas:

Mecanismos [devem] ser instituídos ou reforçados para fortalecer a participação na política de desenvolvimento sustentável dos movimentos e atividades olímpicos através de indivíduos, grupos e organismos comprometidos com o meio-ambiente e o desenvolvimento.

2) Conservação e gerenciamento dos recursos para o desenvolvimento sustentável:

Há algum tempo, o movimento olímpico considera o meio-ambiente como um terceiro pilar do olimpismo, junto com o esporte e a cultura.

A “Agenda 21 do Movimento Olímpico” coloca a política de defesa do meio-ambiente do Movimento Olímpico em um contexto mais amplo do desenvolvimento sustentável. Assim, as atividades ambientais do movimento olímpico são agora organizadas para a preservação e manutenção dos recursos naturais e do meio natural para incrementar as condições sócio-econômicas.

2.1) Metodologia da ação ambiental para o movimento olímpico:

“Em termos gerais, todas as ações empreendidas pelo movimento olímpico devem ser tomadas com o devido respeito ao meio-ambiente e ao espírito do desenvolvimento sustentável, estímulo à educação ambiental e permissão para que atividades específicas auxiliem a preservação do meio-ambiente.

Na construção ou conversão de facilidades ou planejamento de eventos esportivos de grande escala, aqueles responsáveis deverão assegurar que um estudo de impacto ambiental prévio será realizado para assegurar respeito ao meio-ambiente cultural, social e natural⁴³.

⁴² International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Op. cit., 1999, p. 30.

2.2) Proteção de áreas de conservação e interior:

“Atividades esportivas, facilidades e eventos devem ser organizados de forma a assegurar a proteção de áreas de conservação, o interior, a herança cultural e os recursos naturais como um todo. Eles deverão ser implantados de maneira a minimizar o impacto ambiental das infra-estruturas associadas a eles, como habitação, vias de tráfego, comunicação, suprimentos de eletricidade, suprimentos de água e alimento, e processamento e depósito de dejetos”⁴⁴.

O documento prevê ainda que “o planejamento e o financiamento das estruturas temporárias deve incluir provisão para a restauração do [respectivo] sítio após suas desmontagens (desmobilizações)”⁴⁵.

2.3) Facilidades esportivas:

Além das precauções abordadas em itens anteriores quanto ao meio-ambiente e controle de material poluente, a “Agenda 21 do Movimento Olímpico” prevê que deve-se empreender um esforço para se incentivar um eficiente uso das facilidades esportivas existentes, para que sejam mantidas em boas condições e desenvolvidas de forma a melhorar a segurança e a redução de seu impacto ambiental.

2.4) Equipamentos esportivos:

De acordo ainda com o mesmo documento, “os membros do movimento Olímpico serão encorajados a dar preferência a equipamentos esportivos ambientalmente corretos – por exemplo, equipamentos que utilizem produtos recicláveis”⁴⁶.

2.5) Transporte:

⁴³ International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Op. cit., 1999, p. 33.

⁴⁴ International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Op. cit., 1999, p. 34.

⁴⁵ International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Op. cit., 1999, p. 34.

⁴⁶ International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Op. cit., 1999, p. 36.

Apesar de reconhecer a importância do transporte, o documento ressalta que há uma “contribuição aos problemas ambientais, incluindo poluição do ar, o consumo de energia não-renovável e a utilização excessiva de solo para as vias e áreas de estacionamento”. Propõe que o movimento Olímpico promova esquemas que objetivem o incentivo a meios de propulsão não-poluente, a utilização de transporte público e até mesmo emprego de meios de deslocamento que utilizem a força muscular humana.

2.6) Energia:

Em função dos princípios do desenvolvimento sustentável, os membros do movimento Olímpico devem estar comprometidos em:

- Reduzir o consumo de energia onde for excessivo;
- Promover o uso de novas tecnologias, equipamentos, facilidades e práticas que encorajem a utilização de fontes de energia renovável e economia de energia;
- Incentivar o acesso a fontes de energia renovável e não-poluente, em áreas sem tradição neste tipo de suprimento de energia.

2.7) Acomodações e *catering* em eventos esportivos de grande porte:

Devido à visibilidade do movimento Olímpico, a organização de acomodação e *catering* para eventos esportivos de grande porte, segundo o documento, deve ser exemplar. Especificamente, os objetivos são:

- Encorajar estruturas de acordo com o item 1.6 desta Agenda 21;
- Observar severas condições de higiene;
- Utilizar alimentos e produtos que tenham sido criados com o devido respeito ao desenvolvimento da população local e à proteção do meio-ambiente;
- Minimizar o desperdício através da maximização de reciclagem de produtos utilizados;
- Processar dejetos que não possam ser reciclados.

2.8) Gerenciamento de água:

Em extensões crescentes do mundo, a quantidade e a qualidade das reservas de água estão ameaçadas. Há um compromisso do movimento olímpico em organizar eventos, segundo os seguintes princípios:

- “Incentivar ações que objetivem a proteção das reservas de água e preservem a sua qualidade;
- Evitar práticas que coloquem em risco águas subterrâneas e superficiais;
- Assegurar que o desperdício de água gerado por atividades esportivas seja reciclado;
- Não comprometer o suprimento de água em determinada região simplesmente para satisfazer as necessidades das atividades esportivas”⁴⁷.

2.9) Gerenciamento de produtos de risco, desperdício e poluição:

O documento reconhece que existem atividades humanas que envolvem risco, desperdício e poluição. Algumas, inclusive, associadas à atividade esportiva. O movimento Olímpico compromete-se a:

- “Evitar a utilização de produtos reconhecidos como de risco ou tóxicos aos seres humanos ou poluentes do meio-ambiente;
- Não encorajar a prática, manufatura ou técnica agrícola que requeira o uso destes produtos;
- Minimizar a quantidade de desperdício a ser eliminada e processada e promover programas comunitários para o gerenciamento e a reciclagem (de desperdício);
- Beneficiar-se da criação de novas facilidades esportivas, a renovação das existentes, a criação de nova infra-estrutura e a organização de grandes eventos para remediar sítios contaminados por produtos de risco ou tóxicos, poluentes ou desperdício;

⁴⁷ International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Op. cit., 1999, p. 39.

- Minimizar todas as formas de poluição, particularmente a sonora;
- Fundamentar-se em práticas e tecnologias bem sucedidas utilizadas em Jogos Olímpicos passados para minorar [o problema da] poluição”⁴⁸.

2.10) Qualidade da biosfera e manutenção da biodiversidade:

A Agenda 21 do Movimento Olímpico destaca a necessidade da preservação dos recursos naturais, físicos e biológicos da biosfera, planeta Terra, e de sua diversidade – biodiversidade. O movimento Olímpico rechaça práticas, especialmente esportivas, [associadas a] ou que:

- “Dêem margem à desnecessária ou irreversível contaminação do ar, solo ou água;
- Ameace a biodiversidade ou coloque em perigo planta ou animal;
- Contribua para a derrubada de florestas ou seja prejudicial à conservação do solo”⁴⁹.

3) Fortalecimento do papel dos grupos principais:

A “Agenda 21 do Movimento Olímpico” atribui importância a que os diferentes grupos sejam respeitados, na prática democrática das decisões relacionadas ao desenvolvimento sustentável. O movimento olímpico acredita que pode fortalecer o papel de dois grupos específicos: das Mulheres e dos Jovens. Além disso, considera que se deva prestar atenção apropriada às comunidades indígenas que constituem parte importante da população global e que sofrem também freqüentemente da exclusão social.

A “Agenda 21 do Movimento Olímpico”, enfim, procura nortear ações que promovam a qualidade do meio-ambiente e a inclusão social. Ainda que possa ser considerado como um instrumento de autopreservação, frente a um certo ceticismo sobre seus benefícios diante de tamanha grandiosidade, o movimento olímpico tem enviado solicitações aos seus partícipes para

⁴⁸ International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Op. cit., 1999, p. 39 e p. 40.

⁴⁹ International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Op. cit., 1999, p. 41.

que assumam responsabilidades específicas que possam, inclusive, tentar reverter situações concretas de degradação ambiental (por exemplo: Tunchon-dong, Seul, Korea, 1988; Homebush Bay, Sidney, Austrália, 2000) e exclusão social (por exemplo: população aborígine, Sidney, Austrália, 2000).

Toda iniciativa de determinado país ou cidade em sediar um evento esportivo, segundo as próprias orientações do Comitê Olímpico Internacional (COI), deve reafirmar o compromisso em garantir a integridade e o conforto de seus participantes, mas, antes de tudo, deve permitir um impulso positivo à cidade e à vida cotidiana.

3.4. Elementos conceituais e morfológicos e a qualidade da forma urbana: Como se conformaria um legado olímpico

Especificamente, a partir da questão morfológica, fica mais claro compreender a cidade, a fim de que o domínio das partes possa contribuir para a avaliação e a ação relativa à qualidade final da forma urbana. Pois, fundamentalmente, tão ou mais importante que o contexto é compreender os instrumentos de análise que se vinculam à questão da qualidade do ambiente urbano.

Assim, torna-se imprescindível destacarem-se algumas categorias, dimensões e elementos conceituais e morfológicos identificados com o campo disciplinar do desenho urbano. Este corpo teórico assistirá à análise do programa arquitetônico-urbanístico que toma como base o maior evento (esportivo) do mundo – os Jogos Olímpicos – e:

- a) o correlacionará às suas reversões em legados físico-espaciais urbanos
- b) o tornará referência aos alcances e escalas de intervenção urbana, suas pertinências e seus objetivos.

Como é notório, muitos autores dedicaram-se à determinação de diferentes metodologias de abordagem da questão do desenho urbano - em seu âmbito físico-espacial - correlacionado às suas qualidades intrínsecas. Parte-se, aliás, do pressuposto que a subjetividade dos diferentes partícipes do ambiente urbano, quanto ao que “é bom” ou a “o que é uma boa cidade”, descarta a possibilidade de uma “teoria única da gênese e da função da cidade que congregue todos os aspectos significativos da vida da cidade”⁵⁰, ou, melhor ainda, talvez seja considerar que “é exatamente da riqueza de dimensões analíticas em sua complementaridade que reside a sua força maior”⁵¹.

Embora, para alguns importantes autores - Argan, por exemplo - deva existir certa cautela em estabelecer-se uma teoria da forma urbana sem a relativização quanto às especificidades e temporalidades de cada concentração urbana, alguns ícones teóricos do urbanismo (como, por exemplo, Rossi, Alexander etc.), cada qual à sua maneira, aventuraram-se por esta seara e desenvolveram notáveis trabalhos em que procuraram sistematizar um conjunto de situações que tratam da espacialidade urbana, e que serão aqui destacados.

Antes que sejam destacadas as categoriais principais utilizadas para o estudo das diversas intervenções de caráter físico-espacial verificadas ao longo da história Olímpica, alguns pressupostos iniciais devem ser reconhecidos em particular. A intenção, assim, nos limites deste trabalho, é criar um padrão referencial de abordagem da questão da forma urbana com ênfase específica na morfologia urbana.

Em primeiro lugar, superado os momentos mais radicais do racionalismo modernista urbano, passou-se a reconhecer e a se buscar a identificação de uma qualidade de intervenção em relação à forma urbana menos standardizadora e mais atenta às idiosincrasias locais. De

⁵⁰ Lynch, Kevin. *A boa forma da cidade*, Lisboa: Edições 70 Ltda., 1999, p. 44.

⁵¹ Del Rio, Vicente. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*, São Paulo: Pini, 1990, p. 57.

forma geral, como modelo (ou “idealização”), pode-se dizer que as cidades são resultantes processuais históricas. No caso específico deste estudo, entretanto, objetiva-se identificar ações que assegurem um valor destacado das dimensões ambientais, culturais, sociais etc. a partir de seus atributos físico-espaciais urbanos pautados por um fato determinado e localizado: a ocorrência de um megaevento esportivo, como estímulo catalisador de iniciativas urbanas. O que se reconhece significar, em linhas gerais, uma certa ruptura temporal na evolução (histórica) gradual que “normalmente” experimentam as cidades.

Vale ainda observar que se considera como “elemento catalisador” aquele ou aquilo que estimula ou dinamiza situações, fatos etc. e funciona como harmonizador de tendências confluentes. Ou seja, pode ser compreendido como um tipo de “elemento propulsor” (Rossi).

Também é oportuno se ratificar que a projeção que se realiza no espaço físico somente pode ser considerada a partir de apropriações que considerem as interseções sociais e satisfaçam as dimensões culturais, os sentidos humanos, os anseios explícitos e latentes, as demandas funcionais etc. em uma dinâmica permanente – e saudável - de confronto entre dados objetivos (intelectualmente sociais) e subjetivos (emocionalmente individuais), como será melhor entendido ao longo desta seção ao se observarem distintas considerações realizadas por autores notórios.

O tripé formado pelos conceitos de: a) morfologia urbana, b) imageabilidade urbana e c) qualidade da forma urbana parece ancorar o tema que possui em seu ponto central a requalificação da vida urbana. Soa até mesmo óbvio contrapor à recorrentemente citada “anomia urbana” a objetividade do “ordenamento urbano”. Como será percebido através da análise dos elementos relacionados à qualidade da forma urbana, a idéia de estruturação embasa todas as propostas que se reportam aos atributos físico-espaciais. Desde as iniciativas mais triviais de posturas urbanas, com passagens pela conformação de uma infra-estrutura básica (água, esgoto, iluminação etc.) com alguma “dignidade”, até as ações mais complexas de implementação de

projetos urbanísticos. Simplificadamente, ao se tomar como base o campo disciplinar da psicologia das formas, deve-se pontuar que a mente humana tende a sintetizar e a espontaneamente perceber as formas e conteúdos que mais lhes agradam, em oposição aos quadros de viés notadamente confuso, desorganizado ou banal.

Em outra síntese, o que se busca no âmbito da qualidade da forma urbana, como se compreenderá em função das citações e análises a seguir, é que o ordenamento urbano tenha relação com a vitalidade urbana. Desta forma, a riqueza do ambiente da cidade transformar-se-á em uma verve de potencial evidente e subseqüentemente se refletirá na própria vida urbana, com benefícios diretos na população usadora e usuária, e possivelmente com impactos indiretos na atratividade de novos partícipes. Por definição, os elementos do campo da morfologia urbana materializam propostas que buscam inferir uma outra (nova) imagem nos trechos ou totalidades urbanas. Ao fazê-lo positivamente, incrementam a qualidade da forma urbana através da determinação de espaços mais ordenados, aprazíveis, inspiradores e com postura cidadã.

Obviamente, não há uma regra rígida e infalível para a assunção de um novo patamar superlativo de atributos relacionados à forma urbana. Mas, há uma importante produção intelectual no âmbito do urbanismo que tende a tornar um pouco mais factível a conformação deste fato. Dar-se-á desta forma o estudo de alguns autores que formularam propostas que diretamente se reportam à formas urbanas, suas qualidades e imageabilidades, com repercussões fundamentais da vida nas cidades (e na “vida das cidades”).

Deve-se assumir, entretanto, que é de interesse particular da presente pesquisa a análise de lugares de natureza construída ou ainda culturalmente constituídos⁵² – os espaços artificiais⁵³, resultantes da ação humana: *natura artificialis*⁵⁴.

⁵² **Nota:** A assunção do estudo “de lugares de natureza construída ou ainda culturalmente constituídos” pode dar margem à interpretação de que se busca exclusivamente a compreensão dos processos históricos “ditos lineares” ou erroneamente considerados “sem pontos de inflexão importantes”. Deve-se salientar que, no contexto dos interesses da presente pesquisa, todos os dados que

A análise da célebre obra de Rossi, *A Arquitetura da Cidade* (1966), por exemplo, fornece subsídios suficientes para a compreensão dos fatos urbanos e as diversas escalas existentes no “lugar” (escala da rua, do bairro e da cidade). Além disso, a relevância da adoção desta referência bibliográfica reside principalmente na constatação de que, além de muitas edificações individuais, diversas vilas olímpicas e/ou parques olímpicos concebidos para atender às exigências específicas do evento, e vistos como elementos transformadores da paisagem urbana em suas respectivas épocas, adquiriram ao longo do tempo – dimensão histórica - a qualidade (atributo) ou a condição de “fatos permanentes”. Características que, evidentemente, se remetem à qualidade da forma urbana.

A importância destes artefatos, como será documentado nas seções dedicadas à consolidação dos Jogos Olímpicos, evidencia-se em parcelas significativas das cidades que os sediaram. Significa, assim, que a “permanência” de muitas das estruturas originais das Olimpíadas, relacionadas às vicissitudes urbanas, pode ser constatada sob a perspectiva da decorrência recente de alguns anos ou suficientemente distanciada por várias décadas desde suas respectivas realizações.

Em outras palavras, constituintes da “estrutura física da cidade”, corroboram (na “persistência”) o pensamento de Rossi de que a cidade é uma criação coletiva cronologicamente cumulativa, - “a do antes e depois, a da continuidade e a dos elementos permanentes patológicos

influem, por intervenção humana, em “curto ou longo intervalo de tempo”, na formação do ambiente urbano analisado é considerado relevante.

⁵³ **Nota:** Embora não faça parte do escopo desta pesquisa, determinada análise dos elementos morfológicos poderia conduzir ao estudo das condições climáticas e conformações geo-topográficas naturais locais mais expressivas (lagoas, montanhas, planícies, praias etc.) que também influenciariam a conformação da paisagem do lugar, principalmente em função das formas de implantação dos “elementos artificiais” (a partir da realidade geradora “natural”).

⁵⁴ “Os romanos diferenciavam dois tipos de natureza. Uma correspondente ao lugar primevo, com sua conformação original e sem intervenções humanas – a *natura naturalis*. Outra, aquela criada pela alteração do território pelo homem, que se utiliza, ele próprio, dos elementos da própria natureza para recriá-la – a *natura artificialis*” (Nogueira, Mauro Neves. A idéia do edifício em James Stirling. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ-FAU-PROARQ, 1999, p. 30).

(sic) e propulsores”⁵⁵, - não facilmente reduzível a uma “idéia básica”, pois, ela resulta na realidade da “soma de muitas partes, bairros e distritos, muito diferentes e diferenciados em suas características formais e sociológicas”⁵⁶.

Independente de algumas funções que possam ter sofrido alterações após o evento olímpico, a presença física e espacial de muitas instalações confere-lhes muitas vezes a condição de elemento primário, “capazes de acelerar o processo de urbanização de uma cidade”. Algo bastante próximo do raciocínio desenvolvido por Rossi, portanto, quanto aos elementos permanentes: “Eles agem freqüentemente como catalisadores. Originalmente, sua presença só se pode identificar com uma função (e, nesse caso, coincidem com as atividades fixas), mas logo se elevam a um valor mais significativo. Nem sempre, contudo, são fatos físicos, construídos, detectáveis: podemos considerar, por exemplo, o lugar de um acontecimento que por sua importância deu lugar a transformações espaciais”⁵⁷.

Para a visualização prática mais destacada destes elementos de maior relevância na estrutura físico-espacial da cidade, utilizar-se-á um recurso adaptado daquele adotado por Rowe na análise comparativa entre a estrutura de formatação típica de uma cidade tradicional e uma Modernista, “que se apresentam quase como leituras reversíveis de um diagrama de *Gestalt* com ilustração das flutuações do fenômeno de figura-fundo”⁵⁸. Através deste instrumento de representação gráfica - *ad hoc* - é possível entender as transformações da textura para estudo da questão das permanências (e transformações) urbanas (em seus aspectos evolutivos) na relação

⁵⁵ **Nota:** O contexto deste pensamento, estruturado por expressões como “herança indutora”, “processo de desenvolvimento urbano” e, ainda, “elementos propulsores”, induz ao entendimento de que há “produção” ou “geração” de algo. Portanto, possivelmente, a expressão “patológica” – que se referencia “ao estudo das patologias” – seria melhor explicativa ou elucidativa do que por “patogênico” – que se remete a “produtor” ou “gerador” de patologias. Ressalta-se, contudo, que o autor desta nota desconhece o texto original (em italiano). (Rossi, Aldo. *Arquitetura da cidade*, São Paulo: Martins Fontes, 1ª. Edição, 2ª. Tiragem, 1998, p. 53).

⁵⁶ Rossi, Aldo. *Op. cit.*, 1988, p. 66.

⁵⁷ Rossi, Aldo. *Op. cit.*, 1988, p. 117.

⁵⁸ Rowe, Colin. *Collage City*. Massachusetts: The MIT Press, 8a. impressão, 1995, p. 62.

direta com uma determinada cidade ou com um trecho urbano. Por indução de raciocínio, entretanto, torna-se também um recurso factível que ilustra o partido conceitual de abordagem de situações semelhantes em contextos temporais e topológicos bastante distintos.

A referência de Lynch, por sua vez, contribui para determinar três dimensões interdependentes e complementares à conformação de um corpo teórico “que explique a cidade como fenômeno espacial”, através da: a) “teoria da decisão”, que “reivindica como são ou como deveriam ser tomadas as complexas decisões públicas relativas ao desenvolvimento da cidade”; b) “teoria funcional”, “que tenta explicar por que razão (...) as cidades assumem a forma que assumem e como é que essa forma funciona” e c) “teoria normativa”, que “trata das ligações generalizáveis entre os valores humanos e a forma dos aglomerados populacionais, ou de como se reconhece uma boa cidade quando se encontra uma”⁵⁹. Mais adiante, ainda nesta seção, aprofundar-se-á o estudo das qualidades urbanas relatadas pelo mesmo autor (Lynch). Preliminarmente, contudo, é importante pontuar-se alguns outros aspectos.

Um dado importante, por exemplo, diz respeito à complexidade na aferição das qualidades do ambiente. Frequentemente, para sua compreensão se recorre ao estudo dos aspectos perceptivos, principalmente os de caráter visual, que possibilitam o estabelecimento da relação do homem com seu entorno, para entender “por que algumas formas, [na ampla dimensão de seus atributos visuais e conformações espaciais], agradam e outras não”.

Este interesse ativo da mente, analisado através da “ciência ecológica, incluindo a psicologia ambiental”⁶⁰, remete-se à relação conjunta entre lugares e pessoas. Carr (et alii), em sua publicação “Public Space”, por exemplo, relata um sem-número de exemplos em que a (in)compatibilidade entre o lugar (ou mais especificamente, o espaço público) e os interesses e

⁵⁹ Lynch, Kevin. Op. cit., p. 44.

⁶⁰ Carr, Stephen et alii Op. cit., p.243.

necessidades do público (e/ou da população) são praticamente determinantes para o (in)sucesso de sua apreensão ou utilização⁶¹.

Outro autor que merece citação é Cullen que também realizou interessantes (e didáticas) análises pertinentes à paisagem urbana, - em publicação homônima, - que relacionam contextos visuais, relações físico-espaciais e atributos plásticos nas cidades. Sua idéia de “visão serial” adiciona o sentido de percurso – tempo-espço – com uma preocupação especial em relação à topologia urbana. O perfeito domínio dos elementos visuais e tipologias elencados sugere que possa constituir-se em uma contribuição para a análise e ação projetual, através da caracterização – por mimetismo e/ou contraste - de determinado(s) objeto(s) no ambiente urbano, na busca por uma qualidade da forma urbana positiva.

Particularmente, todas as visões aqui abordadas, relativas à morfologia urbana, vinculam-se em maior ou menor grau à compreensão dos padrões comportamentais de apropriação espacial ou territorial. Ou seja, “de alguma forma, com alguma intensidade, nosso comportamento e nossas ações são influenciados pelo ambiente físico-espacial que nos cerca. Pode-se dizer que o ambiente sugere, facilita, inibe ou define comportamentos, ou seja, que ele age como catalisador (positivo ou negativo)”⁶². Corriqueiramente, por exemplo, as grandes conurbações contemporâneas apresentam-se como enormes manchas dinâmicas e amorfas das quais não se extrai a idéia de unidade, do ponto de vista da gestão, e tampouco encontram rebatimento na imagem da cidade tradicional (Davidovich, 2003).

⁶¹ **Nota:** Deve-se se sublinhar, entretanto, que “a percepção visual por si só não é suficiente para conhecermos o mundo que nos cerca. A apreensão da totalidade de um objeto ou situação terá que ser atingida por uma série de momentos perceptuais acrescidos de outros atos do pensamento. Atribuir significado, registrar situações significativas e grupá-las em classes segundo suas analogias, associar estas classes segundo relação de acontecimentos, enriquecer programas de ação inatos, estabelecer experiência, selecionar dados, imaginar, representar, simular, antecipar acontecimentos são funções ditas cognitivas” (Pesquisa Integrada do Departamento de Análise e Representação da Forma, FAU-UFRJ. Caderno didático introdução ao estudo da forma arquitetônica. www.fau.ufrj.br acesso: julho/2005).

⁶² Del Rio, Vicente. Op. cit., São Paulo: Pini, 1990, p. 97.

Neste sentido, um aspecto da esquizofrenia à qual, em geral, se submetem as concentrações urbanas atuais é a tendência ao violento espraiamento em direção às zonas periféricas (com ênfase no contexto regional de grandes metrópoles), ao mesmo tempo em que existem áreas centrais que convivem com suas próprias dualidades (de saturação da infraestrutura, em alguns casos, ou de subutilização da infra-estrutura, em outros).

Desta forma, vale lembrar como amplamente reconhecido, que Lynch, ao longo de sua obra, concentrou-se em identificar elementos de significância real no cotidiano das pessoas em âmbito urbano. Assim, determinou um conjunto de dimensões que se referenciam à qualidade da forma urbana, correlacionados com suas espacialidades, significâncias, objetivos, características, performances etc. além de aspectos inerentes às atitudes, hábitos e interesses de seus (possíveis) usuários.

A citação parcial de sua obra tem como intenção criar uma base norteadora que reconheça algumas premissas desejáveis para a apreensão do espaço urbano:

1) **Vitalidade**: É, neste caso, considerado o grau em que a forma [de um] aglomerado populacional suporta as funções vitais, incluindo o bom funcionamento biológico do indivíduo e a sobrevivência da espécie.

Nesta mesma publicação, são analisados diversos aspectos relacionados, por exemplo, com: o controle das doenças, dos esgotos e da poluição; a localização dos aglomerados; os efeitos dos edifícios e da paisagem na exposição ao sol e na circulação do ar; a forma como o espaço, o solo e a vegetação são conservados (Sustentação, Segurança e Consonância).

2) **Acesso**: Aqui, são levantadas as diversas formas de acessibilidade aos objetos, pessoas, recursos e serviços. São também abordados seus graus contextuais, conforme as

características pessoais, as diferentes situações e os meios disponíveis respectivamente aos objetivos.

3) **Eficiência**: Neste caso, são analisados aspectos referentes à relação custo-benefício das decisões de gestão urbana. Como, em geral, não há condicionante ou opção absolutamente inquestionável que subjugué as demais, - em seus prós e contras, - as decisões devem ser tomadas especificamente na avaliação pontual na relação direta com os objetivos principais idealizados.

4) **Justiça**: Este tema é analisado sob o ponto de vista da justiça individual, social e ambiental. Neste conceito, Lynch traz a convergência dos temas anteriores e reconhece a distância excessiva do ideal igualitário das sociedades humanas.

Todos estes conceitos, acima elencados, visam estabelecer parâmetros que sirvam para genericamente prever e avaliar o grau de satisfação das pessoas com suas cidades, ou com partes de suas cidades no contexto temporal:

“Um local bom é aquele que, de algum modo adequado à pessoa e à cultura, consegue tornar essa pessoa consciente da sua comunidade, do seu passado, da teia da vida e do universo do tempo e do espaço em que estes se integram”⁶³.

⁶³ Nesta mesma passagem, Lynch continua: “Estes símbolos são específicos da cultura em causa, mas também assentam em experiências da vida comum como o calor e o frio, o seco e o molhado, o escuro e o luminoso, o alto e o baixo, o grande e o pequeno, o vivo e o morto, o movimento e a quietude, o cuidado e a negligência, o limpo e o sujo, a liberdade e a restrição” (Lynch, Kevin. Op. cit., Parte II, Capítulos 6-11).

Desta forma, auxiliam o processo decisório de administração pública relativo ao espaço público, por abranger variáveis importantes na definição de prioridades no contexto das limitações impositivas.

Em sua destacada obra: *A Imagem da Cidade* (1960), Lynch já desenvolvera estudo sobre aspectos também relacionados com as qualidades visuais da forma urbana⁶⁴:

1) **Legibilidade**: referenciada à facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente.

2) **Identidade**: compreendida como a individualidade e distinção dos elementos e lugares.

3) **Imageabilidade**: vista como a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado.

Suas preocupações se dirigiam aos elementos básicos que podem nortear a composição ou a construção da imagem de determinado lugar. Estes conceitos objetivam estruturar e aprofundar significâncias entre os cidadãos e a cidade, de forma a tornar expressiva, estimulante e interativa esta relação.

Assim, conclui-se que a diversidade de pessoas que utilizam os espaços públicos e a maneira como o fazem ensejam análises bastante específicas, ainda que estes estudos possam estar objetivamente vinculados a uma visão mais ampla. Em tese, cada pessoa reúne uma série de características perceptivas e reativas que são de alto grau de imprevisibilidade, por isso uma ação propositiva é sempre passível de incorrer em desacertos e frustrações⁶⁵. Contudo,

⁶⁴ Lynch, Kevin. *Op. cit.*, 1997, Capítulo I. Subseqüentemente, estes conceitos são desenvolvidos mais detalhadamente.

⁶⁵ “Diante de qualquer problema urbano – o transporte, a contaminação ou o comércio ambulante – encontramos tal diversidade de opiniões e de informações, que é difícil distinguir entre o real e o imaginário. Talvez em nenhum lugar como na grande cidade sejam

presumivelmente, quanto maiores forem as situações e partes analisadas, proporcionalmente, mais prováveis tornam-se as chances de se reconhecer os instrumentos pertinentes de atuação na construção da imagem urbana na relação interativa com seus partícipes.

Sobre estudo específico, referenciado recorrentemente nesta pesquisa, e desenvolvido por Carr (et alii), há uma passagem de grande compatibilidade com os objetivos aqui apresentados:

“O foco é centrado na compreensão da interação entre as pessoas e os lugares e como isto afeta a maneira como os fatores funcionam. [Esta análise] considera uma gama de fatores incluindo as qualidades naturais do ambiente, os usuários e potenciais usuários, sua bagagem cultural e demográfica, e seu status econômico. (...) E mais importante, [este estudo] coloca seus aspectos públicos e suas análises em um quadro que examina a história do lugar, a tradição de seus usuários e a relação de ambos com o contexto”⁶⁶.

Estas informações tornam-se praticamente fundamentais no direcionamento analítico (e propositivo) dos espaços públicos, com objetivos estimulantes, em um contexto bastante heterogêneo, mas não conflitante, de situações.

Com base ainda nos estudos desenvolvidos por Carr (et alii)⁶⁷, como exercício explanatório, foram selecionadas algumas tipologias de espaços públicos, dentre algumas apresentadas, e corriqueiramente encontráveis na organização físico-espacial dos Jogos Olímpicos:

tão necessárias as críticas epistemológicas ao senso comum e à linguagem coloquial: não podemos registrar as divergentes vozes dos informantes sem nos perguntarmos *se sabem* o que estão dizendo. Precisamente o fato de se ter vivido uma experiência com intensidade obscurece as motivações inconscientes pelas quais se atua, fazendo com que os dados sejam recortados a fim de constituírem as versões convenientes a cada um” (Canclini, Néstor García. Op. cit., 1999, p. 97).

⁶⁶ Carr, Stephen et alii Op. cit., p.85.

⁶⁷ Carr, Stephen et alii. Op. cit., p. 79.

PARQUES URBANOS



PARQUE DO FLAMENGO (Rio de Janeiro - Brasil)



PARC LA VILLETTE (Paris - França)



CENTRAL PARK (Nova York - EUA)



TIERGARTEN (Berlim - Alemanha)



A.1. Tipo: Parque público

Características: Desenvolvido e gerenciado pelo poder público como parte de um sistema de zoneamento de espaço aberto da cidade; espaço aberto de importância municipal; geralmente localizado próximo ao Centro da cidade; geralmente maior que um parque de vizinhança.

Como referência, podem ser citados alguns parques urbanos notórios que desempenham função local e municipal: Central Park (Nova York), Parc La Villette (Paris), parque do Flamengo (Rio de Janeiro) e Tiergarten (Berlim). Os atuais parques olímpicos, como podem ser vistos em diagramas específicos, têm dimensões e funções compatíveis com os exemplos citados e tornaram-se quase imprescindíveis na composição do programa olímpico.

Um grande exemplo específico são as estruturas desenvolvidas para as cidades-sedes que abrigam os Jogos Olímpicos, pontuadas principalmente a partir da edição realizada em Berlim, Alemanha, em 1936, por obra do arquiteto oficial do Terceiro Reich Albert Speer⁶⁸. Todas as demais edições dos Jogos foram desenvolvidas em maior ou menor grau, com a composição dos chamados “centros ou parques olímpicos”. Suas características diferem substancialmente em cada cidade, mas freqüentemente são protagonizados por pelo menos um grande estádio – em geral, o estádio olímpico – e/ou por uma vila olímpica, como será visto na seção “Os antecedentes dos grandes eventos esportivos”.

Mais tarde, em Munique (1972), haveria uma contribuição significativa à idéia de parque olímpico – neste caso, verdadeiramente um “parque (olímpico)”. O conjunto arquitetônico permeado por espaços abertos, amplos e verdejantes, conferiu-lhe um certo ar de ineditismo (ou de renovação) que determinaria o modelo de diversos outros parques olímpicos subseqüentes, por sua qualidade ambiental.

⁶⁸ Berthold Konrad Hermann Albert Speer (1905-1981).

B.1. Tipo: Memorial

Características: Lugar público que relembra pessoas ou eventos de importância local, nacional ou mundial.

Os lugares sedes de grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos, assumem freqüentemente o caráter de ícones urbanos. A pira olímpica, por exemplo, que se mantém acesa durante a vigência dos Jogos, é comumente preservada – ou, no máximo, deslocada – e mantém-se como referência ao evento em locais de lazer e celebração cívica. Em geral, os parques olímpicos, vilas olímpicas e muitos estádios, além do papel funcional, adquirem a qualidade de monumentos (esportivos).

C.1. Tipo: Via de pedestre e ciclovia⁶⁹

Características: Vias de pedestres: permitem algumas práticas esportivas (corrida) ou o simples caminhar. As trilhas urbanas são variações sobre este tema; ciclovias: disciplinam e protegem o trânsito de bicicletas e afins.

A condição de parque olímpico já induz à compreensão de que, ao término do evento, há provavelmente a absorção de áreas de lazer pela cidade-sede como um legado urbano.

Comumente, mesmo quando a vila olímpica é construída com a intenção de transformar-se em um empreendimento residencial ou comercial, em suas vias internas e entorno é freqüente a previsão de áreas para “promenade”, trânsito de bicicletas etc. Esta situação repete-se em modelos tão distintos quanto Munique (1972), Seul (1988), Barcelona (1992) ou Sidney (2000).

⁶⁹ Neste espaço, podem conviver harmoniosamente outras modalidades esportivas de lazer praticadas sobre rodas como, por exemplo: skate, patins etc.

D.1. Tipo: Espaços próximos à água (portos, praias, beira de rios, piers, beira de lago etc.).

Características: Espaços ao ar livre próximos à água nas cidades.

No caso dos parques olímpicos, é corriqueiro tomar-se partido da proximidade à água, quando existente, ou mesmo a previsão projetual (e manutenção) de grandes espelhos d'água. Em Seul (1988), uma antiga área em estado de relativo abandono foi transformada em um centro olímpico com um tratamento paisagístico que se enleva por um grande lago. Em Barcelona (1992), a extensão da trama urbana buscou o mar, como será visto ao longo da pesquisa. Em Sidney (2000), a proximidade da água, em Homebush Bay, foi adotada como pressuposto também para a valorização da paisagem.

Mesmo em candidaturas não vitoriosas, como a de Nova York para os Jogos Olímpicos (2012), a recuperação de uma área degradada em Queens se beneficiaria projetualmente da condição de *waterfront*, a partir da previsão de uma área para a vila olímpica.

Baseado ainda em Lynch, será desenvolvido determinado conteúdo que remeterá às formas físicas por ele idealizadas⁷⁰ e exemplificado através de uma série de diagramas ao longo do trabalho:

1) **Vias:** São definidas como os canais de circulação. Podem ser as ruas, alamedas, linhas de trânsito, canais, ferrovias, viadutos etc.

⁷⁰ Lynch, Kevin. Op. cit., 1997, p. 52.

2) **Limites**: São os elementos lineares não utilizados como vias pelo observador. São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, cortes de ferrovias, espaços em construção, muros, paredes etc.

Ou ainda, acrescenta-se que podem estar conformadas, por exemplo, como: um conjunto de fachadas de edificações⁷¹ próximas, uma murada, um grupamento de vegetação, uma colunata etc.



Em realidade, ambos os conceitos (“via” e “limites”) foram concentrados em uma mesma definição: “**eixos/limites**”, suficientemente esclarecedora para os objetivos da pesquisa.

Sobre este elemento conceitual, Habraken comenta que “características de toda forma, natural ou construída, oferecem limites territoriais potenciais”. Por outro lado, ressalta que os “limites dos rios e montanhas são naturalmente convidativos como linhas de limites. Mais que qualquer mapa, revela que estes não são determinantes finais das fronteiras: vizinhos adotam bordos em condicionantes geográficas somente quando eles servem à prevalência de poder”⁷².

Desta maneira, a conceituação da morfologia urbana parece mais completa e ilustrativa das várias situações vigentes, reiteradas pela estruturação de uma “imagem total”⁷³.



3) **Bairros**: São as regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de extensão bidimensional. O observador neles “penetra” mentalmente, e eles são reconhecíveis por possuírem características comuns que o identificam.

Estas extensões também podem ser identificadas em dimensões mais restritas, mas igualmente notadas por um sentido de unidade morfológica, fechamento físico ou identidade visual, e são denominadas como “recinto” ou “enclave” – conforme grau de restrição ou abertura -

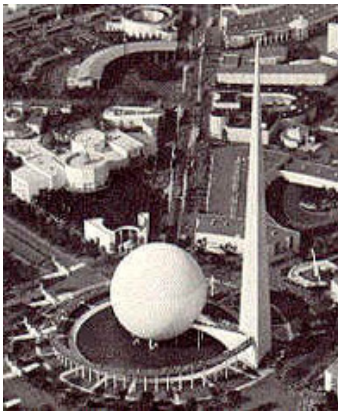
⁷¹ Baseado em “Arquitetura da Cidade” (Rossi, Aldo, 1998).

⁷² Habraken, N. J.. *The Structure of the Ordinary*. Massachusetts: The MIT Press, 1998, p. 132.

⁷³ Lynch, Kevin. *Op. cit.*, 1997, p.54.

na obra de Cullen (1971) e descritas como uma forma de “dominância entre formas de fechamento estabelecida pelo confinamento”⁷⁴ na publicação de Habraken (1998).

Como será visto no estudo da evolução dos Jogos Olímpicos, as vilas olímpicas mais antigas apresentavam-se como aglomerados exclusivamente habitacionais. Com o passar do tempo, o programa arquitetônico-urbanístico foi desenvolvido até resultar na vila olímpica de Barcelona (1992), com a maior diversidade de usos e funções, e quase plena inserção na trama urbana da cidade. Em geral, contudo, mesmo nas últimas décadas, as vilas olímpicas assumem feições de conjuntos condominiais, com apenas uma ligeira multidisciplinaridade de funções.



4) **Pontos Nodais**: São lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar, são os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais eles se locomovem.

Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. (...) Muitos pontos nodais têm a natureza tanto de conexões como de concentrações. O conceito de ponto nodal está ligado ao de via, uma vez que as conexões são tipicamente convergências de caminhos, fatos ao longo de um trajeto.

5) **Marcos**: É outro tipo de referência, mas, neste caso, o observador não entra neles: são externos. Em geral, é um objeto físico definido de maneira muito simples: edifício, sinal, loja ou montanha. Seu uso implica a escolha de um elemento a partir de um conjunto de possibilidades.

⁷⁴ Habraken, N. J.. *Op. cit.*, 1998, p. 140.

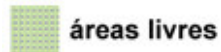
Alguns marcos são distantes, tipicamente vistos de muitos ângulos e distâncias, acima do ponto mais alto de elementos menores e usados como referências radiais. Podem estar dentro da cidade ou a uma distância tal que, para todos os fins práticos, simbolizam uma direção constante”.

Muitos artefatos utilizados em eventos transformaram-se em marcos urbanos. Dentre os muitos exemplos, alguns são emblemáticos, como: a Feira Mundial de Nova York (1939) (foto), o Pavilhão dos EUA para a Feira Mundial de Montreal (1967), os Jogos Olímpicos de Munique (1972) e os Jogos Olímpicos de Barcelona (1992).

Lamas aborda este mesmo assunto – “Os elementos morfológicos do espaço urbano”⁷⁵ – de uma forma ligeiramente diversa, ainda que com muitos pontos de convergência com a análise de Kevin Lynch.

Aqui, alguns elementos distintos daqueles apontados por Lynch e de relevância na análise dos grandes eventos esportivos são destacados:

1) **Árvore e a vegetação**: “Do canteiro à árvore, ao jardim de bairro ou ao grande parque urbano, as estruturas “verdes”⁷⁶ constituem também elementos identificáveis no [conjunto] urbano. Caracterizam a imagem da cidade; têm individualidade própria; desempenham funções precisas: são elementos de composição e de desenho urbano; servem para organizar, definir e conter espaços. Certamente que a estrutura “verde”⁷⁷ não tem a mesma “dureza” ou permanência que as partes edificadas da cidade. Mas situa-se no mesmo nível da hierarquia morfológica e visual”;



⁷⁵ Lamas, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, Capítulo 2.4.

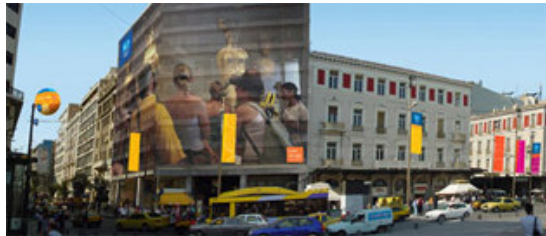
⁷⁶ As aspas são do pesquisador.

⁷⁷ As aspas são do pesquisador.



2) **Mobiliário urbano**: “Constituído por elementos móveis que “mobiliam” e equipam a cidade: o banco, o chafariz, o cesto de papéis, [a luminária], a caixa de correio, a sinalização etc., ou já como dimensão de construção como o quiosque, o abrigo de transporte e outros”.

Lamas acrescenta ainda a esta disciplina: “os anúncios, vitrines, sinais, material publicitário, luzes, iluminações etc”. Aliás, sobre este mesmo assunto, Cullen, diante dos anúncios e publicidades das ruas, já ressaltara que “embora quase totalmente ignorados pelos urbanistas, constituem uma contribuição (bastante óbvia e freqüente) (...) e parece ser, no meio de tanta coisa, a contribuição mais importante do séc. XX para a paisagem urbana”. Além de ter alertado que “torna-se quase desnecessário [se destacar] que toda esta publicidade deve ser cuidadosamente controlada (...)”⁷⁸.



Em Atenas, 2004, a organização dos Jogos Olímpicos organizou um programa denominado “*Catch the Light: Routes through Athens*” que tinha como objetivo desenvolver instalações de arte pública contemporânea através da utilização de luzes, fotografias, banners etc., em cinco diferentes rotas, por 11 km da cidade. A lúdica contribuição à paisagem da cidade servia ainda para caracterizar percursos notáveis.



Acrescentem-se os balisadores, frades, “gelos baianos”, tachões etc. e estarão configurados os elementos com fins disciplinadores ou restritivos do mobiliário urbano. Embora, subliminarmente existam ainda outras situações relacionadas com os aspectos morfológicos e, conseqüentemente, com a formação da qualidade da forma e da imagem da cidade como, por

⁷⁸ Cullen, Gordon. Paisagem urbana, São Paulo: Martins Fontes, 1971, p. 153.

exemplo: sinalização horizontal e vertical (incluindo sinalização especial), dispositivos para lixo, *traffic-calming*⁷⁹ e facilitadores de acessibilidade (elevadores, plataformas e rampas)⁸⁰.

Para a análise das diferentes intervenções propostas ao longo da história olímpica da era moderna, utilizar-se-á as “entidades denominadas de padrões” desenvolvidas por Alexander, em sua obra *Linguagem de padrões*. Este instrumento servirá sobretudo para a interpretação dos conjuntos principais atinentes aos Jogos: parques olímpicos e vilas olímpicas.

Foram identificados alguns padrões, passíveis de conexão com um número quase ilimitado de outros tantos padrões, que se encontram destacados ao longo do texto da seção “Os Jogos Olímpicos e o impacto urbano”. Alguns padrões foram explicitamente utilizados, enquanto outros são subjacentes e subliminares na análise geral. Os mais importantes, no contexto da atual pesquisa, foram aqui agrupados sob uma titulação interpretativa livre – sem rigidez absoluta - e são pertencentes aos seguintes grupos principais:

1) Política comunitária e vicinal que controle a natureza do entorno local:

1.a) Acesso à água: Quando houver massas naturais de água nas proximidades de assentamentos humanos, trate-as com grande respeito. Reserve sempre um cinturão de terrenos públicos nas imediações e permita somente em intervalos infrequentes ao longo da orla os assentamentos densos que cheguem até à água.

⁷⁹ *Traffic-calming*: São técnicas disciplinadoras e “civilizatórias” de tráfego, utilizadas para diminuir a velocidade de circulação veicular, com conseqüências como: contribuir para a ambiência local, aumentar a segurança dos usuários e usuários, restringir a poluição sonora e do ar, dentre outras atribuições.

⁸⁰ **Nota:** Em algumas realidades, dentre as quais a brasileira, é necessário registrar algumas disfunções que também impactam na imagem urbana. Além das cercas, dispositivos de segurança, muros etc., profusamente disseminados e já comentados anteriormente, verifica-se a indiscriminada presença da perigosa e poluidora fiação aérea elétrica. Também, a falta de conservação e unidade dos calçamentos e pavimentações repercute enormemente na escassa configuração estética das cidades e na insegurança pessoal, com impacto direto e negativo na qualidade da forma urbana.

- 2) Formação de centros locais, tanto vicinais como nas comunidades, e entre estas, em suas fronteiras:
 - 2.a) Passeio: “Estimule a formação gradual de um passeio no coração de cada comunidade, que uma os principais nós de atividades e que esteja centralmente implantado de modo que cada ponto da comunidade no fique a mais de 10 minutos a pé. Coloque os principais pontos de atração em seus extremos para manter-se um movimento constante em ambos os sentidos”.
- 3) Desenvolvimento gradativo de um modo informal que una as redes de sendero e caminhos locais, entre os grupos de casas e comunidades de trabalho:
 - 3.a) Ruas verdes: “No mundo há asfalto duro e quente em excesso. Um caminho local, que somente dá acesso a edifícios, necessita apenas de alguma superfície para as rodas dos automóveis e nada mais. A maior parte pode ser verde”.
 - 3.b) Portas urbanas principais: “Qualquer parte de uma cidade, seja grande ou pequena, em que seus habitantes se identifiquem com algum tipo de recinto, haverá uma personalidade mais forte, mais evidente e mais viva se os caminhos que a ela conduzem estão marcadas por portas pelas quais cruzam a fronteira”.
- 4) Terrenos públicos e abertos à comunidade e vizinhanças, que possam ser habilitados, e onde seja possível relaxar, conviver com os demais e recuperar-se:
 - 4.a) Vegetação acessível: “As pessoas necessitam de lugares abertos e verdes onde ir; quando estão próximos os utilizam. Todavia se estão a mais de 3 minutos de distância, esta distância acaba prevalecendo sobre a necessidade”.
 - 4.b) Pequenas praças públicas: “A cidade necessita de praças públicas, que são seus espaços de maior tamanho. Mas quando são demasiadamente grandes, parecem desertos e assim se parecem”.

5) Configuração geral de um grupo de edifícios: a altura e o número de pavimentos, os acessos, as áreas principais de estacionamento e as linhas de movimentação através de todo o complexo⁸¹:

5.a) Complexo de edifícios: “Não construa nunca grandes edifícios monolíticos. Sempre que seja possível, dê a seu programa a forma de complexo de edifícios cujas partes manifestem feitos sociais reais naquele contexto”.

5.b) Domínios de circulação: “Trace edifícios muito grandes e conjuntos de edifícios pequenos de modo que as pessoas acessem a qualquer ponto do interior através de uma seqüência de domínios, cada um marcado por uma entrada e de tamanho decrescente ao passar de um para outro”.

5.c) Edifício principal: “Decida, dentro de um conjunto qualquer de edifício, qual abrigará a função mais essencial, qual é a alma do grupo, enquanto instituição humana. Dê-lhe a forma de edifício principal, com uma posição central e uma cobertura mais alta.

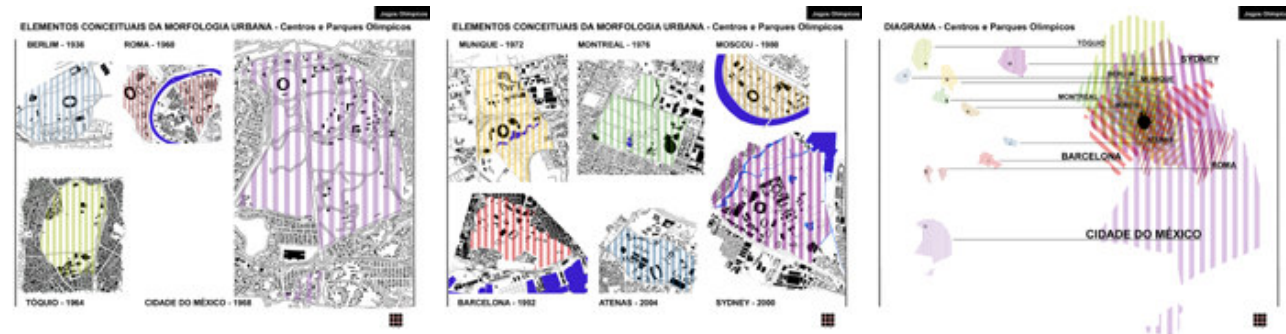
Ainda que o complexo de edifícios seja tão denso que constitua em realidade um só edifício, construa a parte principal mais alta e proeminente que o restante para que a vista se fixe imediatamente nesta parte de máxima importância”.

No célebre trabalho de Alexander, nenhum destes sub-temas é especificamente conceituado ou descrito detalhadamente, mas se remetem a pequenos conjuntos de padrões que, pelas características gerais, induzem à conclusões pontuais. É possível inferir-se que cada um dos temas classificatórios desenvolvidos pelo autor procura criar condições para que a relação do sujeito usador (e/ou usuário) com o ambiente urbano transforme-se em uma experiência aprazível,

⁸¹ Alexander, Christopher et alii. Pattern Language. New York: Oxford University Press, 1977.

coerente e rica. Os padrões associados a cada um destes macro-temas foram devidamente referenciados nos casos em que estiveram presentes ao longo da história Olímpica, no contexto das edições dos Jogos Olímpicos.

Foram utilizados, por fim, alguns diagramas que ilustram a evolução histórica na relação direta das superfícies ocupadas pelos Jogos Olímpicos, particularmente em relação aos centros e parques Olímpicos e a vila Olímpica:

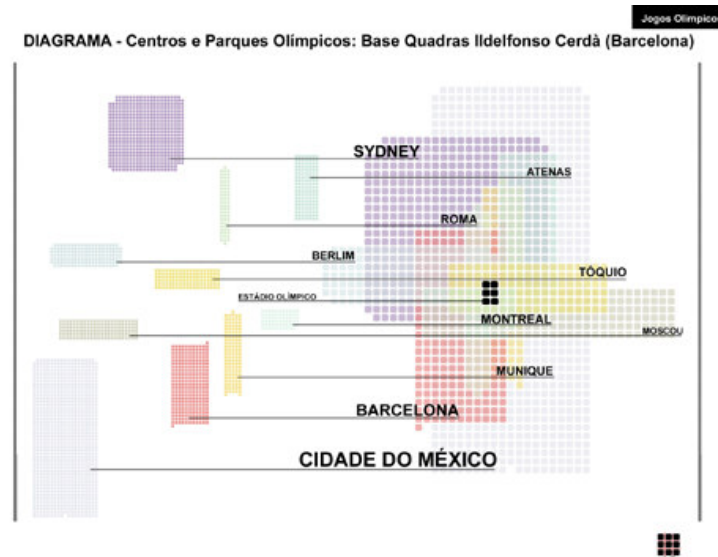


a) Elementos Conceituais da Morfologia Urbana

Centros e Parques Olímpicos:

As cidades-sedes de: Berlim (1936), Roma (1960), Tóquio (1964), México (1968), Munique (1972), Montreal (1976), Barcelona (1992), Sidney (2000) e Atenas (2004) serviram como parâmetro que dá a noção das dimensões demandadas ao longo da história Olímpica, em diferentes contextos. Nestes casos, o estádio Olímpico inclusive foi utilizado como referência de escala gráfica.

O resultado final pode ser visualizado, a partir da “tradução” genérica das áreas em “quadras de Cerdà” (para Barcelona), e permite uma análise comparativa.





b) Evolução das Olimpíadas

Progressão Estimada do Número de Participantes/Infra-Estrutura Construída:

A partir do número: a) de atletas e b) dos profissionais de apoio e dirigentes participantes nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), os mais recentes, é estimada a área total destinada à vila Olímpica, com a assunção de que são necessários 15 m^2 para cada pessoa envolvida naquele universo utilizado.

Paralelamente, adotam-se os Jogos Olímpicos de Atenas (1896), os primeiros da Era Moderna, como parâmetro modular igual a 1 (um). Por hipótese, esta infra-estrutura de alojamento ocuparia o equivalente à 1 (uma) “quadra de Cerdà”.

Como pode ser verificado no diagrama complementar e subsequente, “**Evolução das Olimpíadas – Progressão Estimada da Massa Construída/Número de Participantes**”, a conclusão que se chega, a partir destes dados, é que entre os Jogos Olímpicos de 1896 e os de 2004, houve uma evolução da área utilizada para acomodações equivalente à cerca de 46 vezes. (Deve-se ressaltar, como pode ser constatado ao longo desta pesquisa, que o advento da vila Olímpica ocorre somente em 1924, nos Jogos Olímpicos realizados em Paris. Portanto, não havia vila Olímpica em Atenas, em 1896.) A previsão para os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, é a de que a vila Olímpica seja equivalente à 49 vezes maior do que a área necessária para alojamento dos participantes dos Jogos Olímpicos de Atenas (1896).

Também como exercício de projeção, em relação à área prevista para a vila Olímpica, a dos Jogos Pan Americanos a se realizarem na cidade do Rio de Janeiro, em 2007, equivalem à dos Jogos Olímpicos do México (1968).



Nestes diagramas, foram registradas também as datas de 1916, 1940 e 1944, embora os Jogos Olímpicos não tenham sido realizados em função das Guerras Mundiais.

A prematura desqualificação da candidatura a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2012 inviabiliza o acesso a determinadas propostas projetuais que possivelmente seriam previstas para a cidade do Rio de Janeiro. Apesar disso, o processo de candidatura manteve-se como referência teórica para a compreensão da estruturação de um evento catalisador de iniciativas urbanas, através das demais candidaturas remanescentes (Londres, Madrid, Moscou, Nova York e Paris).

Desta forma, busca-se entender a viabilidade do evento em reforçar centralidades e criar novas ambiências (urbanas) importantes, com efeitos irradiadores positivos, que revertam em qualidade de vida para a população a partir da requalificação da forma urbana.

Outrossim, especificamente direcionadas para a compreensão do caráter físico-espacial da organização de um grande evento, particularmente no contexto de uma típica grande cidade de um país em desenvolvimento, serão analisadas paralelamente as propostas desenvolvidas (e disponibilizadas) para os Jogos Pan-Americanos 2007.

A descrição das formas tipológicas e topológicas servirá de instrumento a dois objetivos principais:

- 1) Abrir o precedente para descrever possíveis formas de apropriação do espaço urbano inerentes ao contexto da cidade do Rio de Janeiro, a partir da realização do megaevento.

- 2) Atenuar a distinção entre espaço público e privado, por considerar que são esferas solidárias na composição do espaço urbano. Neste caso, em muitas cidades do mundo, justifica-se a preocupação que tem sido dada aos espaços urbanos.

Como descreve Solà-Morales:

“(…) Assim, pode-se estar produzindo, junto a esplêndidas vantagens de enriquecimento da cidade com passeios, parques, praças, cinturões, estádios, museus e cenários de mérito indiscutível, uma descolagem no tom da cidade comum, que leva à hipertrofia do próprio espaço público. A importância do espaço público não está, certamente, em ser mais ou menos extenso, quantitativamente dominante ou protagonista simbólico, senão referir entre si os espaços públicos fazendo também deles patrimônio coletivo. Dar caráter urbano, público, aos edifícios e lugares que sem isso seriam somente privados, esta é a função dos espaços públicos – urbanizar o privado, quer dizer, convertê-lo em parte do público”⁸².

Todos estes pontos descritos nesta seção, “O grande evento esportivo e a requalificação do ambiente urbano”, tem um objetivo claro: elencar bases conceituais e morfológicas (aplicáveis) que criem um diferencial positivo de requalificação do espaço urbano. As bases propositivas de projeto urbano devem estar estruturadas a partir da consolidação e reconhecimento das características gerais e específicas. A leitura de seus problemas e potencialidades poderá definir “as várias cidades que existem na mesma cidade”.

⁸² Solà-Morales, Manuel de. “Espaços públicos e espaços coletivos” in O centro das metrópoles: Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2001, .p.103.

A seguir, por fim, um **Quadro-Síntese** irá concentrar os principais instrumentos de análise utilizados ao longo da presente pesquisa:



3.5. Os Jogos Olímpicos, os antecedentes e o impacto urbano

Sinopse

O progresso tecnológico associado à Revolução Industrial impulsionou novas formas de: a) veiculação de imagem; b) interesses promocionais e c) paralelamente, estruturação do entretenimento e do lazer coletivo.

Os Jogos Olímpicos, entendidos como uma espécie de Exposição Universal, são manifestações que surgiram a reboque da “Era dos Grandes Eventos”. Não por acaso, as primeiras Olimpíadas realizaram-se paralelamente a Feiras Universais.

A compreensão das formas motivacionais associadas ao turismo, principalmente em seus antecedentes, fornece dados que permitem a visualização dos meios atrativos que embasaram e consolidaram os grandes eventos, inclusive os megaeventos esportivos.

Os Jogos Olímpicos, por seu porte e impacto inigualáveis, são extremamente representativos no âmbito dos megaeventos (esportivos). Há pelo menos três fases bem demarcadas na história olímpica, com pequenas variações organizacionais:

A 1ª Fase é delimitada pelos anos de 1896 e 1924, através das manifestações mais incipientes de formas de estruturação dos Jogos. Los Angeles (1928) talvez possa ser considerada a edição transitória à fase seguinte, pois já apresenta primitivas intenções projetuais de centro olímpico e vila olímpica.

A 2ª fase de estruturação dos Jogos inicia-se em Berlim (1936), principalmente calcada em importantes e inovadoras contribuições à morfologia urbana em meio a importantes avanços programáticos dos Jogos. Londres (1948), nesta fase, é a exceção, pois se distancia deste e de

todos os usuais modelos de implementação, face à imposição de reconstrução da Europa em função da IIª Guerra Mundial.

A 3ª fase dos Jogos Olímpicos parece iniciar-se nos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, e de certa forma prolonga-se até os dias de hoje. A idéia de parque urbano é aperfeiçoada e denota o surgimento de um sentido de valorização do conceito de qualidade ambiental. As edições norte-americanas mais recentes, Los Angeles (1984) e Atlanta (1996), também são exceções nesta fase, por terem sido realizadas através da forte utilização das estruturas universitárias existentes, sem propostas muito significativas no âmbito de suas inserções urbanas.

Evidentemente, algumas edições dos Jogos Olímpicos imprimiram ligeiras adaptações que concernem a: a) maior ou menor concentração urbana; b) conjugação de centro e vila olímpicos; c) desenvolvimento da idéia de cluster(s); d) aproveitamento em maior ou menor grau da estrutura existente etc. Mas provavelmente o fato mais marcante da evolução programática dos Jogos é a materialização que se visualiza no meio urbano através das contribuições físico-espaciais estimuladas pelo evento olímpico.

■ ■ ■

3.5.A. Os antecedentes dos grandes eventos esportivos e os Jogos Olímpicos

Durante o processo evolutivo da idéia de turismo depreendem-se aspectos que forjaram diferenciais na rotina de vida e demandaram a estruturação de serviços até então de importância subliminar.

Historicamente, os deslocamentos, inicialmente associados ao entretenimento cultural, passaram rapidamente à forma de negócio, tanto do ponto de vista do prestador daquela emergente forma de trabalho (turismo), quanto para o meio empresarial empregador (nova burguesia), que passam a reconhecer na quebra da seqüência cotidiana um meio de renovação do ritmo inerte cotidiano.

Atualmente, as estratégias atrativas podem ser bastante diversas a de idos tempos, se comparadas àquelas dos primórdios da atividade. Contudo, seus objetivos são em muitos aspectos convergentes aos propostos pela moderna e crescente indústria do turismo.

Desde relatos a respeito das peregrinações religiosas espontâneas que já demandavam uma pequena “indústria” de hospedarias e aparatos tão longinquamente no tempo quanto o século XI, com passagens pelo *Grand Tour* no século XVIII, que desempenhava papel de “terapia” e aprimoramento cultural e mental das elites européias que enviavam seus filhos às cidades e aos museus e igrejas principalmente da França e da Itália, o turismo sempre baseou sua consolidação atrativa no estímulo e motivação direcionados a elementos e fatos distintos daqueles reconhecidos e atribuídos às práticas cotidianas.

A ocorrência da Revolução Industrial despertaria mudanças estruturais progressivas e fundamentais, a partir do século XVIII, com reflexos inclusive no turismo moderno, na forma organizacional e conceptiva.

O aumento da população⁸³ e o brusco inchamento das cidades⁸⁴, por exemplo, demandaria, ainda que de forma primitiva e naturalmente empírica, o que seria futuramente

⁸³ **Nota:** “Cresce o número de habitantes (na Inglaterra de 7 milhões em 1760 para 14 milhões em 1830); cresce a duração média de vida (de cerca de 35 anos para 50 e mais); modifica-se a estrutura da população, porque aumenta o número de jovens devido à queda da mortalidade infantil (Benévolo, Leonardo. *História da cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª. Edição, 1999, p. 551).

⁸⁴ **Nota:** “Os números são significativos. Londres, por exemplo, passa de 864.845 habitantes em 1801 a 1.873.676 em 1841 e 4.232.118 em 1891: em menos de um século sua população praticamente quintuplicou. Paralelamente, o número das cidades inglesas com mais de cem mil habitantes passou de duas para trinta, entre 1800 e 1895. No mesmo período, o número de cidades com mais de

reconhecido como o turismo de massa, composto por grupos crescentemente numerosos de trabalhadores das fábricas que afluíam para as regiões balneárias inglesas, principalmente devido às supostas propriedades terapêuticas da água (do mar e das nascentes hidrominerais) através de sua ingestão e do banho.

Ao mesmo tempo, a acentuação das diferenças sócio-econômicas da população acirra a “demanda” por locais de lazer exclusivistas: “O aumento da população e o aumento da produção se ligam para formar um círculo ascendente: os habitantes mais numerosos exigem bens e serviços mais abundantes, que permitem um aumento ulterior da população; os bens e os serviços disponíveis em quantidade e qualidade superior fazem aumentar a qualidade de vida das classes sociais, e produzem a busca por outros bens mais abundantes e mais diversos”⁸⁵.

Paralelamente, as condições de trabalho⁸⁶ - incluindo as até aqui inacreditáveis jornadas - são submetidas à regulamentação de alguns novos parâmetros aprovados pelo parlamento inglês, na nação-berço da industrialização.

Este fato, apesar do que pode se imaginar a princípio, foi de certa forma bem aceito pela classe controladora, não propriamente por razões humanitárias, mas já por motivações estratégicas: “Alguns patrões começaram a encarar as férias regulares como algo que contribuía para a eficiência”⁸⁷.

Além disso, o tempo das viagens também é reduzido, com a invenção das locomotivas a vapor, introduzidas em 1825, e um maior contingente de pessoas passa a dispor de meios mais

cem mil habitantes passa de duas a vinte e oito na Alemanha e de três a doze na França” (Choay, Françoise. O urbanismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 5ª. edição, 1998, p. 3).

⁸⁵ Benévolo, Leonardo. . Op. cit., 1999, p. 551.

⁸⁶ **Nota:** “Em 1920, 58 acordos que garantiam férias remuneradas haviam sido assinados pelos sindicatos [na Inglaterra] e, em meados da década de 1920, de 16 a 17% da mão-de-obra gozava de férias remuneradas” (Urry, John. Op. cit., 2001, p. 47).

⁸⁷ Urry, John. O olhar do turista. São Paulo: Studio Nobel. 1990, p. 38.

evoluídos de deslocamento (até então realizados a cavalo ou a pé) e envio de mercadorias. (Data já de 1760, aliás, a construção de canais navegáveis, na Inglaterra.)

As companhias de estrada de ferro e as de navios a vapor (que substituiriam os navios à vela), então, passam a oferecer rotas alternativas que conduzem a localidades com atrativos recreativos e a promover as qualidades particulares de cada lugar.

Surgem figuras pioneiras como Thomas Cook, por exemplo, que organiza a “primeira excursão de prazer, (...) em 1844, cujo “pacote” incluía um guia que acompanhava o grupo a lojas recomendadas e a locais de interesse histórico que mereciam ser “olhados”⁸⁸. São oferecidas viagens com pagamentos financiados que beneficiariam as camadas mais pobres da população. Na Europa, as mulheres desacompanhadas passam a ter a possibilidade de viagens através de excursões, mesmo no período vitoriano inglês.

Assim, “estes meios permitem uma mobilidade incomparável maior: todas as mercadorias, mesmo as pesadas e pobres, podem ser transportadas para os locais onde são solicitadas; as pessoas de todas as classes sociais podem fazer longas viagens, ou morar num lugar e trabalhar em outro, deslocando-se a cada dia ou a cada semana”⁸⁹.

Algumas iniciativas desta natureza são também bastante identificadas com a história de impressionante empreendedorismo capitalista americano.

Durante a conquista do oeste americano, algumas cidades ofereciam incentivos para que a linha ferroviária (oriunda da costa leste) pudesse definir o seu traçado através de seus limites. Desta forma, criavam a noção de ciclo econômico virtuoso, ao atrair consumo e, através do aumento dos negócios, gerar mais estímulos atrativos (Ward, 1998).

⁸⁸ Urry, John. *Op. cit.*, 2001, p. 43.

⁸⁹ Benévolo, Leonardo. *Op. cit.*, 1999, p.552.

A consolidação da “Era das Máquinas”, no século XIX e mais pujantemente, no século XX, trouxe muitos exemplos que se voltaram ao enaltecimento das conquistas humanas relacionadas a uma nova escala e padrão de avanços, através dos campos disciplinares da arquitetura e do urbanismo. Alguns desses adventos transformaram-se em elementos promocionais de conceitos, idéias, inovações, técnicas, tecnologias etc. que serviriam a causas, grupos, segmentos, empresas, regiões, cidades e países.

O fortalecimento (ou transformação) da classe burguesa aponta para o destaque, a exploração (nos vários sentidos) e o fascínio pela imagem que converge pontualmente ao progresso produtivo, tecnológico e capitalista. Estudo realizado por Pesavento associa ao “tripé do carvão, do vapor e das estradas de ferro”⁹⁰, as manifestações que se materializaram tipicamente nas Exposições Nacionais e Universais, como função didática/pedagógica de explicitar (e exibir) o “tempo”, que atraíam numerosos e naturalmente deslumbrados turistas.

Estes eventos determinaram uma nova geração de realizações de: a) arquitetura e engenharia; b) escala urbana, pontualmente localizada (“ilhada”), mas urbanisticamente “grandiosa” e, por vezes, transitória; c) estética (celebrativa e iconográfica); d) conteúdo programático (temático); e) promoção (publicitária).

Nas palavras de Benévolo, em referência a esta época:

“A rapidez e o caráter aberto destas transformações (...) não levam a um novo equilíbrio estável, mas deixam prever outras transformações cada vez mais profundas e mais rápidas.

(...) Um edifício não mais é considerado uma modificação estável, incorporada no terreno,

⁹⁰ Pesavento, Sandra Jatahy. Exposições universais – Espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Editora Ucitec, 1997, p. 57.

mas um manufaturado provisório, que pode ser substituído mais tarde por outro manufaturado”⁹¹.

Reinventar-se assim, com a energia do período moderno, a “Era dos Grandes Eventos”: das feiras, dos parques temáticos, dos torneios, dos jogos, das celebrações e dos manifestos que, embora presentes nas Exposições Nacionais desde o século XVIII, culminariam com a inauguração das Exposições Universais: a pioneira em 1851, protagonizada pelo Crystal Palace, no *Hyde Park* em Londres, e pouco mais tarde, em 1855, pelo *Palais de l’Industrie*, no *Champs Elysées* em Paris.

Ao referir-se às exposições industriais que surgiram no século XIX e ao entusiasmo despertado nos visitantes, Puente assim relata:

“Essas primeiras exposições conseguiram estimular o desenvolvimento econômico dos países anfitriões, incentivando a população a criar novos artefatos para apresentá-los ao público. As exposições começaram a fazer parte do mecanismo da sociedade industrial, preparando o público para o que se aproximava, aproveitando o tempo de lazer da população para reconduzi-la novamente para a produção industrial. A exposição apresenta uma cidade paralela à cidade industrial, porém faz desvanecer os conflitos sociais sob uma imagem modelo e, ao mesmo tempo, espetacular da cidade: novas *subcidades* efêmeras, ornamentadas para a festa da sociedade do consumo”⁹².

⁹¹ Benévolo, Leonardo. *Op. cit.*, 1999, p. 552.

⁹² Puente, Moisés. *Pavilhões de exposições – 100 anos*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2000, p. 12.

EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS



13

**Pavilhão Deutz, Exposição Deutsche Werkbund, Colônia, Alemanha.
Arquitetos: Walter Gropius e Adolf Meyer, 1914.**



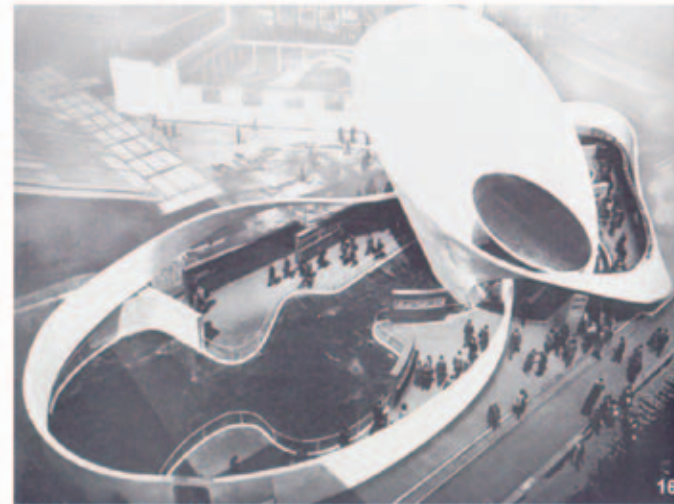
15

**Pavilhão Brasil, Exposição Universal, N. York, EUA.
Arquitetos: Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, 1939.**



14

Pavilhão URSS, Exposição Internacional das Artes Decorativas, Paris, França. Arquiteto: Konstantin Melnikov, 1925



16

**Pavilhão Breda, XXX Feira Internacional de Milão, Itália.
Arquiteto: Luciano Baldessari, 1952**

O conceito de Pavilhão Nacional surge na Exposição Universal de Paris de 1867, com a disposição de pavilhões representativos das colônias francesas como satélites em torno do Pavilhão Central (naturalmente, da França):

“Na época, a França queria demonstrar o seu poderio mundial através da organização de representações em miniatura de todas as suas colônias”⁹³. A partir de então, este modelo difundiu-se e neles encenava-se a experiência de uma viagem através da Terra, onde “cada pavilhão se transformava em um logotipo de sua nação (...) [e] [sua] habilidade [estaria] na capacidade de capturar e recapitular a experiência da viagem, marcando as suas diferenças em relação aos outros”⁹⁴.

A dicotomia entre as manifestações de celebração (burguesa) ou repúdio às dissimulações das relações sociais fornece a referência cultural e ideológica da evolução produtiva e técnica trazida pela modernidade (Pesavento, 1997), em seu processo de auto-estímulo (ou autofagia), que se manifestaria concretamente nas redefinições formais arquitetônicas e urbanísticas de caráter permanente ou provisório (dos eventos).

Os novos tempos de produção e tecnologia industrial conflitavam com o crescimento desordenado vertiginoso que solapava a precária infra-estrutura das cidades européias. Um leque de fatores, que culminam com o senso empreendedor do prefeito Haussmann, converge para o surgimento de uma nova, bela e remodelada Paris, na segunda metade do século XIX “que demonstra o sucesso da gestão pós-liberal, e se torna o modelo reconhecido por todas as cidades do mundo”.

⁹³ Puente, Moisés. Op. Cit. p. 13.

⁹⁴ Puente, Moisés. Op. Cit. p. 14.

Não por coincidência, data desta época a Torre Eiffel. Inicialmente repudiada por alguns segmentos da sociedade parisiense de então, foi comemorativa dos 100 anos da Revolução Francesa e concebida para a Exposição Universal de 1889. Mais tarde, se transformaria em ícone de Paris, reconhecida em todo o mundo.

Entre as últimas décadas do final do século XIX e as primeiras do século XX, novos materiais e processos construtivos, fabris e mecânicos possibilitaram a materialização de construções que transformariam definitivamente a paisagem, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, com conseqüências em suas imagens urbanas.

Em realidade, desde então houve uma profusão de importantes Exposições Universais. Durante todo século XX, várias delas tornaram-se lendárias, como por exemplo: “Barcelona 1929”, “Nova York 1939”, “Montreal 1967”, “Osaka 1970”, “Sevilha 1992” e “Lisboa 1998”. Algumas inclusive estiveram diretamente relacionadas aos Jogos Olímpicos, como será visto a seguir.

Paralelamente ao início desta era (dos “Grandes Eventos”), “no século XVIII, com a ilustração e o enciclopedismo, se deu um impulso definitivo aos valores baseados no conhecimento do homem”⁹⁵. Ocorre na época um crescente interesse pela civilização clássica grega e a incorporação de pesquisas arqueológicas que descobriram, a partir de 1829, o que se verificaria tratar-se do antigo centro atlético de Olímpia.

Este fato culminaria com descobertas realizadas em 1875 por um grupo de arqueólogos alemães, através de uma série de escavações ao redor do antigo santuário grego que, conseqüentemente, consolidaria o grande interesse pelos Jogos que ali se celebravam na Antigüidade. Assim, parte da história da civilização tornaria mais tangível o que somente se conhecia através de textos antigos⁹⁶, “especialmente na obra de Pausanias”.

⁹⁵ COI. Memória Oficial de los Juegos de la XXV Olimpiada Barcelona 1992, Barcelona: COI, 1992, p.103.

⁹⁶ Koulouri, Christina (edited by). Archives and History of the Hellenic Olympic Committee. Athens: International Olympic Academy, 2002, p. 30.

EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS



Crystal Palace (Londres - 1851)



Palais de l'Industrie (Paris - 1855)



Crystal Palace (Londres - 1851)

EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS



**Pavilhão Phillips, Exposição Universal, Bruxelas, Bélgica.
Autores: Le Corbusier, Iannis Xenakis (et.al.), 1958.**



**Pavilhão Rep. Federal da Alemanha, Exposição Universal,
Montreal, Canadá. Arquiteto: Frei Otto, 1967**



**Pavilhão EUA, Exposição Universal, Montreal, Canadá.
Arquiteto: Buckminster Fuller, 1967**

Por tratar-se também de uma festividade religiosa em homenagem a Zeus e a outras divindades menores, existiam altares e monumentos de cultos e sacrifícios, “em honra aos vencedores se harmonizavam em um quadro de deslumbrante luz que deve ter produzido uma impressão fascinante e incomparável sobre os peregrinos já emocionados pela consagração dos lugares sagrados”⁹⁷.

As primeiras Olimpíadas datam longinquamente de 12 séculos antes, 776 a.C., sob o mote olímpico: “Citius, Altius, Fortius”⁹⁸: “O mais rápido, O mais alto, O mais forte”. Foram, no entanto, proibidas pelas suas supostas influências pagãs, pelo imperador romano Teodósio I, cristão, em 393 d.C..

O simbolismo da “vila olímpica”, aliás, também se referencia em versão romântica à Antigüidade Grega. Segundo a história, os participantes dos Jogos Olímpicos deveriam se reunir nos “precintos sagrados” de Elis, a aproximadamente 55 km de Olympia, até 30 dias antes do evento. Ali, preparavam-se física e mentalmente e partiam poucos dias antes dos Jogos para Olympia, onde armavam tendas e abrigos. Este conjunto, que determinaria uma primária forma de alojamento, se remeteria à idéia da “vila”.

Sintomático do interesse pela civilização Grega no século XVIII e XIX, por iniciativa e interesse do francês Pierre de Frédy, o “Barão de Coubertin”, foi criado em junho de 1894 o Comitê Olímpico Internacional (COI), na Universidade de Sorbonne, em Paris, cujo objetivo era reeditar e reorganizar os Jogos Olímpicos⁹⁹. O primeiro presidente do COI seria o grego Dimitrios

⁹⁷ Mezo, Franz. *Olimpia Antes Y Ahora* in Juegos Olímpicos 1936. Berlim: Órgano Oficial de la Comision de Propaganda de Los XI. Juegos Olímpicos de Berlim 1936, p.18.

⁹⁸ **Nota:** Há uma referência no jornal La Vanguardia que contesta a informação normalmente aceita de que os Jogos Olímpicos tiveram início em 776 a.C.. Segundo Abrams, somente a partir desta época, Hípias de Elis deu início ao registro dos vencedores das provas olímpicas, que na realidade já se realizavam há mais de 100 anos, a partir da adoção do calendário grego conhecido como Olimpíada, em ciclos de quatro anos. (Abrams, Harvey. *Mito y Realidad* in La Vanguardia, 08 de agosto de 2004, p. 17).

⁹⁹ **Nota:** No (mesmo) jornal La Vanguardia, há menção de que um certo Robert Dover (re)organizara na Inglaterra, em 1612 os Jogos Olímpicos de Cotsworld. Há referência também a William Penny Brookes que, segundo o autor, promoveu os Jogos Olímpicos de

Vikélas e a primeira edição dos “Jogos Olímpicos na era moderna” seria realizada em Atenas, em 1896, e reuniria 241 atletas oriundos de 14 países.

As solicitações para sediar um evento de contingente crescente a cada edição, (em participantes e atividades) resultaram na elaboração gradativa de um programa arquitetônico e urbanístico que muito impactaria – e, hoje principalmente, muito impacta - nas cidades-sedes. A consolidação e formalização de determinados parâmetros, incluindo as necessidades diretas e indiretas: desportivas, do público espectador, da população local e da cidade-sede, em paralelo à progressiva urbanização das cidades, deram uma dimensão qualitativa e quantitativa inconcebível para os primeiros anos dos Jogos Olímpicos da era moderna.

Por outro lado, como se pode concluir, a organização deste tipo de evento é uma forma de veiculação de uma visibilidade promocional (comercial ou não) que remonta a idos tempos. A construção ou montagem de aparatos arquitetônico-urbanos para eventos (desfiles, exposições, festivais, jogos, parques, paradas, torneios, shows etc.), com maior ou menor assertividade, referencia-se a alguma forma de demonstração de “contemporaneidade” (artística, econômica, política, social, tecnológica etc.) e capacidade organizacional.

Como se percebe, verdadeiros palcos de possibilidades temáticas (dimensão simbólica), em muitos casos, estes eventos são capazes de catalisar uma série de iniciativas permanentes – legado pós-evento – e transformar-se em formidável mídia de comunicação, dentre outras possíveis conseqüências. Os dados fornecidos na seção “Os Jogos Olímpicos e o impacto urbano”, por exemplo, dão a dimensão do vulto da evolução programática e das repercussões destes eventos no ambiente urbano.

Much Wenlock, também na Inglaterra, em 1850. Além disso, o artigo afirma que em Atenas, nos anos de 1859, 1870, 1875 e 1889, foram realizados os Jogos Olímpicos Nacionais, com a participação estrita de atletas gregos (Abrams, Harvey, Op. cit., p. 17).

OLÍMPIA



Perspectiva da cidade de Olimpia (antiga)



Maquete da cidade de Olimpia (antiga)



Cidade de Olimpia

Andranovich¹⁰⁰ (et alii), sob outro prisma, descreve determinadas situações tipicamente anglo-saxônicas, onde é recorrente a idéia de transferência de equipes de suas sedes originais para outras cidades ou estados.

O fato por si não teria maior relevância no âmbito da atratividade urbana se não revelasse o interesse dos destinos finais em incentivar a fixação de determinada agremiação em seu perímetro interior. Algo bastante semelhante à ocupação do oeste americano, quando realizada através de via ferroviária, que favoreceu ao ambiente de disputa entre cidades, conforme comentado anteriormente.

As somas vultuosas envolvidas no esporte - negócio esportivo - e as grandes distâncias dos Estados Unidos incentivam esta prática, pois criam pontos atrativos distribuídos com maior equanimidade pelo território. Há, por exemplo, mais de 400 “*halls da fama*” (*halls of fame*)¹⁰¹ que homenageiam desportistas e clubes em todo os EUA. Na Europa, com distâncias físicas mais próximas, mesmo com os altos valores econômicos envolvidos no esporte¹⁰², não há, por exemplo, a prática freqüente destas transferências de sede.

Estes antecedentes apresentados permitem a compreensão da formação e das primeiras fases de consolidação de uma época de grandes eventos. A ambição por uma imagem grandiosa e inovadora estará sempre associada às modernidades destes tempos industriais e, agora, pós-industriais.

Em relação aos objetivos desta pesquisa, discutir genericamente o papel da cultura e do entretenimento e suas variadas representações (congressos, desfiles, exposições, feiras, festivais, seminários, shows etc.) na sociedade contemporânea não se mostra fundamental. No entanto, é

¹⁰⁰ Andranovich, Greg (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 117.

¹⁰¹ (Dados-1991) Law, Christopher. *Op. cit.*, 2002, p. 136.

¹⁰² “Em 1999, o Museu [da equipe de futebol] Manchester United (Manchester, Inglaterra) recebeu 274.000 visitantes” (Law, Christopher. *Op. cit.*, 2002, p. 138).

preciso reconhecer que a tendência em assumir os eventos como fatos meramente provisórios é o ponto frágil que dá inclusive argumento aos críticos de uma – por vezes incompreensível e descontextualizada – argumentação da “espetacularização urbana”. Assegurar amplas e reconhecidas contribuições ao ambiente urbano, no âmbito da qualidade de sua forma, pode ser uma das maneiras ideais de compatibilizar o efeito catalisador do evento com a sua estruturação.

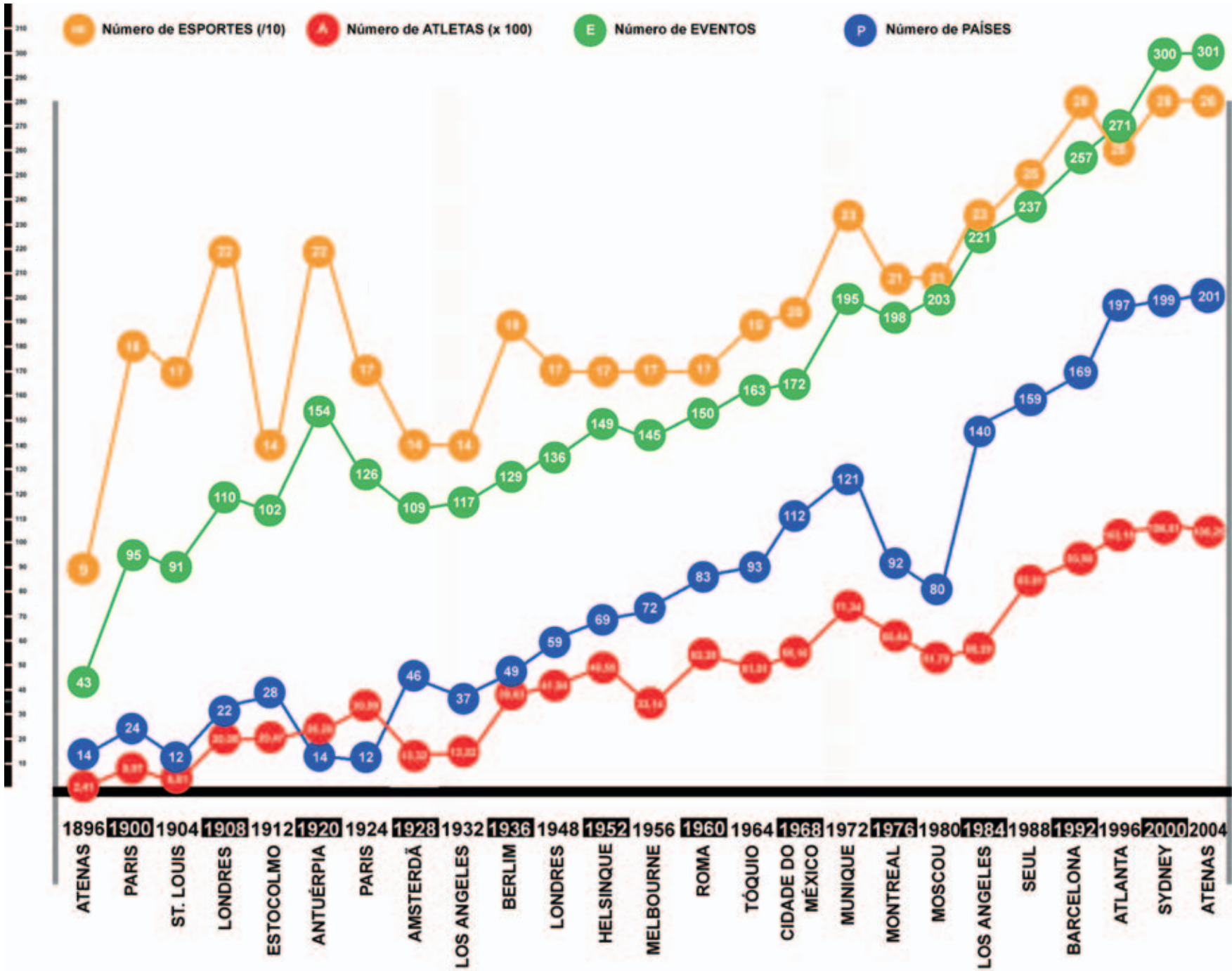
3.5.B. Os Jogos Olímpicos e o impacto urbano

Atualmente, há um considerável e crescente interesse de determinadas cidades¹⁰³, estados e países em organizar eventos que possam inseri-los em um universo de visibilidade e reconhecimento internacional. Assim, naturalmente, ocorre uma acirrada disputa a sede de diversos eventos, (dentre os quais os esportivos,) como por exemplo: os Circuitos Mundiais, as Copas do Mundo, os Jogos Pan-Americanos, os Jogos Asiáticos, os Jogos Olímpicos de Inverno, as Maratonas Internacionais, os Torneios Pré-Olímpicos etc.

Por sua expressividade, a estrutura de implementação dos Jogos Olímpicos será analisada com prioridade em detrimento do estudo de fatos episódicos congêneres como os acima citados. Deve-se, contudo, considerar que, em geral, a linha de raciocínio aplicável às Olimpíadas pode ser facilmente relativizada aos demais eventos¹⁰⁴:

¹⁰³ **Nota:** Para Atenas, todos os Comitês Olímpicos Nacionais reconhecidos pelo COI (Comite Olímpico Internacional) confirmaram presença, em um total de 202 delegações. Na última edição dos Jogos, em Sidney (2000), 198 delegações participaram do evento. Os primeiros Jogos Olímpicos, Atenas, 1896, contaram com apenas 14 delegações e, em St. Louis, 1904, houve uma participação mínima na história olímpica de 12 delegações (www.sidney.olympic.org, acesso: maio/2004). Vale ressaltar ainda que as postulações a cidade-sede dos Jogos Olímpicos se efetivam há cerca de 7 a 8 anos antes da data prevista para realização do evento.

¹⁰⁴ **Nota:** Na presente pesquisa, durante o processo de análise dos Jogos Olímpicos, em todas as situações em que os fatos citados forem aplicáveis também aos Jogos Pan-Americanos, o fato será citado.



“Hoje, os Jogos Olímpicos são os megaeventos de escolha das agendas de desenvolvimento dos governos municipais e nacionais. Megaeventos intencionam atrair investimentos turísticos e, mais importante, reconhecimento da mídia nacional e internacional para a cidade-sede”¹⁰⁵.

Áreas Estimadas dos Jogos Olímpicos, segundo Millet¹⁰⁶:

Facilidades de Competição Exterior		
TIPO	No. de Unidades	Área Superfície Estimada (ha)
Atletismo	1	8
Baseball		
- Principal	1	5
- Secundário	1	4
Velódromo	1	4
Esportes Equestres	1	20
Futebol		
- Principal	1	8
- Secundário	4(x 3ha)	12
Hockey	1	10
Softball	1	3
Tenis	1	4
Volei de Praia	1	3
TOTAL:	14	81

¹⁰⁵ Andranovich, Greg (et alii). *Op. cit.*, 2001, volume 23, número 2, p. 114.

¹⁰⁶ Millet, Lluís. *Olympic Villages after the Games in Moragas*, Miquel de. *Olympic Villages: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*, Lausanne: International Olympic Committee, 1996, p. 124.

Facilidades de Competição Interior		
TIPO	No. de Unidades	Área Superfície Estimada (ha)
Halls pequeno porte	6 (x 1,5 ha)	9
Halls médio porte	5 (x 3 ha)	15
Halls grande porte	2 (x 4 ha)	8
TOTAL:		32

Facilidades de Competição Especial		
TIPO	No. de Unidades	Área Superfície Estimada (ha)
Estádio de Canoagem e Remo	1	75
Canal de Slalom	1	15
Centro de Competição Completo	1	300
Complexo Aquático	1 ou 2	5 (total)
Centro de Tiro	1	30
Complexo de Arco-Flecha	1	5
Porto Olímpico	1	15
TOTAL:	7	445

Facilidades de Treinamento		
TIPO	No. de Unidades	Área Superfície Estimada (ha)
Vários	80	20
TOTAL:		20

Facilidades de Acomodação			
TIPO	Capacidade	Teto Residencial	Área Superfície Estimada (ha)
vila olímpica	15.750 p.	300.000 m ²	60
Família olímpica	5.000 p.	100.000 m ²	5
Árbitros	7.000 p.	140.000 m ²	10
Youth Camp	600 p.	10.000 m ²	7
TOTAL:	28.350 p.	550.000m²	82

Facilidades de Serviço			
TIPO		Teto Construído	Área Superfície Estimada (ha)
IBC		50.000 m ²	3
MPC		40.000 m ²	2
Sede Comitê Organizador dos Jogos		40.000 m ²	2
Outros Centros de Serviço (segurança, telecomunicação, logística etc.)		50.000 m ²	2
TOTAL:		180.000m²	11

Resumo da Área de Superfície	
TIPO	Área Superfície Estimada (ha)
Facilidades de Competição Exterior	81
Facilidades de Competição Interior	32
Facilidades de Competição Especial	445
Facilidades de Treinamento	20
Facilidades de Acomodação	82
Facilidades de Serviço	11
TOTAL:	445

Millet, Lluís. Olympic Villages after the Games *in* Moragas, Miquel de. Olympic Villages: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences, 1996, p. 124.

A prerrogativa de escolha da cidade-sede dos Jogos Olímpicos obedece objetivamente aos preceitos previstos na Carta Olímpica¹⁰⁷. A direção do movimento olímpico é realizada pelo COI (Comitê Olímpico Internacional), uma organização internacional não-governamental, constituída como associação dotada de personalidade jurídica, que “reconhece e outorga a qualidade de CON (Comitê Olímpico Nacional) às organizações cuja atividade esteja relacionada com a sua função”¹⁰⁸. Além disso, o “movimento olímpico compreende as Federações Internacionais (FI), os Comitês Organizadores dos Jogos Olímpicos (COJO), as associações nacionais, os clubes e pessoas que fazem parte deles, especialmente os atletas, (...) os juízes/árbitros, os treinadores e

¹⁰⁷ “A Carta Olímpica é o código que resume os princípios fundamentais, as Normas e os textos de aplicação adotados pelo CIO. Rege a organização e o funcionamento do Movimento Olímpico e fixa as condições para a celebração dos Jogos Olímpicos” (Princípios Fundamentais da Carta Olímpica) (www.olympic.org acesso: maio/2004).

¹⁰⁸ Item 4: “Reconhecimento do COI - Comitê Olímpico Internacional” (O Movimento Olímpico - Carta Olímpica) (www.olympic.org acesso: maio/2004).

pessoal técnico do desporto. Compreende também outras organizações e instituições reconhecidas pelo COI¹⁰⁹.

Resumidamente, todo o processo de efetivação dos Jogos Olímpicos [e/ou, p. ex., Jogos Pan-Americanos] pode ser dividido em quatro períodos distintos¹¹⁰:

1. O período de preparação da candidatura e indicação do direito de sede dos Jogos;
2. O período de preparação dos Jogos;
3. O período de realização dos Jogos (seguido dos Jogos Paraolímpicos);
4. O período mais longo, pós-Jogos.

Há quatro denominações distintas e sucessivas para a definição da cidade que terá o direito a sede de determinados Jogos Olímpicos:

- Cidade-Postulante: “É uma cidade que busca a aprovação [junto ao comitê nacional (de seu país)], via eleição para ser designada como Cidade-Aspirante a sede dos Jogos Olímpicos (...) junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI).

- Cidade-Aspirante (*Applicant City*): É uma cidade eleita pelo [comitê nacional (de seu país)] para participar do processo de aceitação de candidatura do Comitê Olímpico Internacional (COI) para sede dos Jogos Olímpicos (...).

- Cidade-Candidata (*Candidate City*): É uma cidade aceita pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para concorrer à eleição de cidade-sede aos Jogos Olímpicos (...).

- Cidade-Sede (*Host City*): É uma cidade que foi eleita para ser sede dos Jogos Olímpicos (...)¹¹¹”.

¹⁰⁹ Item 3: “Pertença ao Movimento Olímpico” (O Movimento Olímpico - Carta Olímpica) (www.olympic.org acesso: maio/2004).

¹¹⁰ Cashman, Richard. *Impact Of The Games On Olympic Host Cities*, Centre d’Estudis Olímpics (UAB), 2003, p. 4.

¹¹¹ **Nota:** Os procedimentos relatados referenciam-se à candidatura para Cidade Sede dos Jogos Olímpicos de 2012 (Comitê Olímpico Brasileiro. Manual de procedimentos para postulação de cidade brasileira aspirante à sede dos Jogos Olímpicos de 2012. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro, 2002, p. 11).

Para exemplificar, descrever-se-á o processo de escolha da cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2012.

Todas as cidades-aspirantes a cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2012: Havana (Cuba); Istambul (Turquia); Leipzig (Alemanha); Londres (Inglaterra); Madrid (Espanha); Moscou (Rússia); Nova York (EUA); Paris (França) e Rio de Janeiro (Brasil), submeteram suas inscrições ao Comitê Olímpico Internacional (COI) em 15 de julho de 2003 (que incluiu o pagamento de taxa de inscrição de US\$ 150.000,00 (cento e cinqüenta mil dólares)¹¹² realizada até agosto de 2003).

Posteriormente, foram solicitadas a responder um questionário, comum a todas as cidades-aspirantes, com indagações a respeito de características, intenções e procedimentos particulares de cada cidade, até a data de 15 de janeiro de 2004.

Este documento, submetido a uma comissão designada pela direção do COI, conforme preceitos estabelecidos pela Regra 37 da Carta Olímpica, com respostas em idioma francês e inglês, em igual número mínimo de 25 cópias para cada versão, constituía-se como parte integrante do processo pré-seletivo de aceite da candidatura com data limite referencial para divulgação de resultado, pelo comitê executivo do COI, em 18 de maio de 2004.

Por sua vez, este comitê executivo contou com a assessoria de um grupo de trabalho¹¹³, constituído por quinze pessoas (membros especialistas de federações internacionais, comitês olímpicos nacionais e comissão de atletas do COI) que, reunido em Lausanne, Suíça, entre os dias 9 e 12 de maio de 2004, formulou documento técnico de análise das cidades-aspirantes.

O objetivo deste grupo de trabalho era “determinar a capacidade de cada cidade em organizar com sucesso os Jogos Olímpicos de 2012 em dado tempo e recursos disponíveis”¹¹⁴.

¹¹² Item 1.6.1 –Candidature Acceptance Procedure – Games of the XXX Olympiad 2012.

¹¹³ IOC Candidature Acceptance Working Group. Report By The IOC Candidature Acceptance Working Group To The IOC Executive Board. Lausanne: 12 março 2004, p. 6.

¹¹⁴ IOC Candidature Acceptance Working Group. Op. cit., 2004, p. 9.

Foi estabelecido critério matemático por “lógica-fuzzy” em face da reconhecida subjetividade de análise de alguns dados: “Um número “fuzzy” é dado em um intervalo, compreendendo um grau mínimo e máximo. Quanto mais incerto for o grau de critério, maior é o intervalo entre o grau mínimo e máximo”. Este critério reflete-se no grau de incerteza de factualidade das propostas apresentadas. Além disso, foi estabelecido o grau 6 (seis) como referência e pesos diferenciados para cada disciplina abordada:

<u>Disciplinas:</u>	<u>Peso:</u>
- Apoio governamental, aspectos legais e opinião pública ¹¹⁵	2
- Infra-estrutura geral	5
- Instalações esportivas	4
- Vila olímpica	4
- Condições e impactos ambientais	2
- Acomodação:	5
- Conceitos de transporte	3
- Segurança e seguridade	3
- Experiência em eventos esportivos passados	2
- Finanças	3
- Projeto na totalidade e legado	3

¹¹⁵ Incluindo submissão à Carta Olímpica e Código Mundial Anti-Doping. **Nota do Documento:** O grupo de trabalho comentou a submissão das cidades aspirantes ao Código Mundial Anti-Doping, mas não determinou grau (IOC Candidature Acceptance Working Group. Op. cit., 2004, p. 8).

A partir de então, as cidades remanescentes na disputa para sede dos Jogos Olímpicos passaram a ser consideradas idades-candidatas, com a seguinte classificação conclusiva:

- “O grupo de trabalho tem alto nível de confiança que Londres, Madrid, Nova York e Paris tem capacidade de sediar os Jogos Olímpicos 2012;

- O grupo de trabalho tem menos certeza se Moscou tem capacidade de sediar os Jogos Olímpicos 2012, refletido no fato de que os graus gerais se posicionam no nível de referência médio [grau 6 (seis)];

- O grupo de trabalho conclui que Havana, Istambul, Leipzig e Rio de Janeiro não tem o nível de capacidade requisitado no momento para sediar os Jogos Olímpicos 2012”¹¹⁶.

Desta forma, permaneceram no embate para sediar os Jogos Olímpicos 2012 as cidades de Londres (Inglaterra), Madrid (Espanha), Moscou (Rússia), Nova York (Estados Unidos da América) e Paris (França).

Esta nova fase implicou em maior detalhamento das postulações, em uma fase considerada como Fase II do processo de candidatura a sede dos Jogos Olímpicos 2012. As cidades remanescentes deveriam submeter nova documentação, além do pagamento de US\$ 500.000,00 (quinhentos mil dólares) por nova taxa de inscrição (relativa a esta etapa). Como roteiro para as cidades, o COI formulara documento denominado *2012 Candidature Procedure and Questionnaire*, com indicação dos procedimentos e instruções a serem adotados até a completude do processo de definição da cidade-sede. Este material foi devidamente analisado e encontra-se disponível em capítulo anexo desta pesquisa.

Em uma fase subsequente e conclusiva, houve a escolha da cidade-sede referente aos Jogos Olímpicos de 2012, durante a 117ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI) em Singapura em 06 de julho de 2005.

¹¹⁶ IOC Candidature Acceptance Working Group. *Op. cit.*, 2004, p. 90.

O evento Jogos Olímpicos 2012 estará inicialmente previsto para o período compreendido entre 15 de julho de 2012 e 31 de agosto de 2012, com compromisso da cidade em sediar os XIV^o Jogos Paraolímpicos no período imediatamente subsequente.

Finalmente, o veredito determinou que a cidade-sede dos XXX^o Jogos Olímpicos 2012 e dos XIV^o Jogos Paraolímpicos 2012 será pela 3^a. (e, por enquanto, inédita) ocasião: a cidade de Londres, Reino Unido.

Explicitado o processo de candidatura a cidade-sede de um evento olímpico, busca-se inicialmente a compreensão dos efeitos econômicos tangíveis e intangíveis relacionados a um evento desta natureza. Heinemann observa, por exemplo, a despeito do reconhecimento de contextos variados e interesses múltiplos que:

Os “efeitos tangíveis são definidos como aqueles impactos econômicos, que podem ser expressos em valores monetários, como receita e gastos, subsídios, taxas, crescimento econômico, inflação etc.”.

“Os efeitos de receita são o resultado de investimentos públicos e privados (estádios, hotéis, infra-estrutura etc.) e despesas de consumidores públicos e privados (turistas, família olímpica, habitantes da cidade-sede, organização, segurança, [seguridade] etc.)”¹¹⁷.

Presumivelmente, os dispêndios de organizadores e investidores transformam-se parcialmente em receita, em uma cadeia induzida contínua.

De acordo com Heinemann, “pesquisas relativas ao impacto econômico nos Jogos Olímpicos calculam um [efeito] multiplicador de 2,5 a 2,8. O que implica: um dispêndio de um dólar produz uma receita adicional de 2,5 a 2,8 dólares”¹¹⁸.

¹¹⁷ Heinemann, Klaus. “The Olympic Games: Short-Term Economic Impacts or Long-Term Legacy?” in Moragas, Miquel de (ed.). Op. cit., 2002, p.182-p.183.

¹¹⁸ Heinemann, Klaus. Op. cit., 2001, p. 184.

(Tab. 1)¹¹⁹

CUSTOS E BENEFÍCIOS TANGÍVEIS DIRETOS	
CUSTOS (relacionados aos Investimentos)	BENEFÍCIOS (relacionados aos Investimentos)
Gastos com infra-estrutura: Facilidades esportivas Infra-estrutura Instalação de serviços Custos de capital Custos operacionais	Receita pela utilização de facilidades esportivas Empregos
CUSTOS (relacionados ao Comitê Organizador)	BENEFÍCIOS (relacionados ao Comitê Organizador)
Administração Acomodação Cerimônias* Custos financeiros Custos organizacionais Demandas técnicas Eventos adicionais Publicidade Serviços Segurança Staff	Direitos televisivos Leasing Licenciamento Patrocínios Souvenires Venda de Ingressos

¹¹⁹ Heinemann, Klaus. "The Olympic Games: Short-Term Economic Impacts or Long-Term Legacy?" in Moragas, Miquel de (ed.). *Op. cit.*, 2002, p.183.

(Tab. 2)¹²⁰

CUSTOS E BENEFÍCIOS TANGÍVEIS INDIRETOS	
CUSTOS	BENEFÍCIOS
Efeitos de deslocamento:	Turismo
Turismo	Indústria de serviço
Consumo	Mídia
Investimentos	Receita induzida (devido ao efeito multiplicador)
Aumento de Preços:	Emprego
Setor de serviço	Efeito de taxa induzida
Habitação/Construção	

Esta relação econômica induz ainda à criação de postos de trabalho relativa aos anos anteriores e posteriores ao evento e específicos ao momento (do evento). Evidencia-se, contudo, que os “empregos de longo prazo”, sobretudo posteriores ao evento - dependem principalmente da imagem e do crescimento do turismo^{121, 122}.

¹²⁰ Heinemann, Klaus. “The Olympic Games: Short-Term Economic Impacts or Long-Term Legacy?” in Moragas, Miquel de (ed.). *Op. cit.*, 2002, p.183.

¹²¹ De acordo, por exemplo, com o estudo ‘The Economic Impact of the 2010 Winter Olympic and Paralympic Games’, realizado como base analítica para a candidatura de Vancouver, Canadá, para os Jogos Olímpicos de Inverno de 2010: “(...) A experiência de Barcelona desde as Olimpíadas de 1992 demonstra que é possível estender o impacto turístico de indução Olímpica por até dez anos após os Jogos. A decisão de Barcelona em sediar os Jogos foi estratégica e parte de plano de desenvolvimento econômico de longo prazo que, em seu caso, levou ao aumento da capacidade hoteleira, que por sua vez, encorajou um crescimento econômico de longo prazo” (InterVistas Consulting Inc.. *Op. cit.*, 2002, p. 17).

¹²² Em relação aos Jogos Olímpicos de Sidney 2000: “No centro do pensamento da Estratégia Turística dos Jogos Olímpicos da ATC (*Australian Tourist Commission*) estava a utilização dos Jogos para adicionar profundidade e dimensão a *brand* - marca - Austrália” pela promoção de mais do que apenas as típicas imagens e temas tipicamente turísticos na direção e durante os Jogos. Isto foi realizado ao juntar-se a *brand* Austrália, a marca olímpica (a mais reconhecida marca do mundo) e as marcas dos parceiros olímpicos (patrocinadores, *broadcasters* – teletransmissores – e a família olímpica). Ao trabalhar com *broadcasters* mundiais, a ATC intencionava fazer das Olimpíadas um documentário de duas semanas de toda a Austrália para uma audiência global de 3.7 milhões

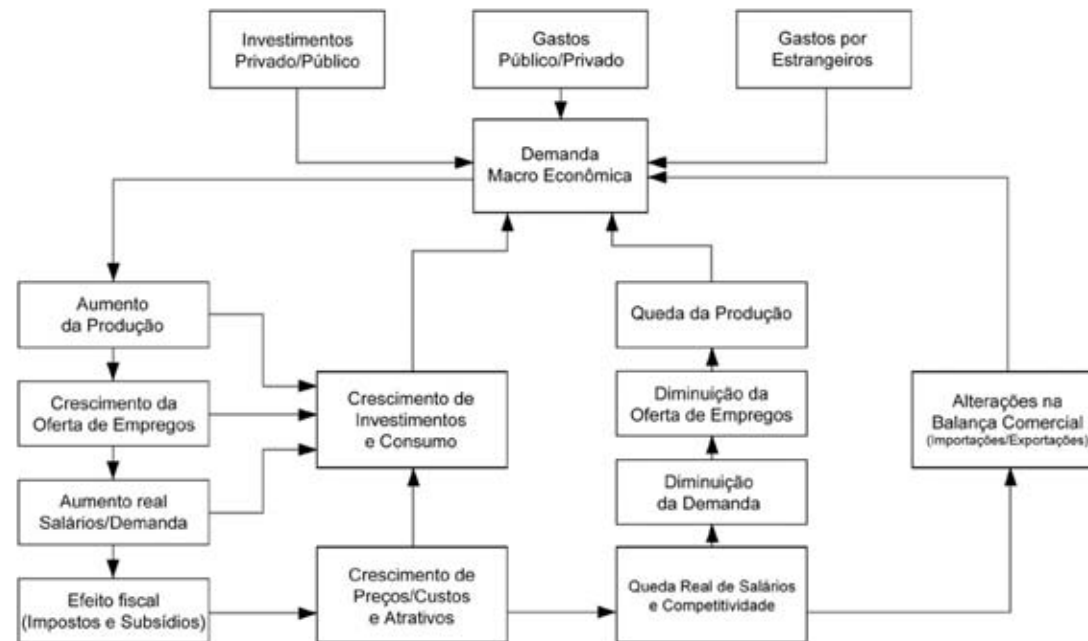
Em geral, a maior parte dos empregos criados por um evento olímpico é temporário de baixa qualificação. Vale ressaltar, entretanto, que esta avaliação é relativa aos padrões norte-americanos e europeus. Portanto, o possível tom crítico deve-se ao fato de que há demandas de emprego naqueles países substancialmente diferentes das dos países em desenvolvimento. De acordo com pesquisa citada, relacionada ao *Selig-Center for Economic Research* (University of Georgia), 77.026 empregos foram gerados pelos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996, sendo da natureza citada - temporário de baixa qualificação - 64% do universo total, em setores de comércio, hospedagem e diversão, comida e bebida^{123, 124}.

de pessoas com 36 bilhões de horas de assistência (dados do COI)” (Australian Tourist Commission. [Olympic Games Tourism Strategy](#). Australia: <http://www.atc.com.au> , 2001, p. 3).

¹²³ Heinemann, Klaus. [Op. cit.](#), 2001, p. 185.

¹²⁴ Talvez não tão coincidentemente: “apesar da impressão sedutora criada por filmes de Hollywood, televisão e periódicos populares, trabalhar no turismo econômico de Las Vegas normalmente significa ganhar baixos salários, receber poucos benefícios, e tolerar escalas de trabalho imprevisíveis e condições de trabalho estressantes. Entender o impacto na economia do turismo dos jogos de azar nos trabalhadores de Las Vegas requer um olhar atento aos tipos de posições que provêm o maior número de empregos: garçon (18.110); atendente de loja (17.140); funcionário de escritório (12.760); faxineiro (11.980); empregada (11.510); crupiê (10.860); carpinteiro (9.910); gerente geral (9.490); segurança (9.180); contador (7.900); atendente de bar e ônibus (7.420); secretário (6.610)” (Dados: Estado de Nevada – 1996) (Parker, Robert E.. [Las Vegas – Casino Gambling and Local Culture](#) in Judd, Dennis R. e Fainstein, Susan S. (ed.). [The Tourist City](#). EUA: Yale University Press, 1999, p. 119).

Inter-relação das variáveis econômicas, influenciando o impacto dos Jogos Olímpicos:



125

Com o objetivo de análise da relação custo-benefício na organização de um grande evento, deve-se sublinhar que, ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa, parte-se sempre da premissa de longo prazo dos benefícios futuros do legado catalisado que conjugue adequadamente a realização de um fato episódico com a conformação de uma infra-estrutura permanente superior. Por isso, embora se considere que “Os efeitos intangíveis são definidos

¹²⁵ Heinemann, Klaus. “The Olympic Games: Short-Term Economic Impacts or Long-Term Legacy?” in Moragas, Miquel de (ed.). *The Legacy of The Olympic Games 1984-2000*, Lausanne: International Olympic Committee, 2003, p.186.

como aqueles impactos que não são diretamente quantificáveis em termos monetários ou outro termo econômico relevante”¹²⁶, é absolutamente fundamental que, principalmente no caso dos países semiperiféricos economicamente, não haja uma situação deficitária comprometedora (de difícil reversibilidade).

Admite-se, todavia, que os efeitos sobre a visão interna e externa da cidade (sede do evento) não podem ser “julgados em uma base simples de lucro e gastos. Frequentemente os eventos esportivos estão vinculados a um processo de “reimageabilidade” (...) invariavelmente relacionado a estratégias de regeneração urbana e desenvolvimento turístico.

Grandes eventos, se bem sucedidos, têm a habilidade de projetar uma nova imagem e identidade para a cidade. A hospedagem de grandes eventos esportivos é justificada pela cidade (sede) em termos de conseqüências econômicas e sociais de longo prazo, direta ou indiretamente resultante do ato de sediar o evento”¹²⁷.

Se por um lado a atual notoriedade dos Jogos e interesse dos países em participar direta ou indiretamente de suas realizações é crescente, por outro “ignora-se” que até bastante recentemente o movimento olímpico sofreu com enormes prejuízos como, por exemplo, em Montreal (1976), que remonta a valores deficitários da ordem de 1,2 bilhões de dólares, e Moscou (1980), com prejuízo estimado em 170 milhões de dólares.

Além disso, diversos boicotes, como por exemplo: o dos países africanos (Montreal/1976); o liderado pelos EUA (Moscou/1980) e o capitaneado pela URSS (Los Angeles/1984), fragilizaram a imagem deste evento de caráter mundialmente popular¹²⁸.

¹²⁶ Heinemann, Klaus. *Op. cit.*, 2001, p. 187.

¹²⁷ Gratton, Chris (et alii). “The Role of Major Sports Events in Gratton, Chris (et alii) (ed.) the Economic Regeneration of Cities” in Sport in the City – The Role of Sport in Economic and Social Regeneration, London e NY: Routledge, 2001, p. 36.

¹²⁸ Verbruggen, Hein. “The IOC, the Olympic Movement, the Host Cities: A Common Legacy” in Moragas, Miquel de (ed.). *Op. cit.*, 2002, p.24.

O debate acerca do legado, embora relativamente recente, tornou-se ponto central ao serem considerados os elementos de permanência herdados a partir de um evento temporário.

Cashman, especificamente a respeito dos Jogos Olímpicos, procura identificar seis principais grupos classificatórios com relação ao legado:

1. Legado econômico

Esta é a forma de legado mais discutida pelos comitês organizadores de Jogos Olímpicos pois objetiva os benefícios diretos - que podem ser mensurados - e provê as justificativas compensatórias de longo prazo em relação aos custos e encargos do ato ou efeito de sediar os Jogos Olímpicos.

Esta forma de legado relaciona-se com os planos de longo prazo das lideranças das cidades-candidatas para melhoria da qualidade da vida urbana e atração de negócios como turismo através do [evento]. Os Jogos Olímpicos dão a oportunidade de uma completa renovação urbana, para melhoria dos transportes e comunicações e para evolução das facilidades esportivas.

O legado econômico também se relaciona com o balanço ao término dos Jogos para assegurar que a cidade não herdará um débito olímpico. Esta forma de legado é a parte central dos atuais documentos de candidatura, que norteia a racionalidade da postulação.

2. Legado do ambiente físico

Esta forma refere-se, antes de tudo, ao que a cidade realiza com as instalações e recintos desportivos após os Jogos. Refere-se mais genericamente às mudanças significativas no ambiente físico (e construído) como resultado dos Jogos. O legado do ambiente construído justapõe-se ao legado econômico, pois o centro – *core* – dos projetos urbanos é freqüentemente

associado aos objetivos estratégicos da cidade em gerar receita através do turismo. Contudo, a qualificação do meio-ambiente pode ser menos tangível, apesar de não menos importante.

3. Legado informativo e educacional

Nas últimas décadas há um reconhecimento da importância da transferência do conhecimento olímpico (...) que pode ser benéfica economicamente.

Não se relaciona diretamente com o ato de sediar os Jogos e opera em uma cronologia distinta das outras formas de legado. Não significa [, contudo,] que é menos importante que outras formas de legado pois objetiva um grande público, particularmente jovens e atletas (...).

4. Legado de vida pública, política e cultura

Esta forma de legado refere-se às inovações na maneira como a cidade conduz sua vida pública e política e expressa sua cultura. Inclui também novas formas de cooperação e parceria que são desenvolvidas durante o processo de sediar os Jogos e também o processo evolutivo das habilidades humanas e a aplicação de novas tecnologias. Esta forma de legado é também menos tangível e debatido.

A evolução das qualidades humanas em uma cidade olímpica, particularmente o recrutamento e treinamento de voluntários, é outra área de potencial benefício desta forma de legado (...).

5. Legado do esporte

(...) Quando determinados Jogos Olímpicos deixam melhorias em facilidades esportivas para uma variedade esportiva de elite, surge uma questão: se há um legado de disseminação do esporte e da cultura esportiva para a cidade.

6. Legado de símbolos, memória e história

Esta categoria de legado inclui símbolos produzidos pelos Jogos, aniversário de eventos e a marca dos Jogos na história da cidade¹²⁹.

Como pode ser percebido, esta seção pretende contextualizar alguns parâmetros a serem atendidos pelas cidades-candidatas para satisfação dos requisitos necessários exigidos pelo COI para sediar os Jogos Olímpicos. Por outro lado, a atenção ao cumprimento desta pauta parece propiciar o surgimento de um legado que abriga um conjunto de benefícios tangíveis e intangíveis que pode ser genericamente resumido pelo quadro classificatório acima traçado por Cashman.

Em outros casos, contudo, existe a herança de pesados ônus de conflitos de interesses, prejuízos econômicos etc. a serem suportados pela cidade-sede, como também será visto a seguir.

O estudo específico da evolução das Olimpíadas, pela sua dimensão e caráter, permitirá compreender sua escalada de complexidade (associada aos seus problemas e suas soluções). Suas características, como anteriormente comentado, sintetizam as relações existentes mais importantes entre um megaevento esportivo e sua cidade-sede.

A partir daqui, portanto, dá-se a descrição e a análise das diversas contribuições físico-espaciais urbanas identificadas no contexto das diferentes edições dos Jogos Olímpicos realizadas desde 1896 até o presente momento: as chamadas Olimpíadas da era moderna.

¹²⁹ Cashman, Richard. Op. cit., 2003, p. 36.

3.6. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna – As fases e as edições

3.6.A. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna – 1ª. Fase

Atenas (1896)

Data: 06/04/1896 – 15/04/1896

Atletas Participantes: 241 homens

Número de Esportes: 9

Eventos: 43

Países Participantes: 14

Nesta edição, ainda primitiva, assim como nas demais imediatamente subseqüentes, não havia necessidade de um projeto urbanístico que justificasse a integração das instalações esportivas (*venues*), principalmente porque as distâncias eram facilmente percorríveis nos limites urbanos e o número de competições e participantes envolvidos limitado.

O lendário estádio Panathinaiko (ou Panathenean), conhecido como “Kallimarmaro”, herança em mármore da cultura helênica, seria orgulhosamente restaurado por iniciativa particular de George Averof, após mais de 2.000 anos de sua construção (realizada em 180 a.C.), e consolida-se como o primeiro grande legado cultural dos “Jogos Olímpicos da era moderna”.

Deve ser destacado que “a área onde o Panathinaiko se localiza hoje foi amplamente utilizada [no passado] para sediar os Jogos de mesma denominação: “Jogos Panathinaikos”, um festival de eventos em homenagem à deusa Athena (deusa da sabedoria e da guerra e protetora da cidade de Atenas e da Grécia antiga)”¹³⁰.

¹³⁰ www.olympics.org, março/2005.

Além dessa instalação, nesta edição dos Jogos, um velódromo em Neo Faliro, uma arena de tiros em Kallithea e um prosaico conjunto de quadras de tênis praticamente seriam suficientes para complementar a organização dos Jogos que, a despeito de sua incipiência de demandas, esteve seriamente ameaçado pela falta de recursos publicamente anunciada pela própria organização e pelo governo grego.

A importância que passa a existir a partir da primeira restauração – esta edificação seria novamente restaurada para os Jogos Olímpicos de 2004 realizados em Atenas - do Estádio Panathinaiko representa a integração entre o patrimônio artístico e arquitetônico e um uso reciclado, “literalmente combina antigüidade com o mundo moderno (...). O estádio foi a “alma” dos primeiros Jogos (...)”¹³¹.

O sucesso do evento, conjugado à nacionalidade de Coubertin, motivaria a França a pleitear a sede permanente dos Jogos Olímpicos. Além de indeferido pelo COI, o fato determinaria a rotatividade de cidade-sede e influenciaria toda a história olímpica, principalmente associada às estratégias de organização e disputa entre as cidades postulantes e o sentido de legado urbano.

Paris (1900)

Data: 14/05/1900 – 28/10/1900

Atletas Participantes: 975 homens e 22 mulheres

Esportes: 18

Eventos: 95

Países Participantes: 24

¹³¹ Koulori, *Op. cit.*, 2002, p. 26.

Número de ESPORTES (/10)

Número de ATLETAS (x 100)

Número de EVENTOS

Número de PAÍSES

Jogos Olímpicos

ATENAS (Grécia)

PARIS (França)

SAINT LOUIS (EUA)



Entorno Estádio Panathinaiko 23



Estádio Panathinaiko 24



Arena de Tiros Kalithea 25



Velódromo Neo Faliro 26



Exposição Universal Paris 27



Estádio Vieux Colombes 28



1º Lugar - Concurso Atl. Atletismo 29



Provas Esportivas 30



Exp. Universal Saint Louis 32



Estádio Olímpico 33



Provas Esportivas 34



Provas Esportivas 35



36

1896

1900

1904

Motor Diesel

1898

Radio Receiver
Ar Condicionado
Tungstenio flexível

1901
1902
1903

Fotografia Colorida

1907



Saint Louis (1904)

Cidade-Aspirante: Chicago

Data: 01/07/1904 – 23/11/1904

Atletas Participantes: 645 homens e 06 mulheres

Esportes: 17

Eventos: 91

Países Participantes: 12

Londres (1908)

Cidades-Aspirantes: Berlim, Milão, Roma

Data: 27/04/1908 – 31/10/1908

Atletas Participantes: 1.971 homens e 37 mulheres

Esportes: 22 esportes

Eventos: 110 eventos

Países Participantes: 22 países

Um certo “amadorismo” na organização perduraria por pelo menos três eventos subseqüentes a Atenas: Paris, 1900, Saint Louis, 1904 e Londres, 1908. Em todos estes casos, os Jogos eram coadjuvantes às Exposições Universais que, embora atraíssem um número expressivo de visitantes em busca principalmente de novidades tecnológicas, relegava o evento das competições esportivas a um plano bastante secundário. Alguns atletas, segundo informações

do próprio COI, não estavam nem mesmo cientes da própria participação nos Jogos Olímpicos que se prolongavam por alguns meses (!)¹³².

As imagens, em anexo, mostram algumas edificações realizadas para Exposições Universais, em uma época em que os esportes realizavam-se como em uma “feira de quermesse”, em improvisadas pistas e até mesmo nas águas do rio Sena (1900) (!). Uma linha eclética predominava na arquitetura das construções e o que seria mais tarde conhecido como “centro olímpico” era uma mistura de atividades de entretenimento. Uma espécie de parque de diversões de temática variada, com entremesclas esportivas, caracterizava a organização físico-espacial de um disperso programa olímpico.

De acordo com Cashman: em 1900, “era desejo de Coubertin reconstruir o sítio de Olympia na Exposição Universal – seus templos, estádios, ginásios e estátuas, mas os organizadores preferiram ao invés, mostrar a cultura e civilização francesa”¹³³.

Desde os primeiros Jogos, quando a necessidade de alojamento dos visitantes era facilmente solucionada pela rede hoteleira existente, muito se transformou na concepção e organização de um evento cada vez mais grandioso. Hoje, a inexistência desta facilidade é inconcebível e representa quase um capítulo à parte na história dos Jogos Olímpicos.

Um recurso adotado naqueles tempos para a acomodação de delegações eram os próprios navios que traziam. Este artifício, apesar de ter caído gradativamente em desuso, perduraria por muitas edições dos Jogos Olímpicos. Até pelo menos os Jogos Olímpicos de Helsinque (1952) ainda havia casos, nesta época já esporádicos, desta ocorrência¹³⁴.

¹³² **Nota:** Jogos Olímpicos de Paris 1900, realizados entre 14/05/1900 e 28/10/1900. Jogos Olímpicos de St. Louis, realizados entre 01/07/1904 e 23/11/1904. Jogos Olímpicos de Londres 1908, realizados entre 27/04/1908 e 31/10/1908.

¹³³ Cashman, Richard. Cap. 16 – Legacy in Cashman, Richard. Staging the Olympics: The Event and Its Impact, UNSW, 1999, p. 184.

¹³⁴ **Nota:** A delegação de Portugal manteve-se hospedada no navio que a trouxe nos Jogos Olímpicos de Helsinki (1952). (NOC. Official Report - XV Olympiad Helsinki 1952, 1954.)

Número de ESPORTES (/10)

Número de ATLETAS (x 100)

Número de EVENTOS

Número de PAÍSES

LONDRES (Reino Unido)

ESTOCOLMO (Suécia)



Exposição Universal



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico

1908

1912

Linha de Produção 1908

Abertura do Canal do Panamá 1914



22

110

22

22,00

14

102

28

28,00

O natural primitivismo das provas e de suas “instalações” (*venues*) desta época está registrado: 1) em Paris (1900), onde algumas das provas aquáticas, como natação e saltos ornamentais, foram realizadas no rio Sena; 2) em Saint Louis (1904), onde a falta de critérios para balizamento de performances tornava os Jogos Olímpicos assemelhados aos atuais festivais esportivos estudantis; 3) em Londres (1908), a utilização do mesmo estádio olímpico para várias provas, antes de denotar uma desejável otimização de usos, reflete a inadequação na compatibilização entre as modalidades desportivas e as instalações disponibilizadas.

Estocolmo (1912)

Cidade-Aspirante: Berlim

Data: 05/05/1912 – 27/07/1912

Atletas Participantes: 2.359 homens e 48 mulheres

Esportes: 14

Eventos: 102

Países Participantes: 28

Nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, todas as 27 delegações das nações estrangeiras participantes foram acomodadas em alojamentos militares, escolas, pensões e hotéis, em uma logística complicada em função principalmente da deficiência dos meios de comunicação (e transporte) da época que tornava quase imprevisível o número definitivo de participantes.

Nesta edição, após cogitar-se a construção de um estádio de uso provisório em madeira, decidiu-se por uma sólida edificação para o estádio olímpico. O projeto do arquiteto Torben Grut foi materializado ao norte de Estocolmo, em uma região residencial. O Relatório Oficial comenta

que havia na região a facilidade do serviço de transporte através de bondes que facilitaria a afluência aos Jogos.

A construção do estádio olímpico demandaria complexa compatibilização entre os recursos financeiros alocados (principalmente através de loterias) e a provisão de instalações físicas adequadas à realização do evento, com capacidade para até 22.000 espectadores (incluindo os módulos provisórios).

Data, aliás, já desta edição a preocupação com iniciativas que pudessem transformar-se em pesos negativos à cidade após os Jogos Olímpicos¹³⁵. Assunto este que seria debatido recorrentemente ao longo da história olímpica, principalmente face às crescentes dimensões do evento.

Segundo também o relatório oficial, as linhas arquitetônicas do estádio olímpico de Estocolmo remetem-se a construções antigas pela “aplicação construtiva da arquitetura medieval do tijolo”, como “nos muros das cidades, fortalezas, monastérios e igrejas da Suécia antiga”¹³⁶.

Foram realizados “desenhos” (mosaicos) nas paredes do estádio, através da utilização destes tijolos, e esculpidas obras de arte em granito em várias partes da obra.

Na área de entorno imediato, a floresta de videiros foi preservada e sua relação com o objeto arquitetônico criou um ambiente bucólico extremamente aprazível, quase inimaginável nas proximidades das instalações esportivas dos anos vindouros, em geral isoladas ou fora do contexto de complexos (centros ou parques).

¹³⁵ “O planejamento do estádio olímpico, como proposto pelas autoridades esportivas, foi o resultado cuidadoso de extensos estudos preliminares, e foi desenhado com a especial visão de obter o melhor resultado econômico absoluto e relativo possível, para, e mais especialmente, após as XV^{as} Olimpíadas” (Swedish Olympic Committee, The Official Report of The Olympic Games of Stockholm 1912, 1912, p. 170).

¹³⁶ Swedish Olympic Committee, Op. cit., 1912, p. 178.

Como será visto, somente após o aperfeiçoamento do conceito de parque olímpico, nos anos 70, é que se tornou a conjugar edificações esportivas e áreas livres públicas.

Ainda em relação aos Jogos Olímpicos de 1912, mais uma vez as “(des)preocupações” com as atividades aquáticas demonstram a condição rudimentar do evento, pois as provas eram realizadas em cenários naturais adaptados: “que oferecessem proteção contra correntes”.

Para isso, foi escolhida a área de Djurgårdsbrunnsviken e delimitada uma faixa que serviria como piscina, com 100 metros de extensão (esta exigência devia-se às provas de mais de 500 metros) e 20 metros de largura para as provas de natação e, em espaço adjacente, uma área para as provas de trampolim.

1916¹³⁷

Antuérpia (1920)

Cidades-Aspirantes: Amsterdam, Lyon

Data: 20/04/1920 – 12/09/1920

Atletas Participantes: 2.561 homens e 65 mulheres

Esportes: 22

Eventos: 154

Países Participantes: 29

Esta talvez seja uma das Olimpíadas menos documentadas da história, ocorridas oito anos após a realização dos Jogos de Estocolmo em função da ocorrência da I^a. Guerra Mundial (1914-1918).

¹³⁷ Jogos Olímpicos não realizados por ocasião da I^a Guerra Mundial.

A escolha da cidade de Antuérpia possuía o simbolismo de representar um país que sofrera as agruras da guerra e se reconstruía.

Foi nesta ocasião que se utilizou pela primeira vez em Jogos Olímpicos a bandeira olímpica (1913) com os cinco aros nas cores azul, amarelo, preto, verde e vermelho sobre fundo branco. Este ícone é representativo da amizade entre os povos por possuir pelo menos uma das cores de todas as bandeiras dos países do mundo.

Apesar de tantos simbolismos e discursos de fraternidade, as nações derrotadas, Alemanha, Austria, Bulgária, Hungria e Turquia, não foram convidadas a participar do evento.

Conforme mostram as imagens, entre as facilidades esportivas construídas, as que alcançaram maior projeção foram: a) o estádio olímpico, no ocaso da prevalência das linhas arquitetônicas ecléticas; b) a estrutura aquática a céu aberto, toscamente conformada por reservatórios de água com “arquibancadas” em terra que não ofereciam qualquer conforto e sensação de segurança.

Paris (1924)

Cidades-Aspirantes: Amsterdam, Barcelona, Los Angeles, Praga, Roma

Data: 04/05/1924 – 27/07/1924

Atletas Participantes: 2.954 homens e 135 mulheres

Esportes: 17

Eventos: 126

Países Participantes: 44

O Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

ANTUÉRPIA (Bélgica)

PARIS (França)



Entrada Est. Olímpico

35



Estádio Olímpico



Piscina



Piscina

154



Piscina

58



Sala

14



Estádio Colomb



Piscina

17



Vila Olímpica

62



Vila Olímpica

63

126



Refeitório



Correio

65



Vila Olímpica americana

66

28,89

12

1920

Voto Feminino (EUA)

1920

1924

Cinema Falado e TV

1923

Lindenberg - Voo Transatlantico Individual

1927

A importância dos Jogos Olímpicos de Paris em 1924, deve-se ao fato de que somente nesta ocasião (res)surge a idéia de “vila olímpica”, na linha evolutiva do que Coubertin considerava: “Olympia moderna” e “cidade olímpica”.

Assim, além das acomodações, alguns serviços eram precária e provisoriamente previstos como correio e telégrafo, próximos ao estádio de Colombes, mas já renunciavam, através de sua conformação físico-espacial, o sentido remotamente urbanístico da vila e do “centro olímpico” (ou “parque olímpico”). Sua forma era definida por seqüências lineares, dispostas lado a lado, de unidades modulares de alojamento. Assemelhava-se às atuais vilas operárias, pelo caráter ainda simplório de sua organização espacial, provisoriedade e ausência (justificável) de facilidades de apoio.

Atualmente, a vila olímpica é um dos requisitos mais importantes da organização dos Jogos Olímpicos, prevista na Carta Olímpica. Destinada a acomodar os atletas, equipe técnica e de apoio, deve estar sempre disponível para hospedagem desde pelo menos duas semanas anteriores ao início dos Jogos Olímpicos e no mínimo três dias após seu término.

Amsterdam (1928)

Cidade-Aspirante: Los Angeles

Data: 17/05/1928 – 12/08/1928

Atletas Participantes: 2.606 homens e 277 mulheres

Esportes: 14

Eventos: 109

Países Participantes: 46

Nas Olimpíadas de Amsterdam, Holanda, em 1928, verifica-se uma concentração de automóveis nas proximidades das instalações esportivas que chama atenção para a época.

Como será amplamente visto ao longo da presente pesquisa, dentre as muitas solicitações para se abrigar os Jogos Olímpicos, a variável “transporte”, e particularmente o “transporte individual”, foi e é objeto de enorme preocupação.

A demanda por espaço físico para estacionamento, a capacidade de absorção de fluxos por parte da infra-estrutura de transporte, a quantidade e os tipos de meios disponibilizados etc. são variáveis sempre consideradas na organização do programa olímpico. Como se sabe, em geral, a infra-estrutura urbana é especialmente sobrecarregada pelas demandas impostas, o que pode gerar particular interesse na resolução deste problema (*ad hoc*) e conseqüentemente resultar em um legado urbanístico permanente para a cidade-sede.

Em Amsterdam, não há registro de vila olímpica.

As diversas formas de alojamento para atender as 45 delegações estrangeiras foram distribuídas da seguinte forma: a) Escolas, 18%; b) Navios, 18%; c) Hotéis, 48% (com 28% fora de Amsterdam); d) Pensões, 12% (com 3% fora de Amsterdam); e) Outros, 4%.

Historicamente, as instalações esportivas reservadas aos Jogos Olímpicos de 1928 são pouco citadas. Deve ser pontuado que o estádio olímpico, com suas linhas arquitetônicas mais depuradas, prenuncia a transição gradual rumo a uma arquitetura moderna. A cidade, orgulhosa e destacadamente, ilumina alguns elementos urbanos como pontes e monumentos e trabalha assim sua imagem para seus “compatriotas e estrangeiros”, como descreve o relatório oficial do evento.

Neste ínterim, entre os Jogos Olímpicos de Amsterdam (1928) e Los Angeles (1932), inaugura-se um outro grande e tradicional evento esportivo: a Copa do Mundo de Futebol, no Uruguai, em 1930. Somente nesta edição, toda a atividade, baseada em uma única modalidade esportiva, seria concentrada em uma só cidade, Montevideú.



Número de ESPORTES (/10)



Número de ATLETAS (x 100)



Número de EVENTOS

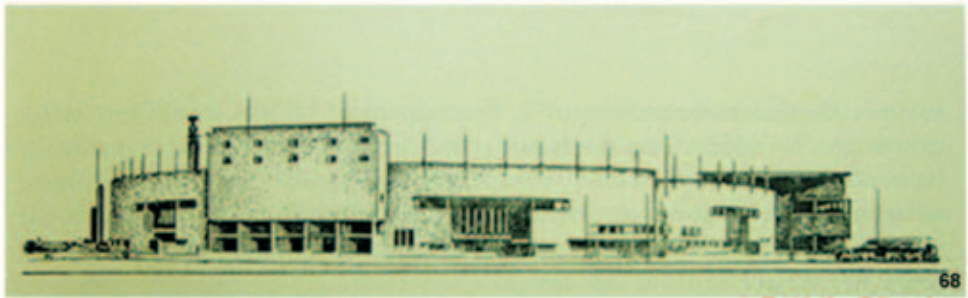


Número de PAÍSES

AMSTERDÃ (Holanda)



Entorno do Estádio Olímpico 67



Estádio Olímpico 68



Estádio Olímpico 69



Arena de Esgrima 70



Arena de Tiro 71



Estádio Olímpico 72



Transporte e Acomodação Delegação Itália (Solunto) 73



Transporte e Acomodação Delegação EUA (F. Roosevelt) 74

14

109

46

28,81

1928

Motor de Avião

1930

A partir de então, a crescente importância do evento demandaria uma pulverização dos jogos e atividades afins por outras cidades, em geral de um mesmo país – exceção feita à Copa do Mundo de 2002, dividida entre Japão e Korea.

Vale lembrar que no caso deste evento, o maior do mundo dedicado a um único esporte, a responsabilidade institucional por toda a organização é de um país e não de uma cidade, como nos casos das cidades-sedes olímpicas. Por este motivo, o impacto na estrutura físico-espacial das diversas cidades-sedes, em função da distribuição das atividades, tende a ser sempre relativamente limitado (positiva e negativamente).

Los Angeles (1932)

Cidades-Aspirantes:-

Data: 30/07/1932 – 14/08/1932

Atletas Participantes: 1.206 homens e 126 mulheres

Esportes: 14

Eventos: 117

Países Participantes: 37

Em Los Angeles, 1932, a grande novidade na história dos Jogos Olímpicos, em um país que buscava recuperar-se do *crash* das bolsas de valores de 1929, é a concepção de um pequeno “centro olímpico” – exceto por uma ainda mais incipiente estrutura formulada para Amsterdam, em 1928 - que, de alguma maneira, nortearia o arranjo e a organização do sistema viário no entorno do “Coliseum Stadium”. Sua relativa importância, assim, deve-se não à idéia de materialização de um “centro olímpico”, mas ao lançamento deste conceito.

As dimensões dos Jogos Olímpicos de Los Angeles já permitem algumas análises comparativas.

Em relação à sua organização espacial, por exemplo, ainda que de forma simples e longínqua, pode-se descrevê-la como afeita a um dos padrões desenvolvidos por Alexander:

“Espaço Exterior Positivo”¹³⁸, onde há a propriedade de fechamento e organização que fornece um caráter positivo às organizações interativas entre edifícios e sítios, contraposta àqueles conjuntos em que os edifícios criam espaços residuais negativos. Cada uma das unidades residenciais volta-se para um sistema viário e orbita em torno de facilidades dispostas em posição central.

Em realidade, em geral, nota-se que desde os primeiros exemplares de vilas (e parques) olímpicos, há uma preocupação em conceber-se um sistema que defina a organização formal e espacial com clareza, livre de estruturas excessivamente confusas ou residualmente difusas de complicada apreensão visual.

Como será visto, décadas mais tarde, este mesmo sítio seria utilizado nos Jogos Olímpicos de 1984. As imagens comparativas das duas épocas demonstram a “vocação de uma cidade precocemente espraiada” e, apesar da qualidade arquitetônica das instalações ser bastante limitada, um centro olímpico que serviu como uma espécie de estruturador da trama urbana das regiões de entorno.

A partir deste ponto, percebe-se gradativamente, na análise das diversas ocorrências dos Jogos Olímpicos ao longo da história, que as instalações esportivas dedicadas aos grandes eventos, possivelmente por demandarem áreas e estruturas de considerável porte, influenciam nitidamente as estruturas físico-espaciais das regiões em que se inserem. Provavelmente, ao se “perpetuarem” nas cidades, em função de suas dimensões que, pelo menos à prior,

¹³⁸ Alexander, Christopher et alii. Op. cit., 1977, p. 466.

○ Número de ESPORTES (/10)

● Número de ATLETAS (x 100)

● Número de EVENTOS

● Número de PAÍSES

LOS ANGELES (EUA)



Entorno do Est. Olímpico



Vila Olímpica



Parque Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Vila Olímpica



Comem



Residência



Hospital



Entorno Parque Olímpico

14

117

37

13.33

1932

Fotografia Polaroid
Radio FM

1932
1933

desaconselham a imediata dicotomia da “construção-desconstrução”, as arenas, estádios e vilas (e seus aparatos) se estabelecem em uma longa trajetória temporal.

Evidencia-se assim a importante necessidade, através do planejamento e projeto urbano, de uma costura cuidadosa entre as inserções dos objetos (instalações esportivas e congêneres, infra-estrutura urbana etc.) e o restante da cidade (em suas diferentes escalas de impacto), desde os estágios mais preliminares de organização dos Jogos, sob pena de abrir-se uma ferida renitente de complicada solução.

Outra importante contribuição desta edição dos Jogos é a “consolidação” da idéia de “vila olímpica” frente à necessidade de atender aos cerca de 1.200 atletas provenientes de 37 nações – mesmo sendo um evento com número decrescente de atletas, na curva gráfica evolutiva, por ser sediado fora da Europa¹³⁹.

Houve, pela primeira vez, a separação de acomodações para atletas masculinos, alojados na vila olímpica, e atletas femininas, hospedadas no hotel Chapman Park, segundo Muñoz, embora a participação pioneira das mulheres em Jogos Olímpicos date de 1900, em Paris, com a presença feminina de 22 atletas em um universo de 997 atletas.

Para alguns, as proporções adquiridas pelas instalações e estruturas construídas em Los Angeles a credenciam a ser considerada como a “primeira” vila olímpica da história (Muñoz, 1996).

Anteriormente, ambiciosos planos para a edificação de uma vila olímpica para os Jogos Olímpicos de Amsterdam em 1928 não foram levados adiante, em função dos custos financeiros.

¹³⁹ **Nota:** Francesc Muñoz relata que, para fazer frente aos altos valores relativos à viagem até a então extremamente longínqua Los Angeles, “algumas equipes, como a de Cuba e Brazil, transportavam em navios açúcar, tabaco e café juntamente com elas, assim cortando despesas de viagem pela venda de produtos nos portos nos quais atracavam”. Além disso, destaca que o alojamento e as refeições eram oferecidos em valores [relativamente módicos] de US\$ 2,00 ao dia, com descontos de 20% nas tarifas transatlânticas e 40% na rede ferroviária pública, como forma promocional de atração de participantes (Muñoz, Francesc, *Op. cit.*, 1996, p. 30).

Nesta edição, foram construídas cerca de 500 unidades de alojamento para 1.400 participantes, genericamente dispostas em sua parte principal como um “circuito” (em forma alongada retangular com extremidades longitudinais semicirculares), com a localização das áreas de refeitório na área central, em caráter provisório. Além disso, em um conjunto complementar, localizado em um apêndice lateral à área principal, foram construídas algumas outras unidades residenciais.

Embora a determinação físico-espacial varie de cidade para cidade, a cada edição dos Jogos Olímpicos, verifica-se uma setorização interna dos elementos constituintes do programa arquitetônico-urbanístico que se conforma de maneira clara. Como será percebido ao longo da presente pesquisa, equilibram-se – ou até “privilegiam-se” - as áreas livres do entorno imediato das estruturas que compõem os centros (as vilas e os parques) olímpicos.

3.6.B. Jogos Olímpicos da Era Moderna – 2ª. Fase

Berlim (1936)

Cidade-Aspirante: Barcelona

Data: 01/08/1936 – 16/08/1936

Atletas Participantes: 3.632 homens e 331 mulheres

Esportes: 19

Eventos: 129

Países Participantes: 49

Os aspectos compositivos do centro olímpico, pioneiro na história olímpica pelo conteúdo programático e dimensões – exceto por algumas ingênuas versões em Amsterdam, 1928, e Los Angeles, 1932 – é marcante.

O rigor e a assertividade de sua organização formal e espacial traduzem-se como o instante em que o caráter político dos Jogos, ao personalizar uma identidade, assume seu mais pungente ápice pela primeira vez. Desta forma, pode ser considerada como a que define o início da **2ª. Fase** dos Jogos Olímpicos da era moderna. Como será visto, esta relação política, no futuro, revelar-se-ia também fortemente em alguns outros contextos, sob formas diversas: da Guerra Fria, do Apartheid, da idéia de “contemporaneidade” (reativa à indesejável imagem retrógrada ou repressiva) etc.

As Olimpíadas de 1936 serão sempre lembradas pelo forte caráter político e propagandista nazista, da “superioridade racial ariana”, da grandiosidade urbanística, da severidade das linhas arquitetônicas (que comumente se remetiam à natureza clássica e austera antiga), da suntuosidade na escala (do poder) e da rigidez militarista das cerimônias: “Apesar da indicação do

direito de sediar os Jogos ter sido realizada anteriormente a 1933”¹⁴⁰ e as raízes do Nacional Socialismo se remeterem à Bavária, Berlim tornara-se a capital do III^o Reich.

A qualidade plástica da produção cinematográfica de Leni Reifenstahl eternizaria a imagem de um evento que já envolveria a participação de 3.963 atletas de 49 nações e a venda de mais de 4 milhões de ingressos. Um organizado episódio que fora idealizado para promover Hitler e o nazismo¹⁴¹.

A publicação oficial dos Jogos Olímpicos de 1936, em seu volume n^o. 12, comenta:

“O Chanceler Adolf Hitler deu expressão a uma vontade de seu povo ao dispor a preparação dos Jogos com toda a magnificência e ao levantar às portas da capital do Reich construções Olímpicas que respondem a excelência do pensamento Olímpico e honram o povo alemão. O gigantesco oval de um estádio olímpico de mais de 100.000 pessoas deveria incrustar-se entre os mais modernos campos de esporte para todas as suas manifestações, entre belos parques, pavilhões monumentais e edifícios para alojamento e administração. Planos de tais proporções bem que mereceriam a denominação de “Reichssportfeld” (estádio olímpico do Reich)”¹⁴².

O centro olímpico, em vasta área de 131 ha, foi concebido através de dois eixos ortogonais principais que definem as áreas de acesso à parte central protagonizada pelo estádio olímpico com capacidade para 100.000 espectadores. Além disso, foram construídos os estádios: de

¹⁴⁰ www.en.wikipedia.org/wiki/History_of_Berlin - agosto 2005.

¹⁴¹ **Nota:** Ao longo dos Jogos, um fato esportivo isolado ocorrido com o atleta norte-americano Jesse Owens, entretanto, desafiaria a convicção da superioridade ariana, ao vencer quatro provas de atletismo frente ao representante alemão Luz Long, diante de milhares de entusiastas do ditador. Este fato determinaria fortemente os aspectos cultural, ideológico e político do evento e produziria uma visibilidade marcante da história olímpica.

¹⁴² Revista Juegos Olímpicos 1936 – Organo Oficial de los XI Juegos Olímpicos de Berlin 1936 (trad.), 1936, p.2.

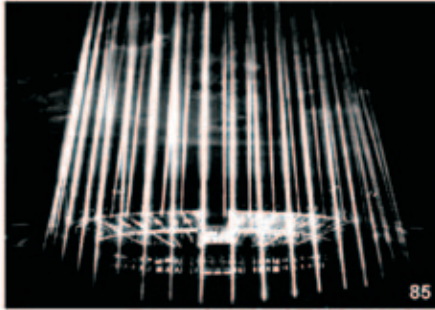
○ Número de ESPORTES (/10)

● Número de ATLETAS (x 100)

● Número de EVENTOS

● Número de PAÍSES

BERLIM (Alemanha) - parte 1



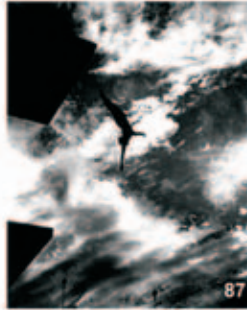
Olympia (Leni Reifensahl)

85



Olympia

86



Olympia

87



Olympia

88



Maratona

89



Chegada da Tocha Olímpica

90



Platêia Estádio Olímpico

91

19

129

49

88.00

1936

natação com capacidade para 17.000 espectadores, de hockey para 20.000, de atividades hípias para 10.000 e de ténis para 3.000, além do teatro Dietrich Eckart para 20.000 pessoas. O arquiteto Albert Speer revisaria os estudos preliminares inicialmente realizados na década de 20 para aquela área, prevista para abrigar atividades esportivas desde o início do século XX¹⁴³.

Speer, que se tornaria Ministro dos Armamentos de Hitler em 1942, cunhara a expressão “valor da ruína”, referindo-se à “qualidade de permanência dos monumentos”. Esta teoria, que coincide em alguns pontos específicos com as idéias formuladas por Rossi (em sua obra “Arquitetura da Cidade”), formulava o pensamento de que os edifícios deveriam ser construídos de forma a que deixassem ruínas de qualidade plástica agradável no futuro. Estas ruínas seriam testamentos da grandeza do III^o Reich, “como as ruínas Gregas e Romanas foram símbolos da grandeza de suas civilizações”¹⁴⁴.

Além disso, ao buscar deliberada inspiração na fonte da Antigüidade greco-romana, praticamente “antecipam-se princípios” sistematizados na obra de Alexander (1977).

Dentre os padrões identificados por Alexander, encontram ressonância nesta e em várias edições futuras dos Jogos Olímpicos os que se referem principalmente a:

- 1) “Complexo de edifícios”¹⁴⁵, principalmente pelas palavras taxativas do autor em declarar: “Não construa nunca grandes edifícios monolíticos. Sempre que seja possível, dê ao seu programa a forma de complexo de edifícios cujas partes manifestem os acontecimentos sociais reais da situação”.
- 2) “Edifício principal”¹⁴⁶, devido à capacidade desta edificação em criar uma hierarquia que oriente, crie referências e hierarquize os principais elementos que fazem parte do

¹⁴³ www.meaus.com/olympia-stadium, abril 2004.

¹⁴⁴ www.en.wikipedia.org/wiki/Albert_Speer – agosto 2005.

¹⁴⁵ Alexander, Christopher et alii. Op. cit., 1977, p. 423.

¹⁴⁶ Alexander, Christopher et alii. Op. cit., 1977, p. 437.

complexo de edifício. Alexander destaca: “Dentro de um conjunto de vários edifícios, qual receberá a função mais essencial, qual é a alma do grupo, enquanto instituição humana. Dê-lhe a forma de edifício principal, com uma posição central e uma cobertura mais alta”.

Em geral, nesta e em praticamente todas as edições dos Jogos Olímpicos, este papel é desempenhado pelo estádio olímpico (no contexto de centros ou parques olímpicos).

3) “Domínios de circulação”¹⁴⁷ é outro “padrão” identificado no parque olímpico de Berlim (1936), através de um sistema de estruturação e orientação das localizações e percursos relacionados àquele trecho urbano. Para isso, Alexander identifica alguns procedimentos ou regras que devem estar presentes na relação projetual:

a) “É possível identificar um sistema de domínios relacionados ao complexo, o primeiro e maior é o próprio complexo”. Neste caso, o próprio parque olímpico.

b) “Cada domínio tem um espaço de circulação principal que leva diretamente da entrada a este domínio”.

c) “As entradas de qualquer domínio conectam-se diretamente com o espaço de circulação de domínio superior imediato”.

Especificamente a respeito das duas últimas classificações acima, a análise compositiva disseca as formas organizacionais a uma lógica cartesiana apurada, porém simples. No sítio do parque olímpico, são contrapostas áreas livres de percurso e criam-se verdadeiras esplanadas que valorizam ao fundo as não menos grandiosas edificações esportivas, conforme mostram os diagramas em anexo.

¹⁴⁷ Alexander, Christopher et alii. Op. cit., 1977, p. 435.

○ Número de ESPORTES (/10)

● Número de ATLETAS (x 100)

● Número de EVENTOS

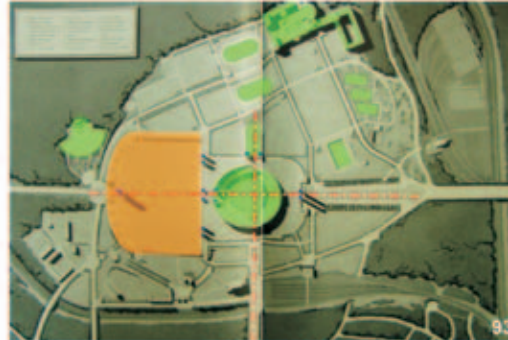
● Número de PAÍSES

Jogos Olímpicos

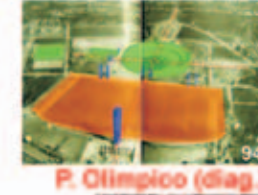
BERLIM (Alemanha) - parte 2



Parque Olímpico



Parque Olímpico (diagrama)



P. Olímpico (diag.)



Parque Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico (entrada)



Est. Natação e Olímpico (ao fundo)



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico

10

129

49

28.63

1936

LEGENDA

- 1. ESTADIO DE NATACAO,
- 2. CAMPO DE DESFILES,
- 3. PORTA OESTE,
- 4. TEATRO DIETRICH ECKART,
- 5. ESTADIO DE HOCKEY,
- 6. HIPODROMO,
- 7. CAMPO DE BASQUETE,
- 8. PARTE OESTE,

- 9. PAVILHAO DE GINASTICA,
- 10. PAVILHAO DE NATACAO,
- 11. CASA DO DESPORTO ALEMAO,
- 12. PORTA DO ESTE,
- 13. PORTA DA MARATONA,
- 14. CAMPO DE FUTEBOL,
- 15. ESTACAO REICHESPORTFELD,
- 16. ESTACAO METRO REICHESPORTFELD,
- 17. ESTACIONAMENTO

O espaço livre, protagonizado pelo “Campo de Desfiles”, a leste do estádio olímpico, por exemplo, possui mais de 300 metros de comprimento, com quase 400 metros de largura, destinado a desfiles e apresentações político-militares.

Algumas torres, distribuídas racionalmente pelo sítio, cumprem o papel de marcos verticais, pois determinam posições, emolduram fachadas e enaltecem símbolos.

Novamente, recorre-se à obra de Alexander para se ilustrar a questão de alguns pórticos (portais) existentes, principalmente em se tratando de um sítio de forte conteúdo e manifestação política. Estes marcos urbanos são descritos na seção dedicada às “Portas urbanas principais”, desta forma:

“Qualquer parte de uma cidade, seja grande ou pequena, em que seus habitantes possam se identificar com recintos de algum tipo, terá uma personalidade mais forte, mais incisiva e mais viva se todos os caminhos que conduzem a ela estiverem marcados por portas por onde se cruzam as fronteiras (limites)”¹⁴⁸.

Ancorados neste “padrão” desenvolvido por Alexander, há dois exemplos a serem destacados: a) naquele mesmo percurso que conduz a uma estratégica elevação e interliga a Porta Oeste, adjacente ao teatro Dietrich Eckart, destaca-se a “Porta Maratona”, composta por dois blocos prismáticos verticais que determinam o acesso ao estádio olímpico e b) “no meio da Porta Maratona, na parte superior, se eleva um altar que durante os Jogos Olímpicos suporta(...) a pira com o fogo olímpico”.

Todos estes objetivos, afinal, consistem em relegar todos os demais elementos a um papel secundário e valorizar o sentido de “orgulho do poder”.

Embora houvesse uma explícita e notável preocupação com o transporte e o acesso, que seriam facilitados pelas proximidades das estações de trem e metrô, o posicionamento dos

¹⁴⁸ Alexander, Christopher et alii. Op. cit., 1977, p. 260.

estacionamentos parece primário e aleatório – o que, provavelmente, fosse natural para aqueles tempos.

Estimava-se que o número de espectadores, conjuntamente, por ocasião da realização de diversos eventos esportivos, oscilaria em torno de 150.000 pessoas, que se deslocariam majoritariamente por trilhos (com capacidade de atender até 117.000 passageiros). O número previsto de automóveis era de 15.000 unidades, nos momentos de pico, com a necessidade de estacionamento em vias adjacentes em função da limitada capacidade de apenas 7.000 vagas do centro olímpico.

O estádio olímpico de Berlim é monumental e a estrutura da edificação se afirma de forma rigidamente modular, simétrica e marcante: “O estádio olímpico (...) situado como imponente núcleo ao centro e no ponto mais alto do campus esportivo domina todo o complexo de construções”¹⁴⁹.

As superfícies dos acabamentos dos elementos arquitetônicos das edificações são em geral lisas, onde se notam apenas as disciplinadas juntas dos revestimentos em pedra. Os poucos ornatos e esculturas têm preocupação em adequar-se a um caráter ideológico e são posicionados com relativo destaque:

“A ornamentação plástica do estádio olímpico está tão unida às condições arquitetônicas do plano geral que, de acordo com a grandeza e a severidade da construção arquitetônica, as obras esculturais não podem incluir-se nela senão em proporções monumentais e em poucas mas dominantes situações”¹⁵⁰.

¹⁴⁹ Revista Juegos Olímpicos 1936 – Organo Oficial de los XI Juegos Olímpicos de Berlin 1936 (trad.), 1936, p.6.

¹⁵⁰ Isenbeck, Ludwig. La Escultura en el Estadio Olimpico in Revista Juegos Olímpicos 1936 – Organo Oficial de los XI Juegos Olímpicos de Berlin 1936 (trad.), 1936, p. 26.

Número de ESPORTES (/10)

Número de ATLETAS (x 100)

Número de EVENTOS

Número de PAÍSES

BERLIM (Alemanha) - parte 3



Estádio Olímpico

101



Portal da Maratona

102



Vila Olímpica

103



Parque Olímpico

104



Inst. Esportiva Vela (Kiel)

105



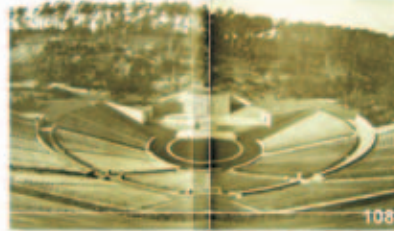
Vila Olímpica

106



Partida Hockey

107



Anfiteatro Eckart

108



Anfiteatro Eckart

109



Centro Treinamento Natação

110

11

129

49

28.63

1936

Helicóptero	1939
TV à Cores	1940

A vila olímpica de Berlim foi realizada através da ampliação do campus militar Doberitz para “delegações que requeriam acomodações baratas”, a partir de decisão tomada em Viena em 1933 em um encontro do COI.

Na vila olímpica, as edificações dos alojamentos eram baixas, como seria comum nas primeiras edições dos Jogos, e ordenadas radialmente em intervalos ligeiramente equidistantes, conforme pode ser visto no diagrama específico.

Muñoz, por exemplo, destaca a importância da consolidação do conceito de vila olímpica, em uma concepção “antiurbana” e farta arborização, por dois fatos pioneiros:

a) “A existência de muitas facilidades para atletas, como campos de treinamento e áreas de descanso, recuperação e lazer, preencheram um papel vital nos critérios e na estrutura do desenho [das vilas olímpicas]”.

b) “A vila olímpica de Berlim era cercada de piscinas internas, dois ginásios e um campo de esporte. Outras facilidades e serviços contemplados com igual importância eram aqueles destinados à imprensa, serviços de limpeza e alimentação, assim como a restaurantes e cozinhas, redes de comunicação e telefonia e segurança”¹⁵¹.

O estádio de natação, situado ao norte e contíguo ao estádio olímpico, contou com duas piscinas, de 20 m x 20 m e 50 m x 20 m e trampolim de saltos, com água filtrada e calefação. Após os jogos, este pequeno complexo seria utilizado pela população como área de recreação. Transformaria-se, portanto, em legado olímpico.

O teatro ao ar livre Dietrich Eckart, projetado pelo arquiteto Werner March, foi também concebido de forma a dar monumentalidade ao complexo esportivo. Scholz, em revista da época, comenta com deslumbramento:

¹⁵¹ Muñoz, Francesc, *Op. cit.*, 1996, p. 31.

“O teatro Dietrich Eckart tem um caráter de santuário que produz uma impressão singular. Pela visão que imprime à paisagem, pela forma artística, pelo efeito do conjunto criou-se um tipo de teatro ao ar livre que supera todos os teatros desta natureza construída até agora. É um lugar que enche de emoção o espectador e que infunde o sentimento que nasce da vivência da comunidade. (...) Parece que todos os elementos artísticos em que se baseia o efeito que produz neste lugar são o que deve ser e que não poderia ser de outra maneira”¹⁵².

A existência de um anfiteatro nas futuras edições dos Jogos Olímpicos passaria a ser institucionalizada como forma de promover atividades culturais de entretenimento e comunhão entre atletas de origens diversas.

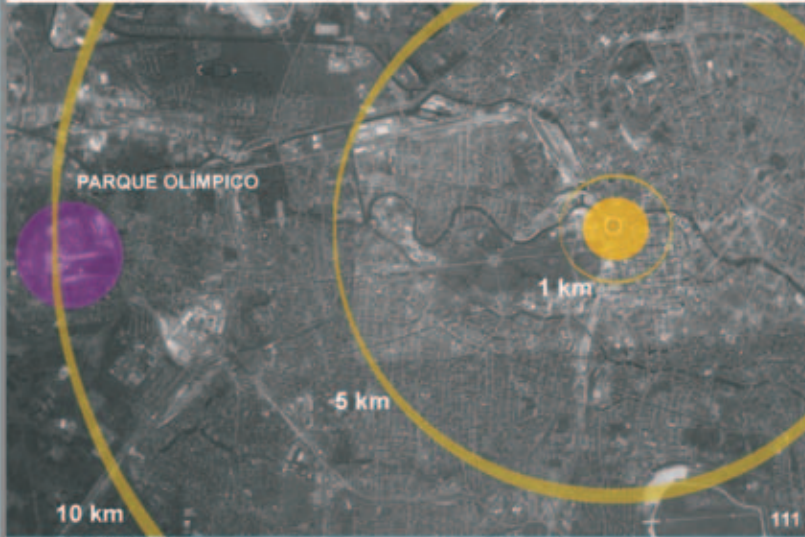
Alguns fatos ocorridos nos Jogos Olímpicos de Berlim são particularmente marcantes na memória dos Jogos Olímpicos. Esta, por exemplo, é a primeira Olimpíada a ser transmitida por rede de televisão (no âmbito da cidade), com a instalação de 25 telas em Berlim que permitiam o acompanhamento gratuito do evento pela população. Nestes Jogos, introduziu-se também a idéia de percurso da tocha olímpica desde Olímpia – nesta edição, com passagens através de outros 5 países: Bulgária, Iugoslávia, Hungria, Áustria e Tchecoslováquia - até a cidade-sede do evento. Atualmente, este é um acontecimento acompanhado por milhões de pessoas em todo o mundo e também transformado em evento (coadjuvante às Olimpíadas).

Por fim, destaca-se que durante os Jogos, a proibição dos símbolos judaicos foi suspensa em função da visita de estrangeiros e a conseqüente visibilidade do status político doméstico. A ambientação da cidade, contudo, era pródiga em bandeiras que exaltavam o símbolo da suástica e do Nacional Socialismo, em ruas e edifícios públicos enfaticamente adornados com estes temas.

¹⁵² Scholz, Robert. La Joya Del estádio olímpico el Teatro Dietrich Eckart in *Juegos Olímpicos 1936 – Organo Oficial de los XI Juegos Olímpicos de Berlin 1936* (trad.), 1936, p. 21.

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

BERLIM - 1936



Localização

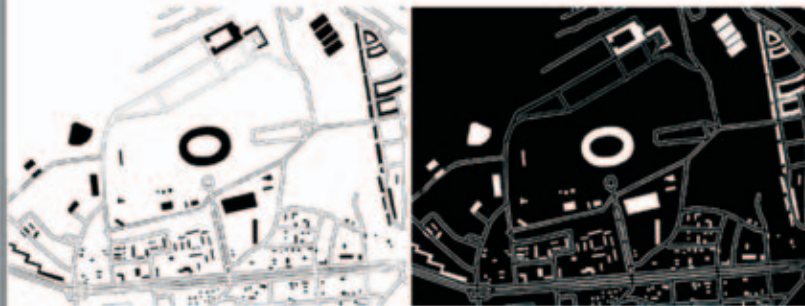


Figura e Fundo



VILAS OLÍMPICAS - Organização Espacial

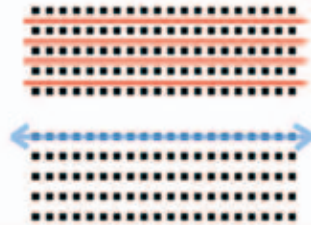
PARIS - 1924



Vista das Unidades-Tipo 112



Vista das Unidades-Tipo 115



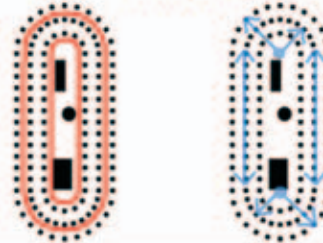
LOS ANGELES - 1932



Vista Aérea 113



Vista das Unidades-Tipo 116



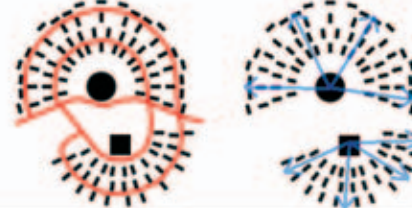
BERLIM - 1936



Planta da Vila Olímpica 114



Vista Aérea 117



149
1940¹⁵³

1944¹⁵⁴

Londres (1948)

Cidades-Aspirantes: Baltimore, Lausanne, Los Angeles, Minneapolis

Data: 29/07/1948 – 14/08/1948

Atletas Participantes: 3.714 homens e 390 mulheres

Esportes: 17

Eventos: 136

Países Participantes: 59

Depois de um intervalo de 8 anos, a primeira edição dos Jogos Olímpicos após o fim da IIª Guerra Mundial (1939-1945) seria organizada na cidade de Londres em 1948. A urgência de reconstrução do país e a pressão da população local carente de habitação (e até de alimentação) determinaram o aproveitamento do maior número possível de instalações esportivas existentes e, conseqüentemente, a não construção de uma vila olímpica. De maneira bastante realista, o Relatório Oficial da XIVª Olimpíada argumentava:

“Nenhum programa de construção pode ser considerado em um país com os prementes problemas pós-guerra de habitação e construção do Reino Unido em 1946 e 1947”¹⁵⁵.

¹⁵³ Jogos Olímpicos não realizados por ocasião da IIª Guerra Mundial.

¹⁵⁴ Jogos Olímpicos não realizados por ocasião da IIª Guerra Mundial.

¹⁵⁵ Organizing Committee for the XIV Olympiad – London – 1948. The Official Report of the Organising Committee for the XIV Olympiad, p. 143, 1948.

Como alojamento, foram utilizadas instalações da Royal Air Force (RAF) em Uxbridge e West Drayton, um campo militar em Richmond Park, três universidades (para alojamento das mulheres) e 18 escolas. Apesar de serem instalações militares, os locais de acomodação eram equipados com vários serviços como lavanderia, bancos, cinemas e pequenas lojas¹⁵⁶.

Desta forma, foram concentradas 3.500 pessoas nos três principais alojamentos – Uxbridge, West Drayton e Richmond Park, além de 600 leitos em Henley para remo e canoagem, 300 leitos em Aldershot para eventos equestres e Pentatlo e 400 leitos em Torquay para vela, em um universo de 6.000 pessoas¹⁵⁷.

A rede hoteleira de Londres e das demais cidades que abrigariam os participantes dos Jogos foram utilizadas em larga medida para compensar a inviabilidade de construção de áreas novas para alojamento.

O antecedente recente da IIª Guerra Mundial traria ainda incerteza em relação à realização dos Jogos Olímpicos devido a: indefinição do número de atletas participantes; imprecisões nas datas previstas para realização das diversas competições; dificuldades de adaptação das instalações existentes; dificuldades no fornecimento de materiais e equipamentos necessários e carência de arenas e estádios disponíveis.

Nesta atmosfera de austeridade e carência, poucas realizações arquitetônicas ou urbanísticas foram realizadas. Em geral, somente instalações provisórias e adaptações às edificações existentes foram consideradas.

O estádio de Wembley, palco das principais competições realizadas naqueles Jogos e uma das mais notórias instalações esportivas do mundo, anos mais tarde seria demolido. Atualmente,

¹⁵⁶ Muñoz, Francesc, *Op. cit.*, 1996, p. 32.

¹⁵⁷ Organizing Committee for the XIV Olympiad – London – 1948. *Op. cit.*, 1948.

S Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

LONDRES (Reino Unido)



17

136

59

4104

1948

Video Tape Recorder

1951

encontra-se em construção, a partir de um novo projeto de Foster, e será objeto de análise na seção conclusiva da presente pesquisa.

A tendência dos grandes estádios à “permanência urbana”, seja através de sua manutenção ao longo do tempo ou da simples atenção à característica toponímica, é uma particularidade que se verifica no âmbito das instalações esportivas a ser considerada.

Helsinque (1952)

Cidades-Aspirantes: Amsterdam, Chicago, Detroit, Los Angeles, Minneapolis, Philadelphia

Data: 19/07/1952 – 03/08/1952

Atletas Participantes: 4.436 homens e 519 mulheres

Esportes: 17

Eventos: 149

Países Participantes: 69

A cidade de Helsinque, Finlândia, que fora indicada para os Jogos Olímpicos de 1940, após da desistência de Tokyo, e que passara pelo posterior cancelamento daqueles Jogos em função da IIª Guerra Mundial, seria escolhida em junho de 1947 para sediar os Jogos Olímpicos de 1952.

A maior parte das instalações previstas concentrava-se na própria Helsinque, o que facilitou o deslocamento dos competidores, público e imprensa, conforme ilustra o esquema de localização das principais instalações com a indicação genérica das distâncias.

Dentre as principais instalações destacam-se:

1) O belo estádio olímpico, construído em concreto armado, com capacidade original para 50.000 espectadores, foi temporariamente ampliado até a capacidade de 70.000 pessoas. A

escolha dos arquitetos responsáveis pelo projeto arquitetônico foi realizada através de concurso: Yrjö Lindegen e Toivo Jäntti.

Esta instalação apresenta uma interessante volumetria, em geral, pouco comum à rígida geometria dos estádios. Uma torre destaca-se verticalmente em oposição à tendência à horizontalidade deste tipo de edificação, conforme pode ser observado através das imagens fornecidas;

2) O Estádio Municipal de Helsinki de Natação que teve sua obra iniciada para os Jogos inicialmente previstos para 1940, mas que somente em 1947 pôde ser concluído e utilizado. Sua capacidade de 3.500 espectadores foi ampliada também temporariamente para 6.000 novos lugares somente para o evento;

3) Messuhalli I, onde se realizaram as competições de ginástica masculina, luta e boxe;

4) Messuhalli II, destinado às competições de ginástica feminina, luta livre, levantamento de peso e basquete.

A qualidade plástica das edificações, exceto pelo estádio olímpico, é trivial. De forma geral, as construções caracterizam-se por linhas arquitetônicas de um Modernismo quase anônimo, sem maiores ambições.

Na vila olímpica de Helsinque, as edificações construídas para acomodar um número total de 7.500 participantes, distribuídos em 7 diferentes localidades, objetivavam atender a planos habitacionais da municipalidade e foram equipadas com “restaurantes, escritórios, campos de treinamento e vários serviços localizados em duas escolas próximas como farmácias e cinema”¹⁵⁸.

Na vila olímpica principal, em Kämpylä, realizada para os Jogos Olímpicos (não-realizados) de 1940, foram construídas 23 edificações residenciais, com capacidade para 3.200 pessoas e previsão de moradia no período pós-Jogos de 500 famílias.

¹⁵⁸ Muñoz, Francesc, *Op. cit.*, 1996, p. 32.

O Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

Jogos Olímpicos

HELSINQUE (Finlândia) - parte 1



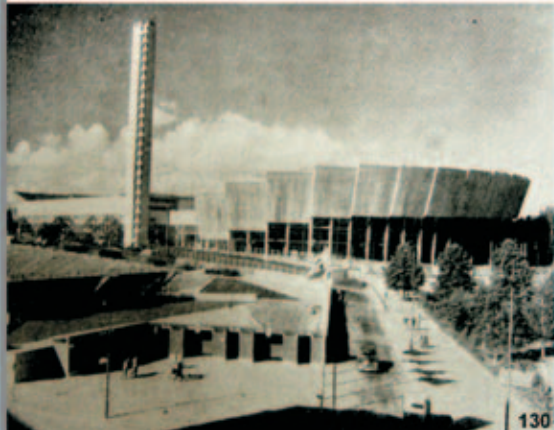
Localização Instalações Esportivas Olímpicas 127



Estádio Olímpico 128



Estádio Olímpico - vista da torre 129



Estádio Olímpico 130



Estádio Olímpico 131



Estádio Olímpico 132



Estádio Olímpico 133

17

149

69

95 88

1952

Rádio Transistorizado	1953
Célula Solar	1954
Fibra Óptica	1955

S Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

HELSINQUE (Finlândia) - parte 2



Parque Aquático

134



Parque Aquático

135



Vila Olímpica

136



Ginásio de Luta e Levantamento Peso

137



Vila Olímpica

138



Ginásio de Tênis

139



Velódromo

140



Vila Olímpica

141

17

149

69

68,88

1952

Rádio Transistorizado	1953
Célula Solar	1954
Fibra Óptica	1955

Com o cancelamento dos Jogos, Kämpylä foi novamente escolhida para sediar a vila olímpica de 1952, desta vez com capacidade para 4.800 pessoas, distribuídas em 13 edifícios com 545 apartamentos, em um total de 1.630 quartos. Naquela área, seria construído também um restaurante em caráter provisório, com área de aproximadamente 5.500 m², e seis salas de refeição, com suas próprias cozinhas, e horários restritos¹⁵⁹.

Além disso, para estes Jogos, foi construída também uma vila olímpica secundária, a 8 km do Centro da cidade, com utilização futura como alojamento de estudantes de uma universidade em Otaniemi. Esta vila era composta de 9 novos edifícios, com 294 quartos para 4 pessoas e 106 para 2 pessoas, em um total de 1.388 leitos.

Melbourne (1956)

Cidades-Aspirantes: Buenos Aires, Chicago, Cidade do Mexico, Detroit, Los Angeles, Minneapolis,

Philadelphia, San Francisco

Data: 22/11/1956 – 08/12/1956

Atletas Participantes: 2.938 homens e 376 mulheres

Esportes: 17

Eventos: 145

Países Participantes: 72

Os Jogos Olímpicos de Melbourne, Austrália, realizados em 1956, marcam a realização do evento pela primeira vez no hemisfério sul do planeta.

A invasão de tanques soviéticos à Hungria, a ocupação do Egito pela França e Israel para anexação do Canal de Suez e o acirramento dos ânimos nas relações entre China e Taiwan

¹⁵⁹ **Nota:** Horários das salas de refeição: café da manhã (7h-10h), almoço (11h-14h) e jantar (17h-20h).

resultaram em boicotes políticos que, aliados à longa distância (principalmente da Europa e EUA), reduziu mais uma vez a ascendente escala de afluência de atletas aos Jogos. Apesar disso, a participação de países (72) foi bastante significativa.

Em primeiro lugar, deve-se destacar que foi construído um pequeno centro olímpico, através de projeto escolhido por concurso público, que abrigaria as provas de natação, futebol, hockey e ciclismo, com cerca de 9,1 ha, e distante 350 metros do estádio olímpico, na melhor acepção do padrão “Complexos de Edifícios” definida por Alexander.

Se considerado de um rígido ponto de vista da “permanência urbana”, além da “The Glass House”, somente ao estádio olímpico originariamente destinado à prática de futebol - mas, que hoje abriga futebol australiano e corridas de *greyhound* (galgos) - pode ser atribuída a condição de legado arquitetônico-urbanístico daquela época, principalmente se forem observadas as importantes reformas estruturais e programáticas desde então.

Por outro lado, nos dias atuais, verifica-se que as áreas de estacionamento foram significativamente suprimidas e novos usos esportivos foram dados àquelas partes do sítio. Há, assim, a consolidação deste uso na região, através da maior densificação de sua ocupaç o¹⁶⁰. Este fato, portanto, deve ser caracterizado,   luz da teoria de Rossi, como um tipo de “permanência”, particularizado pela ancoragem que os grandes estádios estabelecem, conforme pode ser visto nas imagens comparativas. A relevância deste fato demanda um foco mais apurado sobre o assunto e uma reflexão conclusiva que será oferecida nas “Conclusões gerais”.

O estádio existente, Melbourne Cricket Ground, teve que ser profundamente reformado, principalmente devido ao forte (e hoje inacreditável) desnível entre as extremidades do campo no sentido norte-sul de cerca de 2 metros (!).

¹⁶⁰ **Nota:** Uma vez mais, recorre-se a Rossi: sobre os “elementos de permanência”: “(...) Nem sempre (...) são fatos físicos, construídos, detectáveis: podemos considerar, por exemplo, o lugar de um acontecimento que por sua importância deu lugar a transformações espaciais” (Rossi, Aldo. Op. cit., 1998, p. 117).

Além disso, sua capacidade foi aumentada para 104.000 espectadores, com a construção de 3 anéis em concreto armado. A rigidez de suas linhas arquitetônicas é típica da arquitetura moderna dos anos 50, com a composição de espaços cheios e vazios alternados e organizados em ritmo modular.

Sua implantação prevê uma área significativa de estacionamento em praticamente toda a volta do estádio o que lhe confere certa aridez no ambiente de entorno. Este fato, aliás, se repetiria e se agravaria por muitas vezes nas edições futuras dos Jogos Olímpicos, de maneira quase conformista e resignada, devido ao papel preponderante do rodoviarismo e da idealização do transporte individualizado da sociedade de consumo moderna em pujante ascensão desde a segunda metade do século XX, e que seria questionado, em tese, somente a partir dos anos 80 ou 90¹⁶¹.

Algumas edificações utilizadas nos Jogos de Melbourne como o West Melbourne Stadium, destinadas às competições de ginástica, por exemplo, já utilizavam estruturas leves metálicas, pré-fabricadas (padronizadas), que se tornariam prosaicas em ginásios esportivos.

O estádio para natação, entretanto, mesmo tendo sido construído igualmente em estrutura metálica, revela certo arrojo em sua forma arquitetônica e destaca-se em meio à padronização das demais instalações. Provavelmente por isso, dentre as edificações construídas naquele sítio na década de 50, a única instalação que pode ser considerada preservada é exatamente esta, dedicada à natação – “The Glass House” (Melbourne Entertainment Centre).¹⁶²

¹⁶¹ **Nota:** Apesar de ter havido uma previsão para o transporte significativo de espectadores através de bondes e trens. Para a Cerimônia de Abertura, por exemplo, estima-se que 50% dos aproximadamente 100.000 espectadores tenha se deslocado em trens para o evento (The Organizing Committee of the XVI Olympiad. The Official Report of the Organizing Committee for the Games of the XVI Olympiad – Melbourne 1956, 1956, p. 181).

¹⁶² **Nota:** Baseado em www.austadiums.com (julho, 2005).

Próximo à entrada da vila olímpica de Heidelberg, no lado exterior, havia salas para imprensa, correio, lojas de souvenir e cosméticos, mercearias, docerias, lojas de material fotográfico, papelaria e livraria. Além disso, em seu interior, foram previstos: agência bancária, centro religioso, salas de recreação, sauna, restaurante internacional (com 2 salas de refeição em rígidos horários¹⁶³), centro de intérprete, bureau de informação turística, centro de reserva de passagens aéreas, achados e perdidos, centro médico e odontológico, lavanderia, cabeleireiro, sapateiro, telefones públicos etc.

A vila olímpica principal de Melbourne situava-se em Heidelberg, em área de 112 ha e a cerca de 13,5 km do estádio olímpico, com capacidade para 6.500 pessoas, distribuídas em 841 unidades residenciais, em edificações de 2 a 3 pavimentos e residências individuais, de 1 a 3 quartos. Cada unidade residencial foi prevista para acomodar 4, 7 ou 9 pessoas, em função do número de quartos existentes. A vila olímpica de Ballrat, destinada às competições de remo e canoagem, foi planejada para acomodar cerca de 600 pessoas, em bangalôs de 6 ou 12 quartos, com 2 leitos por quarto.

O programa das vilas olímpicas tornava-se assim, a cada edição, mais complexo.

Deliberadamente ou não, é interessante notar que a vila olímpica de Melbourne, Austrália, possuía interessante semelhança com as suas contemporâneas *Levittowns*.

Estes conjuntos erguidos nos subúrbios americanos, em número aproximado de 140.000 unidades, por iniciativa de William Levitt, nas décadas posteriores à II^a Guerra Mundial, possuíam as seguintes características:

“As *Levittowns* foram construídas no contexto das linhas diretrizes federais que defendiam as ruas curvilíneas, as unidades de vizinhança e alguma variedade nas fachadas (...). A maior parte do planejamento e do desenho, incluindo a provisão de equipamentos comunitários, foi

¹⁶³ **Nota:** Café da manhã: 7h-9h; Almoço: 12h-14h e Jantar: 17h-21h.



Número de ESPORTES (/10)



Número de ATLETAS (x 100)



Número de EVENTOS



Número de PAÍSES

Jogos Olímpicos

MELBOURNE (Austrália)



Parque Olímpico

- N - Natação
- F - Futebol
- H - Hockey
- C - Ciclismo
- E - Estacionamento



Estádio Olímpico



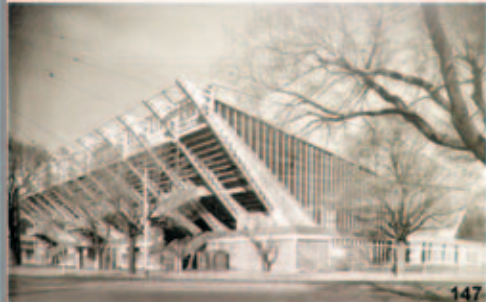
Shopping, Restaurante, Recreação e Vila Olímpica



Estádio Olímpico (vista interna)



Shopping - Entrada da Vila Olímpica



Parque Aquático



Velódromo e Parque Aquático

17

145

72

14.14

1956

Computador com Disco Rígido (HD) 1956

Circuito Integrado 1958

Microship 1959

Número de ESPORTES (/10)

Número de ATLETAS (x 100)

Número de EVENTOS

Número de PAÍSES

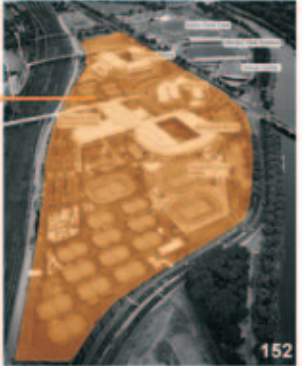
MELBOURNE (Austrália) - parte 2



Foto Aérea do Complexo Esportivo (google earth 2005)



Vista Aérea do Complexo Esportivo em 1956



Área ampliada do Complexo Esportivo



Vista Aérea do Complexo Esportivo em 2005



Perspectiva do Complexo Esportivo

17

145

72

1174

1956

Computador com Disco Rígido (HD) 1956

Circuito Integrado 1958

Microship 1959

realizada pelos Levitts, que não tinham interesse em criar uma base de emprego ou colônias politicamente autônomas. As *Levittowns* eram dormitórios de subúrbio em grande escala para a classe média branca (só após a legislação antidiscriminatória é que os negros puderam comprar)”¹⁶⁴.

Conforme pode ser visualizado através de diagrama, as unidades de alojamento são organizadas em várias quadras que formam o grande conjunto. Em cada um destes grupamentos, há uma área interna livre que possivelmente serve para “manter uma concentração aceitável de vida pública”¹⁶⁵ através da idéia de “Nós de Atividades” formulada por Alexander (padrão que será freqüentemente referenciado nesta pesquisa).

Outro capítulo à parte da história olímpica refere-se aos direitos de transmissão por televisão que mais tarde seria uma das principais fontes de receita dos Jogos Olímpicos e o meio mais eficaz de veiculação de imagem do evento.

Em 1948, a rede BBC pagara 1.000 guineas (cerca de US\$ 3.000,00) pela concessão de exibir os principais momentos dos Jogos Olímpicos de Londres que nesta época, - bastante anterior ao advento da transmissão por satélite, - era filmado e transportado em rolos até os principais centros urbanos da Europa e EUA¹⁶⁶.

¹⁶⁴ Relph, Edward. *A paisagem urbana moderna*. Rio de Janeiro: Edições 70 Lda., 1987, p. 155.

¹⁶⁵ Alexander, Christopher et alii. *Op. cit.*, 1977, p. 166.

¹⁶⁶ **Nota:** Os organizadores das Olimpíadas de Melbourne exigiram o recebimento de taxas pelos direitos de transmissão. As redes de televisão, contudo, argumentavam que os Jogos eram “um evento de notícia”, portanto considerado isento de cobrança. A partir deste embate, a Carta Olímpica seria modificada e nos Jogos de Inverno de Squaw Valley a rede CBS pagaria US\$ 50.000,00 pela concessão de veiculação de imagem. Nas Olimpíadas de Verão seguinte, de Roma, “a última a ser filmada sem o benefício da transmissão via satélite”, a CBS pagaria US\$ 394.940,00, pelos direitos (de transmissão) americanos, e a EBU desembolsaria US\$ 667.967,00 pelos direitos (de transmissão) europeus (Barney, Robert K.. *The Olympic Legacy of Wealth: A Double Edged Sword in* Moragas, Miquel de (ed.). *Op. cit.*, 2002, p. 50-51).

Roma (1960)

Cidades-Aspirantes: Bruxelas, Budapeste, Cidade do México, Detroit, Lausanne

Data: 25/08/1960 – 11/09/1960

Atletas Participantes: 4.727 homens e 611 mulheres

Esportes: 17

Eventos: 150

Países Participantes: 83

Seria somente nos Jogos Olímpicos de 1960, em Roma, Itália, que se verificaria a gênese de uma inserção urbana mais ambiciosa e que extrapolaria os limites do “evento”, “garantindo a função das facilidades e do espetáculo como um valor agregado. Estes conteúdos caracterizaram as operações olímpicas dos anos 60 e 70, de Roma a Montreal. Um urbanismo expansivo em algumas ocasiões e a modificação do uso do solo em outros puderam determinar qualitativa e quantitativamente as tipologias de intervenção, suas localizações e seus formatos. As operações das duas últimas décadas, por outro lado, proveram exemplos contrastantes como o da inserção do urbanismo olímpico no planejamento [adotado] pelos planos quinquenais no caso de Moscou, a reutilização de facilidades já existentes no caso de Los Angeles, a renovação urbana e metamorfose nos casos de Seul e Barcelona, e a superconcentração no anel olímpico de Atlanta”¹⁶⁷.

Em análise aos relatórios oficiais de época relacionados aos Jogos Olímpicos de 1960¹⁶⁸, verifica-se que a história olímpica de Roma remonta a alguns anos antes do usualmente necessário para a organização dos Jogos Olímpicos. Ali, na realidade, seriam realizados os Jogos

¹⁶⁷ Muñoz, Francesc, *Op. cit.*, 1996, p. 34.

¹⁶⁸ Organizing Committee of the Olympic Games. *Official Report – Rome - Olympic Games 1960*.

Olímpicos de 1944 que, em virtude da IIª Guerra Mundial, jamais ocorreram. Do ponto de vista da organização urbana, as instalações foram previstas para duas áreas conectadas por uma via olímpica, conforme previsto pelo Ministério de Obras Públicas.

Elas localizavam-se da seguinte forma:

1. O centro olímpico Norte, situado nas proximidades das colinas verdes de Monte Mario e Farnese;
2. O centro olímpico Sul, situado em um subúrbio de Roma, numa região que sediara a Exposição Universal de 1942.

No centro olímpico Norte, onde seria construído o estádio Cipressi, mais tarde foi erguido o novo estádio olímpico; além de reformados o estádio dei Marmi (estádio dos Mármore), o ginásio, as quadras de tênis, a piscina coberta etc.

A maneira de lidar projetualmente com o centro olímpico Norte poderia ser um pouco mais hábil, pois pouco explora a oportunidade de “Acesso à água”¹⁶⁹ a despeito da proximidade do rio Tibre. Este poderia ser um padrão, dentre aqueles desenvolvidos por Alexander, do qual se poderia tirar maior vantagem na relação direta com o sítio em questão:

“Quando há massas naturais de água nas proximidades de assentamentos humanos, trate-as com grande respeito. Reserve um cinturão de terrenos públicos nas imediações. E permita somente em intervalos infreqüentes ao largo da orla que os assentamentos densos cheguem até a água”¹⁷⁰.

¹⁶⁹ Alexander, Christopher et alii. Op. cit., 1977, p. 140.

¹⁷⁰ Alexander, Christopher et alii. Op. cit., 1977, p. 142.

Os critérios previstos pelo COR (Rome Olympic Constructions), comissão técnica designada pelo Board Executivo do Comitê Olímpico Nacional Italiano (CONI), dividiria as edificações em três categorias:

1. Instalações esportivas;
2. Instalações subsidiárias;
3. Vilas olímpicas.

Seriam ainda estipuladas algumas condições aplicáveis às novas instalações ou às instalações sujeitas a reformas:

1. Com exceção do Palazzo dello Sport, as luxuosidades e os custos excessivos deveriam ser evitados;
2. A construção de instalações em terrenos privados deveria ser evitada;
3. As instalações subsidiárias a serem utilizadas, na medida do possível, devem ser já existentes e de fácil adaptação;
4. Devem ser levadas em consideração as capacidades de público durante os Jogos e o uso futuro uma vez encerrados os Jogos.

Os conjuntos que caracterizam os centros olímpicos já são bem maiores e densos do que aqueles desenvolvidos até então. A idéia de agrupamento (*cluster*) começa a tomar forma e conjuga áreas residenciais de razoável porte e instalações esportivas.

As muitas “camadas” de Roma permitiram o desenvolvimento de atividades em edificações de linhas arquitetônicas díspares como: a) repertório de tipologias de inclinação moderna, como na vila olímpica; b) históricas, como na Basílica de Massengio, que sediou as provas de esgrima; c) ecléticas como, no caso do estádio de Mármore, uma extemporânea manifestação de uma arquitetura de colagens e referências.

O Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

ROMA (Itália)



Centro Olímpico Norte

154



Estádio Olímpico

155



Centro Olímpico Norte

156



Estádio de Marmore

157



Palácio dos Esportes

158



Basilica de Massengio

159



Vila Olímpica

160

17

150

83

82,28

1960

Lâmpada Halógena

1960

Todos estes exemplares se distribuem, aliás, por uma cidade que vive o dilema da acedência e da restritividade com o tempo.

Algumas contribuições arquitetônicas originadas pela realização dos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, são:

1) O estádio olímpico foi projetado pelo prof. Carlo Roccatelli e arquiteto Annibale Vitellozzi, em terreno de 90.000 m² e cobre uma área de 33.500 m², com capacidade para 90.000 espectadores. Com 10 portões externos, estimava-se a saída do público em no máximo 11 minutos. Durante os Jogos, os 572 assentos normalmente reservados aos jornalistas (dos quais 294 cobertos) seriam praticamente duplicados em números, com a adequação de telefones, telégrafos e facilidades de rádio.

2) O estádio Flaminio, com capacidade para 42.000 espectadores, projeto dos engenheiro-arquitetos Pierluigi Nervi e Antonio Nervi, foi principalmente destinado aos jogos de futebol. Possuía, contudo, na parte inferior, áreas para treinamento de luta e levantamento de peso, ginásio, piscina de 25 m x 10 m etc.

3) O Palazzo dello Sport, também projetado por Pierluigi Nervi, tinha capacidade para 15.000 pessoas e atendia às necessidades dos esportes *indoor* em área de 11.680 m². O método construtivo baseado em peças pré-fabricadas conferiu agilidade e leveza à edificação, de simplicidade elegante. A iluminação do domo é especialmente bela e marcante.

4) O Palazzetto dello Sport foi projetado pelo arquiteto Annibale Vitellozzi e Pierluigi Nervi, é uma edificação de médio porte, com capacidade para atender até 3.500 espectadores em jogos de basquete e 5.600 espectadores em lutas de boxe etc. Foi considerado “uma instalação que pode ser utilizada por qualquer tipo de esporte *indoor*”, com capacidade para abrigar simultaneamente até 100 atletas em quatro grupos de vestiários. Construído em sistema de pré-fabricação, foi erguido em pouco mais de um ano – entre julho de 1956 e setembro de 1957.

5) O estádio di Marmi, projetado pelo arquiteto Enrico Del Debbio, foi construído em 1936. Faz menção a um estádio grego, com uma série de 60 estátuas de 4 metros de altura em seu perímetro, e representa uma contribuição de duvidosa qualidade de estética “extemporânea”. Diversas modificações foram ali realizadas a fim de possibilitar a realização de provas de atletismo em seu interior. Sua capacidade de acomodação de público assistente foi estimada em 15.000 pessoas.

6) A zona esportiva de Acqua Acetosa, situada a 1 km do estádio olímpico e do Palazzetto dello Sport e 4 km do Centro da cidade, tinha como objetivo estimular a formação de jovens interessados na prática esportiva. Projeto do arquiteto Annibale Vitellozzi, durante os Jogos Olímpicos, sua área de 220.000 m² foi utilizada por aproximadamente 2.000 atletas em seus treinamentos diários. Além da beleza natural, com mais de 30.000 indivíduos arbóreos, possuía nove campos de futebol, rugby e hockey, além de outros quatro campos para jogos coletivos, piscina de 50 m x 20 m e um ginásio para esportes *indoor*, acomodação para pernoite de até 100 atletas etc.

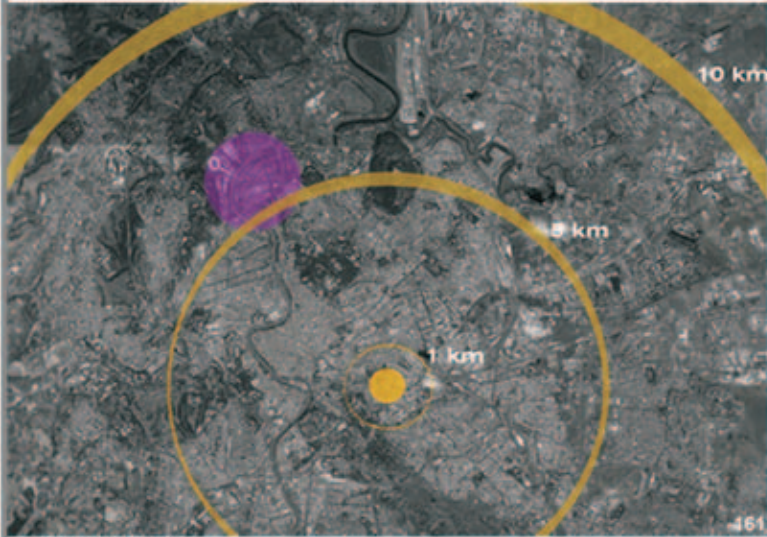
7) A vila olímpica de Roma foi planejada de forma a reverter-se em área residencial para funcionários públicos, a partir de acordo entre o Comitê Olímpico Italiano e o Instituto Nacional para Residência de Funcionários Públicos. Os dois segmentos (masculino e feminino) da vila olímpica em Roma foram instalados em Campo Parioli, com a separação de algumas facilidades, como de alojamento, e a integração de outras, como a de alimentação:

“Foi construído um total de 33 edifícios entre 1 e 5 pavimentos, totalizando 1.348 unidades.

(...) O maior investimento entretanto foi a rede de estradas conectando a zona residencial às instalações esportivas e ao Centro da cidade, que ocupou 75% das terras envolvidas na preparação. Trinta e três diferentes empresas participaram dos trabalhos de urbanização e

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

ROMA - 1960



Localização



Figura e Fundo



VILAS OLÍMPICAS - Organização Espacial

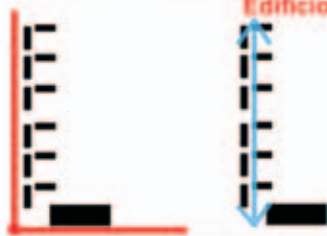
HELSINQUE - 1952



Vista Aérea



Edifícios-Tipo



MELBOURNE - 1956



Planta da Vila Olímpica



Vista Aérea



ROMA - 1960



Planta da Vila Olímpica



Vista Aérea



construção de diferentes facilidades: escritórios de recepção, dez restaurantes e toda sorte de serviço de lojas a cinema *open-air*. Além disso, pela primeira vez, o tópico “lazer” na vila foi programado com a criação do *Social and Recreation Office*”¹⁷¹.

A distribuição dos apartamentos na vila olímpica de Roma, 1960, para os atletas homens foi realizada através de “quarteirões” - oito destinados aos atletas homens - ou “edifícios” conforme “afinidade étnica das delegações”¹⁷².

As atletas mulheres foram alocadas em um único quarteirão com uma ou mais edificações para cada delegação: “Os edifícios eram compostos de apartamentos com capacidade de recepção com variação entre 2 a 5 quartos e de 1 a 2 banheiros (além de cozinha) e em cada quarto havia 1 ou 2 camas (3 em casos excepcionais)”¹⁷³, em um total de 7.594 camas. As linhas arquitetônicas de caráter modernista de algumas edificações são “típicas” dos anos 50 e 60 e resgatam a lembrança da contemporânea cidade de Brasília.

Nesta época, a estrutura de pessoal para a vila olímpica já abrigava mais de 2.800 funcionários. Vale mencionar que deste contingente, 557 pessoas eram dedicadas às atividades de limpeza e havia somente 53 (!) agentes de segurança. Estima-se, por sua vez, que nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) havia mais de 40.000 pessoas incumbidas das obrigações de segurança, como será descrito na sub-seção dedicada a esta edição dos Jogos.

Também neste ano, foram introduzidos os Jogos Paraolímpicos, com a participação de cerca de 400 atletas.

A inadequação das facilidades arquitetônicas obrigou os organizadores a disponibilizar soldados para ascender (e descer) aos pavimentos de cada uma das instalações. Curiosamente,

¹⁷¹ Muñoz, Francesc, *Op. cit.*, 1996, p. 34.

¹⁷² International Olympic Committee. *Official Report – Rome - Olympic Games 1960.*, p 237.

¹⁷³ Organizing Committee of the Olympic Games. *Official Report – Rome - Olympic Games 1960.*, p. 253.

somente tardiamente, em 1988, em Seul, Korea, a cidade-sede dos Jogos Olímpicos passaria a ser necessariamente responsável pela organização dos Jogos Paraolímpicos, o que traria maior rigor na ação projetual, especificação e fiscalização das instalações, das áreas de entorno e dos instrumentos de mobilidade urbana destinados aos Jogos Olímpicos ¹⁷⁴.

Tokyo (1964)

Cidades-Aspirantes: Bruxelas, Detroit, Viena

Data: 10/10/1964 – 24/10/1964

Atletas Participantes: 4.473 homens e 678 mulheres

Esportes: 19

Eventos: 163

Países Participantes: 93

Na edição seguinte dos Jogos Olímpicos, a cidade de Tokyo, Japão, foi eleita como cidade-sede em sessão geral do COI realizada em 26 de maio de 1959, em Munique, Alemanha Ocidental.

Em referência ao legado olímpico, o documento “Official Report of the Organizing Committee” relativo aos Jogos Olímpicos de Tokyo 1964 atesta:

“Tornou-se visível nos primeiros momentos do planejamento, que uma eficiente conclusão de um empreendimento com a escala dos Jogos Olímpicos requereria não apenas adequadas organizações esportivas e de acomodação, mas igualmente satisfatórios níveis

¹⁷⁴ Sainsbury, Tony. *Athletes at the Paralympic Village* in Moragas, Miquel de (ed.). *Op. cit.*, 2002, p. 173.

das estradas, facilidades de transporte e condições ambientais das instalações e nos seus entornos.

(...) A necessidade de preparar-se para os XVIII^o Jogos Olímpicos deu um ímpeto ao Plano de Desenvolvimento de 10 anos já proposto, e aquelas construções que pudessem ter direta utilidade para sediar os Jogos foram consideradas prioritárias, o que inclui não apenas as instalações recreacionais ou esportivas, mas envolve também estradas, portos, serviços hidráulicos em uma escala considerável da cidade e do seu entorno”¹⁷⁵.

A organização dos Jogos Olímpicos de Tokyo foi uma ação cooperativa entre: o governo japonês; a prefeitura de Tokyo; as prefeituras de algumas províncias próximas, dentre as quais: Chiba, Kanagawa, Nagano, Saitama, Yokohama; a iniciativa privada e a população (encorajada a realizar doações e a bem recepcionar visitantes).

Foram concentradas 13 das 30 instalações esportivas previstas em três lugares: a) Parque Olímpico Meiji, b) Centro de Esportes Yoyogi e c) Parque Esportivo Komazawa, de acordo com o “The Official Report of the Organizing Committee”.

Trata-se, assim, de um modelo intermediário entre a pulverização de instalações e a utilização maciça de clusters (que concentram as instalações necessárias).

Algumas construções ou renovações urbanísticas e arquitetônicas realizadas em função do evento foram:

- 1) Parque Olímpico Meiji, onde se localizaria o estádio Nacional.

¹⁷⁵ Organizing Committee of the Olympic Games. The Games of the XVIII Olympiad Tokyo 1964 – The Official Report of the Organizing Committee, p. 46.

A principal edificação aí existente, o estádio Nacional, sofreria renovações para aumentar sua capacidade em cerca de 25.000 lugares até atingir aproximadamente 72.000 espectadores. Além disso, houve reformas das pistas, do campo e das saídas de público.

2) Parque Yoyogi, onde se localizariam o ginásio Nacional e a vila olímpica principal.

O ginásio Nacional, projeto do arquiteto Kenzo Tange, com capacidade para aproximadamente 11.000 pessoas (incluindo cerca de 2.100 assentos provisórios disponibilizados para os Jogos Olímpicos) para atender às atividades aquáticas (incluindo, pela primeira vez na história olímpica, a piscina coberta).

Foi também construído um ginásio anexo para aproximadamente 4.000 pessoas para os jogos de basquete.

As linhas definidas por Tange fazem referência sutil aos templos orientais e impressionam pela elegância das formas e a leveza de um complexo de massa relativamente grande. As superfícies das coberturas produzem uma sensação de um agradável panejamento.

3) Parque Olímpico de Komazawa, onde se localizaria o estádio Komazawa com instalações para hockey, luta, vôlei, futebol etc. e capacidade para aproximadamente 20.000 espectadores.

4) Foram construídas mais de 20 highways e estradas. Somente em vias expressas foram construídas 8 rotas com um total de 69,6 km e capacidade para 60.000 veículos por hora à velocidade de 60 km/h.

5) Foram realizadas duas linhas de metro com 12,5 km e 9,4 km de extensão.

6) Foi ampliado o porto de Tokyo para facilitar a atracagem de navios e desembarço aduaneiro.

7) Foi realizada a limpeza de ruas, rios e riachos e a renovação de jardins.

○ Número de ESPORTES (/10)

● Número de ATLETAS (x 100)

● Número de EVENTOS

● Número de PAÍSES

TÓQUIO (Japão) - parte 1



Parque Olímpico (Meiji) 158



Ginásio e Parque Aquático (Yoyogi) 169



Parque Aquático (Yoyogi) 174



Parque Aquático (Yoyogi) 170



Parque Olímpico (Komazawa) 172



Estrutura viária (Edobashi) 173



Estrutura viária (Hamamatsu)

19

163

93

95.37

1964

Compact Disk (CD) 1965

Calculadora Portátil 1967

8) Foram disponibilizados empréstimos (em valores da época) de mais de US\$ 33 milhões, através do Banco de Desenvolvimento Japonês, para a ampliação da rede hoteleira;

9) Foram investidos (em valores da época) mais de US\$ 50 milhões para melhoria da teletransmissão (*broadcasting*) e comunicação;

10) Foi ampliado o aeroporto internacional de Tokyo com investimentos (em valores da época) de mais de US\$ 23 milhões.

O total de investimentos para organização, recepção e realização dos Jogos Olímpicos de Tokyo 1964 (em valores da época) foi da ordem de US\$ 2,7 bilhões.

Todas estas iniciativas, cada vez mais recorrentes na história olímpica, vinculam-se fortemente à idéia de legado físico-espacial arquitetônico e urbanístico, com conseqüências no incremento da qualidade da forma urbana, e foram catalisadas pela realização dos Jogos, como se traçava em hipótese no preâmbulo desta pesquisa.

A história da vila olímpica principal dos Jogos Olímpicos de 1964, em Yoyogi, possui traços peculiares que merecem destaque, pois se dá em aproveitamento a uma estrutura habitacional existente.

Provavelmente, interesses em retomar áreas do território japonês, ocupadas pelos Estados Unidos da América após a II^a Guerra Mundial, serviram como compreensível pretexto à “causa olímpica”.

A intenção inicial dos organizadores dos Jogos em utilizar a área conhecida como “US Forces’ Camp Drake”, em Asaka, na Província de Saitama (situada na conurbação urbana de Tokyo), resultou em uma série de exigências por parte das Forças Armadas Americanas.

Novas negociações e acordos entre o governo japonês e as Forças Armadas americanas, por sua vez, determinaram a devolução à nação japonesa de outra área conhecida como “Washington Heights” (onde também se localizava um alojamento militar americano).

A área de aproximadamente 66 ha da vila olímpica, completamente fechada e independente, compreendia:

1) Alojamentos em estrutura de concreto armado:

- a. Distribuídos em 700 quartos, em 10 edificações de 4 pavimentos para homens;
- b. Distribuídos em 276 quartos, em 4 edificações de 4 pavimentos para mulheres;

2) Alojamentos em casas de madeira:

- a. Distribuídos em 249 unidades para homens.

Nesta vila, a capacidade prevista era de 6.500 homens e 800 mulheres, após estudos comparativos com as demandas relativas às Olimpíadas de Berlim (1936), Helsinque (1952), Melbourne (1956) e Roma (1960).

Algumas edificações existentes nesta vila olímpica principal – havia outras 5 vilas olímpicas menores - foram adaptadas (como as áreas administrativas da vila olímpica, clínica, teatro, clubes, lojas etc.) e, em número relativamente pequeno, outras foram construídas (refeitórios, saunas, banheiros etc.), face às novas demandas de programa arquitetônico.

O número aparentemente excessivo de vilas olímpicas, em total de seis, deve-se à decisão de limitar o tempo de viagem entre as áreas de alojamento e os sítios esportivos em no máximo 40 minutos independentemente do meio de transporte utilizado.

O relatório oficial da memória olímpica dos Jogos Olímpicos de 1964 faz referência explícita à questão do legado olímpico:

“Uma cidade que sedia os Jogos Olímpicos é requisitada a preencher um certo número de importantes condições. Dentre as mais importantes sem dúvida estão as dedicadas aos sítios esportivos, vila dos atletas e outras facilidades para uma operação fluida dos Jogos Olímpicos. Uma das considerações por trás da operação das facilidades olímpicas deve

Número de ESPORTES (/10)

Número de ATLETAS (x 100)

Número de EVENTOS

Número de PAÍSES

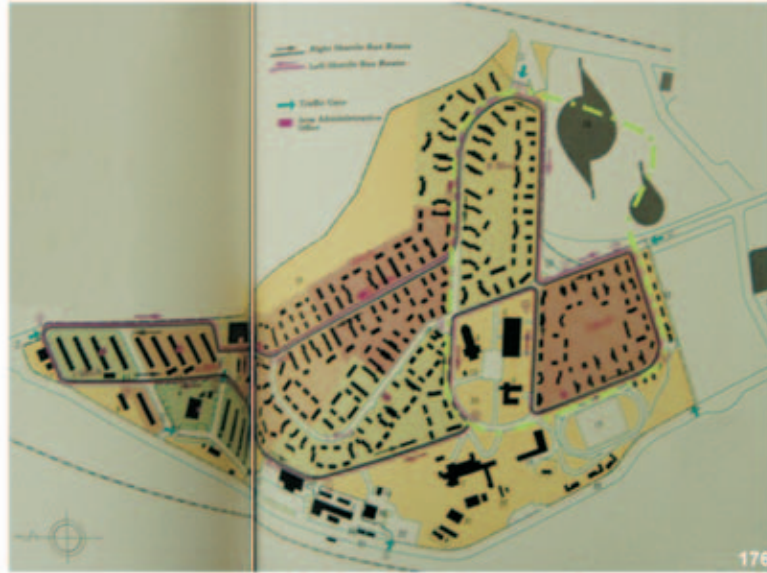
TÓQUIO (Japão) - parte 2



Vila Olímpica (Yoyogi)



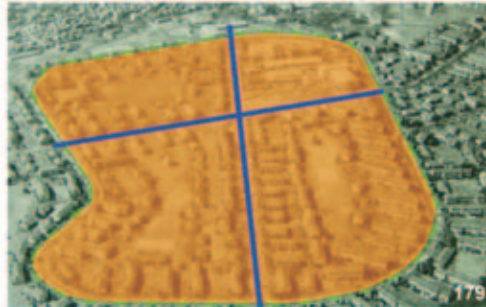
Vila Olímpica - área recuperada - (Yoyogi)



Antiga área militar americana recuperada através da construção da Vila Olímpica



Área recuperada (detalhe)



Estrutura viária

19

163

93

91,31

1964

Compact Disk (CD) 1965

Calculadora Portátil 1967

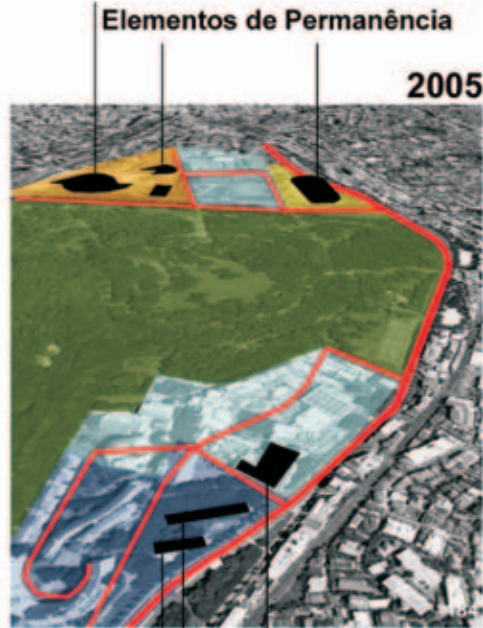
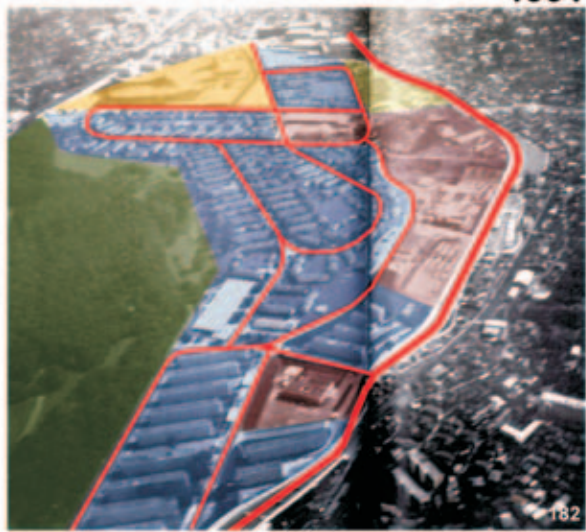
TRANSFORMAÇÃO URBANA - Parque Olímpico de Yoyogi

TÓQUIO - 1964/2005



1964

1964/2005



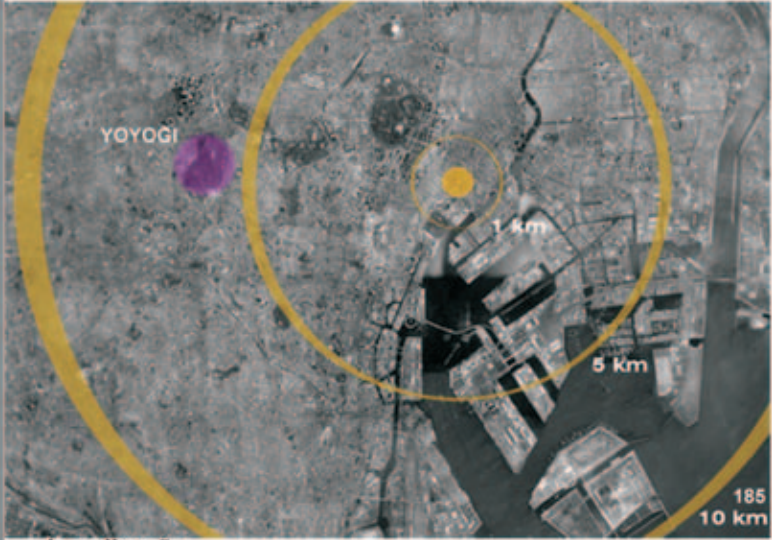
2005

Elementos de Permanência

- Áreas Livres
- Equipamentos de Apoio
- Área Residencial
- Novos Usos
- Complexo Esportivo

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

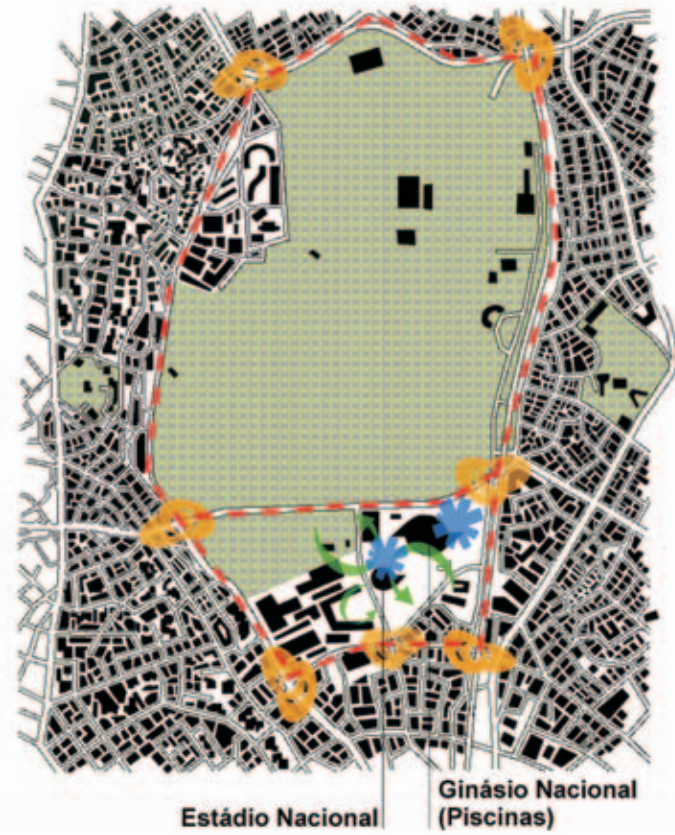
TÓQUIO - 1964



Localização



Figura e Fundo



Estádio Nacional Ginásio Nacional (Piscinas)

- - - - - eixos/limites
 áreas livres
 nós
 ↻ domínios/enclaves
 ✻ marco

N
 ESCALA GRÁFICA
 Quadras Ensanche
 Barcelona

estar provavelmente a importância de construir facilidades esportivas que não sejam utilizadas somente pelos Jogos Olímpicos, mas aquelas que posteriormente possam ser adaptadas em benefício dos cidadãos da cidade-sede. Todas as facilidades dos Jogos Olímpicos de Tokyo foram de fato construídas com este espírito e para muitas, foi levada em consideração na preparação dos sítios que poderiam ser úteis após os Jogos Olímpicos, enquanto ao mesmo tempo proveriam facilidades de elevados níveis técnicos para atender as demandas dos Jogos Olímpicos”¹⁷⁶.

Hoje, quatro décadas decorridas desde o evento olímpico, verifica-se que o antigo terreno, outrora de domínio americano, abriga as obras-primas de Tange que podem ser entendidas como “elementos primários na estrutura dos fatos urbanos”¹⁷⁷, especificamente na qualidade de “monumentos”.

Além disso, o sistema viário guarda resquícios daqueles tempos, assim como a área verde próxima hoje bastante ampliada. No entanto, as prosaicas unidades habitacionais, após terem sido transformadas no período pós-Jogos em *youth hostel* (albergue da juventude), já não mais existem naqueles moldes, o que ratifica a impressão de que a escolha daquela área, sob o legítimo pretexto dos Jogos Olímpicos, foi uma hábil forma política de reapropriação territorial.

¹⁷⁶ Organizing Committee of the Olympic Games. The Games of the XVIII Olympiad Tokyo 1964 – The Official Report of the Organizing Committee, p. 113.

¹⁷⁷ Rossi, Aldo. Op. cit., 1998, cap. I e II.

México (1968)

Cidades-Aspirantes: Buenos Aires, Detroit, Lion

Data: 12/10/1968 – 27/10/1968

Atletas Participantes: 4.735 homens e 781 mulheres

Esportes: 20

Eventos: 172

Países Participantes: 112

As últimas décadas do século XX testemunhariam novas formas de configuração dos centros olímpicos, com frequência com uma associação mais vigorosa às vilas olímpicas e edificações esportivas.

A grandiosidade do evento correlacionada à ambiciosa forma de lidar com as altas torres da vila olímpica resultaria gradativamente em uma dimensão de projeto que aos poucos se distanciaria da escala tanto dos conjuntos residenciais conformados por unidades individuais, das primeiras edições dos “Jogos da era moderna”, quanto das edificações de até 4 ou 5 pavimentos identificadas até meados dos anos 60, em Helsinque (1952), Melbourne (1956), Roma (1960) e Tokyo (1964).

Alexander descreve um tipo de padrão, “Nós de Atividade”, que encontra relação com estes conjuntos e, genericamente, com as vilas olímpicas das quatro últimas edições dos Jogos:

“Para se criar concentrações de pessoas em uma comunidade, deve-se agrupar densamente as instalações em torno de praças públicas muito pequenas que funcionam

como nós, com todo o movimento de pedestres da comunidade organizado de modo a atravessar estes nós”¹⁷⁸.

Segundo a concepção de Alexander, os nós devem ter três propriedades:

a) Em primeiro lugar, “cada nó deve ser o ponto de confluência dos caminhos principais da comunidade circundante. Os caminhos maiores de pedestres devem convergir para a praça, e os caminhos menores desembocarão nos maiores para criar a forma básica em estrela deste padrão”;

b) Em segundo, “para manter concentrada a atividade, é essencial que as praças sejam bastante pequenas (...). Uma praça de 14 m x 18 m pode manter uma concentração aceitável de vida pública”;

c) Em terceiro, “as instalações agrupadas em torno de um nó devem ser selecionadas em função de suas relações simbióticas. (...) Para criar uma intensidade de ação (...)”.

Os Jogos Olímpicos do México (1968) foram a única edição do evento realizada na América Latina (e África) em pelo menos 116 anos de história das “Olimpíadas da era moderna” e também a primeira a ser transmitida pela TV em cores ao vivo. Outra curiosidade, previamente ao início dos Jogos, é que a altitude excessiva da cidade provocaria protestos em todo o mundo, em função do ar rarefeito prejudicial às atividades esportivas de longa duração.

Decidiu-se pela construção de duas vilas olímpicas, além das instalações destinadas à vela e provas eqüestres, que puderam abrigar 13.835 hóspedes, em mais de 8.500 quartos, e que consumiriam mais de 1 milhão e 200 mil refeições:

1) A principal, Miguel Hidalgo, em área inicial de 9 ha de propriedade do Banco Nacional de Obras e Serviços Públicos (depois ampliado por mais 2 ha da iniciativa privada), onde foram

¹⁷⁸ Alexander, Christopher et alii. Op. cit., 1977, p. 165.

erguidos 29 edifícios, de 10 pavimentos, em um total de 5.044 quartos, 2.572 banheiros, em um universo de 904 apartamentos.

Deste total de edifícios, 24 eram destinados a atletas homens, 3 exclusivos para as atletas mulheres e 2 para a imprensa. Além disso, o projeto liderado pelo arquiteto Héctor Velázquez, previa outras instalações para: administração, controle e registro, 6 edifícios para refeições, o clube internacional (para recreação e entretenimento, com capacidade para 1.500 pessoas e auditório para 800 espectadores), o centro de imprensa, dois ginásios e campos de treinamento, oficinas de manutenção, lavanderia etc.

Em caráter permanente, contudo, devem ser considerados: um anfiteatro, as pistas de tartán e algumas áreas de entretenimento. Particularmente, como legado histórico e cultural, destacam-se pelo valor arqueológico as restaurações das antigas pirâmides encontradas durante o início dos trabalhos de infra-estrutura.

Esta forma de concepção de vila olímpica pontuaria um momento da história olímpica, semelhante ao que seria adotado em Moscou (1980), com edificações comparativamente de mais pavimentos, estrutura interna própria, específica e independente.

2) A outra, Narciso Mendoza, também conhecida como vila Coapa, ocupa os blocos 1 e 3 de um grande conjunto habitacional de propriedade do Banco Nacional de Obras e Serviços Públicos.

Compreende 686 casas e 470 apartamentos, em um total de 3.474 quartos e 1.314 banheiros, em edifícios baixos. O comitê organizador pagou ao Banco, pelo aluguel, os juros das áreas ocupadas e os gastos correspondentes às adaptações. A vila foi basicamente ocupada por árbitros, jornalistas e militares.

O Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

Jogos Olímpicos

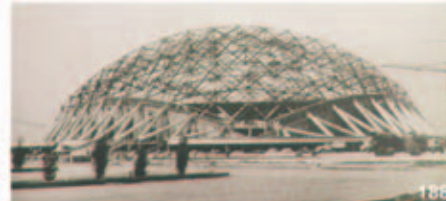
CIDADE DO MÉXICO (México) - parte 1



Estádio Olímpico



Estádio Azteca (estacionamento)



Palácio de los Deportes



Palácio de los Deportes



Estádio Olímpico



Estádio Azteca



Parque Aquático



Parque Aquático (interior)



Palácio de los Deportes (interior)

36

172

112

88.76

1968

Computador com Circuito Integrado

1968

Tela de Cristal Líquido / Microprocessador

1971

As edificações das vilas olímpicas são modelos residenciais simples, sem um apelo estético que as distingam notória ou superlativamente por arrojo ou ineditismo, nem tampouco as denigram por proposições apelativas.

Alguns elementos verticais existentes nas fachadas dos edifícios procuram compensar a tendência horizontalizada dos conjuntos e são justapostos em alternância com grandes faixas (também verticalizadas) de vidro. Alguns avanços físicos, enfatizados por cores, dão algum dinamismo às massas construídas, e os conjuntos, embora de certa forma monótonos, são corretos na implantação de inspiração modernista.

Foram construídas algumas instalações novas destinadas ao evento como, por exemplo:

1) O Palácio dos Esportes Juan Escutia, cujo projeto é dos arquitetos F. Candela, A. Peyrí e E. Castañeda Tamborrel, dista cerca de 22 km da vila olímpica, foi construído entre 1966 e 1968. Possui área de 27.171 m² e capacidade para 22.370 assentos (dos quais 7.370 são desmontáveis). Neste local, podem ser praticadas competições de basquete, boxe, luta, levantamento de peso e esgrima. Além disso, a partir de adaptações, podem ser realizadas atividades distintas como vôlei, hockey sobre gelo, ciclismo, atletismo, espetáculos eqüestres, dança, circo, convenções e exposições.

Seu conceito estrutural é arrojado e a cobertura em módulos em amarelo dourado destaca a instalação esportiva no contexto urbano. Este fato é ressaltado pela implantação isolada da edificação em uma grande quadra que reduz a escala humana ao quase insignificante.

2) O Parque Aquático Francisco Márquez dista 10 km da vila olímpica e possui área de 13.774 m², com capacidade para 10.000 espectadores (dos quais 5.000 são desmontáveis) e serviu de cenário para as competições de natação, saltos, pólo aquático e pentatlo moderno.

3) O Ginásio Olímpico Juan de la Barrera “forma parte do complexo arquitetônico que abriga o Parque Aquático Francisco Márquez e foi o cenário das competições de vôlei”¹⁷⁹, ocupa 11.152 m², e sua capacidade era de 5.242 espectadores.

Sua cobertura foi estruturada através de tirantes em aço (assim como no caso do parque Aquático) fixados em elementos verticais em concreto de forte apelo visual pela rigidez plástica (dentro do conceito modernista da “verdade estrutural”). A curvatura (abaulada) da cobertura confere uma interessante ambiência no contexto interior do espetáculo e da platéia.

Algumas edificações também foram simplesmente reformadas para os Jogos Olímpicos do México, 1968. Entre elas, destacam-se:

1) O estádio olímpico da Cidade Universitária, projetado em 1950, ocupa uma área de 57.262 m², e passou pela ampliação de sua capacidade de 70.000 para 83.700 espectadores e estacionamento de 3.300 para 10.800 veículos, além de melhorias em instalações, iluminação, elevadores etc.

A concepção arquitetônica deu ao usuário/transeunte a impressão de que a edificação aflora à superfície como uma erupção amoldada à terra. Elementos da cultura mexicana são utilizados em profusão em todo o seu perímetro exterior e o tratamento dado ao piso ao redor do estádio ressalta sua brusca centralidade físico-espacial em meio a um grande vazio do entorno imediato.

2) O Estádio Azteca foi projetado por Pedro Ramírez Vázquez e Rafael Mijares, com área de 250.000 m² e estacionamento para 8.000 veículos. Cenário das competições de futebol, por ter sido construído em anos imediatamente precedentes ao evento (entre os anos de 1963 e 1966), mínimas adaptações foram necessárias para a utilização durante os Jogos Olímpicos.

¹⁷⁹ Comitê Organizador de los Juegos de la XIX Olimpiada. Juegos de la XIX Olimpiada – México, 1968.

○ Número de ESPORTES (/10)

● Número de ATLETAS (x 100)

● Número de EVENTOS

● Número de PAÍSES

CIDADE DO MÉXICO (México) - parte 2



Vila Olímpica (canteiro de obras)



Vila Olímpica



Vila Olímpica (vista aérea)



Vila Olímpica (construção)



Vila Olímpica (construção)

36

172

112

28 24

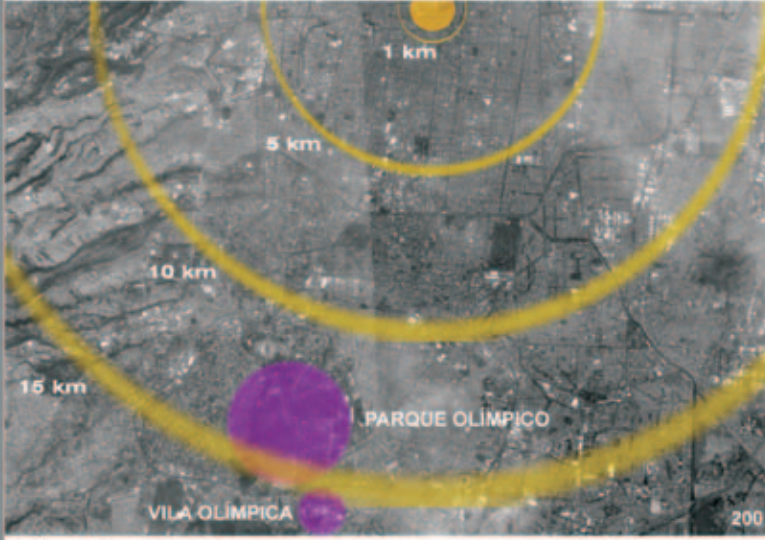
1968

Computador com Circuito Integrado 1968

Tela de Cristal Líquido / Microprocessador 1971

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

CIDADE DO MÉXICO - 1968



Localização



Figura e Fundo



ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Vila Olímpica

CIDADE DO MÉXICO - 1968



Figura e Fundo



Vila Olímpica - foto aérea - 2005

Este estádio possuía linhas arquitetônicas rígidas, com uma estrutura modular trivial, presentes em muitas arenas esportivas dos anos 60 e 70. A inserção urbana, como na maior parte das instalações esportivas concebidas para estes Jogos Olímpicos, baseia-se no destaque da edificação em meio a um grande vazio em que o tratamento paisagístico passa bastante ao largo de um possivelmente necessário estudo de desenho urbano que o melhor integrasse à cidade.

Os estádios Olímpico e Azteca, provavelmente por serem frutos do início da popularização dos carros de passeio, são circundados por enormes superfícies de estacionamento que lhes confere uma árida ambientação de entorno quase agressiva. Ou ainda, talvez tamanha ênfase no transporte individual também seja sintoma da carência de uma eficiente infra-estrutura de transportes coletivos de massa.

3.6.C. Jogos Olímpicos da Era Moderna – 3ª. Fase

Munique (1972)

Cidades-Aspirantes: Detroit, Madrid, Montreal

Data: 26/08/1972 – 11/09/1972

Atletas Participantes: 6.075 homens e 1.059 mulheres

Esportes: 23

Eventos: 195

Países Participantes: 121

A cidade de Munique foi escolhida para sediar os Jogos Olímpicos de 1972, em março de 1966, em Roma. Um novo referencial de inserção, através da concentração de várias instalações em meio a um grande parque olímpico, representou um avanço importante na história olímpica.

Nesta edição, edificações esportivas de alta qualidade arquitetônica e a adequada coalescência dos projetos de arquitetura e paisagismo, a diversidade de usos, aliados a uma nova oferta de transporte urbano com a construção de novas estradas e linha de metrô, criaram um tipo de centralidade urbana que pode ser considerada representativa do início da **3ª. Fase** da história olímpica moderna. Em realidade, as dimensões físicas do centro Olímpico da cidade do México (1968), por exemplo, eram bastante maiores do que as do parque Olímpico de Munique, a dimensão qualitativa, contudo, dá-lhe a condição de marco na evolução dos Jogos.

O parque olímpico dos Jogos Olímpicos de Munique deve ser considerado como uma intervenção urbana de razoável porte que contrapõe áreas de concentração e ocupação intensa de dimensões relativamente pequenas, com passagens para pedestres e veículos sob edificações



construídas, edificações altas e impermeabilização completa do solo, e áreas livres e verdejantes relativamente grandes que criavam uma ambiência adequada ao lazer, contemplação e repouso.

Esta nova etapa dos Jogos Olímpicos seria também marcada por um grave fato político que lhe dá uma nova dimensão em uma igualmente nova fase, coincidentemente na mesma Alemanha que testemunhara o “politizado” evento dos Jogos Olímpicos do Nazismo (em 1936).

O incidente em que terroristas palestinos assassinaram 11 membros da equipe de Israel na vila olímpica provocaria a suspensão do evento por 2 dias e mudaria brutalmente os padrões de segurança das Olimpíadas. O aumento vertiginoso do efetivo de segurança trouxe, a partir de Munique, um novo componente de complexidade na organização.

Em Munique, a forma ampliada e avançada de parque olímpico ocorre de forma vigorosa, a partir de um terreno livre – conforme pode ser visto em imagens em anexo -, e corresponde ao conceito de “parque público” anteriormente descrito por Carr (et alii) nesta pesquisa, principalmente ao identificá-lo como: “um sistema de zoneamento de espaço aberto da cidade; espaço aberto de importância municipal”. As imagens em anexo ilustram a evolução da construção do parque Olímpico¹⁸⁰.

Mais que isso, este “parque urbano”, adquire certa dose de multidisciplinaridade – ainda que de forma setorizada - e prematuramente prenuncia um dos caminhos do atual programa arquitetônico-urbanístico das grandes áreas de lazer das cidades de maior porte, sem ênfase tão exclusivamente focada no lazer contemplativo, mas que também alinhava, em seu interior ou entorno, atividades e usos culturais, esportivos, residenciais etc. conjugados a áreas livres. Em

¹⁸⁰ Die Spiele: Le Rapport Officiel du Comité Organisateur des Jeux de la XXe Olympiade Munich 1972, volume 1, l'Organisation. München: Sport München, 1972.

linhas gerais, esta deve ser entendida como uma forma pragmática e contemporânea em lidar com os espaços urbanos predominantemente dedicados ao lazer¹⁸¹.

Marcus, em referência a Seymour Gold, no contexto da descrição sobre o futuro dos parques (urbanos), comenta: “Gold acredita que o futuro demanda novas atividades, instituições e conceitos para guiar o desenvolvimento da recreação urbana, talvez seja a combinação de facilidades públicas e privadas, de terraços jardins a acampamentos urbanos”¹⁸².

Ou ainda, como expresso pelo pensamento de Costa: “Parques urbanos e jardins públicos são uma tentativa de manter alguns elementos da natureza em um ambiente construído, que é a cidade”¹⁸³.

Em Munique, os projetos arquitetônicos do estádio olímpico (futebol e atletismo), sala de esporte (ginástica e handball) e parque aquático (natação, pólo aquático e saltos) foram desenvolvidos pelo escritório de Günter Behnisch e Associados.

Tratam-se de obras ousadas e inovadoras que são integradas pelas estruturas tensionadas (igualmente arrojadas e de alta tecnologia) desenvolvidas por Frei Otto (que utilizara este mesmo recurso no Pavilhão Alemão da Exposição Universal de 1967, em Montreal, Canadá), conforme podem ser vistas na imagem em anexo¹⁸⁴.

Uma peculiaridade notável do parque olímpico é materializada pelas coberturas de Otto que encontram aí espaço para se expandirem, ainda que por um trecho relativamente restrito do parque olímpico, e ressaltam uma leveza que lhes é inerente. Estas superfícies conferem uma



¹⁸¹ **Nota:** O Parc de la Villete, em Paris, França, projetado pelo arquiteto Bernard Tschumi nos anos 80, reúne uma série de elementos arquitetônicos, - como os centros de visitação, as follies, os restaurantes etc., - entremeados por um cuidado paisagístico, sistema de acessos etc., e caracteriza-se por ser um típico parque urbano contemporâneo.

¹⁸² Marcus, Clare Cooper e Francis, Carolyn (edit.). People Places – Design Guidelines for Urban Open Space. New York: Joh Wiley & Sons, Inc., 1998, p. 86.

¹⁸³ Costa, Lucia Maria Sá Antunes. Popular Values for Urban Parks: A Case Study of the Changing Meanings of Parque do Flamengo in Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. London: University College London, 1993, p. 90.

¹⁸⁴ www.view.captureweb.co.uk , acesso: setembro/2005.

O Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

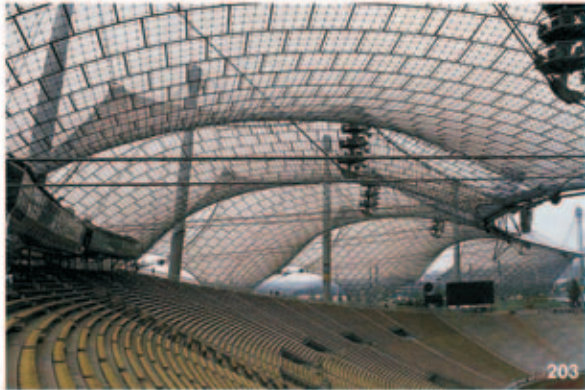
P Número de PAÍSES

Jogos Olímpicos

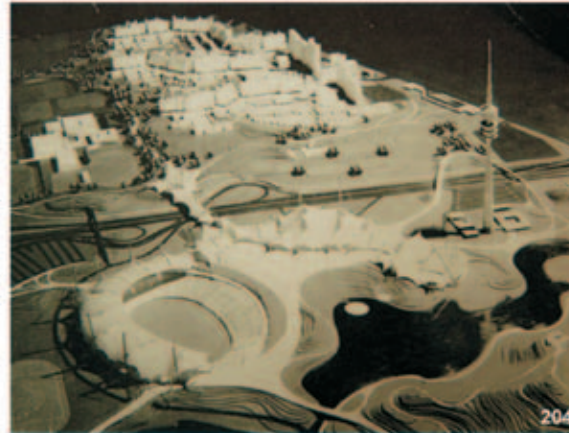
MUNIQUE (Alemanha)



Cartaz



Vista, em detalhe, da cobertura tensionada



Parque Olímpico (Vila Olímpica ao fundo) Maquete



Parque Olímpico



Vista aérea da Vila Olímpica

- O**
- E** 195
- P** 121
- A** 134

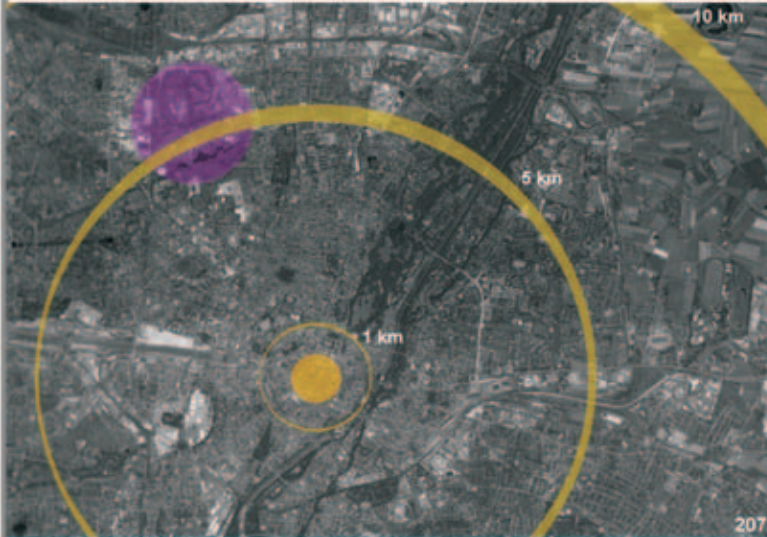
1972

Ethernet 1973

Impressora Laser 1975

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

MUNIQUE - 1972



Localização

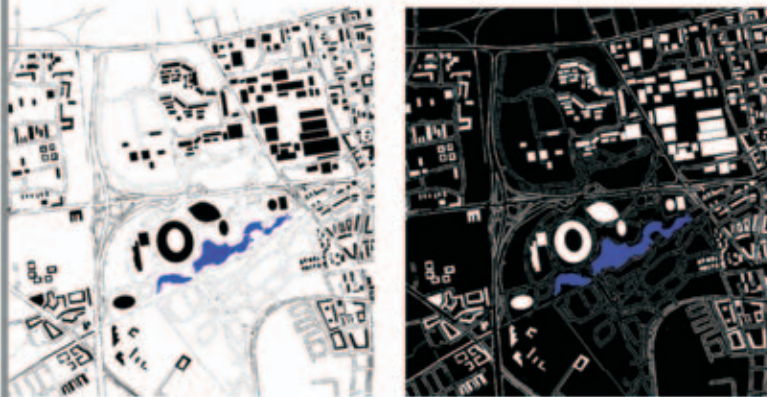


Figura e Fundo



- - - - - eixos/limites
 áreas livres
 nós
 domínios/enclaves
 marco

ESCALA GRÁFICA
 Quadras Ensanche
 Barcelona

VILAS OLÍMPICAS - Organização Espacial

TÓQUIO - 1964



Planta da Vila Olímpica

CIDADE DO MÉXICO - 1968



Vista Aérea

MUNIQUE - 1972



Planta da Vila Olímpica



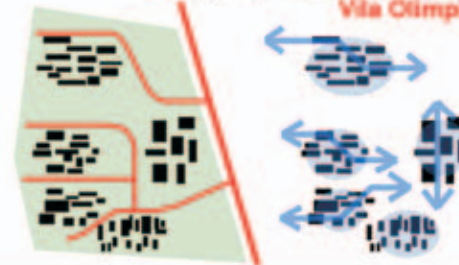
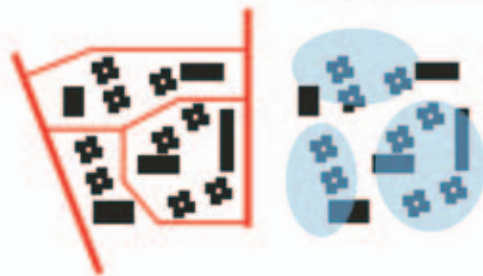
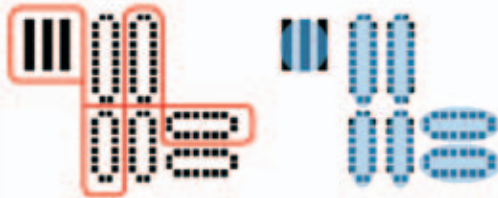
Vista Aérea



Perspectiva Geral



Vila Olímpica



unidade dinâmica ao conjunto e são ícones incontestes da arquitetura e do urbanismo mundial relacionados aos grandes eventos.

Impressiona a relação que estas coberturas, assemelhadas a ondas ou dunas, criam na relação exterior x interior, pois se debruçam além dos limites do “usualmente esperado”.

Para a vila olímpica, foram estimadas áreas de quarto com aproximadamente 10 m² para 1 pessoa; 12 m² para 2 pessoas e 15 m² para 3 pessoas e previstos lugares para atender 11.715 atletas homens (em 2.995 unidades habitacionais) e 1.772 atletas mulheres (em 1.727 unidades habitacionais, praticamente distribuídas apenas em studios individuais com 2 níveis). A ocupação máxima, no entanto, ocorreu em 30 de agosto de 1972 – quinto dia a contar da abertura dos Jogos, - com a presença de 10.562 pessoas. O restaurante possuía capacidade para atender simultaneamente 2.500 pessoas¹⁸⁵.

O projeto da Escola Superior de Educação Física que abrigaria grande parte dos esportes olímpicos é de autoria do escritório Heinle, Wischer e Associados, assim como o Centro de Rádio e Televisão.

As linhas arquitetônicas destes projetos são sóbrias, da mais tradicional escola moderna, com uma estrutura trivial aparente que emoldurava painéis (ora opacos, ora envidraçados). O conjunto foi concebido a partir de um tratamento paisagístico simples, com desníveis que criam ambientes particulares, sem uma delimitação ostensiva. Houve uma integração bastante positiva dos espaços livres e o conjunto de edificações. Foram utilizados materiais de aparência sóbria e houve uma determinação extremamente racional do posicionamento das espécies vegetais.

A vila olímpica, desenvolvida por uma extensa lista de arquitetos, foi composta por edificações em estrutura de concreto armado, em geral com peças pré-fabricadas modulares, de



¹⁸⁵ **Nota:** Aos poucos (dentro do raciocínio evolutivo de crescimento histórico das demandas olímpicas), o horário de atendimento do(s) restaurante(s) vai sendo ampliado: café da manhã (5h30min-12h), almoço (11h30min-18h) e jantar (17h30min-1h).

forma bastante racionalista. Todas as intervenções eram extremamente retilíneas e sem linhas sinuosas, no máximo dotadas de uma volumetria ligeiramente escalonada. O extremo de dissonância no paralelismo/perpendicularismo do arranjo espacial dos edifícios são algumas ligeiras concessões em seus posicionamentos com angulações de 45°.

O programa arquitetônico da vila já previa nesta época: salas de leitura e televisão, cinema, boite, teatro, sala para tênis de mesa e para bilhar, correio etc., além das áreas livres (praças, jardins, áreas de convivência etc.).

Há neste conjunto de uso residencial uma clara definição de um sistema composto por vias, calçadas, vegetação, mobiliário etc., configurando-se praticamente como um pequeno bairro cuja extensão é um parque urbano: o parque olímpico.

Montreal (1976)

Cidades-Aspirantes: Los Angeles, Moscou

Data: 11/07/1976 – 01/08/1976

Atletas Participantes: 4.824 homens e 1.260 mulheres

Esportes: 21

Eventos: 198

Países Participantes: 92

A grandiosidade crescente dos Jogos Olímpicos não está refletida apenas no efetivo civil e militar de 17.224 indivíduos, responsáveis pela segurança dos Jogos realizados em Montreal, Canadá, em 1976, após o traumatizante episódio ocorrido na edição anterior do evento em Munique, quando do assassinato dos 11 membros da equipe de Israel. Estes Jogos tornariam-se

especialmente conhecidos, dentre outros fatos mais positivos, pelos números de seu incrível desastre financeiro.

Seus custos inicialmente orçados em CAN\$ 310 milhões chegariam a aproximadamente CAN\$ 1,5 bilhão, em função de um quadro de greves na construção civil, recessão econômica, crise do petróleo dos anos 70 e problemas técnicos na edificação das instalações compostas de gigantescas e complicadas peças pré-fabricadas, principalmente em terreno de geologia ingrata¹⁸⁶, segundo a visão do relatório oficial e argumentação do prefeito de Montreal Jean Drapeau (1960-1986)¹⁸⁷.

Nos Jogos Olímpicos de Montreal, 1976, embora tenham sido alocadas atividades em oito diferentes cidades, o parque olímpico concentrou as principais estruturas necessárias à realização do evento.

Ali, havia conexões para interligação das construções brutalistas realizadas em concreto pré-fabricado que conferiam ao conjunto uma certa unidade plástica, através de caminhos para pedestres que incluíam: marquises, passarelas, rampas etc., em uma sucessão de recuos e avanços; escavações e erupções articulavam-se a elementos que serviram aos Jogos. No parque olímpico, o estádio olímpico, o complexo aquático e o velódromo eram protagonistas do conjunto geral.

As nervuras aparentes em concreto protendido (para garantir a possibilidade de grandes vãos), a grandiosidade intrínseca ao programa, a geometria de forma bojuda, pesada e irregular e

¹⁸⁶ “A baixa qualidade do solo resultou em grande aumento dos custos para instalação das fundações do velódromo. Para eliminar os riscos, engenheiros eram forçados a escavar novas fundações, construir armações de suporte e reforçar a resistência do solo através da injeção de concreto à alta pressão em aberturas a 48 metros abaixo da superfície” (Organising Committee of the Olympic Games. *Games of the XXI Olympiad – Montreal 1976*, vol. 1, p. 17, 1978).

¹⁸⁷ **Nota:** O mesmo prefeito Drapeau que, em 29 de janeiro de 1973, declarara que os Jogos Olímpicos de 1976 seriam o primeiro “auto-financiado” da história olímpica”, ao custo inicialmente previsto de CAN\$120 milhões e posteriormente de CAN\$ 310 milhões (www.archives.cbc.ca , acesso: março/2005).

a proximidade entre as instalações conferiram ao grupamento de edificações algumas feições que, longe de serem belas, eram ao menos peculiares.

O padrão conceutivo do “centro olímpico” de Montreal possui similaridades com o desenvolvido em Munique quatro anos antes, como pode ser visto nas imagens e diagramas (apresentadas nesta pesquisa), pois se trata igualmente de um parque olímpico pulverizado com algumas edificações. Contudo, é menos aprazível, dotado de elementos formais na arquitetura sem qualquer apelo estético especial e não há tanta diversidade de usos.

Outro detalhe também distinto refere-se ao modelo de vila olímpica construído em Montreal materializado através de dois grandes edifícios que concentrariam um grande número de unidades residenciais, como será descrito em seguida.

O boicote de muitas nações africanas contrárias à participação da Nova Zelândia, por entenderem que havia uma excessiva afinidade (ou tolerância) daquele país com a África do Sul e o *apartheid*, simbolizada pela ida de um time de rugby (da Nova Zelândia) até o então Estado do “segregacionismo oficial”, resultou em uma inflexão dissonante na curva até aí (novamente) ascendente de número de participantes.

Desta maneira, iniciavam-se os tempos dos boicotes políticos olímpicos que seria superado somente em 1988, nos Jogos Olímpicos de Seul, Coréia. Entretanto, este menor número de países não chegaria a dispensar a necessidade de acomodações e toda a sorte de infra-estrutura de conforto e entretenimento a elas associadas.

Assim, ao Norte da chamada “Cidade Olímpica” (parque olímpico), foi construída a vila olímpica, com presença inexorável na paisagem por sua verticalidade contraposta a uma topografia essencialmente plana.

Número de ESPORTES (/10)

Número de ATLETAS (x 100)

Número de EVENTOS

Número de PAÍSES

Jogos Olímpicos

MONTREAL (Canadá)



Parque Olímpico



Estádio Olímpico (construção)



Vila Olímpica



Vila Olímpica (detalhe)



Parque Olímpico



Estádio Olímpico



Parque Olímpico (Vila Olímpica ao fundo)



Estádio Olímpico (Interior)



Alojamento (tipo 1)



Alojamento (tipo 3)



Design do mobiliário modular

71

198

92

66,34

1976

Nesta vila, abrigaram-se 9.517 pessoas em 2 conjuntos de 2 edificações, em que cada uma das 4 edificações possuía formato assemelhado a uma meia seção vertical de uma pirâmide, conforme pode ser observado na imagem em anexo.

Toda a vila contava com 19 pavimentos em um total de 980 apartamentos com capacidade aproximada de 11.000 pessoas. Uma das semipirâmides, com capacidade para $\frac{1}{4}$ do número total de participantes, foi dedicada à hospedagem feminina. A inclinação ascendente e escalonada demandou soluções diferentes para cada andar com apartamentos que variavam de 38,7 m², para 5 ocupantes em 3 quartos, até 124,6 m², para 14 pessoas em 7 quartos, com terraços panorâmicos em todos os pavimentos. Estas linhas horizontalizadas deram alguma elegância formal na contraposição ao elemento sólido piramidal e criaram uma ambiência positiva. Os apartamentos eram compostos da seguinte forma:

TIPO	NÚMERO	Nº QUARTOS	ÁREA (m ²)	Nº OCUPANTES
1	136	3	38,7	5
2	152	4	58,3	7
3	72	4	53,5	7
4	544	5	75,6	12
5	72	7	124,6	14
6	4	6	97,2	*188

Provavelmente embalado por um interessante modismo típico dos anos 70, o *design* do mobiliário, em madeira, utilizado nos apartamentos da vila olímpica foi projetada em módulos a

¹⁸⁸ **Nota:** Estes apartamentos foram ocupados pelos membros das unidades gerenciais da vila olímpica (Organising Committee of the Olympic Games. *Op. cit.*, vol. 1, p.261, 1978).

serem combinados com praticidade a certas situações já previstas, com a disponibilização de elementos mínimos recomendáveis a uma estadia temporária.

Mais uma importante obra arquitetônica realizada foi o velódromo. A inexistência de uma estrutura de apoio às atividades do ciclismo demandou a construção desta edificação que serviria também às competições de judô. Esta construção de 16.200 m² foi, a exemplo das demais, concebida através de intrincadas peças pré-fabricadas de concreto e concreto protendido o que permitiria que se atendesse à exigência de vãos grandes para uma pista com 7,5 m de largura e mais de 285 m de comprimento e 7.500 espectadores sentados.

Sua cobertura, em formato de concha, com peso próprio de 41.000 toneladas, possuía incrustações em peças de material translúcido embutidas nos grandes gomos existentes em sua superfície. Estas “aberturas” permitiam que aproximadamente 70% da luz natural penetrasse em seu interior, o que conferia um bonito efeito, ao mesmo tempo em que possibilitava alguma economia de energia.

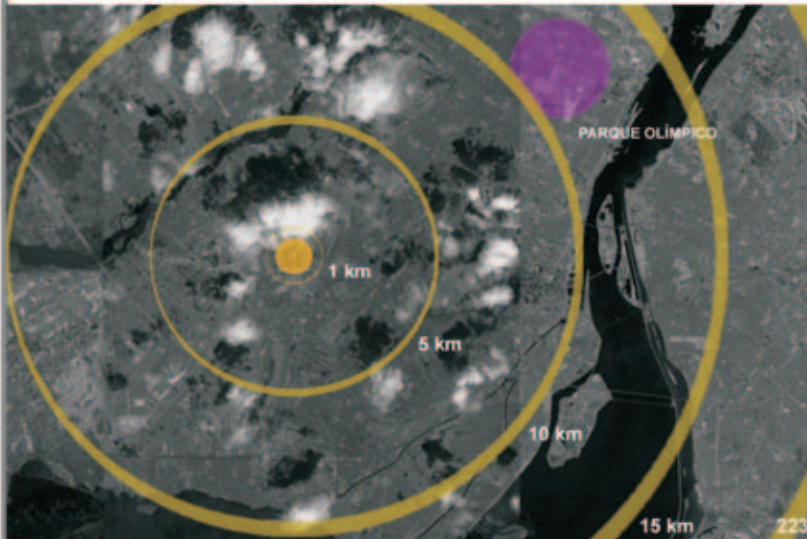
Do ponto de vista do transporte e seu impacto na estrutura física da cidade, o parque olímpico contou com 2 novas estações de metrô e estacionamento subterrâneo para 4.500 automóveis e 200 ônibus.

A localização de estacionamentos no sub-solo foi um interessante partido arquitetônico, atualmente bastante utilizado. Pois, se por um lado consegue-se atender a um fluxo previsto de mais de 75.000 indivíduos/hora em deslocamento, por outro, garante-se que não há uma indesejável degradação da paisagem, com verdadeiros “oceanos” de automóveis no entorno das instalações esportivas, como freqüentemente ocorre em situações desta natureza e envergadura.

O legado pós-olímpico das instalações esportivas foi preservado através de ligeiras adaptações no estádio olímpico para jogos de futebol americano e baseball, a partir de previsíveis adaptações do número de assentos (fixos e provisórios), dimensões dos campos, troca da

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

MONTREAL - 1976



Localização

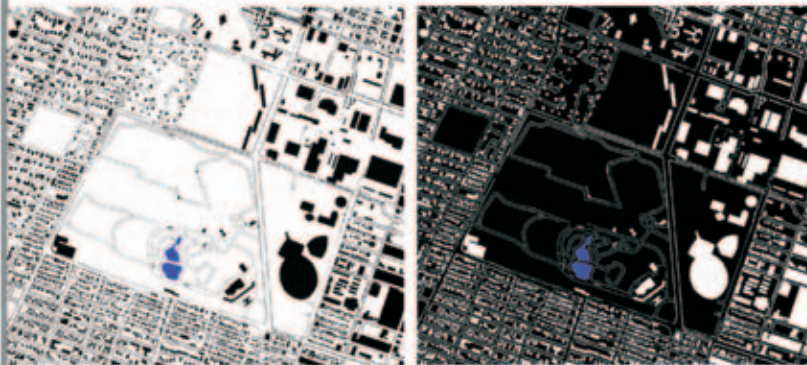


Figura e Fundo



superfície do solo de grama natural por sintética etc. Da mesma maneira, mais tarde, o velódromo foi adaptado para outras atividades esportivas, além de eventos, feiras, exposições, conferências etc.

Sobre estas duas últimas Olimpíadas, Munique (1972) e Montreal (1976), crê-se que a idealização de grandes parques olímpicos é também sintomática de uma época em que o número de usuários de parques e praças cresce de forma particularmente ascendente.

Esta tendência, aliás, fica evidenciada através de um amplo leque de exemplos, desde os casos verificados em pequenos espaços urbanos, como, por exemplo, aqueles estudados por William Whyte, em Manhattan, até cidades com características tão distintas como, por exemplo, Copenhagem, San Francisco e Seattle (vide Marcus, 1998).

Moscou (1980)

Cidades-Aspirantes: Los Angeles, Moscou

Data: 11/07/1976 – 01/08/1976

Atletas Participantes: 4.064 homens e 1.115 mulheres

Esportes: 21

Eventos: 198

Países Participantes: 92

Os Jogos Olímpicos de Moscou realizados em 1980, no auge da Guerra Fria, seriam boicotados pelos EUA e algumas nações aliadas. A preocupação em realizar um evento esportivo “perfeito” que demonstrasse a capacidade da organização sócio-econômica comunista confluiria na direção discursiva e (aparentemente) prática da atenção com o legado, a partir da outorga da condição de cidade-sede realizada em 1974, conforme descreve o relatório oficial: “A distinção

dos Jogos Olímpicos de 1980 a Moscou acelerou a construção de muitos complexos e instalações individuais esportivas já planejadas”.

O relatório oficial dos Jogos Olímpicos de Moscou, 1980, preocupa-se ainda em relatar que: “Deve ser enfatizado que isto não reduziu o objetivo da construção de habitação, recreação e utilidades. (...) As Olimpíadas 1980 aceleraram a construção de (..) hotéis. A infra-estrutura da cidade foi melhorada e desenvolvida. Novas estradas, linhas de comunicação e facilidades (..) e outras estruturas foram construídas na capital por volta de 1980”¹⁸⁹.

A distribuição das instalações esportivas e congêneres, através de grupamentos (clusters) foi realizada através da tentativa de aproveitamento da infra-estrutura existente. Semelhante ao que ocorreu anos mais tarde em Barcelona (1992), como será visto em seção específica.

Neste caso, a análise da inserção urbana é tornada dificultosa, porque o relatório oficial e demais fontes bibliográficas dedicam-se quase exclusivamente à descrição dos usos, das adaptações etc. sem fornecer material suficiente para a pesquisa dos impactos, contribuições e localizações na relação com o legado urbano.

Mais uma vez, tal qual a várias edições anteriores dos Jogos, foi realizado concurso de projetos, do qual participaram cerca de 500 arquitetos e engenheiros, que envisava soluções de arquitetura, estrutura e *design* que pudessem balisar os principais projetos olímpicos e atender aos requisitos solicitados pelo COI e pelas Federações Internacionais.

Os cuidados eram especialmente focados na eficiência, economia e utilização pós-Jogos, segundo previsão do Relatório Oficial dos Jogos.

Os trabalhos de execução das obras foram assim distribuídos: Anteriormente a 1976, 2,4%; 1976, 4,5%; 1977, 15,6%; 1978, 34,6%; 1979, 36,5%; e na primeira metade do ano de 1980, 6,4%. Deve ser mencionado ainda que, além da própria Moscou, foram utilizadas as

¹⁸⁹ Organizing Committee of the Olympic Games. XXII Olympiad, Volume 2 - Organisation, p. 42 1980.

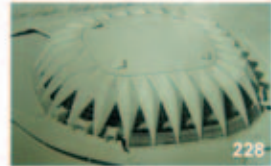
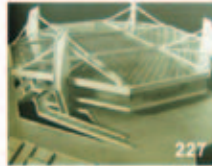
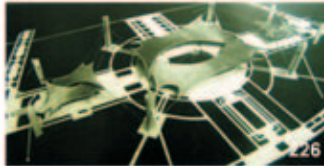
N Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

MOSCOU (URSS) - parte 1



Concurso (projetos de arquitetura)



Grand Arena



"Olympiiski" Sports Complex



Velódromo



Druzhba Arena



Complexo da Rádio e Televisão



Centro de Mídia Imprensa

71 203

80

91 79

1980

IBM - PC 1981

idades de: Tallinn para a regata olímpica, Khimki-Khovrino para equitação e Leningrad, Kiev e Minsk para os jogos de futebol.

Em publicação específica sobre os Jogos Olímpicos, “Moscou-80 – Games of the XXII Olympiad”, há a menção de que todas as instalações modernizadas ou construídas estariam previstas no Plano Diretor para Desenvolvimento e Reconstrução de Moscou. O advento dos Jogos teria acelerado estas iniciativas que serão a seguir descritas:

1. Central Lenin Stadium. Apesar da denominação, é um parque olímpico. Erguido em 1956 para os Jogos Spartakiade, foi utilizado para campeonatos internacionais e nacionais durante 20 anos, até ser reformado para os Jogos Olímpicos de 1980.

Situado em área de 180 ha, é localizado próximo ao rio Moskva, com conexões de transporte para outras regiões da capital, principalmente através de trilhos – trem e metrô, em terreno cuja superfície verde corresponde a mais de 70% da área. A capacidade do estacionamento na região de entorno é de cerca de 5.500 veículos e 700 ônibus. As principais edificações que abriga são:

a) Grand Sports Arena (Grande Arena Esportiva). Esta arena, com capacidade para 100 mil espectadores, seria radicalmente reformada para abrigar com conforto e qualidade técnica às atividades de Cerimônia de Abertura e Encerramento dos Jogos Olímpicos e as provas de atletismo, futebol e hipismo. A edificação comporta também hotel para 360 hóspedes, 14 ginásios, cinema e restaurantes. A partir da reforma, foi montada uma infra-estrutura de apoio à imprensa e 28 posições de cabeamento para equipamentos de televisão. As 4 torres de iluminação que compõem a arquitetura da arena foram erguidas para assegurar adequado desempenho das atividades esportivas e a transmissão de imagens.

b) Minor Arena (Arena Menor). Originariamente a Minor Arena era um campo esportivo aberto destinado à realização de atividades esportivas de tênis, vôlei e basquete, com quadra de 73 m x 42 m. No entanto, as exigências das Federações Internacionais demandaram uma ampla reforma, com a transformação da quadra para 64 m x 36 m, dimensões gerais de 120 m x 84 m da edificação, capacidade para 8.300 pessoas e (principalmente) recinto coberto.

c) Piscina. Do ponto de vista arquitetônico, possui linhas bastante semelhantes ao Minor Arena (Arena Menor), embora seja descoberta, e tenha capacidade para 10.500 assentos. Localiza-se no eixo longitudinal da Grand Arena e foi reformada para atender às exigências das competições de pólo aquático. Esta exigência traria o benefício pós-Jogos de permitir o uso da infra-estrutura existente, concomitante, por parte de adultos e crianças.

d) Sports Palace. De 1956 até 1980, o Sports Palace sediou 45 competições de ginástica, incluindo campeonatos mundiais e europeus. Durante os Jogos Olímpicos, além da ginástica, também abrigou as competições de judô. Suas dimensões de 120 m x 90 m e altura de 16 m e grande flexibilidade espacial prestam-se à realização de outras atividades como boxe e esqui sobre gelo, além de atividades extra-esporte, como concertos e filmes.

e) Druzhba Arena. Construída em 1979, em estrutura pré-fabricada, durante os Jogos Olímpicos abrigou as competições de vôlei e tinha capacidade para 3.900 espectadores. Conforme pode ser visto através de imagem em anexo, suas linhas arquitetônicas se prenunciavam no concurso realizado para a escolha de idéias que pudessem responder às demandas dos Jogos Olímpicos.

Número de ESPORTES (/10)

Número de ATLETAS (x 100)

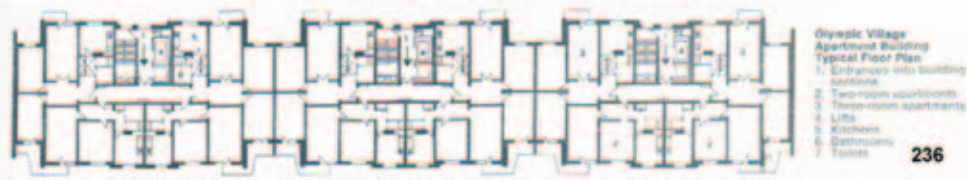
Número de EVENTOS

Número de PAÍSES

MOSCOU (URSS) - parte 2



235 Vila Olímpica



Olympic Village
Apartment Building
Typical Floor Plan

1. Entrance into building
2. Two-room apartments
3. Three-room apartments
4. Lifts
5. Kitchen
6. Bathrooms
7. Toilets

236

Pavimento Tipo



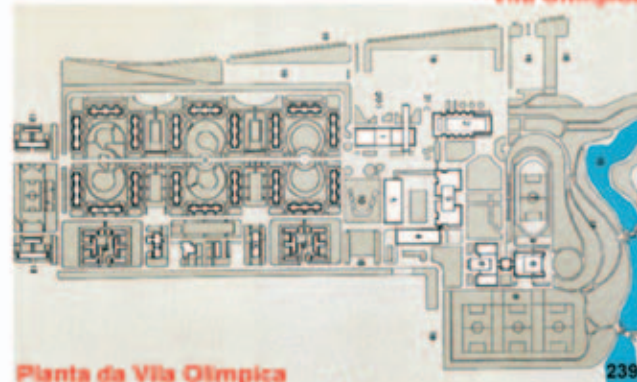
238

Vila Olímpica



237

Vista aérea da Vila Olímpica



Planta da Vila Olímpica e parte do Complexo Esportivo

239

71 203

80

80/81

1980

IBM - PC 1981

Outras instalações importantes seriam reformadas ou construídas fora do Central Lenin Stadium (parque olímpico):

2. Olympiiski Sports Complex. Composto de 2 instalações esportivas, um estádio e uma piscina fechados, é provido por um estacionamento para 2.800 carros.

2.a) Estádio Coberto. Foi projetado em 1969, com a idéia de atender aos Jogos Olímpicos. A capacidade de 35.000 foi aumentada, com instalações temporárias, para 45.000 espectadores.

A arena, de 120 m x 86 m, abrigou um campo de futebol com superfície sintética removível e flexibilidade para ser substituída por um ringue de patinação (de 112 m x 72 m). A destacável particularidade desta instalação é a possibilidade de compartimentalização do *hall*, com a utilização de uma divisória acústica de 24 m de altura e 156 m de comprimento, e a ocorrência de atividades simultâneas independentes¹⁹⁰.

2.b) Edifício das Piscinas. Sede das competições de natação, saltos ornamentais e pólo aquático, possuía 6 piscinas e era dividido em áreas de competição e aquecimento, competições de saltos e piscina rasa (para crianças).

3. Zona Noroeste. Nesta área, próxima a Leningrad Avenue, estavam presentes algumas importantes instalações esportivas e de apoio operacional aos Jogos Olímpicos como, por exemplo:

3.a) Dynamo Central Stadium. O mais antigo estádio de Moscou, construído em 1928, foi objeto de várias reformas ao longo do tempo, inclusive em 1979 para os Jogos Olímpicos (do ano seguinte). Sua designação era atender aos jogos de futebol e treinamento de pistas e sua capacidade era de 50.000 espectadores.

¹⁹⁰ **Nota:** Neste caso, por exemplo, podem ser realizadas partidas de basquete com público de 16.000 espectadores e, ao mesmo tempo, competições de boxe para 17.000 pessoas (Organizing Committee of the Olympic Games. *Op. cit.*, p. 67, 1980).

4. Central Sports Club of the Army (CSCA). Nesta região, durante os Jogos Olímpicos, localizaram-se diversas atividades esportivas e afins como:

4.a) CSCA Sports Complex. Destinado às competições de futebol e atletismo em edifício de proporções imponentes.

4.b) CSCA Palace of Sports. Construído em material pré-fabricado, foi destinado às competições de basquete, próximo ao CSCA Sports Complex.

5. Dynamo Palace of Sports. Nesta instalação, foram realizadas as competições de handball. Segundo o Relatório Oficial, esta edificação, localizada próxima ao Druzha Park, tornou-se um marco arquitetônico local. Sua estrutura foi realizada em concreto, com partes pré-fabricadas, e sua capacidade era de 5.000 espectadores.

6. Velódromo. Construído especialmente para os Jogos Olímpicos, possui dimensões gerais de 168 m x 138 m e capacidade para 6.000 espectadores. A necessidade de vãos amplos cobertos (sem elementos de sustentação intermediários) foi - como sempre é no caso dos velódromos - um desafio singular na concepção arquitetônica e estrutural.

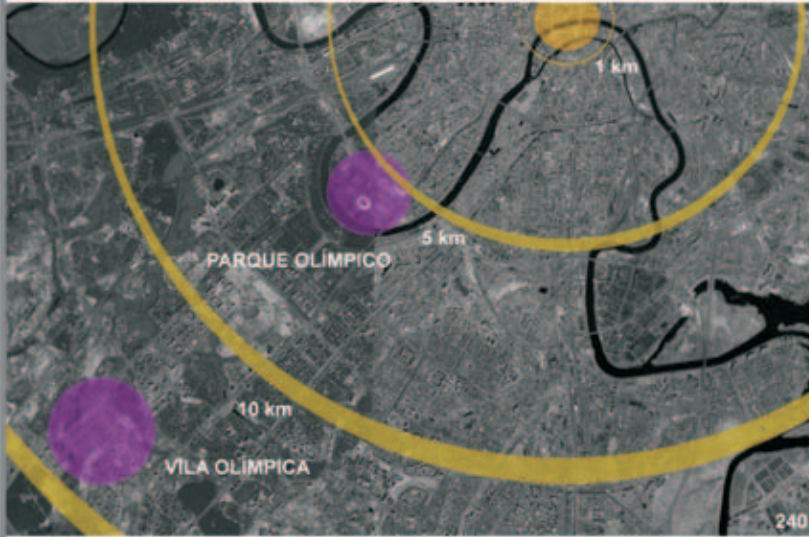
7. Zona Leste. Nesta área, localizada em Izmailovo, além de um estádio e alguns campos de treinamento (dentre outras instalações secundárias), foram construídos:

7.a) Izmailovo Sports Palace. Abrigou as competições de levantamento de peso. Suas linhas arquitetônicas não são especialmente destacáveis do ponto de vista estético, mas, por outro lado, possuem uma simplicidade quase anônima em seus elementos estruturais em concreto aparente. Face às dimensões da obra em terreno descampado, não chega a ser um fato necessariamente negativo.

7.b) Sokolniki Sports Palace. Localizada no Sokolniki Park, recepcionou as atividades de handball. A edificação foi reconstruída para atender a uma capacidade de 6.800

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Vila Olímpica

MOSCOU - 1980



Localização

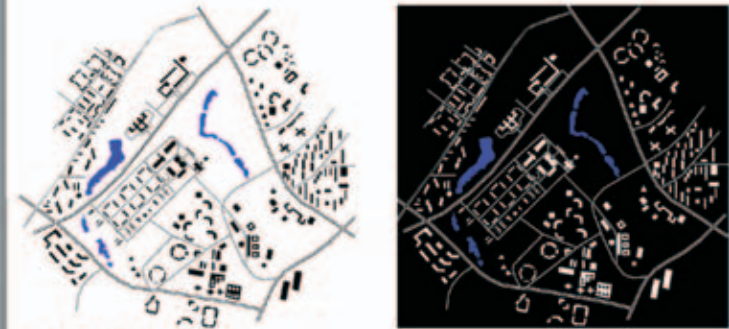


Figura e Fundo

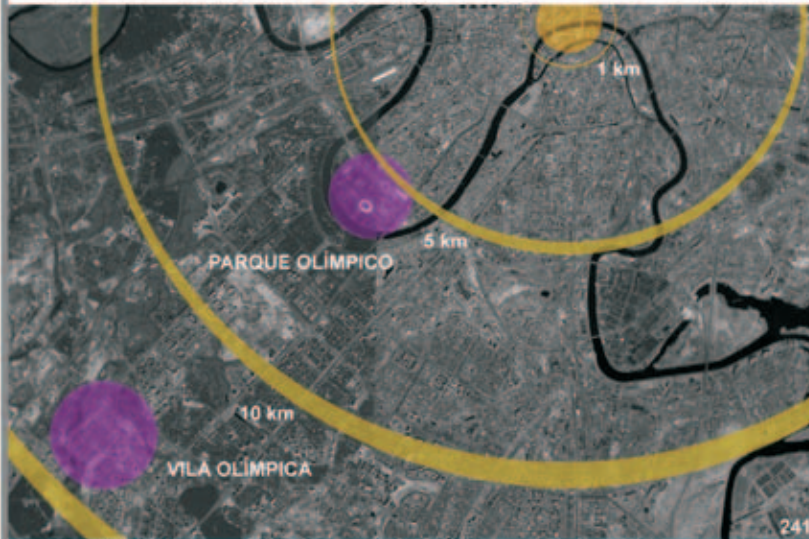
- eixos/limites
- áreas livres
- nós
- ↻ domínios/enclaves
- ✻ marco

N
 ESCALA GRÁFICA
 Quadras Ensanche
 Barcelona



ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

MOSCOU - 1980



Localização



Figura e Fundo



VILAS OLÍMPICAS - Organização Espacial

MONTREAL - 1976



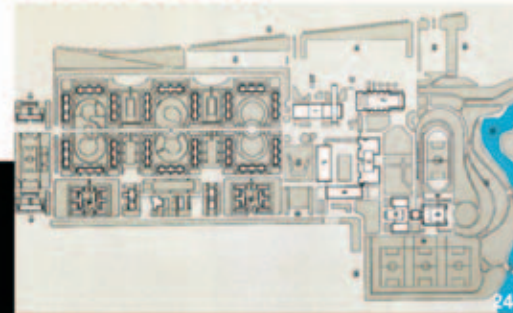
Axonometria da Vila Olímpica



Edifício Tipo



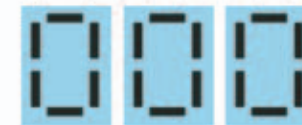
MOSCOU - 1980



Planta da Vila Olímpica e parte do Complexo Esportivo



Vista Aérea



espectadores. As finalidades desta instalação multiuso no período pós-Jogos foram a de abrigar atividades esportivas e eventos públicos culturais.

8. A vila olímpica de Moscou foi construída a sudoeste da cidade para abrigar 12.000 pessoas, entre atletas e oficiais. O conjunto é basicamente constituído por torres de edifícios sem destaque particular pela organização espacial ou arquitetura.

Suas linhas arquitetônicas e implantação urbanística obedecem a uma rigidez e austeridade “quase ideológica”. Este projeto de dimensão urbanística, desenvolvido nos anos 70, é um dos daqueles tantos exemplares em que se perde uma notável oportunidade, tamanha é sua mediocridade de intenção. Uma sintomática expressão da crise do modernismo ou da “incapacidade de inventar e implementar na escala exigida pela demografia apocalíptica” [contemporânea] “no momento em que a urbanização em todo lugar está no caminho de estabelecer um definitivo, “triunfo” global da condição urbana”¹⁹¹. Ou ainda, este conjunto traduz-se pelo que provavelmente Koolhaas metaforiza com a afirmação de que “os profissionais da cidade são como jogadores de xadrez que perdem para computadores”¹⁹².

Posteriormente, estas instalações seriam transformadas em um conjunto residencial. Foram utilizadas técnicas de pré-fabricação na construção das 18 torres residenciais de 16 pavimentos, com apartamentos de 2 ou 3 quartos, em terreno de 10,7 ha.

Foram construídos na vila olímpica, entre outras instalações: três ginásios, uma piscina coberta, campos de treinamento para futebol e atletismo (*track-and-field*), centro cultural com auditório para 1.200 pessoas, dois cinemas com capacidade para 250 pessoas cada, policlínica, campos de basquete e vôlei, escola, lojas etc.

Por fim, podem ainda ser mencionados:

¹⁹¹ Koolhaas, Rem e Mau, Bruce. Op. cit. 1995, p. 961.

¹⁹² Koolhaas, Rem e Mau, Bruce. Op. cit. 1995, p. 961.

9. Olympic Television and Radio Complex (OTVRC), precursora do que mais tarde viria a ser conhecido como Internacional Broadcasting Center (IBC). É uma peça indispensável nas edições mais recentes dos Jogos Olímpicos, em função do crescimento de importância da mídia televisionada.

Suas linhas arquitetônicas são austeras, com um ritmo bastante marcado. Nesta edificação, foram utilizadas técnicas de pré-fabricação em concreto armado.

10. Main Press Center (MPC), também existente no programa olímpico atual, tem como função atender à mídia impressa. Tinha capacidade para receber até 3.000 jornalistas em um edifício de 6 pavimentos, com partes em concreto pré-fabricado.

Los Angeles (1984)

Cidades-Aspirantes:-

Data: 28/07/1984 – 01/08/1984

Atletas Participantes: 5.263 homens e 1.566 mulheres

Esportes: 23

Eventos: 221

Países Participantes: 140

Os Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) parecem representar um marco como sucesso empresarial. O negócio “Olimpíadas”, idealismo à parte, evoluiu vigorosamente desde sua criação em 1896, em Atenas (Grécia).

Esta edição representou um outro patamar financeiro dos Jogos Olímpicos, devido à sua forma de estruturação com enorme objetividade e pragmatismo. A chamada “Olimpíada Moderna” reúne nesta edição norte-americana alguns ingredientes que responderam a determinados

preceitos emergentes em tempos de liberalismo econômico capitaneados pelos próprios EUA: “as cidades passam a se dividir entre as que preferem reduzir custos e as que querem tornar-se mais empreendedoras”¹⁹³.

Deve-se lembrar que durante a fase de candidatura a cidade-sede dos Jogos de 1984, a referência mais recente de edição olímpica eram os Jogos de Montreal (1976) que, como visto, constituíra-se em um estrondoso desastre econômico de proporções jamais vivenciadas em Olimpíadas.

Frente a este temor tácito, além da possibilidade de boicote político por parte dos países do Leste Europeu, a preocupação com o terrorismo internacional e, principalmente, a condição de candidatura única, a relação entre o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (LAOOC) e o COI apresentou-se de forma mais equilibrada, se comparada a outras.

Não por acaso, em 1981, a expressão “amador” seria retirada da Carta Olímpica e os atletas puderam assumir definitivamente a condição de profissionais.

Ao livrarem-se da “pecha da censura e do constrangimento do esporte exclusivamente por diletantismo ou recreação”, os valores de patrocínio subiram para outros patamares e a hipocrisia foi superada.

Uma concessão também inédita nestes Jogos foi a permissão para que as delegações em seus gêneros masculinos e femininos se distribuíssem nos mesmos edifícios, ainda que com a destinação de pavimentos distintos, ao contrário do que acontecera até aqui.

¹⁹³ “A eleição de Ronald Reagan [como Presidente dos EUA] em 1980 (...) desafiou as bases ideológicas de apoio da ajuda federal às cidades [americanas]. (...) O Presidente Reagan e seus conselheiros enfatizaram que o mercado livre, não o governo federal, deveria prover recursos para ajuda aos governos estaduais e cidades (Burbank, Matthew J. (et alii). Olympic Dreams – The Impact of Mega-Events On Local Politics, Boulder (Colorado, EUA): Lynne Rienner Publishers, Inc., 2001, p. 16). Além disso, “em novembro de 1984, Ronald Reagan foi avassaladoramente reeleito. O resultado das eleições confirmou uma profunda mudança na política federal em relação às cidades americanas. (...) Durante o mandato de Reagan, os financiamentos para programas de assistência à áreas urbanas foram eliminados ou fortemente reduzidos” (Burbank, Matthew J. (et alii). Op. cit., 2001, p. 5).

A concepção da zona internacional em Los Angeles também difere ligeiramente das demais edições dos Jogos. Ao invés de uma zona internacional externa à área residencial da vila onde normalmente houve a convivência de atletas e repórteres, foram planejadas áreas nas próprias vilas das universidades de: California, Los Angeles (UCLA); Southern California (USC); California, Santa Bárbara (UCSB), com acesso restrito da mídia e convidados.

A organização deste evento foi majoritariamente baseada na iniciativa privada e, de forma impressionante, utilizou a estrutura das fortemente esportivas universidades americanas e seus campi, inclusive para a hospedagem das delegações distribuídas em alojamentos estudantis.

Somente na USC, - a maior das três vilas olímpicas, - foram alojados aproximadamente 7.000 atletas e oficiais representantes de 79 países, em seu campus de 19,8 ha.

A única edificação construída às expensas do Comitê Organizador (LAOOC)¹⁹⁴ na USC foi o King Olympic Hall, que abrigaria um grande refeitório e que se constituiu como um legado (doação) àquela universidade.

Na vila olímpica da UCLA, que contava com estrutura mais simples que a USC, foram acomodados cerca de 3.600 atletas e oficiais oriundos de 61 países em um campus de 24,28 ha. A vila olímpica de UCSB abrigou os atletas e oficiais de remo, canoagem e caiaque, em número aproximado de 800 pessoas, em um campus de cerca de 8,9 ha.

A cidade utilizaria novamente o Exposition Park, com área de 53,8 ha, após mais de meio século. Nele, existe ainda o Coliseum Stadium, que fora sede dos Jogos Olímpicos de 1932 e que foi novamente utilizado como sede dos Jogos Olímpicos de 1984, desta vez adornado com motivos típicos do chamado “período pós-moderno” da arquitetura dos anos 1980s. Em realidade, estes elementos visuais (*Look*) foram utilizados em todos os sítios olímpicos.

¹⁹⁴ **Nota:** LAOOC (Los Angeles Olympic Organizing Committee).

S Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

LOS ANGELES (EUA)



Estádio Olímpico - 1984



Estádio Olímpico - 1932



Estádio Olímpico



Alojamento - UCLA



Alojamento - USC

S 221

P 140

A 14.34

1984

CD-ROM 1984

No Exposition Park, localizavam-se 4 museus e amplas áreas verdes. Nele, foram realizadas as competições de boxe e atletismo, assim como as cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos.

A participação da população, no entanto, foi fundamental para que os benefícios à cidade fossem efetivos, por dois motivos principais: custos financeiros e legado urbano.

Em primeiro lugar, os próprios veículos de informação, como o Los Angeles Times, sinalizavam que “o dinheiro poderia ser o fator crítico e que a cidade não deveria sediar os Jogos Olímpicos às custas dos contribuintes de impostos locais”¹⁹⁵.

Pesquisas realizadas pela Field Research Poll mostravam que havia uma aprovação popular da ordem de 70% do universo local, no caso das verbas necessárias não serem públicas. Entretanto, os percentuais de aprovação despencavam: para 60%, no caso do uso de verbas federais; 45%, no caso do uso de verbas estaduais; 35%, no caso do uso de verbas do condado ou da cidade. A participação da iniciativa privada desonerou fortemente os gastos públicos e atendeu à vontade popular.

A segunda razão remete-se ao perfil sócio-econômico (incluindo a relação direta com a questão racial¹⁹⁶) dos moradores das proximidades do ponto principal dos Jogos: o Exposition Park. Predominantemente constituída de famílias pobres, a comunidade ainda se queixava da expansão da USC realizada em 1967 que provocara um déficit habitacional que atingiu a região e que jamais foi solucionado.

Os moradores queriam ter garantias reais que aquele evento, identificado como “private games” (jogos privados), seria positivo para suas vidas e para a cidade. Houve assim um compromisso do Comitê Organizador em prover novas facilidades ao parque, como: sistemas de

¹⁹⁵ Burbank, Matthew J. (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 59.

¹⁹⁶ Nota: Segundo Burbank (et alii), a comunidade local era composta de: 45% de negros, 38% de latinos e 17% de brancos (Burbank, Matthew J. (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 70).

irrigação e iluminação, banheiros, equipamentos de recreação, tratamento paisagístico, sinalização pública etc.

Além disso, foi realizado um acordo de apoio gestor ao LA City Recreation and Parks Department para assegurar que a área seria adequada ao uso recreacional da comunidade. Houve também o envolvimento direto das autoridades políticas e administrativas e emprego de um *staff* “multiracial e bilíngüe” no centro comunitário de contato do Exposition Park.

O legado dos Jogos Olímpicos de Los Angeles inclui, entre outros benefícios, a construção de cinco novas instalações e a reforma de diversas outras; a ampliação do Centro de Convenções de Los Angeles; a construção do deck superior do aeroporto de Los Angeles; novas instalações para as universidades UCLA e USC; a criação da Amateur Athletic Foundation of Los Angeles, com uma dotação de US\$ 93 milhões.

Ademais, visitantes despenderam US\$ 420 milhões em hospedagem e refeições e houve um substancial lucro gerado pelo Comitê Organizador Olímpico de Los Angeles¹⁹⁷, da ordem de US\$ 215¹⁹⁸ milhões, e a visibilidade de milhões de pessoas em todo o mundo¹⁹⁹.

A análise do impacto urbanístico em função do evento é limitada, pois foram basicamente utilizadas as instalações já existentes. Contudo, pode-se dizer que o aproveitamento das estruturas das universidades californianas assemelha-se à organização através de grupamentos (*clusters*).

¹⁹⁷ **Nota:** Los Angeles Olympic Organizing Committee (LAOOC).

¹⁹⁸ Los Angeles Olympic Organizing Committee. Official Report of the Games of the XXIIIrd Olympiad Los Angeles, 1984, vol. 1 – Organization and Planning – Games of the XXIVth Olympiad Seoul 1988, Los Angeles: Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1984, p. 26.

¹⁹⁹ Burbank, Matthew J. (et alii). Op. cit., 2001, p. 70-80.

Seul (1988)

Cidade-Aspirante: Nagoya

Data: 17/09/1988 – 02/10/1988

Atletas Participantes: 6.197 homens e 2.194 mulheres

Esportes: 25

Eventos: 237

Países Participantes: 159

O preceito primordial da organização dos Jogos Olímpicos de Seul, Korea, 1988, baseia-se na “plena utilização do máximo de instalações existentes e a limitação da construção de novas facilidades somente naqueles casos em que não são possíveis suas substituições”²⁰⁰.

A infra-estrutura esportiva utilizada em Seul incluiu 34 locais de competições e 72 para treinamento. Uma vasta área em Tunchon-dong de 2,6 milhões m² que fora designada como centro esportivo nacional em 1968, mas que até então ainda encontrava-se sem uso formal, “em área inundável (...) e poluída”²⁰¹, foi escolhida para abrigar novas instalações esportivas para seis diferentes esportes: ciclismo (6.000 pessoas); esgrima (7.000 pessoas); ginástica (14.730 pessoas); levantamento de peso (4.000 pessoas); natação (10.000 pessoas) e tênis (15.000 pessoas).

Para este sítio principal foi planejada a existência de um parque olímpico, com área verde de aproximadamente 682.000 m², que respeitaria e recuperaria uma muralha histórica (Mongchon Tosong) lá existente.

²⁰⁰ Seoul Olympic Organizing Committee. Official Report – Organization and Planning – Volume I. Seoul: Olympic Organizing Committee, 1988, p. 172.

²⁰¹ Moragas, Miquel de. Op. cit., 1996, p. 37.

De acordo com Moragas (et alii): “As operações olímpicas de Seul, 1988, e Barcelona, 1992, foram caracterizadas pela existência de grandes planos de renovação urbana, com um duplo conteúdo: de um lado, o desenvolvimento econômico e urbano da cidade, claramente focado no encorajamento de níveis de internacionalização urbana e globalização, e de outro lado, a recuperação de elementos urbanos até então marginalizados. Neste contexto, em contraste com a efemeridade territorial das vilas universitárias de Los Angeles e Atlanta, as vilas olímpicas de Seul e Barcelona têm uma forte vocação territorial em comum, definindo a recuperação de subúrbios em crise através da importância simbólica do urbanismo olímpico instalado e a partir da inauguração de novos espaços urbanos, de novo tecido residencial como força direcionadora por trás da criação de novos centros”²⁰².

Outra área determinada para abrigar atividades esportivas foi a região de Misari que concentraria as competições de remo e canoagem. Para este sítio havia a relevante preocupação em permitir-se que após os Jogos houvesse o aproveitamento de toda a infra-estrutura permanente construída como local de lazer para a população.

Um capítulo à parte em Seul é a concepção grandiosa da vila olímpica, realizada a partir de concurso público internacional, sob as expensas da cidade de Seul²⁰³. Construída em terreno de 62,6 ha, a 2 km do estádio olímpico, compreendia 86 edifícios que comportavam 3.692 unidades residenciais. O número de ocupantes por apartamento variava entre os de menor dimensão, Tipo A, com capacidade para 5 pessoas, em 112 m², até os de maior dimensão, Tipo

²⁰² Moragas, Miquel de. *Op. cit.*, 1996, p. 37.

²⁰³ Embora os Jogos Olímpicos de Seul tenham ocorrido entre os dias 17 de setembro e 02 de outubro de 1988, a própria Carta Olímpica, em sua Regra 42, prevê que a vila olímpica deva estar disponibilizada para as delegações dos países participantes em, no mínimo: 2 semanas antes da cerimônia de abertura e 3 dias após a cerimônia de encerramento. Assim, a cidade de Seul, após a inauguração, outorgou a administração da vila olímpica ao SLOOC, no período compreendido entre 01 de junho e 30 de novembro de 1988, para que procedesse às adaptações necessárias (anteriores e posteriores) ao evento e também aos reparos dos danos ocorridos pelo uso durante aquele período.



Número de ESPORTES (/10)



Número de ATLETAS (x 100)



Número de EVENTOS



Número de PAÍSES

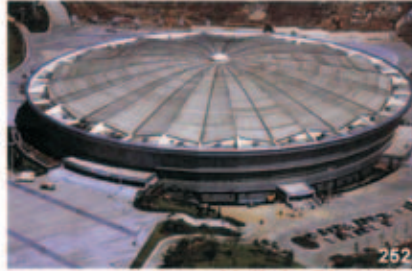
Jogos Olímpicos

SEUL (Coréia do Sul)



251

Estádio Olímpico



252

Hall de Ginástica



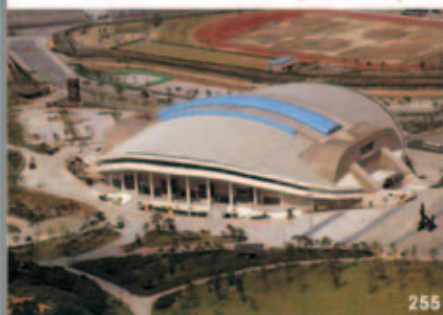
253

Parque Olímpico



254

Velódromo



255

Parque Aquático



256

Ginásio de Levantamento de Peso



257

Vila Olímpica



258

Vila Olímpica

10

237

159

1591

1988

High Definition TV

1989

www

1990

ED, em 212 m², com capacidade para 9 pessoas. Adjacente a esta vila, havia ainda a vila olímpica da imprensa, que contava com 36 edifícios, com 1.846 apartamentos.

O número de atletas e oficiais atingiu 14.501 pessoas (dos quais 8.391 eram atletas) e chegaria ao máximo de 13.945 ocupantes simultâneos. A zona internacional, no centro da vila, possuía facilidades de recreação e descanso para os participantes, além de áreas de alimentação, espaços religiosos e serviços operacional-administrativos.

A organização radial da vila olímpica e suas dimensões conferem à intervenção uma particular característica de marco urbano. A conformação escalonada das edificações, descendente na direção do ponto focal, valoriza a edificação central, o Athletes' Hall, que por si já é suficientemente imponente devido às suas fortes formas cilíndricas.

Individualmente, os edifícios residenciais radiais são dotados de uma certa neutralidade qualitativa. O conjunto, entretanto, destaca-se na paisagem da cidade pelo arranjo formal e espacial.

Embora a distância entre a vila e o parque olímpico não seja grande, pois são contíguos, eles apresentam-se de forma independente. Esta autonomia deve-se às diferentes características de densidade, escala e programa arquitetônico-urbanístico das duas áreas.

Atlanta (1996)

Cidades-Aspirantes: Amsterdam, Belgrado, Birmingham, Brisbane e Paris

Data: 25/07/1992 – 09/08/1992

Atletas Participantes: 6.652 homens e 2.704 mulheres

Esportes: 28

Eventos: 257

Países Participantes: 169

O modelo de organização dos Jogos Olímpicos em Atlanta, EUA, em 1996, possui traços semelhantes aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1994. O sucesso econômico daquela edição despertara o interesse de líderes empresariais e políticos de cidades americanas em sediar novamente o evento (Burbank, Matthew J. (et alii), 2001).

A capacidade promocional de Atlanta referencia-se à sua própria existência. Sem atrativos geográficos naturais de destaque, a cidade surgiu como um ponto de ligação entre a costa atlântica e o oeste americano e beneficiou-se do comércio e do transporte. Sua história política, como ponto logístico dos confederados, resultou em dramática destruição durante a Guerra Civil americana. Sua orgulhosa reconstrução, no entanto, promoveu um oportuno e precoce senso de construção de imagem. Posições e manifestações inerentes aos interesses dos grupos raciais em conflito moldariam uma tradição no embate entre brancos e afro-americanos.

Além disso, exposições em 1881, 1887 e 1895, marcadas pela apresentação da capacidade empreendedora da região, fizeram parte do objetivo de conciliar a capacidade econômica e o interesse cultural.

Em linhas gerais, estes fatores criaram a essência da busca por promoção que se relacionaria bem mais tarde com o interesse em sediar os Jogos Olímpicos (Burbank, Matthew J. (et alii), 2001).

Por iniciativa inicialmente solitária de William (“Billy”) Payne, e mérito de sua capacidade de agrupar interesses empresariais, Atlanta construiu uma candidatura vitoriosa nas diversas instâncias e realizou com relativo êxito os Jogos Olímpicos de 1996.

O “relativo êxito” deve-se ao fato de que esta é uma Olimpíada bastante criticada pela imprensa internacional, pela falta de brilho da infra-estrutura físico-espacial instalada e pelo caráter de “comercialismo provinciano”²⁰⁴

Entretanto, a avaliação da população americana em relação a esta edição dos Jogos foi bastante positiva, a despeito da: a) bomba que explodiu durante os Jogos, com 2 vítimas fatais e 111 feridos; b) descoberta de escândalos (de suborno e sexo) na candidatura de Salt Lake City (às Olimpíadas de Inverno de 2002) que respingaram fortemente em Atlanta.

Todas as operações olímpicas foram coordenadas pela Atlanta Committee for the Olympic Games (ACOG), em conjunto com a Metropolitan Atlanta Olympic Games Authority (MAOGA) e a cidade de Atlanta, e desde do início contrapuseram interesses empresariais, principalmente focados na área do Centro, e da população mais pobre, localizada em partes do Centro e maciçamente na periferia da cidade.

Aquelas facilidades que afetavam as comunidades de entorno como o estádio olímpico e o Centennial Olympic Park criaram oposição e resistência”²⁰⁵.

O orçamento dos Jogos Olímpicos de Atlanta foi de quase US\$ 3 bilhões e grandes instituições como a Georgia Institute of Technology, Stone Mountain Park e Atlanta University

²⁰⁴ Burbank, Matthew J. (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 114.

²⁰⁵ Burbank, Matthew J. (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 79.

Center eram receptivas às propostas (olímpicas) e formaram parcerias com os planejadores olímpicos. No entanto, gastos federais da ordem de US\$ 1 bilhão causam surpresa nesta edição dos Jogos cuja imagem “vendida” é a de um evento “sem custos para o contribuinte”²⁰⁶.

O Centennial Olympic Park em seu projeto original teria aproximadamente 24,2 ha e seria implantado em uma área até então ocupada por manufatura leve, pequenos negócios e assentamento habitacional informal.

A implantação do projeto original de US\$ 100 milhões, contudo, limitou a área de intervenção em 8,9 ha, ao custo de US\$ 25 milhões. Segundo Burbank (et alii), não se sabe ao certo de quando data a idéia da realização deste parque olímpico, inclusive porque não havia nem mesmo citação à sua possível existência no documento de candidatura a sede dos Jogos. Mesmo assim, em sua implantação são reconhecidas várias versões de projetos para um parque urbano destinado àquela região que datam de desde os anos 70²⁰⁷.

A grande dificuldade na implantação do Centennial Olympic Park para os Jogos Olímpicos foi a dissonante relação entre a comunidade negra pobre no complexo residencial de Techwood/Clark Howell, no limite norte do parque olímpico, e a presença de empresas e instituições de grande porte nas outras bordas do entorno do sítio. A questão foi “contornada” a partir do consenso em erguer-se no local um conjunto residencial (para variados perfis sócio-econômicos).

Entretanto, na realidade, a incapacidade do poder público em intermediar a relação dos interesses dos Jogos e da população, aliado ao desinteresse da ACOG em desenvolver planos com a chancela da opinião pública, permitiu que somente 8% dos moradores originais

²⁰⁶ Burbank, Matthew J. (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 116.

²⁰⁷ Burbank, Matthew J. (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 106.

S Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

ATLANTA (EUA)



Estádio Olímpico - antes



Estádio Olímpico - depois



Centennial Olympic Park



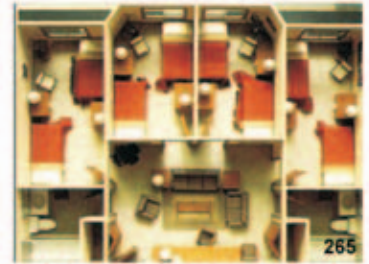
Vila Olímpica



Vila Olímpica



Planta Geral Centennial Olympic Park



Apartamento - Vila Olímpica

271

26

197

261

265

1996

permanecessem em Techwood/Clark Howell. Outros 62% aceitaram a mudança para unidades que, de acordo com Burbank (et alii), eram de “qualidade inferior às habitações públicas”²⁰⁸.

Os custos para a realização do parque olímpico foram cobertos pelas cotas de patrocínio de grandes empresas, além de parcela arrecadada através da gravação de nomes de contribuintes em cerca de 500.000 tijolos – haviam sido disponibilizados 750.000 tijolos - a serem instalados no piso do parque, ao custo de US\$ 35,00 por unidade.

Segundo o Relatório Oficial dos Jogos de Atlanta: “Durante o período de 1991-1997, o impacto dos Jogos Olímpicos é estimado em mais de mais de US\$ 5 bilhões e incluiu o financiamento de novas facilidades, aumento da receita com turismo e crescimento de arrecadação de impostos”²⁰⁹.

Como visto anteriormente, a transferência de sede de equipes esportivas nos EUA não é incomum. Desta forma, ameaças de transferência de sede da equipe de beisebol *Atlanta Braves*, na pessoa de Ted Turner, suscitaram, de um lado, interesse da cidade, em construir o estádio olímpico com a previsão de que após os Jogos, haveria a reversão de propriedade para aquele clube (que cogitava a demolição de seu estádio construído em 1961).

De outro lado, fortes pressões das comunidades negras do entorno do sítio do estádio olímpico tornavam polêmica a construção do estádio na área planejada. Negociações e cessões por parte da ACOG e das comunidades viabilizaram a construção do estádio.

Como podia ser previsto, houve contrariedade entre os moradores frente às desapropriações. Incidente remediado através da recorrente estratégia de negociação que satisfaria parcela significativa da população envolvida, inclusive com a destinação de 8,2% da

²⁰⁸ Burbank, Matthew J. (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 111.

²⁰⁹ Atlanta Committee for the Olympic Games (ACOG). *The Official Report of the Centennial Olympic Games Vol. I – Planning and Organizing*. Atlanta: Atlanta Comitee for the Olympic Games (ACOG), 1996, p. 24.

receita dos estacionamento do estádio olímpico para projetos da comunidade. Assim, o estádio foi construído.

O custo das obras foi da ordem de US\$ 244 milhões e, mais tarde, como acordado, sua propriedade transferida para o Atlanta Braves.

Por fim, a vila olímpica foi viabilizada através da construção de 2 novos edifícios no campus do Georgia Institute of Technology que permitiram a acomodação de 9.384 atletas e oficiais e que, somados às instalações existentes, totalizaram o número de 15.078 leitos. Os custos para a realização desta facilidade foram viabilizados principalmente através do dispêndio de US\$ 42 milhões por parte da ACOG e outros US\$ 194 milhões para dormitórios universitários.

Outro benefício importante na organização dos Jogos e que surgiria como legado olímpico foi o investimento de US\$ 375 milhões em água e esgoto. Também foram gastos US\$ 455 milhões, na reforma do aeroporto Hartsfield, e US\$ 6 milhões, no Parque Woodruff, respectivamente.

Antes do término da análise desta edição olímpica de Atlanta, há, contudo, outra importante passagem que sugere atenção redobrada frente à realidade sócio-econômica das populações mais pobres direta e indiretamente afetadas pela realização de um evento desta natureza. Esta referência pode inclusive balizar organizações similares futuras.

A questão remete-se à região de Woodruff Park, “uma área de predileção dos “sem-teto” (homeless), simbólica da nova ordem olímpica que privilegia turistas em relação aos residentes”²¹⁰. O problema reside não exatamente na presença dos “sem-tetos” que deploravelmente existiam e que, salvo alternativas concretas contrárias, continuariam a existir, mesmo que não houvesse Jogos Olímpicos, mas na insensibilidade na formulação de uma política de prioridades que combatesse ou auxiliasse na minoração do problema habitacional vigente

²¹⁰ Burbank, Matthew J. (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 113.

através de uma solução diferente daquela adotada. (Na realidade, a solução do problema foi ignorar o problema.)

Como posto, é fundamental lembrar Harvey, que sentenciava: “se a necessidade é um critério primário de fixar a justiça social de uma distribuição de recursos ao longo de uma série de territórios, então [obriga-se] a estabelecer uma definição de necessidade socialmente justa e um sistema de medida para ela”²¹¹.

Estima-se, enfim, que apenas 10% dos recursos gastos para a organização dos Jogos Olímpicos de Atlanta tenham sido realizados “nos entornos olímpicos mais pobres”²¹².

Sidney (2000)

Cidades-Aspirantes: Berlim, Istambul, Manchester e Pequim

Data: 15/09/2000 – 01/10/2000

Atletas Participantes: 6.582 homens e 4.069 mulheres

Esportes: 28

Eventos: 300

Países Participantes: 199

A história dos Jogos Olímpicos de Sidney 2000 parece ter sido dominada por dois objetivos principais: a realização do evento em um determinado sítio repleto de instalações esportivas de nível internacional e a proteção do ambiente natural²¹³.

²¹¹ Harvey, David. *Op. cit.*, 1980, p. 89.

²¹² Burbank, Matthew J. (et alii). *Op. cit.*, 2001, p. 113.

²¹³ Sidney Organising Committee for the Olympic Games. *Official Report of the XXVII Olympiad Vol. 1: Preparing the Games*. Sidney: Sidney Organising Committee for the Olympic Games. 2001, p. 53.

A escolha da área de Homebush Bay, como sítio principal, desde a fase mais preliminar de candidatura a sede dos Jogos, trouxe um ingrediente real de materialização destas intenções.

Por trás desta fachada existia – e corriqueiramente existe em outras edições dos Jogos – o interesse [real] em fortalecer a condição de “cidade global”, em função de interesses financeiros e do turismo: “a experiência olímpica de Sidney é apenas parcialmente relacionada ao esporte e ao movimento olímpico”²¹⁴.

Homebush Bay, uma área de 760 ha de terreno pantanoso, sofrera forte degradação ambiental principalmente durante o século XX. Durante os anos 80 foram estabelecidos planos para sua recuperação e transformação em parque privado, com horizonte de conclusão em 2010. Com a conquista do direito de sediar as Olimpíadas de 2000, no entanto, e a conseqüente determinação desta área (praticamente exclusiva) para reunir as instalações mais importantes, esta previsão cronológica foi totalmente alterada – o efeito catalisador - e as facilidades esportivas passaram a dividir atenção e espaço com as novas atividades comerciais, recreacionais e residenciais agora demandadas.

O Olympic Co-ordination Authority (OCA), entidade responsável pela organização das operações olímpicas dos Jogos de Sidney, estabeleceu algumas sub-metas importantes, principalmente como estratégia de longo prazo: a) utilização das instalações, facilidades e infraestrutura após os Jogos; b) consistência das intenções ambientais estabelecidas na candidatura a sede; c) facilidades para portadores de deficiências físicas; d) impacto na preservação dos sítios aborígenes de significância.

Em fevereiro de 1996, foi estabelecido um Plano Diretor para a área que consistia de algumas diretrizes principais que dividiram o sítio em quatro precintos:

²¹⁴ Weirick, James. Cap. 6 – Urban Design in Cashman, Richard. Staging the Olympics: The Event and Its Impact , UNSW, 1999, p.70.

- Um *core* urbano para esporte, entretenimento, exposições e comércio;
- A definição do distrito de Newington, como sede da vila olímpica, planejada para ocupar cerca de 5.000 pessoas após os Jogos;
- Um parque Metropolitano Millenium Parklands, com provisão de distintas áreas ecológicas;
- O desenvolvimento de um *waterfront*, que inclui acesso à área costeira da Homebush Bay, indutor do desenvolvimento residencial privado.

Ainda em 1997, contudo, a ONG Greenpeace criticava as autoridades por não estarem de fato comprometidas em organizar os “Jogos Verdes” (“Green Games”) - como eram conhecidos e veiculados à época os Jogos Olímpicos de Sidney - e “tornar a área genuinamente segura”²¹⁵.

Deve-se sublinhar que a candidatura de Sidney a cidade-sede dos Jogos trouxera um compromisso e uma expectativa em estabelecer “novos padrões globais de liderança social e ambiental” que provocava descontentamento em sua fase de implementação.

De fato, a área de Homebush Bay não estava pronta para receber imediatamente as instalações arquitetônicas e infra-estrutura urbana (inclusive os sistemas de mobilidade urbana). Ao contrário, estudos realizados nos anos 90, identificaram a existência de 9 milhões de m³ de lixo comercial, doméstico e industrial espalhados em 160 ha (dos 760 ha totais do sítio).

Assim, foi implantado um dos “maiores programas de despoluição do mundo”²¹⁶ que incluiu a organização de um banco de dados, delimitação da área destinada à remoção de dejetos,

²¹⁵ **Nota:** O Greenpeace relatava então que “produtos químicos clorados foram fabricados no sítio da Union Carbide em Homebush Bay por décadas. De 1957 a 1976 produziu herbicidas clorados incluindo 2,4,5, -T um componente do infame Agente Laranja utilizado durante a Guerra do Vietnam” (www.greenpeace.org.au/archives/olympics - abril/2005). **Nota:** “Em junho de 1997, ativistas do Greepeace limpam e retiveram 50 barris de dioxina encontrados a 2 km do estádio olímpico, em um sítio adjacente à antiga fábrica da Union Carbide (Lenskyj, Helen. Green Games or Empty Promises? Environmental Issues and Sidney 2000 in Fourth International Symposium for Olympic Research, Ontario, 1998, p. 176).

²¹⁶ Sidney Organising Committee for the Olympic Games. Op. cit.. 2001, p. 53.

definição de instrumentos de reabilitação da terra e programas de informação (conscientização) da população. Foram gastos A\$ 137 milhões para recuperação da qualidade ambiental desta área²¹⁷.

Outra conquista ambiental importante foi a recuperação do curso d'água (enseada) de Haslms Creek, - que corta o sítio olímpico até a Homebush Bay, - com a remoção de outros 1,4 milhões de m³ de detritos no âmbito do programa de despoluição da área e tratamento paisagístico de suas margens. O Relatório Oficial dos Jogos Olímpicos de Sidney relata ainda que foram plantadas 16.000 árvores no sítio “em torno das instalações”²¹⁸ e que 2.000 mudas de plantas foram introduzidas nos manguezais da baía.

Ressalta-se também que desde os Jogos Olímpicos de Inverno de Lillehammer, Noruega, em 1994, o COI determinara a necessidade de um compromisso ambiental do movimento olímpico. Portanto, interessava particularmente ao Comitê Organizador atender a este requisito.

Ao término do evento, no entanto, o Earth Council, em relatório datado de janeiro de 2001, atribuía grau 8.6 (em 10 pontos) e o próprio Greenpeace estabelecia um satisfatório grau 6.0 (em 10 pontos)²¹⁹ em relação à qualidade ambiental da organização dos Jogos.

Coerente com as medidas de requalificação ambiental, no parque olímpico, “o sistema de fornecimento de água (...) é capaz de fornecer 800 milhões de litros de água tratada por ano (o equivalente a 259 piscinas olímpicas). A água é utilizada para descarga e irrigação e pode prover 50% das necessidades de água de Homebush Bay”²²⁰.

²¹⁷ Sidney Organising Committee for the Olympic Games. *Op. cit.*, 2001, p. 58.

²¹⁸ Sidney Organising Committee for the Olympic Games. *Op. cit.*, 2001, p. 53.

²¹⁹ Chernushenko, David (et alii). *Sustainable Sport Management – Running an Environmentally, Socially and Economically Responsible Organization*. Nairobi: United Nations Environment Programme, s/d, p. vii.

²²⁰ Chernushenko, David (et alii). *Op. cit.*. Nairobi: United Nations Environment Programme, s/d, p. 129.

Número de ESPORTES (/10)

Número de ATLETAS (x 100)

Número de EVENTOS

Número de PAÍSES

Jogos Olímpicos

SYDNEY (Austrália)



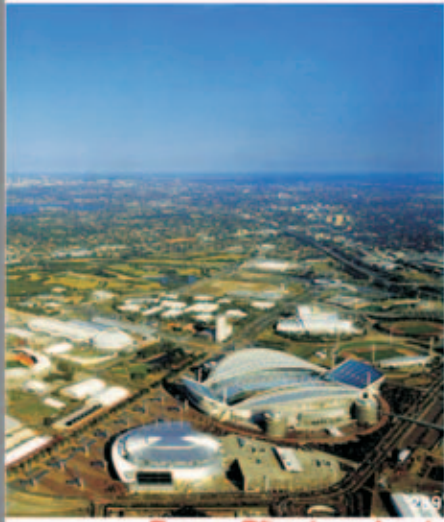
Parque Olímpico - antes



Estádio Olímpico - antes



Vila Olímpica



Parque Olímpico - depois



Estádio Olímpico e o skyline de Sydney



Super Dome



Velódromo

300

28

199

267

2000

Phone Tooth

2002



As 47 torres de transmissão de energia foram removidas do sítio, como mais uma contribuição à qualidade do ambiente urbano, e todo o cabeamento passou a ser realizado por via subterrânea. O passo seguinte foi criar uma infra-estrutura urbana (telecomunicação, mobilidade urbana etc.), antes de qualquer ação mais efetiva.

Decidiu-se, em 1995, pela construção de um novo ramal sobre trilhos de 5,3 km, a ser conectado à rede ferroviária existente. Apesar da maior parte desta linha ter sido construída na superfície, o trecho (de aproximadamente 1 km) mais próximo a estação do parque olímpico (Olympic Park Station) foi instalado sob a terra para evitar o cruzamento de fluxos com as grandes hordas de espectadores. Durante os Jogos, o intervalo de 2 minutos entre trens possibilitou a movimentação de 50.000 pessoas a cada hora - entrando e saindo - no parque olímpico.

Para os Jogos, também foi construído um pier para que pudesse ser realizado o acesso de atletas e oficiais ao parque olímpico através de embarcação aquática. Erguido com bastante antecedência ao evento, em 1997, o ancoradouro seria a partir de então cotidianamente utilizado pelo público em geral. Conjuntamente a esta instalação e à nova linha de trens, foram previstas 177 baias para estacionamento de ônibus (em 3 diferentes áreas) e 10.000 para carros de passeio (em 5 diferentes áreas) para atender aos espectadores e visitantes.

Outro legado a ser citado em Sidney refere-se às “artes públicas” que, selecionadas por um comitê específico, se integraram e contribuíram à ambiência urbana, ao serem implantadas em nove sítios em Homebush Bay e em outros sítios olímpicos secundários. Algumas fontes de água posicionadas nas extremidades do Olympic Boulevard também beneficiaram a qualidade da forma urbana do sítio olímpico principal.

A OCA foi responsável pela construção de 15 principais instalações esportivas, além da vila olímpica e da mídia, ao custo total de A\$ 3,3 bilhões²²¹ (com A\$ 2,1 bilhões de verba

²²¹ Nota: Em agosto/2000, A\$ 1,00 = US\$ 0,57.

governamental e A\$ 1,2 bilhões do setor privado) e geração de 40.000 empregos diretos e outros 80.000 indiretos.

As principais características das instalações esportivas e a origem dos fundos para suas construções foram assim realizadas, de acordo com o Relatório Oficial:

- Estádio olímpico, SuperDome e vila olímpica: fundos predominantemente privados;

a) Estimam-se os custos do estádio olímpico, de 30.000 m² de área de superfície e 295,6 m de comprimento, em A\$ 710 milhões, com a participação governamental de A\$ 124 milhões²²².

O estádio, projeto de Bligh Lobb Sports Architecture, foi inaugurado em março de 1999 e sua capacidade de mais de 115.000 espectadores foi sensivelmente reduzida após os Jogos para algo em torno de 80.000 pessoas. Houve uma preocupação em prover à instalação sistemas de: “ventilação passiva”; aproveitamento das águas pluviais para regagem do gramado e descarga de esgoto e redução do uso de iluminação artificial.

Segundo Searle, no entanto, o estádio após sua abertura abrigou algumas competições de rugby e futebol, mas “na maioria dos meses permaneceu fechado”.

De acordo com o mesmo documento, não há jogos e concertos em número suficiente em Sidney [com demanda para 80.000 pessoas]. O estádio operou com uma perda de A\$24 milhões no primeiro ano, A\$ 11 milhões em 2000, e aproximadamente o mesmo déficit em 2001²²³.

²²² **Nota:** “Com o objetivo de minimizar custos e riscos ao estado, o governo, após a outorga do direito de sediar os Jogos, realizou convites licitatórios ao setor privado para projetar, construir, operar e manter o estádio [olímpico] até 2031 sob cessão da OCA” (Searle, Glen H.. “The Urban Legacy of the Sidney Olympic Games” in Moragas, Miquel de (ed.). Op. cit., 2002, p.119.

²²³ Searle, Glen H.. “The Urban Legacy of the Sidney Olympic Games” in Moragas, Miquel de (ed.). Op. cit., 2002, p.119.

b) O SuperDome, inaugurado em setembro de 1999, foi realizado ao custo de A\$ 197 milhões (em participações controversas entre setor público e privado)²²⁴ e abrigou 15.000 espectadores para as competições de ginástica artística e 18.000 para basquete.

Este projeto, construído entre 1997 e 1999, a partir de projeto de Cox Richardson, Devine Deflon Yaeger, foi considerado tecnológica e ambientalmente a mais avançada arena *indoor* do mundo;

c) Tênis: combinação de verba governamental e setor privado (15%), ao custo de A\$ 42,9 milhões;

d) Velódromo, eqüestre, tiro, hockey, arco: fundos governamentais;

e) Softball/Baseball: verba predominantemente governamental com contribuição do próprio esporte, governo local e SOCOG²²⁵;

f) Pólo aquático: verba predominantemente do governo local e a combinação de fundos governamentais e SOCOG.

A vila olímpica de Sidney foi, segundo Relatório Oficial dos Jogos, “a primeira da história capaz de acomodar todos os atletas participantes dos Jogos em uma única localização”²²⁶.

A ocupação total de atletas e oficiais superou o número de 15.000 pessoas, distribuídos em 850 casas e 350 apartamentos, em um sítio com área de 94 ha²²⁷. Mais tarde, após os Jogos,

²²⁴ **Nota:** Segundo o Relatório Oficial, os fundos para construção do “estádio olímpico, SuperDome e vila olímpica: foram predominantemente privados” (Sidney Organising Committee for the Olympic Games, *Op. cit.*, 2001, p. 63). No entanto, de acordo com Searle, dos gastos totais de “A\$ 197 milhões, o governo estadual participou com A\$ 142 milhões e o Abigroup com o restante. (...) Para ajudar na prospecção [comercial] do SuperDome após os Jogos, o governo construiu [ainda] um estacionamento adjacente para 3.400 automóveis ao custo de A\$ 63 milhões” (Searle, Glen H., “The Urban Legacy of the Sidney Olympic Games” in Moragas, Miquel de (ed.). *Op. cit.*, 2002, p.119). Segundo ainda Searle, “nos nove primeiros meses de abertura, as perdas operacionais do SuperDome eram estimadas em aproximadamente A\$ 5 milhões ao ano” (Searle, Glen H., “The Urban Legacy of the Sidney Olympic Games” in Moragas, Miquel de (ed.). *Op. cit.*, 2002, p.120).

²²⁵ **Nota:** Sidney Organising Committee for the Olympic Games (SOCOG).

²²⁶ Sidney Organising Committee for the Olympic Games. *Op. cit.*, 2001, p. 133.

esta região, novo subúrbio de Newington, seria residência para aproximadamente 6.000 habitantes. O custo de desenvolvimento da vila olímpica de Sidney atingiu A\$ 590 milhões²²⁸.

Em realidade, a região escolhida para a vila olímpica não dispunha outrora de “alta reputação como área residencial, por situar-se próxima a: uma prisão, uma refinaria de óleo, uma grande *freeway* e uma estação de tratamento de líquidos”²²⁹. A requalificação da área, principalmente através de recursos de recuperação ambiental e reciclagem de energia, conferiu-lhe um status superior.

A responsabilidade e o compromisso social no que concerne à acessibilidade foram amplamente encampados em todas as instalações (esportivas ou não) e em meios de mobilidade nos/para os eventos principais ou complementares. Houve igual preocupação em relação aos acessos e circulações (rampas, superfícies, acabamentos, elevadores etc.), amenidades (assentos, toilettes, mobiliário etc.) e comunicação (instrumentos auditivos, iluminação, informação etc.).

Em relação aos Jogos Olímpicos de Sidney, Austrália (2000), segundo a ATC (Australian Tourist Commission), em documento intitulado “Olympic Games Tourism Strategy”, os Jogos Olímpicos permanecem como o mais significativo benefício da história do turismo (atrativo) da Austrália”.

Segundo análise deste mesmo documento, houve um crescimento da ordem de 11% em visitas geradas pelo evento, com 1.6 milhões de visitantes adicionais despendendo US\$ 3.5

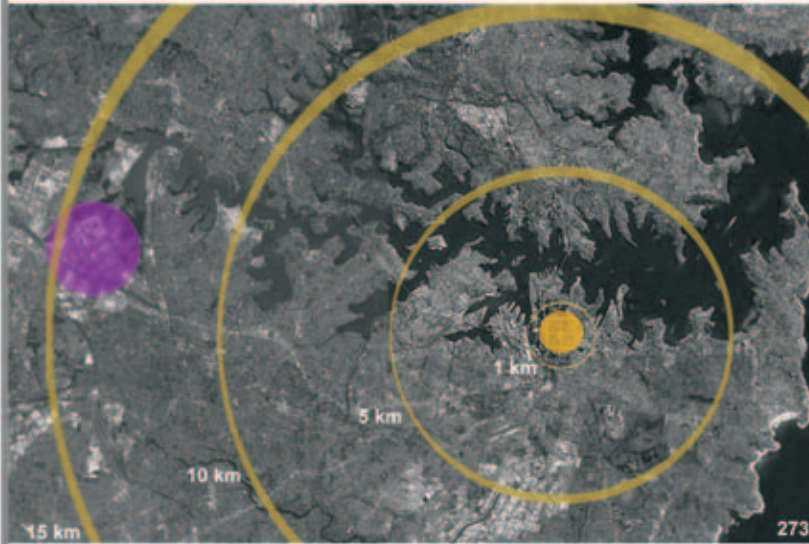
²²⁷ **Nota:** “As diretrizes do COI especificam uma média de 12 m² de área por pessoa, que geram uma área bruta de superfície de 180.000 m² – incluindo habitação, banheiros e circulação” (Kittrell, Steven. “*The Olympic Village of Sidney 2000*” in Moragas, Miquel de. *Op. cit.*, 1996, p. 113).

²²⁸ **Nota:** “Desenvolvimento da vila olímpica de Sidney A\$ 590 milhões (350 milhões Euros) (governo NSW 63,8 milhões). Valor estimado para comercialização a partir de A\$ 355.000,00 (210.000,00 Euros) para 3 quartos e A\$ 540.000,00 (320.000,00 Euros) para 4 quartos. (1 Euro = A\$1,7) (www.oja-services.nl/iea-pvps/cases setembro/2005).

²²⁹ Weirick, James. *Op. cit.*, 1999, p.79.

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

SYDNEY - 2000



Localização



Figura e Fundo



eixos/ limites
 áreas livres
 nós
 domínios/ enclaves
 marco

ESCALA GRÁFICA
 Quadras Ensanche
 Barcelona

bilhões; um aumento do número de acessos ao site www.australia.com de cerca de 700% e patrocinadores olímpicos que desembolsaram US\$ 170 milhões para promover a Austrália²³⁰.

Conforme visto, entretanto, o grande legado dos Jogos Olímpicos de Sidney deve ser atribuído ao aspecto ambiental.

A despoluição de Homebush Bay e a reciclagem de energia, por exemplo, marcaram uma época da história olímpica. A partir de então, toda edição será cobrada a apresentar benefícios efetivos ao ecossistema existente e a minoração de possíveis conseqüências negativas advindas da própria organização de tão grandioso evento.

A propósito, como será analisado na conclusão desta pesquisa, documento emitido pelo próprio COI, em preocupada referência às dimensões e números (vertiginosamente crescentes) dos Jogos, sentencia: “o COI [e o movimento olímpico] deve(m) ser cuidadoso(s) para não se tornar(em) vítima(s) de seu(s) próprio(s) sucesso(s)”²³¹.

²³⁰ **Nota:** “O raciocínio central ao programa era utilizar os Jogos para acrescentar profundidade e dimensão a *brand Australia* – marca Austrália – pela promoção de mais do que imagens e temas tipicamente turísticos na condução e durante os Jogos. Isto foi realizado ao juntar-se a marca Austrália, a marca olímpica (a mais reconhecida marca do mundo) e as marcas dos parceiros olímpicos (patrocinadores, redes de teletransmissão e a família olímpica). Ao trabalhar com as redes de teletransmissão, a ATC objetivou transformar os Jogos Olímpicos em um documentário de duas semanas de toda a Austrália para uma audiência global de 3.7 bilhões de pessoas em 36 bilhões de horas de assistência” (Australian Tourist Commission. Olympic Games Tourism Strategy, www.atc.net.au, 2001). **Nota:** Segundo o site: www-personal.umich.edu, estima-se que houve uma audiência global de audiência da ordem de 22.6 bilhões de horas nos Jogos Olímpicos de Sidney, Austrália.

²³¹ Olympic Games Study Commission. Interim Report to the 114th IOC Session. Mexico, 2002, p.3.

Atenas (2004)

Cidades-Aspirantes: Buenos Aires, Cidade do Cabo, Estocolmo,

Rio de Janeiro, Roma, St. Petersburg, San Juan, Sevilha

Data: 13/08/2004 – 29/08/2004

Atletas Participantes: 11.099 atletas

Esportes: 28

Eventos: 301

Países Participantes: 202

Mais de um século depois da primeira edição da era moderna, os Jogos retornariam a Atenas, Grécia, berço dos Jogos Olímpicos.

O estádio Panathinaiko provavelmente representa o principal testemunho material e simbólico da história cultural e esportiva dos Jogos, ao atravessar quase 2.000 anos de história, ser reformado em 1896 e novamente em 2004, e uma vez mais abrigar os Jogos Olímpicos.

A trama rígida e racional do tecido urbano no entorno próximo do Panathinaiko, em contraste com um “respeitoso” limite do contorno de seu sítio, sugere que sua força de permanência urbana talvez seja merecedora de destaque, embora não se tenha conseguido acesso a registros iconográficos históricos.

A organização dos Jogos Olímpicos 2004 trouxe uma enorme expectativa e incerteza em relação aos prazos finais para completude das instalações previstas. Nos meses que antecederam ao evento, a imprensa em geral apostava que dificilmente haveria tempo hábil para a finalização das obras arquitetônicas e urbanísticas e tornava o ambiente, já suficientemente conturbado em função dos então relativamente recentes atentados terroristas a grandes concentrações demográficas, de Nova York (2001) e Madrid (2004), ainda pior.

Embora o relatório oficial relativo aos Jogos de Atenas não tenha sido disponibilizado (pelo menos até o final de 2005), a mídia informativa tem revelado que os gastos gerais referem-se a valores da ordem de € 10 bilhões²³². Neste total, há um certo impulso da União Européia que, somente em infra-estrutura, investiu algo da ordem de € 3.775 bilhões.

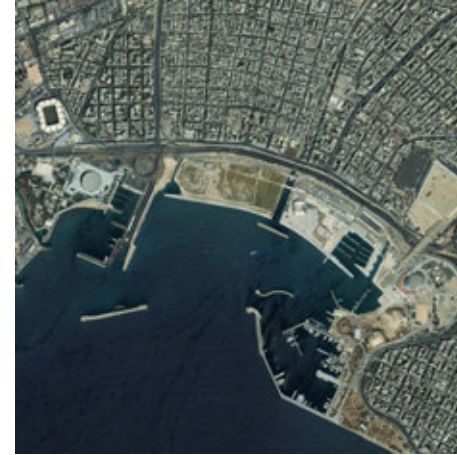
Atenas conseguiu realizar um razoável aparato de obras arquitetônicas e urbanísticas, espalhadas por diferentes partes da cidade, principalmente distribuídas em alguns clusters (Complexo Esportivo Olímpico, Faliro, Galatsi, Nikaia, Panathinaiko, Peristeri etc.).

Além das várias instalações arquitetônicas construídas com foco voltado aos Jogos – vide imagens em anexo - foram erguidas:

- a) 120 km de novas estradas, além da reforma e alargamento de outros 90 km;
- b) Uma nova linha de trem de superfície de 40km e uma outra de metrô de 8 km.;
- c) Um novo aeroporto, com capacidade para 16 milhões de pessoas ao ano, para atender inclusive a uma grande demanda atual (da ordem de 11 milhões de turistas ao ano);
- d) Uma vila olímpica com capacidade para 17.628 leitos, em área de superfície de 124 ha, ao norte de Atenas.

²³² PricewaterhouseCoopers. Op. cit., p. 22.

Faliro (2001, 2004):



Galtasi (2001, 2004):



S Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

Jogos Olímpicos

ATENAS (Grécia)



Estádio Panathinaiko 274



Estádio Panathinaiko 275



Ginásio de Faliro 276



Marina 277



Ginásio Hellenismo 280



Estádio Olímpico - antes 278



Estádio Olímpico - depois 279



Vila Olímpica 281

301

28

201

13,30

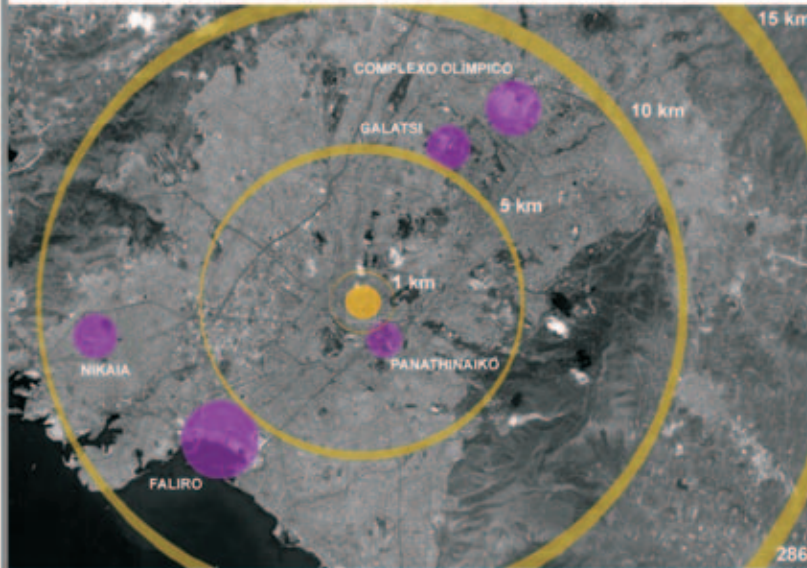
2004

Concreto Translúcido

2004

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

ATENAS - Panathinaiko - 2001



Localização



Panathinaiko

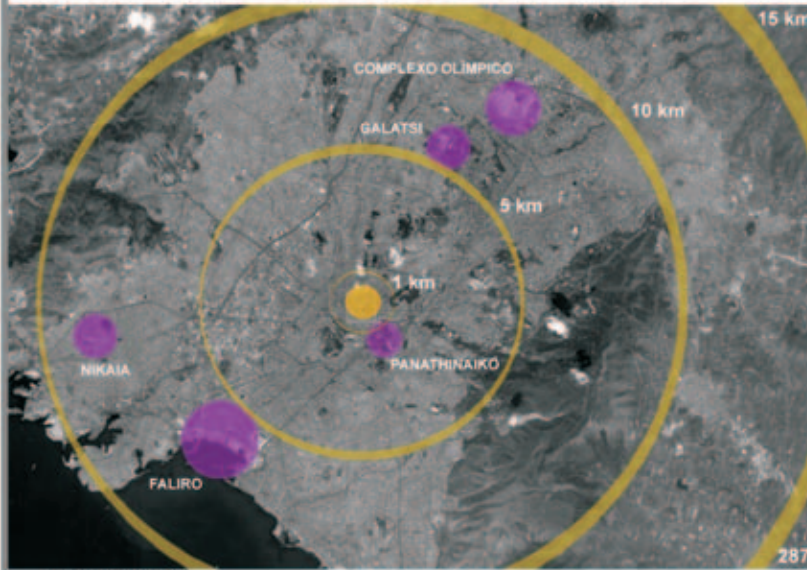


Figura e Fundo



ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

ATENAS - Panathinaiko - 2004



Localização



Panathinaiko

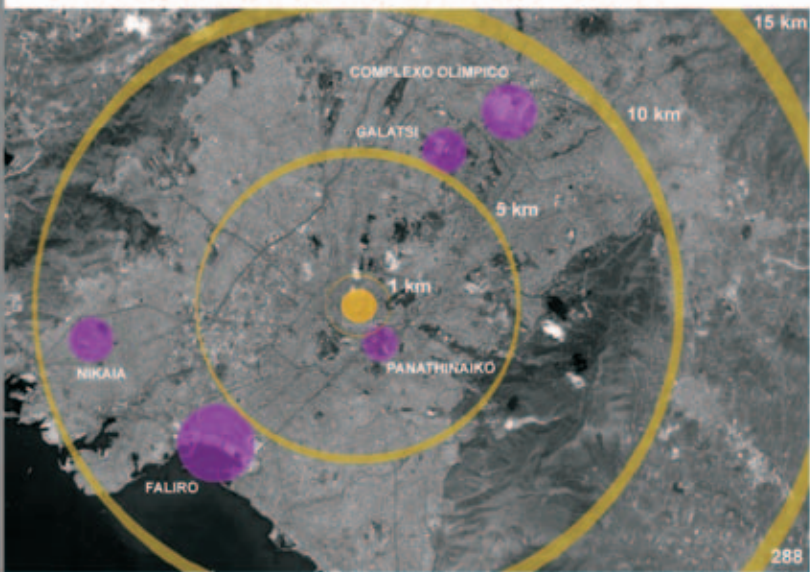


Figura e Fundo



ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

ATENAS - Complexo Olímpico - 2001



Localização

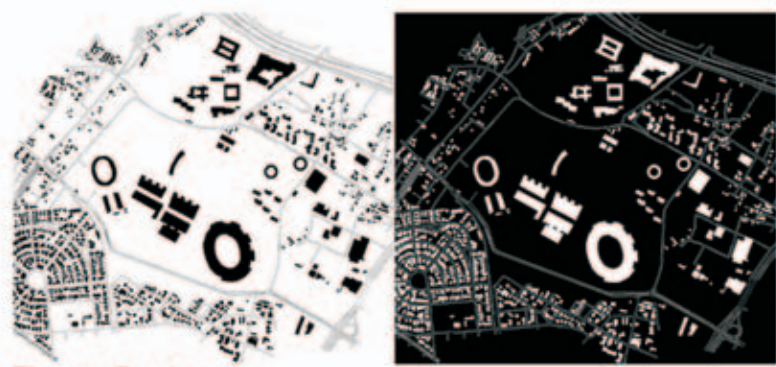


Figura e Fundo

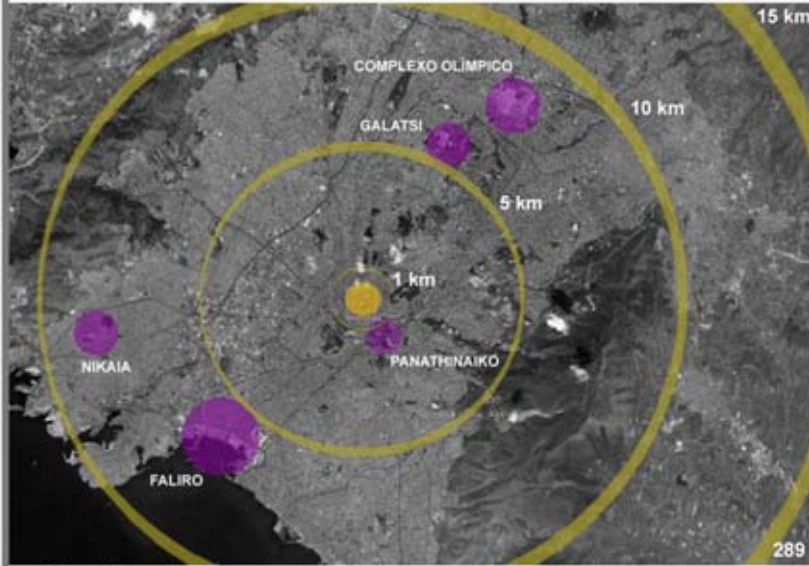


Estádio Olímpico

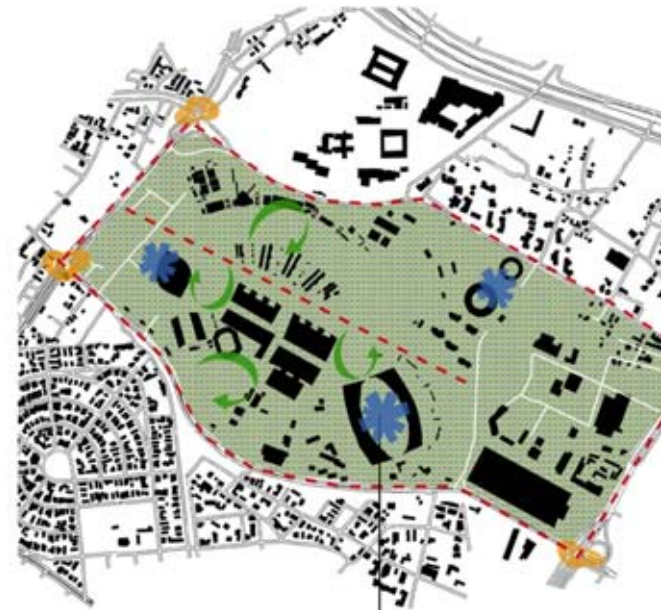


ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

ATENAS - Complexo Olímpico - 2004



Localização



Estádio Olímpico

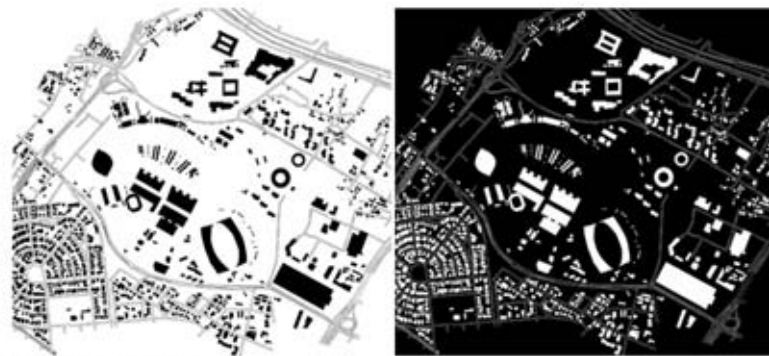
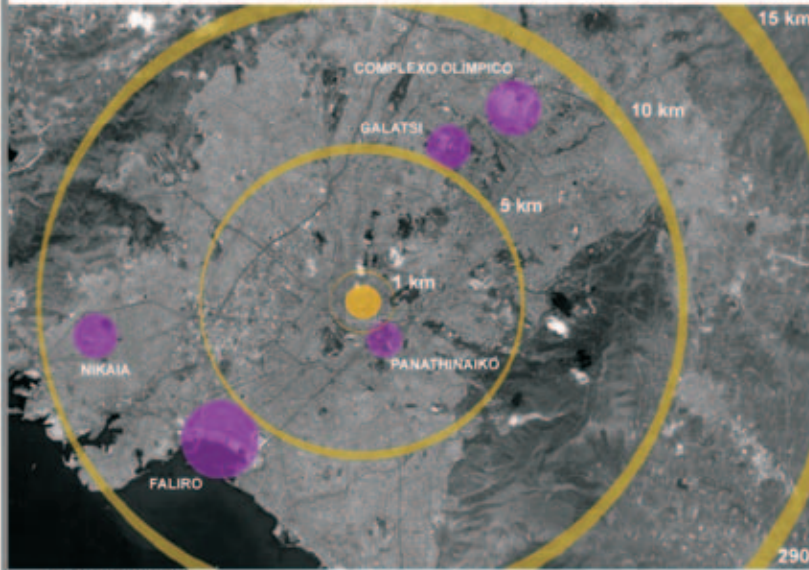


Figura e Fundo



ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

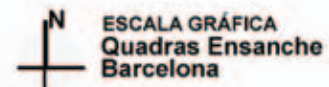
ATENAS - Faliro - 2001



Localização

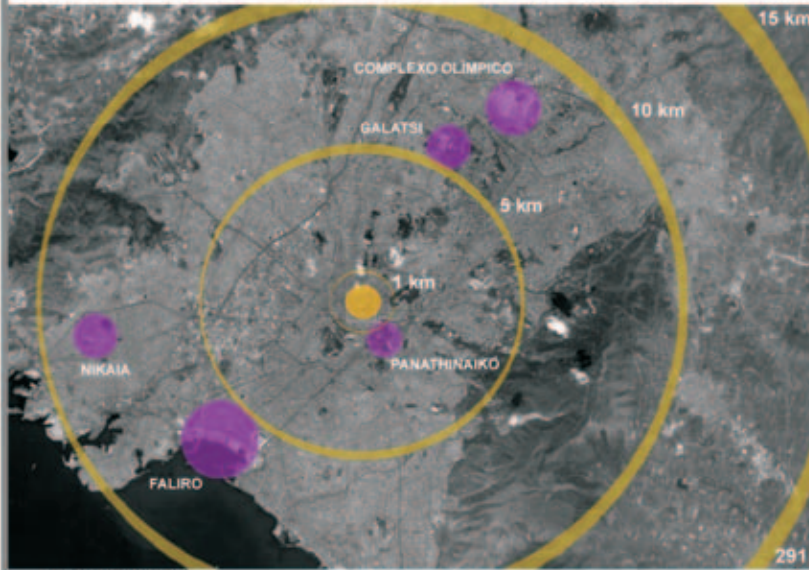


Figura e Fundo



ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

ATENAS - Faliro - 2004



Localização



Figura e Fundo



- - - - - eixos/limites
- áreas livres
- nós
- ↻ domínios/enclaves
- ★ marco

ESCALA GRÁFICA
 Quadras Ensanche
 Barcelona



ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

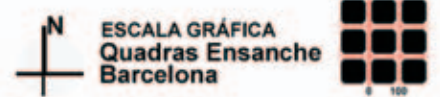
ATENAS - Galatsi - 2001



Localização



Figura e Fundo



ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

ATENAS - Galatsi - 2004



Localização

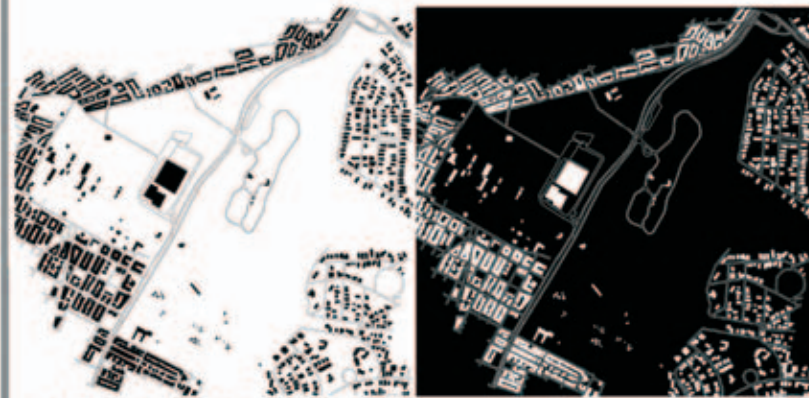


Figura e Fundo



O estádio olímpico é objeto de uma reforma realizada a partir de projeto arquitetônico desenvolvido pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava. A nova cobertura e a estrutura metálica que a sustenta, com seus amplos vãos, conferem à obra admirável leveza e arrojo. Há nesta obra uma força na decantada “verdade estrutural” e nas proporções admiráveis que conseguem lhe imputar uma renovada presença.

Esta questão, aliás, remete-se à discussão a respeito de determinadas inserções de densidade destacada na paisagem urbana, os “ícones urbanos”, contrapostas a outras de “incômoda neutralidade”, quase essencialmente anônima.

Em Atenas, houve uma polêmica discussão a respeito do estádio olímpico e de sua inserção urbana, além das demais instalações previstas e os elementos arquitetônico e urbanístico presentes. A disparidade contrastante da qualidade arquitetônica do projeto de Calatrava, em relação às demais, talvez tenha tornado nítida a incapacidade da maior parte das outras edificações realizadas em mostrarem-se como “obras a serem consideradas de fato arquitetônicas”.

O professor Tzirtzilakis, em entrevista à revista *Domus*, discorre sobre este assunto:

“Tentamos dar à cidade com os Jogos Olímpicos novos monumentos, como os trabalhos de Calatrava. Contudo, na maior parte dos casos, nós temos edifícios construídos sem projetos conscienciosos, ou com projetos idióticos, com muitos dos trabalhos de projetos (design) delegados a empresas construtoras. O novo estádio de Calatrava é uma exceção, mas é oportuno. É um novo forte símbolo para a cidade e é visto como um ícone. Os outros projetos são simplesmente vazios; eles são palcos sem idéias arquitetônicas”²³³.

²³³ *Revista Domus*, nº 872, julho-agosto/2004, p. 22.

Uma lição parece emergir a partir da organização dos Jogos Olímpicos. Há notícias recentes que dão conta de que as instalações realizadas por ocasião do evento encontram-se em situação de abandono, pois não foram planejadas de forma a servirem de fato como legado à população ou à cidade.

A própria Vice-Ministra de Cultura da Grécia, Fani Petralia, em março de 2005, relatava:

“Nós não temos um projeto pós-olímpico. Muitas instalações foram desenvolvidas sem saber o que seria feito depois dos Jogos”²³⁴. Quanto à falta de planejamento, declarava ainda: “Estamos começando do zero. Será um projeto vital. As instalações (onde foram gastos mais de € 5 bilhões) não são projetos econômicos e sim sociais. Os cidadãos pagaram por estes complexos”²³⁵.

Alguns outros problemas são ventilados como, por exemplo: “para a manutenção de todas as instalações o governo terá um gasto anual de cerca de US\$ 100 milhões”. Além disso, o orçamento teria oscilado em torno de € 8,5 bilhões, sendo € 1,2 bilhões somente em segurança, quando as previsões iniciais de orçamento davam conta de € 4,4 bilhões, “tornando o país recordista em despesas para a realização do maior megaevento esportivo do planeta”²³⁶.

²³⁴ Jornal “O Globo”, 13 de março de 2005, p. 45.

²³⁵ Jornal “O Globo”, 13 de março de 2005, p. 45.

²³⁶ Jornal “O Globo”, 13 de março de 2005, p. 45.

N Número de ESPORTES (/10)

A Número de ATLETAS (x 100)

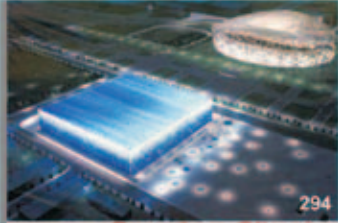
E Número de EVENTOS

P Número de PAÍSES

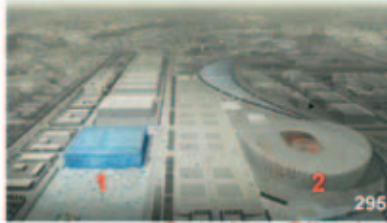
Jogos Olímpicos

PEQUIM (China)

301*

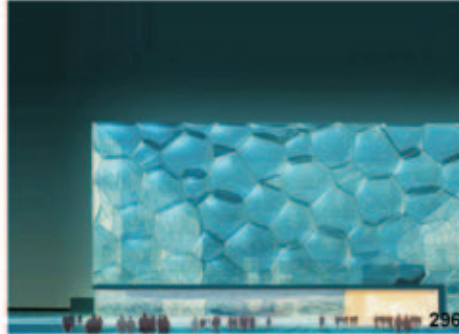


Complexo Olímpico



Complexo Olímpico

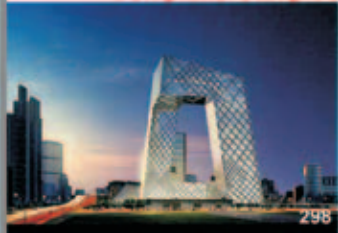
1- Parque Aquático
2- Estádio Olímpico



Parque Aquático



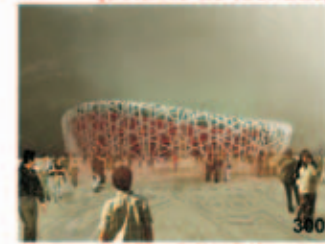
Parque Aquático (detalhe da fachada)



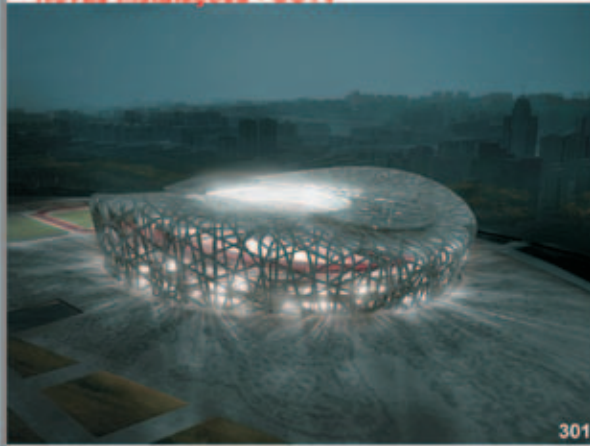
Novas Instalações - CCTV



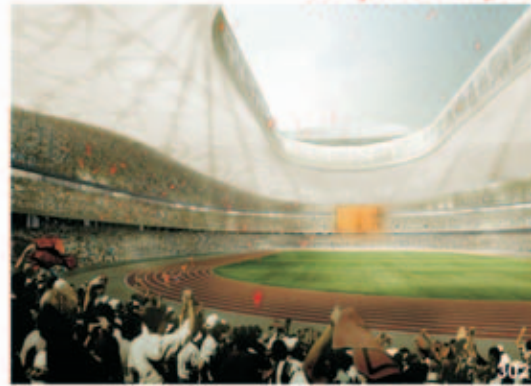
Complexo Olímpico



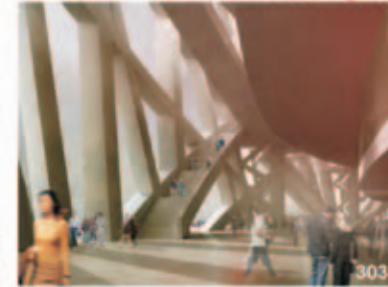
Estádio Olímpico



Estádio Olímpico



Estádio Olímpico - perspectiva interna



Estádio Olímpico - persp. interna

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

2008

* estimativa

Pequim (2008)

Cidades-Aspirantes: Bangkok, Cairo, Havana, Istambul,
Kuala Lumpur, Osaka, Paris, Pequim, Sevilha e Toronto

Data: 08/08/2008 – 24/08/2008

Disposta a desfazer e redefinir uma imagem freqüentemente associada a produtos de pouca importância e mínimo controle de qualidade produzidos por uma indústria de condições de trabalho exploratórias, em um meio político de pouca transparência, a emergente China investirá pesadamente para ser realmente merecedora da quase protocolar frase:

“The best games ever”, que parece não ter sido ouvida ao término dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004).

A capital da China concebeu suas “Olimpíadas Verdes” no eixo norte da cidade, em uma área de múltiplo uso com ênfase no esporte, cultura, exposição, lazer e turismo.

Sua intenção é a de que esta área torne-se o *core* dos Jogos Olímpicos em área de 1.159 ha, o símbolo de um legado urbano. Nesta parte da cidade concentrar-se-ão 11 arenas e estádios, a vila olímpica, o MPC e o IBC:

“Seu desenvolvimento incrementará as funções urbanas do norte da cidade, estimulará a qualidade urbana, proverá uma nova imagem da cidade, e acelerará o ritmo de desenvolvimento rumo a uma cidade internacional”²³⁷.

²³⁷ Beijing Municipal Commission of Urban Planning. Brief of General Layout of Olympic Green, www.bjghw.gov.cn , acesso: outubro/2005.

Neste momento, o material disponibilizado refere-se ainda aos documentos de candidatura aos Jogos Olímpicos e ainda não trazem um detalhamento apurado da organização do enorme complexo olímpico, embora seja possível notar-se que grandes eixos de esplanadas, com atenção ao tratamento paisagístico, estarão estruturando o parque olímpico, com as funções de ancoragem protagonizadas e rivalizadas pelo estádio olímpico e o parque aquático.

As informações dão conta de que os investimentos para a organização do evento oscilarão em torno de US\$ 32 bilhões. Números que suscitaram uma sutil reação do COI, receoso de que o padrão de investimentos não extrapole excessivamente determinada faixa. O temor explica-se através do fato de que, caso se tornem referência, inviabilizem futuras candidaturas a sede do evento por parte de países ou cidades com fôlego econômico mais modesto e prioridades mais específicas.

Proeminentes nomes da arquitetura contemporânea, como Rem Koolhaas, responsável pelas instalações da televisão chinesa, e o escritório Herzog & de Meuron, autor do projeto do estádio olímpico, participaram de concursos internacionais - em embate com Dominique Perrault; Skidmore, Owings and Merrill (SOM); Toyo Ito; Rafael Viñoly, entre outros escritórios e profissionais não menos reconhecidos - cujos corpos de jurados eram compostos de nomes igualmente ilustres que incluíam figuras como Jean Nouvel, Kisho Kurokawa e Jose Luis Mateo.

Sobre o interessante projeto do estádio olímpico, a ser localizado em um dos extremos do eixo que forma a estrutura olímpica, a revista *Domus*, em tom crítico, mas aliviada, comenta que: “ultimamente algumas firmas conhecidas somente pelas suas iniciais transformaram os estádios em máquinas de processar eficientemente multidões em curto intervalo de tempo desprovida [em seu desenho] de personalidade ou carisma” e completa:

“Pequim terá o mais memorável estádio desde as estruturas tensionadas de Frei Otto para Munique (1972)”²³⁸.

Este estádio, com capacidade para 100.000 pessoas, e curiosamente com horário marcado para início de suas obras com antecedência de meses - 24 de dezembro de 2003, 10h - é conhecido como “ninho de passarinho”, devido às feições da bojudas casca externa com uma “superfície de gravetos” lançados sem rigidez aparente que parece envolver uma parte central (principal).

Na realidade, há uma trama estrutural assimétrica em concreto que determina as fachadas externas. A partir desta pele exterior, o transeunte atravessa um compartimento intermediário que conforma um grande *foyer* (ou arcada) “tratado(a) como um espaço urbano conformado por lojas, cafés e restaurantes”²³⁹.

O projeto para a CCTV (China Chinese Television)²⁴⁰, a ser realizado pelo Office for Metropolitan Architecture (OMA), escritório do reconhecido arquiteto Rem Koolhaas, foi também objeto de concurso público e pretende transformar-se em importante ícone urbano.

Esta sede do IBC (durante os Jogos Olímpicos), é formada basicamente por duas torres posicionadas perpendicularmente, que se juntam nos primeiros e últimos pavimentos de seus 230 metros de altura e se configuram (no conjunto) como uma espécie de “pórtico”.

Provavelmente não é um dos mais expressivos e significantes projetos de Koolhaas. A textura do complexo, definida por uma malha metálica envidraçada, assemelha-se ao seu recente projeto para uma biblioteca pública em Seattle, Washington, EUA. O projeto de Pequim, entretanto, possui uma conformação formal-espacial um pouco menos centralizada e regular.

²³⁸ *Revista Domus*, nº 860, julho/2003, p. 40.

²³⁹ *Revista Domus*, *Op. cit.*, p. 40.

²⁴⁰ www.arcspace.com, acesso: outubro/2005; www.europaconcorsi.com, acesso: outubro/2005.

Neste complexo, o primeiro edifício, de caráter mais operacional, conta com 400.000 m²; o segundo, o Television Cultural Center (TVCC), previsto para abrigar um hotel, um centro de visitação, um teatro e alguns espaços de exposição, possui 115.000 m². Ambos localizam-se em um novo Central Business District da capital, em sítio de 10 ha, e os custos para suas construções oscilam em torno de € 600 milhões.

Outra importante instalação prevista é projeto do escritório australiano PTW, em associação com um dos mais importantes escritórios de engenharia civil do mundo, Ove Arup, para o National Swimming Centre e que abrigará as provas de nado sincronizado, natação, pólo aquático e saltos ornamentais, em terreno de 7 ha, ao custo de US\$ 100 milhões.

Sua área construída é de 70.000 m² e possui capacidade para 6.000 espectadores, com possibilidade de acréscimo de até 11.000 assentos temporários para os Jogos Olímpicos. Sua aparência de “cubo de gelo”, como, aliás, o projeto é conhecido, deve-se a “almofadas” feitas de uma espécie de teflon (ETFE), desenvolvido em Trinity College, Dublin, que são fixadas em peças estruturais de aço individualmente de aspecto celular e que formam uma espécie de rede (ao serem presas umas às outras). Este material, além de ser de grande leveza física e visual, desempenhará o papel de captador de energia solar para aquecimento da água do complexo.

Londres (2012)

Cidades-Aspirantes: Havana, Istambul, Leipzig, Londres,
Madrid, Moscou, Nova York, Paris e Rio de Janeiro

Data: 27/07/2012 – 12/08/2012

A análise presente dos aspectos organizacionais deste evento baseia-se em documentos e artigos da imprensa especializada emitidos nas fases de postulação e candidatura.

Outorgada, em julho de 2005, com o direito de sediar os Jogos Olímpicos em 2012, após acirrada disputa (principalmente com a cidade de Paris, em escrutínio direto de 54 votos contra 50), Londres baseia sua organização físico-espacial na concentração das instalações esportivas prioritariamente em uma única localidade a cerca de 13 km do Centro da cidade. O parque olímpico, em área de 200 ha, “um dos mais compactos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos”²⁴¹, constituir-se-á em parte de “um marco da regeneração urbana na Europa e um dos catalisadores dos planos da Prefeitura de Londres de transformação da cidade”, em Lower Lea Valley - segundo divulgado, “uma das áreas mais pobres do Reino Unido”²⁴² - adjacente ao centro de Stratford Town e de seu *hub* de transporte (incluindo uma estação de trem internacional), a leste de Londres.

Todo o material da candidatura demonstra preocupação em transformar as edificações esportivas em instrumentos de legado olímpico. De acordo com os documentos emitidos pela British Olympic Association, estas instalações poderão atender aos atletas de alto nível e à população em geral. Como em outras edições dos Jogos, a capacidade de público das facilidades

²⁴¹ British Olympic Association (BOA). *Op. cit.*, 2004, p. 11.

²⁴² www.archrecord.construction.com/news/olympics2012, acesso: setembro/2005.

esportivas procura atender às solicitações das federações internacionais, às diretrizes do COI e (publicamente admitida) à “popularidade do esporte [naquele país]”²⁴³.

Algumas das edificações previstas, como o centro aquático e o estádio olímpico, possuem linhas arquitetônicas extremamente arrojadas e inserem-se naqueles modelos atualmente bastante utilizados de ancoragem de programas urbanos que, de um lado, para muitos, cumprem o papel de reforçar centralidades, através de ícones urbanos (obras de arquitetos não menos icônicos); mas, de outro lado, para tantos, traduzem-se em uma “espetacularização” acrítica e desmedida, empreendida com a finalidade de inserção global às custas da população local.

O estádio olímpico, com capacidade para 80.000 espectadores e localizado no parque olímpico, foi elaborado pelo Foreign Office Architects (FOA).

Segundo seus autores, “seu projeto (design) foi inspirado nas formas humanas, e a cobertura envolve a instalação como músculos sustentando o corpo humano”²⁴⁴.

O centro aquático, projeto da arquiteta Zaha Hadid, também possui características de originalidade, com formas ousadas e elegantes. Sua cobertura em forma de “S” é inspirada na sinuosidade desta faixa litorânea ao rio.

A localização da vila olímpica, com área de 30 ha, dar-se-á no novo parque olímpico, ao custo estimado de US\$ 1,04 bilhões. De acordo com o documento de candidatura, estará localizada a 20 minutos de 80% das instalações competitivas dos atletas olímpicos (e 95% das instalações competitivas dos atletas paraolímpicos). Estão previstos 17.320 leitos para atletas e oficiais (com possibilidade de ampliação)²⁴⁵.

²⁴³ British Olympic Association (BOA). Response to the Questionnaire for Cities Applying to Become Candidate Cities to Host the Games of the XXX Olympiad and the Paralympic Games in 2012 – London 2012. Londres: British Olympic Association (BOA), vol. 2, 2004, p.13.

²⁴⁴ www.archrecord.construction.com/news/olympics2012, acesso: setembro/2005.

²⁴⁵ **Nota:** Os tamanhos dos apartamentos variarão: a) 20% acomodará 2 a 3 pessoas dividindo 1 banheiro; b) 43% acomodará 4 a 5 pessoas dividindo 2 banheiros; c) 26% acomodará 7 pessoas dividindo 2 banheiros; d) 11% acomodará 9 pessoas dividindo 3

A área residencial construída para atletas é de 247.210 m², em 3.600 novas unidades²⁴⁶. Além disso, “as acomodações da vila olímpica serão providas de completa acessibilidade e portanto terá a mesma configuração durante os Jogos Olímpicos e os Jogos Paraolímpicos”²⁴⁷.

banheiros (British Olympic Association (BOA). *Op. cit.*, 2004, p. 205). Segundo ainda o Relatório: a) “a área média dos quartos para 2 pessoas será de 16 m² (...) e nenhum quarto (para 2 pessoas) será menor que 12 m²”; b) “a área média dos quartos para 1 pessoa será de 11 m² (...), com variação de 9,6 m² a 12 m² de parede a parede” (British Olympic Association (BOA). *Op. cit.*, vol. 2, 2004, p. 219).

²⁴⁶ **Nota:** “A partir de experiências em Jogos passados, atletas comentam que os apartamentos e casas frequentemente têm estado aquém das expectativas em termos de amenidades internas e conforto. O LOCOG (London Organizing Committee of the Olympic Games) consultará a Comissão de Atletas do COI e outros experientes atletas para assegurar que cada apartamento seja provido de conforto e atratividade para conveniência dos residentes. London 2012 acredita que é possível realizar significantes progressos nesta área através de um projeto (design) criativo” (British Olympic Association (BOA). *Op. cit.*, vol. 2, 2004, p. 215).

²⁴⁷ British Olympic Association (BOA). *Op. cit.*, vol. 2, 2004, p. 217.

LONDRES (Reino Unido)



304 **Plano de Massas Complexo Olímpico**



305



306 **Infra-Estrutura Urbana**



308 **Novo Estádio de Wembley**



307 **Parque Aquático**



309 **Vista Aérea Complexo Olímpico**



310 **Vista Aérea do Complexo Olímpico**



311 **Estádio Olímpico - perspectiva externa**



Estádio Olímpico - perspectiva interna



313 **Complexo de Tênis**

2012

Tipos de Quartos	Jogos Olímpicos		Jogos Paraolímpicos	
	No. Quartos	No. Leitos	No. Quartos (Acessibilidade p/ Cadeiras de Rodas)	No. Leitos
Quartos Individuais	1.600	1.600	510	510
Quartos Duplos	7.860	15.720	4.123	8.246
Totais	9.460	17.320	4.633	8.756

Segundo o documento de candidatura a cidade-sede, a vila olímpica será dotada de cuidados em relação à emissão de gases e dejetos, seleção de materiais e utilização de energia que assegurem sua sustentabilidade. Espera-se que em 2012, a tecnologia de geração de combustível por hidrogênio já esteja suficientemente desenvolvida²⁴⁸. Atualmente, o terreno onde será erguida a vila olímpica é de propriedade do setor público e, futuramente, através de um consórcio público-privado, fará parte de um empreendimento de múltiplos usos – comércio, escolas, escritórios, hotéis, parques, residências etc. - em área de 1,3 milhões de m².

As áreas livres permitirão o convívio social e as fontes e canais criarão uma interessante ambiência devido à proximidade com o River Lea. Prevê-se ainda que os edifícios utilizados para abrigar a policlínica, escritórios e suportes administrativos durante os Jogos serão convertidos em legado educacional – principalmente, escolas primárias e secundárias. A área de refeitório dos Jogos, com 10.000 m² e capacidade para atender até 5.500 pessoas simultaneamente, será convertida em espaço esportivo das escolas.

²⁴⁸ British Olympic Association (BOA). *Op. cit.*. Londres: British Olympic Association (BOA), vol. 2, 2004, p. 165.

Um fato particular nesta futura edição dos Jogos é a reconstrução do estádio de Wembley, com data prevista de reinauguração em 2006, cujo projeto é do escritório do arquiteto Norman Foster em associação com a HOK Sport. O antigo sítio, associado à imagem de ter sediado os Jogos Olímpicos de 1948 e a Copa do Mundo de Futebol de 1966, será reaproveitado e a nova instalação, tecnicamente mais moderna, manterá sua característica toponímica.

O Centro Internacional de Radiodifusão (IBC)²⁴⁹, com área de 65.000 m², e o Centro de Imprensa Principal (MPC), com área de 45.000 m², a serem construídos, serão utilizados, após os Jogos, como áreas comerciais e fazem parte do projeto de regeneração da área.

²⁴⁹ **Nota:** International Broadcasting Center (IBC) e Media Press Center (MPC).

3.7. Uma experiência recente: Barcelona e os Jogos Olímpicos 1992

Cidades-Aspirantes:Amsterdã, Belgrado, Birmingham, Brisbane, Paris

Data: 25/07/1992 – 09/08/1992

Atletas Participantes: 6.652 homens e 2.704 mulheres

Esportes: 28

Eventos: 257

Países Participantes: 169

Os Jogos Olímpicos de Barcelona, realizados em 1992, suas formas organizacionais e a compreensão de seu papel no legado físico-espacial urbano, merecem estudo particular.

Importante parte das “diretrizes estratégicas de intervenção nos espaços públicos na cidade de Barcelona”²⁵⁰, os Jogos Olímpicos, mesmo que colocados em situação de relativa independência, inserem-se no contexto das disposições determinadas pelo Plano Geral Metropolitano dos anos 80, em relação à valorização do espaço público.

Para ilustrar esta informação, bastaria, por exemplo, que se revelasse que “entre 1982 e 1992 – ano dos Jogos Olímpicos – mais de 200 ha de parques foram recuperados, dos quais 110 ha correspondem à operação olímpica”.

No entanto, diversos motivos alinham-se em um momento histórico que buscaria o estímulo à requalificação urbana, em face a abertura política da Espanha, ancorada no tripé: planejamento, gestão e projeto.

A intenção de promoção dos Jogos Olímpicos por parte da capital da Catalunha fez parte de um conjunto de diretrizes estratégicas que trariam maior qualidade ambiental, através de uma

²⁵⁰ Baseado em texto de Cáceres, Rafael de. The Strategy for Intervention in the Public Spaces of the City of Barcelona in Cáceres, Rafael de et al (ed.). Barcelona Public Space, Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1995, p. 14.

série de iniciativas principalmente de caráter arquitetônico e de desenho urbano, e uma grande visibilidade da cidade.

Em Barcelona, a linha evolutiva das Olimpíadas é pontuada positivamente em um amplo leque de benefícios para a cidade e sua população. A análise dos efeitos relacionados ao evento, portanto, serão abordados de forma a ilustrar suas demandas e seus objetivos gerais e específicos.

Através de uma concisa descrição histórica da conurbação de Barcelona²⁵¹, apreende-se que a cidade é fruto de quatro importantes fases de desenvolvimento:

a) A primeira, quando era um povoado romano primitivo com cerca de 3.500 a 5.000 habitantes, no século IV. Nesta época, o Centro da cidade encontrava-se junto à atual praça de San Jaime, onde hoje se situam o Palácio da Generalitat, sede do governo autônomo da Catalunha, e o Ayuntamiento, sede do governo municipal.

b) A segunda fase importante se reporta à área da época medieval situada no distrito de Ciutat Vella, onde se localizam a Catedral, palácios reais e edifícios civis e religiosos de grande valor histórico. Nesta época, a despeito das epidemias, a população chegaria a 30.000 habitantes. Calcula-se, entretanto, que no século XVIII, cerca de 125.000 habitantes viviam em Barcelona. Esta estrutura medieval se manteria até meados do século XIX, com a derrubada das muralhas.

c) A terceira fase, corresponde à expansão urbana de Ensanche (Eixample) entre os anos 1860 e 1930, e a incorporação ao final do século XIX e início do século XX de alguns municípios vizinhos - Lês Corts, Gràcia, Sarrià, Sant Martí de Provençals, Sants, Sant Andreu de Palomar e Horta.

d) Na quarta fase, a partir da segunda metade do século XX, a cidade expande-se para as áreas periféricas, com a construção de bairros residenciais, para acomodação da população

²⁵¹ **Nota:** Obra de referência “COI. Memória Oficial de los Juegos de la XXV Olimpíada Barcelona 1992”, Barcelona: COI, 1992.

migratória do centro e sul da Espanha. Assim, a população de Barcelona subiria vertiginosamente de pouco mais de um milhão e meio de habitantes em 1965 a mais de três milhões entre os anos de 1960 e 1975. A região metropolitana de Barcelona, atualmente com 4.2 milhões de habitantes e densidade de 2.300 habitantes/km², teria um aumento demográfico ainda mais intenso, principalmente em função da forte migração rural.

O fim do Estado autoritário e a conseqüente abertura democrática revelaria uma certa premência de necessidade de ações de planejamento e desenho urbano que criassem diretrizes de crescimento e equacionamento dos problemas de infra-estrutura relacionados a: mobilidade urbana, saneamento, áreas de lazer etc., com conseqüente visibilidade atrativa.

Assim, a partir de 1980, entre as várias iniciativas de recuperação da ambiência urbana, inicia-se um forte processo de valorização dos espaços públicos, com a aquisição de terrenos ocupados por antigas indústrias e armazéns, para criação de praças e áreas de convívio e contemplação. A indicação de Barcelona, em julho de 1986, como sede dos Jogos Olímpicos de 1992, representaria em meio a tantas medidas, um momento singular na história do desenvolvimento urbano da cidade:

“A designação de Barcelona como sede dos Jogos Olímpicos de 1992 foi para a cidade uma revolução similar ao que representaram as exposições de 1888 e 1929. Os Jogos foram o catalisador que permitiu abordar a melhoria dos sistemas gerais que afetavam o marco metropolitano e a realização de grandes projetos urbanísticos, os quais, pelas suas localizações e suas magnitudes, poderiam modificar as tendências de crescimento da cidade”²⁵².

²⁵² COOB '92. Memória Oficial de los Juegos de la XXV Olimpiáda Barcelona 1992, 1992, p. 77.

Na realidade, os antecedentes da empreitada olímpica remetem-se ao ano de 1982. Pois, por iniciativa do prefeito Narcís Serra, dez anos antes da realização dos Jogos, foi criada a “oficina olímpica” e, na seqüência, o prefeito Pasqual Maragall abraçaria a idéia com grande empreendedorismo e objetividade:

“Em 1983, através de um convênio entre o Ayuntamiento de Barcelona e a Generalitat de Catalunya foi criado Conselho Reitor da Candidatura de Barcelona aos Jogos Olímpicos de 1992 que teria como função aglutinar as instituições que deveriam tornar possível a consecução dos Jogos e fixar as diretrizes do projeto olímpico. (...) A “oficina olímpica” passa a ser o órgão encarregado de coordenar os projetos e os estudos, tanto urbanísticos e de adequação da cidade, como os que se referem especificamente à organização dos Jogos e elaborar o anteprojeto e a versão definitiva do dossiê de candidatura. Além disso, deveria impulsionar ações promocionais perante a opinião pública, as instituições e os dirigentes políticos, com a finalidade de criar as condições mais favoráveis para sua nomeação”²⁵³.

Segundo o documento da “Memória Oficial dos Jogos Olímpicos de Barcelona”, em referência à época de pré-candidatura, concomitantemente ao planejamento e às propostas que seriam formuladas para embasar o documento de anteprojeto com intenção de candidatura a cidade-sede, realizaram-se “estudos técnicos e jurídicos para fazer realidade a adequação da cidade às necessidades urbanísticas e desportivas que este evento exigia”:

Assim, estabeleceu-se um Plano Diretor para aquela área, onde, além das instalações diretamente associadas ao esporte, estariam alojados, dentre outros membros técnicos, os

²⁵³. COOB '92, Op. cit., Vol. I, 1992, p. 225.

relacionados ao Comitê Olímpico Internacional (COI), ao Comitê Olímpico Nacional (CON), os delegados técnicos das federações internacionais e as comissões arbitrais.

Ao mesmo tempo em que dava forma à candidatura aos Jogos Olímpicos de 1992, a oficina olímpica, com várias frentes de trabalho, lidava com a comunicação junto às administrações públicas, federações, clubes etc. e esclarecia a população a respeito de suas intenções e objetivos, através de reuniões com partidos políticos, exposições, palestras, publicações etc., de forma a estimular e impulsionar a participação da sociedade da Catalunha e da Espanha naquele objetivo. Além disso, a estratégia desde 1983 compreendia aproveitar a realização dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, para tornar a postulação mais receptiva à família olímpica²⁵⁴.

“Desta determinação se depreendem duas interpretações bastante positivas. Em primeiro lugar, que a candidatura já atuava como um estímulo para enfrentar alguns déficits históricos de infra-estrutura e equipamentos de Barcelona, e desencadeava um grande entusiasmo, à margem do possível êxito da nomeação. Em segundo lugar, a candidatura poderia demonstrar ao COI que a cidade estava decidida a preparar-se e que não somente planejava, mas já atuava em áreas decisivas para os Jogos”²⁵⁵.

Assim, além da adoção de uma série de medidas no âmbito da infra-estrutura e do desenho urbano - que de alguma forma, no mínimo coincidente, se relacionam cronologicamente

²⁵⁴ **Nota:** A imagem gráfica da candidatura possuía, desde 1984, uma preocupação em ser menos localizada e mais internacional. Símbolos locais, pouco conhecidos no exterior, associados aos anéis olímpicos foram naturalmente descartados.

²⁵⁵ COOB '92, Op. cit.. Vol. III, 1992, p. 226.

com o evento - foram escolhidas determinadas áreas principais, em Barcelona, que pudessem abrigar a maior parte das atividades demandadas pelos Jogos²⁵⁶.

Uma organização baseada em aglomerados (*clusters*) é, a priori, uma interessante opção. Ao mesmo tempo em que o aglomerado dá dimensão ao complexo, ele determina uma inclinação à busca por um reforço de uma centralidade. A quantidade, a complexidade e a distribuição dos clusters na cidade são variáveis e absolutamente específicas para cada situação.

Em Barcelona, as principais concentrações foram:

- 1) Montjuïc;
- 2) Val d'Hebron;
- 3) Diagonal;
- 4) Poblenou (vila olímpica).

Desde o início do planejamento do evento, foi descartada da idéia de haver uma única área que abrigasse todas as instalações esportivas, pois esta solução demandaria uma área de enorme extensão, além de impor uma excessiva restritividade na possibilidade de contribuição à requalificação do espaço urbano da cidade.

“Estas quatro áreas, inseridas no tecido urbano da cidade, concentravam 80% das unidades de competição em um raio de 5 km e com tempo máximo estimado de 20 minutos de

²⁵⁶ **Nota:** A constatação da inexistência de pistas para ciclismo de alto nível e a decisão da construção do velódromo de Vall d'Hebron, por exemplo, permitiu a realização do Campeonato Mundial de Ciclismo em 1984, dois anos antes da escolha da cidade sede, e, de acordo com a perspectiva dos organizadores da candidatura catalã, deu mostras do comprometimento da cidade com o evento frente aos membros do COI.

Jogos Olímpicos

Número de ESPORTES (/10)

Número de ATLETAS (x 100)

Número de EVENTOS

Número de PAÍSES

Barcelona (Espanha)



Vista aérea - Diagonal



Vista aérea - Diagonal



Vista aérea - Vall d'Hebron



Nova estrutura viária
Parc del Mar



Vila Olímpica - Parc del Mar



Estádio Olímpico - Montjuïc

28

257

169

15.00



1992

Processador Pentium

1993

deslocamento entre elas. (...) Além de Barcelona, uma série de quinze cidades²⁵⁷

completavam o programa olímpico²⁵⁸:

A área de Montjuïc foi escolhida para sediar algumas das provas mais importantes. A reforma do velho estádio, que se transformaria no estádio olímpico (projetado originariamente por Pere Domènech i Roure e inaugurado em 1929 para a Exposição Universal²⁵⁹), aliada à urbanização do parque, poderia “integrá-lo à cidade para criar um espaço público aproveitado integralmente”²⁶⁰.

Este fato ocorreria também de forma extremamente precoce, em 1983, com o convite a oito equipes de arquitetos para participar de um concurso baseado no Plano Diretor do Anel Olímpico que previa a recuperação do estádio olímpico, a construção do Palau Sant Jordi, das Piscines Bernat Picornell e da sede do Institut Nacional d’ Educació Física de Catalunya (INEFC), além do estudo da melhor forma de ordená-los.

Decidiu-se, enfim, se desenvolver cada um dos projetos separadamente: a) Frederic Correa, Alfons Milá, Carles Buixadé e Joan Margarit conduziram o desenho do anel olímpico; b) Arata Isozaki, o projeto arquitetônico do novo ginásio Palau Sant Jordi; c) Ricard Bofill, o da sede do INEFC; d) Vittorio Gregotti, juntamente com os arquitetos catalães Frederic Correa, Alfons Milá, Carles Buixadé e Joan Margarit, foram responsáveis pela remodelação do estádio olímpico. Neste caso, a fachada neoclássica foi preservada em seus acessos. Mas, internamente, foi necessário

²⁵⁷ **Nota:** Os 25 esportes (que dispuseram de 76 instalações) e as áreas de alojamento foram distribuídos nas cidades de: Badalona, L’Hospitalet de Llobregat, Mollet del Vallès, Granollers, Terrassa, Sabadell, Viladecans, Castelldefels, Sant Sadurni d’Anoia, Réus, Valencia, Zaragoza, La Seu d’Urgell, Banyoles, Vic, El Montanyà (COOB ’92, Op. cit., Vol. II, 1992, p. 148).

²⁵⁸ COOB ’92, Op. cit., Vol. II, 1992, p. 148.

²⁵⁹ **Nota:** “Em 1955, o estádio foi cenário principal dos II^o. Jogos Mediterrâneos; contudo depois desta data, a instalação caiu em desuso, até que, com o impulso da candidatura olímpica, se iniciou o processo de remodelação” COOB ’92, Op. cit., Vol. II, 1992, p. 161).

²⁶⁰ COOB ’92, Op. cit., Vol. III, 1992, p. 227.

rebaixar o nível do terreno em 11 metros para adequação às exigências olímpicas, incluindo aumento da capacidade do estádio para 60.000 pessoas.

Desta maneira, as primeiras obras tiveram início em fevereiro de 1985.

Em Vall d'Hebron, em função da realização dos Jogos Olímpicos, "transformou-se uma ampla zona do norte da cidade, isolada e pouco estruturada, em um grande parque para ócio e esporte"²⁶¹.

Nesta área, além de terem sido feitas obras para abrigar as atividades esportivas, foi construído um conjunto com 500 habitações, de autoria do arquiteto Carles Ferrater, para acolher a vila da imprensa para aproximadamente 2.000 pessoas, além de 5.000 em Montigalà.

Na área de Parc de Mar, dá-se início nesta época ao processo de recriação de uma fachada marítima em área de mais de 130 ha.

Neste local, a barreira imposta pela existência de vias férreas entre a trama urbana e o mar, a degradação das praias e a desindustrialização local sugeria a necessidade de melhoria das condições do bairro de Barceloneta ao conferir-lhe um uso predominantemente residencial (contudo, complementado por áreas de escritório, lojas, comércio etc.). Neste local, estariam instaladas ainda: i) a vila olímpica, para atletas e oficiais, e ii) a vila del Parc de Mar, destinada aos árbitros e auxiliares, em 396 unidades habitacionais, com capacidade para 1.500 pessoas.

O fato olímpico reforçava então o interesse em transformar os terrenos subutilizados de Poblenou, outrora ocupados por fábricas e armazéns, em uma vila olímpica:

“Os desvios das vias férreas já estavam incluídas nos projetos de transformação da rede ferroviária de Barcelona, que previam a construção de novas estações nos extremos da cidade. A área residencial foi desenhada seguindo o traçado das ruas de Eixample

²⁶¹ COOB '92, *Op. cit.*, Vol. II, 1992, p. 231.

(Ensanche) [proposto por Ildefons Cerdà, com intenção de ordenamento do crescimento da cidade no século XIX], o que permitiria também que a avenida Diagonal chegasse ao mar e facilitaria a integração do novo bairro (...)²⁶².

A morfologia das quadras de Eixample baseia-se em um traçado reticular (ortogonal) uniforme de vias de dimensões de aproximadamente 100 metros, paralelas e perpendiculares ao mar.

A implantação da vila olímpica, em terreno de 45 ha, objetivava principalmente a composição de uma trama urbana que pudesse reestruturar a continuidade da cidade em direção ao mar, com uso predominantemente residencial.

Seria possível, assim, costurar-se uma série de traçados que até ali convergiam, mas eram interrompidos abruptamente por degradadas e decadentes fábricas e armazéns. Destacam-se ainda negativamente, pela força segregadora: a existência de uma penitenciária feminina, algumas linhas de trem que cortavam a região e problemas com saneamento:

“O Plano Especial de Ordenação Urbana redigido pela equipe de arquitetos formada por Josep Martorell, Oriol Bohigas, David Mackay e Albert Puigdomènech, aprovado em junho de 1986, foi o instrumento que permitiu converter a vila olímpica em um bairro novo, integrado à trama urbana e equipado com espaços públicos e instalações esportivas”²⁶³.

O trabalho de desenvolvimento do projeto urbanístico foi liderado pelo arquiteto Oriol Bohigas e representaria uma importante iniciativa de requalificação do espaço urbano em

²⁶² COOB '92, Op. cit., Vol. III, 1992, p. 79.

²⁶³ COOB '92, Op. cit., Vol. II, 1992, p. 253.

resposta a uma tendência usualmente presente onde se verifica a falta de integração com o contexto existente e/ou de espraimento nas periferias urbanas.

De acordo com contrato estabelecido entre o COI, o Comitê Olímpico Espanhol (COE) e a prefeitura de Barcelona, em outubro de 1986, o comitê organizador deveria prover acomodação, ao menor custo possível²⁶⁴, para a família olímpica²⁶⁵ (em um universo de 39.462 pessoas credenciadas, das quais 10.253 eram atletas, e excluindo o *staff* de operação de 89.723 pessoas, das quais 21.116 eram do *staff* de segurança).

Foram assim determinadas as quatro diferentes áreas de vilas olímpicas, além da vila (olímpica) principal em Poblenou:

- 1) La Seu d'Urgell para canoagem;
- 2) Banyoles para remo;
- 3) Vall d'Hebron e Montigalà para profissionais da mídia;
- 4) Parc de Mar para árbitros.

Foram acordados com os empreendedores responsáveis pelas vilas olímpicas os termos necessários para a cessão dos imóveis, incluindo o ressarcimento por parte do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos dos possíveis danos ocasionados pelos hóspedes das instalações durante a realização dos Jogos. Todas as unidades habitacionais deveriam contar com o fornecimento de: mobiliário, iluminação, ar-condicionado e eletricidade, água/esgoto, telefone, sinal para computador e rede de tv a cabo²⁶⁶.

²⁶⁴ **Nota:** Na realidade, pela primeira vez na história olímpica os serviços de acomodação durante a realização dos Jogos Olímpicos foram gratuitos (COOB '92, Op. cit., 1992, p. 187).

²⁶⁵ **Nota:** A família olímpica implica neste caso: 1) diretamente (competidores, técnicos, árbitros e dirigente esportivos) e 2) indiretamente (imprensa, fotógrafos, tv e radiodifusão, técnicos, patrocinadores e convidados) COOB '92, Op. cit., Vol. III, 1992, p. 183.

²⁶⁶ **Nota:** Durante 18 dias, pela primeira vez na história olímpica, todos os serviços foram livres e gratuitos. A abertura da vila olímpica de Poblenou aconteceu com 15 dias de antecedência em relação ao início do evento (que tradicionalmente dura 16 dias) e permaneceu em funcionamento por 32 dias.

A vila olímpica de Barcelona, em Poblenou, em área de superfície de 720.000 m², foi dividida em 2 partes: a zona residencial, com apartamentos, escritórios e serviço médico; e a zona internacional, com o shopping center, as praias, o porto olímpico e a maior parte dos serviços em comum.

A capacidade máxima da vila olímpica principal foi prevista para abrigar até 14.000 pessoas, distribuídas em 1.983 unidades habitacionais em um total aproximado de 280.000 m², em edifícios de 2 a 9 pavimentos, ao custo médio de US\$ 850,00/m² - apenas das unidades habitacionais²⁶⁷ - e chegou a atingir a ocupação de 13.994 indivíduos concomitantemente. Deste universo de quase 2.000 residências, 500 estavam absolutamente adaptadas para recepcionar os participantes dos Jogos Paraolímpicos e outras 500 com algum tipo de adaptação. "Todos os edifícios respeitam as normas sobre supressão de barreiras arquitetônicas"²⁶⁸.

²⁶⁷ Moragas, Miquel de. Olympic Villages: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996, p. 239.

²⁶⁸ Revista Barcelona Olímpica, num. 29, .p. 169.

ÁREA DE SUPERFÍCIE PARA A ADAPTAÇÃO DA VILA OLÍMPICA	
Total Área de Superfície	720.000 m ²
Área Residencial	280.000 m ²
Parques Públicos	182.000 m ²
Calçadas e Vias	155.000 m ²
Praias e Pier	86.000 m ²
Jardins Internos	60.000 m ²
Canteiros	15.200 m ²
Área Comercial	53.200 m ²
Escritórios	27.700 M ²
Pool p/ Automóveis	23.000 M ²
Pool p/ Ônibus	11.900 M ²
Área de Transferência de Produtos	7.700 M ²
Boite ao Ar Livre	6.000 M ²
Facilidades Esportivas	4.723 M ²
Policlínica	3.300 M ²
Centro Religioso Abraham	2.285 M ²
Refeitório (3.500 lugares)	8.500 M ²
Restaurante	20.000 M ²
Restaurante (Cozinha e Apoio)	4.000 M ²
Restaurante (Staff Refeitório)	400 M ²
Vestiário Staff	750 M ²

A área litorânea disporia a partir de então, além de um novo ambiente urbano em área de *waterfront*, de: a) uma importante área de promenade e lazer (com a recuperação de 5,2 km de costa); b) um porto – o porto olímpico - para atracamento e depósito de cerca de 1.000 barcos (com 75% da superfície destinado a uso comercial e cívico e 8 ha de superfície de água abrigada) e c) uma high-way de tráfego intenso (para 120.000 veículos/dia) estrategicamente localizada em nível subterrâneo (de forma a não representar um novo elemento de segregação).

Além do porto olímpico, com objetivo desportivo, Barcelona recuperou o porto tradicional, Port Vell. Neste local, além da previsão de trânsito de mercadorias, uma série de atividades de lazer e comercial foi concebida, incluindo cinemas e um grande aquário público, em meio a grandes áreas de “promenade” em área ao ar livre, nas proximidades do núcleo histórico da cidade.

Paralelamente à renovação urbanística de Poblenou e à construção do Cinturão do Litoral, houve a necessidade de revisão da rede de saneamento desta área. Desta forma, “o Plano de Saneamento de 1988 (...) estabelece[ria] a ampliação de 100 km de longitude total da rede de esgotos”²⁶⁹.

Outra área escolhida para concentrar parte significativa das atividades relacionadas aos Jogos Olímpicos, desde os primeiros estágios da postulação, era a área de la Diagonal. Até então, esta área, prevista para abrigar o segundo maior número de atividades olímpicas da cidade, somente superada pela área de Montjuïc, carecia de um plano de ordenamento urbanístico, pois ao longo do tempo se consolidara de forma quase aleatória. Cada uma das instalações existentes privadas como o FC Barcelona, o RCD Espanyol, o CE Laietà, o Real Club de Pólo e o Club de Tennis Del Turó, e as instalações de uso público como as da zona universitária e áreas

²⁶⁹ COOB '92, Op. cit., Vol. III, 1992, p. 79.

destinadas ao ócio como o Parque de Cervantes e o Palácio de Pedralbes eram dissociadas de qualquer organização urbanística:

“A área de la Diagonal (...) foi dotada de um plano de urbanização. (...) Foram construídas infra-estruturas que complementam e ordenam o conjunto de equipamentos esportivos já existentes, além dos novos hotéis e zonas de escritórios e comércio. O novo eixo da rua Tarragona proporciona a esta área uma conexão rápida com a Praça de Espanha e a Área de Montjuïc”²⁷⁰.

O projeto de reforma do aeroporto de El Prat - nesta época (1992) com 41 anos de existência - para atender às demandas olímpicas foi realizado pelo arquiteto Ricardo Bofill. Além da ampliação e remodelação do antigo edifício foi prevista a construção de um novo terminal, internacional, de 14.000 m² com o objetivo de aumentar sua capacidade para atender a até 12 milhões de pessoas/ano²⁷¹.

O complexo de telecomunicações de Collserola, Barcelona, concentra em um único ponto as várias antenas de rádio e televisão da Serra de Collserola. Idealizada a partir de acordo firmado em 1986 e conseqüente concurso realizado em 1988 vencido pelo arquiteto inglês Norman Foster. A icônica antena possui altura de 260 metros (708 do nível do mar), 13 pavimentos com área de 421 m², e conta com um mirante aberto ao público no 10º pavimento (a 115 metros do solo) de onde se vislumbra a cidade de Barcelona. Sua imponente presença, além da óbvia contribuição tecnológica, faz atualmente parte do simbolismo da paisagem e constitui-se um marco urbano de Barcelona.



²⁷⁰ COOB '92, *Op. cit.*, Vol. III, 1992, p. 89.

²⁷¹ **Nota:** No ano de 1989, 8.146.000 passageiros circularam pelo aeroporto de El Prat, Barcelona (Revista Barcelona Olímpica, num. 16, .p. 19).



Outro exemplo de recurso tecnológico associado a uma contribuição estética também transformada em marco urbano é a torre de telecomunicações de Montjuïc, projeto do arquiteto espanhol Santiago Calatrava.

A evolução econômica da Espanha, a partir da segunda metade dos anos 80, criou uma demanda acelerada por novas linhas de telecomunicações que saturaram as obsoletas redes existentes: “Para contribuir com a modernização e ampliação das redes, a companhia telefônica teve que acelerar seu plano de investimentos”²⁷².

Dentre as medidas adotadas até 1991, além de conversão de 30% das centrais telefônicas de Barcelona em digitais, 40.000 km de rede de fibras óticas, novas centrais telefônicas etc., estava a construção da antena escultórica que se tornaria um elemento referencial na área de Montjuïc, próxima a algumas das mais relevantes instalações estimuladas e realizadas para os Jogos Olímpicos.

O Plano de Transportes de Barcelona’92 (PTB) destinaria 2.000 veículos de turismo e 640 ônibus para deslocamento da família olímpica (que em números aproximados percorreriam um total de 7.345.000 km). Na ocasião da realização do evento, embora se estimasse que aproximadamente 38% da população tradicionalmente deixam a cidade no verão, previa-se o aumento de 31% do número de pessoas em circulação em Barcelona.

A construção dos anéis (cinturões) viários e do túnel de Vallvidrera, segundo Joan Torres, coordenador de vias públicas da prefeitura de Barcelona, permitiria o aumento da ligação de Barcelona e região metropolitana com suas zonas de entorno de 600.000 veículos/dia²⁷³ para 900.000 veículos/dia:

²⁷² COOB’92, *Op. cit.*, Vol. III, 1992, p. 88.

²⁷³ **Nota:** Segunda a Revista “Barcelona Olímpica”, no ano de 1992, os acessos à cidade já utilizavam aproximadamente 91% da capacidade de tráfego (Revista Barcelona Olímpica, num. 19, .p. 66).

“Com a construção dos cinturões se solucionarão muitos problemas de tráfego tanto nos acessos como no interior da cidade [através de verdadeiros atalhos que minoram a necessidade do entrecruzamento viário]. Dados objetivos extraídos de diferentes estudos de circulação demonstram que, com a colocação em marcha dos cinturões de tráfego no interior da cidade, basicamente em Eixample, se reduzirá [o tráfego] entre 15 e 20%”²⁷⁴.

A conclusão do túnel de Vallvidrera solucionou um problema pendente por mais de 15 anos na cidade de Barcelona. A obra, iniciada em 1960 e paralisada desde 1976, possui em sua longitude total 2.496 metros, 14 metros de altura, e liga a cidade à comarca de Vallés.

Além disso, “por outra parte, se decidiu que haveria de se aproveitar o investimento econômico realizado na construção dos cinturões para instalar, paralelamente, algumas galerias de serviços que facilitassem o acesso às distintas redes subterrâneas de água, gás, luz e telefone, de uma maneira autônoma e sem que no futuro se interrompesse o funcionamento normal das novas vias”²⁷⁵.

Cabe destacar o legado de infra-estrutura cultural que se consolidou por estes anos, em tempo coincidente aos Jogos, com repercussões em obras arquitetônicas. Dentre algumas outras, foram reformadas as seguintes instalações: Museu Nacional de Arte da Catalunha, o Auditório Municipal, o Teatro Nacional da Catalunha e o Centro de Cultura Contemporânea.

Além disso, em 1988, as esferas da Generalitat e do Ayuntamiento, conjuntamente à Fundação do Museu de Arte Contemporânea, criaram um consórcio para a construção do Museu de Arte Contemporânea, projeto do arquiteto americano Richard Meier. Ainda em 1991, seriam também iniciadas as obras de transferência do Jardim Botânico para Montjuïc.

²⁷⁴ Revista Barcelona Olímpica, num. 15, .p. 12.

²⁷⁵ COOB '92, Op. cit., Vol. I, 1992, p. 88.

Como base de referência para identificação dos benefícios estimados no contexto temporal susceptíveis de ocorrerem em função de um evento como os Jogos Olímpicos, o relatório relativo à candidatura de Vancouver, Canadá, para os Jogos Olímpicos de Inverno de 2010 relata:

“(...) A experiência de Barcelona desde os Jogos [Olímpicos] de 1992 demonstra que é possível estender o impacto do turismo olímpico induzido em até dez anos depois de realizado o evento. A decisão de Barcelona em sediar os Jogos foi estratégica e parte de um plano de desenvolvimento econômico de longo prazo que, no seu caso, levou à maior capacidade hoteleira, que por sua vez, encorajou o crescimento do turismo de longo prazo”²⁷⁶.

Barcelona daria um exemplo de cidadania ao aplicar amplamente instrumentos de desenho universal que tornaria possível o incremento do conforto e da segurança da população, principalmente daqueles indivíduos com mobilidade reduzida. Foram utilizados pisos diferenciados de alerta e orientação, projetados elementos com alcances e declividades adequados e providos acessórios de apoio e proteção etc. que tornariam a preocupação com a inclusão social plenamente nítida.

Uma referência final pode ser dada pelo superávit econômico obtido pelos Jogos Olímpicos de Barcelona, Espanha (1992), da ordem de US\$ 350 milhões, em um orçamento líquido de US\$ 2 bilhões.

Os direitos televisivos, negociados em Los Angeles (1984) em US\$ 288 milhões e em Seul (1988) em US\$ 407 milhões, foram da ordem de US\$ 635 milhões em Barcelona (1992). (Estes valores, aliás, ainda chegariam a US\$ 1 bilhão 498 milhões nos Jogos Olímpicos de Atenas,

²⁷⁶ InterVistas Consulting Inc.. Op. cit. , 2002, p. 17.

2004). As receitas com patrocínio, em Los Angeles (1984) de US\$ 191 milhões, foram de US\$ 520 milhões em Barcelona (1992).

Provavelmente, poucas cidades lograram resultados tão expressivos por sediar um evento olímpico quanto Barcelona. Ancorado em um plano metropolitano e subsidiado por diversas iniciativas, dentre as quais os Jogos Olímpicos de 1992, Barcelona vive desde então mudanças significativas em relação à qualidade de sua forma urbana.

A reurbanização deu à cidade uma nova dimensão de imagem.

■ ■ ■

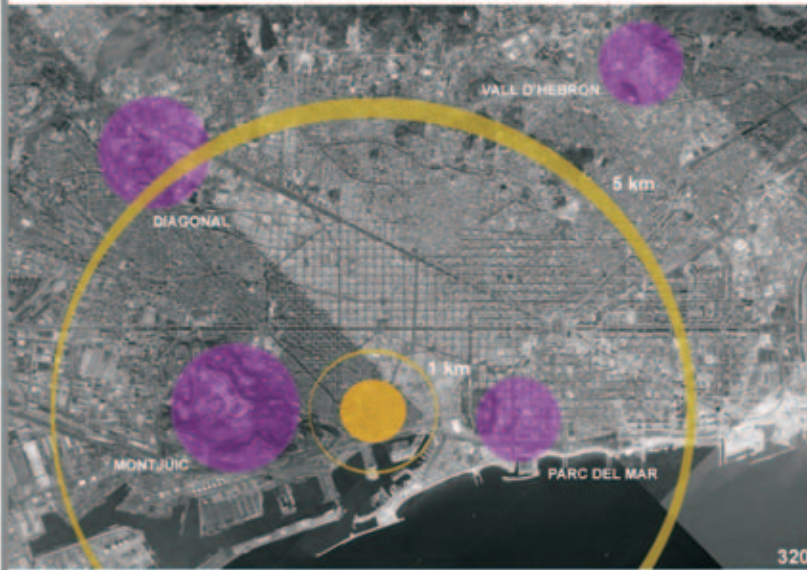
Gradativamente, desde as simplórias edições em que as modalidades realizavam-se em improvisadas instalações, com passagens por outras em que a reafirmação política confundiram-se com o esporte, – “a competição esportiva é a sublimação da guerra” (Segre) – ou em que a profissionalização foi considerada (e facilmente absorvida), até chegar às megaestruturas dos Jogos mais recentes, a organização dos Jogos Olímpicos transformou-se brutalmente.

Lidar com os Jogos como instrumento de requalificação do ambiente urbano tornou-se a bandeira politicamente correta de um evento quase (?) suntuoso. Haja vista, aliás, a “novidade” de buscar-se mais e mais a idéia de “Olimpíadas Verdes”, ou seja, ambientalmente adequadas. As vicissitudes e os impactos na estrutura físico-espacial urbana das cidades-sedes são notórias, como pode ser facilmente percebido ao longo desta seção. Assegurar, entretanto, a máxima positividade de cada interferência no ambiente urbano tornou-se o fato fundamental frente, principalmente, às suas crescentes dimensões e contornos dos eventos.

A história dos Jogos Olímpicos - entendido como exemplo-síntese - mostra que a sua grandiosidade tornou-os extremamente dispendiosos. Há, portanto, uma oportuna compreensão

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

BARCELONA - Montjuïc - 1992



Localização

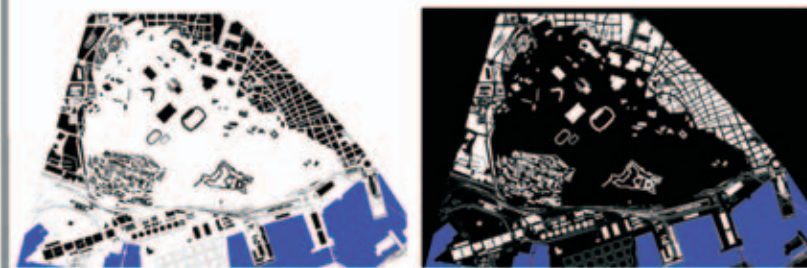


Figura e Fundo



ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

BARCELONA - Parc del Mar - 1992



Localização



Figura e Fundo



Recomposição do Tecido Urbano

- - - - - eixos/limites
 áreas livres
 ● nós
 ↻ domínios/enclaves
 ★ marco
 ESCALA GRÁFICA
 Quadras Ensanche
 Barcelona
 

de que, caso a questão não seja adequadamente abordada, estas dimensões poderão até mesmo solapar ou inviabilizar a realização do evento em um futuro próximo.

O COI, atento a esta tendência e cioso da possibilidade de destruir sua fonte principal de visibilidade e recursos, antecipou-se à questão e tem realizado gestões com objetivo de cortar gastos e otimizar esforços.

Além de manifestações públicas de seu atual presidente Jacques Rogge, a própria entidade emitiu pelo menos dois documentos que analisam a situação e indicam algumas sugestões que delimitam o problema (que contraria, em princípio, alguns de seus mais remotos e românticos postulados)²⁷⁷.

A 114ª Sessão do COI realizada no México, em novembro de 2002, através da Comissão de Estudos dos Jogos Olímpicos, produziu um relatório preliminar sobre o assunto e a 115ª Sessão do COI, realizada em Praga, em julho de 2003, aprofundou e referendou determinadas diretrizes que visam tornar a organização dos Jogos Olímpicos mais racional.

Os princípios adotados para a redução de riscos estruturam-se, através do programa de “Transferência de Conhecimento Olímpico” adotado pelo COI em 2000, nas experiências olímpicas anteriores e buscam ponderar a questão através de alguns princípios básicos.

Os mais atinentes ao legado físico-espacial urbano relacionam-se à visão de que os Jogos devem estar concentrados, nos limites extremos do possível, em uma única cidade - cidade-sede – para que seja mais viável o gerenciamento, a logística, a otimização do uso da infra-estrutura e a mobilidade nas (e entre as) diversas instalações.

²⁷⁷ **Nota:** Nas palavras de Pierre de Coubertin, em 1911, “seria uma infelicidade se as despesas freqüentemente exageradas relativas a maior parte das Olimpíadas recentes, uma considerável parte da qual representa a construção de edifícios permanentes, que ademais é desnecessária, (...) detivessem (pequenos) países de se disporem – postularem - a sediar os Jogos Olímpicos no futuro” (Olympic Games Study Commission. Report to the 115th IOC Session. Praga, 2003, p. 3).

Há, contudo, somente uma breve menção (específica) à inserção urbana²⁷⁸ nos referidos documentos que, além de considerações sobre a maximização dos usos e a necessidade de se evitar “elefantes brancos olímpicos”, versa sobre a recomendação de se organizar as instalações em agrupamentos (clusters) – em função da otimização operacional dos aspectos relacionados a: transporte, tecnologia, controle etc.

Deve ser reconhecido, entretanto, que o Comitê Olímpico Internacional (COI) avançou na ênfase dos “Jogos Olímpicos como instrumento de legado positivo a cidade-sede e aos seus cidadãos”²⁷⁹.

Há um alerta para que as plataformas das cidades, no período de postulação, não sejam distanciadas do necessário (e possível), inclusive com a “minimização dos custos e maximização das instalações de usos competitivos, não competitivos e de treinamento”, e com o “uso de facilidades temporárias, se uma instalação de legado permanente não é viável”²⁸⁰.

Resta saber qual cidade, suficientemente assertiva e confiante, admitirá suas limitações e fragilidades e, ainda assim, será escolhida como cidade-sede olímpica.

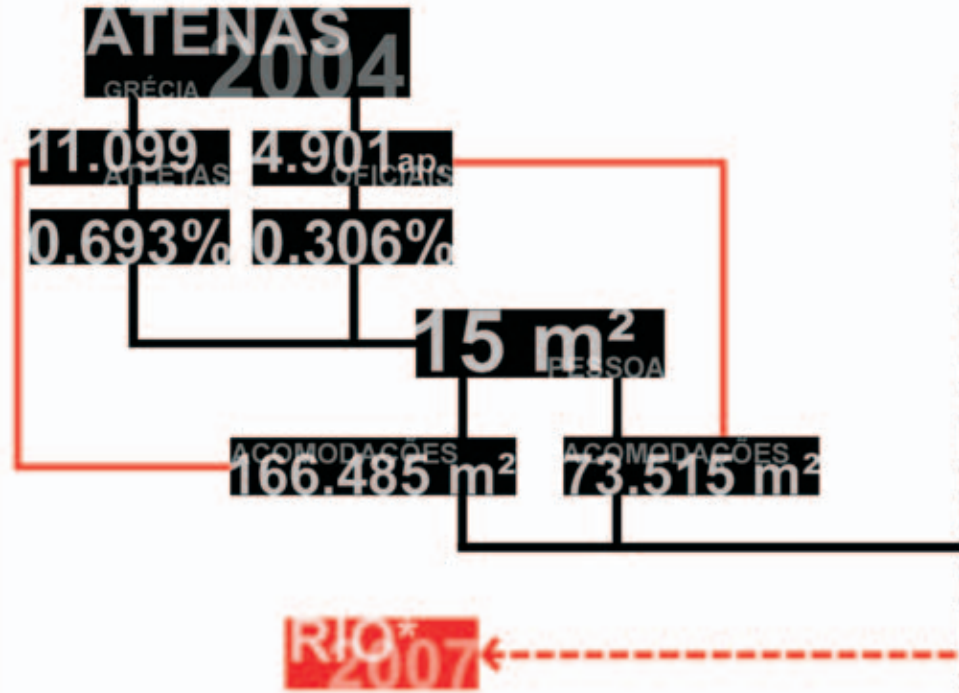
²⁷⁸ Olympic Games Study Commission. *Op. cit.*, Praga, 2003, p. 23.

²⁷⁹ Olympic Games Study Commission. *Interim Report to the 114th IOC Session*. Mexico, 2002, p. 26.

²⁸⁰ Olympic Games Study Commission. *Op. cit.*, Mexico, 2002, p. 19-21.

EVOLUÇÃO DAS OLIMPIADAS

Progressão Estimada do Número de Participantes/Infra-Estrutura Construída



1896	ATENAS	5.211 m ²	1.0
1900	PARIS	21.559 m ²	4.1
1904	ST. LOUIS	14.077 m ²	2.7
1908	LONDRES	43.420 m ²	8.3
1912	ESTOCOLMO	52.048 m ²	10.0
1920	ANTUÉRPIA	56.783 m ²	10.9
1924	PARIS	66.795 m ²	12.8
1928	AMSTERDÃ	62.341 m ²	12.0
1932	LOS ANGELES	28.803 m ²	5.5
1936	BERLIM	85.694 m ²	16.4
1948	LONDRES	88.743 m ²	17.0
1952	HELSINKI	107.145 m ²	20.6
1956	MELBOURNE	71.661 m ²	13.8
1960	ROMA	115.427 m ²	22.2
1964	TOKIO	111.383 m ²	21.4
1968	CIDADE DO MEXICO	119.276 m ²	22.9
1972	MUNIQUE	154.263 m ²	29.6
1976	MONTREAL	131.558 m ²	25.2
1980	MOSCOU	111.988 m ²	21.5
1984	LOS ANGELES	147.667 m ²	28.3
1988	SEUL	181.443 m ²	34.8
1992	BARCELONA	202.310 m ²	38.8
1996	ATLANTA	202.310 m ²	38.8
2000	SYDNEY	230.313 m ²	44.2
2004	ATENAS	240.000 m ²	46.1

* estimado

EVOLUÇÃO DAS OLIMPIADAS

Progressão Estimada da Massa Construída/ Número de Participantes



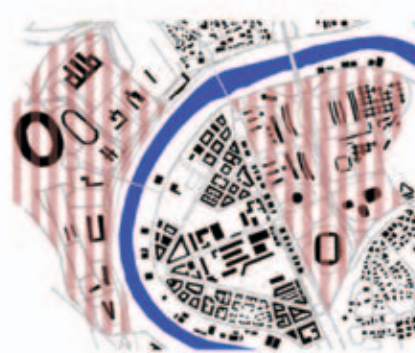
* estimado

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

BERLIM - 1936



ROMA - 1960



TÓQUIO - 1964



CIDADE DO MÉXICO - 1968

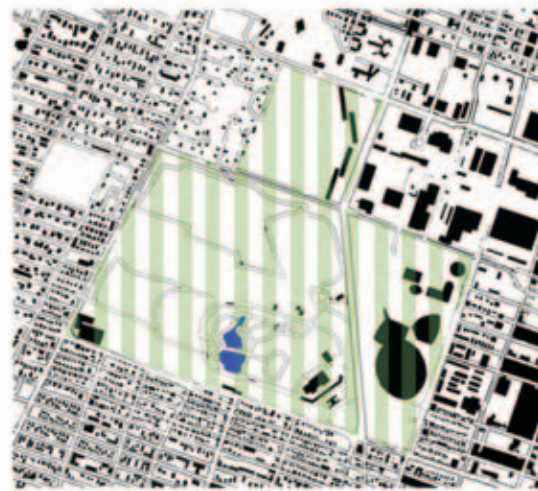


ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

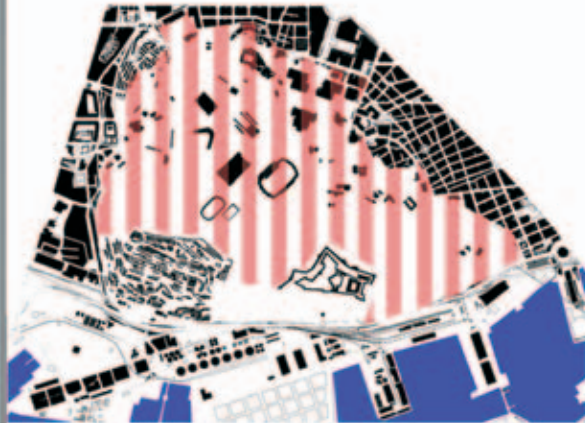
MUNIQUE - 1972



MONTREAL - 1976



MOSCOU - 1980



BARCELONA - 1992



ATENAS - 2004



SYDNEY - 2000



DIAGRAMA - Centros e Parques Olímpicos

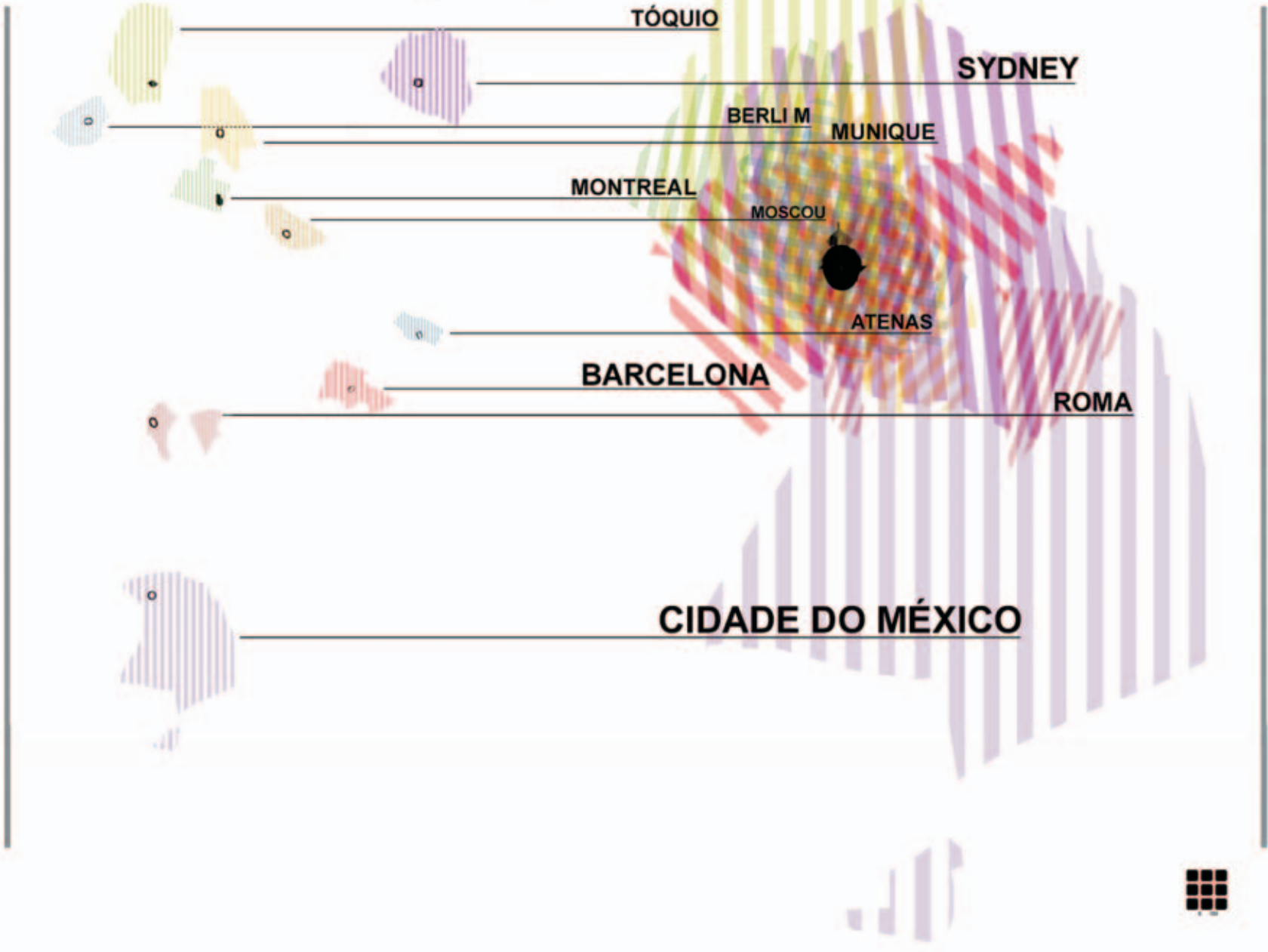
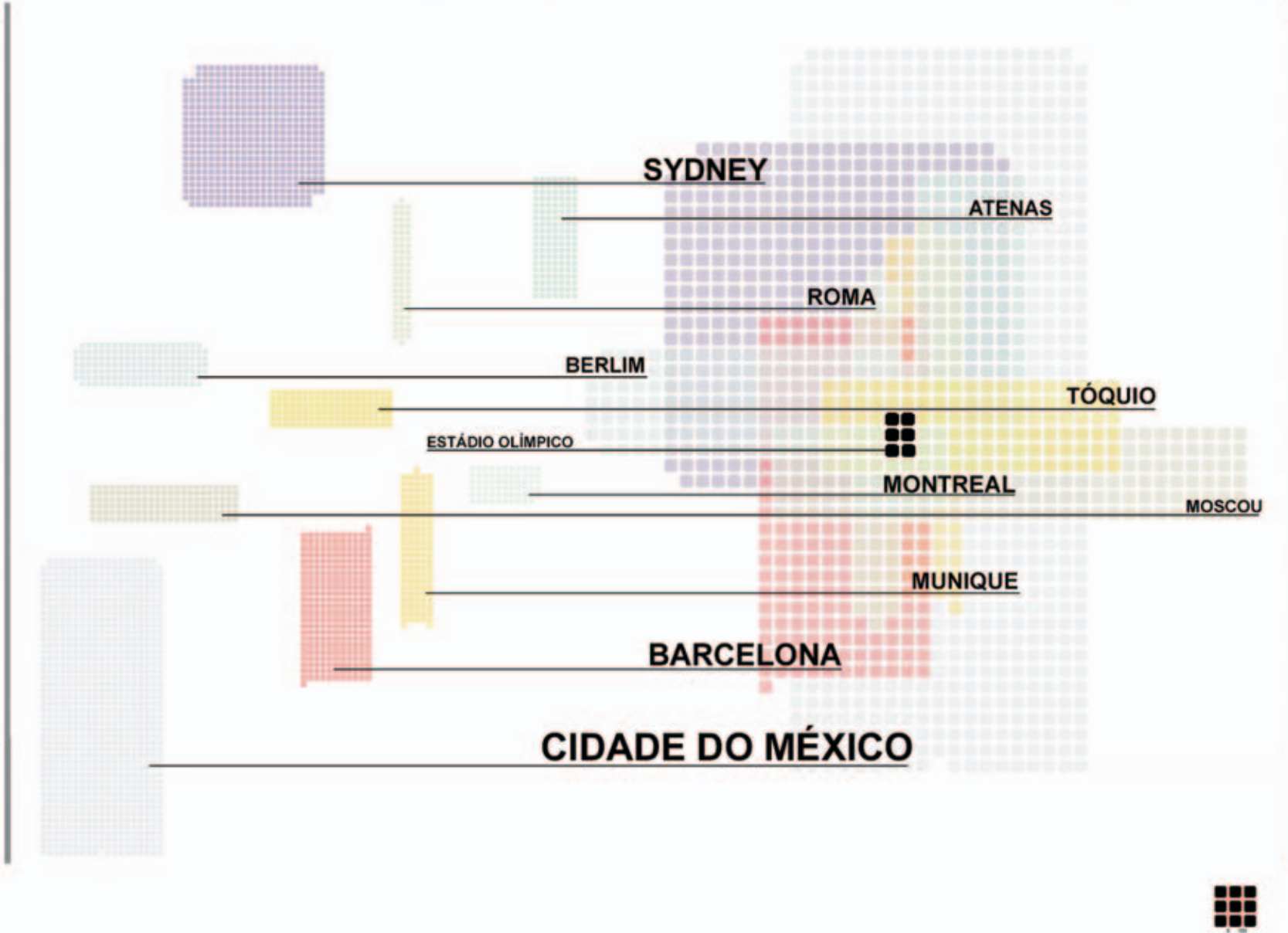


DIAGRAMA - Centros e Parques Olímpicos: Base Quadras Ildelfonso Cerdà (Barcelona)



4. CAPÍTULO II - COROLÁRIO DE APLICAÇÃO PRÁTICA: CIDADE DO RIO DE JANEIRO

4.1. Justificativa para aplicação prática: Rio de Janeiro: uma reflexão em busca de auto-estima²⁸¹

A presente configuração formal da cidade do Rio de Janeiro reflete o próprio perfil social brasileiro que mescla ilhas de prosperidade e enormes bolsões de indigência social. A história da evolução urbana do Rio de Janeiro mostra-se “relativamente lógica e previsível” em relação aos fatos que induziram a cidade ao seu atual perfil formal e espacial urbano.

A improvisação no trato do espaço urbano parece ser a tônica mais presente frente ao descompasso entre os projetos urbanos e o crescimento da cidade. Não há uma tradição proativa de utilização do desenho urbano, salvo as exceções episódicas, que busque justapor sistematicamente “camadas de qualidade” – na dimensão histórica da cidade. Mesmo no ambiente chamado “formal”, o desejável equilíbrio entre as “estruturas de espaços” e “estruturas de sólidos” parece romper-se, com conseqüências na qualidade ambiental da cidade.

Durante a década de 90, surgem algumas iniciativas com forte viés no campo disciplinar do desenho urbano que objetivam recuperar pontualmente alguns trechos “formais” pulverizados por diversos bairros da cidade.

O programa Rio Cidade, apesar das críticas quanto à consistência de suas propostas, talvez tenha sido nos últimos anos o mais ambicioso dos instrumentos a intentar reforçar centralidades (com “corredores como locais privilegiados”), com interesse de gerar um “efeito irradiador positivo”. Através de ações de recuperação da infra-estrutura urbana local (e, em alguns

²⁸¹ **Nota:** Baseado em Lessa, Carlos. O Rio de todos os brasis [Uma reflexão em busca de auto-estima]. Rio de Janeiro: Record, 2000.

casos, regional), “emolduradas” por projetos no âmbito físico-espacial (arquitetônico e urbanístico), o programa objetivava criar novos padrões qualitativos ambientais:

“Optou-se (..) por um compromisso entre desejo e viabilidade. Era fundamental que se chegasse a obras qualificadas, capazes de promover, no público, mudanças de comportamento frente à desordem urbana. Intervenções que induzissem, por sinergia, iniciativas similares de outros agentes sociais, potencialmente capazes de, em conjunto, gerar efeitos multiplicadores sobre todo o tecido urbano. Não havendo recursos financeiros e gerenciais para intervir no todo, cabia promover ações localizadas e exemplares, conquanto coerentes, entre si e com o objetivo estratégico definido. Em outras palavras, plantar paradigmas urbanos, produtos da interação cooperativa governo/sociedade civil”²⁸².

A “originalidade” da concepção do programa reside no reconhecimento das diversas centralidades efetivas e potenciais que se espalham pela cidade “conformando corredores viários, eixos urbanos dominantes (antigos caminhos e estradas, linhas de bonde e de trens) em torno dos quais nasceram e consolidaram-se vários bairros. Com o tempo, essas artérias se transformaram em pólos de atração, subcentros de uma metrópole polinuclearizada, que o programa Rio Cidade optou por reforçar, em contraposição ao modelo dicotômico de cidade: centro x periferia”²⁸³.

Sua abrangência, entretanto, limitou-se a duas fases – programas Rio Cidade I e II - em umas poucas parcelas urbanas insuficientes de repercutir notadamente como uma unidade dentro dos extremos territoriais da cidade.

²⁸² Iplanrio. Rio Cidade: O urbanismo de volta às ruas. Rio de Janeiro: Mauad Consultoria e Planejamento Editorial Ltda., 1996, p. 25.

²⁸³ Iplanrio. Op. cit., 1996, p. 25.

Pior ainda talvez seja a falta de continuidade ou adoção de instrumento urbano semelhante, filtrado naturalmente através de uma interpretação crítica pragmática, por parte da administração pública, que lida com os (não poucos) problemas da cidade em seu “meio ambiente construído”.

Por outro lado, há uma crescente favelização por toda a cidade. O empobrecimento da população e a falta de racionalização na oferta dos meios de transporte, habitação, saneamento etc. criam situações que tornam impossível a vida com dignidade. As camadas mais pobres da população passam a ocupar qualquer espaço que possa seja considerado “livre”: sob viadutos, sobre palafitas, em calçadas, em terrenos baldios etc.

Em análise dos dados relativos ao Censo Demográfico 2000, do IBGE, estudo realizado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ) revela que “a taxa de crescimento dos setores subnormais é de 2,4% ao ano, enquanto que o resto da cidade cresce apenas 0,38% ao ano. Isso quer dizer que as “favelas” crescem em um ano o que o “asfalto” leva mais de seis anos para crescer, no conjunto”²⁸⁴.

O Censo 2000 levantou que uma população de 1.092.783 de habitantes vive no setor subnormal da cidade (em um universo de 5.480.778 pessoas), em contraposição aos 882.483 habitantes do Censo 1991 (em um universo de 5.851.914 pessoas). No Rio, “18,7% das pessoas residem em setores subnormais (eram 16% em 1991, e 14% em 1980)” e na AP-1, área central da cidade, que esses setores [subnormais] representam a maior fatia da população total: 28,7%.

O documento desenvolvido pela PCRJ revela ainda que entre os dois censos (1991 e 2000) houve um aumento de 210.000 novos moradores em aglomerados subnormais na cidade

²⁸⁴ Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Os dados mais recentes sobre a população de favelas na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos – Diretoria de Informações Geográficas, 2002, p. 2, www.pcrj.rj.gov.br, acesso: setembro/2005.

do Rio de Janeiro e, mais, “cerca de 13% das famílias cariocas ainda vive abaixo da linha de pobreza em 2000 em consequência da má distribuição dos recursos existentes”²⁸⁵.

Também neste outro (indissociável) universo, o programa Favela-Bairro, em vigência nos últimos anos - ressalvas à parte - tem servido como instrumento de intenção de requalificação de favelas.

Em linhas gerais, busca-se prover àquelas comunidades uma infra-estrutura urbana básica: a) saneamento; b) iluminação pública; c) facilidades de coleta de lixo; d) centros comunitários; e) arborização; f) sistema viário; g) mobiliário urbano; h) área de lazer; i) creches; j) contenção de áreas de risco; k) regularização da situação fundiária etc., de forma a disciplinar a estrutura urbana e incrementar a qualidade ambiental.

Contudo, além de todos os fatores de desequilíbrio social - não objetos deste estudo - o populismo político, a corrupção, a incompetência técnica e o vicioso ciclo da indústria da pobreza tem minado a eficácia e a continuidade deste ou de qualquer outro programa que tenha por finalidade a requalificação (da vida) urbana.

A falta de uma política de planejamento de transporte e habitação, por exemplo, desequilibra qualquer perspectiva positiva de futuro. O hiato entre o provimento de alternativas e o crescimento dos problemas sociais é exponencialmente progressivo e preocupante. Toda a racionalidade e a probidade deveriam estar neste momento voltadas para uma maior proatividade de soluções, criatividade multidisciplinar e, sobretudo, reequilíbrio social e diminuição da pobreza.

A idéia de contextualizar determinados conceitos do mundo contemporâneo (habitat terrestre) na discussão da gestão do espaço urbano (habitat urbano) tem o propósito de indicar diretrizes de trabalho que, ao garantir qualidade ambiental e condição cidadã, sobretudo os mais

²⁸⁵ Costa Ribeiro, Carlos Antonio. Desigualdade de renda, pobreza e estrutura de classes in Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Desenvolvimento humano e condições de vida na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos – Diretoria de Informações Geográficas, 2004, p. 69, www.pcrj.rj.gov.br, acesso: setembro/2005.

desassistidos, possa prover uma idéia mais significativa e palpável de desenvolvimento sustentável.

A competitividade entre cidades na sociedade pós-industrial, longe de ser uma seara exclusiva de interesses do capital, pode catalisar fluxos positivos que rompam estanqueidades, questione a “estandardização anômica” das grandes cidades dos países semiperiféricos e, dentre outras possíveis respostas, produza melhor condição de vida à população (presente e futura) a partir de intervenções na qualificação da forma urbana.

Todos os temas aqui propostos, de alguma forma, remetem-se à conjuntura internacional através de tópicos que se reportam ao fenômeno da globalização frente à questão urbana contemporânea. O interessante quadro de nuances de interpretação da sociedade atual, crescentemente urbana, leva à conclusão da inexorabilidade da “mundialização de fronteiras”.

Longe de ser uma postura conformista, frente a um mundo também crescentemente belicoso, desigual, injusto e intolerante, aqui se reconhece a premência dos problemas e se considera oportuna a determinação de uma postura mais incisiva que, ao aproveitar uma oportunidade ocasional de sediar um grande evento, beneficie firmemente as populações nativas, principalmente através da geração de renda e divisas e a requalificação do espaço público urbano.

Deve-se considerar ainda que o impacto na visibilidade atrativa gerada por esta qualificação ambiental, formal e humana no contexto de determinado país ou cidade, ironicamente, é impulsionado pelos mesmos fluxos informacionais da controversa “globalização”.

Ainda que circunscrita por razões identificadas com o questionamento deste fenômeno em suas diferentes formas e conseqüências, é patente a relação que se estabelece nas escalas macro e micro em que a materialidade das intervenções remete-se à escala local.

Ou seja, o lugar passa a ser, para o bem ou para o mal, uma espécie de produto em linha final:

“Alguns autores vêem nesse novo processo a desterritorialização do homem e de suas atividades. Nosso caminho é radicalmente oposto. O espaço que se constitui em articulação entre o local e o mundial, antes de anular o espaço, realiza-se reproduzindo o espaço como elemento estratégico à reprodução da sociedade”²⁸⁶.

Valer-se de uma pauta alternativa motivadora e motivacional, com ampla visibilidade, pode beneficiar a população através de um enfoque específico voltado para a requalificação da forma urbana com efeito cíclico virtuoso.

Escapa dos objetivos principais desta pesquisa elencar historicamente os diversos planos, projetos e programas urbanísticos, seja na área “formal” ou “informal”, que foram testemunhados pela cidade do Rio de Janeiro, seja “diretamente” em sua estrutura física ou através do planejamento (urbano).

Suas implementações por certo moldaram e influenciaram, em diferentes graus e abrangências, a configuração urbana das respectivas áreas objetos de intervenção e, - como não poderia ser diferente, - por muitas vezes, repercutiram em micro e macro-escala no âmbito da cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, de forma mais afinada com os objetivos desta pesquisa, mais relevante talvez seja reconhecer definitivamente um nítido quadro de desequilíbrio sócio-econômico fortemente materializado na estrutura físico-espacial da cidade, possível de ser parcialmente compreendida a partir da concisa (e limitada) análise dos dois contextos genéricos supracitados.

²⁸⁶ Carlos, Ana Fani Alessandri, Op. cit., 2001, p. 43.

Parte-se assim da premissa inegável e insofismável de que há uma dramática e verdadeira “anarquia” na qualidade da forma urbana disseminada pela cidade do Rio de Janeiro, característica da maior parte das cidades de médio e grande porte dos países em desenvolvimento. Talvez, no caso, um pouco mais evidenciada pelas peculiaridades geomorfológicas do sítio em que se insere a cidade.

Em geral, identificar oportunidades de ações projetuais em uma cidade com as características acima descritas é quase um exercício livre, pois se baseia em diferentes premissas correspondentes a tantas outras soluções, como “(na arquitetura) [em uma espécie de conflito] entre acaso e necessidade”²⁸⁷.

As intenções recentes da cidade do Rio de Janeiro em sediar alguns eventos esportivos de grande porte relativizada à literatura específica sobre o assunto sugere que possa haver um certo “legado urbanístico”, ilustrado ao longo do desenvolvimento deste trabalho que, embora não seja certamente - adianta-se - a panacéia de nenhum problema, remete-se a um possível “efeito catalisador” verificado em tantas situações congêneres.

O estudo das muitas edições dos Jogos Olímpicos, em todo o mundo e em diferentes épocas, por exemplo, fornece um quadro geral das múltiplas possibilidades de intervenção no espaço urbano vinculadas ao fato. Estas experiências anteriores podem servir como uma base referencial que se relaciona tanto com a especificidade das áreas (a serem objetos de atuação ou utilização) como com a provável maior restritividade de recursos orçamentários (em um universo sempre excessivamente desequilibrado, no contexto de prioridades “conflituosas” de demandas e soluções).

Serão assim consideradas no âmbito da cidade do Rio de Janeiro:

1) A postulação a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2004;

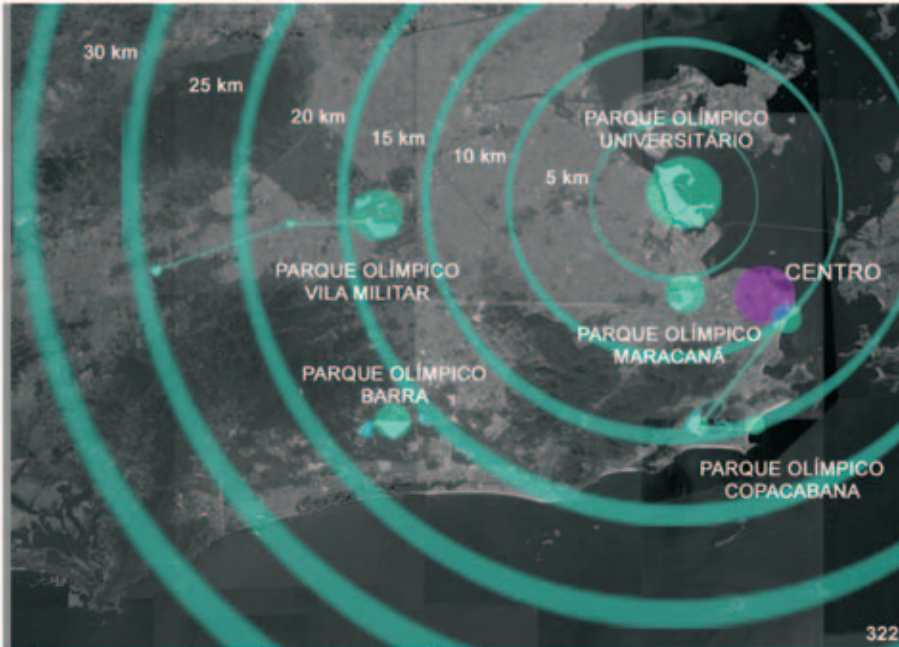
²⁸⁷ **Nota:** baseado em Arnaboldi, Mario Antonio. *Architettura e Sport in Revista L'Arca Plus*, nº 09, julho 1994, p. 4.

- 2) A estruturação dos Jogos Pan-Americanos 2007;
- 3) A postulação a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2012.

O enfoque analítico e crítico destas intenções pode ensejar uma maneira de lidar com a cidade de forma diversa da tradicionalmente aplicada pelas gestões públicas, com maior participação ativa. A assunção de outras premissas de formatação, distintas daquelas formuladas oficialmente para os eventos considerados, poderá resultar, a título de debate especulativo, em sugestões genéricas de organização físico-espacial.

Acredita-se que algumas ações (no âmbito físico-ambiental) propostas poderão impactar na qualidade da forma urbana da cidade, com ganhos significativos para a cidade e sua população e, por conseguinte (especula-se), poderão até mesmo servir de instrumento de atratividade para novos usuários e usuáries.

RIO DE JANEIRO (Brasil)



Mapa de localização dos Parques Olímpicos



Marina da Glória



Riocentro



Estádio do Maracanã



Ginásio do Maracanãzinho



Arena Volley de Praia



Via Parque Shopping

2004

4.2. Rio de Janeiro: Pretensões e possibilidades

4.2.A. A aspiração a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2004

Remete-se ao ano de 1996 a aspiração a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2004. Adequado ou não, havia um conceito de estruturação daquele evento que consistia genericamente na distribuição geográfica das instalações em cinco *clusters* (aglomerados) principais, todos genericamente denominados como parque olímpico: Barra, Copacabana, Maracanã, Universitário e Vila Militar, além do Flamengo (somente para as atividades da vela) e Campo Grande (na realidade, vinculado ao *cluster* Vila Militar).

A distribuição de atividades em diferentes partes da cidade: Zona Norte, Zona Oeste, Zona Sul e Centro parece adequada a um evento que se esperava trazer algum reforço de centralidades urbanas.

Em geral, a preferência do COI, com foco voltado quase exclusivamente ao evento, recai em modelos organizacionais em que as distâncias entre as instalações necessárias sejam mínimas. Por outro lado, verifica-se que pode haver um quase definitivo legado de transporte, caso sejam implementadas soluções que conjuguem atender às necessidades cotidianas e específicas.

Como será visto nesta seção, há coerentemente algumas instalações esportivas (permanentes e temporárias) que também estão previstas nas recentes postulações da cidade do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Pan-Americanos (2007) e Olímpicos (2012).

No entanto, neste caso, a principal peculiaridade destaca-se pela concentração de algumas edificações importantes na ilha do Fundão, para onde estavam previstos, entre outros: o estádio olímpico, o IBC, o MPC, o centro aquático e, principalmente, a vila olímpica.

Desta forma, o documento emitido pelo comitê organizador para postulação de cidade-candidata aos Jogos Olímpicos relata que a área da ilha do Fundão é de aproximadamente 600 ha e que “a vila olímpica é a consolidação do Plano Geral para a Cidade Universitária do Brasil”²⁸⁸ e contemplaria a inclusão de área residencial para 10.000 estudantes e 300 professores e suas famílias.

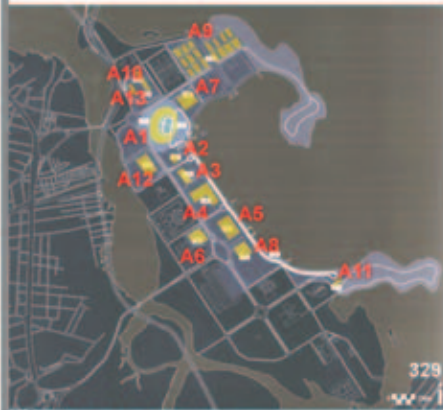
A densificação e diversificação de usos na ocupação da subutilizada região, assim como a reurbanização necessária e urgente, poderiam gerar nova qualidade ambiental imprescindível à decadente ilha. Restaria saber, passados oito anos entre as datas da proposta de postulação e a realização efetiva dos Jogos (em 2004), se aquele sítio seria ainda considerado adequado àquela destinação face à tamanha degradação e violência que hoje se testemunha na ilha e em sua área de entorno (tragicamente conhecida como “Faixa de Gaza”, em alusão à área de sangrentos embates no Oriente Médio). Ou ainda, se a realização dos Jogos poderia ter contribuído para a reversão do processo de deterioração das condições de habitabilidade, com processos renovadores de requalificação urbana com efeitos pontuais e irradiadores.

Admite-se que provavelmente seria interessante que os gigantescos descampados (praticamente relegados ao abandono) entre as edificações, com conseqüências na desalentadora ambiência e na falta de atividades humanas de circulação e convívio, fossem eliminados. Uma espécie de reversão aos “olhos da cidade” (de Jacobs), hoje inexistentes, e ainda uma oportunidade singular de trabalhar-se uma nova imageabilidade (Lynch). Seria, assim, constituído um verdadeiro bairro onde haveria uma certa unidade na extensão bidimensional que conformaria um enclave (Cullen).

²⁸⁸ Comitê Olímpico Brasileiro. *Op. cit.*, 1996, vol. 3, p. 24.

RIO DE JANEIRO (Brasil)

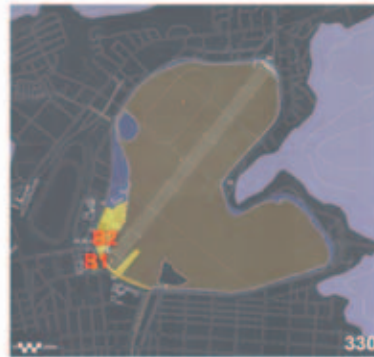
PARQUE OLÍMPICO CIDADE UNIVERSITÁRIA



A

- A1 - Estádio Olímpico
- A2 - Estádio de Softball da UFRJ
- A3 - Centro Aquático Olímpico
- A4 - Centro de Hóquey da UFRJ
- A5 - Palácio Olímpico
- A6 - Estádio de Baseball
- A7 - O.V. Training Centre
- A8 - COJO-Rio
- A9 - Vila Olímpica
- A10 - Hospital Olímpico
- A11 - Alojamento Juizes
- A12 - IBC
- A13 - MPC

- D1 - Riocentro
- D2 - Autódromo
- D3 - Centro Metropolitano
- D4 - Metropolitan (Via Parque)

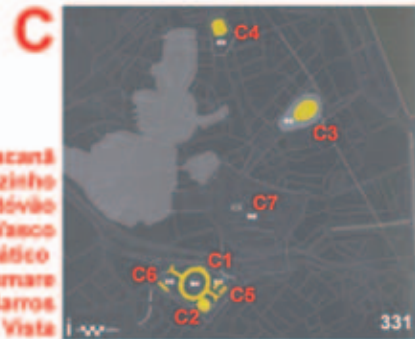


B

PARQUE OLÍMPICO COPACABANA (Lagoa Rodrigo de Freitas)

- B1 - Estádio de Regatas do Flamengo
- B2 - Ginásio da Lagoa

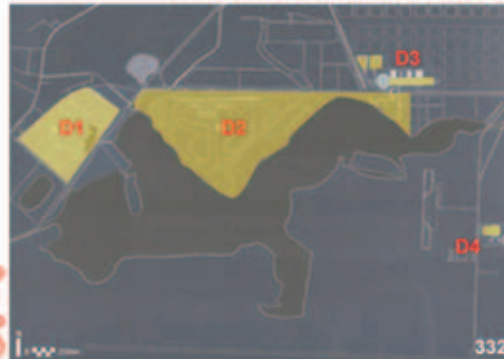
PARQUE OLÍMPICO MARACANÃ



C

- C1 - Estádio do Maracanã
- C2 - Ginásio do Maracanãzinho
- C3 - Arena de São Cristóvão
- C4 - Estádio do Vasco
- C5 - Parque Aquático Julio Delamare
- C6 - Estádio Cão de Barros
- C7 - Quinta da Boa Vista

PARQUE OLÍMPICO BARRA



D

- E1 - Centro Nac. de Tiro
- E2 - Ginásio Círculo Militar
- E3 - Piscina Círculo Militar
- E4 - Centro Olímpico de Hipismo
- E5 - Circuitos de Concurso Completo

PARQUE OLÍMPICO VILA MILITAR



E

Alguns comentários subjetivos (e, talvez, controversos) norteavam a apresentação da vila olímpica: “ambas as fachadas longitudinais (norte e sul) se voltam para o mar e possuem vistas espetaculares para a baía de Guanabara e a cidade”.

Além das novas edificações planejadas, obras no (eternamente) inconcluso hospital universitário para abrigo do “hospital olímpico” e do MPC, dariam solução a um problema de quase 50 anos. A recuperação da proximidade à baía de Guanabara traria novos usos e qualidade formal e espacial ao espaço urbano. A orla seria urbanizada, com a definição de um calçadão para lazer²⁸⁹.

O sistema viário interno (da ilha) seria reestruturado, com a conformação de quadras definidas, com maior permeabilidade, em escala (referencial) humana mais compatível do que as presentes no modelo atual. Na vila olímpica, haveria uma área residencial de fato, com a atenuação do sentimento de isolamento e segregação urbana vivenciada por aqueles residentes no alojamento universitário. Sua ampliação, de forma a acomodar mais pessoas, seria um importante legado pós-Jogos para a UFRJ.

Do ponto de vista do desenho urbano, a definição de novas quadras residenciais traria escala e conformaria novos sistemas (da praça, da rua, do mobiliário, da vegetação, da acessibilidade etc.), com importantes contribuições à qualidade da forma urbana da ilha do Fundão:

“A nova vila olímpica [cobriria] um total de 80 ha e inúmeros parques e áreas abertas. Uma nova área residencial cobrindo 40 ha [teria] uma área construída de aproximadamente 10 ha. A área aberta que [consistiria] de parque e praças entre as áreas residenciais [contaria] com

²⁸⁹ **Nota:** Sonho que parece agora definitivamente sepultado com o início da construção da ampliação do Centro de Pesquisas da Petrobrás - CENPES, em 2005, a partir de projeto do arquiteto Siegbert Zanettini.

30 ha. Um parque de 35 ha [seria criado] ao extremo norte da vila para proteger uma zona natural de excepcional beleza”²⁹⁰.

Em relação aos transportes de acesso à cidade do Rio de Janeiro, havia no documento referências aos aeroportos, aos portos marítimos, às estações de trens, à rodoviária e às estradas intermunicipais. Como é sabido, a eterna precariedade de algumas destas supostas facilidades como a BR-101, “apresentada como uma das principais estradas interestaduais”, torna inviável considerar seriamente o documento de postulação neste aspecto.

Havia inclusive, no documento submetido ao COI, referência à expansão das linhas de metrô a Ipanema e Leblon, após a extensão à praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana (em obras, na época da aspiração a cidade-sede dos Jogos).

Como se constata, a expansão do metrô do Rio de Janeiro realiza-se com impressionante morosidade. Desde 1998 (com a inauguração das estações Cardeal Arcoverde, Irajá, Colégio, Coelho Neto, Engenheiro Rubens Paiva, Acari/Fazenda Botafogo e Pavuna), uma única estação foi inaugurada: Siqueira Campos (2002).

Além disso, até o presente momento (2006), no universo das sete linhas previstas para funcionamento na cidade do Rio de Janeiro, somente duas foram inauguradas (ainda que parcialmente).

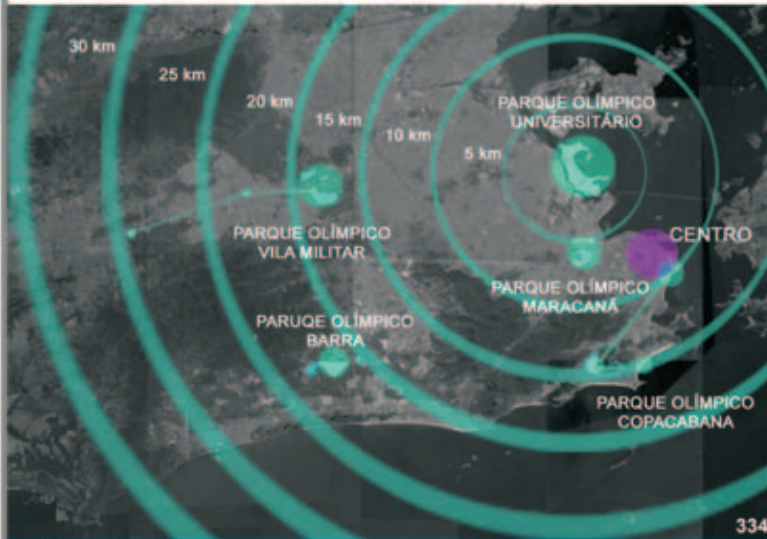
De toda forma, segundo aquele documento, “a linha 2 do metrô seria estendida até o aeroporto internacional do Rio de Janeiro e haveria uma estação próxima à entrada da vila olímpica”²⁹¹.

²⁹⁰ Comitê Olímpico Brasileiro. *Op. cit.*, 1996, vol. 3, p. 26.

²⁹¹ Comitê Olímpico Brasileiro. *Op. cit.*, 1996, vol. 3, p. 26.

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

RIO DE JANEIRO - 2004



Localização



Figura e Fundo



Comentava-se também no mesmo documento que havia planos para a construção de uma nova linha de trem de alta velocidade entre Rio de Janeiro e São Paulo. Fato que atualmente não se cogita, nem se comenta.

Através da documentação de postulação, fica evidente que a questão ambiental não foi tratada adequadamente, nem mesmo no capítulo específico referente ao tema. A poluição das praias oceânicas Copacabana, Ipanema, Leblon e Barra da Tijuca - para não comentar as águas da baía de Guanabara - é omitida e prosaicamente destacam-se somente suas “belezas mundialmente conhecidas”²⁹².

Apesar de se reconhecer que a “Agenda 21 do Movimento Olímpico” (1999) é posterior ao documento de postulação apresentado ao COI (1996) por ocasião da intenção da cidade em sediar os Jogos Olímpicos de 2004, deve-se sublinhar que o movimento olímpico considera destacadamente o meio-ambiente como um terceiro pilar do olimpismo, junto com o esporte e a cultura, desde os Jogos Olímpicos de Inverno de Lillehammer, Noruega, em 1994.

De toda forma, o item referente à “Metodologia da Ação Ambiental para o Movimento Olímpico” da Agenda 21 do Movimento Olímpico, por exemplo, faz alusão a que:

“Em termos gerais, todas as ações empreendidas pelo movimento olímpico dev[a]m ser tomadas com o devido respeito ao meio-ambiente e ao espírito do desenvolvimento sustentável, estímulo à educação ambiental e permissão a que atividades específicas auxiliem a preservação do meio-ambiente”²⁹³.

²⁹² Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro Candidate to Host the XXVIII Olympic Games in 2004, 1996, vol. 2, p. 58.

²⁹³ Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro Candidate to Host the XXVIII Olympic Games in 2004, 1996, vol. 3, p. 60.

O *cluster* Maracanã previa os jogos de basquete para a Arena de São Cristóvão, conhecida como Pavilhão de São Cristóvão. Com a não-realização dos Jogos, deu-se um (novo) uso à edificação, por anos abandonada após um devastador incêndio, contudo, lamentavelmente, sem provê-la das feições do projeto arquitetônico de outrora, com a cobertura estruturada através de cabos de aço tensionados, e sem retransformá-la em uma obra-prima digna do arquiteto Sérgio Bernardes.

O *cluster* Vila Militar, que à época da postulação já era ocupado por instalações militares, localiza-se na região de Deodoro. A idéia de determinar para aquele sítio a realização das provas de tiro e equitação parece acertada, pois os beneficiamentos necessários para realização das competições serviriam mais tarde aos treinamentos militares.

Algumas modalidades esportivas, principalmente por falta de tradição de determinados esportes na cidade ou no país, foram previstas para serem alocadas em instalações existentes, mas adaptadas (de fácil reversibilidade) ou temporárias. O que também se configura como um aspecto positivo. Como visto ao longo desta análise, um dos grandes problemas na fase pós-evento é a destinação dos usos de edificações construídas, em caráter permanente para atender às demandas olímpicas, sem um planejamento preliminar. O que representaria, sem dúvida, um fardo econômico e um ônus urbano.

O insucesso da postulação enterraria definitivamente as ambiciosas promessas. Apresentou-se nesta edição uma cidade distante da realidade, nos problemas e nas soluções.

O modelo parece ter sido considerado também improvável, pois a aspiração seguinte aos Jogos Olímpicos (2012) seguiria parâmetros razoavelmente diversos, embora a distribuição em aglomerados (*clusters*) permanecesse. Em realidade, esta solução parece bastante adequada a uma cidade espraiada, devido à capacidade de reforço de centralidades, principalmente no caso de zonas próximas a áreas centrais.

Algumas medidas talvez “viabilizassem” a Cidade Universitária e gerassem um outro modelo urbanístico que inspiraria uma ocupação e um uso mais intensos. Possivelmente uma nova escala urbanística seria criada, com novas edificações e facilidades em áreas livres públicas, com incremento da qualidade da forma urbana da ilha do Fundão.

4.2.B. A candidatura a cidade-sede dos Jogos Pan-Americanos 2007

Pela primeira vez na história, os Jogos Parapan-Americanos serão realizados na mesma cidade e consecutivamente aos Jogos Pan-Americanos. Fato que demonstra maturidade da organização diante das exigências da Odepa (Organização Desportiva Pan-Americana), entidade reconhecida pelo COI (Comitê Olímpico Internacional).

No âmbito da pesquisa, entretanto, a disponibilidade de documentos gráficos e textuais em relação aos Jogos Pan-Americanos é de alguma forma decepcionante. As poucas informações são vagas e, muitas vezes, inconstantes.

Inicialmente, pode-se dizer que as distâncias entre as áreas de competições em um raio de 25 km é um ponto que merece ser certamente sublinhado como um aspecto altamente positivo.

No entanto, não parece haver um conceito evidente que embase a forma de organização e distribuição das instalações (*venues*), já que não é clara a tradução do evento em legado urbano. Provavelmente, corroboram esta impressão os seguintes aspectos principais: a) Algumas alterações dos locais de provas ocorreram sem aparente critério; b) Não fica evidente o entrosamento das instalações com a trama urbana da cidade; c) Alguns compromissos assumidos na proposta de candidatura não foram - nem tampouco serão - realizados; d) A idéia de reforço de centralidades, talvez uma das principais conseqüências que podem ser estimuladas pela ocorrência de um grande evento, não parece ser um objetivo precípua.

Há algum indício de que a pulverização de instalações, ao invés de surgir como hipótese de catalisação das diferentes maneiras de apropriação do espaço urbano, somente torna frágil a forma de estruturação dos Jogos.

O aparentemente positivo ponto de vicinalidade das instalações previstas no Rio Centro, autódromo e vila pan-americana, na região da Barra, por exemplo, é relativa. Grandes avenidas e

regiões inteiras, sem apropriação da escala humana, “segmentam as proximidades” entre os locais das instalações esportivas.

É difícil afirmar se alguma das instalações previstas “preenche” (ou “preencherá”) as características de “primariedade” ou “permanência” urbana (nas acepções descritas por Rossi). Em geral, não há muitas novas edificações previstas para os Jogos e mesmo entre as instalações mais antigas talvez não existam exemplos concretos aos quais possam ser atribuídas, em princípio, estas qualidades.

A área do complexo do Maracanã, por exemplo, constitui-se em um emaranhado de mal costurados tecidos que, quase seis décadas após a construção daquelas instalações, ainda não absorveram – e jamais absorverão - o grande estádio e as demais edificações (do complexo).

Aliás, sobre este aspecto relativo às implantações de estádios ou complexos esportivos de portes significativos, há dois pontos que merecem análise um pouco mais destacada.

O primeiro ponto, mais genérico, relaciona-se à dificuldade das grandes instalações esportivas em se inserirem, sem maiores traumas, nos sítios urbanos. Como tem sido abordado ao longo deste trabalho, provavelmente a dimensão sempre superlativa dos estádios dificulta seus entrosamentos às malhas urbanas.

A utilização de parques urbanos como “receptores” das grandes instalações esportivas, no entanto, parece amenizar o possível conflito, por tornarem-se uma espécie de *passé-partout* (entre as grandes edificações e o restante da cidade). O complexo do Maracanã, portanto, talvez careça de algum artifício de desenho urbano, provavelmente com ênfase paisagística, que melhor o integre com o restante da cidade.

O segundo ponto, mais específico, refere-se aos usos relacionados àquela região onde se localiza o complexo do Maracanã. Conforme pode ser visto nas imagens em anexo²⁹⁴, á muito



²⁹⁴ Imagens fornecidas pelo Instituto Pereira Passos – IPP, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2005.

tempo, o sítio abriga algum tipo de arena esportiva com visitação de público de massa, pois, antes de tornar-se o atual complexo, ali situava-se o Derby Club, desde 1885. Não custa lembrar, aliás, que possivelmente, no caso de sua demolição, o estádio do Maracanã deverá ser reerguido naquele mesmo terreno e manter sua condição toponímica e utilitária.

Em dezembro/2003, no documento de aspiração à candidatura aos Jogos Olímpicos 2012, mencionava-se a intenção de aproveitamento de um conjunto de instalações em construção para os Jogos Pan-Americanos 2007. Entre elas, destacam-se:

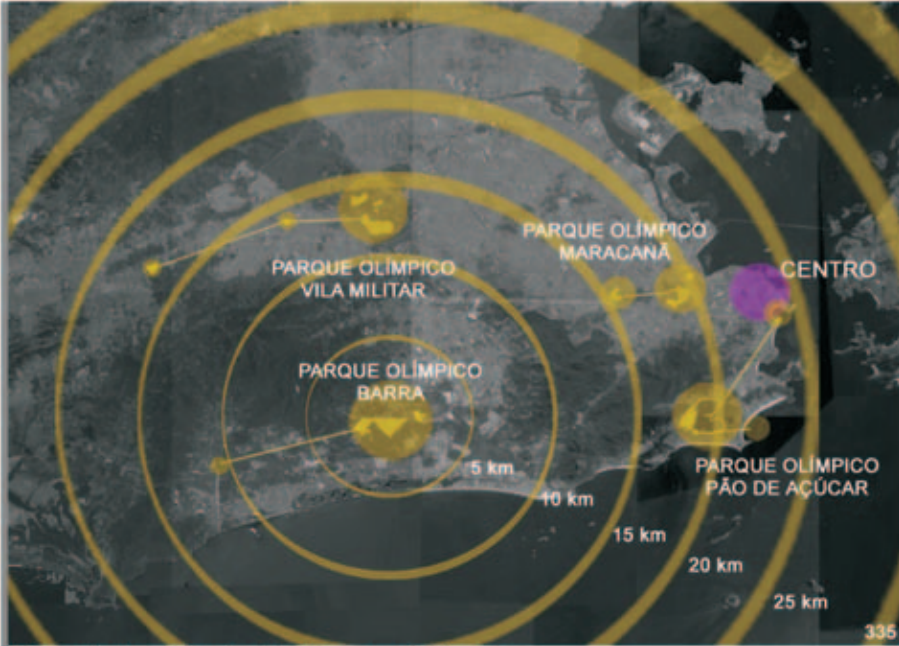
1) No parque olímpico da Barra, onde atualmente localiza-se o autódromo Nelson Piquet, estariam previstos: um velódromo para 5.000 pessoas, um centro aquático, e uma arena esportiva para 15.000 pessoas.

De fato, em 2004, ocorreu um processo licitatório para concessão da área à iniciativa privada, a partir da alteração dos padrões legislativos edifícios locais, em troca da construção das instalações previstas, e a conseqüente redução do autódromo. No entanto, alguns entraves financeiros e jurídicos, ainda nos meses iniciais de 2006, tornavam o empreendimento temerariamente incerto²⁹⁵.

As mais recentes informações, veiculadas também ao término desta pesquisa, dão conta de que o consórcio Rio Sport Plaza, vencedor da licitação de dezembro de 2004 e até aqui responsável pela coordenação e construção do complexo esportivo, não continuaria à frente desta

²⁹⁵ **Nota:** A explicação que se veicula na mídia é que, apesar de vencedor do edital “para a construção de um velódromo, do parque aquático e da arena poliesportiva e adaptações na pista de corridas, em troca dos direitos de exploração comercial do complexo por cem anos”, o consórcio Rio Sport Plaza ainda não conseguiu recursos para realização das obras. “A empresa planejava dar em garantia a um empréstimo no BNDES contratos de publicidade de estatais da União, como Correios e Banco do Brasil (...). Pelo projeto, os equipamentos esportivos seriam batizados com os nomes de estatais, em troca de patrocínio. Mas as negociações emperraram com o escândalo do” mensalão” e as denúncias de que verbas de publicidade de estatais teriam sido empregadas no esquema chefiado pelo publicitário Marcos Valério” (Jornal “O Globo”, 08 de novembro de 2005, p. 14).

RIO DE JANEIRO (Brasil)



Mapa de localização dos Parques Olímpicos



Área destinada à construção do Estádio Olímpico



Perspectiva aérea do Estádio Olímpico



Autódromo



Perspectiva aérea do Parque Olímpico



Parque Aquático

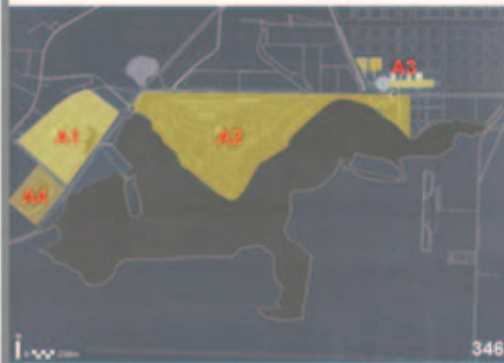


Evolução das obras do Estádio Olímpico

2007

RIO DE JANEIRO (Brasil)

PARQUE OLÍMPICO BARRA



- A1 - Ribicentro
 A2 - Autódromo
 A3 - Centro Metropolitano
 A4 - Cidade do Rock

A

PARQUE OLÍMPICO MARACANÃ
(Estádio do Maracanã e entorno/ Estádio Olímpico)

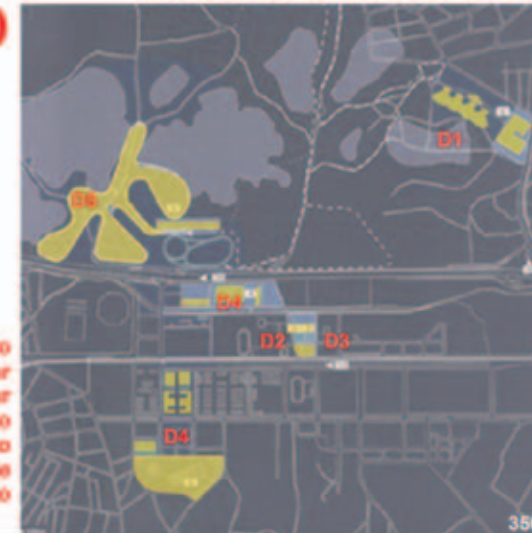
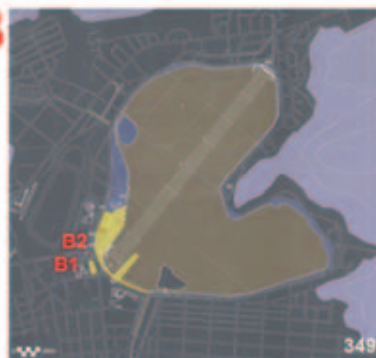
- C1 - Estádio do Maracanã
 C2 - Ginásio do Maracanãzinho
 C3 - Estádio de São Januário
 (até outubro de 2005)
 C4 - Parque Aquático
 Julio Delamare
 C5 - Estádio Côco de Barros
 C6 - Quinta da Boa Vista
 C7 - Estádio Olímpico
 (Engenho de Dentro)

C



PARQUE OLÍMPICO VILA MILITAR

D

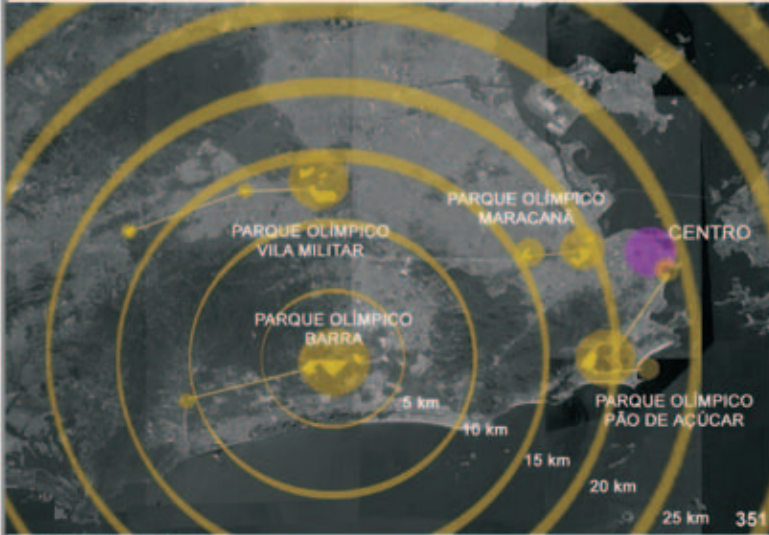
PARQUE OLÍMPICO PÃO DE AÇÚCAR
(Lagoa Rodrigo de Freitas)

- B1 - Estádio de Regatas do Flamengo
 B2 - Ginásio da Lagoa

- D1 - Centro Nac. de Tiro
 D2 - Ginásio Circulo Militar
 D3 - Piscina Circulo Militar
 D4 - Centro Olímpico
 de Hipismo
 D5 - Circuitos de
 Concurso Completo

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

RIO DE JANEIRO - 2007



Localização

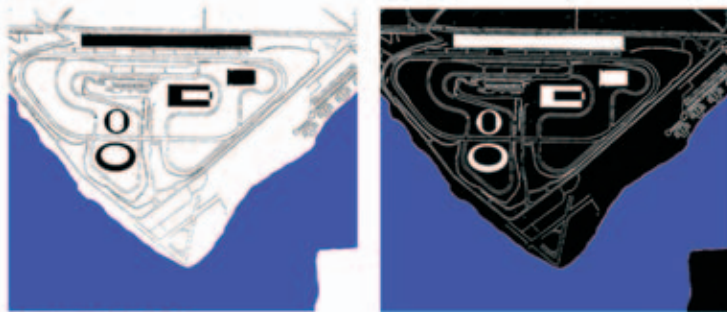


Figura e Fundo



responsabilidade. O novo grupo responsável pelo desenvolvimento da área esportiva é o Tecnosolo/Damiani. Fato determinado a partir de licitação realizada em 12 de janeiro de 2006²⁹⁶.

Informa-se também através da imprensa que a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro solicitará ao governo Federal a edição de “uma Medida Provisória (MP) para poder viabilizar a construção de um complexo esportivo no autódromo [Nelson Piquet, em Jacarepaguá]”²⁹⁷.

Alguns entraves burocráticos e técnicos também junto à Confederação Brasileira de Automobilismo (CBA) talvez possam atrasar ainda mais o desenvolvimento desta área, pois a construção do complexo tornaria obrigatório o fechamento do autódromo localizado naquele sítio, durante todo o ano de 2006 e parcialmente em 2007, reduziria as dimensões e alteraria as características da pista.

2) O estádio olímpico João Havelange, previsto para a Barra da Tijuca, na época da candidatura a cidade-sede dos Jogos Pan-Americanos, encontrava-se em construção durante os anos de 2005 e 2006, no Engenho de Dentro;

A respeito do estádio olímpico em construção no Engenho de Dentro, segundo informações da prefeitura: “O estádio olímpico a ser utilizado no Pan-Americano de 2007 está sendo construído pela prefeitura numa área de 200 mil metros quadrados, onde funcionava o antigo pátio de vagões ferroviários. A prefeitura, através da Secretaria de Esportes e Lazer, investe R\$ 166 milhões na construção do estádio de futebol e nas duas pistas de atletismo, com obras previstas para se concretizarem em 18 meses, com a geração de 4 mil empregos diretos. O

²⁹⁶ **Nota:** “Com a saída do Consórcio Rio Sport Plaza, que previa investir R\$ 450 milhões no projeto, a prefeitura decidiu arcar com os custos da obra. O orçamento foi reduzido, com a simplificação do projeto, para cerca de R\$ 300 milhões” (Jornal “O Globo”, 13 de janeiro de 2005, p. 12).

²⁹⁷ **Nota:** “O prefeito César Maia estaria em negociação como BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) para conseguir um empréstimo de R\$ 500 milhões para início das obras. No entanto, para conseguir o empréstimo, a Prefeitura precisará da MP em razão da Lei de Responsabilidade Fiscal que proíbe que a mesma contraia uma dívida superior a sua arrecadação” (www.esportes.terra.com.br, notícia veiculada em 26 de dezembro de 2005. acesso: dezembro/2005).

estádio terá capacidade para 45 mil espectadores. Em outra área do terreno, de 100 mil metros quadrados, posteriormente, será erguido o centro olímpico de Desenvolvimento de Talentos, destinado à descoberta de novos valores para o esporte brasileiro²⁹⁸.



Causa alguma espécie que a capacidade do estádio previsto para as Olimpíadas 2012 fosse para até 80.000 pessoas e que o atualmente em construção para os Jogos Pan-Americanos comporte somente 45.000 pessoas. Mas, em realidade, as dimensões desta instalação, de porte médio, parecem bastante mais adequadas aos usos futuros que poderão realizar-se na cidade cotidianamente.

O anúncio da International Association of Athletics Federation (IAAF), entidade internacional que comanda o atletismo, de que não houvera “exigido que o estádio olímpico João Havelange, que irá abrigar as provas da modalidade no Pan-Americano do Rio-2007, tenha nove raias”, criou algum constrangimento, já que as adaptações exigiram gastos extras da ordem de R\$ 21,565 milhões.

Segundo informações conhecidas, o estádio atualmente “não deve custar menos do que R\$ 224 milhões²⁹⁹”.

3) Como legado arquitetônico e urbanístico, a determinação das competições de canoagem e remo para o Centro de Remo da Lagoa deveria ensejar a remodelação da edificação existente (sem a perda de suas elegantes linhas arquitetônicas gerais). Além disso, espera-se a redução da poluição da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Até janeiro de 2006, o lugar caracterizava-se pelo ar de abandono ocasionado pela obra embargada, em função dos novos usos recreativos previstos (bares, boates, cinemas etc.).

²⁹⁸ www.pcrj.rj.gov.br, acesso: novembro/2005.

²⁹⁹ Jornal “Folha de São Paulo”, 27 de agosto de 2005, p. D-5.

4) Sobre a vila pan-americana, informava o documento de candidatura que, estaria localizada na Barra da Tijuca em terreno de 840.000 m² com dimensões aproximadas de 600 m x 300 m. Segundo também este material, a área construída seria de 180.000 m² e teria capacidade para 7.680 pessoas. A exemplo das vilas olímpicas, também a vila pan-americana teria uma distinção entre área internacional e área residencial, com controle de acesso entre as duas partes.

Além disso, o documento de candidatura relatava que a vila seria organizada da seguinte forma:

“A área residencial da vila pan-americana será ocupada por blocos de apartamentos e outras edificações ao longo de dois eixos, um longitudinal e outro transversal. Os edifícios de apartamentos serão construídos em grupos de quatro, cada grupo em torno de uma praça central”.

A idéia era construir um total de 640 apartamentos, em 32 edifícios de seis pavimentos, de três quartos (com um reversível em “suíte master”, se ocupada por um chefe de delegação). Embora o documento afirme que a capacidade de cada apartamento pudesse chegar até 12 atletas simultaneamente, não é possível se visualizar mais do que 6 pessoas distribuídas em três quartos.

Segundo ainda o documento, todas os percursos no âmbito da vila pan-americana, apesar de se conformarem a no máximo 200 m de distância e serem facilmente atingíveis a pé, seriam cobertos por um sistema interno de *shuttle*.

A organização espacial da vila pan-americana prevista era trivial. A área residencial, formada por 8 conjuntos de 4 edifícios agrupados ao longo de duas fileiras de um eixo, privilegia uma parte central como área de convivência (ou centro cívico). Não fosse pela (igualmente

simplória) formação dos conjuntos de 4 edifícios a 45º, a vila projetada seria uma quase exata reprodução da edição dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980).

5) Promessas de melhoria do saneamento dos bairros da Barra da Tijuca e Jacarepaguá reportam-se à inauguração do emissário submarino com estação de tratamento de esgoto para o ano de 2002. O que não se confirma como realidade, pelo menos até início do ano de 2006.

A questão da despoluição da Lagoa Rodrigo de Freitas parece ser mencionada como um problema solucionado:

“Com o objetivo de evitar a poluição da Lagoa, onde serão realizados os eventos de canoagem e remo, um novo sistema de captação de esgoto e cinturão de tratamento em sua volta recentemente entrou em operação”³⁰⁰.

Aliás, no documento de aceite de candidatura aos Jogos 2012 por parte do COI, comentava-se em relação à cidade que:

“Aproximadamente 30% da população do Rio de Janeiro sofre com a falta de acesso à água tratada e saneamento. Projetos de tratamento de esgoto e a extensão das utilidades de saneamento são aguardados a fim de que melhore as condições da cidade. Os Jogos Olímpicos podem atuar como catalisadores na realização dos projetos”³⁰¹.

³⁰⁰ Comitê de Candidatura aos Jogos Pan-Americanos. Rio de Janeiro – Candidate City, 2007 – Pan American Games. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro, 2002.

³⁰¹ International Olympic Committee. Report By The IOC Candidature Acceptance Working Group To The IOC Executive Board, Lausanne, 2004, p. 55.

Deve-se recordar que foi através deste documento (de aceite), que a cidade foi informada que não seguiria à fase subsequente.

No documento de postulação aos Jogos 2012, como será visto na próxima seção, há menção à ampliação – até aqui inexistente - da ligação Lagoa-Barra para o ano de 2007. Contudo, o que causa novamente espécie é a menção ao “principal incremento de transporte sobre trilhos a ser completado para os Jogos Pan-Americanos 2007 é a fase 1 da ligação do trem de superfície Transpan, que ligará a Barra ao norte da cidade até o Aeroporto Internacional”³⁰².

Por outro ângulo, a própria estruturação financeira do evento parece confusa e controversa.

Em junho de 2005, era divulgado³⁰³ que os custos para realização dos Jogos inicialmente previstos em 2003 em R\$ 949 milhões – segundo o jornal, “em valores atualizados” – possivelmente passaria dos R\$ 2 bilhões: a) Estádio olímpico: R\$ 202,7 milhões; b) Obras no entorno do Engenhão; R\$ 54,2 milhões; c) Vila pan-americana: R\$ 388 milhões (inclui recursos de financiamento da CEF e gastos previstos pela prefeitura e a construtora Agenco); d) Parque olímpico do autódromo: R\$ 460 milhões; e) Marina da Glória: R\$ 80 milhões; f) Equipamentos esportivos: R\$ 11,5 milhões; g) Complexo do Maracanã: R\$ 67 milhões; h) Boulevard do Pan: R\$ 13,3 milhões; i) Reforma do hospital Lourenço Jorge: R\$ 10 milhões; j) Logística dos Jogos: R\$ 691 milhões. Valor total: R\$ 1,977 bilhões.

Segundo a notícia, “o Comitê Organizador dos Jogos (CO-Rio) propunha que os custos da logística [fossem] cobertos pelo setor público (53% prefeitura, 44% União e 3% estado)”³⁰⁴.

Alguns fatos em relação à notícia acima, no entanto, causam certa estranheza.

³⁰² Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro Olympic Bid – Candidature Acceptance Proposal to Host the 2012 Olympic and Paralympic Games, 2003, p. 17.

³⁰³ Jornal “O Globo”, 01 de junho de 2005, p. 18.

³⁰⁴ Jornal “O Globo”, 01 de junho de 2005, p. 18.

Em primeiro lugar, o documento de candidatura, em 2002, listava dois campos de despesas: Investimentos em infra-estrutura e instalações, no valor aproximado de US\$ 98.544 milhões (55,37%), e custos operacionais, no valor aproximado de US\$ 79.438 milhões (44,63%).

Estes valores, que perfazem aproximadamente US\$ 177.438 milhões, ou ainda, aproximados R\$ 407 milhões (em valores referentes ao ano de 2002)³⁰⁵, mesmo que corrigidos monetariamente, distanciam-se enormemente dos R\$ 949 milhões relatados (pelo jornal, como estimativa inicial). Ou, pior, muitíssimo afastado dos R\$ 2 bilhões atualmente previstos em gastos, mesmo se considerado que não se contavam com despesas relativas à construção de um estádio olímpico.

Particularmente, os valores previstos para a construção do estádio olímpico João Havelange, eram previstos em R\$ 87,3 milhões, em 2003, no valor proposto pelo consórcio Delta/Racional/Recoma, vencedor do processo licitatório. Posteriormente, em agosto 2005, cogitavam-se valores da ordem de R\$ 110,7 milhões, além de gastos da ordem de R\$ 115 milhões para obras no entorno e acessos³⁰⁶.

Em segundo lugar, no documento de candidatura, as fontes de recursos se reportam a 27,74% oriundas de receitas operacionais, além de 72,26% que se referem a aportes absolutamente governamentais. Neste caso, pelo menos a princípio, não se compreende a razão do descarte da participação privada anteriormente prevista através de concessões, patrocínios doméstico e estrangeiro, licenciamento etc.

Por fim, é importante concluir que o êxito dos Jogos Pan-Americanos certamente não pode ser avaliado com cerca de 500 dias de antecedência de sua realização. Muitas realizações serão implementadas e incertezas serão superadas. A preocupação principal, no entanto, surge em

³⁰⁵ Nota: US\$ = R\$ 2,3066 (02 de janeiro de 2002); US\$ = R\$ 2,56 (31 de dezembro de 2002).

³⁰⁶ Jornal "O Globo", 18 de agosto de 2005, p. 15.

relação ao legado urbano oriundo de sua ocorrência. Embora com traços receosos em relação aos resultados finais, deve-se reconhecer que ainda não é possível identificar-se que contribuições surgirão ao ambiente público urbano. Assim, em resumo, questiona-se:

Como será equacionada a questão da poluição do mar e das lagoas? Que obras arquitetônicas e urbanísticas serão herdadas pela população? Haverá melhoria das condições de saneamento? Será possível o reforço de centralidades? Quais elementos da infra-estrutura urbana receberão atenção? Como a população mais carente beneficiar-se-á da organização dos Jogos? O interesse de curto prazo do grande evento suplantará desproporcionalmente as necessidades de longo prazo da cidade e de sua população? Que prioridades urbanas serão adotadas em face dos atributos e características específicas da cidade-sede?

Enfim, quais são, neste caso, as contribuições pragmáticas do grande evento esportivo à requalificação do ambiente urbano?

4.2.C: A aspiração a cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2012

A estruturação da postulação aos Jogos Olímpicos 2012 baseia-se fortemente na organização prevista para os Jogos Pan-Americanos 2007, a serem realizados no Rio de Janeiro. Por isso mesmo, talvez não haja fatos novos realmente relevantes a serem considerados, pelo menos enquanto não é findo o processo de implementação físico-espacial em andamento relativo aos Jogos Pan-Americanos.

Houve nesta proposta a ênfase na localização das instalações na Barra da Tijuca, ao contrário da intenção anterior (Jogos Olímpicos 2004) de priorizar a Ilha do Fundão. Segundo o documento de aspiração a cidade-sede, “as instalações (*venues*) ser[iam] desenvolvidas com forte compromisso ao legado, provendo facilidades em toda a cidade, particularmente aos jovens e desassistidos. Esforços ambientais chave ser[iam] acelerados pelos Jogos (...) e o desenvolvimento da rede de transporte conectar[ia] todas as partes da cidade com a nova área da Barra”³⁰⁷.

A estratégia de localização dos principais clusters objetivava otimizar a utilização da infraestrutura através de quatro áreas: Barra, Deodoro, Maracanã e Pão de Açúcar.

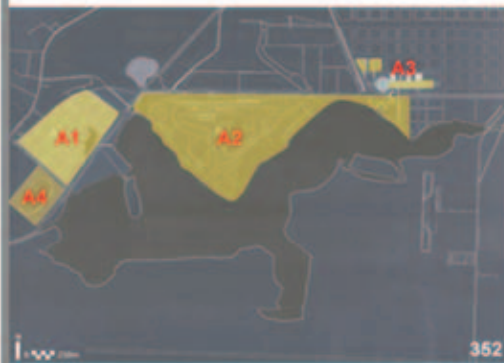
Além da previsão de localização do estádio olímpico com capacidade para 80.000 pessoas na Barra da Tijuca, a vila olímpica também localizar-se-ia nas proximidades do Riocentro. Segundo o documento de cidade-postulante aos Jogos (na disputa direta com a cidade de São Paulo, pela representação do Brasil junto ao COI), a vila atenderia a cerca de 15.360 pessoas, distribuídas em 48 edifícios de apartamentos, com 10 andares mais pavimento térreo e 4 apartamentos por andar, em um total de 1.920 apartamentos³⁰⁸. Havia ainda o compromisso de

³⁰⁷ Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro Olympic Bid – Candidature Acceptance Proposal to Host the 2012 Olympic and Paralympic Games, 2003, p. 3.

³⁰⁸ Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro cidade postulante – Jogos Olímpicos 2012, vol. 3, 2003, p. 25.

RIO DE JANEIRO (Brasil)

PARQUE OLÍMPICO BARRA



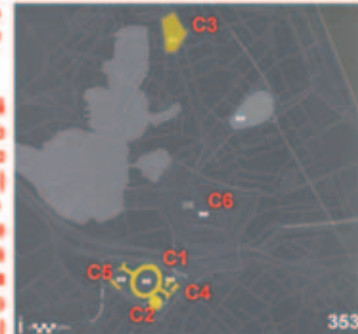
- A1 - Riocentro
 A2 - Autódromo
 A3 - Centro Metropolitano
 A4 - Cidade do Rock

A

PARQUE OLÍMPICO MARACANÃ
(Estádio do Maracanã e entorno/ Estádio Olímpico)

C

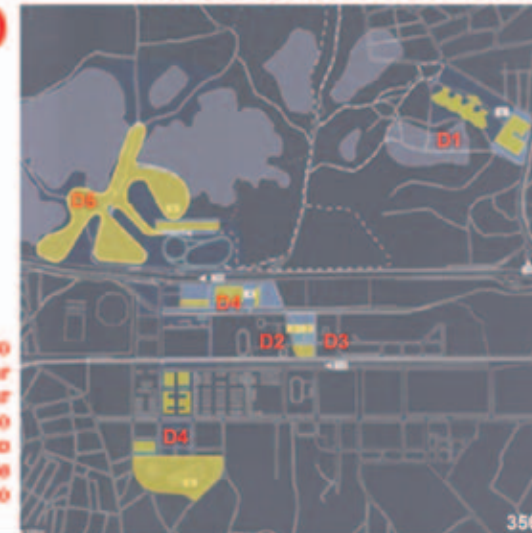
- C1 - Estádio do Maracanã
 C2 - Ginásio do Maracanãzinho
 C3 - Estádio de São Januário
 (até outubro de 2005)
 C4 - Parque Aquático
 Julio Delamare
 C5 - Estádio Cêlio de Barros
 C6 - Quinta da Boa Vista
 C7 - Estádio Olímpico
 (Ergário de Dentro)



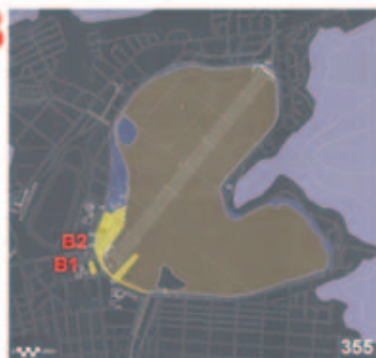
PARQUE OLÍMPICO VILA MILITAR

D

- D1 - Centro Nac. de Tiro
 D2 - Ginásio Circulo Militar
 D3 - Piscina Circulo Militar
 D4 - Centro Olímpico
 de Hipismo
 D5 - Circuitos de
 Concurso Completo



B



- B1 - Estádio de Regatas do Flamengo
 B2 - Ginásio da Lagoa

PARQUE OLÍMPICO PÃO DE AÇÚCAR
(Lagoa Rodrigo de Freitas)

2007

que seriam “implantadas técnicas de preservação ambiental tais como: coleta seletiva e reciclagem do lixo gerado, racionalização do consumo de água com a utilização de aparelhos hidráulicos de consumo reduzido, racionalização do consumo de energia elétrica, com a utilização de materiais isolantes nas construções, iluminação e ventilação naturais, e o emprego de energia solar para o aquecimento de água”.

Neste documento de postulação do Rio de Janeiro, além da capacidade numérica prevista da vila olímpica ser pequena, se comparada com as últimas edições dos Jogos e os documentos de postulação e candidatura a sede dos Jogos Olímpicos 2008 e 2012 que apresentaram apartamentos de dimensões e número de cômodos variados para que a comercialização e a utilização futura fosse mais flexível, todos os apartamentos propostos são constituídos de 4 quartos, com capacidade de no máximo 2 pessoas por quarto, em um total de 8 hóspedes.

Contudo, em outro documento subsequente, de aspiração à candidatura aos Jogos, há números divergentes em relação à vila olímpica. Eram assim previstos 4.272 apartamentos de 1, 2 ou 3 quartos, para 16.992 atletas e membros de delegação³⁰⁹. Neste caso, o sítio da zona residencial compreenderia uma área de 387.120 m², com taxa de ocupação de apenas 5%, e a zona internacional outros 210.260 m².

Havia também no relatório, a previsão de construção da vila da mídia, subdividida em duas partes, em um total de 17.152 suítes em 8.720 apartamentos, em padrão 4 estrelas. Após os Jogos, os edifícios seriam vendidos como condomínios residenciais.

Ao contrário de algumas das postulações, inclusive de cidades que avançaram à fase subsequente de embate pela condição de cidade-sede, verificam-se nos documentos apresentados pela cidade do Rio de Janeiro, uma certa despreocupação em relação à qualidade

³⁰⁹ Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro Olympic Bid – Candidature Acceptance Proposal to Host the 2012 Olympic and Paralympic Games, 2003, p. 14.

plástica das obras arquitetônicas previstas para a vila olímpica e sua condição de catalisadora de iniciativas urbanas. Não há, portanto, qualquer volumetria que enseje a visualização de uma obra arquitetônica de valor destacado ou da recuperação e utilização de uma área decadente ou degradada. Cabe lembrar, por exemplo, que a candidatura de Nova York àquele mesmo evento – Jogos Olímpicos 2012 - chegou a formular um concurso com a seleção final de projetos de arquitetura e urbanismo de figuras proeminentes da arquitetura mundial, para a instalação de uma vila olímpica em sítio abandonado em Queens.

Em alguns outros casos, há menção a determinada localidade carente de ação revitalizadora ou regeneradora que pode beneficiar-se com os estímulos oriundos da realização do evento esportivo, como em Londres e Paris, por exemplo (por ocasião da candidatura também aos Jogos Olímpicos 2012).

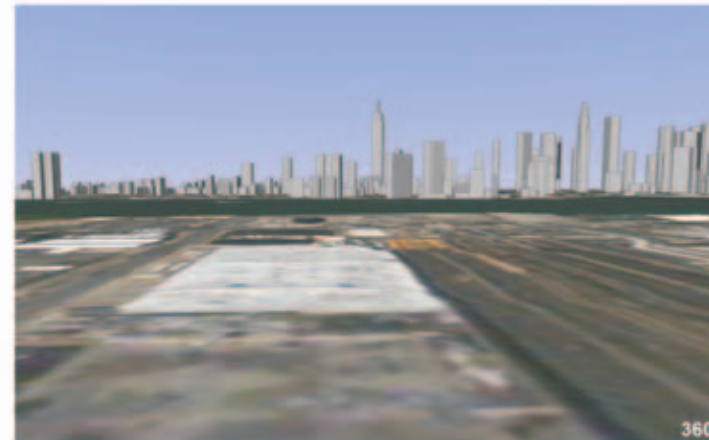
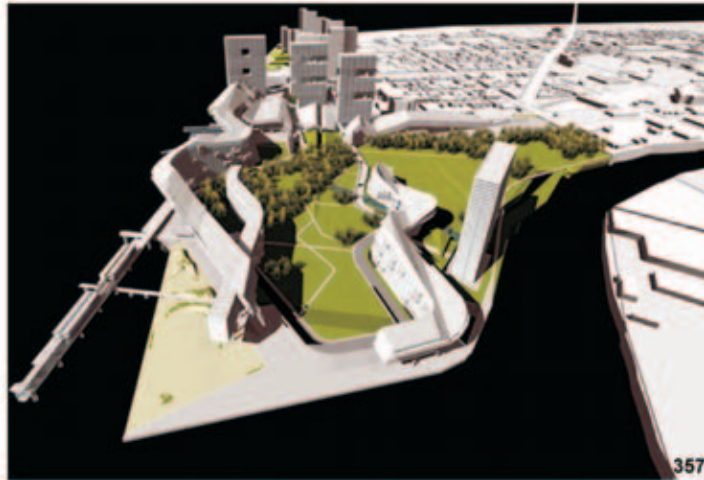
Em relação às instalações esportivas, o documento de aspiração à candidatura relata que há doze unidades existentes, outras nove seriam erguidas em função dos Jogos Pan-Americanos e ainda outras dez especialmente para os Jogos Olímpicos. A cidade pontuaria muito mal no relatório de aceite da candidatura a cidade-sede, por somente possuir nesta ocasião 39% das instalações necessárias à realização dos Jogos, embora o documento reconheça que após os Jogos Pan-Americanos o Rio de Janeiro deverá dispor de um legado esportivo positivo (da ordem de mais 32% das instalações).

No mesmo documento, as áreas previstas para o IBC e o MPC eram bastante grandes, 93.500 m² e 50.000 m² respectivamente, e a parceria público-privado transformaria o empreendimento em espaço comercial, após o evento. A vila da mídia era mencionada com capacidade para 17.152 suítes distribuídas em 8.720 apartamentos, dividida em dois sítios distintos com áreas de 134.143 m² e 956.845 m², através da iniciativa privada.

TRANSFORMAÇÃO URBANA - Concurso Vila Olímpica

NOVA YORK - 2012

Morphosis



TRANSFORMAÇÃO URBANA - Concurso Vila Olímpica

NOVA YORK - 2012



Henning L. Tegnestue

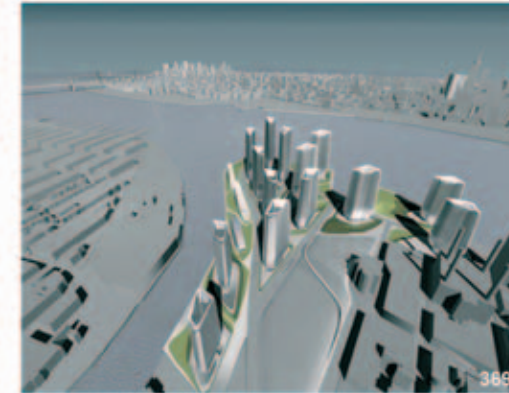
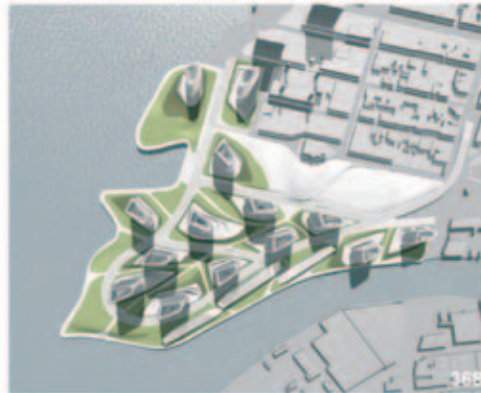
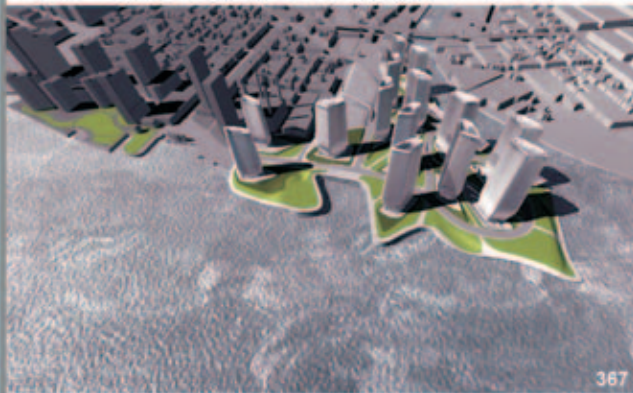
MVRDV

Smith Miller

TRANSFORMAÇÃO URBANA - Concurso Vila Olímpica

NOVA YORK - 2012

Zaha Hadid



Havia uma forte concentração de recursos de financiamento nas esferas públicas (municipal, estadual e federal), “em alguns casos em conjunto com parcerias privadas”, com investimento de mais de US\$ 400 milhões em instalações esportivas, US\$ 360 milhões em novas habitações, US\$ 3,7 bilhões em estradas e trilhos e US\$ 300 milhões em iniciativas ambientais”³¹⁰.

O documento de postulação relata que “a infra-estrutura de estradas do anel olímpico é bastante completa”. Menciona, contudo, como uma exceção, a ligação Lagoa-Barra que sofrerá um “*upgrade* até 2007 com expansão para 7 pistas de rolagem, 4 em direção à Barra e 3 para saída”³¹¹. Além disso, comenta-se sobre uma ligação do trem de superfície Transpan, que ligaria a Barra ao norte da cidade até o aeroporto internacional, por ocasião dos Jogos Pan-Americanos. Havia ainda a promessa de construção de uma outra linha de metrô (linha 4: Botafogo-Barra da Tijuca) e a conclusão da fase 2 do Transpan com a conexão do aeroporto internacional e do doméstico.

Todas estas iniciativas eram relatadas como “atualmente em planejamento de conclusão antes dos Jogos 2012 e com benefícios diretos ao plano olímpico” e era prevista uma outra fase, no caso de efetivação da cidade como sede dos Jogos.

Até o momento do término desta pesquisa não havia qualquer iniciativa quanto às intenções dispostas acima relativas ao tráfego urbano. Fato agravado pelo descarte prematuro da candidatura à fase subsequente de postulação olímpica.

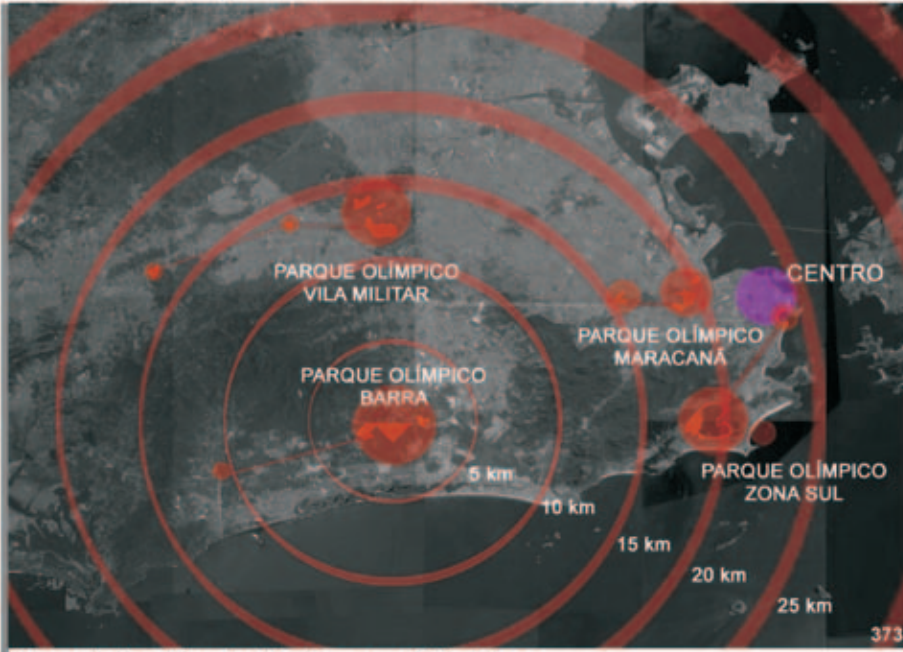
A implementação dos Jogos Olímpicos 2012 no Rio de Janeiro era bastante dependente da organização preparada para os Jogos Pan-Americanos 2007. Portanto, a avaliação prévia da qualidade relativa ao evento deve ser fortemente realizada em função das ações realizadas anos mais cedo, sobretudo no equacionamento das questões de curto prazo vinculadas aos Jogos Pan-

³¹⁰ Comitê Olímpico Brasileiro. *Op. cit.*, 2003, p. 17.

³¹¹ Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro Olympic Bid – Candidature Acceptance Proposal to Host the 2012 Olympic and Paralympic Games, 2003, p. 17.

Americanos e as de longo prazo relacionadas às necessidades da cidade e de sua população, no contexto de uma típica grande cidade de um país em desenvolvimento com carências importantes nos atributos de sua forma urbana.

RIO DE JANEIRO (Brasil)



Mapa de localização dos Parques Olímpicos



Área destinada à construção do Estádio Olímpico



1



Perspectiva aérea do Estádio Olímpico



2



Autódromo



Perspectiva aérea do Parque Olímpico



Parque Aquático

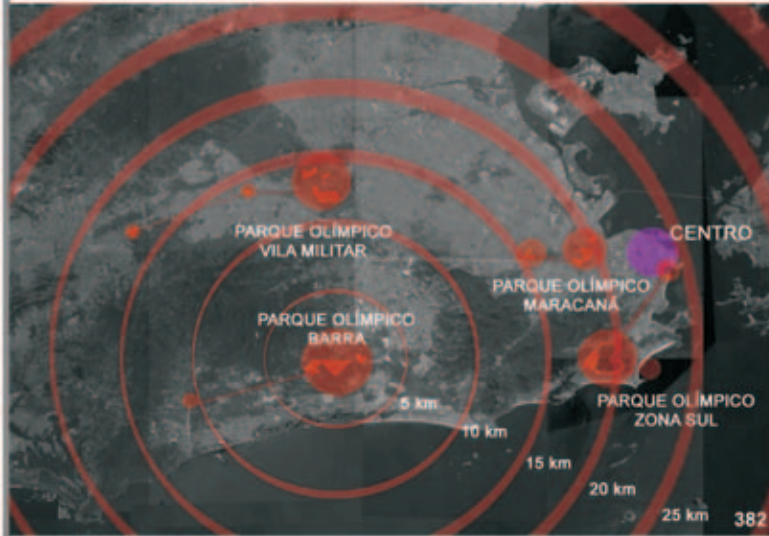


Evolução das obras do Estádio Olímpico

2012

ELEMENTOS CONCEITUAIS DA MORFOLOGIA URBANA - Centros e Parques Olímpicos

RIO DE JANEIRO - 2012



Localização

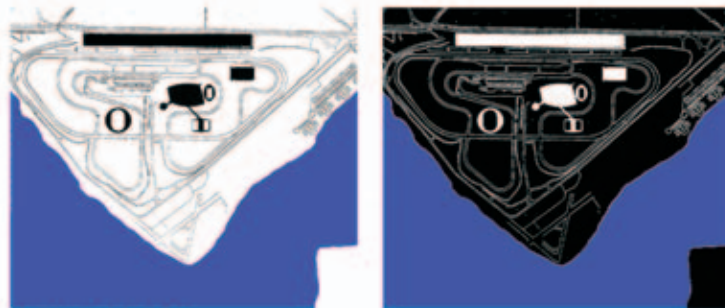
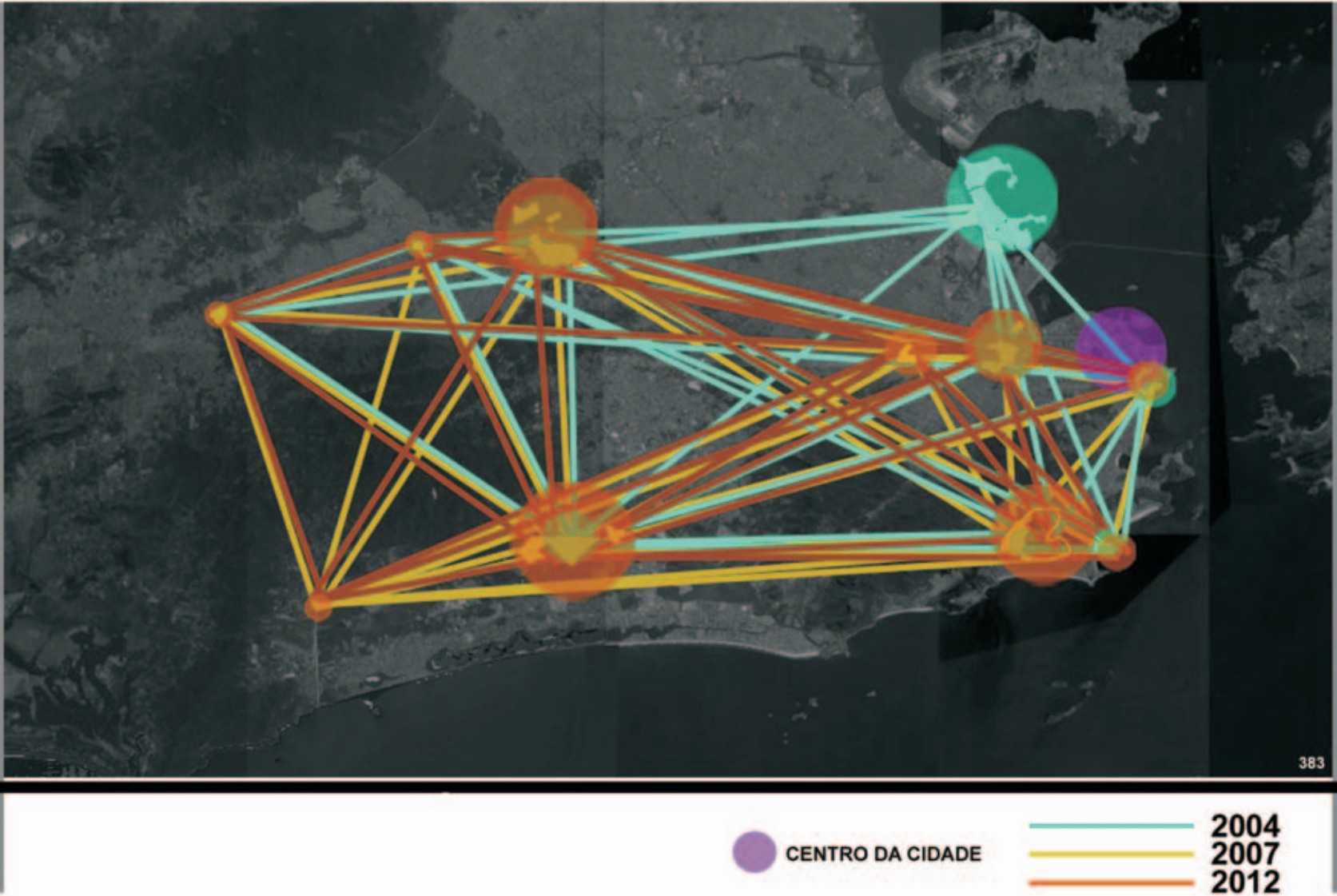


Figura e Fundo



RIO DE JANEIRO (Brasil) - Interligações das Principais Instalações Esportivas



RIO DE JANEIRO - Projetos de Desenho Urbano: RIO CIDADE (1994-2000)

COPACABANA



VILA ISABEL



LEBLON/IPANEMA



GRAJAÚ



4.3. Rio de Janeiro: Uma reflexão crítica das pretensões e possibilidades

Objetivamente, o gigantismo dos Jogos Olímpicos, como visto ao longo da presente pesquisa, demanda uma série de cuidados por parte dos comitês organizadores, da administração pública e da população da cidade-sede.

Estudos realizados por Millet dão conta de que algo em torno de 671 ha são necessários à realização do evento, o que requer tempo e largas somas de financiamento³¹².

Desta forma, parece ser oportuno que uma vez mais se faça menção a dois programas urbanísticos mais recentes vivenciados pela cidade do Rio de Janeiro.

Deve-se atentar, por exemplo, apenas como referência de dimensão e área, que os 15 bairros que compõem o Projeto Rio Cidade I perfazem um total de 106,4 ha, com média de 7,0 ha de área de intervenção por bairro.

Em uma projeção ligeira, ainda no âmbito do Projeto Rio Cidade I, a área exigida para realização dos Jogos Olímpicos (segundo o estudo apresentado a seguir) equivaleria a intervir em infra-estrutura e desenho urbano em aproximados 95 bairros em toda a cidade do Rio de Janeiro. O que significa intervir em uma área aproximada de 4,2 ha em média em cada um dos mais de 150 bairros de toda a cidade do Rio de Janeiro.

De outra perspectiva, o Programa Favela-Bairro foi capaz de intervir, entre os anos de 1994 e 2000, em (somente) 62 comunidades, em um universo (rapidamente crescente) que se aproxima de 1.000 favelas na cidade do Rio de Janeiro, ao custo de aproximadamente “US\$ 300 milhões entre recursos do BID e da Prefeitura”³¹³.

³¹² **Nota:** Esta área, embora contabilize canais para slalom, raias para canoagem e remo etc., não inclui, segundo o autor, “áreas de entorno ou áreas para parque que normalmente fazem parte deste tipo de facilidade”.

³¹³ Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. *O Rio de Janeiro e o Favela-Bairro*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos – Diretoria de Informações Geográficas, 2002, <http://www.pcrj.rj.gov.br>, acesso: dezembro/2005.

Desta forma, a única justificativa plausível para sua efetivação em países em subdesenvolvimento é a possibilidade do evento servir como fato catalisador para a implementação de nova infra-estrutura, instalações, equipamentos urbanos etc., segundo interesses da cidade. Para isso, além dos objetivos imediatos do esporte, é importante que o legado à população local seja compatível com uma realidade de demanda de usos pós-evento, sem custos significativos para sua adaptação e manutenção.

Em relação ao Rio de Janeiro, a organização dos Jogos Olímpicos 2004 parece melhor conceituada e estruturada que os seus congêneres Jogos Pan-Americanos 2007 e Jogos Olímpicos 2012. É até possível que a utilização da Ilha do Fundão não fosse factível em função da dificuldade de acesso, violência urbana na região e problemas ambientais, conforme levantado na seção específica. No entanto, havia uma evidente intenção em recuperar-se uma área degradada, semi-abandonada e sem vitalidade urbana.

Ao contrário, a distribuição das instalações esportivas relacionadas aos Jogos Pan-Americanos não parece precisa e consistente. Não se percebe um fato estruturador que reforce centralidade e que possa servir de elemento catalisador da qualidade do ambiente urbano. Há muitas promessas não efetivadas e não é claro que legado urbano será herdado por uma cidade com características tão evidentes de baixa qualidade da forma urbana.

Atualmente, a postulação aos Jogos Olímpicos 2012 parece “nostalgicamente temerária”, em função das bases bastante referenciadas aos Jogos Pan-Americanos e que, pelo menos até os instantes finais de conclusão desta pesquisa, se demonstram não implementáveis. As dimensões dos Jogos Olímpicos são por demais grandiosas, principalmente se comparadas com a dos Jogos Pan-Americanos, e a outorga do direito de realização no Rio de Janeiro possivelmente tornaria mais evidente as dificuldades e limitações de sua organização. À luz das informações mais recentes, o fôlego financeiro da administração pública e a dificuldade em atrair

patrocinadores privados, sobretudo face aos custos exorbitantes de organização dos Jogos Olímpicos, provavelmente tornam prudente adiar o interesse pela postulação a cidade-sede em pelo menos alguma edição, mesmo que se reconheçam os possíveis benefícios angariados pela cidade por este fato catalisador.

Contudo, em linhas gerais, deve ser necessário que haja um ponto de equilíbrio mais estável que aglutine garantias financeiras, capacidade de planejamento e projeto urbano e o interesse público da cidade diante de suas dificuldades e propostas idiossincráticas. O grande evento esportivo não deve tornar-se um ônus à cidade e sua população, senão uma forma de estimular uma imageabilidade mais consistente com a minoração de problemas em sua infraestrutura urbana existente.

Em objetivo final, o planejamento das localizações das instalações (*venues*), relacionadas à infra-estrutura de suporte, deve obedecer às prioridades da população da cidade. Neste caso, entre outras infinitas possibilidades, faz-se em uma instância macro-urbana a opção pela ênfase na questão social norteadas pela “combinação [de] três medidas (ponderadas, presumivelmente, de algum modo)” “(...) um modelo hipotético para a alocação de recursos para as regiões” dentro de “um princípio de justiça territorial”³¹⁴: I) “Necessidade; II) Contribuição ao bem comum e III) Mérito.

Como se prenunciara nos estágios iniciais deste trabalho, retorna-se finalmente à argumentação de Borja para se entender e lidar com a questão das (grandes) cidades latino-americanas - e mesmo, por rebatimento, com países com realidades semelhantes de outros continentes.

³¹⁴ Na presente pesquisa, parte-se deste critério distributivo para estabelecer-se um recorte específico que determine critérios técnicos preliminares – como “modelo hipotético” - para priorização na alocação de benefícios para espaços públicos (“regiões” ou “territórios”), com intenção de qualificação da forma do espaço público urbano e de vida de seus partícipes.

Assim, é possível se depreender, por exemplo, que vários fatores levaram à degradação da estrutura ambiental urbana da maior parte das grandes cidades brasileiras.

Em síntese, contingências de mercado tendem a resultar no (por vezes, quase paradoxal) espraiamento desenfreado e incontido rumo às (cada vez mais distantes) periferias por parte de parcelas significativas da população que, ao se depararem com a ineficiência dos serviços de transporte e infra-estrutura urbana, tornaram-se ressurgentes nas áreas centrais. Como causa ou conseqüência deste problema, vários outros motivos se interpõem, como:

a) a inexistência de programas formais de urbanização e a falta de incentivo para ocupação residencial e a novas atividades (comerciais e turísticas) em áreas subutilizadas próximas ao Centro;

b) a incapacidade em prover melhor acessibilidade urbana, por meio de transporte público e novos centros de transferência intermodal;

c) a lentidão ou impotência em “realizar algumas operações imobiliárias (...) que sirvam para o engajamento, através da imagem e da credibilidade, dos agentes privados”;

d) a falta de “definição de parâmetros normativos que facilitem a mudança de usos ou intensidades de ocupação em pontos de centralidade”, mas que induzam suas inserções no tecido urbano existente.

A importância da questão da localização parece merecer um estudo particular que articule eficientemente os problemas e potencialidades relativas à organização do grande evento e, sobretudo, da cidade, pois o tema do legado urbanístico somente se justifica quando se determina o que ou quem se beneficia do fato catalisador relacionado ao tema.

A partir de uma hipótese (extrema) de equalização do aspecto financeiro em relação aos objetivos de realização do evento, contrapostos aos interesses de uma grande cidade de um país sub-desenvolvido, há um razoável número de alternativas de conclusão que se apresentam.

Muitas, provavelmente, conseguem conjugar as características e interesses de determinado caso-exemplo com os aspectos relatados pertinentes ao evento, assim como outros contextos podem ser assertivos na formulação de distintas diretrizes teóricas relativas à localização.

Como visto ao longo da presente pesquisa, dentre as premissas relacionadas, pode-se dar relevância localizada a uma situação recorrente em muitas cidades do mundo que bem se expressa através de uma síntese formulada por Borja em referência às “grandes cidades latino-americanas”, ao buscar novos caminhos para o enfrentamento de questões relativas à ocupação, renovação e revitalização urbana.

No estudo de Borja, todas se remetem especificamente às “oportunidades de promover projetos integrados que recuperem e dêem novos usos a áreas portuárias e ferroviárias, quartéis, edifícios públicos, edifícios ou áreas industriais, depósitos e galpões etc.”

Particularmente, no caso da cidade do Rio de Janeiro, há uma ampla faixa decadente e inerte, marginal ao Centro, na qual existem ingredientes que parecem mais adequados à ocupação por parte de um grande evento (esportivo), devido às características reforçadas na presente pesquisa. Possivelmente hoje, traduz-se como uma alternativa aos modelos propostos para a organização dos Jogos Olímpicos (2004), Jogos Pan-Americanos (2007) e Jogos Olímpicos (2012), anteriormente pretendidos pela cidade do Rio de Janeiro.

Praticamente toda a zona portuária mais próxima ao Centro (bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo) e o contíguo bairro de São Cristóvão possuem áreas subutilizadas, principalmente em meio a antigas fábricas, lojas e galpões abandonados, exatamente nos moldes exemplificados acima: “áreas portuárias e ferroviárias, quartéis, edifícios públicos, edifícios ou áreas industriais, depósitos e galpões”. Outra característica é que a relativa baixa densidade líquida da população varia entre 22 a 75 hab/ha, exceto no caso do bairro da Gamboa que se fixa na faixa de 76 a 109 hab/ha, e a renda média oscila entre 3 a 4 salários-mínimos.

Na pauta de “oportunidades” a serem exploradas estariam inclusive priorizados os objetivos relatados no Plano Estratégico II, atualmente em elaboração e tramitação, que fazem menção à “evasão de população, de comércio e de indústria [leve]”. Outro ponto importante é o interesse da PCRJ em “desenvolver ações para implantação de políticas habitacionais no Centro”

³¹⁵

Há, na região, uma infra-estrutura remanescente dos tempos de ocupação mais intensa que, evidentemente, poderia ser adaptada a novos usos. A proximidade à baía de Guanabara é também uma característica importante (*waterfront*) que remete a projetos urbanos importantes em todo o mundo, pela possibilidade de novos usos e parâmetros urbanísticos e formas de ocupação renovadoras.

Outro fator relevante é que a confluência de vias arteriais importantes (Av. Brasil, Elevado da Perimetral, Túnel Rebouças, Ponte Rio-Niterói etc.) àquela região beneficia os fluxos de transporte a um suposto evento. Embora possa haver o incentivo à ligação da região aos demais meios de transporte através de alternativas intermodais conectoras (*shuttles*) como, por exemplo, veículos leves sobre trilhos (VLT). Além disso, outras facilidades poderiam ser projetadas e implementadas como, por exemplo, as ciclovias, que se coadunam perfeitamente com o modelo proposto pela “Agenda 21 do Movimento Olímpico”, por utilizar a força física e não ser poluente.

A reboque de um megaevento esportivo realizado naquela região, poderia ocorrer a adoção de meios criativos de transportes marítimos com a conseqüente dessaturação dos instrumentos de mobilidade urbana existentes e benefícios à população em caráter permanente.

Particularmente, o evento se valeria da vizinha área portuária de atracagem de transatlânticos de turismo, como é comum em outras cidades-sedes de Jogos Olímpicos, por exemplo, próximas ao mar.

³¹⁵ www.pcrj.rj.gov.br/planoestrategico . acesso: novembro/2005.

Ademais, a proximidade ao mar poluído e a decadência de antigos usos fabris e portuários atualmente produzem uma lamentável qualidade ambiental. A ocorrência de novos estímulos revitalizadores deve propiciar uma recuperação irradiadora positiva notável. Um grande projeto urbanístico, com ênfase paisagística, produziria uma unidade compositiva de alento às atividades, inclusive as recreativas, nos bairros e áreas adjacentes. Uma intensa arborização amenizaria os impactos negativos gerados pela prevalência do rodoviarismo e do crescimento conturbado. A despoluição da baía de Guanabara “retornaria” à pauta de prioridades com conseqüências ao meio-ambiente, à saúde pública, ao lazer etc.

A realização de um grande evento esportivo naquela localidade poderia gerar um complexo habitacional – vila olímpica (ou similar, no caso de outros eventos) - com capacidade para pelo menos 10.000 pessoas na fase pós-evento, sem se contabilizar uma possível vila da mídia (de dimensões semelhantes), nenhuma das quais necessariamente concentradas, mas pulverizadas em conjuntos com edificações de até 4 pavimentos, por exemplo, em área de superfície da ordem de 40 ha ou 50 ha (ou quase “quarenta ou cinqüenta quadras de Cerdà”).

Em algumas instalações esportivas pelo mundo, a ociosidade dos estacionamentos em horários sem grandes atividades (esportivas) torna-se uma opção para o público em geral. A proximidade do Centro poderia ser uma opção interessante de estacionamento, caso houvesse uma conexão de transporte. Alguns grandes galpões existentes resultariam em instalações esportivas, ou ainda MPC e IBC, que mais tarde poderiam transformar-se em escolas, hospitais, centros comerciais e empresariais etc.

Os hospitais públicos vicinais (Hospital Souza Aguiar, Hospital Universitário Clementino Fraga, Hospital Geral de Bonsucesso, Hospital Universitário Pedro Ernesto, Instituto de Trauma-Ortopedia etc.), ao atender à exigência de existência de um hospital olímpico (ou similar, no caso de outros eventos), também poderiam se beneficiar com a oportunidade de recuperação de uma

combalida rede de hospitais (ainda que este fato particularmente não devesse ser condicionado a qualquer evento particular).

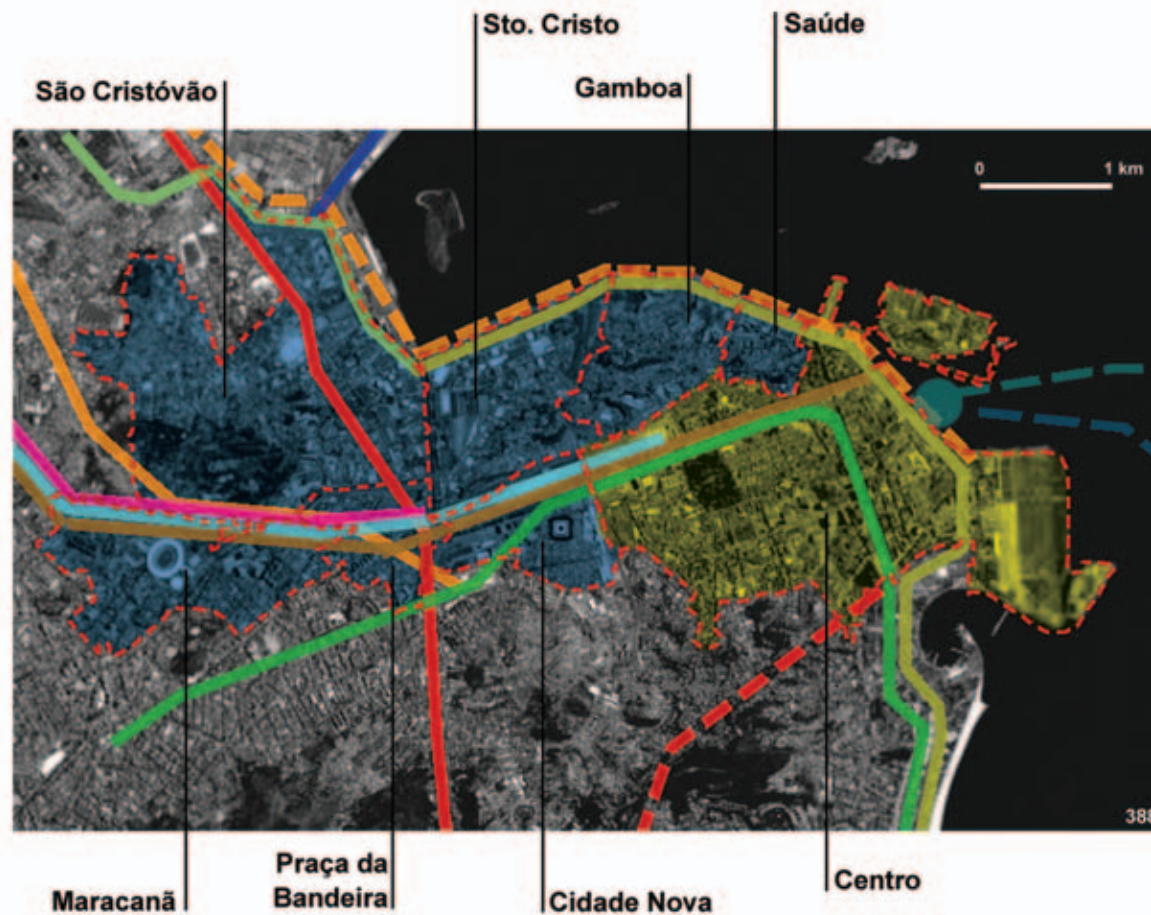
Uma nova iluminação pública permitiria a utilização mais extensiva daquela região, o aumento da sensação de segurança, a valorização fundiária, o destaque do patrimônio cultural arquitetônico e reforço do caráter simbólico. Sobre este ponto, vale lembrar que, em todas as edições dos Jogos Olímpicos, por exemplo, o estádio olímpico, as instalações esportivas, o parque olímpico, a pira olímpica etc. tendem a tornarem-se ícones urbanos, com capacidade de valorização do ambiente urbano.

Através da renovação da área, haveria ainda a possibilidade de reversão do decréscimo populacional (de 13%, no período 1991/2000) e, com alguma habilidade projetual, o parque da Quinta da Boa Vista poderia transformar-se em uma área de lazer nos moldes de um parque olímpico, talvez protagonizado pelo próprio Maracanã (localizado relativamente próximo à área), tal qual em tantos modelos organizacionais de Jogos Olímpicos, conforme visto ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa. Alguns comprometimentos nos estágios de postulação poderiam assegurar uma consciência ambiental, em relação a recursos e tecnologias exemplares, que beneficiaria o público usuário e usador.

A ênfase na habitação, inclusive de prioridade social, poderia ser o fato propulsor de uma nova feição para a área com a criação de novas demandas e, portanto, novas atividades e formas de ocupação que ensejariam, por hipótese, uma outra leitura inovadora dos Jogos Olímpicos (ou evento congênere) em cidades de países em desenvolvimento.

Em geral, unidades habitacionais criadas para as Olimpíadas, na forma das vilas olímpicas, atendem mais recentemente a um universo da ordem de 16.000 pessoas somente em números referentes às delegações. Além disso, há um semelhante número de técnicos de radiodifusão e jornalistas, sem que contabilize ainda os árbitros, dirigentes e público assistente. A

RIO DE JANEIRO (Brasil)



PRINCIPAIS VIAS

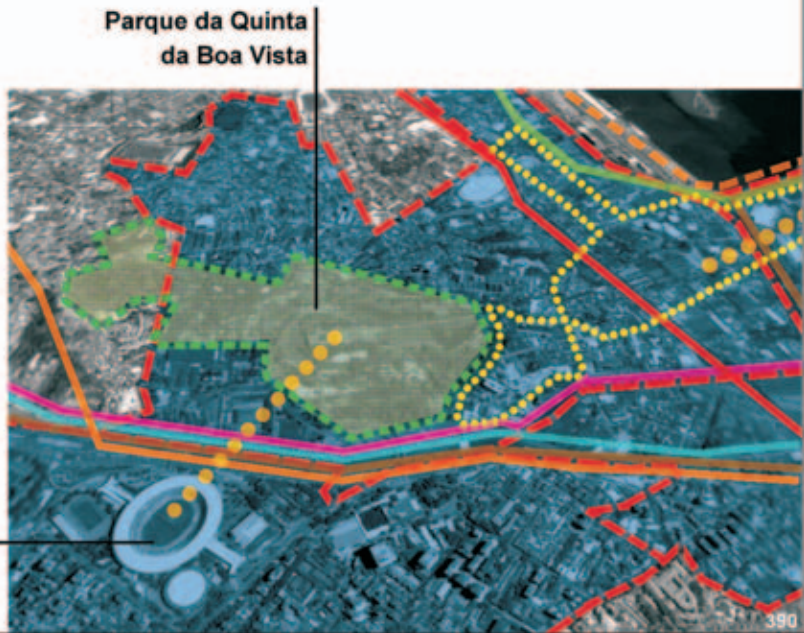
 Linha Vermelha	 Vias Perimetrais	 Metrô - Linha 1	 Trem - Central do Brasil
 Linha Amarela	 Vias Arteriais	 Metrô - Linha 2	 Trem - Leopoldina
 Avenida Brasil	 Ponte Rio-Niteroi	 Metrô (previsão)	 Barcas - Pça XV-Niteroi
 Estação Hidroviária		 Transporte Adicional (previsão)	 Barcas - Barra-Pça XV (previsão)

RIO DE JANEIRO (Brasil)



Complexo do Gasômetro

Zona Portuária



Parque da Quinta da Boa Vista

Complexo Esportivo do Maracanã

PRINCIPAIS VIAS

- | | | | | | |
|--|------------------|--|--------------------------|--|----------------|
| | Linha Vermelha | | Metrô - Linha 2 | | VLT (proposto) |
| | Avenida Brasil | | Trem - Central do Brasil | | Limite Parque |
| | Vias Perimetrais | | Trem - Leopoldina | | Limite Bairros |
| | Vias Arteriais | | | | Conexões |

partir de modelos residenciais destinados às classes médias dos países desenvolvidos, estima-se que, após o evento, os alojamentos provisórios das delegações tenham sua capacidade de número de ocupantes fortemente reduzida em algo próximo de 40%, como visto ao longo da presente pesquisa, ao transformarem-se em unidades de moradia permanente.

Por outro lado, em geral, os programas sociais, nos padrões e objetivos dos órgãos de fomento habitacional em grandes cidades de países em desenvolvimento, que não raro trabalham praticamente no limite extremo do constrangimento pessoal, em geral, estimam que uma unidade de aproximadamente 40 m² deva abrigar famílias que contam ao menos com 5 ou 6 membros.

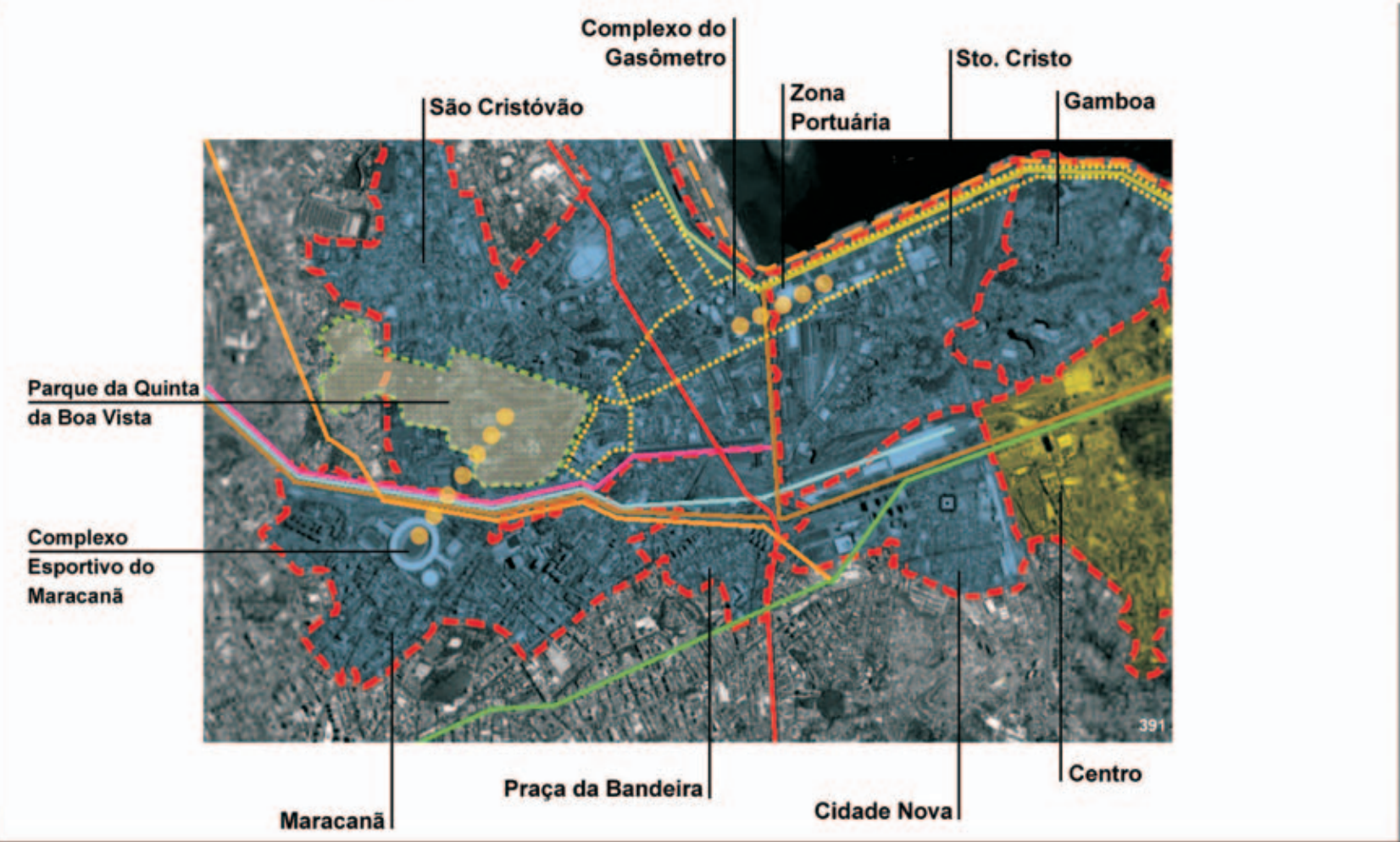
Em algum ponto, em uma faixa intermediária entre os dois modelos, sem tanto desconforto, é possível se planejar vilas residenciais associadas aos fatos esportivos que possam abrigar condignamente famílias em unidades habitacionais projetadas para atender ao período do evento e principalmente ao pós-evento.

A herança de uma urbanização revitalizadora e dinâmica poderia trazer uma ocupação mais rica, através de iniciativas: habitacionais, comerciais, turísticas e de serviços, por exemplo. Algumas intervenções no campo disciplinar do desenho urbano diminuiriam as dimensões das longas quadras existentes e as trariam a uma escala humana normalmente tida como mais adequada.

A oportunidade do evento associada àquela localização poderia determinar a recuperação de uma área com infra-estrutura subutilizada contígua ao Centro, com elementos renovadores de recuperação de áreas centrais, com particularidades de *waterfront*, e forte e imprescindível caráter social. Além disso, reforçaria uma importante centralidade, em uma zona atualmente mal aproveitada e em visível estado de degradação. Uma atitude sistêmica poderia trazer uma dinâmica positiva de “visão serial” (Cullen), através de pontualidades sedimentadas por uma

ampla infra-estrutura urbana e tratamento paisagístico, com uma carga irradiadora virtuosa contínua.

RIO DE JANEIRO (Brasil)



- PRINCIPAIS VIAS**
- Linha Vermelha
 - Linha Amarela
 - Avenida Brasil
 - Vias Perimetrais
 - Vias Arteriais
 - Metrô - Linha 1
 - Metrô - Linha 2
 - Trem - Central do Brasil
 - Trem - Leopoldina
 - ⋯ VLT (proposto)
 - ⋯ Limite Parque
 - - - Limite Bairros
 - Conexões

N

ESCALA GRÁFICA
Quadras Ensanche
Barcelona

0 100

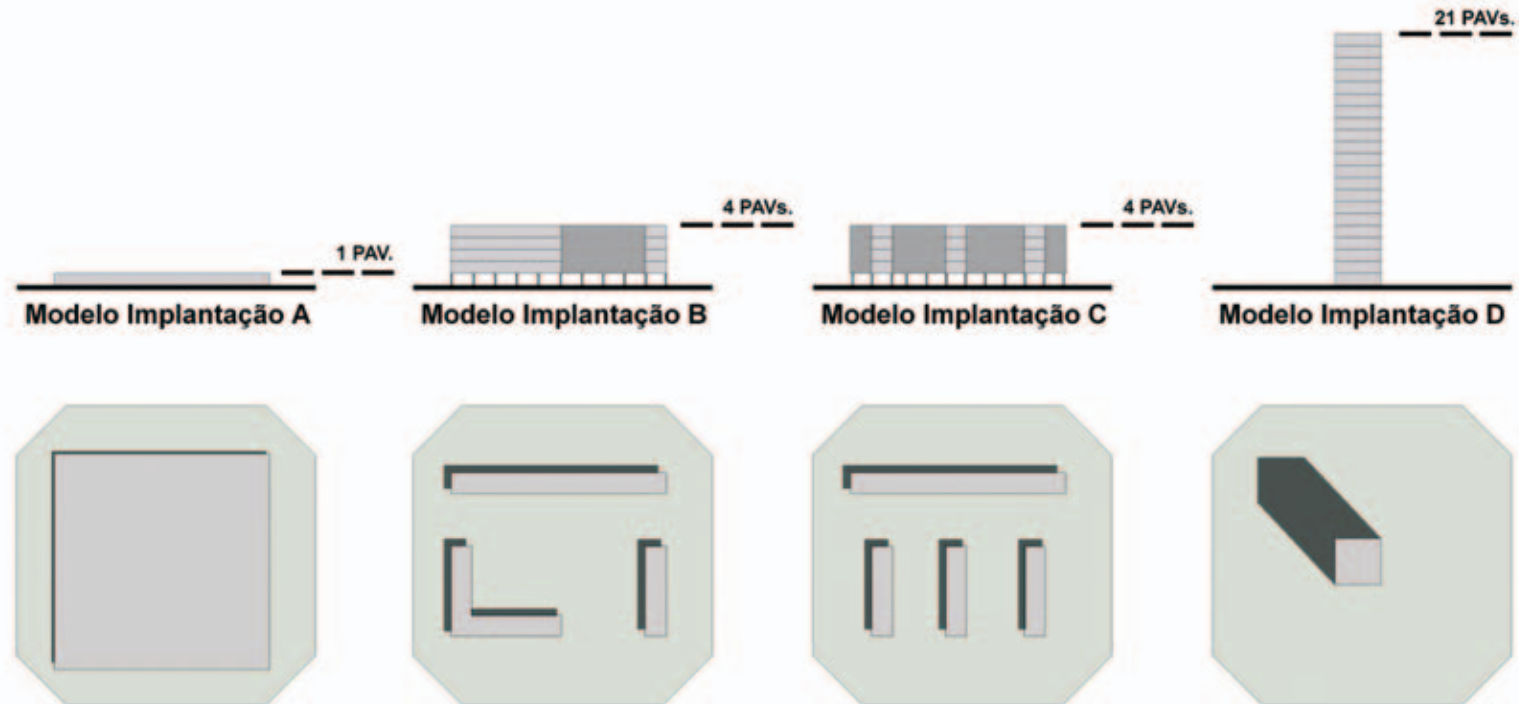
RIO DE JANEIRO (Brasil)



PRINCIPAIS VIAS

 Linha Vermelha	 Vias Perimetrais	 Metrô - Linha 1	 Trem - Central do Brasil
 Linha Amarela	 Vias Arteriais	 Metrô - Linha 2	 Trem - Leopoldina
 Avenida Brasil	 Ponte Rio-Niterói	 Metrô (previsão)	 Trem - D'ouro
 Centro da Cidade	 Aeroporto	 Transporte Adicional (previsão)	 Barcas - Pça XV-Niterói
 Estação Hidroviária			 Barcas - Barra-Pça XV (previsão)

RIO DE JANEIRO (Brasil)



IMPLANTAÇÃO - QUADRAS

ESCALA GRÁFICA
 Quadras Ensanche
 Barcelona



RIO DE JANEIRO - Eventos Esportivos

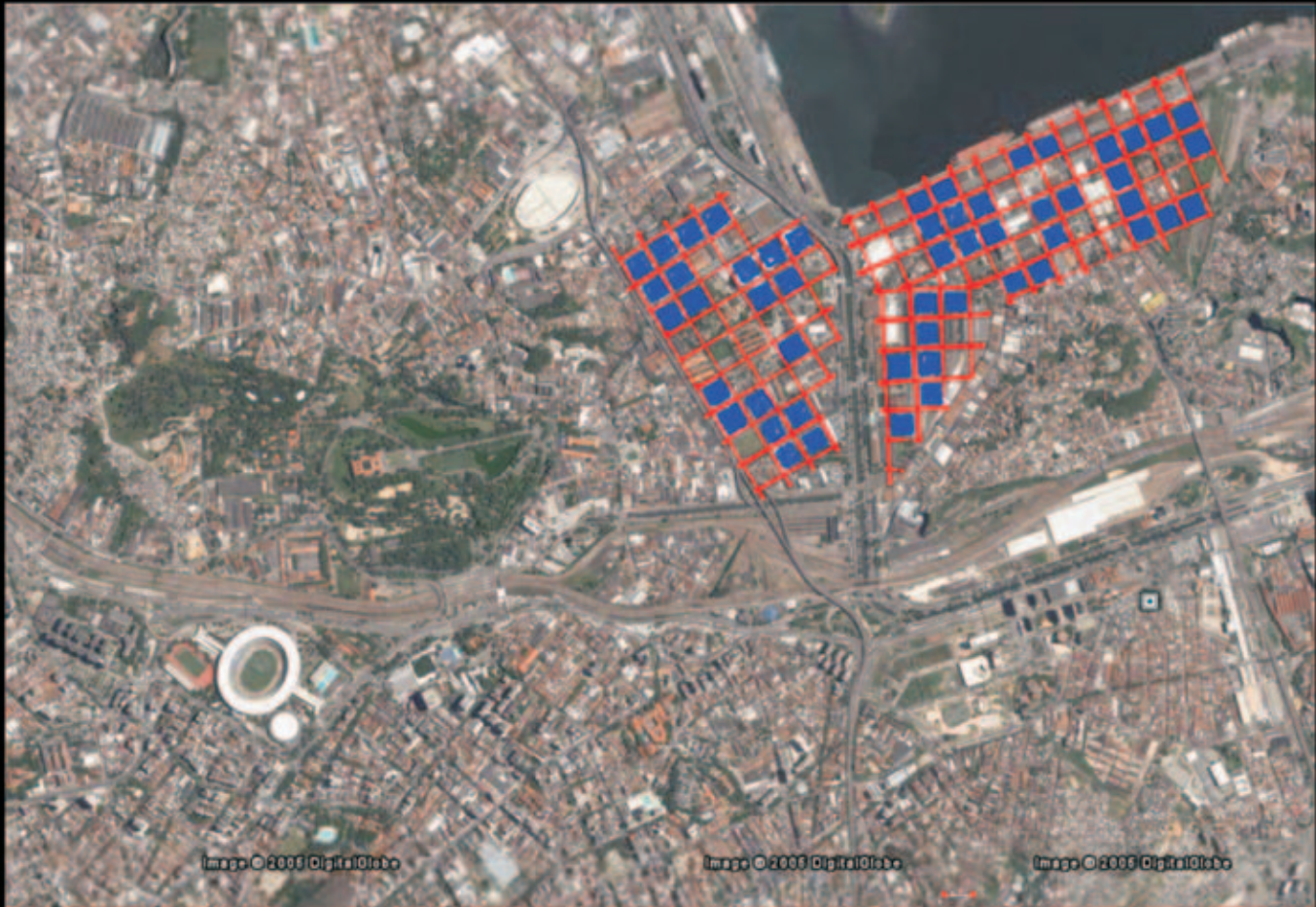


Diagrama de Intervenção

5. Conclusão Geral - Da análise histórica à aplicação prática

É fundamental e peremptório, no âmbito conclusivo desta pesquisa, reafirmar-se a necessidade de se conciliar os interesses de curto prazo do evento esportivo e as premências de longo prazo da (sua) cidade-sede e, assim, lidar com questões que remetem às carências relacionadas às infra-estruturas urbanas. Particularmente, como pode ser verificado, esta pesquisa atém-se às disciplinas que se vinculam às transformações físico-espaciais urbanas.

Lidar com esta suposta dicotomia é a questão que se interpõe no debate sustentado ao longo deste trabalho.

Como foi destacado, parte-se do pressuposto de que a questão da “permanência dos fatos urbanos” pode ser vista como uma herança indutora no processo de desenvolvimento urbano: os tais “elementos patogênicos e propulsores” considerados por Rossi. Desta forma, determinados fatos ou ações podem revelar-se como catalisadores (positivos e negativos) ou delimitadores (positivos e negativos) da configuração físico-espacial da cidade e da formação de sua imagem. Por outro lado, como também visto, à aparente sedutora lógica das formas de estruturação e veiculação do marketing urbano, juntam-se também contundentes questionamentos por parte de determinados segmentos dos planejadores urbanos (Arantes, 2000; Sánchez, 2003; Vainer, 2000) e da sociedade civil.

Argumentam os críticos do marketing urbano que as funções e os elementos atrativos das cidades contemporâneas são direcionados para extratos elitizados da população. O que, conclui-se, tornaria o fato agravante devido à inadequação de aplicabilidade sobretudo em contexto de países semiperiféricos ou subdesenvolvidos.

Mas, em realidade, que interesses empresariais globalizados que supostamente orbitam na apropriação da cidade se escondem nesta anomia urbana em que se transformaram as metrópoles brasileiras?

Certamente, a cidade não deve ser composta (exclusivamente) dos “insumos valorizados pelo capital transnacional”, mas parece haver um alarde desmedido e inoportuno, como se as concentrações urbanas em âmbito nacional estivessem se travestindo ampla e unicamente para atrair tais investimentos. Deste ponto de vista, mesmo se verdadeira a iminência do fato, o interesse deveria ser a inversão da tal lógica externa, no contexto e nos limites dos interesses (sobretudo) locais e regionais, e estabelecer uma política capaz de considerar a cada vez mais crescente tendência à exclusão e à segregação sócio-econômica.

Antes de se avançar, destaca-se, contudo, que pode haver aqui uma precipitada conclusão de que existe necessariamente uma intrínseca e unívoca relação entre a forma espacial e o processo social. Deve-se, contudo, relativizar a rigidez desta equação ao se estabelecerem pressupostos de especificidade espacial urbana inerentes a cada concentração urbana.

Assim, as carências de infra-estrutura urbana, de um lado, e a enorme ociosidade de mão-de-obra (extremamente desqualificada), de outro, sugerem que algum tipo de “compensação social” permaneça como um dos caminhos de abordagem do problema a curto prazo - nem único, nem definitivo, - principalmente se forem considerados os números de “1 bilhão de pessoas sem acesso à água potável e 2,4 bilhões de pessoas sem sistemas sanitários básicos, nos países em desenvolvimento” (PNUD, 2001). (Embora ressalte-se não haver a opção pura pelo assistencialismo imediatista e sem perspectiva de longo prazo.)

Ao se propor uma política de maior equilíbrio social, especificamente diante do contexto da configuração físico-espacial urbana, são reconhecidas as particularidades locais e evidenciadas as necessárias atenções eqüitativas de reconhecimento e justiça social, conforme sintetizado

através do pensamento de Amartya Sen: “o desenvolvimento humano como expansão da liberdade”. Deve-se objetivar ações neste âmbito que democratizem benefícios, combatam a segregação socioespacial e assegurem o direito aos serviços públicos.

O equilíbrio necessário a uma formulação pragmática, precipuamente vinculada à espacialidade pública, deve estar também estruturado em condutas que assegurem a possibilidade de pluralidade de convivências (sócio-econômicas, raciais, etárias etc.) e concomitante maximização qualitativa e quantitativa de usos. Como visto anteriormente, parcelas diferenciadas da população devem ser consideradas na definição do espaço urbano, tornando-o mais democrático em sua concepção e existência.

Sem que se pretenda dispersar dos objetivos relacionados a este estudo, a intenção de uma revisão crítica da questão social e urbana é assegurar uma linha conceitual que permita a formulação de um viés estimulante de significância à cidade e aos seus usuários: a “metodologia de impulso ideológico” (Argan, 2000), mas, destacadamente, vinculada aos estímulos catalisados pela ocorrência de um grande evento esportivo. Intenciona-se, antes de mais nada, a alocação de recursos para a promoção do bem e da justiça social, a partir do estímulo deste “fato localizado”.

Conforme anteriormente exposto, a participação da administração pública é fundamental na direção propositiva e executiva da gestão, além de garantir seu caráter de agente regulador. Seu papel de chancela é insubstituível e assegura a continuidade dos interesses públicos.

Nos casos em que a presença da iniciativa privada se manifesta, - embora, seus objetivos sejam distintos daqueles perseguidos pela administração pública, - seu caráter de complementaridade pode assegurar qualidade de resultados, se convenientemente observados, administrados, regulados e induzidos a partir da perspectiva coletiva das prioridades urbanas. Por vezes, por desinformação ou preconceção política, ignora-se ou rechaça-se esta variável como um fator de influência positiva inegável na conformação da cidade contemporânea.

No contexto específico dos Jogos Pan-Americanos (2007) – e no caso (frustrado) da escolha do Rio de Janeiro, como cidade-sede, para organização dos Jogos Olímpicos 2004 e 2012 – fica evidente que cada intervenção relativa ao espaço urbano deve (ou deveria) considerar a herança pós-evento, ao promover-se centralidades que justifiquem alguma contribuição real para a estruturação local com efeitos irradiadores futuros que promovam maior qualidade do espaço urbano (ainda que provavelmente em determinadas centralidades específicas).

Como percebido ao longo do presente trabalho, em geral, do ponto de vista da presença urbana, os grandes estádios esportivos transformam-se em testemunhos do passar dos anos. Atuam como “catedrais” destes tempos atuais, locais de prática das crenças, convicções e paixões, onde a racionalidade plena não se conforma.

Estes cenários dos esportes se espalham pelo espaço urbano, tão grandes quanto quase “cinco, seis ou sete quadras de Cerdà”, e se rivalizam na presença ostensiva com os (seus atualmente contemporâneos) *shopping-centers*. Seus programas arquitetônicos tendem a definir uma grande massa cuja inserção urbanística deve ser cuidadosamente planejada.

Em geral, as instalações esportivas formam enormes e quase intransponíveis barreiras que demandam naturalmente estudos de impacto ambiental importantes, pois, principalmente quando isolados, podem ser tão monumentais quanto um Coliseum ou tão desagregadores do ponto de vista físico-espacial quanto um Maracanã.

Em realidade, este objeto arquitetônico, em sua essência, é um elemento quase autônomo e independente que, muitas vezes, busca entrosar-se com a estrutura urbana, através da intermediação do desenho urbano de seu entorno próximo. A solução alternativa desenvolvida com o passar do século XX, materializada através de implantações em contextos de parque urbano, parece minimizar as dificuldades de embarreamento de circulação causadas “pela sua

existência”. Os acessos ao (e saídas de) seu interior são atenuados na costura da trama viária da região de entorno com o gigante edifício (esportivo).

Nestes lugares, as dimensões superlativas inerentes às instalações esportivas melhor se conformam através de uma “visão serial” mais amenizadora, onde o espraiamento transitório (em meio a áreas predominantemente livres) auxilia o diálogo do objeto arquitetônico com os demais elementos conceituais e morfológicos constituintes da cidade.

Como visto, alguns parques urbanos conformam-se através de modelos típicos, protagonizados por edificações (ainda que com outros fins institucionais), e foram ilustrados neste trabalho, com o propósito de estabelecer uma correlação de escalas e exemplificar uma similaridade de inserção urbana.

Nestes casos, a própria edificação esportiva, objeto arquitetônico indesejado em determinados contextos, pode tornar-se a referência ao convívio, à segurança emocional e ao relaxamento, através do “engajamento com o meio” (Carr et alii). Pois a seu reboque, pode haver um sem-número de artefatos de lazer como calçadões, canteiros, ciclovias, playgrounds etc., como descrito nas seções dedicadas à morfologia urbana nesta pesquisa.

Os diversos parques ou centros olímpicos considerados nesta narrativa dão uma boa noção do que significa o atributo de permanência urbana. Alguns, em função das dimensões de suas estruturas ocupadas ou construídas, são compreensivelmente inalteráveis ou intangíveis ao longo do tempo: Munique (1972), Montreal (1976), Seul (1988), Barcelona (1992) etc., posto que transformaram-se em marcos urbanos importantes - vide a análise destas edições Olímpicas.

Outros, a despeito das relativamente pequenas dimensões, mas, sobretudo, em função da força e expressividade de suas linhas arquitetônicas e urbanísticas, permanece(ra)m rigidamente constituídos como: o estádio Panathinaiko (1896) e o conjunto de Berlim (1936).

Em outras situações, as instalações esportivas servem como âncoras de uma estrutura esportiva, embora adaptada às peculiaridades ou preferenciais esportivas locais, como em Melbourne (1956), ou vinculada a uma questão ambiental mais urgente, como na precocemente densa Tokyo (1964).

Há casos, por exemplo, como o estádio de Wembley (1948), em que a obsolescência das instalações, apesar de constituir-se como uma limitação arquitetônica, não é propriamente um empecilho àquela atividade e torna-se até mesmo um “fixador” de um tipo de setorização urbana.

Como se sabe, um novo estádio de Wembley será reinaugurado (com previsão inicial para 2006) exatamente naquele local. (Conforme já abordado, o caso do Maracanã, sede da Copa do Mundo de Futebol (1950), pode tornar-se também emblemático deste exemplo, se realmente for demolido e, como se cogita, reerguido com novos recursos arquitetônicos e tecnológicos naquele mesmo sítio.)

Há exemplos em que as reformas das velhas estruturas são somente interiores (essencialmente adaptativas), como no caso do estádio olímpico de Barcelona (1992) e o estádio do Maracanã (2006). Em outros, uma forte alteração é necessária, inclusive nas linhas gerais exteriores. Neste caso, o fato mais recente e importante talvez seja o do estádio olímpico de Atenas (2004) em que o arquiteto Santiago Calatrava teve a oportunidade de reimprimir uma nova imagem de uma edificação que se tornaria um dos símbolos daquela edição dos Jogos, a partir de uma arrojada cobertura que se lança por sobre o estádio existente e avança ostensivamente em suas extremidades até o solo.

Além disso, seja através da força projetual das instalações permanentes (quase pioneiras, pela grandeza) dos recorrentes Jogos Olímpicos de Berlim (1936), passando através de toda a história olímpica, até o arrojado das estruturas previstas para os Jogos Olímpicos de Pequim (2008)

e Londres (2012), há uma idéia interessante da imagem que se pretende veicular através de um grande evento esportivo.

O receio do impacto dos megaeventos na estrutura urbana trouxe a necessidade de compensação ou de reversão de algumas situações existentes. Em linhas gerais, a qualidade positiva ou negativa das intervenções propostas deve-se, principalmente: a) ao nível e capacidade de planejamento, incluindo previsão concreta dos efeitos das repercussões urbanas; b) à adequação da compatibilização das soluções para os problemas (ambientais, de infra-estrutura, morfológicas, sociais etc.) da cidade-sede e das necessidades específicas do evento esportivo e c) aos atributos do conjunto das intervenções arquitetônicas e urbanísticas projetadas e implementadas.

A oportunidade, entretanto, se realmente factível e desejável financeira, social, ambientalmente etc., sem maiores prejuízos das prioridades estruturais de uma cidade e de sua população, deve ser aproveitada. Deve-se atentar para o fato de que a injeção de recursos financeiros, face à grandiosidade do evento, pode ser imensa.

Como amplamente documentado, a possibilidade de recuperação de áreas subutilizadas é outro ponto positivo que pode ser estimulado por um evento desta natureza, assim como o reforço de centralidades pode estruturar e consolidar novas formas de ações, ocupações, utilizações etc. de interesse da cidade e de sua população, como em Seul (1988), Barcelona (1992), Sidney (2000) etc.

Por fim, o legado urbanístico estimulado pela realização de um grande evento esportivo é a real contribuição que se pode esperar na requalificação de seus ambientes. Não parece plausível, nem possível que a prioridade esteja centrada tão-somente em um evento que se estende por uns poucos dias ou semanas, a despeito de um contexto em que há necessidade de providências importantes e urgentes.

Ao longo da presente pesquisa, foram apresentadas diferentes formas de apropriação do espaço urbano estimuladas por força da realização de um grande evento esportivo. Os Jogos Olímpicos, em função de sua dimensão e magnitude, parecem ser o melhor exemplo, embora o mais difícil de levar-se adiante (pelas mesmas razões). Sua história, desenvolvida nesta pesquisa, permite a visualização da correlação entre o grande evento esportivo e a questão urbanística.

As prioridades de uma cidade são sempre um tema controverso, evidentemente. No entanto, a anomia urbana que se apresenta nas grandes cidades típicas dos países em desenvolvimento, como no caso de tantas latino-americanas, parece ser uma oportunidade factível de bem vindar fatos aglutinadores que minorem problemas relacionados à infra-estrutura urbana e requalifiquem o ambiente urbano.

Os custos proibitivos do evento, entretanto, tornam-no pouco factível, se intencionados a realizarem-se através de recursos públicos, no caso dos países em desenvolvimento. Embora não seja objetivo desta pesquisa discutir as questões financeiras relacionadas ao tema, mas para se compreender melhor a afirmação anterior, os gastos relativos aos Jogos Olímpicos de Pequim a serem realizados em 2008, são estimados em US\$ 32 bilhões, incluindo toda a infra-estrutura urbana, além das instalações arquitetônicas necessárias. De outro lado, o governo Federal do Brasil, segundo o orçamento geral da união (2005), através do Ministério da Saúde despenderá R\$ 32,8 bilhões, e o Ministério da Educação, R\$ 7,2 bilhões, em custeios e investimentos para todo o país, ao longo do ano de 2005.

A área de intervenção relativa ao parque olímpico de Pequim, cidade-sede dos próximos Jogos Olímpicos, por exemplo, de aproximadamente 1.159 ha equivaleria a atuação de um programa urbanístico como o Projeto Rio Cidade em cerca de 7 ha em todos os bairros de uma cidade como o Rio de Janeiro. Ou ainda, quase cerca de três vezes a área de um grande bairro

como Copacabana (de aproximadamente 400 ha) ou outros quase quatro bairros como o de um bairro de porte médio como Ipanema (de aproximadamente 300 ha). Como se pode inferir, embora a intervenção em si pareça desejável, os custos são de fato significativos se relativizados e reportados às superfícies cogitadas.

Desta forma, interesses privados podem (e devem) viabilizar uma parte realmente significativa da infra-estrutura necessária, através de parcerias desvinculadas das fontes ordinárias. Salienta-se, entretanto, que a presença reguladora do Estado tenderá a assegurar o atendimento das prioridades mais urgentes da cidade-sede e de sua população. Afinal, cabe às gestões públicas, relativizadas às dimensões territoriais, desenvolver estratégias que equacionem e respeitem ações que se remetam às características e necessidades de cada segmento organizacional urbano.

Tão importante quanto o momento adequado para a aspiração à uma candidatura à sede de um grande evento esportivo é compreender que benefícios podem ser implementados na cidade, a partir de suas características e de sua população. As oportunidades latentes devem ser analisadas, a partir da multidisciplinaridade técnica, e a oportunidade do efeito catalisador ser utilizada com competência técnica e responsabilidade social. Desta forma, o conceito de “cidade-síntese”, aos poucos, poderá se transformar na materialização de um novo patamar de qualidade e imageabilidade urbana absolutamente distanciado da idéia de standardização de uma forma meramente atrativa e também das condições de precariedade da qualidade da forma urbana das cidades consideradas.

Como visto, sedimentado em bases sólidas (sem a sobrecarga das contas públicas) com ênfase na infra-estrutura físico-espacial urbana, o megaevento esportivo pode servir como

estímulo aos objetivos de requalificação da forma urbana de sua cidade-sede, inclusive em típicas grandes cidades dos países em desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

Abad, Josep Miquel e Pahissa, Miquel Botella. The Keys to Success – The Social, Sporting, Economic and Communications Impact of Barcelona’92, Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 1995.

Abrams, Harvey, Mito y Realidad in La Vanguardia, 08 de agosto de 2004.

Abreu, Maurício. Evolução urbana do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Iplanrio, 1997.

Acselrad, Henri (org.). A duração das cidades: Sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

Ajuntament de Barcelona. Barcelona – 4 Visions. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1994.

Alexander, Christopher et alii. Pattern Language. New York: Oxford University Press, 1977.

Andranovich, Greg (et alii). Olympic Cities: Lessons Learned from Mega-Event Politics in Journal of Urban Affairs, 2001, volume 23, número 2, p. 113-131.

Arantes, Otília B. Fiori. “Uma estratégia fatal” in A cidade do pensamento único. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Argan, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Argan, Giulio Carlo. Projeto e destino. São Paulo: Editora Ática, 2000.

Ashworth, Gregory & Voogd, Henk. Selling the City: Marketing Approaches in Public Sector Urban Planning. London: Belhaven Press, 1990.

Atlanta Committee for the Olympic Games (ACOG). The Official Report of the Centennial Olympic Games Vol. I – Planning and Organizing. Atlanta: Atlanta Comitee for the Olympic Games (ACOG), 1996.

Australian Tourist Commission. Olympic Games Tourism Strategy. <http://www.atc.net.au> , acesso: fevereiro/2001.

Bachelard, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2000.

Bachelard, Gaston, A formação do espírito científico, Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1999.

Bacon, Edmund. Design of Cities, New York: Penguin Books, 1976.

Balbo, Marcello (et alii) (org.). La Ciudad Inclusiva. Santiago: Cepal (Comisión Econômica para América Latina y el Caribe), 2003.

Barnye, Robert K.. The Olympic Legacy of Wealth: A Double Edged Sword in Moragas, Miquel de (ed.). Op. cit., 2003.

Baudrillard, Jean. The System of Objects in Thackara, John (org.). Design After Modernism. New York: Thames and Hudson, 1988.

Beijing Municipal Commission of Urban Planning. Brief of General Layout of Olympic Green, <http://www.bjghw.gov.cn> , acesso: outubro/2005.

Benévolo, Leonardo. História da cidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª. Edição, 1999.

Borja, Jordi e Castells, Manuel. Local y Global – La Gestión de las Ciudades en la Era de La Información. Madrid: Taurus, 1997.

Borja, Jordi. Ciudad y Planificación – La Urbanística para las Ciudades de América Latina in Balbo, Marcello (et alii) (org.). La Ciudad Inclusiva. Santiago: Cepal (Comisión Económica para América Latina y el Caribe), 2003.

Bourdin, Alain. A questão local. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

British Olympic Association (BOA). Response to the Questionnaire for Cities Applying to Become Candidate Cities to Host the Games of the XXX Olympiad and the Paralympic Games in 2012 – London 2012. Londres: British Olympic Association (BOA), 2004.

Burbank, Matthew J., Andranovich, Gregory e Heying Charles H.. Olympic Dreams – The Impact of Mega-Events on Local Politics, Boulder (Colorado, EUA): Lynne Rienner Publishers, Inc., 2001.

Cáceres, Rafael de. The Strategy for Intervention in the Public Spaces of the City of Barcelona in Cáceres, Rafael de et al (ed.). Barcelona Public Space, Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1995.

Canclini, Néstor García. Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

Carlos, Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo na metrópole. A fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

Cardoso, Adauto Lucio e Britto, Ana Lucia. Sustentabilidade e justiça ambiental – O caso da região metropolitana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n.i.

Carr, Stephen et alii. Public Space. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

Cashman, Richard. Cap. 16 – Legacy. in Cashman, Richard. Staging the Olympics: The Event and its Impact, UNSW, 1999.

Cashman, Richard. “What is “Olympic Legacy?”” in Moragas, Miquel de (ed.). The Legacy of the Olympic Games 1984-2000, Lausanne: International Olympic Committee, 2003.

Cashman, Richard. Impact of the Games on Olympic Host Cities. Centre d’Estudis Olímpics (UAB), 2003.

Castells, Manuel. A Sociedade em rede in A era da informação: Economia, sociedade e cultura – vol. I, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

Castrogiovanni, Antonio C. (org.). Turismo urbano. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

Chalip, Lawrence. “Tourism and the Olympic Games” in Moragas, Miquel de (ed.). The Legacy of The Olympic Games 1984-2000, Lausanne: International Olympic Committee, 2003.

Chernushenko, David (et alii). Sustainable Sport Management – Running an Environmentally, Socially and Economically Responsible Organization. Nairobi: United Nations Environment Programme (UNEP), s/d.

Choay, Françoise. O urbanismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 5ª. edição, 1998.

Chomsky, Noam. Controle da mídia: Os espetaculares feitos da propaganda. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2003.

Cidades, Ministério das. Cadernos MCidades desenvolvimento urbano: Política nacional de desenvolvimento urbano, 2004, p. 18 (www.cidades.gov.br , acesso: janeiro/2006).

Comitê de Candidatura aos Jogos Pan-Americanos. Rio de Janeiro – Candidate City, 2007 – Pan American Games. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro, 2002.

Comitê Olímpico Brasileiro. Manual de procedimentos para postulação de cidade brasileira aspirante à sede dos Jogos Olímpicos de 2012. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro, 2002.

Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro Candidate to Host the XXVIII Olympic Games in 2004. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro, vol. 1, 2 e 3, 1996.

Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro cidade postulante – Jogos Olímpicos 2012, 2003, vol. 3.

Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro Olympic Bid – Candidature Acceptance Proposal to Host the 2012 Olympic and Paralympic Games, 2003.

Comitê Organizador de los Juegos de la XIX Olimpiada. Official Report – México, 1968.

Compans, Rose. “Cidades sustentáveis, cidades globais. Antagonismo ou complementaridade?” in A duração das cidades, sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

COOB`92. Memória Oficial de Los Juegos de la XXV Olimpiada Barcelona 1992. Barcelona: COOB`92, 1992, vol. I, II e III.

Costa, Liz Helena Ignácio. Internacionalização de empresa e adaptação do mix de marketing: Um estudo de caso no mercosul. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Coppead/UFRJ, 1998.

Costa, Lucia Maria Sá Antunes. Popular Values for Urban Parks: A Case Study of the Changing Meanings of Parque do Flamengo in Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. London: University College London, 1993.

Costa Ribeiro, Carlos Antonio. Desigualdade de renda, pobreza e estrutura de classes in Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Desenvolvimento humano e condições de vida na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos – Diretoria de Informações Geográficas, 2004, <http://www.pcrj.rj.gov.br> , acesso: setembro/2005.

Cullen, Gordon. Paisagem urbana, São Paulo: Martins Fontes, 1971.

Cury, Isabelle. Cartas patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

Davidovich, Fanny. Metrópole e contemporaneidade, Algumas Pontuações in Carlos, Ana Fani Alessandri e Lemos, Amália Inês Geraiges (Org.). Dilemas urbanos: Novas abordagens sobre a cidade, São Paulo: Editora Contexto, 2003.

Del Rio, Vicente. Em busca do tempo perdido. O renascimento dos centros urbanos in www.vitruvius.com.br, nov./2000, Texto Especial 028.

Del Rio, Vicente. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento, São Paulo: Pini, 1990.

Del Rio, Vicente et alii (Org.). Projeto do lugar. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

Dominguez, José Maria Ezquiaga. Projetos de transformação urbana na Madri do fim do século in Abramo, Pedro (Org.). Cidades em transformação: Entre o plano e o mercado. Experiências internacionais em gestão do uso do solo urbano, Rio de Janeiro: Editora Lidador Ltda., 2001.

Duarte, Cláudio Roberto. O enigma claro da cidade no 3º. milênio in Carlos, Ana Fani Alessandri. Dilemas urbanos – Novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

Egidio, Dansero (et alii). “Spatial and Environmental Transformations Towards Torino 2006: Planning The Legacy of the Future” in Moragas, Miquel de (ed.). The Legacy of The Olympic Games 1984-2000, Lausanne: International Olympic Committee, 2003.

Emelianoff, Cyria. “Lês Villes Durables, l'émergence de nouvelles temporalités dans de vieux espaces urbains” in Ecologie Politique no. 13, Paris, 1995.

Emelianoff, Cyria. A noção de cidade sustentável no contexto europeu: Alguns elementos de enquadramento. Série Estudos e Debates nº 42.

Essex, Stephen e Chalkley, Brian. “The Infrastructural Legacy of the Summer and Winter Olympic Games: A Comparative Analysis” in Moragas, Miquel de (ed.). The Legacy of the Olympic Games 1984-2000, Lausanne: International Olympic Committee, 2002.

Farias Filho, José Almir. Qualidade da Forma Urbana em Planos de Ordenamento Espacial – Os Casos dos Bairros da Urca e Barra da Tijuca. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ-FAU-PROURB, 1997.

French National Olympic Committee (CNOSF). Replies to the Questionnaire for Cities Applying to Become Candidate Cities to Host the Games of the XXX Olympiad in 2012. Paris: French National Olympic Committee (CNOSF), 2004.

Freud, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Volume XVIII (1920-1922), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1969.

Gomes, Paulo César da Costa. A condição urbana. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2002.

Goytre, Felix Arias. Concertações e operações urbanas: A experiência espanhola in Abramo, Pedro (Org.). Cidades em transformação: Entre o plano e o mercado. Experiências internacionais em gestão do uso do solo urbano, Rio de Janeiro: Editora Lidador Ltda., 2001.

Gratton, Chris (et alii). “The Role of Major Sports Events in Gratton, Chris (et alii) (ed.) the Economic Regeneration of Cities” in Sport in the City – The Role of Sport in Economic and Social Regeneration, London e NY: Routledge, 2001.

Habermas, Jurgen. Pensamento Pós-Metafísico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

Hall, C. Michael. A tomada de decisão política e o planejamento centralizado – Darling Harbour, Sidney in Tyler Ducan (et alii) (org.). Gestão de turismo municipal – Teoria e prática de planejamento turístico nos centros urbanos, São Paulo: Editora Futura, 2001.

Hall, Michael C.. Imaging, Tourism and Sports Event Fever in Sport in the City – The Role of Sport in Economic and Social Regeneration, London e NY: Routledge, 2001.

Habraken, N. J.. The Structure of the Ordinary. Massachusetts: The MIT Press, 1998.

Harvey, David. A justiça social e a cidade. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

Harvey, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

Heinemann, Klaus. “The Olympic Games: Short-Term Economic Impacts or Long-Term Legacy?” in Moragas, Miquel de (ed.). The Legacy of the Olympic Games 1984-2000, Lausanne: International Olympic Committee, 2003.

Hertzberger, Herman. Lições de Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Holcomb, Briavel. Marketing the Cities for Tourism in Judd, Dennis R. e Fainstein, Susan S. (ed.). The Tourist City. EUA: Yale University Press, 1999.

Houaiss, Antonio e Villar, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

International Olympic Committee. Report by the IOC Candidature Acceptance Working Group to the IOC Executive Board, Lausanne, 2004.

International Olympic Committee – Sport and Environment Commission. Olympic Movement's Agenda 21 – Sport for Sustainable Development, 1999, <http://www.olympic.org>, acesso: agosto/2004.

InterVistas Consulting Inc.. The Economic Impact of the 2010 Winter Olympic and Paralympic Games, 2002, <http://www.mcaaws.gov.bc.ca> , acesso: junho/2003.

Isenbeck, Ludwig. La Escultura en el Estadio Olimpico in Revista Juegos Olímpicos 1936 – Organo Oficial de los XI Juegos Olímpicos de Berlin 1936,(trad.), 1936.

Istanbul Olympic Bidding Committee. Olympist – The Meeting of Continents – Istanbul 2012 – Applicant City. Istanbul: Istanbul Olympic Bidding Committee, 2004.

Jacobs, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Jáuregui, Jorge Mario. Megacidades, exclusão e mundialização – Desde o ponto de vista da América Latina, <http://www.jauregui.arq.br> , acesso: maio/2004.

Jorgensen Jr., Pedro. Cinco notas A-sistemáticas sobre as operações urbanas in Abramo, Pedro (Org.). Cidades em transformação: Entre o plano e o mercado. Experiências internacionais em gestão do uso do solo urbano, Rio de Janeiro: Editora Lidador Ltda., 2001.

Judd, Dennis R. e Fainstein, Susan S.. Global Forces, Local Strategies, and Urban Tourism in Judd, Dennis R. e Fainstein, Susan S. (ed.). The Tourist City. EUA: Yale University Press, 1999.

Kittrell, Steven. “The Olympic Village of Sidney 2000“ in Moragas, Miquel de. Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.

Klein, Naomi. Sem logo: A tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Koolhaas, Rem e Mau, Bruce. Small, Médium, Large, Extra-Large, New York: Monacelli Press, 1995.

Kotler, Philip at al. Attracting Investment, Industry, and Tourism to Cities, States, and Nations. New York: The Free Press, 1997.

Koulouri, Christina (edited by). Archives and History of the Hellenic Olympic Committee. Athens: International Olympic Academy, 2002.

Jornal “O Globo”.

Jornal “Folha de São Paulo”.

Lacaze, Jean Paul. Os métodos do urbanismo. São Paulo: Papyrus Editora, 1993.

Lamas, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Law, Christopher. Urban Tourism. London: Continuum Books, 2002.

Lenskyj, Helen. Green Games or Empty Promises? Environmental Issues and Sidney 2000 in Fourth International Symposium for Olympic Research, Ontario, 1998.

Lessa, Carlos. O Rio de todos os Brasis [Uma reflexão em busca de auto-estima]. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

Levy, Evelyn. Democracia nas cidades globais. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

Lojkine, Jean. O estado capitalista e a questão urbana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Los Angeles Olympic Organizing Committee. Official Report of the Games of the XXIIIrd Olympiad Los Angeles, 1984, vol. 1 – Organization and Planning, Los Angeles: Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1984.

Lynch, Kevin. A boa forma da cidade, Lisboa: Edições 70 Lda., 1999.

Lynch, Kevin. A imagem da cidade, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Lynch, Kevin. Good City Form, Massachusetts: MIT Press, 1984.

Marcus, Clare Cooper e Francis, Carolyn (edit.). People Places – Design Guidelines for Urban Open Space. New York: Joh Wiley & Sons, Inc., 1998.

Martins, Ângela (org.). Espaço turístico – Qualidade e sustentabilidade, Rio de Janeiro: Editora Booklink Publicações, 2001.

Meyer, Regina Maria Prosperi. “O espaço da vida coletiva” *in*: O centro das metrópoles: Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2001.

Mezo, Franz. Olímpia Antes Y Ahora *in* Juegos Olímpicos 1936. Berlim: Órgano Oficial de la Comision de Propaganda de Los XI. Juegos Olímpicos de Berlim 1936.

Millet, Lluís. Olympic Villages after the Games *in* Moragas, Miquel de. Olympic Villages - Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences, Lausanne: International Olympic Committee, 1996.

Ministério do Meio Ambiente e Consórcio 21 (IBAM, ISER e REDEH): Cidades sustentáveis - Subsídios à elaboração da agenda 21 brasileira, Brasília, 2000.

Moragas, Miquel de. Olympic Villages: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.

Moscou 2012 Bid Committee. Response to the Questionnaire for Cities Applying to Host the Olympic Summer Games in 2012. Moscou: Moscou 2012 Bid Committee, 2004.

Mumford, Eric. The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960. Massachusetts: The MIT Press, 2002.

Muñoz, Francesc. Historic Evolution and Urban Planning Typology of the Olympic Games in Moragas, Miquel de. Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.

National Olympic Committee for Germany. Application to Become Candidate City to Host the Games of the XXX Olympiad and the XIV Paralympic Games 2012. Leipzig: National Olympic Committee for Germany, 2004.

National Organizing Committee. Official Report - XV Olympiad Helsinki 1952, 1954.

Nogueira, Mauro Neves. A idéia do edifício em James Stirling. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ-FAU-PROARQ, 1999.

Oliveira, Flávia Arlanch Martins de (org.). Globalização, regionalização e nacionalismo. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

Olympic Games Study Commission. Interim Report to the 114th IOC Session. Mexico, 2002.

Olympic Games Study Commission. Report to the 115th IOC Session. Praga, 2003.

Organising Committee of the Olympic Games. Games of the XXI Olympiad – Montreal 1976, vol. 1, 1978.

Organizing Committee of the Olympic Games. The Games of the XVIII Olympiad Tokyo 1964 – The Official Report of the Organizing Committee.

Organizing Committee of the Olympic Games. Official Report – Rome - Olympic Games 1960.

Organizing Committee for the XIV Olympiad – London – 1948. The Official Report of the Organising Committee for the XIV Olympiad, 1948.

Organizing Committee of the Olympic Games. XV Olympiad Helsinki 1952, 1954.

Organizing Committee of the Olympic Games. XXII Olympiad, Volume 2 - Organisation, 1980.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro e o Favela-Bairro. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos – Diretoria de Informações Geográficas, 2002, <http://www.pcrj.rj.gov.br> , acesso: dezembro/2005.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Os dados mais recentes sobre a população de favelas na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos – Diretoria de Informações Geográficas, 2002, <http://www.pcrj.rj.gov.br> , acesso: setembro/2005.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - Iplanrio. Rio Cidade: O urbanismo de volta às ruas. Rio de Janeiro: Mauad Consultoria e Planejamento Editorial Ltda., 1996.

The Organizing Committee of the XVI Olympiad. The Official Report of the Organizing Committee for the Games of the XVI Olympiad – Melbourne 1956, 1956.

Parker, Robert E.. Las Vegas – Casino Gambling and Local Culture in Judd, Dennis R. e Fainstein, Susan S. (ed.). The Tourist City. EUA: Yale University Press, 1999.

Pesavento, Sandra Jatahy. Exposições universais – Espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Editora Ucitec, 1997.

Pesquisa Integrada do Departamento de Análise e Representação da Forma, FAU-UFRJ. Caderno didático introdução ao estudo da forma arquitetônica. www.fau.ufrj.br (julho 2005).

Petrocchi, Mário. Gestão de pólos turísticos. São Paulo: Editora Futura, 2001.

Pinho, Rodrigo César Rebello. Teoria geral da constituição e direitos fundamentais. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

Piquet, Rosélia (org.) Rio de Janeiro, perfis de uma metrópole em mutação. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2000.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Os dados mais recentes sobre a população de favelas na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos – Diretoria de Informações Geográficas, 2002, <http://www.pcrj.rj.gov.br> , acesso: setembro/2005.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Plano estratégico da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1995.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Cadernos do patrimônio cultural: Áreas portuárias - nº 4/5. Rio de Janeiro. 1994.

PricewaterhouseCoopers. European Economic Outlook, junho/2004, (www.pwcglobal.com :acesso: março/2005).

Puente, Moisés. Pavilhões de exposições – 100 anos. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2000.

Ramirez, Ronaldo. Ciudad y Pobreza – El Paradigma Cualitativo de La Pobreza Urbana in Balbo, Marcello (et alii) (org.). La Ciudad Inclusiva. Santiago: Cepal (Comisión Económica para América Latina y el Caribe), 2003.

Relph, Edward. A paisagem urbana moderna. Rio de Janeiro: Edições 70 Lda., 1987.

Revista Juegos Olímpicos 1936 – Organo Oficial de los XI Juegos Olímpicos de Berlin 1936 (trad.), 1936.

Revista Barcelona olímpica, nºs 8, 15, 16, 19 e 29.

Revista Domus, nº 860, julho/2003, e nº 872, julho-agosto/2004.

Revista l'Arca Plus, nº 09, julho 1994.

Ribeiro, Ana Clara Torres e Garcia, Fernanda Sánchez. “City Marketing”: A nova face da gestão da cidade. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

Ribeiro, Ana Clara Torres. A cidade do Rio de Janeiro: Lembrando “A jangada de pedra”, de Saramago in Rio de Janeiro, perfis de uma metrópole em mutação. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2000.

Rodriguez, Arantxa e Martinez, Elena. Del Declive a La Revitalización: Oportunidades y Límites de Las Nuevas Políticas Urbanas en Bilbao in Ciudad y Territorio-Estudios Territoriales, vol. XXXIII. No. 129, outono 2001.

Rossi, Aldo. Arquitetura da cidade, São Paulo: Martins Fontes, 1ª. Edição, 2ª. Tiragem, 1998.

Rowe, Colin. Collage City. Massachusetts: The MIT Press, 8a. impressão, 1995.

Sá, Alexandra Spielman de. O processo de decisão do turista estrangeiro: um estudo exploratório do Brasil como destino de viagem. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Coppead/UFRJ, 1998.

Sánchez, Fernanda, Cidade espetáculo, Curitiba: Editora Palavra, 1997.

Sánchez, Fernanda. A reinvenção das cidades para um mercado mundial, Chapecó: Editora Argos, 2003.

Sancho, Amparo. Introdução ao turismo. São Paulo: Editora Roca, 2001.

Santos, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, Rio de Janeiro: Record, 2001.

Santos, Milton. Espaço e método, São Paulo: Nobel, 1988.

Sassen, Saskia. As cidades na economia mundial, São Paulo: Studio Nobel, 1998.

Sassen, Saskia e Roost, Frank. The City – Strategic Site for the Global Entertainment Industry in Judd, Dennis R. e Fainstein, Susan S. (ed.). The Tourist City. EUA: Yale University Press, 1999.

Scholz, Robert. La Joya del estadio olímpico el Teatro Dietrich Eckart in Juegos Olímpicos 1936 – Organo Oficial de los XI Juegos Olímpicos de Berlin 1936 (trad.), 1936.

Scott, Allen J. et alii. Cidades-regiões globais in Espaço & debates: Revista de estudos regionais e urbanos, Ano XVII, no. 41. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos – NERU, 2001.

Searle, Glen H.. “The Urban Legacy of the Sidney Olympic Games” in Moragas, Miquel de (ed.). Op. cit., 2002.

Seoul Olympic Organizing Committee. Official Report – Organization and Planning – Volume I – Games of the XXIVth Olympiad Seoul 1988. Seoul: Olympic Organizing Committee, 1988.

Sidney Organising Committee for the Olympic Games. Official Report of the XXVII Olympiad Vol. 1: Preparing the Games. Sidney: Sidney Organising Committee for the Olympic Games. 2001.

Solà-Morales, Manuel de. “Espaços públicos e espaços coletivos” in O centro das metrópoles: Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2001.

Souza, Marcelo Lopes de. O desafio metropolitano: Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras S.A.. 2000.

Subirats, Eduardo. Vanguarda, mídia, metrópoles. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

- Swedish Olympic Committee, The Official Report of the Olympic Games of Stockholm 1912, 1912.
- Theobald, William. Turismo global. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- United Nations - Commission on Sustainable Development. Tourism and Sustainable Development, 1999.
- United States Olympic Committee (USOC). New York City Olympic Bid – NYC2012. New York City: United States Olympic Committee (USOC), 2004.
- Urry, John. O olhar do turista. São Paulo: Studio Nobel. 1990.
- Vainer, Carlos B.. “Pátria, empresa e mercadoria” *in*: A cidade do pensamento único. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- Veltz, Pierre. “Tempos da economia, tempos da cidade: As dinâmicas” *in* A duração das cidades, sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- Verbruggen, Hein. “The IOC, the Olympic Movement, the Host Cities: A Common Legacy” *in* Moragas, Miquel de (ed.). The Legacy of the Olympic Games 1984-2000, Lausanne: International Olympic Committee, 2003.
- Ward, Stephen. Selling Places: The Marketing and Promotion of Towns and Cities, 1850-2000. London: E & FN Spon, 1998.

Weirick, James. Cap. 6 – Urban Design in Cashman, Richard. Staging the Olympics: The Event and its Impact , UNSW, 1999.

Whyte, William. The Social Life of Small Urban Spaces. New York: Project for Public Spaces, 2001.

Williams, Peter e Gill, Alison. Questões de gerenciamento da capacidade de carga turística in Turismo global. São Paulo: Editora Senac, 2002.

Referências internet

www.archives.cbc.ca , acesso: março/2005.

www.archrecord.construction.com/news/olympics2012 , acesso: setembro/2005.

www.arcspace.com , acesso: outubro/2005.

www.austadiums.com , acesso: julho/2005 e novembro/2005.

www.atc.net.au , acesso: fevereiro/2004.

www.australia.com , acesso: abril/2004.

www.bjghw.gov.cn , acesso: outubro/2005.

www.cidades.gov.br , acesso: janeiro/2006.

www.embratur.gov.br , acesso: julho/2003.

www.en.wikipedia.org/wiki/HistoryofBerlin , acesso: agosto/2005.

www.esportes.terra.com.br , acesso: dezembro/2005.

www.europaconcorsi.com , acesso: outubro/2005.

www.fifaworldcup.yahoo.com , acesso: dezembro/2005.

www.flickr.com/photos/nopipno , acesso: dezembro/2005.

www.galinsky.com , acesso: dezembro/2005.

www.jauregui.arq.br, acesso: maio/2004.

www.meaus.com/olympia-stadium , acesso: abril/2004.

www.naid.sppsr.ucla.edu , acesso: dezembro/2005.

www.oja-services.nl/iea-pvps/cases acesso: setembro/2005.

www.olympics.org , acesso: março-dezembro/2005.

www.pcrj.rj.gov.br , acesso: setembro-novembro/2005.

www.planejamento.gov.br , acesso: novembro/2005.

www.pwcglobal.com : acesso: março/2005.

www.sportsvenue-technology.com , acesso: outubro/2005.

www.vitruvius.com.br , acesso: novembro/2000.

www.worldstadiums.com , acesso: janeiro/2006.

www.xroads.virginia.edu , acesso: dezembro/2005.

Crédito das Imagens

- 1 à 4- Google Earth, acesso: novembro/2005.
- 5- www.esg.brceemapa_mundiworld_ref802657_1999.jpg , acesso: novembro/2006.
- 6 à 9- Google Earth, acesso: novembro/2005.
- 10- www.victorianstation.com/palace, acesso: maio/2006.
- 11- Benévolo, Leonardo. História da cidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 3a. Edição, 1999.
- 12- www.pyroscaphe.com/alienworkers/vuesdeparis/browse, acesso: maio/2006.
- 13 à 19- Puente, Moisés. Pavilhões de exposições – 100 anos. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2000.
- 20- www.ball.tcnj.edupol270plato_imagesolympia.jpg , acesso: março/2006.
- 21- L´EQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d´Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L´Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 22-
www.httpsiefert.elbrinxen.deFotosGalerieAthen_2004Athen_AcropolispagesOlympia_Athen_2004_0247.jpg,
acesso: maio/06.
- 23 e 24- www.olympic.org , acesso: julho/2005.
- 25 e 26- Georgiadis, Konstantinos. Olympic Revival: The Revival of The Olympic Games in Modern Times. Athens: Ekdotike Athenon, 2003.
- 27- www.lib.umd.edu/arch/exhibition/galleries/1900par/trocadero , acesso: março/2006.
- 28- www.olympic.org , acesso: setembro/2005.
- 29- www.lib.umd.edu/arch/exhibition/galleries/1900par/pontalex , acesso: março/2006.

- 30- www.olympic.org , acesso: julho/2005.
- 31- 100 years of the Olympic Games of Modern time: 1896-1996, v.2. Munchen: Olympische Sport Bibliothek, 1991.
- 32- www.explorestlouis.com/imageLibrary/files/historical/1904worldsfairbuildings.jpg , acesso: março/2006.
- 33 à 35- www.olympic.org , acesso: julho/2005.
- 36- www.olympic.org , acesso: maio/2005
- 37 e 38- L´EQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d´Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L´Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 39- The Fourth Olympiad, being the official report of the Olympic Games of 1908 celebrated in London. London: The British Olympic Association, 1909.
- 40- ´EQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d´Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L´Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 41 à 45- www.olympic.org , acesso: julho/2005.
- 46 à 48- The Swedish Olympic Committe. The Fifth Olympiad – The Official Report of the Olympic Games of Stockholm 1912. Stockholm: Wahlstöm & Widstrand, 1912.
- 49 à 53- www.olympic.org , acesso: julho/2005.
- 54 e 55- www.olympic.org , acesso: setembro/2005.
- 56- L´EQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d´Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L´Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 57- L´EQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d´Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L´Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.

- 58- 100 Years of the Olympic Games of modern times: 1896-1996, v.2., München: Olympische Sport Bibliothek, 1991.
- 59- www.olympic.org , acesso: setembro/2005.
- 60- Les Jeux de la VIII Olympiade, Paris, 1954. Rapport officiel. Paris: Comité Olympique Français, 1924.
- 61- L'ÉQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d'Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L'Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 62 à 65- Les Jeux de la VIII Olympiade, Paris, 1954. Rapport officiel. Paris: Comité Olympique Français, 1924.
- 66 e 67- L'ÉQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d'Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L'Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 68- Le Comité Olympique Hollandais. IX e. Olympiade - Rapport Officiel des Jeux de la Ixe Olympiade Amsterdam 1928. Amsterdam: J.H. de Bussy, 1928.
- 69- L'ÉQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d'Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L'Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 70 e 71- Le Comité Olympique Hollandais. IX e. Olympiade - Rapport Officiel des Jeux de la Ixe Olympiade Amsterdam 1928. Amsterdam: J.H. de Bussy, 1928.
- 72- L'ÉQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d'Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L'Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 73 e 74- Le Comité Olympique Hollandais. IX e. Olympiade - Rapport Officiel des Jeux de la Ixe Olympiade Amsterdam 1928. Amsterdam: J.H. de Bussy, 1928.
- 75- Xth. Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, The Games of the Xth. Olympiad Los Angeles 1932, USA, 1933.

- 76- Centro Studi Impianti Sportivi CONI. Spaziosport. Nº 2-3, 1984.
- 77 à 84- Xth. Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, The Games of the Xth. Olympiad Los Angeles 1932, USA, 1933.
- 85- www.leni-riefenstahl.de , acesso: março/2006.
- 86- COOB´92. Memória Oficial de Los Juegos de la XXV Olimpiada Barcelona 1992. Barcelona: COOB´92, vol. I-III.
- 87- www.leni-riefenstahl.de , acesso: março/2006.
- 88- L´EQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d´Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L´Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 89- L´EQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d´Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L´Equipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 90- www.olympic.org , acesso: setembro/2005.
- 91- www.ushmm.org , acesso: março/2006.
- 92 à 94- Juegos Olímpicos 1936. Berlim: Órgano Oficial de la Comision de Propaganda de Los XI. Juegos Olímpicos de Berlim 1936.
- 95- userpage.chemie.fu-berlin.de/bilder/olympia.gif , acesso: maio/2006.
- 96- Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936 E.V.. The XIth Olympic Games Berlin, 96 – Official Report – Volume I. Berlin: Organisationskomitee für die XI. Olympiade Berlin 1936 E.V., 1936.
- 97- Juegos Olímpicos 1936. Berlim: Órgano Oficial de la Comision de Propaganda de Los XI. Juegos Olímpicos de Berlim 1936.
- 98 e 99- www.olympic.org , acesso: agosto/2005.
- 100- Juegos Olímpicos 1936. Berlim: Órgano Oficial de la Comision de Propaganda de Los XI. Juegos Olímpicos de Berlim 1936.

- 101- www.olympic.org , acesso: agosto/2005.
- 102- Centro Studi Impianti Sportivi CONI. Spaziosport. Nº 2-3, 1984.
- 103- Moragas, Miquel de. Olympic Village: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.
- 104- Juegos Olímpicos 1936. Berlim: Órgano Oficial de la Comision de Propaganda de Los XI. Juegos Olímpicos de Berlim 1936.
- 105- www.olympic.org , acesso: agosto/2005.
- 106- Centro Studi Impianti Sportivi CONI. Spaziosport. Nº 2-3, 1984.
- 107- Juegos Olímpicos 1936. Berlim: Órgano Oficial de la Comision de Propaganda de Los XI. Juegos Olímpicos de Berlim 1936.
- 108- L'ÉQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d'Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L'Équipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 109- www.olympic.org , acesso: agosto/2005.
- 110- Juegos Olímpicos 1936. Berlim: Órgano Oficial de la Comision de Propaganda de Los XI. Juegos Olímpicos de Berlim 1936.
- 111- Google Earth , acesso: novembro/2005.
- 112- Les Jeux de la VIII Olympiade, Paris, 1954. Rapport officiel. Paris: Comité Olympique Français, 1924.
- 113- Xth. Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, The Games of the Xth. Olympiad Los Angeles 1932, USA, 1933.
- 114- Centro Studi Impianti Sportivi CONI. Spaziosport. Nº 2-3, 1984.
- 115- Les Jeux de la VIII Olympiade, Paris, 1954. Rapport officiel. Paris: Comité Olympique Français, 1924.

- 116- Xth. Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, The Games of the Xth. Olympiad Los Angeles 1932, USA, 1933.
- 117- Moragas, Miquel de. Olympic Villages: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.
- 118- L'ÉQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d'Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L'Équipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 119 à 125- Organizing Committee for the XIV Olympiad – London – 1948. The Official Report of the Organizing Committee for the XIV Olympiad, 1948.
- 126- L'ÉQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d'Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L'Équipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 127- Organizing Committee of the Olympic Games. XV Olympiad Helsinki 1952, 1954.
- 128- Helsinki capital of Finland: The Olympic Host 1952. Helsinki: Organizing Committee, 1952.
- 129- Deutsche Olympischen Gesellschaft. Die Olympischen Spiele Oslo und Helsinki – Das Offizielle Standardwerk des Nationalen. Frankfurt: Olympischer Sport Verlag.
- 130- Helsinki capital of Finland: The Olympic Host 1952. Helsinki: Organizing Committee, 1952.
- 131 e 132- Organizing Committee of the Olympic Games. XV Olympiad Helsinki 1952, 1954.
- 133- Centro Studi Impianti Sportivi CONI. Spaziosport. N° 2-3, 1984.
- 134 à 136- Organizing Committee of the Olympic Games. XV Olympiad Helsinki 1952, 1954.
- 137- Helsinki capital of Finland: The Olympic Host 1952. Helsinki: Organizing Committee, 1952.

- 138- Moragas, Miquel de. Olympic Village: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.
- 139- Helsinki capital of Finland: The Olympic Host 1952. Helsinki: Organizing Committee, 1952.
- 140- Organizing Committee of the Olympic Games. XV Olympiad Helsinki 1952, 1954.
- 141- Moragas, Miquel de. Olympic Village: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.
- 142 à 147- The Organizing Committee of the XVI Olympiad. The Official Report of the Organizing Committee for the Games, Melbourne: W. M. Houston, Government Printer, 1956.
- 148- Australia...your host. Melbourne: Australian News, 1956.
- 149- Google Earth, acesso: novembro/2005.
- 150- The Organizing Committee of the XVI Olympiad. The Official Report of the Organizing Committee for the Games, Melbourne: W. M. Houston, Government Printer, 1956.
- 151- www.sportsvenue-technology.com , acesso: outubro/2005.
- 152 e 153- Google Earth , acesso: novembro/2005.
- 154 à 156- Organizing Committee of the Olympic Games. Official Report – Rome – Olympic Games 1960.
- 157- Centro Studi Impianti Sportivi CONI. Spaziosport. N° 2-3, 1984.
- 158- Organizing Committee of the Olympic Games. Official Report – Rome – Olympic Games 1960.
- 159- Centro Studi Impianti Sportivi CONI. Spaziosport. N° 2-3, 1984.

- 160- Moragas, Miquel de. Olympic Villages: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.
- 161- Google Earth , acesso: outubro/2005.
- 162- Organizing Committee of the Olympic Games. XV Olympiad Helsinki 1952, 1954.
- 163- The Organizing Committee of the XVI Olympiad. The Official Report of the Organizing Committee for the Games, Melbourne: W. M. Houston, Government Printer, 1956.
- 164- Organizing Committee of the Olympic Games. Official Report – Rome – Olympic Games 1960.
- 165- Juegos Olímpicos 1936. Berlim: Órgano Oficial de la Comisión de Propaganda de Los XI. Juegos Olímpicos de Berlim 1936.
- 166- The Organizing Committee of the XVI Olympiad. The Official Report of the Organizing Committee for the Games. Melbourne: W. M. Houston, Government Printer, 1956.
- 167- Organizing Committee of the Olympic Games. Official Report – Rome – Olympic Games 1960.
- 168- Organizing Committee of the Olympic Games. The Games of the XVIII Olympiad Tokyo 1964 – The Official Report of the Organizing Committee.
- 169- L'ÉQUIPE (Ed.). Lês Jeux olympique, d'Athènes à Athènes: 1896-2004. Lausanne: Musée Olympique; Issy-les-Moulineaux; SNC L'Équipe, 2003, 2v. v.1 – 1896-1960.
- 170 à 184- Organizing Committee of the Olympic Games. The Games of the XVIII Olympiad Tokyo 1964 – The Official Report of the Organizing Committee.
- 185- Google Earth, acesso: setembro/2005.

- 186 à 199- Comité Organizador de Los Juegos de la XIX Olimpiada. México 68: la organización. México, DF: Comité Organizador, 1969.
- 200 e 201- Google Earth, acesso: novembro/2005.
- 202- Die Spiele: le rapport officiel du Comité Organisateur des Jeux de la Xxe Olympiade Munich 1972, vol. 1, l'organisation. Munchen: Sport Munchen, 1972.
- 203- www.view.captureweb.co.uk , acesso: março/2005.
- 204- Moragas, Miquel de. Olympic Village: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.
- 205- www.view.captureweb.co.uk , acesso: março/2005.
- 206- Moragas, Miquel de. Olympic Village: Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.
- 207- Google Earth, acesso: dezembro/2005.
- 208 à 209- Organizing Committee of the Olympic Games. The Games of the XVIII Olympiad Tokyo 1964 – The Official Report of the Organizing Committee.
- 210 e 211- Comité Organizador de Los Juegos de la XIX Olimpiada. México 68: la organización. México, DF: Comité Organizador, 1969.
- 212 e 213- Die Spiele: le rapport officiel du Comité Organisateur des Jeux de la XXe Olympiade Munich 1972, vol. 1, l'organisation. Munchen: Sport Munchen, 1972.
- 214 e 215- www.rio.gouv.qc.ca , acesso: março/2005.
- 216- Organising Committee of the Olympic Games. Games of the XXI Olympiad – Montreal 1976, vol. 1, 1978.
- 217- www.arch.mcgill.ca , acesso: março/2005.
- 218- www.rio.gouv.qc.ca , acesso: março/2005.
- 219- www.olympics.org , acesso: abril/2004.

220- www.rio.gouv.qc.ca , acesso: março/2005.

221- www.olympics.org , acesso: abril/2004.

222- Organising Committee of the Olympic Games. Games of the XXI Olympiad – Montreal 1976, vol. 1, 1978.

223- Google Earth, acesso: setembro/2005.

224 à 228- Bazounov, B. A.; POPOV, S. G.. Moscou Olympique. Moscou: Fizkoulтура I Sport, 1976.

229 à 239- Games of the XXII Olympiad: vol. II, organization. Moscou: Fizkoulтура I Sport, 1981.

240 e 241- Google Earth, acesso: outubro-novembro/2005.

242- Organising Committee of the Olympic Games. Games of the XXI Olympiad – Montreal 1976, vol. 1, 1978.

243- www.olympics.org , acesso: abril/2004.

244 e 245- Games of the XXII Olympiad: vol. II, organization. Moscou: Fizkoulтура I Sport, 1981.

246- Los Angeles Olympic Organizing Committee. Official Report of the Games of the XXIIIrd Olympiad Los Angeles, 1984, vol. 1 – Organization and Planning, Los Angeles: Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1984.

247- The Games of the Xth Olympiad – Los Angeles 1932 – Official Report. Los Angeles: Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles, USA, 1932, Ltd., 1933.

248 à 250- Los Angeles Olympic Organizing Committee. Official Report of the Games of the XXIIIrd Olympiad Los Angeles, 1984, vol. 1 – Organization and Planning. Los Angeles: Los Angeles Olympic Organizing Committee, 1984.

251- www.olympics.org , acesso: abril/2005.

252 à 258- Seoul Olympic Organizing Committee. Official Report – Organization and Planning – Volume I – Games of the XXIVth Olympiad. Seoul: Olympic Organizing Committee, 1988.

259 à 265- Atlanta Committee for the Olympic Games (ACOG). The Official Report of the Centennial Olympic Games Vol. I – Planning and Organizing. Atlanta: Atlanta Committee for the Olympic Games (ACOG), 1996.

266 à 272- Sidney Organising Committee for the Olympic Games. Official Report of the XXVII Olympiad Vol. 1: Preparing the Games. Sidney: Sidney Organising Committee for the Olympic Games, 2001.

273 à 281- Google Earth, acesso: outubro/2005.

282 à 285- Baseado em www.spaceimaging.com , acesso: setembro/2005

286 à 293- www.spaceimaging.com , acesso: setembro/2005.

294- www.english.peopledaily.com.cn , acesso: abril/2004.

295 à 297- www.sportsvenue-technology.com , acesso: outubro/2005.

298- www.arcspace.com , acesso: outubro/2005.

299- www.sportsvenue-technology.com , acesso: outubro/2005.

300 à 303- www.danda.be , acesso: outubro/2005.

304 e 305- www.archrecord.construction.com/news , acesso: outubro/2005.

306- British Olympic Association (BOA). Response to the questionnaire for cities applying to become candidate cities to host the games of the XXX Olympiad and the Paralympic games in 2002 – London 2012. Londres: British Olympic Association (BOA), 2004.

307- www.archrecord.construction.com/news , acesso: outubro/2005.

308- www.wembleystadium.com , acesso: novembro/2005.

- 309-British Olympic Association (BOA). Response to the questionnaire for cities applying to become candidate cities to host the games of the XXX Olympiad and the Paralympic games in 2002 – London 2012. Londres: British Olympic Association (BOA), 2004.
- 310 à 312- www.archrecord.construction.com/news , acesso: outubro/2005.
- 313- British Olympic Association (BOA). Response to the questionnaire for cities applying to become candidate cities to host the games of the XXX Olympiad and the Paralympic games in 2002 – London 2012. Londres: British Olympic Association (BOA), 2004.
- 314 e 315- COOB`92. Memória Oficial de Los Juegos de la XXV Olimpiada Barcelona 1992. Barcelona: COOB`92, 1992, vol. I, II e III.
- 316- Revista Barcelona olímpica, nºs 8, 15, 16, 19 e 29.
- 317 à 319- Ajuntament de Barcelona. Barcelona – 4 Visions. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1994.
- 320- www.bcn.es , acesso: junho-dezembro/2005.
- 321- Google Earth, acesso: dezembro/2005.
- 322- Google Earth, acesso: janeiro/2006.
- 323 à 328- Imagem fornecida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – PCRJ/IPP, 2005.
- 329 à 333- Comitê Olímpico Brasileiro. Rio de Janeiro Candidate to Host the XXVIII Olympic Games in 2004. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro, 1996.
- 334- Google Earth, acesso: janeiro/2006.
- 335- Google Earth, acesso: setembro/2005.
- 336 e 337- Imagem fornecida pelo arquiteto Carlos Porto de seu acervo pessoal, 2005.
- 338- Imagem fornecida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – PCRJ/IPP, 2005.
- 339- Imagem fornecida pelo arquiteto Carlos Porto de seu acervo pessoal, 2005.

- 340 e 341- Baseado em: Comitê de Candidatura aos Jogos Pan Americanos. Rio de Janeiro – Candidate City, 2007 – Pan American Games. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro, 2002.
- 342- Imagem fornecida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – PCRJ/IPP, 2005.
- 343- Imagem fornecida pelo arquiteto Carlos Porto de seu acervo pessoal, 2005.
- 344- Baseado em Google Earth, acesso: setembro/2005.
- 345- Baseado em Google Earth, acesso: setembro/2005.
- 346 à 350- Baseado em: Comitê de Candidatura aos Jogos Pan Americanos. Rio de Janeiro – Candidate City, 2007 – Pan American Games. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro, 2002.
- 351- Google Earth, acesso: setembro/2005.
- 352 à 356- Baseado em: Comitê de Candidatura aos Jogos Pan Americanos. Rio de Janeiro – Candidate City, 2007 – Pan American Games. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro, 2002.
- 357 e 358- www.nyc2012.com , acesso: maio/2005.
- 359 e 360- Google Earth, acesso: dezembro/2005.
- 361 à 363- www.nyc2012.com , acesso: maio/2005.
- 364 à 366- Google Earth, acesso: dezembro/2005.
- 367 à 369- www.nyc2012.com , acesso: maio/2005.
- 370 à 372- Google Earth, acesso: dezembro/2005.
- 373- Google Earth, acesso: setembro/2005.
- 374 e 375- Imagens fornecida pelo arquiteto Carlos Porto de seu acervo pessoal, 2005.
- 376- Imagem fornecida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – PCRJ/IPP, 2005.
- 377- Imagem fornecida pelo arquiteto Carlos Porto de seu acervo pessoal, 2005.

378 à 381- Imagens fornecida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – PCRJ/IPP, 2005.

382 à 387- Google Earth, acesso: setembro/2005.

388 à 391- Google Earth, acesso: dezembro/2005.

392- Google Earth, acesso: setembro/2005.

393- Google Earth, acesso: dezembro/2005.

**OS GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS E
A REQUALIFICAÇÃO URBANA**
ANEXO

Análise das idades-aspirantes a tornarem-se idades-candidatas a sede dos XXXº Jogos Olímpicos e dos XIVº Jogos Paraolímpicos 2012:

Foram analisados todos os documentos relativos às respostas aos questionários das idades-aspirantes a tornarem-se idades-candidatas aos XXXº Jogos Olímpicos 2012 e aos XIVº Jogos Paraolímpicos 2012¹, exceto por três das cidades inscritas, por razões distintas.

A primeira, Havana (Cuba), por não ter disponibilizado seu documento para acesso público. Dentre as nove cidades envolvidas no processo pré-seletivo, aliás, é a única que não manteve site específico sobre a postulação de sua candidatura.

A segunda, Moscou (Rússia). Por desconfortos na pesquisa, o material disponibilizado foi descoberto tardiamente e não foi possível analisá-lo.

A terceira, Rio de Janeiro (Brasil). Neste caso, a cidade foi objeto de estudo mais específico ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa, com a utilização do mesmo questionário como elemento referencial para a análise de diversos pontos na aspiração a idade-sede.

¹ Documentos analisados: **Istambul** (Turquia): Istanbul Olympic Bidding Committee. Olympist – The Meeting of Continents – Istanbul 2012 – Applicant City. Istanbul: Istanbul Olympic Bidding Committee, 2004; **Leipzig** (Alemanha): National Olympic Committee for Germany. Application to Become Candidate City to Host the Games of the XXX Olympiad and the XIV Paralympic Games 2012. Leipzig: National Olympic Committee for Germany, 2004; **Londres** (Inglaterra): British Olympic Association (BOA). Response to the Questionnaire for Cities Applying to Become Candidate Cities to Host the Games of the XXX Olympiad and the Paralympic Games in 2012 – London 2012. Londres: British Olympic Association (BOA), 2004; **Madrid** (Espanha): Não foi identificado título específico para o documento, formulado em 2004 pelo Comitê olímpico Espanhol, de postulação a idade-sede dos XXXº Jogos Olímpicos 2012 e dos XIVº Jogos Paraolímpicos 2012; **Paris** (França): French National Olympic Committee (CNOSF). Replies to the Questionnaire for Cities Applying to Become Candidate Cities to Host the Games of the XXX Olympiad in 2012. Paris: French National Olympic Committee (CNOSF), 2004.

O objetivo deste ANEXO é ilustrar algumas formas de abordagens das postulações de algumas cidades. Esta pesquisa constitui-se, particularmente, em instrumento útil para a compreensão de meandros subliminares importantes para desenvolvimento da pesquisa geral. O resumo das respostas, embora fiel, talvez não expresse toda a completude dos documentos analisados. Serve como um referencial importante, que não dispensa uma investigação mais apurada das propostas de aspiração a cidade-candidata, quando necessário um estudo mais pormenorizado e particular.

Por fim, este material poderá servir ainda de base norteadora para possíveis candidaturas futuras de diferentes cidades, relativizadas às suas especificidades.

I. INTRODUÇÃO

1. Introdução

A – Qual é sua principal motivação para sediar (hospedar) os Jogos Olímpicos?

Para respostas aos aspectos motivacionais, por não serem exigidas maiores informações objetivas, em geral, as idades-aspirantes ativeram-se a considerações extremamente “passionais com forte apelo sentimental”. Provavelmente, por razões compreensivelmente óbvias de motivações panfletárias, deve ser o tema de menor relevância dentre os desenvolvidos pelas cidades envolvidas, desempenhando um simbólico papel de preâmbulo das demais disciplinas:

i) De acordo o relatório desenvolvido por Istambul, há duas motivações principais para sediar os Jogos Olímpicos. Um é “beneficiar-se da experiência excepcionalmente enriquecedora de organização dos Jogos”. A outra baseia-se na “concepção do ‘Olimpismo’ como um valor universal”. Istambul exalta ainda os efeitos cumulativos motivados pelos Jogos Olímpicos no que concerne à sustentabilidade econômica, esportiva, gerencial, social, turística etc. Segundo o documento, a cidade é uma das maiores e das que mais se desenvolvem no mundo, “coração de um país predominantemente muçulmano e dedicado a uma secular democracia parlamentar” (...). Em uma era em que “conflito de civilizações” recebe referência freqüente, os Jogos em Istambul desafiarão o “conflito” e criarão uma consciência de conexão entre as civilizações”.

ii) Leipzig, afasta-se dos dados objetivos, traça um histórico de sua trajetória e destaca alguns de seus cidadãos ilustres do passado – Bach e Goethe; seu papel na “Revolução da Paz” de 1989 que transformaria a Alemanha e o mundo e a tradição esportiva simbolizada pelos mais de 500 medalhistas olímpicos provenientes da cidade e proximidades. Leipzig intenciona concentrar suas atividades fisicamente, caso seja escolhida cidade-sede, minimizando a

necessidade de deslocamentos: “[A cidade] planeja transformar-se em uma “grande vila olímpica” como símbolo de um mundo livre”.

Por fim, utiliza ainda outros argumentos: “Leipzig sediará Jogos que mantenham o senso de proporção e que por isso assegurem sustentabilidade. Ao desenvolver sítios disponíveis do centro decadente, Leipzig poderá combinar objetivos ecológicos com desenvolvimento econômico e social”.

iii) Londres, por exemplo, respondeu que “[sua] próxima geração de atletas estará melhor equipada para desenvolver-se como futuros olímpicos (*Olympians*), reforçando e fortalecendo o movimento olímpico neste país”. Informa “que não há maior honra para uma cidade que hospedar os Jogos Olímpicos”. Declara ainda que sua aspiração a sede dos Jogos Olímpicos, desenvolvida pela British Olympic Association (BOA), conta com o apoio governamental e da prefeitura de Londres, e que é sua quarta tentativa de sede do evento em 20 anos”.

iv) As considerações relativas a Madrid informam também que há um interesse antigo em sediar o evento, pois já postulara a candidatura anteriormente, em 1972. Identifica em si “a paixão pelo esporte, cultura e amizade entre os povos”. Posiciona-se ainda afirmando que “Madrid acredita no esporte como elemento integrador da sociedade” e procura transmitir sua imagem como a de uma cidade cosmopolita e hospitaleira: “Madrid é uma cidade aberta ao mundo, um ponto de encontro de culturas e uma cidade-amiga onde todos sentem-se em casa”. Também explora seu caráter de modernidade ao comentar que “Madrid consolidou para si uma dinâmica e moderna rede de infra-estrutura, comunicação e serviço, permitindo a hospedagem de eventos de grande importância”.

v) A cidade de Moscou, em seu documento de postulação, afirma que “os ideais olímpicos inspiraram culturas, sociedades e nações inteiras” e cônica de suas transformações políticas dos últimos tempos, sentencia: “nós acreditamos que sediar os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2012 em Moscou reforçará estes valores olímpicos em nossa cidade, permitindo a uma nova geração de russos a honra de sediar os Jogos e contribuir para solidificar a transformação de uma nova sociedade de nosso país”. Identifica que “por séculos, Moscou foi um cruzamento de vias da cultura onde o Leste encontra o Oeste”. Exalta sua tradição esportiva ao revelar que “mais de 500 campeões olímpicos residem naquela cidade” e completa afirmando que “Moscou 2012 oferece ao movimento olímpico uma histórica oportunidade de alterar o curso da cidade, seu povo e verdadeiramente o futuro de toda a nação ao prover o enriquecedor espetáculo de esporte, cultura e hospitalidade”.

vi) Nova York exalta seu caráter cosmopolita como fator importante no sucesso do evento: “com a mistura racial e assimilação cultural (*melting pot*) de pessoas, idiomas e culturas, e sua crença no poder do trabalho duro, competição, e sonhos, o chamado dos Jogos Olímpicos ressoa através da cidade com especial intensidade”.

Ainda, de forma não explicitamente específica a algum fato ou evento, o documento apresentado por Nova York remete-se ao tema da solidariedade humana, em subliminar sentido de contemporaneidade correlacionado aos atentados terroristas (como os de 11 de setembro de 2001, ocorridos naquela cidade), ao afirmar: “agora, mais do que nunca, o povo de Nova York sente uma profunda necessidade de canalizar suas energias, espírito, e recursos para expressar solidariedade com o mundo”.

vii) Paris afirma que a “principal motivação para sediar os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos em 2012 é servir e contribuir ao olimpismo através de um projeto representante de um estágio fundamental na história de Paris e a difusão dos valores olímpicos”.

B – Qual seria o impacto e o legado para sua Cidade/Região ao sediar (hospedar) os Jogos Olímpicos?

Algumas respostas dão noção dos objetivos no contexto do legado olímpico. Outras, contudo, não especificam o legado concreto para a Cidade/Região. Há argumentos que se baseiam em justificativas relacionadas a fatores motivacionais genéricos bastante subjetivos, mas que serão melhor detalhados em respostas específicas de outras indagações futuras do mesmo questionário.

i) Istambul enfatiza o aspecto social, como o principal legado para a cidade motivado pelos Jogos Olímpicos, sobretudo sob o ponto de vista ambiental, educacional, esportivo, humano e infra-estrutura urbana.

Em uma análise do impacto da globalização em tempos contemporâneos, o relatório de Istambul sentencia: “as cidades estão formando novos sistemas urbanos e assumindo novos papéis na medida em que reemergem além de seus limites nacionais”. Dentro desta visão, afirma: “a expectativa do legado dos Jogos Olímpicos pode estar associada a (...) um grande passo em direção ao reestabelecimento de Istambul como uma cidade mundial e redefinição de seu papel em termos globais”.

ii) Leipzig argumenta que “a oportunidade de sediar os Jogos proverá a região com (..) forte impulso para crescimento em uma variedade de áreas. O legado visível dos Jogos serão os notáveis locais esportivos, melhoria da infra-estrutura de transporte, melhores condições ambientais e facilidades do mais alto padrão para pessoas portadoras de deficiência física”. Como legado econômico, Leipzig sentencia que “além do impacto na receita e emprego para a

região de Leipzig, os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos atuarão como motores propulsores de crescimento econômico de toda a Alemanha”.

iii) Londres, por exemplo, informa: “[Os Jogos Olímpicos] acelerarão a mais extensa transformação vista em Londres por mais de um século. Dezenas de milhares de vidas se transformarão positivamente pelos novos empregos e novas residências sustentáveis, novos locais esportivos e outras facilidades; tudo reunido em um dos maiores parques centrais de cidade criado na Europa em 200 anos. Será um verdadeiro e longo legado”.

iv) Madrid afirma que os Jogos Olímpicos 2012 fazem parte dos objetivos da cidade desde 1997, quando foi instituído o Plano Geral de Desenvolvimento Urbano, com a reserva de uma área pública de 250 hectares, próxima ao aeroporto, com boas conexões de transporte.

Os planos de Madrid, quanto ao impacto e legado para a Cidade/Região, são evidenciados pela afirmação: “o objetivo final da candidatura da cidade [aos Jogos Olímpicos 2012] é positivo e claro: assegurar que a qualidade de vida dos habitantes de Madrid será melhorada consideravelmente”.

“O projeto olímpico envolve a renovação de duas áreas [em Madrid]: uma velha área de mineração ao leste da cidade e às margens ao sul do rio Manzanares. O projeto proverá a cidade com valiosos legados de duas áreas de parque e zonas de lazer, facilidades esportivas adequadas a competições de alto nível, e também habitação para estudantes universitários”.

Pretende-se ainda que “as áreas de especial interesse sejam protegidas e a criação de novos espaços em zonas negligenciadas ou marginais da cidade [de Madrid]”.

v) Moscou, por sua vez, atém-se ao legado das instalações esportivas, sob a ótica de uma ex-cidade-sede dos Jogos Olímpicos relativamente recente (1980). Segundo o documento,

“aqueles Jogos deixaram um impressionante conjunto de infra-estrutura esportiva para os cidadãos a ser utilizado para promoção do esporte [naquele] país”. Ainda, afirma que “acreditamos que a sustentabilidade do legado olímpico de Moscou é claramente evidente, mesmo hoje, 23 anos após os Jogos 1980. Mais de 70% das instalações esportivas (...) estão ainda em uso contínuo provendo atendimento esportivo, participação e oportunidade de treinamento ao povo de Moscou e na realidade de toda a Rússia”.

vi) Nova York atribui aos Jogos Olímpicos a motivação e permanência de um “profundo legado” a que “pessoas de todo o mundo” serão remetidas (relembradas) pelos grandes ícones arquitetônicos”. A vila olímpica (...) ajudará a transformar um *waterfront* de cais e armazéns abandonados em uma surpreendente comunidade de dezenas de milhares para desfrute e moradia”.

A cidade de Nova York aposta também na visibilidade possivelmente alcançada pela cidade através dos milhões (!) de pessoas que comparecerão aos Jogos Olímpicos e bilhões que assistirão, através da televisão, ao evento.

vii) Paris atribui aos Jogos Olímpicos 2012 a oportunidade ímpar da história da cidade e da região de Ile-de-France em “repensar o desenvolvimento urbano da cidade e de seu entorno imediato; desenvolver o sistema de transporte; (...) reconciliar o homem com o meio ambiente; criar facilidades esportivas ainda insuficientes na região de Paris; reforçar o desenvolvimento do esporte”.

2. Conceito

A – Descreva brevemente sua visão dos Jogos Olímpicos em sua Cidade/Região.

i) Como legado específico para a cidade de Istambul fica claramente definida somente uma contribuição importante: o parque olímpico, que “proverá um extenso espaço verde em uma área bastante necessitada da cidade, assim como reforçará fortemente as facilidades recreacionais e esportivas da cidade como um todo”.

ii) Leipzig planeja que não menos do que 260 competições esportivas, ou 90% do total (excluindo vela), serão realizadas em um raio de 10 km da vila olímpica e 264 competições dentro do raio de 10 km do Centro da cidade. Ressalta também que todas as instalações esportivas (exceto vela e hipismo), assim como o IBC e MPC², poderão ser alcançados em 25 minutos, e estarão a menos de 20 minutos do aeroporto.

A vila olímpica (a 4 km do Centro da cidade, 2,5 km do parque olímpico) abrigará a maior parte dos atletas (exceto pela sub-vila Dresden, a 5 km das instalações dedicadas ao hipismo, e sub-vila Rostock, a 0,3 km das instalações dedicadas à vela). Segundo o documento, há a preocupação em criar-se um espaço ambientalmente qualificado e com a provisão de novos parâmetros de otimização (provisão) de energia. Após os Jogos Olímpicos, este sítio de 13 ha em Lindenau Harbor, atualmente abandonado, transformar-se-á em uma área residencial permanente com 2.300 unidades residenciais que atenderá a uma crescente demanda (residencial).

Há ainda quatro *clusters* para as competições esportivas (em Leipzig): o parque olímpico (48% das competições), Leipzig Trade Fair (12% das competições), Old Exhibition Centre (27% das competições) e The New Lake District (10% das competições), além das instalações para o

² **Nota:** IBC (International Broadcasting Center) e MPC (Media Press Center).

IBC e MPC que serão erguidos em uma área atualmente sub-utilizada, com as diretrizes de tecnologia de mídia do COI mais modernas.

A candidatura de Leipzig reforça que há uma preocupação constante com a utilização pós-Jogos das instalações criadas e argumenta que o arranjo fisicamente compacto dos grupamentos visa garantir eficiência de transporte e qualidade ambiental.

Finaliza sentenciando que o conceito dos Jogos Olímpicos 2012 que dá suporte à filosofia do planejamento urbano de Leipzig é o reforço e a revitalização do *core* da cidade.

iii) Londres busca empreender um dos mais compactos Jogos Olímpicos já vistos. “O estádio olímpico, o centro aquático, o velódromo e outras instalações temporárias, junto à vila olímpica e facilidades de mídia estarão localizadas no parque olímpico”.

“O parque olímpico estará no centro de uma área recuperada de 600 ha, configurando-se como uma rede revitalizada de “caminhos aquáticos” servindo comunidades e negócios que será o início de regeneração que se estenderá em direção à parte leste de Londres e além. O legado de Londres 2012 será enorme e tangível através de todas as áreas, desde o esporte e instalações até a infra-estrutura e o meio-ambiente”.

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional (COI) para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional (COI), no capítulo de análise das condições ambientais e impacto, reconhece em relação à proposta de Londres que “os Jogos serão construídos em princípios de sustentabilidade e qualidade ambiental”. (...) O parque olímpico constitui o maior projeto de regeneração e transformação ambiental”. Faz ressalva, entretanto, à severa poluição do pesado tráfego da cidade.

Embora não seja explicitamente informado, as distâncias de algumas cidades em relação a Londres são consideráveis. Por exemplo, Belfast, Birmingham, Cardiff, Glasgow, Manchester e Newcastle, escolhidas como instalações dedicadas ao futebol, distam 739 km, 147 km, 202 km, 610 km, 302 km e 225 km respectivamente.

iv) Madrid baseou seu projeto em três áreas principais (e, ressalte-se,) “com o objetivo de reequilibrar diferentes [circun]vizinhanças da cidade”:

- “Setor Leste, inclui: a) o parque olímpico (...) em uma antiga área de exploração mineral a ser requalificada através de um plano de melhoria ambiental; b) o Centro de Imprensa Principal (MPC) e o Centro Internacional de Radiodifusão (IBC); e c) três áreas de esportes próximas (Coslada, Paracuellos e Rivas Vaciamadrid). Este setor é próximo ao aeroporto e sediará dezesseis eventos esportivos olímpicos”.

- “Eixo Central: Esta zona é definida por uma linha vertical que cruza a cidade de norte a sul através de seus mais representativos lugares. É o coração da capital, onde estão localizados espaços e edifícios históricos e culturais, e inclui em sua parte sul uma nova localização para desenvolvimento de esportes, uma área em que a flora e fauna nativa serão regeneradas, portanto incrementando a qualidade de vida de seus habitantes. Quatro eventos esportivos olímpicos serão realizados nesta área”.

- “Setor Oeste: Esta área inclui as mais amplas áreas de parque da cidade (...). Esta área irá hospedar cinco eventos esportivos olímpicos”.

Como é freqüente no documento desenvolvido pela cidade de Madrid, há sempre uma referência às “inovações ambientais” que “assegurariam a melhoria da qualidade de vida da população”.

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional (COI) para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional (COI), no capítulo de análise das instalações esportivas, vê na candidatura uma oportunidade de “excelente legado esportivo para Madrid”. Além disso, o documento, no capítulo referente às condições ambientais e impacto, reconhece que “sustentabilidade [ambiental] é a pedra fundamental da candidatura” da cidade.

v) Nova York, em seu documento, ressalta a importância do legado possibilitada pelos Jogos Olímpicos para o movimento olímpico, o mundo do esporte e para a cidade. Destaca a importância de concentrar as instalações esportivas em um raio mínimo – “de 32 km da vila olímpica” - para “atender a uma preocupação de todos em relação a uma [possível] Olimpíada em Nova York”.

Em relação a Nova York, o tema “transporte”, aliás, sofreu uma análise reticente por parte do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional (COI), em capítulo específico (“Transporte”). O grupo, em uma rigorosa postura, questiona a falta de dados sobre “a proporção de trens leste-oeste dedicados ao tráfego olímpico, se existirão estações reservadas para uso olímpico ou se haverá compartilhamento [de uso] com o público e se os trens trafegarão durante 24 horas por dia, assim como [possíveis] alternativas de transporte”. O documento ainda sublinha a necessidade de maiores estudos sobre transporte aquático proposto.

Os planos de Nova York destacam-se por três linhas principais:

- “Revitalização do *waterfront*: “(...) ao prover novos parques, facilidades recreacionais e habitação”.

- Legado Ambiental: Os Jogos Olímpicos possibilitarão 224 ha de área de parque, novos padrões ambientais para edificações, e expansão do sistema de transporte de massa da cidade.

- Expansão de Midtown Manhattan: No extremo oeste de Manhattan, US\$ 5 bilhões de investimentos público-privados criarão um dos estádios mais responsáveis ambientalmente do mundo, uma praça pública adjacente de 5 ha e um novo boulevard (a serem nomeados estádio olímpico, praça olímpica, e boulevard olímpico, respectivamente, caso Nova York seja indicado aos Jogos), transformando a área de entorno de pátios ferroviários, estacionamentos, e depósitos em um centro dinâmico de esporte, turismo, residencial e comercial”.

vi) Paris, segundo documento fornecido, baseou a conceituação de sua candidatura aos Jogos Olímpicos 2012 nas vertentes locacionais e organizacionais (“mantendo o centro da capital livre para celebração”). “O objetivo do conceito é implementar fundamentalmente as linhas mestras do Comitê Olímpico Internacional (COI): atingir um alto nível esportivo, cultural e excelência de meio ambiente, controlar a complexidade e custos dos Jogos, e prover o melhor legado pós-olímpico”.

“Na distância de 6 km em extremos opostos da vila olímpica, há dois “aglomerados” de instalações esportivas (...). A concentração a oeste compreende dez instalações esportivas (...), a [prevista] ao norte incorpora oito instalações esportivas, o Centro Internacional de Radiodifusão e o Centro de Imprensa Principal”³. Além das instalações compreendidas nestas duas localidades principais, há menção a outras, todas situadas em até 41 km da vila olímpica, exceto as destinadas à vela (La Rochelle). Há, contudo, a indicação de que “o projeto incorpora (...) cinco instalações no interior destinadas ao futebol (Lens, Lyon, Marseille e Nantes)”.

³ Internacional Broadcast Centre (IBC) e Main Press Centre (MPC).

Este fato, contudo, causa alguma espécie, como no caso da candidatura da cidade de Londres.

Ainda que estejam documentadas indicações de instalações esportivas dedicadas ao futebol nas proximidades da vila olímpica, em Paris: estádio olímpico, previsto no aglomerado Norte (a 7 km da vila olímpica), e Parc des Princes, localizado no aglomerado Oeste (a 8 km da vila olímpica), o documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional (COI) para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional (COI) não considera a menção às instalações existentes em outras cidades relativamente distantes, e afirma (na seção dedicada ao tema “vila olímpica”) que “com a exceção de vela (461 km), remo/caiaque em água plana (41 km) é a instalação mais distante da vila olímpica”.

Deve-se salientar, portanto, que as distâncias das cidades de Lens, Lyon, Marseille e Nantes relativas a Paris são de aproximadamente: 196 km, 450 km, 758 km e 370 km respectivamente.

B – Forneça um mapa de sua Cidade/Região em que seu projeto esteja inserido fornecendo assim uma completa visão de seu projeto (Anexo 1 - Mapa A).

(Os dados foram fornecidos em material anexo.)

3. Opinião Pública

A - Qual é a opinião pública de sua Cidade/Região e país sobre seu projeto de sediar os Jogos Olímpicos?

Todos os documentos apresentados pelas cidades-aspirantes a cidade-candidata possuem relativas discrepâncias, sobretudo dentro do universo do público favorável à ocorrência do evento na respectiva cidade (em percentual sempre superior, se referenciado às pesquisas realizadas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI)).

i) Istambul, em sua pesquisa de opinião pública, aferiu 88% de aprovação na amostragem dos cidadãos turcos e 89% entre os habitantes da própria cidade.

A pesquisa realizada pelo COI, no entanto, apura 82% de aprovação e revelam que os aspectos positivos em sediar os Jogos Olímpicos referem-se, principalmente, à promoção do país, emprego e turismo.

ii) Leipzig descreve sua metodologia de pesquisa de opinião pública, ao comentar que 1.000 homens e mulheres, com idades superiores a 14 anos, foram entrevistados em dezembro/2003. A entrevista dividia-se em duas partes. A primeira, indagava se o entrevistado estava informado sobre a candidatura alemã, através de Leipzig, aos Jogos Olímpicos 2012. A segunda, referenciada à aprovação (ou não) desta candidatura. Segundo a pesquisa, a população alemã estava informada da intenção de candidatura em 88,1% dos casos e, particularmente na Saxônia, 100% tinham consciência deste fato. Além disso, o documento informa que 89,6% da população alemã e 95% da população da Saxônia aprovavam a candidatura.

A pesquisa realizada pelo COI revela números diferentes com a aprovação de apenas 82% da população. Os pontos positivos na pesquisa do COI para a realização dos Jogos

Olímpicos 2012 em Leipzig são: economia, emprego, promoção da cidade e a crença nas condições de que a cidade de Leipzig poderá prover as condições necessárias para sua realização. O aspecto negativo refere-se a preocupações com custos.

iii) Londres, em seu documento, destaca que foram entrevistadas 3.200 pessoas em todo o Reino Unido: “Você acha que deve ser realizada uma proposta para Londres sediar os Jogos Olímpicos 2012?”⁴

Dessa consulta, resultou que 81% das pessoas afirmam que Londres deveria se candidatar a sediar os Jogos e 82% do universo de amostragem da população referente a Londres apóia a candidatura. Os números do COI, contudo, apontam 67% de apoio e 13% de oposição.

De acordo ainda com o documento emitido por Londres, foram consultados 300 executivos pela Câmara de Comércio de Londres, em janeiro de 2003. Desse grupo, 81% apoiava a candidatura.

iv) As pesquisas realizadas por Madrid são semelhantes às realizadas pelas demais cidades-aspirantes. Foram realizadas em novembro/2003, com universo de pessoas consultadas de 1.000 pessoas para a cidade de Madrid e o mesmo número para o resto da Espanha. As perguntas realizadas são: a) “Você sabe se Madrid apresentou sua candidatura para sediar os Jogos Olímpicos 2012?” e b) “Você pessoalmente gostaria que Madrid fosse escolhida como cidade-sede para os Jogos Olímpicos 2012?”. O resultado da pesquisa revela que 88% dos madrilenos são favoráveis, assim como 82,6% dos espanhóis.

⁴“Do you think a bid should be made for London to host the 2012 Olympic Games?” (British Olympic Association (BOA). Response to the Questionnaire for Cities Applying to Become Candidate Cities to Host the Games of the XXX Olympiad and the Paralympic Games in 2012 – London 2012. Londres: British Olympic Association (BOA), 2004, seção “Public Opinion”).

A pesquisa realizada pelo COI apurou 85% de aprovação, embora não seja revelado o universo de pesquisa.

v) Nova York não informou dados sobre pesquisa de opinião pública que deveria ser realizada no âmbito do país. A pesquisa de opinião pública realizada, em novembro de 2003, no universo dos cidadãos locais, revela que 73% das pessoas é a favor de sediar os Jogos Olímpicos, com oposição de 18% e ainda 9% de indivíduos sem respostas. A pesquisa realizada pelo COI informa que há 68% de pessoas a favor e 11% em oposição aos Jogos naquela cidade.

Nova York parece tentar compensar o nível relativamente baixo de apoio à candidatura, ao comentar amplo apoio de segmentos variados da sociedade: político, sindical, comunitário, empresarial, acadêmico, cultural, esportivo etc. Há inclusive um compromisso das uniões sindicais da construção civil em estabelecer um compromisso de 10 anos sem greve para projetos relacionados a iniciativas relacionadas aos Jogos Olímpicos⁵.

vi) Paris realizou pesquisa a partir de três amostragens: 1) 600 pessoas representantes da população de Paris, com idade igual ou superior a 18 anos; 2) 800 pessoas representando a Região de Ile-de-France, com idade igual ou superior a 18 anos; 1.000 pessoas na França, com idade igual ou superior a 18 anos, em que foi indagado: “Em que extensão você é favorável, ou desfavorável, em sediar os Jogos Olímpicos em Paris, em 2012. Os percentuais favoráveis aferidos são: 75% em Paris; 73% na Região de Ile-de-France; 67% da população do país. Entretanto, o COI relaciona outros percentuais, na base de 72% favoráveis e 7% em oposição ao evento naquela cidade.

⁵ “Labor Unions: The New York City building trades and construction unions have provided a 10-year no-strike pledge for all Olympic-related projects” (United States Olympic Committee (USOC). New York City Olympic Bid – NYC2012. New York City: United States Olympic Committee (USOC), 2004, seção “Public Opinion”).

B – Que objeção existe em relação ao seu projeto? Por favor, detalhar.

Nenhuma das cidades relata qualquer oposição às intenções da cidade em sediar os Jogos Olímpicos 2012.

II. APOIO POLÍTICO

4. Apoio governamental, comitê olímpico nacional e da cidade

Na realidade, a análise da candidatura determina forte peso no apoio governamental, ao estabelecer sub-critérios, no documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional:

- Apoio e comprometimento governamental	70%
- Aspectos legais e correspondência com a Carta Olímpica	15%
- Opinião pública	15%

A – Qual é o status do apoio dos governos nacional, regional e local e autoridades da cidade para sua candidatura e para organização dos Jogos Olímpicos em sua Cidade/Região?

As candidaturas aparentam compromisso das diferentes instâncias políticas em apoiar a intenção a cidade-sede dos Jogos Olímpicos. As pequenas variações na formalidade do comprometimento se devem principalmente a aprovações em colegiados específicos, apoios políticos não-partidários, suporte de diferentes inclinações partidárias e característica de candidatura com maior ou menor intenção de participação dos setores governamentais e

demonstração de entrosamento entre eles (assim como com o Comitê Olímpico Nacional do respectivo país).

Todas as cidades foram avaliadas com grau mínimo 8 e máximo 9. Houve, contudo, ligeira variação no percentual de factualidade do apoio e comprometimento governamental, com valores variáveis entre o intervalo de 0,8 a 0,9 (em uma escala de 0 a 1,0, em que 1,0 representa o máximo de convencimento da completitude prática).

B – Forneça documento de compromisso do governo de seu país.

Não foram disponibilizados documentos de compromisso. No entanto, segundo relato do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional (COI), de uma forma geral, as cidades e países apresentaram documentos que atestam o compromisso dos governos municipais, além do apoio de outros níveis político-administrativos.

C – Por favor forneça datas de todas as eleições que devem ser realizadas em seu Cidade/Região/País, entre esta data e a eleição da cidade-sede (Julho/2005).

i) Istambul relata eleições municipais a ocorrerem em março/2004.

ii) Leipzig menciona a previsão de ocorrência das eleições municipais em junho/2004, estaduais em setembro/2004 e majoritárias em abril/2005.

iii) Londres pontua a previsão de eleições gerais nacionais em junho/2006, eleições para a prefeitura de Londres e Poder Legislativo de Londres, assim como Membros do Parlamento Europeu em Londres, para junho/2004.

iv) Nova York relata que ocorrerão eleições presidenciais, ao Congresso Nacional e às assembleias legislativas em novembro/2004.

v) Madrid informa sobre eleições gerais em março/2004.

vi) Paris prevê eleições regionais e de distrito – cantonal – exceto Paris, em março/2004. Além disso, são citadas eleições de Membros do Parlamento Europeu em junho/2004 e eleição de senadores em setembro/2004.

D – Forneça carta de garantia assinada entre o Comitê Olímpico Nacional e as autoridades de seu país.

Não foram disponibilizados documentos de compromisso assinados pelos Comitês Olímpicos Nacionais. No entanto, o relatório do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional (COI) não menciona qualquer possível não fornecimento do material solicitado às cidades-aspirantes.

5. Futuro Comitê de Candidatura

A - No caso do seu aceite como Cidade-Candidata para sede dos Jogos Olímpicos de 2012, como seu Comitê de Candidatura deve ser estruturado e composto?

i) O Comitê de Candidatura Olímpica de Istambul⁶, fundado em 1992, através da Lei Olímpica da Turquia⁷, para prover a fundamentação legal aos trabalhos relacionados à candidatura, será responsável pelo processo de postulação aos Jogos Olímpicos 2012 e

⁶ Istanbul Olympic Bidding Committee (IOBC).

⁷ Turkish Olympic Law.

organiza-se em uma estrutura tripartite: Conselho de Diretores, Comitê Executivo e Comitê de Preparação.

Destaca-se no documento a menção ao Comitê de Preparação e suas atribuições que são a coordenação de supervisão da localização do sítio olímpico e sua construção, previsão de tributos e arranjos para a construção das facilidades olímpicas, melhoria das instalações existentes, planejamento e construção da infra-estrutura de transporte e comunicação, e relações internacionais relacionadas aos Jogos. É composta de grupos e comissões de trabalho especializados em questões ambientais, segurança, transporte, acomodações, saúde, marketing e finanças, media e comunicação, cultura, olimpismo e paraolimpismo.

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional (COI) para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional (COI), em relação ao material apresentado pela cidade de Istambul, ressalta que seu Comitê de Candidatura é fundamentalmente governamental, apesar dos grupos de trabalho especializados poderem envolver o setor privado e especialistas da sociedade civil.

ii) O documento de candidatura da cidade de Leipzig informa que a base da estrutura organizacional de cidade-aspirante deve manter-se, no caso da escolha da cidade como cidade-candidata. O Comitê de Candidatura, cujos acionistas são o Comitê olímpico Alemão (50,1%), a Cidade de Leipzig (11%), o Estado da Saxônia (34%) e a Cidade de Rostock (4,9%), é composto dos seguintes sub-grupos: a) Conselho Gerencial; b) Conselho Supervisor; c) Comissão Estratégica; d) Conselho Curador; e) Conselho de Orientação do Comitê Olímpico Nacional. Embora haja a descrição das principais comissões, não ficam claras as atribuições específicas no documento da cidade alemã.

iii) A estrutura do Comitê de Candidatura de Londres é formada por um Conselho que inclui diretores com experiência administrativa, atlética, comercial e gerencial, com membros britânicos do COI, assim como os Presidentes da Associação Paraolímpica Britânica e *Commonwealth Games*, além de representantes da entidade olímpica britânica, governo e prefeitura de Londres. O material relativo a este item, fornecido pela cidade de Londres, é superficial e não aprofunda questões relacionadas à estrutura organizacional e às diferentes atribuições internas do Comitê de Candidatura.

iv) Madrid pretende formar um abrangente Comitê de Candidatura, com representantes das diversas instâncias de governo, membros espanhóis do COI e “outras instituições e corpos representantes da sociedade espanhola”, cuja estrutura proposta é a seguinte:

- “Madrid 2012 Foundation”, presidido pelo Prefeito de Madrid, e vice-Presidência exercida pelo Presidente do Comitê olímpico Espanhol, tem como objetivo preparar, promover e difundir a candidatura de Madrid aos Jogos Olímpicos 2012.

- “Madrid 2012 Corporation”, exercida por um CEO e um grupo de profissionais incluindo pessoas das disciplinas: “Esporte, Voluntariado, Serviços Corporativos, Finanças e Serviços Gerais, Comunicação e Promoção, Marketing, Relações Exteriores, Operações, Facilidades e Instalações (Esportivas), Sistemas de Computação e Tecnologia”, seus objetivos principais são a proposição da determinação geográfica das instalações esportivas e a elaboração do documento de candidatura, assim como condução das relações com as Federações Esportivas (Internacionais, Espanhola e local) e atletas.

O documento espanhol destaca que há representantes dos movimentos olímpicos e paraolímpicos nos respectivos corpos de gerenciamento e afirma que o Comitê de Candidatura é assessorado por três comissões:

- Comissão Técnica e de Esportes, serve como um corpo de aconselhamento para a seleção de locais para competição e treinamento para o programa olímpico.

- Comissão de Atletas olímpicos, formada por prestigiosos e renomados atletas, prestará consultoria em relevantes campos como a vila olímpica e a propagação do espírito olímpico.

- Comissão de Meio-Ambiente, encarregada de assegurar que os critérios de meio-ambiente do Comitê olímpico serão atingidos.

v) Nova York intenciona formar um Comitê de Candidatura multidisciplinar, com uma série de Comitês de Orientação e Grupos de Trabalho:

- a) Comissão de Esportes, formada por figuras proeminentes nacionais e internacionais do mundo esportivo, atletas e administradores; b) Comitê de Facilidades, inclui mais de 25 representantes do planejamento, arquitetura, engenharia, esporte, desenvolvimento, legislação, e relevantes agências governamentais, e tem como objetivo supervisionar os aspectos técnicos do plano de facilidades; c) Grupo de Trabalho de Transporte, reúne todas as principais agências de operação de transporte da região Metropolitana de Nova York para desenvolver uma estratégia de coordenação de planejamento através de todos os modos de transporte; d) Comitê de Meio-Ambiente, inclui representantes de 30 organizações locais e nacionais de meio-ambiente para assegurar que princípios de sustentabilidade e abordagens inovativas ambientais se integrem em todos os aspectos do plano Nova York 2012; e) Comitê dos Jogos Paraolímpicos, inclui atletas paraolímpicos, representantes de organizações esportivas que serve a atletas portadores de

deficiência física, e líderes da comunidade (portadora de deficiência física) para assegurar que o Plano Paraolímpico responda às necessidades e especificidades dos atletas, assim como prover completo acesso à cidade; f) Comissão de Orientação aos Jogos integra especialistas com extensiva experiência em Jogos Olímpicos em telecomunicações, informação tecnológica, instalações, transporte, e finança para assegurar que o plano atinja as reais demandas operacionais (dos Jogos Olímpicos); g) Conselho de Orientação de Voluntariado, que recruta mais de 50.000 cidadãos como voluntários, h) Comitê de Educação e Esporte Jovem, objetiva introduzir nos jovens os ideais e esportes olímpicos, apoiar treinamento esportivo de alto nível, e estimular a participação estudantil no processo de candidatura; i) Grupo de Relações Internacionais, que dá o caráter multicultural e compreensão das questões internacionais; j) Conselho de Criação, responsável pela publicidade, *marketing* e iniciativas de *design*; k) Grupo de Orientação Legal, consiste-se de um grupo com 30 proeminentes escritórios de advocacia para lidar com as questões legais, cessões de instalações, e acordos de serviços governamentais.

O documento norte-americano ainda destaca a existência de um Conselho de Ética a assegurar uma completa aquiescência em relação às determinações do COI e do Comitê olímpico dos Estados Unidos da América.

vi) No caso de Paris, o documento informa que o Comitê de Proposta terá a mesma estrutura da fase anterior (de cidade-aspirante). Os diferentes níveis governamentais convergem em torno da candidatura “Paris – Ile-de-France 2012”. O grupo será presidido pelo prefeito de Paris, Bertrand Delanoë e sub-dividido em dois grupos com funções específicas:

- “Comitê de Fundamentação” que “adota decisões delineadas em assegurar que objetivos buscados pelo grupo sejam atingidos. Em particular, é responsável pelo desenho da documentação de candidatura e pela definição da estratégia de comunicação”.

Deste grupo faz parte um significativo número de membros do Comitê Olímpico Internacional (COI) e Comitê Olímpico Francês (COF), além de figuras proeminentes da política francesa e representante da iniciativa privada.

- “Comitê de Candidatura” que “desempenha um papel de definir a política do grupo e determinar a estratégia de postulação”.

Existe neste grupo “um *staff* permanente recrutado dos setores público e privado, todos selecionados em função de suas competências e experiências em preparação e organização de importantes eventos esportivos internacionais”, incluindo campeões olímpicos.

6. Aspectos Legais

A – Quais são os obstáculos legais, se houver, para a organização dos Jogos Olímpicos em seu país?

Todas as cidades-aspirantes informam que não há obstáculo legal para a organização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos em seus países.

B – Há a intenção de implementação de alguma nova lei para facilitar a organização dos Jogos Olímpicos? Explique.

i) Istambul não se opõe a criação de novas leis que possam facilitar o desenvolvimento e a organização dos Jogos Olímpicos.

ii) Leipzig declara que nenhuma nova lei é requerida e portanto nenhuma é proposta. Declara que um Ato Federal⁸ de 2003 coloca o símbolo olímpico sob proteção especial.

iii) Londres afirma que a legislação do Reino Unido é capaz de fornecer efetividade e eficiência para a realização dos Jogos Olímpicos na cidade. Comenta que uma legislação está no Parlamento para permitir a Loteria Nacional levantar recursos depois de Julho de 2005 para sediar os Jogos. Declara ainda que, caso seja comprovado necessário, outras leis poderão ser introduzidas.

iv) Em seu documento, Madrid afirma que a estrutura legislativa da Espanha permite a implementação de novas leis com o objetivo de facilitar a organização dos Jogos Olímpicos, tal qual ocorreu em outros eventos internacionais.

v) Dentre as possíveis novas leis a serem buscadas e citadas no documento de candidatura do movimento NYC2012, responsável pela promoção da candidatura de Nova York aos Jogos Olímpicos 2012, deve ser citada como principal a que intenta modificações na legislação estadual para a criação de uma agência olímpica para concessão, construção e operação de todas as instalações olímpicas. Há menção ainda a objetivar a restrição ao comércio ambulante nas vias públicas, regulamentação das competições com arma de fogo etc.

vi) Paris considera que as atuais leis são suficientes para a organização de eventos esportivos importantes como, segundo o documento, demonstrado pelos exemplos recentes. No entanto, admite que a adoção de medidas suplementares legislativas ou estatutárias poderá ser considerada para a preparação e organização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos e que, neste contexto, alguns procedimentos administrativos poderão ser simplificados ou acelerados.

⁸ “*Federal Act for the Protection of Olympic Emblems and Olympic Terms*”.

C – A legislação de seu país demanda um referendo para um projeto desta natureza?

Todas as cidades-aspirantes informam que a legislação de seus países não prevê a necessidade de referendo para que sejam sediados os Jogos Olímpicos 2012.

D – Quais são as leis existentes, se houver, em seu país relacionadas ao esporte?

i) O documento fornecido por Istambul revela que há na Turquia uma lei Olímpica, desde 1992, que tem sido aplicada por todos os governos. Esta lei assegura a participação e cooperação do governo e das autoridades da cidade, assim como o Comitê Olímpico Nacional. Reconhece ainda a autoridade do COI em todos os aspectos olímpicos e dá à Carta Olímpica a força de lei, com particular referência à proteção dos direitos olímpicos sobre os Jogos e a insígnia olímpica.

O Artigo 59 da Constituição da República da Turquia estipula que o Estado promove o “esporte para todos” e dá apoio a esportistas de talento. Atualmente, o Diretório Geral da Juventude e do Esporte (GDYS) supervisiona todas as atividades esportivas (exceto futebol) e suas federações nacionais, incluindo o Comitê olímpico da Turquia. Há ainda uma deliberação parlamentar em trâmite sobre um projeto de lei para a prevenção de violência e desordem nas competições esportivas.

ii) Em relação a Leipzig, os três poderes acordaram por unanimidade em manter os assuntos esportivos no âmbito auto-regulador, sem interferência externa, exceto nos casos de controle de excessos. A promoção do esporte é realizada através das constituições estaduais e a

atividade esportiva é protegida através dos direitos de liberdade individual e de grupo assegurados pela Constituição. Desde 2002, há uma lei adicional que assegura apoio financeiro ao esporte em Mecklenburg-Western Pomerania.

iii) A candidatura de Londres relata que as federações esportivas regulam individualmente seus respectivos esportes no Reino Unido. Suas leis não são prescritas pelo governo, apesar da legislação determinar, por exemplo, fundos esportivos, segurança nos espaços esportivos, direitos comerciais esportivos e outras questões associadas individualmente ao esporte.

O Reino Unido protege a legitimidade de direitos e interesses do COI. O Ato 1995 outorga exclusivo poder da Associação olímpica Britânica para a exploração do símbolo olímpico, o lema olímpico e as palavras relacionadas ao tema olímpico⁹.

iv) Madrid relata que há uma ampla sorte de dispositivos legais relacionados ao esporte na Espanha que concernem a diferentes aspectos. A lei básica nacional de regulamentação é a Lei do Esporte 10/1990, que foi desenvolvida através de várias regras afetando as seguintes áreas: Comitê Olímpico Espanhol e Federações Esportivas Espanholas; Disciplina nos Esportes, Atletas de Alto Nível; Anti-Doping; Atividades Internacionais e Representações Esportivas; Seguro Esportivo Obrigatório, Companhias Esportivas e Violência no Esporte.

v) O documento americano menciona que o movimento olímpico nos Estados Unidos da América e o Comitê olímpico dos Estados Unidos (USOC) são coordenados pelo Ato Esportivo Amador e olímpico Ted Stevens¹⁰, adotado pelo Congresso dos Estados Unidos em 1978. A lei promove os valores do movimento olímpico e encoraja o desenvolvimento do esporte no país ao mesmo tempo em que protege a propriedade intelectual dos Jogos Olímpicos.

⁹ **Nota:** As palavras são: “Olympic(s)”, “Olympian(s)” and “Olympiad(s)”.

¹⁰ “*Ted Stevens Olympic and Amateur Sports Act*”.

Entre outras leis federais chaves relacionadas aos esportes, está o Título IX, sancionado em 1972 para criar paridade entre programas esportivos de homens e mulheres em educação de nível superior. Este mesmo dispositivo foi revisto em 2003 para promover a participação feminina no esporte.

vi) A candidatura de Paris faz menção a uma lei de 1984 que concerne à organização e promoção de atividades físicas, especifica as relações entre o Estado e as atividades esportivas, e prescreve regulamentação relacionada à segurança nas facilidades esportivas. Esta lei, recentemente reformulada para aumentar a autonomia das federações esportivas, reconhece o papel institucional do Comitê Olímpico Nacional Francês.

E – Quais são as leis, ou outros meios, em seu país, que combatem o doping no esporte?

i) Istambul afirma que o Acordo do Conselho Europeu Anti-Doping tornou-se parte integral da legislação nacional da Turquia.

No documento emitido, há menção ao Centro de Controle de Doping da Turquia, localizado na Hacettepe University, Ankara, como a autoridade nacional no tema, certificado pela Agência Mundial Anti-Doping e o Comitê Olímpico Internacional.

ii) Leipzig revela que há na Alemanha a Agência Nacional Anti-Doping com requisitos do Código Mundial Anti-Doping. As punições às violações de doping se reportam às leis que controlam as federações nacionais de esporte. Neste contexto, a estrutura legal também inclui dispositivos sujeitos à lei criminal, lei de narcóticos, leis de proteção animal e código de conduta criminal.

Há dois laboratórios certificados pelo Comitê Olímpico Internacional, na Alemanha: o Instituto para Análise de Doping e de Bioquímica Esportiva em Kreischa, Saxony, e o Instituto de Bioquímica na German College of Sports em Cologne.

iii) Londres declara que, além da atitude pioneira no combate ao doping no esporte, a agência Governamental *UK Sport* produziu a Declaração do Estatuto Anti-Doping que foi adotada pelos atletas olímpicos, paraolímpicos e apoiados por recursos públicos, corpos governamentais e conselhos esportivos do Reino Unido. Além disso, o Ministério dos Esportes liderou a formulação da Convenção do Conselho Europeu Anti-Doping.

Londres também possui um laboratório certificado pelo COI e, a cada ano, a agência *UK Sport* conduz mais de 6.000 testes, em mais de 40 modalidades esportivas, para o controle do doping.

iv) O documento fornecido pela cidade de Madrid afirma que há no Capítulo IX da Legislação de Esporte da Espanha texto específico ao combate e controle do doping no esporte relativo às seguintes áreas: 1) Infração e sanção à luta contra o doping; 2) Comissão Nacional Anti-Doping; 3) Regras gerais para condução dos controles anti-doping; 4) Substâncias proibidas, grupos farmacológicos e métodos relacionados ao doping no esporte.

Madrid possui também um laboratório para condução de controles anti-doping certificado pelo Comitê Olímpico Internacional.

v) Nova York afirma que há nos EUA um acervo de leis cíveis e criminais que concernem à manufatura, importação e tráfico ilegal de drogas. O anti-doping em esportes olímpicos nos EUA são regulados pela Agência Anti-Doping dos Estados Unidos (USADA), estabelecida pelo Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC) em 2000, com uma agência independente. As

questões anti-doping também são reguladas pelas políticas nacionais do USOC e das Federações Nacionais de Esporte.

vi) A candidatura de Paris afirma que a França adota medidas específicas integradas à legislação de saúde pública cujos objetivos são proteger a saúde dos desportistas e a equidade competitiva.

F – As autoridades de seu país são signatárias de acordo com a Agência Mundial Anti-Doping (World Anti-Doping Agency)? Seu país aplica algum código anti-doping? Explique.

Todas as cidades-aspirantes são signatárias da Declaração de Copenhague (2003) que se relaciona ao Código Mundial Anti-Doping.

Cabe ressaltar que, embora tenham sido examinados a atenção e o respeito a este quesito, pelo grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional (COI), não foram providos graus de avaliação para este item.

III. FINANÇAS

7. Orçamento de candidatura

A - No caso do seu aceite como cidade-candidata para sede dos Jogos Olímpicos de 2012, descreva como e por quem sua candidatura será financiada. Qual o seu orçamento (em dólar):

O objetivo deste critério, segundo o documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional, é avaliar a viabilidade da combinação do financiamento público e privado dos principais investimentos: infra-estrutura geral, instalações esportivas e vila olímpica. Foram utilizados sub-critérios de avaliação baseados na avaliação *Moody* e avaliação da exeqüibilidade das projeções de receitas comerciais.

i) Istambul, conforme anteriormente relatado, criou o Comitê de Candidatura Olímpica de Istambul como corpo legal responsável pelo processo de candidatura e financiador das despesas.

ii) Sobre a candidatura de Leipzig, há um acordo em relação ao Comitê Olímpico Nacional e as cidades de Leipzig e Rostock para que a responsabilidade sobre as despesas seja tomada pelas cidades. O estado da Saxônia subscreverá substancialmente os compromissos financeiros. De acordo ainda com o documento, programas de patrocínio nacional e regional reduzirão a necessidade de financiamento público.

iii) Em relação a Londres, o governo do Reino Unido e a prefeitura de Londres estabeleceram acordo em que se responsabilizam por US\$ 34 milhões. Além disso, o Comitê de Candidatura levantará US\$ 14 milhões junto ao setor privado.

iv) Madrid organizou o planejamento financeiro para sediar os Jogos Olímpicos 2012 da seguinte forma: A administração pública, através da municipalidade de Madrid, garante o subsídio durante o processo de candidatura com aporte da ordem de 15% dos gastos. Além disso, um plano de patrocínio em vigor desde 2000, que conta com mais de 75 empresas de renome de âmbito local e nacional, garante um fundo privado responsável pela parcela de 85% dos gastos com a candidatura.

v) No tocante a Nova York, os fundos previstos necessários à candidatura a sede dos Jogos Olímpicos 2012 serão integralmente obtidos junto ao setor privado. O documento também informa que, durante os últimos quatro anos, o Comitê de Candidatura tem trabalhado junto à Comissão de Esportes da Cidade de Nova York para trazer para a cidade uma série de campeonatos e torneios de esportes olímpicos. Em função deste fato, US\$ 9 milhões estão sendo utilizados como parte do financiamento destas competições e representarão um importante legado esportivo olímpico.

vi) Paris organiza sua candidatura através da composição do Comitê Olímpico Nacional Francês, a cidade de Paris, a região de Ile-de-France e o governo francês. Estima-se que o financiamento seja dividido em frações iguais de 25% para os três níveis da administração pública e os 25% restantes para a iniciativa privada.

- Fase I (Aspiração)

- i) O orçamento de Istambul para esta fase é de aproximadamente US\$ 750 mil.
- ii) O orçamento de Leipzig para esta fase é de aproximadamente US\$ 15,6 milhões.
- iii) O orçamento de Londres para esta fase é de aproximadamente US\$ 19 milhões.

- iv) O orçamento de Madrid para esta fase é de aproximadamente US\$ 5,9 milhões.
- v) O orçamento de Nova York para esta fase é de aproximadamente US\$ 9,2 milhões.
- vi) O orçamento de Paris para esta fase é de aproximadamente US\$ 6,9 milhões.

- Fase II (Candidatura)

i) O orçamento de Istambul para esta fase é de aproximadamente US\$ 5,250 milhões, no caso de seleção pelo COI como cidade-candidata.

ii) O orçamento de Leipzig para esta fase é de aproximadamente US\$ 21,6 milhões, com um valor previsto de reserva de US\$ 2,4 milhões, no caso de seleção pelo COI como cidade-candidata.

iii) O orçamento de Londres para esta fase é de aproximadamente US\$ 29 milhões, no caso de seleção pelo COI como cidade-candidata.

iv) O orçamento de Madrid para esta fase é de aproximadamente US\$ 12,7 milhões, no caso de seleção pelo COI como cidade-candidata.

v) O orçamento de Nova York para esta fase é de aproximadamente US\$ 13,3 milhões, no caso de seleção pelo COI como cidade-candidata.

vi) O orçamento de Paris para esta fase é de aproximadamente US\$ 20,7 milhões, no caso de seleção pelo COI como cidade-candidata.

8. Orçamento dos Jogos

A - Como será estruturado seu orçamento dos Jogos (financiamento privado vs. público)?

i) O Comitê Olímpico de Candidatura de Istambul estima que, além das contribuições do COI (direitos de televisão e patrocinadores oficiais TOP¹¹) e vendas de ingressos,

¹¹ **Nota:** “Programa TOP (*The Olympic Partner Programme*): Como um evento que comanda o foco da mídia e a atenção de todo o mundo por duas semanas a cada dois anos, os Jogos Olímpicos são a plataforma mais efetiva de marketing corporativo internacional no mundo, atingindo bilhões de pessoas em 200 países e territórios.

aproximadamente 60% do orçamento do Comitê Organizador será de origem pública e 40% de fontes privadas (patrocinadores locais, fornecedores oficiais e licenciamento).

ii) A estrutura orçamentária de Leipzig prevê contribuições privadas e públicas. Os custos operacionais, incluindo os edifícios temporários para a organização dos Jogos Olímpicos, estimados em US\$ 2,19 bilhões, serão de responsabilidade do Comitê Olímpico Organizador dos Jogos Olímpicos.

As receitas previstas no orçamento do Comitê Organizador deverão ser assim divididas aproximadamente: a) Contribuições do COI, 48%; b) Patrocínio local, 17%; c) Licenciamento, 3%; d) Fornecedores oficiais, 5%; e) Venda de ingressos, 18%; f) Outros, 9%.

A maioria dos investimentos pós-olímpicos de longo prazo das instalações esportivas e de infra-estrutura de transporte será de financiamento público. As acomodações – 4.250 novos quartos de hotéis na região de Leipzig e 9.500 quartos em hotéis-residência – serão financiados largamente pela iniciativa privada.

Em resolução datada de outubro de 2003, a República Federal da Alemanha, o estado da Saxônia e a cidade de Leipzig aprovaram verba de USD 363 milhões para a construção de instalações esportivas, infra-estrutura e acomodações para o período de 2003/2005.

O apoio de patrocínio é crucial para a realização dos Jogos e as operações de cada organização no movimento olímpico. O apoio de associados não é importante apenas durante o período dos Jogos; ele provê serviços técnicos vitais e produtos de apoio para o COI, os Comitês Organizadores e os Comitês Olímpicos Nacionais, beneficiando atletas, treinadores e espectadores.

Criado em 1985, o Programa TOP, gerenciado pelo COI, é o único patrocinador com direitos de marketing exclusivo em todo o mundo para os Jogos Olímpicos de Verão e Inverno.

As seguintes empresas fazem parte do TOP Programme: Atos Origin, Coca-Cola, John Hancock, Kodak, McDonald's, Panasonic, Samsung, Sport Illustrated, Swatch, Visa, Xerox" (www.olympic.org – agosto/2004).

iii) O documento fornecido por Londres, laconicamente, afirma que os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos em Londres serão financiados pela combinação de recursos privados e públicos.

iv) A candidatura de Madrid prevê que o orçamento do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos, além da contribuição do COI, será composto de aproximadamente 80% do setor privado e 20% da administração pública.

v) Nova York isenta o orçamento não vinculado ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos – *non-OCOG budget*¹² - da responsabilidade sobre a expansão do Javits Convention Center, o estádio olímpico, o IBC¹³ e a vila olímpica e a atribui às iniciativas privada e pública.

A vila olímpica de Nova York é uma parceria público-privada de desenvolvimento em larga-escala. As agências governamentais comprometeram-se na aquisição de uma área e melhorias da ordem de US\$ 120 milhões. Os edifícios, que deverão no futuro ter fim residencial, serão construídos pela iniciativa privada com custo aproximado de US\$ 1,5 bilhões.

O complexo olímpico West Side será objeto também de uma parceria público-privada de US\$ 5 bilhões. Atualmente, US\$ 60 milhões já foram comprometidos no projeto e no planejamento, cujo início de implementação está agendado para o primeiro semestre de 2005, anteriormente à seleção da cidade-sede. Fundos públicos serão utilizados para a construção de plataformas sobre o pátio de manobras de trens existente, onde serão erguidos o estádio olímpico e a praça olímpica, e para a expansão do Javits Convention Center, a construção de uma rede de novos parques e boulevards e a extensão do sistema de metrô. O estádio olímpico será financiado pela iniciativa privada com custo estimado em US\$ 800 milhões.

¹² **Nota:** *OCOG – Organizing Committee of the Olympic Games*: Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos.

¹³ **Nota:** *IBC – International Broadcasting Center*: Centro de Radiodifusão Internacional.

vi) O documento de candidatura de Paris não é assertivo na informação sobre a estruturação orçamentária dos Jogos Olímpicos. Até-se a relatar que “no caso de sua escolha como cidade-sede, os detalhes e formas de compromissos dados pelas autoridades nacional, regional e municipal será especificada”. Menciona vagamente que o orçamento e a organização dos Jogos Olímpicos será financiado essencialmente pelo levantamento de fundos privados, principalmente através do Programa de Marketing olímpico¹⁴ e a venda de serviços.

B – Que caução (garantia) foi obtida do governo nacional, regional ou local e das autoridades da cidade?

i) O relatório de Istambul informa que a principal contribuição provém da municipalidade de Istambul que aporta 1% de seu orçamento anual no Comitê olímpico de Candidatura de Istambul, ou seja, o correspondente a 38% de suas receitas. Além disso, a Lei Olímpica da Turquia determina percentuais relativos a apostas lotéricas que são fontes de receitas. Desde sua fundação, o Comitê Olímpico de Candidatura de Istambul investiu 88% de suas receitas em facilidades esportivas com o objetivo de equipar a cidade com a infra-estrutura necessária.

A Lei Olímpica determina que todos os serviços relacionados ao governo serão oferecidos ao futuro Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos, com isenção de pagamento, assim como cuidados médicos, segurança, imigração etc. Além disso, todas as instalações esportivas e não-esportivas de propriedade da administração pública tornar-se-ão disponíveis ao Comitê Organizador.

¹⁴ **Nota:** *Olympic Marketing Programme.*

ii) Em relação à candidatura de Leipzig, o governo federal e estadual alemão declaram que contribuirão financeiramente para assegurar o sucesso dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Assim, todos os recursos necessários estarão disponibilizados para que este objetivo seja alcançado.

Afirma também o documento que todas as despesas adicionais – aquelas relacionadas a cuidados médicos, segurança, transporte, meio-ambiente etc. – que vão além das despesas previstas no orçamento não vinculado ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos – *non-OCOG budget*¹⁵ - serão de responsabilidade da administração pública. Fica assegurado inclusive que todas as despesas do Comitê Organizador serão subscritas pelas autoridades públicas. No entanto, ao citar que novos edifícios e instalações serão necessárias para a realização dos Jogos Olímpicos, relativiza a condição de que nos casos de uso pós-olímpico de longo prazo para a população em geral, poderá a administração pública arcar com o financiamento.

iii) O governo do Reino Unido e a prefeitura de Londres acordaram um pacote, para cobrir o capital necessário, infra-estrutura e custos de sediar os Jogos Olímpicos, com a liberação de US\$ 4,040 bilhões de fundo público divididos da seguinte forma: US\$ 2,550 bilhões de receita em loteria; US\$ 1,065 bilhões através de taxa local e US\$ 425 milhões, se necessário, através da Agência de Desenvolvimento de Londres¹⁶.

O governo também adotará o compromisso necessário para a provisão de serviços relacionados à administração pública como segurança e cuidados médicos, sem custos para o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres.

¹⁵ **Nota:** *OCOG – Organizing Committee of the Olympic Games*: Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos.

¹⁶ **Nota:** *London Development Agency (LDA)*.

Todos as instalações públicas esportivas e não-esportivas requisitadas pelos Jogos estarão disponíveis ao Comitê Organizador sem custos ou com um custo de aluguel pré-aprovado pelo COI.

iv) O documento relativo a Madrid garante que os governos Nacional, Regional e Municipal, no âmbito de suas respectivas autoridades, farão os investimentos necessários nas áreas de facilidades esportivas, transporte, acomodação e telecomunicações.

Como benefício indireto, os governos em suas respectivas instâncias comprometem-se a disponibilizar ao Comitê Organizador todos as instalações esportivas requisitadas para a preparação adequada, os eventos testes e, se necessária, para sediar os Jogos Olímpicos.

Também como benefício indireto, o Ministério do Interior e Defesa participará do Plano de Segurança dos Jogos.

Segundo ainda o documento, o governo nacional adotará as medidas necessárias para garantir a importação, uso e exportação livre de impostos de qualquer item requisitado pelo COI, as Federações Internacionais, os Comitês Olímpicos Nacionais e suas delegações, mídia, patrocinadores e fornecedores para atender às obrigações relevantes dos Jogos Olímpicos.

Os governos nacional e regional, através de seus departamentos competentes, adotarão as medidas necessárias para assegurar o cumprimento das obrigações aceitas durante o processo de candidatura de acordo com a Carta Olímpica e o Contrato da Cidade-Sede.

O orçamento de Madrid em Infra-Estrutura – orçamento não vinculado ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos – será totalmente financiado pelas autoridades públicas, pois relaciona-se ao legado olímpico da cidade.

v) O estado de Nova York e a cidade de Nova York adotaram um programa conjunto de garantia em 2001 que provirá em US\$ 250 milhões em caso de algum percalço nos Jogos Olímpicos. Além disso, o documento informa que o Comitê de Candidatura trabalha estreitamente com o governo dos Estados Unidos que é totalmente favorável à candidatura a sede do evento.

vi) Em relação a Paris, ainda de forma superficial, seu documento afirma que qualquer déficit do Comitê de Organização dos Jogos Olímpicos será garantido pelo governo francês. Informa ainda que os fundos de infra-estrutura gerais e esportivas demandados pelos Jogos, face o legado de longo prazo, não serão garantidos através da utilização das receitas do Programa de Marketing Olímpico.

Os fundos para os diferentes tipos de instalações (esportivas e não-esportivas) serão providos pelas autoridades públicas e/ou privadas de acordo com o tipo de equipamento relacionado ao uso pós-olímpico.

Ainda sobre a candidatura francesa, as autoridades públicas dão a garantia de que nenhuma despesa não-relacionada diretamente à organização dos Jogos será requerida ao Comitê de Organização dos Jogos Olímpicos.

9. Geração de receitas potenciais pelo Comitê de Organização dos Jogos Olímpicos

A – Além da contribuição financeira recebida do Comitê Olímpico Internacional, que outra receita espera conseguir?

i) Istambul reforça a posição relatada anteriormente e declara que há uma receita anual de aproximadamente US\$ 28 milhões advinda de diversas fontes públicas de recursos que

atualmente já dão suporte ao Comitê Olímpico de Candidatura da Turquia. Segundo ainda o documento, a Lei Olímpica permite que se quintuple este subsídio de forma a capacitá-lo a gerar valores superiores a US\$ 900 milhões.

Além disso, o Comitê Olímpico de Candidatura estima que levantará recursos da seguinte forma: venda de ingressos¹⁷ (US\$ 210 milhões), patrocínio local (no período 2009-2012) (US\$ 200 milhões), fornecedores oficiais¹⁸ (US\$ 80 milhões), licenciamento de produtos (US\$ 25 milhões), filatelia e moedas olímpicas (US\$ 8 milhões), loteria (US\$ 6 milhões) e doações (US\$ 5 milhões).

ii) Genericamente, Leipzig relaciona suas principais fontes de receita, além da contribuição do COI, a: venda de ingressos (US\$ 392,9 milhões), patrocínio local (US\$ 361 milhões), Jogos Paraolímpicos (US\$ 134 milhões), fornecedores oficiais (US\$ 118,8 milhões), licenciamento de produtos (US\$ 66,2 milhões), receitas de aluguel da vila da mídia (US\$ 50,2 milhões). Ressalta que as medidas operacionais para sediar os Jogos serão financiadas estritamente com recursos privados.

¹⁷ **Nota:** Um total de 8 milhões de ingressos estarão disponíveis para os Jogos Olímpicos 2012, após a provisão dos lugares da “família olímpica”. Aproximadamente 6 milhões de ingressos deverão ser vendidos. A média dos valores das sessões competitivas será de US\$ 30, com oscilação de US\$ 10 a US\$ 30 para eventos secundários e US\$ 50 a US\$ 100 para eventos principais. A disponibilidade de ingressos para as cerimônias de abertura e encerramento será de 73.000 para cada, e vendas avaliadas em 100%. A média de preços destes eventos é de US\$ 200 (Istanbul Olympic Bidding Committee. Olympist – The Meeting of Continents – Istanbul 2012 – Applicant City. Istanbul: Istanbul Olympic Bidding Committee, 2004).

¹⁸ **Nota:** Fornecedores oficiais (...) incluirão parceiros de categorias como ar condicionado, serviços de gerenciamento de limpeza, acessórios elétricos e automação predial, dispositivos elétricos, *newletters* eletrônicas, fretagem, serviços domésticos, serviços logísticos, equipamentos de manuseio material, serviços de reciclagem e empacotamento, serviços patológicos, equipamentos radiológicos, aluguel de veículos, serviços de pesquisa, serviços de coleta de dejetos sólidos, artigos e equipamentos esportivos, estruturas temporárias e serviços de gerenciamento de lixo (Istanbul Olympic Bidding Committee. Olympist – The Meeting of Continents – Istanbul 2012 – Applicant City. Istanbul: Istanbul Olympic Bidding Committee, 2004).

Algumas precauções são relatadas no documento, relacionadas à adoção de um programa de marketing não conflitivo com os interesses do COI, particularmente ao Programa TOP.

Os ingressos foram estimados entre US\$ 24 e US\$ 95, com valores diferenciados para a cerimônia de abertura e de encerramento dos Jogos Olímpicos, e taxa de ocupação da ordem de 75% dos assentos disponíveis. O estudo não prevê receita a partir do programa de filatelia e moeda olímpica, nem tampouco através de loteria.

iii) O documento emitido por Londres declara que, além dos direitos de radiodifusão (transmissão) e das receitas advindas do Programa TOP, o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos deverá antecipar valores aproximados de US\$ 1,005 bilhões (patrocínio, ingressos, licenciamento etc.). O texto menciona a tradição de patrocínio corporativo no Reino Unido que movimenta um montante da ordem de US\$ 3 bilhões a cada período de 5 anos. Há referências sempre positivas sobre pesquisas relativas a interesses de patrocínios que convergem à geração de aproximadamente US\$ 500 milhões em receitas e a estimativas de venda de ingressos da ordem de US\$ 415 milhões. Além disso, sua população de 7 milhões e afluxo anual de 11,5 milhões de pessoas deve criar uma demanda significativa por produtos licenciados, incluindo filatelia e moedas olímpicas com possibilidade de recursos estimada em US\$ 30 milhões.

iv) Madrid objetivamente estabelece as fontes de seus recursos da seguinte forma: patrocínio local¹⁹ (US\$ 205 milhões), fornecedores oficiais²⁰ (US\$ 137 milhões), subsídios (US\$

¹⁹ **Nota:** Baseado nos números dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e Barcelona (1992) (Não foi identificado título específico para o documento, formulado em 2004 pelo Comitê olímpico Espanhol, de postulação a cidade-sede dos XXX° Jogos Olímpicos 2012 e dos XIV° Jogos Paraolímpicos 2012).

²⁰ **Nota:** Baseado nos números dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e Barcelona (1992) (Comitê Olímpico Espanhol. Op. cit., 2004).

158 milhões), doações (US\$ 7 milhões), venda de ativos²¹ (US\$ 35 milhões), venda de ingressos²² (US\$ 322 milhões), licenciamento²³ (US\$ 60 milhões), filatelia e moedas olímpicas (US\$ 10 milhões), loterias (US\$ 7 milhões) e outros²⁴ (US\$ 59 milhões).

v) Nova York destaca sua condição de “residência (sede) de múltiplos parceiros olímpicos [cujo] setor corporativo tem sido tradicionalmente a maior fonte de receita do movimento olímpico dos Estados Unidos da América” e utiliza a experiência dos resultados dos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e Salt Lake City (Jogos Olímpicos de Inverno-2002) e principais eventos esportivos recentes, como o US Open de Tênis e Copa do Mundo de Futebol (1994). Desta forma, detalha da seguinte forma sua arrecadação de recursos financeiros: venda de ingressos (US\$ 813 milhões), patrocinadores e fornecedores locais e nacionais (US\$ 687 milhões), licenciamento e merchandising (US\$ 95 milhões), Jogos Paraolímpicos²⁵ (US\$ 69 milhões) e outras fontes²⁶ (US\$ 170 milhões).

²¹ **Nota:** Baseado nos números dos Jogos Olímpicos de Peking (2008), Atenas (2004) e Barcelona (1992) (Comitê Olímpico Espanhol. Op. cit., 2004).

²² **Nota:** Valores estimados da seguinte forma: i) Competições (US\$ 250 milhões): 5.000.000 de ingressos, média de valores US\$ 50, ii) Cerimônias de abertura e encerramento (US\$ 54 milhões): 100.000 ingressos, média de valores US\$ 540,00, iii) Ensaio das cerimônias de abertura e encerramento (US\$ 18 milhões): 100.000 ingressos, média de valores US\$ 180,00) (Comitê Olímpico Espanhol. Op. cit., 2004).

²³ **Nota:** Baseado nos números dos Jogos Olímpicos de Peking (2008), Atenas (2004) e Barcelona (1992) (Comitê Olímpico Espanhol. Op. cit., 2004).

²⁴ **Nota:** Baseado nos números dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e Barcelona (1992) (Comitê Olímpico Espanhol. Op. cit., 2004).

²⁵ **Nota:** Receitas com os Jogos Paraolímpicos são projetadas para se incluírem nas seguintes categorias: patrocínio (US\$ 30 milhões), venda de ingressos (US\$ 21 milhões), doações (US\$ 5 milhões), direitos de radiodifusão (transmissão) (US\$ 10 milhões), licenciamento, lucro com vendas e outros (US\$ 3 milhões) (United States Olympic Committee (USOC). New York City Olympic Bid – NYC2012. New York City: United States Olympic Committee (USOC), 2004).

²⁶ **Nota:** Projetada em US\$ 170 milhões, esta categoria inclui, entre outras fontes: leasing de facilidades do IBC (International Broadcasting Center) e MPC (Media Press Center), leasing das acomodações do Comitê Olímpico Nacional durante o período externo aos Jogos Olímpicos, filatelia e moedas olímpicas (United States Olympic Committee (USOC). New York City Olympic Bid – NYC2012. New York City: United States Olympic Committee (USOC), 2004).

vi) Paris confia em sua localização geográfica “única” no mercado europeu, no nível econômico da França e dos países próximos, como garantia de um ambicioso Programa de Marketing olímpico. Os valores são estimados em: venda de ingressos (US\$ 450 milhões), patrocínio local (US\$ 360 milhões), licenciamento de produtos (US\$ 35 milhões), procedimentos olímpicos, filatelia e loterias (US\$ 15 milhões) e venda de serviços (US\$ 150 milhões). A base referencial é atribuída aos seguintes fatos: i) Dados fornecidos pelo COI no contexto das receitas advindas de outros Jogos Olímpicos; ii) Experiência adquirida com a organização de grandes eventos na França e iii) O potencial e atratividade econômica oferecidos pelos Jogos Olímpicos na França.

O documento afirma que não são consideradas doações ou subsídios, por princípio de precaução, até que estas hipóteses mostrem-se tangíveis por evidências.

IV. INSTALAÇÕES

10. Instalações de Competições

O grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional estabeleceu alguns sub-critérios com os seguintes pesos:

a) Instalações existentes – 35%

A utilização de instalações existentes adequadas, incluindo intenções de melhorias (upgrading).

b) Instalações Planejadas e Adicionais – 35%

Planejadas – Novas instalações em construção ou planejadas para serem construídas, independente da candidatura para sede dos Jogos Olímpicos. Os custos destas instalações não deverão ser considerados no orçamento dos Jogos Olímpicos.

Adicionais – Número de novas instalações demandadas especificamente para os Jogos Olímpicos e o uso temporário das instalações onde não há identificação de legado.

c) Conceito Esportivo/Legado - 30%

O conceito geral esportivo com prioridade para a qualidade da experiência dos atletas. A utilização do menor número de instalações esportivas, a concentração racional das instalações esportivas, em proximidade à vila olímpica, incluindo o complexo do parque olímpico e o valor de legado das novas instalações, foram considerados importantes.

O grupo de trabalho concorda que a média demandada de instalações e capacidade de espectadores (que as cidades-aspirantes devem considerar) é a seguinte:

Esporte/Disciplina		Padrão COI (no. Pessoas)	No. Instalações
Arco-Flecha		4.000	1
Atletismo/Cerimônia		60.000	1 *A
Badminton		5.000	1 *B
Baseball		8.000	1 *G
Basquete	Preliminares	8.000	1
	Finais	12.000	

Boxe		6.000	1
Canoa/Caiaque (Flatwater)		10.000	1 *C
Canoa/Caiaque (Slalom)		8.000	1
Ciclismo (Track)		5.000	1
Ciclismo (Mountain Bike)		2.000	1
Ciclismo (Estrada)		1.000	0
Eqüestre Obstáculo/Adestramento		12.000	1
Esgrima	Preliminares	2.000	1
	Finais	4.000	
Futebol	Preliminares	20.000	4
	Preliminares	20.000	
	Preliminares	20.000	
	Preliminares	20.000	
	Finais	50.000	*A
Ginástica Artística		12.000	1 *D
Ginástica Rítmica		5.000	*B
Ginástica Trampolim		5.000	*D
Handball	Preliminares	5.000	1
	Finais	8.000	
Hockey	Campo 1	8.000	1
	Campo 2	5.000	
Judô		6.000	1 *E

Pentatlo Moderno	Tiro/Esgrima	3.000	*B
	Natação	12.000	*F
	Corrida	10.000	*G
Remo		10.000	*C
Vela		0	1
Tiro		3.000	1
Softball		8.000	1
Natação		12.000	1 *F
Nado Sincronizado		5.000	*F
Salto Ornamental		5.000	*F
Water Pólo		5.000	1
Tênis de Mesa		5.000	1 *H
Taekwondo		5.000	*H
Tênis	Quadra Central	10.000	1
	Quadra 1	5.000	
	Quadra 2	3.000	
Triathlon		2.000	1
Vôlei		12.000	1
Vôlei de Praia		12.000	1
Levantamento de Peso		5.000	1
Luta		6.000	*E
TOTAL			31

- Observação 1:

* refere-se a possível compartilhamento de instalações. Isto é *A compartilha com *A, *B compartilha com *B etc.

- Observação 2:

- Com o objetivo de ter uma comparação compatível de instalações esportivas, o percentual de facilidades existentes, planejadas e adicionais foram calculadas para cada cidade.

- Percursos de estrada não foram contabilizados, exceto no caso do triathlon.

- Uma instalação provendo múltiplos *halls* para diferentes esportes internos (*indoor*): foram contabilizados separadamente para cada *hall*/esporte.

- As instalações de futebol foram contabilizadas com um máximo de 4 instalações existentes mais o estádio olímpico da cidade-aspirante/finais.

- Uma quadra de hockey deve incluir dois campos.

A – Instalações Esportivas Existentes: Indique as instalações esportivas existentes que espera utilizar nos Jogos Olímpicos.

B - Instalações Esportivas Planejadas: Indique as instalações esportivas já planejadas, não consideradas na proposta de aspiração [a sede] dos Jogos Olímpicos, que serão utilizadas nos Jogos Olímpicos.

C - Instalações Esportivas Adicionais: Liste as instalações esportivas adicionais que acredita necessárias para sediar os Jogos Olímpicos.

i) Principais aspectos conceituais relacionados à organização idealizada pela cidade de Istambul para as instalações esportivas:

- À conveniência dos atletas foi assinalada importância primacial. Com este objetivo, a maioria das instalações esportivas está concentrada no parque Olímpico e na zona sul (a 16 km do parque). Além disso, a vila olímpica fica a 5 minutos do parque Olímpico.

- Para maximizar o uso pós-Jogos e o custo-benefício, instalações existentes foram avaliadas pelo seu potencial durante os Jogos. Aquelas instalações que podem ser modificadas ou transformadas para uso olímpico, mesmo se atualmente não são utilizadas como instalações esportivas, foram selecionadas. Exemplos desta natureza incluem Tüyap Exhibition Center, Mydonose Showland e Park Orman.

- Segundo o documento, “um projeto olímpico em uma metrópole tão grande e extensa quanto Istambul requer a incorporação de aspectos específicos para promover (...) uma ampla participação da experiência olímpica. Isto se reflete na localização de diversas instalações esportivas, escolhidas em função de sua repercussão em termos urbanos e “projeto compacto””.

- Istambul destaca ainda que a utilização de instalações em Prince Islands, Golden Horn (remo e canoagem) e a rota em torno de Old City (ciclismo) serão contribuições enriquecedoras para os Jogos Olímpicos, ao associar atividades esportivas de alto nível com o cuidado com o meio-ambiente natural e histórico.

Os custos de construção estimados em US\$ 163 milhões foram considerados conservativos pelo documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional, para 11 instalações

esportivas permanentes e 5 temporárias e apenas 1 instalação a ser reformada (US\$ 15 milhões).

No entanto, segundo o mesmo documento, a construção de grandes facilidades esportivas nos últimos anos e a possibilidade de 11 novas instalações esportivas podem prover um grande legado para a cidade e sua jovem e crescente população.

ii) O conceito dos Jogos Olímpicos em Leipzig baseia-se em 4 pilares principais:

- Concentração: As demandas dos atletas e delegações são os critérios mais importantes para a definição de forte concentração da vila olímpica, as instalações esportivas e os dois centros de mídia (IBC e MPC). Desta forma, 90% do total (excluindo vela) acontecerá em um raio de até 10 km da vila olímpica, e 97% do total (excluindo vela) acontecerá em um raio de até 15 km da vila olímpica e do Centro da cidade. Esta concentração e uma densa rede de estradas urbanas resultará em curtas distâncias e tempos de deslocamento.

- Qualidade: Todas as facilidades esportivas atingirão ou ultrapassarão os requisitos das Federações Internacionais fornecidos pelo COI e oferecerão elevados padrões internacionais para os atletas. As instalações esportivas serão projetadas para satisfazer as demandas para competição, treinamento e segurança dos atletas.

- Sustentabilidade: O conceito das instalações esportivas contidas na proposta de postulação a sede dos Jogos Olímpicos 2012 reflete o compromisso com os princípios da sustentabilidade e, assim, acordo com a estratégia de desenvolvimento urbano de longo prazo da cidade e com a “Agenda 21 do Movimento Olímpico”. Há uma atenção particular ao uso das instalações esportivas no período pós-Jogos:

- 9 instalações de competição permanecerão sem alterações na configuração olímpica;

- 8 halls de competição retornarão ao uso normal após 2012 para feiras de negócios e eventos;

- 13 instalações de competição serão mantidas, apesar da capacidade pós-Jogos poder ser reduzida a um nível compatível de custo;

- 3 instalações de competição (velódromo, hall de luta-livre, hall de judô e tae kwondo) serão projetadas em um princípio modular; assim, poderão ser desmontadas após 2012 em Leipzig e reerguidas como centros de esporte em outro local na região, o que permitirá a toda a cidade o benefício do legado olímpico.

- 6 instalações de competição serão reduzidas em tamanho, mas ao manter-se a infraestrutura, poderão ocorrer competições internacionais (triatlon, arco-flecha, por exemplo) nestas localidades após os Jogos.

- 4 instalações de competição serão desmontadas após 2012, pois são incompatíveis com os planos de desenvolvimento de longo prazo para estas localidades (baseball, softball, por exemplo). No entanto, pelo menos uma facilidade de treinamento será disponibilizada para cada uma das disciplinas olímpicas.

Do total, em Leipzig, 51% das instalações de competição já existem, a construção de 21% já está planejada e apenas 28% são facilidades adicionais.

- “Clustering” (Agrupamento): Lógica de localização e disciplinas afins para agrupamento das instalações de competição: a) parque olímpico (*Olympic Park*), b) Leipzig Trade Fair, c) Old Exhibition Centre e d) The New Lake District.

De acordo com a avaliação exposta no documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico

Internacional, a proposta de 37 instalações esportivas parece excessiva, assim como os recursos para adaptação das instalações esportivas existentes e construção das novas – US\$ 1,756 bilhões – representam um significativo desafio.

iii) Londres afirma que todas as instalações esportivas foram selecionadas de acordo com princípios de desenvolvimento sustentável e direcionadas para as necessidades de um legado esportivo e da comunidade local. Todas as instalações foram planejadas de acordo com custo adequado para uso pós-Jogos. Além disso, os Jogos Paraolímpicos serão beneficiados por esta proposta de instalações concentradas e acessíveis.

Londres destaca ainda 3 pontos principais na conceituação de sua organização:

a) Valorização de marcos mundialmente conhecidos atualmente já existentes:

- Wimbledon, uma das instalações esportivas dedicadas ao tênis mais importantes do mundo;

- Lord's, utilizada para o cricket, sediará as provas de arco;

- Eton College Rowing Center (Dorney Lake) sediará o Campeonato Mundial de Canoagem (em 2006);

- Bisley, destinado às provas de tiro, é uma instalação já utilizada para os Jogos Olímpicos de 1908 e 1948 e renovada para os Commonwealth Games (2002).

b) Instalações esportivas concentradas no parque olímpico:

- O parque olímpico será sede de uma combinação de facilidades temporárias e permanentes, incluindo o estádio olímpico, centro aquático e velódromo, todos localizados a 7 minutos (em veículo) da vila olímpica.

c) Instalações esportivas existentes próximas:

- Estádio de Wembley, com capacidade para 90.000 pessoas, sede dos Jogos Olímpicos (1948) e Copa do Mundo de Futebol (1966), será utilizado para as finais da competição de futebol dos Jogos Olímpicos.

- São citados, ainda fora de Londres, conforme relatado na pergunta 2.A do presente questionário, as cidades de Glasgow e Manchester, cujas distâncias de Londres são 610 km e 302 km respectivamente, como sedes das competições de futebol.

Além disso, o documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional pondera que a utilização de instalações existentes para vela (245 km), mountain bike e tiro (72 km), remo e canoagem (54 km), causa algum espraiamento em relação à vila olímpica. O documento destaca também que não há previsão orçamentária para remodelação ou construção em *Greenwich Park*, *Hyde Park*, *Regents Park*, *Swinley Forst* e *Horse Guards' Parade*. Há, contudo, uma menção especialmente positiva, em relação ao parque olímpico que alojará a vila olímpica, provendo uma boa ambiência competitiva para a maioria dos atletas.

iv) Madrid argumenta que, em função da ocorrência de uma série de competições internacionais esportivas importantes nesta cidade, a maior parte das facilidades já foi construída, e atualmente aproximadamente 70% dos eventos relacionados ao Programa de Esportes dos Jogos Olímpicos já possui sua instalação correspondente.

Segundo o conceito de Madrid, partiu-se da premissa de que as instalações esportivas localizar-se-ão em no máximo três áreas distintas. Além disso, foram estabelecidos como requisitos básicos:

- Máxima concentração;

- Proximidade da vila olímpica;
- Possibilidade de conexão com a rede de transporte público;
- Respeito ambiental;
- Utilização de instalações esportivas existentes;
- Busca de soluções temporárias, quando necessárias.

Além disso, foram acordados alguns objetivos entre os membros do Comitê olímpico Espanhol e as federações esportivas de Madrid e da Espanha:

- Nenhum itinerário entre as instalações esportivas e a vila olímpica utilizando transporte oficial deve levar mais do que 26 minutos;
- Os espectadores poderão acessar 82% das instalações esportivas olímpicas utilizando metrô ou trem suburbano;
- As distâncias entre todas as instalações esportivas olímpicas (exceto remo, caiaque e vela) e a vila olímpica serão menores que 20km.

O documento emitido por Madrid destaca ainda a disposição de erguer novas instalações esportivas, assim como a intenção de usufruir da infra-estrutura existente já utilizada em outros eventos esportivos importantes. Além disso, Madrid propõe-se a disponibilizar aos Comitês Olímpicos Nacionais e às federações internacionais uma respeitável rede de complexos esportivos com facilidades de treinamento para auxiliar os atletas na aclimação anterior aos Jogos Olímpicos. Todas estas instalações esportivas, novas ou existentes, atendem aos requisitos das federações internacionais e do COI:

- Localizado harmoniosamente no meio-ambiente e comunidade ao qual pertence;

- Número de assentos disponíveis suficientes em concordância com as federações internacionais e o COI;
- Acessibilidade a todos os atletas portadores de deficiência física participantes dos Jogos Paraolímpicos;
- Garantia de uso pós-Jogos para eventos esportivos e culturais ou outros eventos.

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional elogia o legado esportivo para a cidade, a partir das 5 novas instalações - 3 permanentes e 2 temporárias, correspondente a 15% do total - previstas para os Jogos Olímpicos, com orçamentos compatíveis.

v) A apresentação de Nova York não destaca conceitos relativos às distâncias das instalações, relação com a mobilidade urbana, legado pós-Jogos, possível utilização de instalações temporárias, reforço de centralidades, benefício cultural-ambiental etc.

O documento cita somente que os Jogos naquela cidade deixarão um legado de facilidades esportivas de alto nível, incluindo 3 arenas multi-esportivas, o centro olímpico aquático, e instalações para remo, canoagem e slalom. Afirma ainda que as novas instalações esportivas expandirão dramaticamente a capacidade de Nova York sediar campeonatos mundiais de esportes olímpicos, enquanto proverão centros de recreação e treinamento para atletas de todas as idades.

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional também considera excessivo o orçamento, da ordem de US\$ 2,765 bilhões, através da combinação das iniciativas

públicas e privadas, previsto para adaptação das instalações esportivas existentes e construção das novas.

vi) Paris, bastante resumidamente, com 32 instalações esportivas previstas, baseia seu *lay out* na otimização de 14 sítios existentes.

Paris destaca a importância de haver sediado a Copa do Mundo de Futebol 1998, como uma garantia de facilidades esportivas de alta-qualidade (de acordo com padrões da FIFA²⁷). No entanto, como visto na pergunta 2. A do presente questionário, deve-se salientar que as distâncias das cidades de Lens, Lyon, Marseille e Nantes - sedes dos estádios de futebol considerados - relativamente a Paris são de aproximadamente: 196 km, 450 km, 758 km e 370 km, respectivamente.

O documento informa que 12 instalações esportivas serão temporárias e que a região de Ile-de-France beneficiar-se-á no período pós-Jogos das seguintes instalações: centro aquático, Super-Duomo, velódromo e centro de tiros. Além disso, o estádio de Roland Garros (tênis) será objeto de um ambicioso projeto de expansão.

Genericamente, é informado que a capacidade de espectadores será reduzida após o evento para assegurar um uso e operação pós-Jogos de longo prazo. Este fato, além das instalações a serem herdadas pela cidade - centro aquático, Super-Duomo, velódromo e centro de tiros – foram considerados pontos positivos do legado olímpico pelo grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional.

11. Instalações

²⁷ Nota: FIFA – Fédération Internationale de Football Association.

A – Instalações Competitivas: Este é o mapa de sua Cidade/Região onde solicitamos que sejam superpostas as localizações das instalações esportivas listadas na questão 10 acima, como também a(s) vila(s) olímpica(s), Centro Internacional de Telecomunicação (Radiodifusão)/ Centro Principal de Imprensa e Vila(s) da Mídia (se demandado), legendados em cor com as instruções para a diferenciação entre as instalações esportivas de competição existentes, planejadas e adicionais.

(Os dados foram fornecidos pelas cidades em material anexo.)

12. Instalações

B - Instalações Não Competitivas

- vila olímpica²⁸

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional realizou a análise deste tópico estabelecendo 3 sub-critérios aos quais são atribuídos pesos específicos:

- | | |
|----------------------------------|-----|
| a) Localização: | 50% |
| Distâncias das instalações. | |
| b) Conceito: | 30% |
| - Número de vilas/acomodações. | |
| - Alto-nível versus baixo-nível. | |
| - Área de terreno disponível. | |
| - Entorno. | |
| - Temporário versus permanente. | |

²⁸ **Nota:** Assim foi descrita a vila olímpica dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004):

“Todas as ações serão guiadas pela filosofia do “Atletas Primeiro” (...) que provirá às necessidades dos residentes nas 24 horas (...). Os serviços de entretenimento e recreação serão fornecidos aos atletas na vila (olímpica) serão extensos, com apoio a uma ampla escala de interesses, e promoção de uma ambiência positiva aos residentes. O programa será convidativo a todos os atletas que quiserem entreter-se, mas será sensível àqueles que quiserem concentrar-se em suas competições ou simplesmente estar à parte.

A vila olímpica inclui uma variedade de opções de entretenimento onde residentes podem aproveitar seus tempos livres.

Um complexo esportivo de mais de 5.000 m² com uma piscina olímpica, uma pista de jogging, 4 quadras de tênis e um ginásio estarão disponíveis aos residentes. A vila olímpica [oferecerá] um cinema ao ar livre à noite (...). Haverá um café, que operará também um dance club com entretenimento ao vivo [também à noite]. Entre outros aspectos oferecidos aos residentes haverá sala de jogos, internet cafés e um jornal “on line” da vila.

A vila olímpica de Atenas terá duas áreas restritas: zona residencial e a zona internacional. A zona residencial será composta de novos apartamentos construídos, facilidades de refeição, centros de recreação, salas de reunião, centros religiosos, uma policlínica e um centro de transporte. Em particular, todas as residências e escritórios dos comitês olímpicos nacionais serão instalados em estruturas permanentes. A zona internacional inclui a entrada principal da vila olímpica, shopping-centers, o museu olímpico e um anfiteatro” (www.athens2004.com, junho/2004).

Ao conceito da vila foi aplicado um fator de exeqüibilidade, baseado na plausibilidade de completar os projetos como proposto pelas cidades-aspirantes.

c) Legado: 20%

- Uso pós-Jogos.
- Como a vila será financiada.

A. Descreva seu conceito para a(s) vila olímpica(s), assim como seus planos para seu(s) uso(s) pós-Jogos Olímpicos.

i) Istambul planeja acomodar aproximadamente 16.000 atletas e oficiais, a 4 km do parque olímpico, em edifícios de 4 pavimentos, em Halkall.

A vila olímpica, no período pós-Jogos, atenderá a um programa de extensão habitacional conduzido pela Housing Administration of Turkey (TOKI) que busca suprir uma forte demanda residencial da região.

Outros elementos de sustentabilidade destacados, que incluem facilidades aos portadores de deficiência física, são a melhoria do transporte público, tecnologias com utilização de energia renovável, conservação e reuso da infra-estrutura e minimização da emissão de poluentes. Também foi também relatado, além da melhor conexão de transporte urbano, a implementação de políticas sustentáveis de energia, água e gerenciamento de dejetos.

ii) A candidatura de Leipzig informa que a vila olímpica em Lindenau Harbour estará a 4 km do Centro da cidade e 2,5 km do parque olímpico.

O *masterplan* propõe 5 grupamentos residenciais com uma área construída de 230.000 m², ao prover acomodação aos 16.000 atletas e oficiais. Toda a vila será operada por um

sistema de transporte interno com ônibus movido à energia elétrica, durante 24 horas ao dia. Aproximadamente 95% da área destinada à vila localizar-se-á em uma área de dejetos industriais, cuja propriedade pública é de 80%.

iii) A vila olímpica prevista para os Jogos Olímpicos de Londres será construída no parque olímpico, adjacente ao eixo de transporte de Stratford, a poucos minutos a pé da maioria das instalações esportivas.

Um total de 16.800 leitos estarão disponíveis, com 1.000 outros leitos adicionais (se necessários), em apartamentos de 1 ou 2 quartos em edifícios de até 8 pavimentos. Uma área de refeição para até 6.000 pessoas, com atendimento 24 horas. Um leque de outras facilidades – incluindo internet cafés, halls de jogos, shopping center, banco, correio, centro de telefonia, centro religioso, cinemas, teatros – será provido.

O acesso de veículos será considerado para garantir rápido deslocamento de atletas e oficiais de e para os sítios de treinamento e instalações. Além disso, prevê-se pontos de acesso para a família olímpica, serviço, segurança etc. Haverá um estacionamento para 1.000 veículos adjacente à entrada principal e estacionamento de ônibus *shuttle*. Um transporte “interno” conectará a vila a 8 instalações esportivas do parque olímpico e IBC/MPC com um transporte adequado ao meio-ambiente.

A vila olímpica de 35 ha estará disponível e projetada para desenvolvimento residencial, inclusive no período pós-Jogos.

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional critica a existência de 4

instalações esportivas a mais de 50 km da vila olímpica e destaca a necessidade de acomodações adicionais adequadas.

iv) Madrid prevê a vila olímpica a 600 metros do anel olímpico, localizada a 5 minutos do aeroporto de Madrid (Barajas), a 12 minutos do Centro da cidade e servido por uma extensa rede de transporte público. Seus 85 ha fazem parte de um complexo de 250 ha, com capacidade para 17.500 atletas e oficiais.

Segundo o documento, a vila olímpica e sua infra-estrutura complementar farão parte do legado olímpico da cidade, compreendendo uma importante garantia urbana de renovação de centralidade e meio-ambiente da parte leste da cidade, baseada nos princípios ecológicos de sustentabilidade e eficiência do uso de energia.

Concebida em blocos de apartamentos e casas, com baixa densidade, e um gabarito máximo de 5 pavimentos, os quartos abrigarão um máximo de 2 pessoas. A acessibilidade aos portadores de deficiência física é assegurada com possibilidade de uso nos Jogos Paraolímpicos.

O uso pós-Jogos será residencial tanto para [programa] habitacional público quanto para venda privada. Algumas das facilidades da vila olímpica serão destinadas a um novo campus universitário. Este dado foi destacado como positivo pelo documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional.

v) A vila olímpica prevista para Nova York localiza-se em um waterfront na margem oposta ao da Midtown Manhattan. Todos os 16.000 residentes da vila olímpica – atletas, treinadores e funcionários – estarão em 4.400 apartamentos privados com facilidades de acesso com rígidos padrões para portadores de deficiência física.

A vila olímpica será servida com linhas de trem e barcos, o que permitirá que 95% dos atletas alcancem suas instalações esportivas com rapidez, conforto e segurança. Ônibus *shuttle* também estarão disponíveis em faixas de prioridade olímpica.

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional questiona a exeqüibilidade deste esquema e recomenda análise mais detalhada.

Estima-se que 75% dos atletas estejam a 25 minutos e nenhum estará a mais de 45 minutos afastado de suas respectivas instalações competitivas.

O documento de candidatura afirma ainda que a vila, atualmente objeto de uma competição internacional de design, estabelecerá novos padrões de princípios de sustentabilidade no planejamento urbano.

Os atletas desfrutarão de 100.000 m² de um centro de treinamento fechado e outro centro exterior situado a 1,6 km da vila olímpica em uma área de parque de 15 ha.

Após os Jogos Olímpicos, os apartamentos serão vendidos ou alugados ao público, completando um processo iniciado há mais de uma década de transformar uma área deteriorada em uma comunidade *waterfront* de Nova York.

vi) O projeto da vila olímpica de Paris atende a três demandas:

- Bem-estar e segurança dos atletas;
- Oferecer um lugar de destaque no centro de Paris e próximo às instalações esportivas;
- Fazer parte do legado olímpico.

A vila olímpica ocupará uma área de 50 ha in Batignolles site. Estará localizada a igual distância dos *cluster* das instalações esportivas do Norte e Oeste, e nas circunvizinhanças das atrações turísticas da capital.

A Zona Internacional da vila olímpica estará na parte norte, com acesso direto ao anel rodoviário. A área residencial será desenhada para prover a ambiência ideal aos atletas. Ela será organizada em torno de um grande parque de aproximadamente 10 ha.

A vila olímpica será projetada em um modelo de reabilitação urbana. Construída em uma das últimas áreas remanescentes de Paris necessitada de redensolvimento, será reconvertida em um equilibrado centro contemporâneo de alto nível. Seu design, construção, uso e reconversão são planejados em termos de desenvolvimento sustentável e padrões de “alto nível de qualidade ambiental”. Estes fatos foram elogiados pelo documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional.

B. Especifique quem financiará a construção da(s) vila(s) dos atletas.

i) Housing Administration of Turkey (TOKI) financiará a construção das unidades residenciais adequadas ao uso olímpico e pós-olímpico, enquanto o Comitê de Candidatura olímpica de Istambul financiará todos os edifícios e demais facilidades necessárias aos Jogos Olímpicos, mas não previstos pelo TOKI – equipamentos de segurança, instalações para treinamento etc.

ii) Em Leipzig, o financiamento da vila olímpica estará a cargo da Leipzig Housing Association (LWB), uma empresa que gerencia aproximadamente 60.000 residências. Houve

aprovação para a construção da vila olímpica em 2003, com investimento de aproximadamente US\$ 536 milhões.

iii) A vila olímpica de Londres será financiada por um *joint venture* público-privado como parte de um grande projeto de desenvolvimento.

iv) Em Madrid, a vila olímpica será financiada por investimentos públicos e privados “em uma estrutura de operação de programação e gerenciamento independente do mercado imobiliário”.

v) Nova York informa que tal qual ocorrido nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992) e Sidney (2000), a vila olímpica será financiada por uma parceria público-privada. Empreendedores selecionados pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Queens West Development Corporation, uma corporação municipal-estadual proprietária do terreno, construirá e financiará a vila. O Comitê olímpico apenas assumirá os custos relacionados ao aluguel e ao aparelhamento da vila para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

vi) Paris informa, de forma vaga, que o financiamento da vila olímpica será realizado através de organismos públicos e/ou privados dependendo do uso pós-Jogos das instalações. O futuro Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos proverá, por sua vez, os dispêndios relativos à organização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

C. Favor indicar se é planejada/necessária alguma vila de atletas ou acomodação adicional. Favor descrever as alternativas de acomodação planejadas para uso, se houver.

i) O projeto de Istambul prevê acomodação em Silivri, a 60 km da vila olímpica, para os participantes dos eventos de equitação e vela em 2 hotéis 5 estrelas existentes com capacidade para até 2.100 pessoas.

ii) A candidatura de Leipzig prevê a construção de uma sub-sede em um área residencial, em Rostock, para acomodar 950 atletas e oficiais a cerca de 300 metros da marina.

Além disso, em Dresden-Moritzburg, situado a 7 km das instalações de competição de hipismo, há um hotel – Steigenberger Hotel – que acomodará os cerca de 200 atletas e oficiais (de hipismo). Facilidades veterinárias estarão disponíveis próximas ao complexo esportivo.

iii) Londres prevê ainda outras sub-vilas olímpicas em Weymouth-Portland. Além disso, atletas competindo em Bisley, Eton/Dorney e Swinley Forest desfrutarão de acomodações próximas aos locais de competição. Os participantes do torneio de futebol estarão hospedados em hotéis (de pelo menos 4 estrelas).

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional destaca que o fato de 4 instalações esportivas – tiro, 72 km; canoagem e remo, 54 km e mountain bike, 72 km – localizarem-se a mais de 50 km da vila olímpica “torna a viagem desafiadora aos atletas”.

iv) Madrid prevê para os participantes do futebol e da vela acomodação em hotéis, devido às distâncias relatadas anteriormente.

v) Em Nova York, as acomodações para atletas da equitação estarão a 6 km das instalações competitivas.

iv) Paris informa que uma vila olímpica adicional será especialmente desenvolvida para a organização dos eventos de vela em La Rochele.

- Centro Internacional de Telecomunicação (Radiodifusão) / Centro Principal de Imprensa e Vila(s) da Mídia:

A. Descreva seu conceito para o Centro Internacional de Telecomunicação (Radiodifusão)/ Centro Principal de Imprensa, assim como seus planos para seu(s) uso(s) pós-Jogos Olímpicos (localização, existente ou nova construção, instalação conjugada ou separada).

i) O Comitê de Candidatura olímpica de Istambul planeja instalar o IBC e o MPC no World Trade Center de Istambul, nas instalações da feira internacional CNR Expo. Este centro de negócio é considerado o maior complexo da Euro-Ásia. Localiza-se próximo ao principal aeroporto internacional, a 14 km da vila da mídia e olímpica e 16 km do parque olímpico, e será acessível por VLT, conforme projetado.

Atualmente, a área total do CNR Expo é de 93.000 m², o que inclui área de exposição com 85.000 m². É prevista sua ampliação em até 115.000 m², dos quais o IBC ocuparia 75.000 m² e o MPC a área de 40.000 m².

ii) Em Leipzig, o IBC será instalado a 150 metros a leste da Leipzig's Central Railway Station, em uma área ociosa da rede ferroviária. Após os Jogos Olímpicos, 30.000 m² do IBC serão utilizados pela DIY store, além de 14.000 m² como espaço de escritório. Outra parte do IBC será utilizado como centro comercial. O IBC estará localizado nas imediações da vila da telecomunicação (radiodifusão)²⁹.

²⁹ Nota: *Broadcast Village*.

O MPC e a vila da imprensa³⁰ estarão localizados no Centro da cidade. O edifício com área de 40.000 m² será construído independentemente dos Jogos Olímpicos. Após os Jogos, abrigará o Leipzig's Technical City Hall. A cidade planeja concluir um acordo de arrendamento com um grupo privado para este objetivo. Prevê-se, contudo, que o edifício esteja adaptado ao uso para os Jogos Olímpicos 2012.

iii) Em Londres, o IBC (65.000 m²) / MPC (45.000 m²) ocuparão novos edifícios, adjacentes, localizados no parque olímpico, a 7 km de 17 instalações esportivas e apenas a 17 minutos dos hotéis dedicados à mídia. Estarão a menos de 3 km da estação de Stratford e próximo à estrada A11 que dá acesso ao Centro de Londres.

O documento informa que a candidatura de Londres tem trabalhado em conjunto com a rede BBC (British Broadcasting Corporation) para a compreensão dos aspectos importantes da radiodifusão (telecomunicação).

iv) Em Madrid, o Centro de Mídia Internacional, com área de 150.000 m², será localizado no Madrid IFEMA trade fair. Neste centro, estarão localizados o IBC e o MPC que disporão dos serviços em comum de informação, *catering*, transporte etc.

Para garantir um melhor uso, contudo, estarão formalmente separados.

O fato de que 8 eventos de esporte estarão ocorrendo neste mesmo complexo garantirá praticidade aos jornalistas. Além disso, a infra-estrutura hoteleira próxima a este complexo (reservada exclusivamente aos jornalistas durante os Jogos Olímpicos) garantirá um alto nível de serviços, particularmente de transporte.

³⁰ Nota: *Press Village*.

O uso pós-olímpico está totalmente garantido para futuras feiras de negócios e conferências.

v) No caso de Nova York, para maximizar acesso e conveniência à mídia, o IBC e MPC estarão adjacentes ao estádio olímpico e à praça olímpica, apenas a alguns passos das principais instalações esportivas olímpicas, da cerimônia de abertura e encerramento, e da estação de trem. Os hotéis da mídia estarão próximos ao IBC e MPC ou acessíveis através de curta viagem em ônibus *shuttle*.

O IBC será alocado em um novo edifício, privado, de 93.000 m², em um dos lados da praça olímpica.

O MPC será instalado em um espaço existente, no Javits Convention Center, de 40.900 m², em outro lado da praça olímpica.

Após os Jogos, o IBC será minimamente reconfigurado como um espaço comercial. O MPC retornará ao seu uso original como espaço de convenção e exposição.

vi) Em Paris, o IBC e o MPC estarão localizados em edifícios próximos, nas imediações do estádio olímpico e das instalações esportivas dos principais eventos competitivos, com excelentes facilidades de transporte.

O MPC subseqüentemente será convertido em escritórios, mantendo o caráter terciário da área onde será implantado.

O IBC será uma instalação temporária.

B. Especifique como será financiado o Centro Internacional de Telecomunicação (Radiodifusão)/ Centro Principal de Imprensa.

i) A maior parte das instalações previstas para o IBC/MPC é existente e a ampliação do CNR Expo está a cargo do Istanbul World Trade Center Inc.. As despesas com retro-fit serão financiadas pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos.

ii) A parte do IBC a ser utilizada posteriormente aos Jogos pela DIY store será construída pelo setor privado e estará disponível ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos por ocasião do evento. Além disso, espaços temporários serão financiados pelo Comitê Organizador. A previsão de conclusão do Technical City Hall é 2011, com a utilização inicial como MPC. O MPC será financiado pela iniciativa privada.

iii) A construção do IBC/MPC dos Jogos Olímpicos em Londres será financiada por uma parceria público-privado, com utilização comercial pós-Jogos como parte de um projeto de regeneração da área.

iv) Em Madrid, a IFEMA, que abrigará o Centro Internacional da Mídia, financiará sua construção.

A IFEMA é um organismo oficial que compreende 4 instituições: prefeitura de Madrid, o governo Regional de Madrid, a Câmara de Comércio e Indústria de Madrid e um grupo bancário – Caja Madrid.

v) Em Nova York, o IBC será financiado e construído com verba privada. O MPC realizar-se-à em uma estrutura pública. O fundo do Comitê olímpico Organizador dos Jogos será solicitado a pagar apenas os custos de aparelhamento parcial das facilidades do IBC e do MPC para uso olímpico e aluguel.

vi) O documento fornecido por Paris informa que as instalações do IBC serão financiadas pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos. De forma pouco aprofundada, é informado

também que o financiamento do MPC será provido por organismos públicos e/ou privados em função da utilização pós-Jogos das instalações.

V. Acomodações

13. Hotéis

A - Favor preencher a Tabela II indicando o número de hotéis e quartos de hotéis em um raio de 10 km do Centro de sua cidade, e em um raio de 10-50 km do Centro de sua cidade.

i) O documento fornecido por Istambul faz menção a 20.000 quartos de hotéis de 4 ou 5 estrelas e relata a expectativa de contar com outros 9.000 quartos neste mesmo segmento. Além disso, cita o número de aproximadamente 8.500 quartos de hotéis de 3 estrelas, entre aqueles existentes e em construção.

ii) Em Leipzig, não parece claro o número de quartos de hotéis relativo às diversas classificações dos hotéis existentes. No entanto, o documento relata um número de 44.250 quartos existentes à época da candidatura e um total de aproximadamente 65.000 quartos disponíveis em 2012.

iii) Londres, em seu documento, relata possuir mais de 70.000 quartos de hotéis a menos de 10 km do Centro da cidade. Além disso, na ocasião de sua candidatura, fazia previsão de possuir aproximadamente 20.000 novos quartos até 2012.

iv) Madrid declara que possui 68.000 quartos de hotéis disponíveis e que, até 2012, possivelmente contará com cerca de 100.000 quartos de hotéis (dos quais 70.000 deverão ser de 3, 4 ou 5 estrelas).

v) O documento desenvolvido por Nova York informa que há 48.669 quartos de hotéis, em Midtown Manhattan, Centro da cidade, onde localiza-se o estádio olímpico e a cerca de menos de 1 km da vila olímpica.

B - Para instalações exteriores à Cidade, indique o número de quartos de hotéis em um raio de 10 km das instalações.

i) Istambul descreve um número de 1.196 quartos de hotéis a cerca de até 10 km de Silivri (localização proposta para os eventos eqüestres e de vela).

ii) Leipzig não especifica as distâncias relativas aos quartos de hotéis na relação de 10 km das instalações, nas situações exteriores à cidade, mas relata que em “2012 mais de 150.000 quartos de hotéis estarão disponíveis em até 1 hora de viagem”.

iii) Londres não relata com especificidade as características relativas a este tópico.

iv) Madrid afirma que em um raio de 10 km de Palma de Mallorca, sede dos esportes à vela, há 21.987 quartos de hotéis.

v) Nova York não menciona com clareza os dados solicitados neste item.

vi) Paris, em seu documento, declara que La Rochelle, Marseille, Lens, Lyon e Nantes possuem, em um raio de 10 km, 3.600, 4.739, 554, 10.633, 4.801 quartos de hotéis respectivamente.

C - Favor indicar a média de valores das acomodações para 3, 4 e 5 estrelas durante os meses relativos aos Jogos, incluindo café-da-manhã e taxas pertinentes.

ISTAMBUL	
HOTÉIS	Valores (2003)
5 estrelas	USD 350,00
4 estrelas	USD 150,00
3 estrelas	USD 75,00

LEIPZIG	
HOTÉIS	Valores (2003)
5 estrelas	USD 142,00
4 estrelas	USD 106,00
3 estrelas	USD 77,00

LONDRES	
HOTÉIS	Valores (2003)
5 estrelas	USD 428,00
4 estrelas	USD 232,00
3 estrelas	USD 134,00

MADRID	
HOTÉIS	Valores (2003)
5 estrelas	USD 214,30
4 estrelas	USD 94,54
3 estrelas	USD 83,20

NOVA YORK	
HOTÉIS	Valores (2003)
5 estrelas	USD 283,00
4 estrelas	USD 260,00
3 estrelas	USD 179,00

PARIS	
HOTÉIS	Valores (2003)
5 estrelas	USD 330,00-410,00
4 estrelas	USD 120,00
3 estrelas	USD 100,00

14. Acomodação de Mídia

A - Descreva seu conceito para a vila da mídia, assim como planos para seu uso pós-olímpico.

i) Istambul propôs uma solução mista que conjugaria a utilização de hotéis de 4 e 5 estrelas e uma nova vila da mídia. A vila da mídia, conectada através de veículo leve ao IBC, MPC e das principais instalações esportivas, comportaria até 15.000 dos 17.000 quartos previstos, em Halkall.

A vila da mídia faria parte de um projeto habitacional conduzido pela Housing Administration of Turkey (TOKI).

ii) Leipzig, além de um total disponível de 10.000 quartos de hotéis, previa 2 vilas da mídia temporárias, próximas ao IBC e MPC. A organização determinava que as instalações seriam realizadas a partir de concurso internacional de projeto, com vistas a melhores resultados técnicos. A média de espaço estava determinada em espaços modulares de 13,5 m² de uso efetivo, além de áreas em comum. A vila da radiodifusão (Broadcast), para atender a 5.000

membros, seria construída em um terreno de 16,7 ha, em área já em processo de urbanização com expectativa de utilização pós-Jogos. A vila da imprensa, com 2.000 quartos, possuía previsão de ser erguida em terreno de 4,2 ha, com princípios semelhantes aos da vila da radiodifusão.

iii) Londres relata que hotéis em Bloomsbury, no centro de Londres, poderão abrigar os jornalistas. Além disso, cerca de 3.500 vagas estarão disponíveis nos alojamentos das universidades.

iv) Madrid descreve que possuirá mais de 70.000 quartos de hotéis de 3, 4 e 5 estrelas disponíveis em 2012. Todos os jornalistas seriam acomodados, conforme suas conveniências: no Centro da cidade, em uma área próxima ao parque olímpico ou próximo ao Centro de Mídia Internacional, sem a necessidade de construção de uma vila da mídia específica.

v) Nova York relata que os hotéis designados aos jornalistas poderão estar localizados nas proximidades do(a)s: IBC, MPC, estádio olímpico e das nove instalações olímpicas, facilmente acessíveis através de ônibus *shuttle*, metrô e táxi, além dos locais disponíveis nas universidades.

vi) Paris afirma sumariamente que “há facilidades de hotéis suficientes para acomodar todos os representantes da mídia na cidade de Paris”.

B - Especifique como será(ão) financiada(s) a(s) Vila(s) da Mídia.

- i) A vila da mídia de Istambul seria financiada pela TOKI, enquanto o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos seria responsável pelas adaptações futuras pós-Jogos.
- ii) O orçamento do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos cobriria os custos de realização das instalações temporárias. Somente as receitas com o aluguel aos Jogos renderia um valor estimado de USD 50,2 milhões de um montante total de gastos de USD 105 milhões.
- iii) Londres: não se aplica.
- iv) Madrid: não se aplica.
- v) Nova York: não se aplica.
- vi) Paris: não se aplica.

VI. Infra-Estrutura de Transporte

15. Infra-Estrutura de Transporte Existente:

A - Indique sua infra-estrutura de transporte existente: estradas e principais redes arteriais urbanas, sistemas de transporte público de linha férrea suburbana, metrô e veículo leve.

(Os mapas foram fornecidos em material anexo, sem padronização específica.)

B - Infra-Estrutura de Transporte Planejada:

Indique toda a infra-estrutura de transporte planejada não considerada na proposta de aspiração [a sede] dos Jogos Olímpicos, mas que pode ter impacto na acessibilidade aos sítios dos Jogos Olímpicos.

(Os mapas foram fornecidos em material anexo, sem padronização específica.)

C –Infra-Estrutura Adicional:

Indique a infra-estrutura de transporte adicional que acredite considerar necessária para sediar os Jogos Olímpicos.

(Os mapas foram fornecidos em material anexo, sem padronização específica.)

16. Infra-Estrutura de Transporte

A – Qual é o principal aeroporto internacional que se pretende utilizar para os Jogos Olímpicos? Relate as razões.

- i) Istambul descreve que o aeroporto de Atatürk seria o principal aeroporto a ser utilizado pelos Jogos Olímpicos. Obras de ampliação permitiriam aumentar a capacidade de passageiros para 20 milhões/ano, a partir de 2004.
- ii) Leipzig apresenta o aeroporto intercontinental Leipzig/Halle, construído em 1996 e a 12 km à noroeste da vila olímpica. Segundo seu documento: a) localiza-se na interseção entre importantes estradas do eixo leste-oeste e norte-sul; b) possui conexões direta ou indiretamente (através de Frankfurt and Munich) com os principais aeroportos do mundo; c) é um ponto intermodal de ligação através do ar, ferrovia e rodovia.
- iii) Em Londres, o principal aeroporto internacional a ser utilizado será Heathrow, com capacidade para 64 milhões de passageiros por ano. Há as facilidades de utilização de trem, metrô, táxi etc. Até 2008, espera-se que a inauguração de um quinto terminal permita atender outros 20 milhões de passageiros e, até 2012, deve-se atender a 94 milhões de passageiros por ano.
- iv) Madrid faz referência ao aeroporto Barajas, localizado a 5 km da vila olímpica e 12 km do Centro da cidade. Apesar de ser um dos cinco maiores aeroportos da Europa, com capacidade para atender a 34 milhões de passageiros e vôos com destinações a 150 cidades do mundo, Barajas deveria mais que dobrar sua capacidade e atingir o patamar de 70 milhões de passageiros atendidos. Possui ainda a facilidade de estar conectada ao sistema de metrô da cidade.

v) Nova York descreve os aeroportos internacionais: J.F.Kennedy e Newark Liberty e o doméstico de LaGuardia, como capazes de atender a 85 milhões de passageiros/ano. Somente os aeroportos internacionais atenderiam 23 milhões de passageiros em conexões ao exterior. Deverão ser investidos ainda USD 9,5 bilhões, até 2006, na expansão dos terminais, estacionamentos e redesenho do sistema de estradas. Outros USD 1,9 bilhões seriam despendidos em um sistema leve sobre trilhos que ligaria o aeroporto J.F.Kennedy ao metrô e ao sistema ferroviário.

vi) Paris oferece o Roissy Charles-de-Gaulle Airport, com capacidade para até 48 milhões de passageiros, e que atualmente atende a mais de 100 países e 340 cidades de todo o mundo. Há a facilidade de ser atendido por vias rodoviárias expressas, trens, ônibus e TGV.

B – Que outros aeroportos pretende-se utilizar para os Jogos Olímpicos. Relate as razões³¹.

i) Istambul faz referência ainda à utilização dos aeroportos de Sabiha Gökçen, localizado em Kurtköy, e outro em Çorlu, a 22 km do distrito de Silivri, local das competições eqüestres.

ii) A postulação de Leipzig informa que deveria ser utilizado o aeroporto Rostock-Laage para os visitantes do centro de vela Rostock-Warnemünde. O aeroporto de Dresden poderia servir aos eventos eqüestres em Moritzburg.

iii) Londres relaciona os aeroportos: a) Stansted, a 35 km de Londres e que serve a 137 destinos, com capacidade para 19 milhões de passageiros e previsão para atender 28 milhões em 2012; b)

³¹ A questão 16.C: “Para cada aeroporto que se intenciona utilizar, favor indicar a capacidade (número de pistas, número de portões (gates), capacidade do terminal de passageiros), distância ao Centro da cidade e transportes públicos de ligação existentes e planejados ao Centro da cidade” foi condensada nas respostas 16.A e 16B.

Gatwick e Luton, com capacidade para 40 milhões de passageiros ao ano e previsão em atender 62 milhões em 2012; c) London City Airport, que atende a 21 destinos europeus, com capacidade para atender 1,6 milhões de passageiros ao ano e previsão para atender a 3,5 milhões em 2012.

iv) O documento apresentado por Madrid menciona ainda os aeroportos Torrejon, a ser utilizado para vôos privados e localizado a cerca de 10 minutos da vila olímpica, e Cuatro Vientos para aeronaves leves (como helicópteros).

v) O documento de Nova York, além de contar com o aeroporto internacional Newark Liberty, se refere também ao aeroporto de La Guardia, para os vôos domésticos.

vi) Paris relaciona o aeroporto Orly, com capacidade para atender a 23 milhões de passageiros ao ano, e que atende aos destinos próximos: a) Sul Europeu; b) Norte da África; c) Oriente Médio. Por fim, faz referência ao aeroporto Le Bourget, com uso exclusivo de aeronaves de negócios (*business aircrafts*), mas que poderia ser utilizada por indivíduos creditados.

17. Infra-Estrutura de Transporte

A – Prover Mapa B

Este é o mapa da sua Cidade/Região no qual solicita-se que seja sobreposta toda a estrutura urbana de transporte listada na questão 15 acima, codificado em cores com instruções para diferenciação da infra-estrutura existente, planejada e adicional. (Favor certificar-se de que o principal aeroporto internacional está presente no mapa).

(Os dados foram fornecidos pelas cidades em material anexo.)

18. Infra-Estrutura de Transporte

A – Quais desafios de transporte existem em sua Cidade e como intenciona transpô-los durante os Jogos?

i) Istambul revela que as autoridades responsáveis por diferentes serviços de transporte são dispersas naquela cidade. Aponta fragilidades na falta de planejamento para integração dos meios de transporte e limitado uso das opções sobre trilhos e marítimo.

Pretende, contudo, unificar a coordenação de transportes no âmbito da Municipalidade da Grande Istambul (Greater Istanbul Municipality) e almeja limitar as viagens em até 30 minutos. O incremento da qualidade de transporte passa pela maior integração dos serviços, ênfase nos transportes sobre trilhos, melhorias na rede de vias urbanas e investimentos em tecnologia.

ii) Leipzig não relaciona problemas significativos em seu documento de aspiração. Pretende, entretanto, melhorar as condições do transporte através de uma série de iniciativas de caráter qualitativo e quantitativo que torne o sistema mais rápido, eficiente, seguro, não-poluente etc. Entre as medidas, destacam-se: a) novas linhas de trem e dois túneis para o subúrbio; b) otimização das linhas existentes; c) atenção à acessibilidade para os portadores de deficiência física; d) incremento da infra-estrutura de ligação ao estádio Central; e) concentração do controle informacional e operacional do tráfego etc.

Existe ainda a idéia de se limitar o acesso de veículos particulares às áreas centrais durante os Jogos. Além disso, segundo a avaliação do documento, o conceito de concentração dos Jogos parece contribuir para a eficiência do sistema de transporte.

iii) Londres considera que, “como todas as grandes cidades do mundo”, tem problemas em determinadas rotas e horários de pico.

Propõe-se, contudo, a investir cerca de US\$ 30 bilhões até 2012, principalmente nos seguintes projetos:

- Channel Tunnel Rail Link (CRTL), um túnel-canal que permitirá a ligação entre a área central de Londres e a conexão do transporte olímpico em Stratford;
- Melhorias na linha de metrô Jubilee que servirá a instalações olímpicas, com aumento da capacidade em 45%;
- Incrementos tecnológicos em geral.

Londres também argumenta que diante da grande infra-estrutura de transporte existente na cidade, a realização dos Jogos corresponderá a apenas 5% de aumento de tráfego em dias normais. Além disso, devido à realização do evento durante o verão, o volume de tráfego será cerca de 20% menor do que os períodos normais.

iv) Madrid argumenta que o modelo de cidade compacta beneficia os acessos. O documento disponibilizado justifica que toda a infra-estrutura de transporte pública e privada é coordenada pelo Madrid Regional Transport Consortium. A cidade orgulha-se de que a expansão de sua rede de metrô foi de 55,8 km nos últimos quatro anos e que o transporte integrado com a combinação de metrô, trem, ônibus e, em alguns casos, avião, tem sido desenvolvido.

Cita ainda que, conjuntamente aos sistemas de metrô e trem, os ônibus utilizam energia ecológica e limpa, com atenção particular aos portadores de deficiência física. Afirma também que medidas têm sido adotadas para reduzir a utilização de veículos privados na cidade e que ciclovias têm sido construídas. Além disso, comenta que a realização dos Jogos no verão irá beneficiar-se do tráfego menos intenso.

v) Nova York apresenta o “plano olímpico X” baseado na interseção de rotas de transporte, por água e trilhos, sumariamente composto da seguinte forma: a) o eixo norte-sul será servido por barcos e b) o eixo leste-oeste por trens. No centro do “plano olímpico X”, estará localizada a vila olímpica e outras medidas subliminares auxiliarão a equalização do sistema de transporte da cidade como: a) campanha de educação de trânsito; b) proibição de estacionamento nas áreas das instalações olímpicas; c) horários de eventos que escapem dos horários de pico de trânsito etc.

vi) Paris também reconhece que, “como toda grande capital do mundo”, possui problemas em determinados horários (*rush hours*).

No entanto, argumenta que, além do evento realizar-se durante o período de férias, algumas melhorias a serem realizadas até 2012 tornarão o sistema de transporte mais eficiente, seguro e rápido. Especificamente, relata que a divisão da organização das instalações em dois *clusters* principais, com a vila olímpica entre eles, reduzirá a distância e os deslocamentos ao mínimo. As justificativas não se aprofundam no tema.

19. Infra-Estrutura de Transporte

A – Favor completar a Carta IV.

Indique todas as distâncias (em km) e tempo (em minutos) de jornada em 2003 para as mais apropriadas rotas de ônibus. Se uma conexão de trilhos estiver disponível, adicione em parêntesis (trilhos) para as conexões apropriadas.

(Os dados foram fornecidos pelas cidades em material anexo.)

VII. Condições Gerais, Logística e Experiência

20. Datas dos Jogos Olímpicos

Os XXXº Jogos Olímpicos devem ocorrer no seguinte período: 15 de julho a 31 de agosto de 2012.

Defina suas datas de proposição para sediar os XXXº Jogos Olímpicos. Especifique as razões.

De uma forma geral, a preferência por datas para realização dos Jogos Olímpicos relacionam-se a determinadas condições como: 1) disponibilidade de acomodações e/ou intensidade de tráfego, em função de fatos episódicos benéficos ou conflitantes (possíveis feriados, férias escolares, eventos, por exemplo); 2) de condições climáticas benéficas (precipitações pluviométricas, temperaturas, umidade etc.); 3) disponibilidade de trabalho do voluntariado, também em função de fatos episódicos benéficos (possíveis feriados, férias escolares, por exemplo); 4) tempo ocioso do possível público espectador, igualmente em função de fatos episódicos benéficos (possíveis feriados, férias escolares, por exemplo) etc.

Embora não claramente admitido, um período de maior saturação do tráfego, por exemplo, pode implicar em condições de poluição atmosférica mais crítica, o que dificultaria a atividade desportiva e a imagem da cidade (em face do grande contingente esperado de visitantes).

i) Istambul, em relação aos Jogos Olímpicos 2012, indica a data de cerimônia de abertura para 20 de julho de 2012, sexta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 05 de agosto de 2012, domingo. Em relação aos Jogos Paraolímpicos propõe a data de cerimônia de abertura para 17 de agosto de 2012, sexta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 29 de agosto de 2012, quarta-feira.

ii) Leipzig, em relação aos Jogos Olímpicos 2012, indica a data de cerimônia de abertura para 20 de julho de 2012, sexta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 05 de agosto de 2012, domingo. Em relação aos Jogos Paraolímpicos propõe a data de cerimônia de abertura para 15 de agosto de 2012, quarta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 26 de agosto de 2012, domingo.

iii) Londres, em relação aos Jogos Olímpicos 2012, indica a data de cerimônia de abertura para 27 de julho de 2012, sexta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 12 de agosto de 2012, domingo. Em relação aos Jogos Paraolímpicos propõe a data de cerimônia de abertura para 31 de agosto de 2012, sexta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 11 de setembro de 2012, terça-feira.

iv) Madrid, em relação aos Jogos Olímpicos 2012, indica a data de cerimônia de abertura para 10 de agosto de 2012, sexta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 26 de agosto de 2012, domingo. Em relação aos Jogos Paraolímpicos propõe a data de cerimônia de

abertura para 05 de setembro de 2012, quarta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 23 de setembro de 2012, domingo.

v) Nova York, em relação aos Jogos Olímpicos 2012, indica a data de cerimônia de abertura para 27 de julho de 2012, sexta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 12 de agosto de 2012, domingo. Em relação aos Jogos Paraolímpicos propõe a data de cerimônia de abertura para 29 de agosto de 2012, quarta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 09 de setembro de 2012, domingo.

vi) Paris, em relação aos Jogos Olímpicos 2012, indica a data de cerimônia de abertura para 20 de julho de 2012, sexta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 05 de agosto de 2012, domingo. Em relação aos Jogos Paraolímpicos propõe a data de cerimônia de abertura para 22 de agosto de 2012, quarta-feira, e a data de cerimônia de encerramento para 02 de setembro de 2012, domingo.

21. População

A - Descreva as seguintes populações atuais, assim como as populações estimadas para 2012:

- País;**
- Cidade;**
- Cidade, incluindo a área metropolitana, se aplicável.**

Istambul, Turquia:

	2003	2012*
Turquia	70,712	79,97
Istambul	9,927	12,29
Região Metropolitana	10,833	13,668
*Estimativa		
**Em milhões de pessoas		

Londres, Reino Unido:

	2003	2012*
Reino Unido	59,320	60,706
Londres	2,792	2,874
Região Metropolitana	7,287	7,497
*Estimativa		
**Em milhões de pessoas		

Madrid, Espanha:

	2003	2012*
Espanha	41,837	42,766
Madrid	3,124	3,226
Região Metropolitana	5,527	5,854
*Estimativa		
**Em milhões de pessoas		

Nova York, EUA:

	2003	2012*
Estados Unidos da América	293,000	305,000
Nova York	8,100	8,600
Região Metropolitana	22,000	23,000
*Estimativa		
**Em milhões de pessoas		

Paris, França:

	2003	2012*
França	59,500	61,400
Paris	2,100	2,100
Região Metropolitana	11,100	11,500
* Estimativa		
**Em milhões de pessoas		

Obs.: A cidade de Leipzig, Alemanha, não forneceu os dados relativos à população.

22. Meteorologia

A - Favor completar a Carta V.

(Os dados foram fornecidos pelas cidades em material anexo.)

23. Meio Ambiente

A – Disponibilize informação sobre condições de meio ambiente atuais da sua Cidade.

As cidades dos países em desenvolvimento procuram descrever as medidas ambientais implementadas ou em curso que demonstrem, principalmente, o compromisso na redução de emissão de material poluente, a reciclagem ou o reprocessamento de dejetos e o aproveitamento

de energia não poluente. Em muitos casos, torna-se explícito o objetivo de melhoria das condições sociais, através de programas de reabilitação das condições de moradia e da infraestrutura urbana.

As cidades dos países mais ricos, entretanto, ressaltam a qualidade ambiental de suas cidades, ao considerá-las ideais para sediar os Jogos Olímpicos.

Desta forma:

Istambul, por exemplo, que procura demonstrar possuir uma série de medidas para a redução dos problemas ambientais, com a redução de tráfego rodoviário, conservação das fontes de água, estações de tratamento de água e de detritos sólidos, também almeja atingir o nível adequado de provimento de água potável (somente) em 2040. A cidade, para contornar a limitação do número de páginas para resposta às questões solicitadas, forneceu endereços de *sites* específicos com informações sobre o tema.

Leipzig destaca os níveis de poluição do ar bastante abaixo dos padrões exigidos pela legislação Européia, além de citar a excelente qualidade da água. Por fim, ressalta que os 900 ha de parques oferecem uma ótima qualidade de vida a ser desfrutada pela família Olímpica.

Londres cita sua reconhecida tradição por parques e áreas livres que compõem cerca de 2/3 da área da Grande Londres, sendo que 11.000 ha são destinados à atividades esportivas. O documento ressalta que o rio Thames é hoje um dos mais limpos do mundo e reconhece que os níveis de poluição do ar ainda não são adequados à legislação do Reino Unido, embora estejam a caminho destes objetivos.

Madrid comenta suas qualidades positivas em relação aos aspectos ambientais, ratificados por compromissos em tratados Europeus. Revela que cerca de 1/3 de sua superfície é de áreas verdes e que a água disponível é de ótima qualidade.

Nova York relata que nos últimos anos a vida aquática resurgiu em seus portos. Destaca ainda a forte melhoria dos padrões da qualidade do ar e a criação de mais de 728 ha de novos parques públicos.

Paris argumenta que a inexistência de grandes atividades industriais em Paris torna boas as condições ambientais relativas às seguintes disciplinas: qualidade do ar, qualidade água, gerenciamento de dejetos e som.

B- Forneça detalhes de projetos de meio-ambiente em curso e suas organizações.

Istambul relaciona uma série de programas ambientais em desenvolvimento, muitos dos quais com objetivo de recuperação das condições de vida da população, através inclusive da conscientização e educação ambiental. Em particular, nota-se, além do foco centrado nas questões acima relatadas, um interesse em recuperar a infra-estrutura urbana e informar a existência de programas de reflorestamento.

Leipzig, embora não especifique os programas em desenvolvimento, relata que a administração pública e as ONGs caminham juntas para a solução das questões ambientais. Dá como exemplo que a emissão de CO₂ reduziu-se em 10% desde 1996. Também faz referência aos 120 km² de novos lagos através da conversão de antigas minas até 2012.

Londres, superficialmente, revela que a administração pública e as ONGs estão implementando uma série de iniciativas que incluem temas relacionados ao lixo, qualidade do ar,

energia, poluição sonora, biodiversidade, áreas verdes e molhadas. Todos estas disciplinas estão abrigadas sobre um *masterplan* multidisciplinar que inclui o parque Olímpico e suas áreas de entorno.

Madrid considera que os Jogos Olímpicos contribuirão para o seu crescimento sustentável e revela compromisso com a Agenda 21 do Movimento Olímpico. Sugere que novas áreas verdes, áreas de lazer e esportivas comporão um impacto positivo para a cidade.

Nova York descreve uma série de projetos que objetiva a redução de emissão de poluentes, otimização do uso da água, reabilitação de áreas degradadas e reciclagem de lixo.

Paris relata o envolvimento com a Agenda 21, para delimitação dos impactos ecológicos, como uma prioridade das instituições públicas. As políticas de transporte são organizadas de forma a minimizar a emissão de poluição e a controlar o consumo de energia. Finalmente, a cidade, em seu documento, afirma que há uma disposição em proteger as áreas verdes, determinada pela *Sustainable Management Charter*.

C – Disponibilize informações sobre o impacto ambiental por ocasião do sedimento dos Jogos Olímpicos em sua Cidade.

Para Istambul, segundo o documento, sediar os Jogos representaria um sólido legado ambiental, através da unificação do planejamento de um leque de medidas atualmente individualizadas.

Leipzig reafirma o compromisso com a Agenda 21 do Movimento Olímpico. Pragmaticamente, comenta o interesse em integrar as atividades dos Jogos Olímpicos ao

entorno natural, inclusive com perspectiva pós-Jogos. Revela o interesse em tecnologias alternativas e medidas compensatórias que minimizem os impactos ambientais.

Madrid relaciona alguns programas e projetos em desenvolvimento como, por exemplo: i) a implementação da Agenda 21; ii) 50 milhões m² de novas áreas verdes nas proximidades do rio Manzanares; iii) Biometanização dos dejetos orgânicos e uso de biogás como combustível para transporte público e geração de energia elétrica; iv) Plano Estratégico de Redução de Poluição Sonora etc.

Londres reconhece os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos como o fato catalisador do programa de regeneração urbana mais significativa já visto em Londres. Em consonância com a Agenda 21 do Movimento Olímpico, Londres desenvolverá uma estratégia ambiental sustentável para otimizar a proteção ambiental e melhor aproveitar as possibilidades. Serão priorizadas as soluções de transporte não-poluente e utilizadas as alternativas de energia renovável.

Nova York relaciona algumas iniciativas e repercussões que se vinculam à ocorrência dos Jogos Olímpicos, dentre os quais: a) criação de mais de 224 ha de parques, sendo aproximadamente 68 ha em área de waterfront; b) ampliação da rede de metrô e barca, que constituir-se-á um importante legado para a cidade; c) desenvolvimento de instalações arquitetônicas com inovadores recursos tecnológicos ambientais, inclusive no caso do estádio Olímpico e d) recuperação de duas áreas de aproximadamente 57 ha de lago para a prática de esporte e recreação.

Paris destaca que os impactos advindos pelos Jogos Olímpicos serão extremamente positivos em termos de regeneração econômica, conservação e incremento de espaços naturais. Ao norte, por exemplo, em Plaine Saint-Denis, uma área industrial será recuperada para

implantação das atividades relacionadas aos Jogos Olímpicos. A vila Olímpica estimulará a consolidação de uma área de 10 ha, através da utilização de técnicas inovadoras (de controle da água, dejetos, energia e construção).

D – Foram realizados estudos de impacto ambiental em suas instalações propostas? Sua legislação prevê a realização de estudos de impacto ambiental? Se positivo, em que estágio de planejamento?

Istambul informa que a legislação da Turquia exige estudos de impacto ambiental desde os primeiros estágios de planejamento da implementação de projeto, revista para atender às demandas européias. Embora não sejam detalhados os aspectos particulares, o documento relata que o estádio Olímpico, o parque Olímpico, a vila Olímpica e uma das instalações esportivas (domus) foram objetos de estudos ambientais.

Leipzig cita que há exigências por parte da legislação Européia e Alemã, quanto aos impactos ambientais e que algumas medidas baseadas em estudos preliminares foram consideradas na formulação da postulação. Compromete-se ainda em adequar-se às exigências específicas dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

Londres, vagamente, afirma que os estudos de impacto ambiental serão conduzidos de acordo com as legislações (ambientais) do Reino Unido e da Europa.

Madrid compromete-se em submeter à apreciação aqueles projetos que demandam estudos de impacto ambiental, mas não especifica quais são (estes projetos).

Nova York relata que o Governo dos EUA, o estado de NY e a cidade de NY exigem uma série de compromissos ambientais. Além disso, informa que estudos ambientais preliminares foram realizados para cada uma das instalações, com nenhum ou mínimo impacto negativo na maior parte dos casos. Relata ainda que há no orçamento de candidatura a previsão de fundos para a remediação de possíveis impactos negativos.

Paris revela o compromisso ambiental determinado através da assinatura dos acordos do Rio 1992 e Kyoto 1997. Além disso, comenta apenas que baseará um certo sistema de gerenciamento ambiental, nas ações determinadas pela Agenda 21 do Movimento Olímpico.

24. Experiência

A – Que experiência teve em sediar eventos esportivos internacionais e eventos multi-esportivos?

Todas as cidades exaltam suas respectivas capacidades e experiências em sediar eventos esportivos de larga envergadura e complexidade. Em geral, além de listarem alguns dos principais campeonatos e torneios esportivos recentemente organizados, citam a repercussão de público assistente, número de atletas e países participantes e capacidade de estímulo e mobilização do voluntariado. É destacada ainda a capacidade de sediar eventos desta natureza, a partir da adequada estrutura da rede de instalações esportivas e acomodações já demandadas em experiências anteriores.

B - Favor listar um máximo de dez principais eventos realizados nos últimos dez anos, indicando datas.

Leipzig, Alemanha:

DATA	ESPORTE	COMPETIÇÃO
Anual	Tênis	WTA Grand Prix
Anual	Luta	International FILA Tournament Wrestling Free Style
Anual	Esgrima	Women's FIE World Cup Foil
2003	Handball	Handball Supercup
2003	Equestre	FEI World Cup Jumping
2003	Vôlei	Men's European Championships
2003	Atletismo	1st. European Indoor Cup
2003	Hockey	1st. Indoor Hockey World Cup Women / Men
2002	Vôlei	Women's World Championships
2000	Vela	Open Yngling World Championships

Madrid, Espanha:

DATA	ESPORTE	COMPETIÇÃO
2003	Triathlon	World Cup
2003	Arco	World Championships (Pessoas Portadoras de Deficiência)
2003	Vôlei	World League (Fase Final)
2002	Taekwondo	European Team Championships
2002	Pentatlo Moderno	World Cup
2002	Atletismo	World Athletics Cup
2002	Judô	Women's European Team Championships
2001	Tênis	Federation Cup (Fase Final)
2001	Ginástica Rítmica	Women's Individual World Championships
Anual	Ciclismo	Tour of Spain

Londres, Reino Unido:

DATA	ESPORTE	COMPETIÇÃO
2003	Badminton	World Badminton Championships
2003	Atletismo	World Indoor Athletics Championships
2002	Geral	Commonwealth Games
2001	Pentatlo	World Modern Pentathlon Championships
2000	Vela	World Finn Sailing Championships
2000	Ciclismo	World Track Cycling Championships
1999	Judô	World Judo Championships
1998	Atletismo	IPC World Athletics Championships
1996	Futebol	European Football Championships
Anual	Atletismo	London Marathon

Nova York, EUA:

DATA	ESPORTE	COMPETIÇÃO
2003	Luta	World Championships of Freestyle Wrestling
2003	Aquático (Water Polo)	Water Polo World League
2003	Arco-Flecha	World Archery Championships
2003	Triathlon	Triathlon World Cup
2003/2002	Esgrima	Fencing World Cup / Women's Foil World Cup
2002	Aquático (Natação)	Swimming World Cup
1999/1994	Futebol	Women's World Cup / Men's World Cup
Anual	Atletismo	Millrose Games
Anual	Atletismo	New York City Marathon
Anual	Tênis	U.S.Open

Paris, França:

DATA	ESPORTE	COMPETIÇÃO
2003	Geral	European Youth Olympic Festival
2003	Atletismo	IAAF World Championships
2003	Tênis de Mesa	ITTF World Championships
2001	Handball	IHF World Championships
2000	Ginástica Artística	EUG European Women's Artistic Gymnastics
1999	Basquete	FIBA Europe Europeana Nations Championships
1998	Futebol	FIFA World Cup
1997	Judô	IJF World Championships
Anual	Ciclismo	Tour de France
Anual	Tênis de Mesa	FFT French Open (Roland Garros)

Obs.: A cidade de Istambul, Turquia, não forneceu a listagem de eventos.

25. Segurança

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional relata em sua análise que os Jogos Olímpicos envolvem a maior operação de segurança do mundo. Informa ainda que há necessidade de planejamento, instalação e absorção de novas tecnologias bastante complexas. O documento destaca a necessidade de um treinamento de longo prazo para que as agências de segurança possam absorver o grau de exigência. No contexto dos Jogos Olímpicos, a operação de segurança implica em todos os serviços de emergência da cidade, do estado e do país que possam corresponder a qualquer incidente que ameace a segurança da população, incluindo qualquer pessoa presente em função dos Jogos. O que inclui incidentes críticos, desastres civis etc.

É relatado ainda que o emprego de recursos humanos envolvidos nas operações de segurança pode se prolongar por até 50 dias, durante 24 horas ao dia, até o término dos Jogos Paraolímpicos.

Foram adotados como sub-critérios:

- A incidência e probabilidade de terrorismo.
- Os níveis de criminalidade e outros dados de segurança pública.
- As competências técnicas e profissionais gerais das principais forças de segurança e o comando e controle proposto.
- Os investimentos existentes em segurança e tecnologias pertinentes e as propostas para melhoria nesta área para atender aos requisitos de segurança dos Jogos Olímpicos.

- A complexidade das propostas de operação junto aos sítios olímpicos e as respostas de segurança demandadas.

O documento ainda considera que, embora qualquer cidade do mundo possa sofrer um ataque de grupos terroristas locais ou internacionais, algumas são mais susceptíveis. Foi considerada a habilidade de algumas cidades em lidar com este risco, apesar de se reconhecer a grande antecedência até os Jogos propostos – 2012.

Por fim, é informado, antes da realização de alguns comentários, que por se tratar de documento público, as questões de segurança devem ser analisadas de forma mais genérica.

A – Quem tem a responsabilidade estrita sobre segurança nos Jogos Olímpicos?

i) Istambul descreve a estrutura de responsabilidades sobre a segurança dos Jogos Olímpicos, com a atribuição principal à Diretoria de Segurança de Istambul³² (IDS) – divisão local da Polícia Nacional. O IDS estará sob a autoridade do governo de Istambul que ocupará a vice-Chefia do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos (COJO) em Istambul. O governo também comanda a *Gendarmerie* local, responsável pela segurança das áreas não-urbanas de Istambul, e a Guarda Costeira, que trabalha em cooperação com a Polícia Marítima.

Ainda, o governo de Istambul comandará o Centro de Coordenação de Segurança olímpica³³ (OSCC) para integrar os departamentos da IDS com COJO, autoridades municipais, e outros organismos públicos. Autoridades militares e a Organização Nacional de Inteligência estarão representados no Centro de Coordenação de Segurança olímpica.

³² **Nota:** *Istanbul Directorate of Security (IDS).*

³³ **Nota:** *Olympic Security Coordination Center (OSCC).*

ii) Leipzig revela que todas as medidas de segurança serão coordenadas por um comitê conjunto entre o governo federal e os estados (principalmente Saxônia e Mecklenburg-Western Pomerania), cujas linhas de atuação estarão sumarizadas em um documento intitulado “Conceito de Segurança para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos”.

A responsabilidade por todo o gerenciamento operacional de segurança durante os Jogos estará à cargo da Chefia de Polícia do estado da Saxônia. O alto padrão de segurança será atingido pelo estabelecimento de um grupo de profissionais com expertises e responsabilidades diversas (coordenadas por um controle operacional comum): “Centro de Controle Operativo para a Segurança olímpica”.

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional considera que [a responsabilidade] sobre o comando das forças de segurança parece clara, embora alguns recursos devam vir de áreas externas à cidade. Demonstra preocupação também com a distribuição das instalações e das vilas olímpicas, pois exigirão complexos recursos e tecnologia de segurança.

iii) A informação contida no documento emitido por Londres revela que a responsabilidade final pela segurança nos Jogos Olímpicos em 2012 será do governo do Reino Unido. Um grupo estratégico governamental conduzido pelo Ministério dos Negócios Interiores que se reporta diretamente ao Gabinete Ministerial permitirá a garantia de segurança aos Jogos Olímpicos. O Serviço de Polícia Metropolitana de Londres (MPS)³⁴ supervisionará e coordenará todos os aspectos operacionais.

³⁴ **Nota:** *London’s Metropolitan Police Service (MPS).*

O relatório exalta a importância do Serviço de Polícia Metropolitana, com sua experiência baseada em uma abordagem de inteligência internacional, e destaca o envolvimento do organismo no Grupo de Conselho de Segurança olímpica³⁵ para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Atenas (2004).

O plano de segurança incorporará todas as agências importantes, incluindo serviços de incêndio e ambulância, agências de segurança e inteligência, autoridades locais e iniciativa privada.

De acordo com o documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional, a responsabilidade e estruturação do controle de segurança parecem adequados; no entanto, foi enfatizado que o número de instalações e o espriamento geográfico podem ser potencialmente complexos para o planejamento das forças de segurança.

iv) O documento apresentado por Madrid relata que a responsabilidade final na área de segurança é do Ministério do Interior, principalmente através dos Serviços e Departamentos de Segurança da Espanha e seus Serviços de Emergência.

Um Comitê de Segurança Olímpica será criado e será responsável pelo planejamento, preparação, execução, coordenação, direcionamento e monitoramento de todas as operações de segurança.

Somente a necessidade de integração entre as agências de segurança local, regional e nacional foi destacada pelo documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional.

³⁵ **Nota:** *Olympic Security Advisory Group.*

v) Nova York revela que a responsabilidade pela segurança durante os Jogos Olímpicos será do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York (NYPD)³⁶. A coordenação federal, contudo, será realizada pelo Serviço Secreto dos Estados Unidos [da América]³⁷.

É destacada, no documento apresentado, a experiência na coordenação de eventos na cidade, tais quais os realizados pelas Nações Unidas, com a participação de lideranças internacionais.

O documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional preocupa-se com a numerosa quantidade de agências de segurança dos Estados Unidos, embora reconheça que a solução apresentada deva ser adequada. No entanto, é mais enfático ao afirmar que a distribuição das instalações para os Jogos Olímpicos e o transporte dos atletas devam ser considerados como realmente complexos.

vi) O documento emitido por Paris afirma que na França a responsabilidade pela segurança é uma atribuição do Estado que mantém observância em todo o país para assegurar o respeito às leis, o cumprimento de obrigações internacionais, a preservação da paz e a manutenção da ordem pública, e a proteção de pessoas e propriedades.

Em Paris, o Prefeito de Polícia é responsável pela segurança sob a autoridade do Ministério do Interior, Segurança Interna³⁸ e Liberdades Locais³⁹.

³⁶ **Nota:** *New York City Police Department (NYPD).*

³⁷ **Nota:** *United States Secret Service.*

³⁸ **Nota:** *Internal Security.*

³⁹ **Nota:** *Local Freedoms.*

B – Que recursos de segurança planeja prover para os Jogos Olímpicos (recursos humanos – setor público e/ou privado – e tecnológico)?

i) Istambul empregará recursos tecnológicos em vigilância, comunicação, raio-x e magnetômetro, detecção de explosivos, e circuito-fechado de TV, e terá conexão com dados de segurança e inteligência nacional e internacional. Além disso, pretende empregar entre 45.000 a 50.000 pessoas – dos quais 9.000 ainda a serem recrutados - para garantir a segurança dos Jogos Olímpicos com a utilização das forças de Polícia, Forças Armadas, Defesa Civil, Emergência Municipal, Polícia Municipal, segurança privada e voluntariado.

De acordo com o documento do grupo de trabalho de aceite de candidatura do Comitê Olímpico Internacional para o conselho executivo do Comitê Olímpico Internacional, o recrutamento de 9.000 novos policiais poderá implicar em treinamento e logística significativos. Além disso, a pulverização geográfica das instalações e vilas dos Jogos Olímpicos também foi considerada preocupante.

ii) Leipzig principalmente enfatiza seu planejamento no número de policiais envolvidos na segurança dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Aproximadamente 20.000 oficiais de polícia e 5.000 forças de ação dos departamentos de incêndio, serviços de busca etc. estarão disponíveis para implantar precauções de segurança, e, se necessário reforços poderão vir do governo federal e dos outros estados. Considera-se ainda o emprego de pelo menos 5.000 profissionais privados para serviços de segurança, além de voluntários.

As medidas de segurança serão suportadas por moderna tecnologia, com particular interesse em: controle de acesso, sistema de expedição central, circuito fechado de TV e sistema de comunicação digital.

iii) Londres informa que os recursos da MPS, aproximadamente 29.000 oficiais, forças de polícia regional e outras agências, incluindo o setor privado, se dedicarão à manutenção da segurança dos participantes e espectadores. Experts da MPS estão assessorando arquitetos e demais responsáveis pelo *masterplan* para assegurar que medidas de segurança estão sendo adotadas desde o estágio de projeto [arquitetônico e urbanístico]. Além disso, câmeras de vigilância, sistemas de reconhecimento de placas, alarmes de intrusão, assim como monitoramento do ar, magnetômetros e outras obras de arte de segurança serão utilizados no apoio de segurança.

Londres informa ainda que operará um controle de segurança para imigração baseado em obrigações nacionais e internacionais e trabalhará com o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos para permitir a emissão de cartão de identidade a todas as pessoas devidas, conforme a regra 66 da Carta Olímpica⁴⁰.

iv) No caso dos Jogos Olímpicos realizados em Madrid, o modelo operacional dos Jogos consistirá em um sistema integrado de sistemas públicos e privados de planos e recursos que se reportarão ao Comitê de Segurança olímpica, com diversos organismos de segurança em seus respectivos campos de atuação: Polícia Nacional, Guarda Civil, Serviços de Inteligência, Polícia Municipal de Madrid e polícia local, Autoridade de Tráfego, Exército, Marinha, Serviços de Proteção Civil como Brigada de Incêndio, Serviços Médicos Emergenciais e também recursos privados fornecidos pelo Comitê de Organização dos Jogos Olímpicos.

⁴⁰ **Nota:** Regra 66 da Carta Olímpica:

“O cartão de acreditação confere, no grau necessário e em cada caso e tal qual nele se indica, acesso às instalações e às manifestações que o COI tenha posto sob a responsabilidade do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos. O COI determinará as pessoas que tenham direito a ele e fixará as condições para sua concessão e seus procedimentos para emissão. O Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos será o encarregado de proporcioná-lo a quem tenha o direito de possuí-lo”.

Um Centro de Controle coordenará todas as operações de segurança e compreenderá representantes dos organismos citados.

Todas as instalações possuirão pontos de acesso reservado para atletas, oficiais, personalidades e família olímpica. Estas localizações serão separadas daquelas dedicadas ao público e mídia.

A concentração e localização equilibrada das instalações do Projeto olímpico de Madrid facilitarão a segurança e os sistemas de controle, incluindo ainda as áreas de transporte público, e redes de comunicação, telecomunicação e serviços. Toda a mais avançada tecnologia será adotada, com prioridade aos sistemas de computação.

v) Nova York relata que além do grande número de oficiais do Departamento de Polícia de Nova York (NYPD), com aproximadamente 37.000 profissionais, - uma das maiores forças de segurança do mundo - haverá uma ação conjunta com o Serviço Secreto dos Estados Unidos, o Bureau Federal de Investigação (FBI)⁴¹, a Guarda Costeira dos Estados Unidos⁴² e outras agências federais, além das polícias estaduais e guardas municipais das cidades vizinhas.

De acordo com o documento emitido, o Departamento de Polícia de Nova York (NYPD) emprega avançada tecnologia, incluindo o sistema “CompStar”, gerador de mapas diários de criminalidade que permitem uma ação proativa da polícia.

Além disso, é registrado também que o Departamento de Polícia de Nova York (NYPD) trabalha com o Comitê de Candidatura para preparar um plano preliminar de segurança que inclui uma análise detalhada de cada instalação. Há intenção de Nova York de criar um Centro de Comando de Operações olímpicas para que todas as agências envolvidas na segurança dos

⁴¹ **Nota:** *Federal Bureau of Investigation (FBI).*

⁴² **Nota:** *United States Coast Guard.*

Jogos Olímpicos possam compartilhar dos sistemas de comunicação e dados. A cidade conta ainda com um escritório de operações de emergência que inclui ainda questões relacionadas ao trânsito e serviços médicos e divide frequências de rádio de emergência com outras agências para assegurar coordenação de todos os serviços (emergenciais).

vi) Tal qual outras cidades-aspirantes, Paris destaca o seu contingente de pessoas para manter a segurança dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Segundo o documento, mais de 40.000 policiais, 16.500 bombeiros e 2.000 voluntários de emergência especialmente treinados, além de unidades móveis que contam com adicionais 15.000 pessoas, podem assegurar a ordem pública.

Paris, em relação a equipamentos de segurança, relata apenas um novo sistema de comunicação digital, implantado em 2002, com capacidade de interligação de todos os serviços.

C – A legislação de seu país permite uma estrutura de gerenciamento única independente da proveniência de recursos humanos e técnicos a serem utilizados? Seu governo desejaria implementar novas leis com o objetivo de atingir uma eficiência de estrutura e operação de segurança apropriada para as circunstâncias especiais dos Jogos Olímpicos?

i) Em Istambul, como autoridade máxima da Segurança olímpica, o IDS terá comando irrestrito de todos os recursos humanos e técnicos.

As leis existentes dão irrestrito poder às autoridades de segurança na implementação de regulamentação para gerenciamento da ordem pública, direito de reunião, restrições de tráfico etc. No caso de necessidade de nova legislação para atender às circunstâncias especificamente

olímpicas relacionadas a problemas com controle de imigração, processo criminal, utilização de dados pessoais, ou emprego de pessoal militar, poderá haver um encaminhamento ao Parlamento.

ii) No caso de Leipzig, sob as leis da República Federal da Alemanha e dos estados da Saxônia e Mecklenburg-Western Pomerania, a responsabilidade pode ser transferida em caso de emergência para um organismo de gerenciamento. Organizações especiais deste tipo com estruturas de gerenciamento efetivo já foram adotadas com sucesso em grandes eventos internacionais similares.

iii) Segundo o documento emitido por Londres, a legislação existente permite uma única estrutura integrada de gerenciamento [da segurança].

Acrescenta ainda que considera não ser necessária a implementação de legislação adicional. Mas admite que possa introduzir novas leis, se julgado necessário.

iv) A legislação da Espanha permite uma estrutura única de gerenciamento da segurança baseada no modelo adotado nos Jogos Olímpicos de Barcelona, na Exposição Mundial de Sevilha dentre outros importantes eventos.

v) O Departamento de Polícia de Nova York (NYPD), o Serviço Secreto e o Bureau de Inteligência Federal (FBI) estão comprometidos na criação de uma força de segurança olímpica com uma estrutura de comando único sob a liderança do Departamento de Polícia de Nova York (NYPD), no caso da realização dos Jogos Olímpicos 2012 em Nova York.

Conforme o documento, Nova York não prevê a necessidade de nova legislação. No entanto, dispõe-se a implementar novas leis, em caso de necessidade, a fim de garantir o mais alto nível de segurança para os Jogos Olímpicos.

vi) Na região de Paris, segundo o documento apresentado, a prefeitura de polícia tem comando único, em tempo real, da organização que inclui todos os agentes envolvidos nos serviços de segurança e emergência: **departamentos de polícia** (oficiais de polícia divididos entre serviços de segurança pública, brigadas de detetives e uma divisão de polícia especializada em transporte público, departamento de investigação criminal e serviços de informação); **suporte administrativo** (departamento de logística, laboratório central, departamentos administrativos responsáveis pela proteção e regulamentação pública) e **serviços de emergência** (bombeiros profissionais com um possível apoio de serviços de emergência de organizações não-governamentais).

Além disso, desde 2002 houve uma ampliação das competências da prefeitura de polícia aos departamentos da região de Paris em dois setores especialmente sensíveis: polícia de transporte público e gerenciamento das forças móveis.

Referências Bibliográficas

- **Istambul** (Turquia): Istanbul Olympic Bidding Committee. Olympist – The Meeting of Continents – Istanbul 2012 – Applicant City. Istanbul: Istanbul Olympic Bidding Committee, 2004.

- **Leipzig** (Alemanha): National Olympic Committee for Germany. Application to Become Candidate City to Host the Games of the XXX Olympiad and the XIV Paralympic Games 2012. Leipzig: National Olympic Committee for Germany, 2004.

- **Londres** (Inglaterra): British Olympic Association (BOA). Response to the Questionnaire for Cities Applying to Become Candidate Cities to Host the Games of the XXX Olympiad and the Paralympic Games in 2012 – London 2012. Londres: British Olympic Association (BOA), 2004.

- **Madrid** (Espanha): Não foi identificado título específico para o documento, formulado em 2004 pelo Comitê olímpico Espanhol, de postulação a cidade-sede dos XXX^o Jogos Olímpicos 2012 e dos XIV^o Jogos Paraolímpicos 2012.

- **Paris** (França): French National Olympic Committee (CNOSF). Replies to the Questionnaire for Cities Applying to Become Candidate Cities to Host the Games of the XXX Olympiad in 2012. Paris: French National Olympic Committee (CNOSF), 2004.